J. Ferreira do Amaral

A Mentira da Flandres

E...

O MÊDO

Quos vult Jupiter perdere,
dementat prius.

Eurípide-Boissonade.



LISBOA
8"/

Depositarios
J. Rodrigues & C.ª
186 Rua do Ouro, 188
Lisboa

J. Ferreira do Amaral

A MENTIRA DA FLANDRES

E...

O MÊDO

A MENTIRA DA FLANDRES

E...

O MEDO

BIBLIOTECA / MUSEU
"REPÚBLICA E RESISTÊNCIA"

A Mentira da Flandres

E...

O MÊDO!

FERREIRA DO AMARAL

Serviu em França nos postos de capitão, major graduado e major, desde Fevereiro de 1917 até Fevereiro de 1919. Comandou infantaria 15, os morteiros da 1.ª Divisão e o IX batalhão. Não quiz nunca vir de licença a Portugal. Marchou para França sem lhe competir por escala ou por escolha, mas simplesmente coagido por motivos de ordem pessoal e razões de ordem puramente militar.



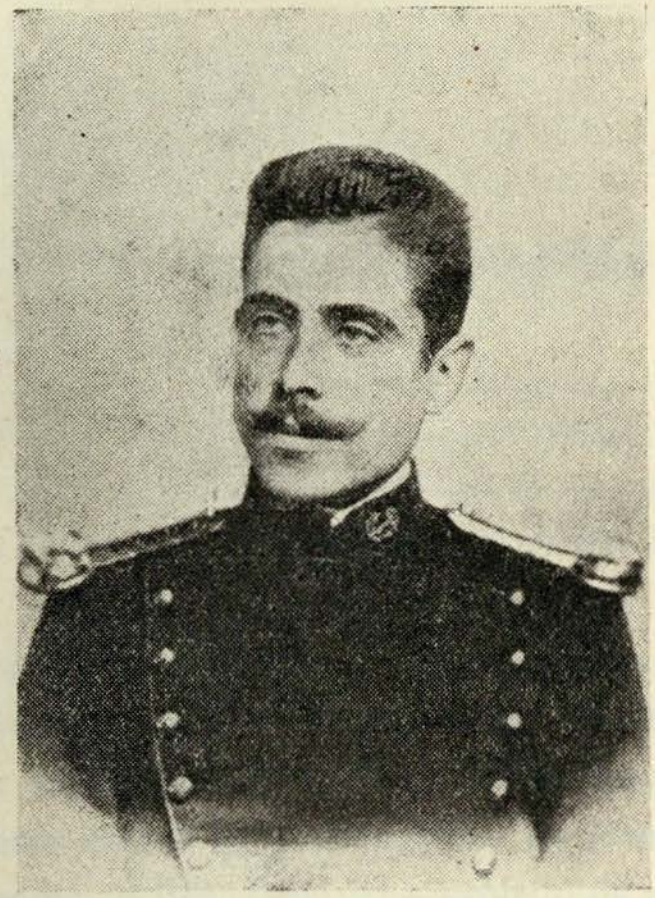
LISBOA
EDITORES — J. RODRIGUES & C.ª
186, Rua do Ouro, 188
—
1922

A Mentira da Piedade

E

O MEDO!

FERREIRA DO AMARAL



J. M. Ferreira do Amaral
Aluno Nº 115 - da
Escola do Exercito
1900-1902

Aos seus futuros camaradas e alunos da Escola Militar.



Dedicatória

Aos alunos da Escola de Guerra
oferece estas sinceras reflexões
o antigo aluno da mesma Escola
J. M. Ferreira do Amaral.

Futuros camaradas e briosos alunos da Escola de Guerra! Não é meu intento, oferecendo aos meus futuros camaradas um livro, despertar, em cérebros cheios de esperanças e de ideaes, o arrefecimento, o desânimo ou o espírito de revolta, perante factos, que para o Exército Português representaram mais do que uma injustiça... quasi uma crueldade.

O meu intento é, acima de tudo, patentear-lhes todo o quadro de desorientação e má fé de que por vêzes foi vítima o exército onde brevemente os meus futuros camaradas vão dar ingresso como oficiaes.

Na chamada *questão da participação na guerra* a impressão que deixou na opinião pública a classe

dos oficiaes do exército, onde em breve darão ingresso e a que eu pertenço, foi pouco lisonjeira.

Essa impressão — é preciso confessal-o com toda a honradez, com toda a verdade e com toda a coragem — póde dizer-se que foi má, e que por vêzes foi péssima!

Mas a opinião pública nas suas apreciações só via detalhes e, desorientada de minuto a minuto, não queria nem podia apreciar a situação no todo e em globo, desde as suas origens até ás suas tristes consequências.

O Exército Português entrou, é certo, na Grande Guerra e tomou parte em campos de batalha, na Europa e na África; mas dêsses esforços, dêsses sacrificios e de todo êsse sofrimento moral, o que ficou para êle?

Nada, ou quasi nada!

No todo, o exército ficou peor do que estava, e do seu valôr na guerra nada brilha, a não ser um ou outro nome, que é casualmente apontado, quando qualquer dos de citado nome passa na rua, ou quando *algum amigo pessoal* se lembra de lhe publicar em jornal ou em livro o retrato acompanhado de amáveis e lisonjeiras referências. Propositamente digo *algum amigo pessoal,* porque, quando se trata de *algum amigo político,* êsse facto apenas corresponde a um simples reclamo com todo o característico da banalidade e sem o menor

valor para o brio militar que todas as nações independentes ambicionam, desejam e alcançam para os seus oficiaes.

Para um exército, que se bateu em vários logares, desde novembro de 1914 até 11 de novembro de 1918, tudo isso é muito pouco, é nada, é quasi rídiculo, é mesmo aviltante para o brio necessário a uma nação independente e a uma raça consagrada por dez séculos de História.

Qual então o meu fim, ao lembrar-me dos alunos dessa Escola? Em primeiro logar foi essa a escola de aplicação que procurei para ter uma profissão, que consegui e que, apesar de todas as considerações em contrário, tenho como uma profissão independente, porque não precisa de *clientes* nem de *freguêses;* em segundo logar pretendo, com as minhas *reflexões*, analisar o descalabro moral que a participação na guerra acarretou para o Exército Português, fazendo, por assim dizer, a apresentação originária do que julgo ter sido o maior mal que sobre o nosso exército podia ter caído.

Não foi, como muitos julgam, uma simples chuva de males e desgraças; foi uma *avalanche,* que na sua queda estampou por largo período sobre a farda dos oficiaes portuguêses o carimbo terrivel da cobardia!

Não é inédita esta minha afirmativa, pois que quasi toda a imprensa diária de Portugal fez du-

rante a guerra essa propaganda, sem rebuço nem restrição de qualquer qualidade.

Na chamada *questão da participação na guerra*, oficiaes do exército e políticos ficaram afogados num mar de lama!

E como aos alunos da Escola de Guerra está destinado o ingresso nessa classe, á qual a política tirou por muitos anos aquilo que nela deve ter maior valia, que é **a sua força moral**, eu tenho a pretensão de, em espíritos ainda limpos de toda a *maior* maldade humana, esclarecer, sem ares doutouraes ou de cátedra, quaes as origens e factores, remotos ou próximos, que na Grande Guerra inutilizaram *a força moral* do Exército Português.

Tenho a certeza de que, d'entre todos os que por acaso lerem estas reflexões, só os novos apreciarão *honradamente* as minhas palavras e as minhas conclusões.

O resto... está muito *avariado* ou foi muito *martirisado*, para poder ser imparcial ou independente!

Como ainda não fui político, (*a*) tenho estado

(*a*) Regulamento disciplinar do Exército, art. 4.º, n.º 26.º. «Não assistir ou tomar parte, quando em efectivo serviço, em comícios ou outras quaesquer reuniões públicas em que se trate de assunto de caracter político, salvo no exercício de funções parlamentares».

livre de freguêses a *aviar* ou de clientelas a quem tenha que *obedecer*.

Sou e fui sempre um simples soldado, profissão que não abracei por queda especial ou por vocação. Entrei nessa Escola, como podia ter entrado noutra; porém dela sai com o brio profissional que qualquer escola dá a quem se prese de ter caracter.

Nunca até hoje servi pessoas, nem mesmo a minha propria; servi sempre, com enorme fervor, devoção e respeito, á Patria a que devo o meu nome de Português, e as Colónias, que para mim são egualmente, como Portugal — **uma verdadeira religião.**

Por motivos e previsões fáceis de deduzir, sou obrigado, antes de terminar, a fazer uma declaração e a expôr uma maneira de vêr muito minha, sobre essa declaração.

Fóra dos actos de serviço, em qualquer logar ou situação, sou um egual a todos os que, pertencendo á minha classe, me queiram distinguir com o seu convivio desinteressado, correcto e honroso; mas em todos os actos de serviço perco, por sistema, de *vista* todas as ligações ou relações pessoaes, seja qual fôr a situação social dessas pessoas ou a sua graduação militar, e a primeira entidade que perco de vista é a minha humilde pessoa que, para mim, *em serviço*, é uma máquina a fazer actuar, é um *cadáver*,

de que me habituei a dispôr como de qualquer outro.

Termino, pois, com os maiores desejos de que os meus futuros camaradas bem me compreendam as intenções, que, se não aspiram a modificar uma sociedade convulsionada por excessiva *podridão* mental, muito menos pretendem agitar multidões, classes sociaes ou massas de indiferentes, porque, antes de tal conseguir, estava *exautorado* pela *freguesia* e pelas *clientelas*.

O Autor.

I

A LOUCURA

I

Os têsos em Portugal

A violencia como lei e a agressão como hábito, quer ela se manifeste na juventude, quer durante a idade madura, é sempre uma falha da Natureza.

Um brigão enfatuado, provocador e insolente é, na escala animal, menos do que um burro aos coices.

O temperamento agressivo é uma falha da Natureza e para tal concluir basta reflectir sobre a acção dos elementos naturaes como a agua, o fogo, a luz, a electricidade e até a propria terra, que, sendo adversarios ásperos e violentos, por vezes, do homem, nunca o são por sistêma.

As proprias féras não são, nas suas agressões, implacáveis por hábito ou sistêma; só a fome, os perigos e riscos para a ninhada e a invasão dos logares restrictos de sua segurança as enfurecem e irritam.

Tambem as enfurece o instinto natural de defesa ou a perda da sua natural liberdade.

Porém, tanto a Natureza como as féras, não al-

teram as suas leis proprias e tradicionaes para arteirosamente agredirem o homem.

Esse produto doentio que hoje tanto abunda pelas esquinas das ruas, portas de cafés e assembleias politicas, especie de D. Quixote de taberna, o *têso*, não existe felizmente na Natureza, nem nas feras dos mares e das florestas.

O *têso* não o é senão para que todos vejam que o é, *e só por isso*.

Acaba, como regra geral, no hospital com as tripas de fóra, na esquadra de policia com a cabeça rachada, ou na morgue com um tiro no corpo.

E n'isso se resume, em geral, a consagração do *têso*, e quando liquida a sua existência é mais uma pobre bêsta para o arquivo dos ridículos da humanidade.

Especialmente me refiro ao *têso* com cultura, com relativa situação social e com pruridos de pessoa de alguma mentalidade na tradicional escala social. Não me refiro á creatura inculta, que naturalmente é mais rude do que agressiva. Essa no entanto sofre muito da influência e da sugestão provocada pelo *têso*, com *letras* e *tretas*.

Em resumo, o *têso* no fundo é uma creatura ridícula, embora durante o seu *ciclo profissional* seja, nas expansões da sua tára, perigoso, irritante e antipático.

Em Portugal ha muito a psicose da *tesura!* A desorientação da mentalidade portugueza, ou antes a sua falta de orientação, fez de quasi todo o portuguez um misto de rufia e frade, pimpão, susceptivel, fanático e violento.

A intransigência do frade fanatico apareceu no espirito dos portuguezes d'estes ultimos 15 anos, com uma violência tão cheia de cegueira que chega a aterrar os que a todo o transe pretendem conservar a serenidade necessaria a toda a creatura que quer ser livre e independente.

Disse intransigência fradesca e não disse jesui-

tica, porque não acredito na influência jesuitica no nosso paiz.

Eu não quero chamar ao jesuita aquilo que até hoje ninguem lhe chamou. O jesuita foi sempre sagaz, inteligente, diplomata, erudito e cultivou sempre *o profundo conhecimento da creatura humana*. O jesuita nunca cultivou a falta de actividade mental ou a tradicional mandriice e ociosidade. O frade, que fez dos seus conventos hospicio de ociosos e mandriões, é que teve, infelizmente, uma fatal influência no temperamento das actuaes gerações, que herdaram por tára acumulada, toda a doze de burrice doentia d'esses viciosos, devassos, beberrões, comilões e dorminhôcos, que outra cousa não foi, na sua maioria, a corporação fradesca em Portugal de ha uns quatrocentos annos a esta parte.

O rei Dom Manuel I, em 1497, escorraçou de Portugal os judeus, deixando o paiz desfalcado em efectivos, onde a mentalidade cultivada e o trabalho assíduo eram regra geral.

O rei Dom João III, em 1531, deliberou assassinar e queimar *oficiosamente* os que caiam no desagrado dos católicos fanáticos, o que tambem devia ter desfalcado a mentalidade portugueza, afugentando uns, queimando outros e apavorando a maioria dos temperamentos de *élite*.

D. Sebastião, em 1580, enterra em Africa a flôr da nobreza dos reinos.

Aniquilados o trabalho, a riqueza, a liberdade de pensamento e a fibra d'esse organismo robusto que foi o Portugal de Afonso Henriques, Nuno Alvares Pereira e D. João II, o que ficou?

Ficou a raça, a materia prima; mas desappareceu o cérebro, perdeu-se a direção.

Em 1755 aparece o Marquez de Pombal, mas era só um e isso não chega para orientar uma nação ou um período historico; são precisos muitos *ao mesmo tempo* para fazer realçar e brilhar o

valor de uma raça e a verdadeira alma de um povo.

Como Afonso Henriques, Nuno Alvares Pereira e D. João II eram muitos *ao mesmo tempo*, por isso Portugal, durante estes periodos da sua existencia, lançou-se abertamente na História gravando em caractéres nítidos, traços definidos e bem vincados para a sua vida de nação forte e independente. O Marquez de Pombal póde ter sido um super-homem, porém era só êle e por isso da sua passagem só ficou de pé a sua história; terminado o governo do Marquez terminou o Portugal forte, porque um homem só é pouco para fazer d'uma raça alma duradoura para a posteridade.

O frade portuguez valoroso, forte, cheio da fé religiosa, que coadjuvou a nossa independência e incutiu coragem aos que fraquejavam nos grandes empreendimentos, desapareceu na epoca de Dom João III para dar logar a um outro frade estupido, mau e imbecil.

Os fidalgos portuguezes depositarios convictos, das tradições honrosissimas das batalhas de Salado, Atoleiros e Aljubarrota; os marinheiros nobres que, desprezando pavores e resistências dos mais fracos, sulcavam os mares em procura de novos vinculos para a fidalguia e nobreza da sua raça; as espadas que defenderam Diu e retalharam inimigos valorosos na India, no Oriente e na Africa; todos êsses cavaleiros, soldados e marinheiros, nobres por temperamento e fidalgos por tradição, tudo isso morreu nas planicies de Alcacer-Kibir. E de toda essa grande gente apenas ficou uma descendência que não passou d'uma tribu de parasitas, cheios de egoismo, de vicios e de privilegios, que lhes deviam ter sido todos arrancados no dia em que Filipe II, de Espanha, entrou em Lisboa.

As lutas liberaes, essas, crearam o tipo do frade pimpão e quadrilheiro que defendia apenas a gamela do convento adquirida em 400 anos por

meio de extorsões, da queima de gente viva e de tormentos aplicados, cobardemente, a gente inerme e sem defeza.

Rasgaram, retalharam e queimaram carne humana, para obterem, durante 400 annos, carne assada de bois e carneiros servidos em padiolas, que esses bestiaes *armazens de viveres* mastigavam e ingeriam em banquetes pantagruelicos.

O portuguez *têso,* mesmo culto, é hoje o sucedâneo, atenuado pela epoca, d'essa besta bravia, produto hibrido, que nem era o jesuita culto e maquiavélico nem o ministro da egreja catolica, crente e inspirado na misericordia divina e fé celestial; antes êsse produto anormal que tanto abundou pelos conventos portuguezes dos ultimos 400 annos, que nunca passou, salvo excepções que muito honraram a sciencia, que nunca passou, repito, de um bando de camponios de primeiras letras, amassadas com latim.

A fidalguia portugueza durante a época rude, dura e aspera da conquista, bateu-se com denodo e valentia contra castelhanos e mouros; n'esta luta conquistou, de direito, os pergaminhos que a época conferia as *élites*. Os seus descendentes, terminada a conquista de Portugal aos mouros e assegurada a independência nacional, largam os seus ginetes de batalha, deitam fóra as esporas inuteis e, arvorados em pilotos e marinheiros, rasgam novos horisontes á história de um povo, de cuja honra eram êles os fieis depositarios, e desembarcando onde queriam e entendiam, guiavam com os golpes da sua espada os escassos mas fortes elementos da sua raça para a creação de um Portugal maior, forte e invencivel.

D. João de Castro é o padrão classico e *maior* de toda essa casta de marinheiros e soldados onde cada geração sustentava com galhardia e bravura o nome que herdara e que era sempre a tradição de um golpe de lança dado ou recebido em luta

contra o inimigo comum de todos os portuguezes. Os inimigos, que afrontaram até então os portuguezes, tinham sido os castelhanos e os mouros. E se uma ou outra excepção havia, se algum renegado aparecia n'essas lutas, logo duas ou trez gerações apareciam a resgatar os erros do transfuga.

Veio depois o fidalgo brigão, devasso e traidor. Este tipo descendente da *élite* de Portugal aparece depois da dominação espanhola. O cardeal D. Henrique, Afonso VI, Pedro II e João V são os simbolos oficiaes d'essa sucata miseravel onde só por excepção aparece a bravura decidida dos tempos idos.

Durante as rixas e lutas liberaes aparecem então, lado a lado, o fidalgo caceteiro e pimpão com o frade varrasco, bebado, desordeiro e exudando religião através de flatulencias de naturesa digestiva, da moca, do murro e da praga.

No começo do seculo passado, contra o pedreiro livre, o fidalgo caceteiro com psicologia de pastor e cabreiro, de braço dado com a besta de burel, sandalias e corda na barriga, crearam o tipo classico do actual *têso*.

Hoje, os sucedâneos e representantes d'essas tristes tradições são os *estadistas dos comicios* de braço dado com os *frades* de varias *chafaricas* e *ordens maçonicas*, mais ou menos *avançadas*, mais ou menos *recuadas*.

II

Megalomanias ridiculas
Megalomanias inofensivas
Megalomanias perigosas

Sendo o *têso* um triste anormal, qual é a sua nota caracteristica?

E' a *megalomania*.

Ha porem *megalomaniacos* que, pelas suas manifestações ridículas, muito divertem o meio que o pobre louco frequenta.

Assim a *mania* da *formosura*, do *talento*, da *descendência heraldica*, da *riquesa* etc, são inofensivas, se o louco se conserva apenas no campo platónico da passividade, sem lançar mão de escroquerias, que lhe forneçam os meios para acalentar os pruridos de fidalguia e de riquesa ou se apenas investe com as suas imaginarias apaixonadas, por inofensivos olhares, suspiros e banalidades, sem recorrer á carta insolente e atrevida, ao comentario calumnioso e ao *atentado pessoal*...

São loucos mansos e inofensivos de que a sociedade por vezes necessita para seu regalo. As mulheres, com a sua educação eivada de puerilidades, muito apreciam esses temperamentos doentios.

Ha porém uma *megalomania* perigosa, porque é *activa*: é a dos *têsos*.

Reputo essa manifestação dos *megalomaniacos* como a que menos requisitos intelectuaes exige porque se manifesta pelos meios mais rudes e simples de que o homem dispõe para a tornar activa: insulto e agressão, executado directamente ou por interpostas pessoas.

Nos ultimos tempos essa *megalomania*, a dos *têsos*, tomou um aspecto caracteristico, que seria o mais ridículo, se por vezes os loucos que d'ela

sofrem, não exercessem, na sociedade portugueza, altas funções e logares publicos onde se tomam as mais graves resoluções para a marcha da nossa nacionalidade.

Refiro-me á ância doentia da *notoriedade pública*.

Essa pécha chega a ser um mal incuravel para a actual geração em Portugal.

A ancia da *notoriedade pública* é um campo aberto aos variadissimos caprichos e fantasias dos *têsos* de profissão.

O campo é vasto porque vae da taberna e da praça pública até aos anfiteatros dos parlamentos.

O *têso* apresenta-se sempre com uma natural vivesa que lhe provem do habito que contraiu de resolver, de pronto e rapidamente, tudo o que julga ser uma afronta ou uma resistência.

Mas o *têso* não resiste a uma análise fria.

O *têso* nunca foi, não é, nem virá a ser nunca uma creatura muito inteligente.

Está, como regra quasi absoluta, abaixo da craveira media da inteligência humana.

O *têso* é alem d'isso um mandrião mental porque o raciocinio frio, persistente e pautado cansa-o, fatiga-o, impacienta-o, irrita-o e obscurece-lhe o que elle deseja *ver*.

A propria *tesura irónica* é a confissão tácita da sua insuficiência mental.

Póde ser capelo em uma universidade, póde ser médico de clinica afamada, póde ser bispo de qualquer religião, póde estar investido das mais altas funções sociaes, que se tem a tára de *têso* é, nas ocasiões graves e decisivas da sua vida, um obscurecido que recorre á prepotência para lhe pedir o que o raciocinio lhe não dá.

O *têso* é, como disse, um violento em que o musculo ou o temperamento agressivo obscurecem a ideia e o raciocinio; portanto ao ser analisado com frieza verifica-se que é falho de arte, de ta-

lento e de superior mentalidade; o seu espirito é obscurecido, embora a cultura lhe dê manifestações de saber.

Parecendo um paradoxo, o *têso* é feito de uma naturesa cobarde!

Basta que lhe tirem a assistência para o *têso* sentir o *vacuo* na alma. Isto é, falta-lhe o unico estímulo que o seu natural exige.

O conhecimento indirecto das suas façanhas não satisfaz esse *doente* perigoso.

Tudo isto produz situações, que em sua relativa consciência lhe causam contrastes que o desnorteiam.

No *megalomaniaco* de raiva mansa, as *taras* doentias são passatempos inofensivos, que mais distraem e divertem quem observa esses *loucos*, do que irritam ou ferem qualquer creatura *equilibrada*.

Estou mesmo convencido de que... d'êles é o reino do ceus.

Esses loucos *mansos* teem, por vezes, manifestações de arte e de talento; são por vezes uteis e agradaveis á sociedade, embora não sejam elementos de *élite*, ou como taes considerados.

No entanto suportam-se e divertem os outros, principalmente porque a sua ação não coarcta as chamadas *liberdades publicas* e porque pouco ou nenhum mal podem causar ás sociedades constituidas.

E se, como disse, o convivio d'esses bôbos da edade contemporânea despertam atractivos no nosso meio feminino futil e banal, já não su ede o mesmo com o *têso*.

O *têso* não agrada essencialmente á mulher, porque ela receia, instinctivamente, n'êle, uma fonte de agressões e procedimentos descabidos.

A mulher inteligente, com a natural observação de que é dotada, distingue, como ninguem, a bravura heroica da *tesura*; aquela submete-a e excita-lhe a imaginação, esta aflige a e atormenta-a.

IV

Militares e Estadistas

E se o *têso* fôr militar?

Se fôr militar é um animal perigoso que é preciso açaimar, prender com uma forte corrente, metel-o n'uma jaula bem revestida de grades duplas e dar-lhe de comer... por *caridade*.

Isto é, deve ser entregue, devidamente guardado, á beneficência publica.

Este *têso* é muito prejudicial, porque dispõe, pela sua profissão, da vida alheia ás centenas e até aos milhares.

Nos individuos sob as suas ordens póde exercer violências que não passam de brutalidades escusadas e nos campos de batalha póde, por um capricho *doentio* de momento, relevar actos que, pela falta de repressão imediata, podem pôr em risco a segurança da maioria.

A coragem, quer moral quer fisica, é sempre uma manifestação de inteligência, quando ditada pela lógica e pela razão. Póde a forma ser rude e a creatura inculta, mas a coragem provocada pela razão e pela lógica é sempre, repito, uma manifestação de inteligência.

A cobardia é uma manifestação de estupidez, a *tesura* é uma manifestação de loucura, quando não o é de relativa estupidez, tambem.

Tenho visto, na profissão das armas, milhares de bravos incultos; nunca vi, na minha profissão, a coragem manifestar-se nos estupidos, nem mesmo naquêles que, em tempo de paz, são considerados profissionaes de *carreira feita*, porque a primeira manifestação de estupidez consiste na resolução de seguirem uma carreira onde são incapazes de dar as primeiras provas: as que devem ser comuns a todos desde o soldado ao marechal, as de

coragem pessoal necessaria para o exercicio da sua profissão.

Consultando a sua consciência verificam que não teem predicados de coragem pessoal e apesar d'isso vão-se meter na bôca do lobo!

E' ou não é uma manifestação de estupidez?

A coragem moral é apanágio do civismo, essa concepção altissima que destingue o homem da besta.

A coragem fisica é a consagração dos direitos adquiridos por tradições honrosas e que, por isso, só deve manifestar-se com a oportunidade que denote inteligência, porque, se não, é crime ou estupidez.

A coragem moral deve ser usada em larga escala; a coragem fisica deve ser poupada e posta com usura, para ser nobre e ter valor nas tradições historicas de qualquer povo.

O militar está mais em condições de exercer a coragem física pela propria natureza da sua profissão, do que qualquer outro individuo, principalmente se fôr um graduado ou chefe de soldados, mas para isso mesmo é revestida de um culto exterior, que a põe sempre em fóco; de modo que se não se defende, com precaução, de algum acesso de *tesura* em publico, cai duplamente no ridiculo. De resto, o publico é sempre implacavel contra o habito externo, que represente privilegio, embora aparente.

E se o *téso* está investido das altas funções politicas de um paiz, quer seja chefe d'Estado, quer seja ministro ou embaixador?

N'êsse caso o *têso* póde ser mais do que perigoso, póde ser um criminoso, póde ser quasi um bandido; porque êsse não dispõe de milhares de vidas, êsse dispõe de uma sociedade inteira e póde sacrifical-a em varios *golpes* de *têso*.

Nenhum estadista tem, em caso algum, direito a perturbar a tranquilidade publica e se na sua *faina* não depara com resistências de ordem material que o aniquilem ou derrubem, tema sempre a re-

sistência mental, que é pavorosa e perigosissima nas consequências para os seus creditos de estadista e homem publico. Hoje a Historia é muito documentada e a distância já não póde apagar nódoas e deixar de pé duvidas que aproveitem ao bom nome do estadista que erra e que, ao encontrar resistências de toda a ordem, persiste no erro, pondo de parte a lógica e a razão, para impôr a sua vontade pela violência e pela brutalidade.

Se no militar o habito externo lhe dá privilegios aparentes, que o publico repele implacavel quando verifica uma má aplicação d'êsse habito externo, no estadista o publico, representado pela geração coeva d'êsse estadista, nunca perdôa a afronta recebida e transmite-a em documentos que se multiplicam hoje atravez de seculos, sem remissão para o impenitente que afrontou essa geração, que é sempre a maioria de facto e não uma minoria tumultuosa, desordeira e atrabiliária, que o estadista *têso* maneja para deitar poeira aos olhos dos imbecis, de que êle é o chefe.

A Historia ensina, com exemplos frisantes, a adopção d'esta tese e a nossa historia ensina-a com exemplos frisantes de menos de cem anos.

Quando um estadista dirije um povo ou resolve um problema d'êsse povo, não dispõe só dos ignorantes, dos maltrapilhos e dos vagabundos; dispõe tambem dos cultos, dos que teem que perder, das *élites* d'esse paiz, e todos êles constituem, *sem excepções*, uma geração, que pertence ao seu paiz *toda ela* e não ao estadista.

Ele, estadista, é que pertence a essa geração e não póde armar em *têso* porque senão divorcia-se d'ela *para sempre*.

V

Gente insensata

Houve e ha em todas as épocas e em todos os paizes uma casta de gente, ou antes, de individuos, que só teem, neste mundo, uma preocupação, que seria ridícula, se os acasos da politica lhes não entregassem, por vezes, a direcção dos povos.

A preocupação d'esses tarados é a de apreciarem os factos e encararem os problemas ao contrario de quasi toda a gente.

Esse *snobismo* confere-lhes uma plumagem barata de ocasião, com que se saracoteiam em publico e, tomando ares de *iluminados*, vão buscar ás revoluções e á agitação o que o bom senso da opinião pública lhes não quer conceder.

Vencem ás vezes pelo tumulto e pela violência, mas, passado algum tempo, vem a reação e, caídas as penas, que são ordinarias, verifica-se pela pelagem que não passam de quadrúpedes!

Essas creaturas fazem carreira mais estavel e mais sólida nos meios onde abundam os individuos que sabem ler mal e escrever peor.

O semi-analfabetismo é a instrução mais ruim que uma população póde receber, porque essa massa de gente, sem digerir o que lê, sente se com direitos iguais aos que sabem ler e digerir o que lêem.

O nosso operario é o exemplo mais caracteristico dos semi-analfabetos.

Pelas suas mãos apenas passam leituras em que se lhe promete uma riqueza imediata por meio de uma revolução sangrenta, que no fundo é incitamento á extorsão e ao roubo do que a cada um pertence; historias e aventuras maravilhosas do capitão Morgan, em que as maiores desgraças marcham par a par com as mais explendorosas rique-

zas, o que lhe esquenta os miolos a tal ponto, que cada um d'êsses leitores de *digestão* dificil acaba por ver em si um autentico capitão Morgan, com grave risco dos transeuntes pacificos e inofensivos; ou então contos eroticos que na linguagem, nas estampas e na essência, não passam de quadros de devassidão estupida que afastam o inculto leitor da ideia da procreação, para o entregar á prática de actos de bestialidade humana. Toda esta *mentalidade* é amassada, todas as noites, em tabernas imundas com vinhos e aguardentes de vária origem e heis um belo terreno para semear revoluções monárquicas, republicanas e bolchevistas, com programas inadaptaveis ao meio e ás condições étnicas da raça.

De vez em quando aparecem uns *explicadores* de Maximo Gorky, Leon Tolstoi, Kropoktquine e outros talentos da desordem e da desagregação social.

Toda essa gente, sem defeza mental contra êsses letrados, uns loucos, outros estupidos e maus, outros (a maior parte) videirinhos exploradores da ignorância alheia, emprega, de mistura com os mais criminosos incitamentos, as mais oportunas lisonjas a essa pobre gente, que, pelo numero, vae dar a êsses exploradores da boa fé alheia o que lhes falta, que é só *a lógica*.

Os politicos, desde êstes que se dizem os mais *avançados* até aos que se dizem mais *recuados*, sem abrir excepção para os que estão *no meio*, costumam todos, quando lhes falta a lógica, ir buscar ao semi-analfabeto a sua grande força e com essa minoria afrontam, ás vezes, a população de um paiz. E essas agitações e convulsões são tanto mais faceis quanto mais ordeira e pacifica é a índole de um povo, que se conserva indiferente e resistindo mentalmente a toda essa ação contra a sua tranquilidade habitual.

A onda agitadora chega; o habitante pacifico sub-

mete-se e, logo que ela segue na sua carreira cega e *insensata*, o habitante pacifico reage e torna a enquadrar-se no seu programa habitual.

Ha maneira de reagir ou actuar sobre uma população que repele maneiras de ver, que o seu espirito não aceita porque, para obedecer activamente, é preciso haver lógica?

Não ha. Ninguem tem ilusões a esse respeito, nem mesmo os que apregoam, em grandes frases, a sua convicção no assunto.

Porque ha então gente que traça programas estapafurdios, quando desempenha funções publicas d'estadista? E' porque se não houvesse gente d'essa, não havia *gente insensata*. Porque êsses simbolos da desordem e da força divorciada da lógica não são estadistas; são apenas *insensatos* que o acaso e sobre tudo a falta de gente idónea colocou nos logares destinados aos estadistas.

O melhor remedio não é combatel-os porque êsses ataques são porta aberta para outros *insensatos*.

O remedio mais eficaz é furtar-lhes o corpo sempre que nos queiram maguar e deixar que caiam de pôdres, ou então comidos e tragados pelos adeptos e correligionarios.

O *têso* nos momentos lúcidos, em que não ha agentes exteriores que lhe perturbem a escassa inteligência que infelizmente possue, tira conclusões de que deriva a sua insensatez.

E' levado a isso porque o criterio tumultuario e superficial dos seus procedimentos na prática não tem correspondência com a lógica serena que o seu raciocinio lhe dá nos periodos de relativa lucidez. D'ahi o substituir o raciocinio pela obstinação e confundir a lógica com o que não passa de simples teima. Na propria referência e efectivação de programas acaba por ter procedimentos, que se contradizem.

Se a *insensatez* é apenas um producto de *manias* de riquezas, formosura heraldica ou qualquer

outra especie de exibicionismo de naturesa *mansa*, esse triste louco é apenas pasto da *blague* e da anecdota.

A policia pouco ou nada tem que vigiar n'esses *insensatos*.

O *insensato* é, regra geral, na carreira das armas, um elemento perturbador para a manutenção de uma boa e sólida disciplina. Se porém o *insensato* tem a pecha de *têso* de profissão, então é, sem excepção alguma, sempre prejudicial.

O *têso* tem sempre deante de si uma insubordinação, que, em regra, é justificada, embora as instâncias superiores não devam dar a essas insubordinações o seu assentimento, para evitar o esboroamento do organismo militar, que sem essa coação é sempre uma horda de bandidos, que, em logar de darem garantias, se servem das armas para estenderem a pilhagem e a violencia sem limites a todo o paiz, que lhes entregou as armas para sua defeza e segurança.

E como o *têso*, profissional da carreira das armas, nas horas de quietação do seu espirito doentio, não passa de um tímido, logo a sua inteligência apoucada descobre a perspectiva de novas insubordinações; d'ahi o ver em tudo uma afronta aos seus direitos, ás suas prerogativas, e resistências propositadas ás suas ordens.

Quanto ao estadista *insensato* é uma calamidade pública e de tal naturesa que é menos nocivo o desonesto do que o *insensato*.

Se porém a *insensatez* lhe provém da sua *tesura* doentia, então o estadista é um verdadeiro cataclismo.

Antes uma epidemia ou um tremor de terra.

E o peor é que todos os que exercem funções em evidência teem os seus naturaes admiradores, que não são só os que teem os seus interesses ligados directamente ao homem em evidencia, mas ainda os que d'êle indirectamente dependem.

Porém em Portugal, infelizmente, o *têso* tem tambem muitos outros admiradores, que são os desgraçados atacados da mesma tara.

D'ahi talvez a escola dos *insensatos* e *têsos* que hoje quasi esganam o paíz disseminados por todas as camadas sociaes.

VI

O odio sem logica e o pavôr dos irreflectidos

Alarve ou letrado, oficial ou soldado, estadista ou eleitor, católico ou mação, operario ou patrão, todos acabaram no meu paiz por sentirem um odio mutuo, mas que não passa de um *odio sem lógica*.

Odeiam-se todos, porque confundem deveres com direitos e n'essa confusão mais brilham os cultos do que os rudes e as almas simples e ignorantes. No organismo militar portuguez, actualmente, é o soldado ainda assim o que tem mais disposição para aceitar a imposição dos seus deveres. Não são precisas grandes violencias; basta, na maioria dos casos, a repreenção aspera e imediata e... *o exemplo*, que é ainda o artigo de melhor efeito de todo o regulamento disciplinar (1); além d'êste artigo, que só êle chega para manter a disciplina dos

(1) Regulamento Disciplinar do Exército art. 2.º n.º 6.º

Os chefes principalmente, e em geral todos os superiores, não esquecerão, em caso algum, que a atenção dos seus subordinados está sempre fixa sobre os seus actos, e que, por isso, o seu exemplo irrepreensivel é o meio mais seguro de manter a disciplina, ficando, portanto, responsaveis pelas infrações praticadas pelos subordinados ou inferiores, quando essas infrações tenham origem na falta de punição por parte dos mesmos chefes ou superiores, ou nas faltas por êstes cometidas, e não possam provar que empregaram todos os meios para prevenir ou evitar aquelas infrações.

soldados do maior exército do mundo, o reconhecimento continuado e cuidadoso de todos os seus direitos (e são mais do que muitos imaginam) acaba por submeter automaticamente o nosso soldado á obdiência absoluta.

No organismo politico portuguez, hoje, a confusão dos cultos e letrados em materia de deveres e direitos é tal que o odio dos incultos é de féras irritadas.

Os olhares que nas ruas e logares publicos a gente inculta lança aos politicos são como os de panteras enjauladas; a massa inculta, ao proferir os nomes dos que se teem destacado como figuras primaciaes da politica portuguêsa dos ultimos 15 anos, fal-o num estender de labios indicativo de despreso absoluto, ou num assomo de baba sanguinolenta, que limpa num repelão ás costas das mãos, á manga do casaco ou a um lenço sujo.

Sente que êsses nomes não a teem guiado pelo caminho do bem, e ao manifestar o seu protesto, fal-o com a energia de verdadeira féra, cuja tranquilidade é constantemente perturbada ha uns bons quinze anos a esta parte.

Nenhum dêsses nomes tem ou teria hoje um só voto na massa inculta do paiz, a não ser com o compromisso tácito de cada um dos seus eleitos fulminar e destruir os antagonistas com os mais violentos meios de acção.

Os nomes de Dom Carlos, João Franco, Paiva Couceiro, Affonso Costa, Norton de Mattos e Sidonio Paes são atirados por essa gente, como simbolos das suas desejadas desafrontas.

Esses nomes são simbolos de *tesura* e a psicose alastra e fermenta. Novos concorrentes a programas violentos e agressivos se apresentam a logares de destaque na politica de retaliações, de odios e de *tesura*. Não ha uma rajada de bom senso, não ha dedicações honestas, não ha men-

talidades robustas; é tudo sucata e podridão, de lés a lés!

O Regimen estrebucha e vacila a todo o instante, porque todos o estrangulam, ninguem o ampara. A corrosão moral alastra como percursora de um *salve-se quem puder* e a sociedade portuguêsa perdeu de todo a direcção que depois dos trez golpes profundos a que atraz me referi (1) nunca mais foi firme e segura.

A *insensatez* tem uma companheira inseparavel, que é a *irreflexão,* e nas occasiões das crises aparece outro terrivel companheiro, que é o *pavôr.*

O *pavôr dos irreflectidos* é natural e vulgar nos *têsos.*

Jà o tenho verificado de visu. E' o espectaculo mais doloroso que é dado ver a quem tenha brio e caracter.

Passada a crise de abatimento, aparece a reacção em que se revelam o *odio feroz,* a *insensatez* e a *megalomania.*

O contraste flagrante entre as manifestações do *têso,* quando se sente *forte* e quando se apavora, é a negação da natureza humana.

Na carreira das armas êsse contraste, deante de subordinados, é a ultima das ignominias, é a exautoração completa.

Infelizmente, tenho visto êsse fenómeno repetir-se em varias circunstancias da minha carreira militar, mais vezes do que o desejaria.

E' um espectaculo doloroso e despresivel.

E no politico ou chamado homem publico?

Nunca vi, felizmente, mas, pelo que tenho ouvido e lido, nos ultimos 15 anos da politica agitada do meu paiz tem havido as ultimas das abjeções; e, na insensibilidade moral que se adquiriu, não se sentem vexados quando passeiam pela rua, nem

---

(1) Expulsão dos judeos e mouros, estabelecimento da Inquisição e Alcacer-Kibir.

quando reocupam as funções e os cargos onde sofreram o desaire.

E o peor é que a insensibilidade estendeu-se já á classe militar com mais intensidade do que seria para desejar.

Eu vi, na campanha da França, alguns casos *classicos* em materia de cobardia e pavôr, que não estão em harmonia com os ares pimpões, arrogantes e destemperados, com que depois êsses apavorados passeiam, falam e até escrevem sobre todos os assuntos, inclusivé sobre a guerra, sem perceberem... que ha *quem os perceba!*

VII

?

Não são nem os republicanos, nem os legitimistas, nem os *realistas,* os que constituem a maioria em Portugal: a maioria são os indiferentes. O grande partido da indiferença, qualquer cousa como *6 milhões* d'habitantes contra *6000* compõe-se da massa enorme dos cidadãos que não vivem da politica, que d'ela nada esperam, nem de real nem de solido, que a temem como um mal, como uma ruina.

E' certo que os indiferentes poderão ter um ideal politico. Ha entre êles *realistas*, legitimistas, e sobretudo, republicanos. Mas como muitos católicos se sentem atacados da duvida, não cultivam a politica, seja porque desprezem os homens, seja porque tenham concebido os seus ideaes politicos n'uma justiça e n'uma liberdade muito alevantadas, seja, emfim, por interesse ou por abatimento, êles preferem um logar de paz e de silencio.

Eu quero dizer que, afóra alguns ambiciosos que sonham com o poder, e um punhado de ingenuos que esperam dos regimens de sua escolha a felicidade

universal, a nação quasi toda não pede senão a tranquilidade.

Nós queremos viver

Interrogae o grande e o pequeno comerciante das cidades; êle vos responderá: «Ah! meu caro senhor, se soubesse os prejuizos que a politica nos causa!

«A cada crise é um novo álerta. Nunca temos a certeza do dia de amanhã. E' verdadeiramente de desejar que a Republica se consolide de modo a evitar-nos todos êstes abalos».

Interrogae os agricultores pelas provincias e êles vos dirão: «A Republica prometeu-nos a paz e o socego, nós votámos na Republica. Mas nós queremos, em troca, que ela encaminhe bem os nossos negocios e não perturbe os nossos interesses com aventuras continuadas. O melhor governo será aquêle que menos ruído fizer».

Interrogae os rendeiros e os proprietarios, interrogae os artistas e os escriptores: em todos achareis esta aspiração a uma tranquilidade reparadora, a uma existência de repouso para uns e de trabalho para outros. Portugal, a uma só voz, reclama o livre exercicio da sua mentalidade e da sua actividade, ao abrigo d'estas questões de principios e de pessoas que periodicamente põem em perigo a prosperidade nacional.

Tal é o grande partido da indiferença. Ele desespera da perfeição e suporta as creaturas que tomam o poder de assalto; sómente exige que, em troca, essas creaturas lhe deem, ao menos, o sossêgo; e se elas não teem predicados para satisfazer os indiferentes, um dia chega em que as ovelhas da indiferença se tornam furiosas e devoram os lobos que desde longo periodo as cançam a gritar-lhes aos ouvidos.

*
* *

Examinae a historia d'estes ultimos dez annos. Eu não falarei das desilusões para nós, republicanos doutrinarios, que queriamos de um jacto uma republica das melhores, grande, honesta, justa e livre.

Depois dos nossos desastres, na luta feroz dos partidos, os republicanos no poder disseram-nos que estavam reduzidos á impotencia e que era preciso esperar o dia em que estivessem mais seguros. Era uma resposta rasoavel; temos esperado, no meio de quanta confusão e de quantos barulhos quotidianos!

Em 6 ou 7 anos deste temivel charivari, os republicanos alcançaram, emfim, a maioria. Grande alegria da nossa parte; imaginavamos ter atingido o termo das nossas sensaborias; sonhámos de novo uma Republica equilibrada, entregando ao paiz a marcha regular dos Estados fortes. E afinal uma terrivel guerra, de pessoas, se declarou, no meio da qual Portugal ainda se debate.

Conhece-se a táctica dos ambiciosos que aspiram a governar-nos. Entre nós, o manual perfeito do homem d'Estado reduz-se a um unico preceito: Inutilizae-vos uns aos outros. E' simples e comodo. Os pretendentes prolongam-se em bicha ás portas dos gabinetes ministeriais; cada um espera para entrar o tempo indispensavel para derruir o rival que o precede. Vemos X derruir Y; depois Z derruir Y; agora vemos W derruir Z; amanhã veremos V derruir W; depois chegará a vez de O, e isto prolongar-se-ha até ao fim dos seculos. Os gabinetes ministeriaes não passam de velhos pares de botas que se atiram fóra depois de estafadas.

E esta táctica de inutilização regulamentar reina de alto a baixo. E' mesmo a caracteristica da época. E assim é que, para cada ministerio, ha a um lado um montão de botas esburacadas e estafadas

n'um lapso de tempo maior ou menor, e do outro lado uma fila de botas novas que esperam ser experimentadas e estafadas. Certas pastas teem trez ou quatro destinatarios, enfileirados por ordem de resistência, segundo o candidato parece dever ser atendido mais ou menos rapidamente. Os astutos cedem a sua vez, crentes de que ainda não chegou o momento de Portugal encontrar calçado para o seu pé.

D'ahi todos os nossos sobressaltos, todo o mal estar de que sofremos; porque, segundo parece, torna-se necessario que a hora dos espertalhões chegue para que êles façam a nossa felicidade; essa felicidade prometida e esperada ha dez annos.

E se os *espertalhões* se gastarem tão rapidamente como os que os precederam? E depois de, por sua vez, êstes serem atirados para o canto da casa, continuaremos a passar eternamente de mão em mão, puxados em todos os sentidos?

*
* *

Dez annos! Pensae bem que já temos tido uma paciência de dez annos, sofrendo catástrofes, entrando em combates, compreendendo que se não póde consolidar um Estado como se planta uma macieira.

Simplesmente parece que um governo de dez annos deveria ser já uma creança desenvolvida, fortemente constituida, prometendo uma longa vida de saúde e de tranquilidade.

Pois bem; não é nada d'isso. Os intransigentes voltam á carga no fim de dez annos, contemplam a Republica e exclamam:

«Então isto é que é uma Republica? Ora deixem-se d'isso! Não está nada feito, absolutamente nada. Nós é que lhes vamos dar a verdadeira Republica».

Como! Então não está nada feito? Durante dez

anos, sofremos toda a sorte de operações dolorosas; causaram-nos sobressaltos, aturdiram-nos, amachucaram-nos e êstes veem recomeçar a experiência com novos programas! Ah! que vida miseravel! Sem duvida, êstes tambem nos vão pedir dez anos para se apoderarem do poder e amoldar-nos á sua maneira de ver. Depois, nada prova que uma nova camada de republicanos não apareça dizendo da Republica intransigente: «Então isto é que é uma Republica? Ora deixem-se d'isso. Só ha uma Republica que é a nossa, e torna-se necessario que a experimentemos.» Como sempre, não passaremos de carne para experiências e assim marcharemos através dos seculos, ao sabor d'uma tempestade eterna, sem nunca nos fixarmos no terreno sólido de uma fórmula doutrinaria.

Disse-se que a Republica era, precisamente pela sua essência, uma fórmula social sempre aberta e sempre em discussão. Ha quem se regosije com isso. No dia em que os reaccionarios possam convencer Portugal d'isto, no dia em que êles provarem ao paiz que a Republica não será capaz de lhe dar uma organização estavel e definitiva, êles, os reaccionarios, encontrarão uma maioria a favor de uma monarquia ou de uma regencia. Felizmente isto não passará de uma fantasia romântica. Para mim, como para muitos outros, a Republica é uma conseqüência logica, que se impõe depois por leis fixas. Não se faz de um povo o que se quer, tal e qual como se não póde transformar á nossa vontade a estructura de uma ave ou de um peixe. São forças naturaes que conduzem a humanidade, e, portanto, não ha outra cousa a fazer senão obedecer-lhes e aplical as, se se não quer fazer um trabalho inútil.

Mas eu prefiro ficar no campo doutrinario, porque não tenho nenhuma Republica pessoal a implantar cá por este mundo, porque não tenho nenhuma ambição politica a satisfazer.

Eu julgo que se o Estado republicano se consolidar em Portugal não é devido aos homens, mas porque a lógica social o impoz e o momento devido é chegado. Simplesmente repudio os credos absolutos; contento-me com o relativo dos nossos esforços quotidianos. Acredito na Republica que quizerem, mas sob a unica condição de que essa Republica assegure a tranquilidade da nação. Em uma palavra, eu não sou mais de que uma unidade, a mais humilde, do grande partido dos indiferentes; e, sob este titulo, irrito-me e pergunto se as torturas que nos impõem vão continuar; se não acabará de vez o facto de nos fazer passar das mãos d'êste para as mãos d'aquêle, com o fim unico de satisfazer ambiciosos que vivem da nossa tolerância.

* * *

Sim, eis ao que nós chegámos ao fim de dez anos; o partido da indifferença tornou-se em um partido de indignação.

Ha já alguns anos que eu vou passar períodos de oito mezes em um canto perdido entre gente dos campos; e a cada nova crise ministerial, a cada nova aventura, faço um estudo para mim, que é ver o espanto d'êsses bravos. *Implantaram* a Republica e imaginaram que a Republica estava feita. Lisboa está apenas a nove leguas, mas parece estar afastada no extremo da terra, no paiz da extravagância. O que teem êles? O que é que êles lá querem? Ainda outro ministerio? Então o outro não era bom? Então porque é que êles o aceitaram? E êste, talvez, não valerá mais do que o outro, porque se annuncia a sua queda antes de tomar posse... E a gente dos campos encolhe os hombros, começa a enfastiar-se e ámanhã, se os atormentarem a todo o momento com estas ambições cujo verdadeiro fim lhes escapa, essa gente

acabará por sonhar com um rei ou com um *ditador*.

Nas cidades, o grande e o pequeno comerciante, a massa consideravel dos indiferentes que teem interesse na politica silenciosa, descriminam melhor as rasões do chinfrim que nos ensurdece; êstes compreendem bem que se na Republica houvesse menos gente por quem a dividir as cousas harmonizar-se-hiam rapidamente. Estes tambem teem passado muito tempo a encolher os hombros. Ora adeus, cá temos a algazarra a recomeçar! Mais uma vès o senhor A, que não está satisfeito! Que quererá êle agora? Pois bem, que se faça o que êle quer e que nos deixem em paz! Depois chega o terrivel charivari dos intransigentes. As assembleias publicas não se suportam; torna-se necessario tapar os ouvidos e cada um fechar-se em sua casa. Mas então a indiferença torna-se impossivel. A creatura mais scéptica, mais tolerante, sente subir por si acima um ataque de furor contra êsses chinfrins das ruas e logares publicos. Calem-se ou então saímos nós todos tambem para a rua.

Sim, calem-se! Basta! Estamos todos cançados da nossa indiferença, estamos cançados de aturar tanta mediocridade barulhenta, em nome da salvação publica. Queremos a Republica, mas queremol-a já, sem as interminaveis chinezices, sem êste banquete que nunca mais acaba e em que cada um de vocês come, antes mesmo que o paiz possa comer qualquer cousa. Que nos importa a nós todos que o sr. X agarre qualquer boa posta, e que Y entenda que êle é que deve suceder a X, e que Z, apaniguado de W, se resolva a estrangular Y?

Porque, e visto que êles todos devem acabar por se comerem uns aos outros, é por aí que devem começar, engulindo-se simultâneamente para que o campo das lutas fique limpo.

Passadas algumas dentadas estão todos engulidos e teremos a Republica.

Isto torna-se prático? Sou o primeiro a negal-o. Repito que não tenho a pretensão de apresentar uma solução pratica. O que trago a lume é a indignação de um homem sincero a quem a comedia politica dos tempos correntes fez sair pouco a pouco fóra de si.

De resto, eu falo como observador. Nego que haja lutas de principios; o que falha são as leis d'êsses principios. Nego que êsses pimpões pensem na nossa felicidade.

A verdade é que esses cavalheiros colocam as suas pessoas acima de Portugal, e que, se querem a Republica, querem-na só por êles e para êles.

O que é preciso é que apareça um governo que, se quizer viver á custa do paiz, o faça com programas pacificos. Comam em termos ou revoltamo-nos todos.

*
* *

Pois então nós somos 6 milhões, tudo gente amante da ordem, animados de boa vontade, e havemos de nos deixar incomodar por umas *centenas* de comediantes que abusam da nossa estupidez!

Somos 6 milhões que queremos trabalhar sossegadamente, que queremos um governo que nos assegure a tranquilidade e teremos que aturar um bando de politiqueiros cuja profissão é viver da desordem, como os advogados vivem da chicana!

Havemos de os deixar medrar, divertirem-se com as crises ministeriaes, darem-se ao luxo de passarem um a um em bicha pelos ministerios, alimentarem a confusão para terem as honras de nos salvarem trez vezes por semana e merecerem o nosso reconhecimento! Não! Decididamente seria muito estupido.

Chegou a hora! Dez anos de sofrimento provaram absolutamente que somos boas pessoas.

Que um de nós se resolva e que transforme o grande partido da indiferença no grande partido da indignação. Esse falará em nome da maioria esmagadora que a politica afronta. Trará comsigo o desejo todo inteiro de Portugal, que é uma necessidade enorme de tranquilidade, uma vontade firme de se entender, pensar e trabalhar ao abrigo da disputa vazia e imbecil dos partidos.

Esse homem exigirá que se gose, finalmente, das vantagens da nossa Republica tão honestamente como o possa ser; e estejam vocês certos de que podem contar então connosco ; e que, se não alcançarmos a tranquilidade que infelizmente nos faz tanta falta, então os politicos hão-de reflectir bem antes de nos continuarem a incomodar.

Além d'isso, se persistirem, se passarem a meta, então é preciso acabar com êles.

Seria cousa magnifica a revolução dos scépticos, dos indiferentes indignados. A's armas! A's barricadas! Somos seis mil contra um, nada mais temos que fazer do que sair fóra das nossas casas para os suprimir.

Acabe-se com os republicanos, acabe-se com os legitimistas, acabe-se com os realistas, que só fiquem os cidadãos livres a quem todos tanto incomodaram e que fizeram justiça! Finalmente, que fique uma nação feliz!

EMILE ZOLA.

E' este o quadro miseravel dos politicos franceses durante os anos de 1880-1881, que Emile Zola escalpelisa n'um dos seus volumes intitulado *Une campagne*. Apenas substituí as palavras indispensaveis para o adaptar á nossa triste situação.

Mas o peor é que em Portugal a situação é muito mais grave, porque os politicos portuguezes não se contentam com algazarras, assembleias e discursos. Vão, de vez em quando, buscar aos convés dos navios de guerra e ás casernas os argumentos que

lhes faltam na imprensa, nos centros politicos e no parlamento.

Em desacordo com o grito de Zola — A's armas! A's barricadas! eu apenas pediria aos politicos, ao exército e á marinha, com toda a sinceridade, que tivessem pena do paíz, já que não teem por êle a consideração e o amor que nos deve merecer o nosso Portugal!

VIII

A agressão ás classes da burguesia

O *têso* é decidido?

Sem duvida o é por habito e profissão, quando chamado de chofre á luta, ou quando julga que o é.

Mas é um *decidido impetuoso* e, portanto, sem fundo eficaz para uma luta decisiva e vantajosa.

Como não tem a noção lúcida da sequência natural dos factos, não prevê as consequências imediatas da luta ou da decisão; d'aí não vêr, com mais forte razão, as consequências remotas.

A decisão dos *têsos* é sempre uma pedrada de pouco alcance e sem certesa oportuna.

O *têso*, como se vê em Portugal, creou, ou antes, desenvolveu o *furor dos irreflectidos*. A segurança individual foi o grande alvo d'êsse *furor irreflectido*.

A destruição inconsciente da tranquilidade publica, organisada pelas creaturas com cultura, atiçou as massas incultas contra o que na nossa burguesia representa a *élite* social.

A burguesia é hoje a criação mais liberal que a ância dos direitos do homem conquistou. E' uma classe onde cabem todos os preconceitos, todas as ambições, com a porta aberta a toda a gente e que a toda a gente dá guarida.

N'ela podem ter ingresso o rico quasi inculto e

o pobre cheio de cultura. Para se ser considerado burguês uma só cousa se torna necessaria. Que é sair da craveira comum do homem besta. E não pareça que excluo da burguesia os *explicadores* de demolições sociaes e outras *artes* de governar a vida, á custa das massas ignorantes de operarios, vagabundos e analfabetos.

Esses *explicadores* são tão burguêses *exploradores* da credulidade alheia, como burguês é o capitalista *explorador* do músculo d'essas massas.

Ha só uma diferença; o capitalista explora, mas paga sempre; os outros exploram, recebem qualquer cousa de uma e outra banda e não pagam nada nunca! A burguesia é uma classe livre de preconceitos de casta, onde tem ingresso o fidalgo de tradições heraldicas indiscutiveis, o militar, o ministro da religião, o magistrado, o engenheiro e até os individuos de raças asiaticas e africanas. A ela podem ascender o operario, o camponês e... eu sei lá, o mais modesto garoto de jornaes. O que lá não cabem é todos, porque é n'essa classe que se recrutam actualmente as *élites* de uma sociedade constituida, e já ela por si constitue, por uma lei justa e natural, uma selecção.

Eu não me sinto nobre, nem clerigo, nem operario, nem vagabundo, nem sou analfabeto; logo sinto-me burguês e não possuo capitaes para mandar cantar um cego todos os dias do ano.

Um visinho meu, que é chefe e agitador de massas ignorantes e incultas, é mais burguês do que eu, na acepção *odiosa* da palavra, porque se trata melhor do que eu e os meus. Fundo-me nos depoimentos insuspeitos de uma creada que já serviu em casa d'êle e agora está ao meu serviço.

Emfim, querem organisação mais perfeita?

Na burguesia valem o talento, a riqueza acumulada, a arte, a sciencia, as tradições de familia, etc.

Todo este conjunto forma um bloco, que o *têso*,

em Portugal, se lembrou de afrontar e insultar, açulando a multidão ignorante contra tudo que aí representava a *élite*, ciosa do respeito que lhe é devido por direitos proprios e por tradição histórica.

Crearam-se rasões capciosas para excitar o furor da ignorância e da miseria, inevitavel, em todos os tempos, contra as classes cultas, ordeiras e remediadas.

A reação d'essas classes, como era natural, deu-se; d'aí, em virtude de varias represalias, aumentar o numero dos *têsos* de todas as categorias sociaes.

Mas nenhuma liberdade se conquistou e antes se perderam algumas em virtude de se ter desenvolvido o *furor dos irreflectidos*. Do termo *talassa*, empregado a esmo, para provocar o furor das multidões até contra os proprios republicanos, desceu-se ao odio á burguesia, tornando a denominação *burguês* ainda mais antipática e odiosa do que a de *talassa*. O termo *talassa* representava apenas monárquico, inimigo das instituições, e esse grito era apenas um sinal de massacre; com o termo *burguês* foi-se mais longe, porque se sugestionava as multidões contra a pessoa e bens do alvejado. E no entanto o termo português *burguês* veio para Portugal com o conde D. Henrique, trazido de França, que por sua vez o tinha importado da Alemanha. E, ao que parece, a origem de tal palavra é bem inocente e representa a rebelião dos germanos, cimbros e teutões que se estabeleceram nas margens do Rheno, revoltando-se contra o jugo romano e se destacaram d'aí até mais para o interior da França.

Antes d'isso, o termo «burgo» significava uma cadeia de logarejos ou aglomerado de casas, seguidas ao longo das raias e fronteiras, mais ou menos ligadas, e onde residiam os guardas militares romanos. Com estes primeiro se imiscuiram muitos nacionaes da antiga Allemanha, que por fim se re-

voltaram contra as milicias romanas, sacudindo-as. Diz o autor onde fui colher estes elementos que os revoltosos foram apelidados de *burgonhoens*, e que n'essa zona se fizeram depois recintos murados e castelos, que por não poderem ser continuos deixavam de fóra esses aglomerados de casas com os seus moradores. O termo passou á França com a denominação de *burguêses* e já então com aplicação aos habitantes dos grandes centros, vilas e cidades, sem exclusão dos aglomerados de habitantes moradores junto dos castelos, mas da banda exterior das muralhas, bem como aos habitantes dos logares abertos e, por assim dizer, indefesos.

E eis afinal a origem da tão odiosa palavra que, pelo visto, representa para a historia dos tempos alguma cousa de independência, patriotismo e sacrificio.

Continuando na ordem de ideias, depois de termos esclarecido os *exploradores* da burguesia e dos proletarios, lembremo-nos de que as lojas maçonicas procuraram lançar mão das normas jesuiticas (1) para estabelecerem a implantação de varios aperfeiçoamentos na nossa constituição social: a liberdade de consciência nas regiões oficiaes, porque fóra d'elas havia *de facto* essa garantia; as leis de proteção ao proletariado; a reorganisação do exército portuguez; a reforma da instrução publica, etc.

Porem as lojas maçonicas, em Portugal, não escolheram, nos ultimos tempos, os seus elementos como sempre fez o jesuita; d'ahi estragarem-se os melhores esforços de alguns dos nossos homens publicos.

Como se tratava de gente de insuficiência mental, facilmente o *têso* creou raizes, e o mação, sob varios aspectos, mais ou menos *ameaçador*, mais

---

(1) O ritual maçonico e os processos teem muitos pontos de contacto com as normas jesuiticas. Diferem na aplicação, mas os principios são identicos.

ou menos *picaresco*, reeditou as façanhas do histórico tipo do aguazil.

Armou-se assim, em Portugal, um novo tribunal do Santo Oficio, sem fogueiras, é certo, nem sambenito; mas logo em todos eram vasculhadas as crenças religiosas, as ideias politicas, as simpatias pelos homens do regimen republicano e se punham em prática outras medidas imprudentes, mal avisadas e contraproducentes, para uma rapida aceitação do novo regimen pela massa dos indiferentes.

A quem pertencem as culpas d'este estado de cousas? Quem desenvolveu o culto pelo furor irreflectido?

Foram as massas incultas? Foi o camponez? Foi o operario? Foi o humilde, o analfabeto?

Não foi. Todos o sabemos. Foi o letrado, o doutor em leis e, no exército, foram os oficiaes, servindo-se de sargentos para a propaganda entre os soldados!

Grossas contas teem que dar á história de Portugal todos os cultores da *tesura*, no mais pequeno paiz da Europa.

A absolvição será dificil e as gerações futuras julgal-os-hão, a *gregos e troianos*, *insuficientes* para a alta missão que se arrogaram.

Que as numerosas vitimas lhes perdoem, porque a Historia nunca lhes perdoará.

A' revolução francêsa de 93 tem ido, em Portugal, certa casta de republicanos, *tesos*, buscar a inspiração dos seus actos.

A D. João II e Nun'Alvares Pereira foi, por sua vez, determinada casta de monárquicos buscar inspiração para a sua acção e reacção.

Nas aguas do Marquez de Pombal pretenderam uns e outros pescar.

No entanto *uns e outros* não teem passado de vulgares e tarados imitadores de tristes figuras da nossa historia, como são D. Pedro I, o «Crú»,

D. João III, o «Sorvado» e D. Miguel, o «qualquer cousa».

Desde o *têso* D. Carlos até ao mais humilde dos *têsos* do Portugal contemporâneo, todos acabam por cair sem grandeza sólida, que lhes conserve, na queda, a rigidez forte e brilhante da armadura do cavaleiro medieval, quando caía na liça ou na planicie onde batalhava.

Não lutam com destreza e com arte. Ou deixam-se assassinar estupidamente ou fogem espavoridos!

IX

O soldado no Exército Português

O *furor dos irreflectidos* e as *decisões impetuosas de tarados* teem feito no Exército Português algumas tristes vitimas da *tesura* nacional.

Refiro-me aos pobres soldados, que em varios pontos do paiz teem sido mortos á bala por seus eguaes no sangue e na humildade, sem saberem porque os matam e porque é que os mandam matarem-se uns aos outros!

Na massa da população portuguêsa tem havido inumeras vitimas, quer sugestionadas pelos *têsos* letrados, quer apanhadas no acaso de um conflito, revolução ou denuncia despresivel, antipática e ignóbil.

De 1906 a esta parte Portugal tem sido um alfobre de presidiarios!

Independentemente da corrosão destruidora da ordem e da disciplina que os politicos desde 1906 (1)

---

(1) Estava eu no Porto em 1904, onde era alferes d'infantaria 18, quando fui repetidas vezes solicitado, quer por franquistas, quer por republicanos, para entrar n'um pronunciamento ou cousa parecida. Recusei sempre aceder a tais convites que nunca me interessaram e antes me repugnavam.

cultivam nas fileiras do exército, ha tambem n'êle o *têso* de profissão.

Nas fileiras do Exército o *têso* é sempre um *vulgar e mesquinho tarado*. A sua inteligência, abaixo da craveira média, produz-lhe falhas nos outros predicados que possa possuir; d'ahi a má e pessima aplicação que faz dos conhecimentos e autoridade que lhe é conferida pelos regulamentos e leis militares em vigor.

E' portanto, a *tára* da *mesquinhês* uma fonte de insoburdinações latentes que produzem o desespêro e a irritação surda do soldado, disposição moral esta que está bem longe de representar dominio dos graduados e submissão militar do inferior para com os superiores.

E tanto assim é que na primeira crise a reacção manifesta-se e com uma agravante, que é estar a razão do lado do inferior e muitas vezes, para não abalar o *edificio*, que póde ameaçar *ruína* pelo contagio natural, é necessario tirar a *maior razão* ... ao soldado, por exemplo!

Em todos os exércitos o soldado é, em geral, uma alma simples, sem cultura suficiente para pezar os seus altos deveres a cumprir; d'aí a *imaginação* sobrepôr-se com frequência á *razão*.

A acção do seu superior é mais vista sob o aspecto do maravilhoso e sobrenatural.

Para isso concorre e muito o culto externo, necessario sempre em todas as instituições sociais e, em especial, no exército (1). D'aí ter no es-

---

(1) Este culto externo é que engana os espectadores e observadores *de espirito superficial*, os quaes imaginam que as massas militares são rebanhos de gado.

Nunca o foram e hoje muito menos o são, felizmente. São homens livres, sujeitos por necessidades sociaes ao cumprimento de um dever que se aceita por lógica, mas que repugna cumprir por espirito de escravidão, mesmo quando se trate de profissionaes de qualquer classe, culta ou inculta.

pirito do soldado sempre grande efeito a análise superficial do superior.

Essa análise porém, embora superficial, é *constante e assídua,* de modo que o contraste dos procedimentos de um superior reflete-se no espirito do soldado em impressões e juizos extremos muito opostos.

O soldado ou acha que o seu superior é um grande chefe, ou que é um tiranête, antipático, irritante e odiento.

O soldado não descança enquanto não assenta definitivamente em um dêstes juizos extremos e opostos.

Tenham todos os que lidam com essa massa maleavel, que é o nosso soldado, a certeza metafísica desta minha asserção, tése ou afirmativa, conforme a queiram classificar.

Todo o chefe de tropas que entende ser-lhe necessaria a *submissão servil* do soldado só tem uma cousa a fazer: é mudar de profissão. Egual procedimento tem a adoptar o estadista que julga poder dispôr a seu talante do exército do seu paiz. Esta simples pretensão desliga-o da categoria em que pretendeu incluir-se. Não é um estadista, é uma creatura muito superficial que não está á altura das suas funções.

Só a subordinação *tácita* e quasi incondicional é dever militar; o resto é mesquinho, tacanho e absoluto.

O homem livre subordina-se e submete-se á autoridade inteligente que sabe impôr a sensibilidade moral aos que dirige, mas ao mesmo homem repugnam-lhe a arbitrariedade e a autoridade do *têso* provocador e mesquinho.

Resta, por ultimo, analisar uma das caracteristicas da cultura do *têso* em Portugal, nos ultimos tempos que teem decorrido.

X

Religião, crenças e convicções

Ha uns bons dez anos foi-me dado ver nos arredores de Lisboa um espectáculo que me produziu a impressão mais dolorosa que qualquer vulgar mortal póde receber. Tanto tempo passado, ainda me lembro bem da tristeza profunda que senti.

Nas imediações de um portão de saída de um edificio militar ou antes de uma fortificação estava *delirando* em morras e vivas um agrupamento de algumas dezenas de pessoas. Eram todos homens ou rapazes. O sexo feminino não estava aí representado. Na maioria os manifestantes eram maltrapilhos e creaturas com aspecto de vagabundos, que fazem das alfurjas de Alcantara e da Mouraria os seus naturaes *ninhos*.

Junto ao citado portão, dando a direita a êste e pelo lado exterior, estava formada a guarda, de baionetas armadas. Os soldados estavam todos com atitude apreensiva e até em alguns se notava a palidez do semblante. O comandante da guarda, que era um sargento, ria-se com um riso alvar, ou talvez inconsciente, para o agrupamento dos manifestantes e não deixava de vez em quando de agitar o boné, como que correspondendo gostosamente ao alarido da multidão, que ao ver estas saudações redobrava de delirio.

E' preciso dizer que o referido sargento não ocupava o logar que a ordenança determina, antes passeava de mãos nos bolsos nas imediações do logar onde estava formada a guarda e de vez em quando dirigia-se para a frente do portão e aí parava por momentos olhando com grande interesse para o que lá dentro se passava.

N'um dado momento, sae uma viatura militar escoltada por alguns soldados de baioneta armada

e tudo isso ia sob o comando de outro sargento, que me pareceu ter um ar um tanto contrariado.

A guarda da porta das armas fez á escolta a continencia do estilo, a que a escolta correspondeu, embora um tanto desordenadamente.

O sargento da guarda da porta das armas disse nesta ocasião qualquer facécia ao sargento da escolta do carro, que ia sentado na boleia do mesmo ; em seguida subiu para o estribo da boleia, olhou para dentro do carro, riu-se muito e, voltando-se mais uma vez para o grupo de manifestantes que esperava ancioso o carro, agitou outra vez o boné.

Então a récua de maltrapilhos, sob o comando de meia dúzia de *meneurs*, avançou de roldão para o carro, como quem quer apoderar-se do conteúdo.

A carroça pára, o sargento que comandava a viatura e a escolta levanta-se e, com cara de poucos amigos, diz qualquer cousa para essa escumalha ; os soldados da escolta obstaram um tanto brutalmente a que alguem se aproximasse do carro e, depois da momentânea paragem a que este incidente deu logar, tudo seguiu o seu caminho.

Isto é, o carro cercado pela escolta e os manifestantes em volta e atraz do carro.

De vez em quando um dos manifestantes atirava para dentro da carroça com uma pouca de lama da estrada ou com porções de escrementos de animal, que apanhava do chão!

Quanto aos soldados da escolta, uns olhavam para a multidão com ar carrancudo, outros riam-se por vezes, encolhendo os hombros. Via-se que da parte da escolta havia dois sentimentos patentes: o de indignação e o de desprezo.

Na matulagem da manifestação predominavam o riso e a grande galhofa.

Os três ou quatro *meneurs* iam mastigando frases violentas, virando-se para a multidão de punhos cerrados.

E lá seguiu todo aquêle nojento e triste cortejo ao seu destino, que ainda hoje ignoro qual fosse.

Agora qual a razão de tanta exibição de *tesura?* Muito simples a explicação.

O carro ia carregado com todos os santos de uma capela que havia dentro do edificio militar ou em uma das suas dependências!

Estava-se realizando a obra de um *estadista* em Portugal e ao mesmo tempo estava-se fazendo a propaganda... De que julga o leitor que era... a propaganda?!

Do Livre Pensamento!!!

Os estadistas de Portugal desta época esqueceram-se de que havia uma religião nacional!

E tanto ela era *nacional* que desde a formação da nacionalidade portuguêsa se vê, repetidas vezes, as populações agredirem e apuparem alguns ministros d'essa religião, (não só padres, mas até bispos) sem que de tal facto derivasse menos fervor religioso nos templos e menos acatamento pelos cortejos ou exibições de carater público e religioso.

E' preciso ser-se inimigo nato da ordem e do sossêgo publico ou ter a mioleira a nadar em agua choca para quem quer que seja esquecer por êste modo a historia do seu paiz.

A'parte o disparate do estadista e a asneira patente da propaganda do livre pensamento por meio do insulto e da arruaça, ha apenas na tése que estamos atacando, a dos *têsos*, a observar e analisar a pouca coragem moral e física de quem em Portugal cultivou o *sport* de bater nos santos até os partir.

Muita boa gente letrada fez isso.

Mas agora ocorre perguntar onde estão o valor e o risco dessa especie de agressão?

Não existem, nem um nem outro. O que ha é a

certesa absoluta de que os santos de pedra, madeira, gesso ou metal, nunca bateram nem jamais baterão em ninguem.

Se em logar das imagens fossem na carroça alguns dos santos *a valer,* é provavel que os manifestantes passassem um mau bocado, pois santos ha na *folhinha* que ganharam o seu natural logar no céu a zurzirem gente valente, ás lançadas e ás cutiladas.

Mas os que iam na carroça eram apenas pintados, de modo que os *têsos* sentiam-se seguros anticipadamente da vitória, d'onde se infere que não passavam (os mandatarios e os agressores) de classicos cobardes que batem e agridem com praser e certos da imunidade!

Perto de mim um letrado *avançado* falou-me nesse momento no 93, na Deusa da Razão. Vieram tambem á balha o Robespierre, o Danton e o respectivo Marat!

Ainda mais me falou o referido *intelectual* nos carros com cadáveres decapitados, que na Revolução Francesa fizeram vezes sem conto o caminho da guilhotina para as valas *enormes,* e abriu os braços, para indicar a largura das valas, naturalmente.

O mesmo patetoide referiu-me ou antes papagueou-me o furor das multidões contra esses montões de salchicharia de carne humana *rubra e fumegante ainda,* dizia-me o pobre asno!

Para deixar de o ouvir respondi-lhe que tinha visto isso muito bem representado no antigo teatro do Principe Real, á rua Nova da Palma, quando eu ainda era pequeno, num drama intitulado «Maria Antonieta», «Luiz XVI» ou cousa parecida.

Tambem lhe falei do Santo Oficio a queimar as imagens dos julgados á revelia por terem conseguido escapulir-se ás garras da Inquisição.

— Perfeitamente, disse-me o patetoide. São as lutas das ideias!

Fiquei sem saber como é que poderia haver uta de ideias, tratando-se do *livre* pensamento!

Passaram-se estes factos ahi por 1911 e n'êsse momento veio-me á ideia um caso que me foi dado testemunhar em 1904 n'uma das nossas campanhas em Africa.

XI

Uma Ave-Maria

(Humbe, 26 de Setembro de 1904)

Nas imediações do forte de Humbe ia-se proceder ao funeral de dois oficiaes e de duas dezenas de soldados, todos mortos em combate na manhã de 25 de setembro de 1904.

Estavamos no dia seguinte áquêle em que um destacamento do comando do capitão de artilharia Pinto d'Almeida tinha perdido em combate mais de metade do seu efectivo.

Nêsse combate, ao escassearem as munições, tinha-se tentado em duas cargas impetuosas dominar o gentio do Cuamati, mas os esforços desesperados dessa gente portuguêsa tinham sido infrutíferos e o epilogo fôra um horrivel e pavoroso massacre a quatro quilometros, se tanto, do Rio Cunene, na região do Cuamatui.

O combate durou três quartos d'hora, seguindo-se depois o massacre.

Como iamos dizendo, procedia-se ao funeral de algumas vitimas dêsse combate. Estavam abertos três covaes. Dois com as dimensões vulgares para os dois oficiaes: o tenente de infantaria Luz Rodrigues e alferes Rodrigues, do quadro dos almoxarifes, como então se denominava o atual quadro auxiliar.

Quanto ao terceiro coval, era uma vala de alguns

metros, onde as praças, ao lado umas das outras descansariam o ultimo dos sonos, entregando a carne aos vermes e os ossos definitivamente á terra.

Em frente a èsse improvisado cemiterio estavam debaixo de forma todas as forças que compunham os restos da coluna da campanha de 1904 «Além Cunene».

Essa coluna tinha-se constituido com forças coloniaes e o seu efectivo compunha-se das seguintes unidades:

Uma companhia do batalhão disciplinar d'Angola.
Uma companhia europeia.
Uma companhia indígena d'Angola (Lunda).
Uma companhia indígena d'Angola (15.ª).
Uma companhia indígena de Moçambique.
Uma bateria mista de artilharia.
Um esquadrão de dragões do Planalto.
Uma secção de metralhadoras de marinha.

Porém, na tarde a que nos vimos referindo, a que estado estavam reduzidos os efectivos d'algumas d'essas unidades!

Era pavoroso observar a companhia dos disciplinares reduzida a um pelotão!

A companhia europeia reduzida a metade do seu efectivo!

A bateria d'artilharia representada apenas por um grupo d'homens!

O esquadrão de dragões estava tambem reduzido a umas três dúzias d'homens, se tanto!

Uma das companhias indígenas (a da Lunda) estava reduzida a dois pelotões.

Só as outras duas companhias indígenas estavam por assim dizer intactas!

Uma era a 15.ª d'Angola, a outra era a de Moçambique e essa estava *absolutamente* intacta.

Não tinha sido utilisada alem Cunene, embora fosse, como sempre são as companhias de Moçambique, uma unidade de tanto valor como uma companhia de soldados europeus aguerridos.

Lembro-me de que era seu comandante o capitão Remedios da Fonseca, a quem a política mais tarde havia de passar á classe civil por se dizer ou provar que era hostil ao regímen republicano.

Da parte do comando d'esta coluna havia uma certa relutância em utilisar forças estranhas á colonia e assim ficou durante esta campanha uma forte força de marinha estacionando inutilmente a umas centenas de quilómetros de distância da zona de operações activas.

Do grupo de forças que estavam debaixo de forma e em frente dos covaes deviam fazer parte mais de 1500 homens e não estariam mais de 800.

O clima feroz, as balas do inimigo e o massacre da véspera, tinham, em menos de três mêses (Julho, Agosto e Setembro) rapado e inutilizado o melhor de 700 homens.

Quanto a oficiaes o quadro dos presentes era tão desolador como o das praças.

A artilharia estava comandada por um oficial apenas, um alferes!

A cavalaria tinha á sua frente só um capitão e um alferes.

A companhia dos disciplinares apenas estava entregue ao comando de dois oficiaes, o capitão e um alferes.

Na companhia europeia havia unicamente um capitão e um alferes.

Na companhia da Lunda faltavam um tenente e um alferes.

O comandante das forças tinha perdido o seu ajudante de campo que, como voluntario, pedira para comandar no combate de véspera as praças montadas do esquadrão do Planalto.

Mais oficiaes faltavam e entre èsses estavam o capitão medico da armada Silveira e o tenente, tambem da nossa marinha de guerra, Faria Roby.

E' que nêsse combate morreram 16 dos 19 oficiaes que comandavam e acompanhavam o destaca-

mento, e dos três sobreviventes havia um gravemente ferido.

Dos dois sobreviventes válidos um era o alferes de cavalaria Vendeirinho, morto ha anos com um tiro de revolver por motivo de discussões politicas ou cousa semelhante.

Seriam pois umas quatro ou cinco horas da tarde, talvez, quando se estava procedendo á triste cerimonia a que me venho referindo.

O que havia... para enterrar eram apenas aquêles que os camaradas tinham conseguido arrastar do local do combate até onde estacionava o resto da coluna junto á margem esquerda do Cunene nesse dia 25.

Quanto ao resto das baixas, eram 285, ao todo, e... tinham lá ficado... Nunca mais voltaram!

Fazia parte dessa coluna o capitão de infantaria Gomes da Costa (1), que nela desempenhara até êsse dia as funções de comandante dos *Auxiliares*, ou *Irregulares*, como lhe queiram chamar. Este cargo nas campanhas coloniaes é sempre arriscadissimo e ingrato.

O oficial comandante dos *Auxiliares* é pelos seus camaradas considerado uma creatura *sacrificada* sem remissão; mas a esta enorme *consideração* não correspondem as honras militares respectivas porque não tem consideração de comandante de unidade; é apenas considerado chefe de serviço!

A carne dos pretos seus subordinados é sempre considerada *carne sem valor oficial*, embora, e talvez por isso mesmo, seja destinada a cobrir de qualquer ataque de surprêsa a *carne de 1.ª qualidade* dos que constituem as forças regulares d'essas colunas. Por vezes os *auxiliares*, no desempenho das suas funções *tacticas (?)* destacam da coluna, per-

---

(1) Hoje general e comandante das forças portuguezas na *Batalha do Lys* em 9 d'Abril de 1918.

dendo por horas e até ás vezes por dias a ligação com as forças da coluna.

No entanto só um oficial com predicados especiaes pode desempenhar com êxito taes funções. E' preciso que tenha uma longa permanência nas colonias, é necessario que tenha qualidades patentes de valor pessoal, é necessario ser uma creatura que se esqueça absolutamente de si, para se lembrar só de todos os outros.

Como disse, nas colunas em Africa, êsse precioso elemento de cooperação é sempre, e apesar de tudo, considerado um *animal exotico*.

Como comanda uma *pretalhada* suja, cheia de cebo humano, esfarrapada, descalça, resumando *catinga* e sem manobrar formada e á voz da ordenança, é considerado tambem... *oficial indígena*.

Se á coluna escasseiam os viveres é êle que, sósinho com os seus *indígenas*, vae ao encontro do inimigo *roubar-lhe a tiro* (é o termo) os bois de que a coluna precisa, mas a coluna come a carne toda e os *auxiliares*, êsses. . só ficam com as cabeças e os chifres para roerem.

Se a coluna *morre de sêde*, é o comandante dos *auxiliares* que vae com os seus *colegas indigenas* á cáta dos logares onde possivelmente se encontre agua, é êle e *os seus indígenas* quem conduz a coluna até lá, mas chegados todos até junto das *cacimbas*, sitios onde ha agua, o comandante dos *auxiliares* vê os seus homens serem enxotados a sopapo, sôco, pontapé e coronhadas, como miseraveis reptis que pretendessem disputar o que é considerado só... dos outros!

A's vezes até sucede, ao estabelecer contacto com o inimigo, êle, *o oficial indígena*, e os seus *colegas indígenas* verem cair nas suas proximidades balas de artilharia que são destinadas ao .. inimigo!

Como ás vezes amigos e inimigos são só pretos e é só entre êles o tiroteio, não ha excepções!

O comandante dos *auxiliares,* sempre a cavalo, é ás vezes o unico branco entre os pretos. Tendo como arma de defesa pessoal por vezes uma carabina, por vezes uma pistola e um chicote de *cavalo marinho*, a ausência da rutilante espada tira-lhe todas as honras de oficial e comandante de tropas; é para todos os efeitos... *reles indígena.*

Dentro de um *quadrado* ninguem o toma a serio; de cada vez que sae do *quadrado* com a sua gente é considerado um homem *liquidado;* quando na coluna se ouve o tiroteio distante, da sua gente com o inimigo, solta-se um suspiro geral de *alivio* porque cada um adquire desde logo a certeza de que ainda dessa vez a coluna não será atacada de surprêsa (1). Outras vezes todos na coluna rangem os dentes e afiam o paladar *fazendo dêdo,* por assim dizer, a um bom naco de carne fresca de boi. Outras vezes êsse tiroteio é indicio quasi certo de que o *oficial indígena* e a sua *gente indigena* encontraram a almejada agua que o inimigo defende a tiro!

Eis o que é o comandante dos *auxiliares* em Africa, eis as funções que desempenhava na coluna de 1904, «Alem Cunene» o capitão Gomes da Costa.

Os restos da expedição de 1904 estavam formados em linha de colunas das diferentes unidades, e representavam o que tinha sobrado de uma campanha que, tendo começado por ser alcunhada de simples passeio militar, acabára n'um drama que não só abalou profundamente as familias que lá tinham os seus, mas ainda o paiz todo.

Estou em dizer que abalou mais o paiz do que em 9 d'Abril de 1918 quando da ofensiva alemã.

Tratava-se, pois, de prestar a derradeira homenagem e as ultimas honras funebres aos sacrificados

---

(1) Como se sabe, a caracteristica dos ataques das tribus africanas é a surprêsa.

no altar do Dever. O comandante da coluna encarrega n'essa ocasião o capitão Gomes da Costa de dizer duas palavras ás tropas, ácerca do que se estava passando.

Então é que eu vi bem quanto êsse oficial tinha alma de verdadeiro soldado e, não só alma, mas tambem *hábito externo!*

Alto, forte, seco, pele enegrecida e requeimada por uma longa permanência nas colonias, olhos negros que nos momentos solenes chispavam com brilho intenso e desusado, a sua figura, n'êsse momento, impressionou-me.

Já o conhecia de vista e de nome. Quando eu era ainda rapaz estive a banhos na Ericeira e aí o vi pela primeira vez; era êle então tenente e comandante da secção da Guarda Fiscal. Mais tarde, quando de um triste incidente havido na barra do nosso Tejo, em que foi levada para o meio do Oceano uma pequena embarcação com dois naufragos, que eram as vítimas de um passeio divertido e regado a vinho, em um domingo da semana que ia começar, o tenente Gomes da Costa, em uma pequena embarcação, á vela e a rêmos, procurou entre a Ericeira e o cabo da Roca, percorrendo o mar deserto, as duas vítimas do fatal passeio. Infelizmente as suas pesquisas resultaram infrutiferas, embora durassem muitas horas seguidas, incluindo nessas horas algumas da noite e da madrugada.

O seu nome, na época em que se passaram os acontecimentos que acabei de narrar, fazia parte dessa pléiade de heroes e benemeritos da Patria como o foram Antonio Ennes, coronel Galhardo, Eduardo Costa, Freire d'Andrade, Paiva Couceiro, Mousinho d'Albuquerque, Sanches de Miranda, Diogo do Couto, medico da armada Amaral, Caldas Xavier e muitos outros que a fraca memória dos portuguêses suprimiu já da *lista de gratidão* dos povos!

Esses benémeritos eram heroes porque não hesi-

tavam em misturar o proprio sangue para afrontarem o inimigo comum.

A politica dos ultimos anos da monarquia e dos primeiros do regimen republicano *lançou* outra especie de heroes que misturam o proprio sangue é certo... mas é em lutas fratricidas que por vezes teem atingido a ferocidade de lutas selvagens; e ao glorificarem-se nessas lutas não percebem, vencidos e vencedores, que todos se enfraquecem!

Mas... não baralhemos assuntos incompativeis...

O capitão Gomes da Costa, voltando-se então para as forças formadas em linha de colunas com frente aos covaes, descobriu-se, fitou as forças durante alguns segundos percorrendo-as com a vista e, numa voz sentida e solene ainda que vibrante, disse:

— «Senhores oficiais e sargentos!... Vamos prestar as nossas ultimas homenagens e despedidas áqueles dos nossos companheiros que, vitimas dos mais sagrados deveres militares, cairam para sempre na luta de ha vinte e quatro horas!»

Calou-se uns momentos como que a medir as palavras que ia proferir e recomeçou, avançando para os soldados e mostrando os mortos com o gesto simultâneo dos braços que estendeu para os covaes, ao longo dos quaes estavam estendidas umas três dezenas de cadaveres.

— «Soldados!... O ideal, a consolação suprema e o ultimo desejo do soldado que não pôde vencer é uma bala inimiga na testa e um palmo de terra a cobril-o para sempre!»

Depois, voltando costas ao funebre espectaculo das carnes esburacadas que começavam a apodrecer e bem de frente para as tropas, fitando em especial os oficiaes, disse:

— «Meus senhores e camaradas!.. O soldado não vence quando quer, mas sempre que pôde!... Se porém ao lutar cae vencido... ao morrer... só quer uma cousa!... Quer que o vinguem!»

Apontando então para os covaes, disse:

— «Não devemos esquecer os que morrem!... Por isso, áqueles que são religiosos e acreditam em Deus, eu peço que rezem uma *Ave-Maria,* por alma dos nossos bravos companheiros, que não puderam vencer!... e aos que não creem em Deus eu peço que por momentos, alguns apenas, entreguem o seu pensamento á memória dos que estamos vendo, pela ultima vez!»

Ao acabar a ultima frase, punha um joelho em terra e, um pouco curvado, esteve uns momentos com a cabeça descoberta.

A coluna ajoelhou toda instintivamente e, ao levantarem-se, todos os soldados das unidades europeias tinham os olhos rasos d'agua e alguns choravam convulsivamente!...

Que dizem a isto os livres-pensadores, que *trincam* e *mastigam* os santos, sempre que sabem que ninguem lhes faz mal, nem mesmo os proprios santos?

Naturalmente esses *valentões* acabam tambem por chorar á força de rir!

.....

Em Moçambique, na campanha contra os alemães, depois do combate do Rovuma, em seguida ao choque sofrido por marinheiros que não tinham podido vencer, uma requinta que pouco antes retinira notas vibrantes de ordens a bravos que se estavam batendo sem condições, ou seja sem olharem a perigos, entoava no convez de um cruzador da marinha de guerra da Republica Portuguêsa as notas do toque das *Ave-Marias*... Todos se descobriram e alguns sentiram as lagrimas correrem-lhes francamente pelas faces abaixo!

Já então o dr. Afonso Costa, em discursos, decretos e determinações cheias apenas de logares comuns, tinha ordenado a *matança* e *massacre geral* de todos os santos e santas da côrte dos ceus... mas a Gente Portuguêsa, depois de se bater e mor-

rer como só sabem morrer os *fortes*, continuava a ter como derradeira homenagem uma *Ave-Maria* resada pelos sobreviventes, de joelhos ou com a cabeça descoberta, e por vezes nessa *Ave-Maria*, com a ultima das saudades, corriam as lagrimas que só os *fortes* e os *eleitos* sabem e podem chorar!

E' possivel reagir praticamente contra a mais forte força de uma raça que é a tradição?

Não é!

Na Flandres acordei numa manhã ao som solene e impressionante de um côro religioso. Havia através dêsse côro vozes agudas entoadas por gargantas femininas, mas por sobre elas, e marcando em cheio a harmonia dos canticos, distinguiam-se vozes fortes e ásperas de homens. Perguntei ao meu impedido o que era aquilo. Respondeu-me secamente que:

— «Era na egreja».

Saí á rua, encaminhei-me para a egreja e ao entrar fiquei pasmado.

Algumas centenas dos mil e tal homens do meu batalhão entoavam o *Bemdito e louvado seja* em português. Algumas dezenas de mulheres francêsas acompanhavam cantando apenas o hino religioso entoado, de joelhos e mãos postas, pelos que haviam de ser em breve os mais bravos soldados da infantaria portuguêsa na Flandres.

Eram os soldados de infantaria 15, que estavam, em começos de abril de 1917, acantonados na aldeia de Rincq!

O padre era francês! Era o cura da aldeia francêsa, que dirigia a cerimonia religiosa dos meus soldados!

Saí indignado e desde essa ocasião resolvi pedir um capelão português para acompanhar a minha unidade ás linhas, tendo em minima conta os juizos que sobre a minha resolução fariam os ferozes e ridiculos *livres-pensadores* do C. E. P. e do meu paiz. A minha deliberação coincidiu com o apa-

recimento no batalhão do chefe dos capelães do C. E. P., dr. José do Patrocinio Dias.

Que disem a isto os *tesos* que passam a vida a investir com os santos e com as cruzes?

Os soldados de infantaria 15 não seriam bravos por serem religiosos, mas podiam ser e foram sempre religiosos e bravos.

E os que não eram religiosos, mataram, feriram e aprisionaram alemães, mas nunca se sentiram afrontados pelos santos.

Eram *fortes*, e tiveram sempre um grande desprêzo pela cobardia e pelos ridiculos alheios.

Não sei se sou um livre-pensador, um religioso ou um desorientado, mas sei que tive sempre um asco profundo pelos que não deixam os outros pensar livremente.

Os *livres-pensadores filiados*, se não querem rezar, não resem; mas deixem rezar os crentes e, sobretudo, os incultos, porque êstes, pelo menos, não teem nas horas amargas da vida outra consolação nem outro conforto moral.

Sempre assim o compreendi e... nunca me arrependi de tal *fraqueza!*

Tenho como ponto assente, em materia religiosa (qualquer que ela seja), que os deuses das varias religiões só podem *fazer mal ás nossas almas,* que no fundo talvez sejam mais uma invenção nossa do que dos deuses... Quanto aos nossos corpos, dêsses é que êles, os deuses das varias religiões, não podem dispôr nunca porque pertencem á terra que, na sua avidez insaciavel, fal-os sempre desaparecer, deixando, quando muito, as ossadas á posteridade.

Como lógica estabelecida pelos *livres-pensadores filiados* vemos, anos depois de decretada a lei de perseguição á religião nacional, um grupo de *têsos* assaltar o *Templo do Grande Oriente Lusitano.*

O fundamento ou rasão inicial d'êste assalto era ser o referido templo club de práticas ridiculas

com processos odiosos já fóra da época, uma especie de *egreja dos livres-pensadores*.

Na *egreja do livre-pensamento* não havia santos para partir e queimar.

Que fizeram então os *tésos?*

Foram-se aos aventaes, babeiros, almofadas, espadas e outros utensilios do ritual maçonico e pisaram tudo a pés juntos, rasgaram á dentada o que puderam e o que ficou ou partiram, ou roubaram ou queimaram!

Esses *têsos* afrontavam, como os anteriores agressores dos santos, um inimigo imaginario d'ocasião.

Essa *profanação* não os levará aos infernos da maçonaria, mas tambem os não leva ao ceu dos catolicos.

E assim se transformaram em Portugal os templos catolicos e maçonicos em campos de batalha nojentos!

Que tédio!...

Deixem, pois, os *livres-pensadores filiados* rezar quem reza e não sejam ridiculos com taes preocupações, para que se não conclua que o *livre-pensamento organisado* é... uma religião de fanaticos como qualquer outra, em que os deuses são os grão-mestres; os santos, os veneraveis; os padres, os irmão terriveis, os irmãos oradores, os mestres de cerimonias, os irmãos vigilantes, os esmoleres, etc., etc.; e os crentes, os neófitos, os aprendizes, os companheiros, etc., etc.

Como o leitor deve saber, a religião dos *livres-pensadores filiados* tem um ritual tanto ou mais complicado do que o catolico. E assim como quem batisa um filho na egreja catolica é por tradição obrigado a oferecer aos convidados um «lunch», assim na *religião maçonica* ha tambem um «forró-bódó», quando o neófito é... batisado; com uma diferença apenas, e é ela a de que quem paga a ceia não são os paes da *creança*, é a propria *creança*, que é como quem diz o neófito!

Se profundarmos bem o âmago d'esta eterna questão entre o Catolicismo e a Maçonaria, vemos que as vantagens estão todas do lado do Catolicismo que fez tudo ás claras, excepto o que reza o padre, que continúa a ser em latim para que ninguem ou quasi ninguem perceba nem compreendo o que o padre reza; emquanto que a Maçonaria fez as suas cerimonias religiosas *á porta fechada* porque, apregoando que os seus espiritos são fortes e livres de preconceitos, o mação sente a sua consciencia dizer-lhe nos momentos *lúcidos* que tudo aquilo seria ridiculo e infantil, se não fosse... *uma fraqueza* d'aquelas que bradam aos ceus, de todas as liberdades, crenças e religiões.

Confiar num ente supremo é humano; abdicar da propria vontade tem o seu quê de... animalidade e de indecoroso.

Uma cruz na campa dum... catolico?

(Campanha do Cuanhama, 1915)

Tinham-se travado os três combates memoraveis da Mongoa e a coluna do comando do general Pereira d'Eça já tinha conseguido restabelecer as ligações com o Humbe.

Tinham sido maus dias êsses, em que perto de três mil homens tinham estado cercados pelo inimigo e na perspectiva de uma retirada por falta de recursos (alimentação e munições).

O que teria sido essa retirada, se a coluna do Cuamato não corre em socorro da coluna do Cuanhama, ninguem póde a sangue frio calcular.

Seria a salvação de perto de 3000 homens?

Seria apenas uma campanha quasi perdida?

Seria uma epopeia pavorosa e tragica em que a baioneta supriria a bala de espingarda e a fome e

a sêde seriam substituidas pelo alento sobreumano com que ás vêses o instinto da conservação resiste aos mais fortes inimigos e nas peores condições de luta?

Ou seria mais um massacre geral das nossas forças a coroar a insubmissão, audacia e rebeldia das tribus aguerridas do Cuanhama?

Eu julgo que esta ultima hipotese seria a que mais probabilidades tinha de realisação.

Todas estas considerações veem a proposito para referir que o *Deus dos catolicos*, nesses dias, começou a aparecer, com relativa frequência, pelo quadrado das Chânas da Mongua.

Hoje já muitos *têsos* se esqueceram d'essas *visitas*, mas eu lembro-me muito bem do que por lá vi e ouvi, para estar agora aqui a trepidar em fazer essa revelação, sensacional para os que berram injurias contra os santos e fazem *chacota oficial* da religião do meu país.

E tanto eu nêsses dias observei com curiosidade o *cataclismo* da descrença religiosa que vou referir em poucas palavras um facto em que se revelou o fundo religioso de um prégador de *ideias livres* e em que eu fiz de *demonio tentador*.

Junto a uma das faces do quadrado e fóra da linha dos atiradores tinha sido enterrado de manhã muito cedo um «chauffeur» a que o inimigo matara e mutilara ferozmente.

Outro «chauffeur» estava ainda acabando de arranjar e ageitar o montinho de terra que marcava a ultima morada do infeliz companheiro e conterrâneo.

Eram ambos de Lisboa.

Sem ter nada que fazer nessa ocasião deliberei entreter o tempo, estudando as atitudes do vivo perante o espectro da morte.

E' sempre um assunto de muito minha predileção e só lamentarei uma cousa cá por este mundo ou mesmo pelo outro, que é não poder *estu-*

dar-me bem á vontade, quando chegar a minha vez de tambem morrer.

Naturalmente as dôres e os sofrimentos não me deixarão a serenidade bastante para êsse estudo.

Se tiver morte subita e fulminante, então fico o que se chama comido completamente nos meus desejos.

Mas vamos lá ao que interessa.

O «chauffeur», depois de ageitar o coval do camarada, afastou-se do local e voltou quasi logo com uma linda cruz de madeira que denotava ter sido de fabrico esmerado e com o respectivo R. I. P. d'um lado marcado a fogo e do outro lado, uma data, tambem aberta a fogo.

Com muito carinho espetou a cruz em um dos estremos do coval (do lado da cabeça) e quando êle ia proceder aos últimos retoques, com os ares mais naturaes que poude simular, disse-lhe:

— Olha lá, ó rapaz! Para que é essa merda aí?

Se eu o tivesse chicoteado com um cavalo-marinho, o «chauffeur» não se tinha voltado tão rapidamente e como que de um salto. Fitou-me, empalideceu e circumnavegou a vista em redor, olhando um tanto espavorido para a mata que nos cercava.

D'essa mata não podia decerto vir o Deus dos católicos a fulminar-me pelo disparate.

No entanto êle, receando o Deus que castiga os pecadores, não olhou para o ceu, olhou para a mata que nos rodeava.

E' que êle esperava com certeza que o Deus que castiga os pecadores católicos se encarnasse em alguns cuanhamas que lhe fizessem o que já tinham feito ao seu camarada ali enterrado.

Ao descortinar o terror supersticioso estampado na cara d'êsse figurão, reforcei a minha invectiva com frases mais adequadas e tentei raciocinar com o fervoroso católico *d'ocasião*.

— «Sim! disse-lhe eu, tu sabes se êsse rapaz que está aí enterrado era católico?

— Ele foi baptisado, meu capitão, respondeu-me o «chauffeur» um tanto perplexo pela minha observação *livre-pensadeira.*

— Isso não quer dizer nada. Ele pode ter sido baptisado em pequeno e depois não querer ser católico, nem ter religião nenhuma, e o que tu estás aí a fazer é uma violência. Tu sabes se êle ia á missa aos domingos, e se tirava o chapeu ao passar pelas egrejas?

— Não senhor, respondeu-me o meu interlocutor, córando um tanto ou quanto por perceber que eu estava, por assim dizer, a levar à parede, não o morto, mas a êle próprio.

— Então para que lhe puzeste tu aí uma cruz?

O «chauffeur» ficou visivelmente embaraçado e depois, em uma atitude sacudida, disse-me:

— E' para ficar assim marcado o logar onde êle está.

— Mas para isso não é preciso pôr aí uma cruz com essas letras e com todo esse aparato de religião; basta uma tabolêta com o nome do rapaz.

Então o «chauffeur» encarando-me bem de frente e em frase franca e decidida, respondeu:

— Mas assim fica melhor, meu capitão!

Vendo então deante de mim a força enorme da tradição, dei o incidente por findo, sorri-me e retirei-me.

Para terminar, direi que em um trajecto dos Gambos para o Humbe, no camião que êsse «chauffeur» guiava, eu ouvi ao meu interlocutor e católico converso as mais soézes e bestiais referências a padres e irmãs da caridade, de mistura com afrontosas frases a respeito da religião católica.

Mas todo êste *livre pensamento* passava-se antes das operações activas nos primeiros dias de agosto. A entrada na zona inimiga deu-se em 14 de agosto e antes de terminar êsse mês já êsse figurão punha cruzes com R I P á cabeceira das campas *porque assim ficava melhor.*

Tenho a impressão de que, no meu paiz, 99 % dos livres-pensadores são de qualidade de bater nos peitos, de joelhos deante de uma cruz. A questão é... aparecer a *ocasião!*

Haverá muitos católicos *a fingir*, mas o que diremos dos livre-pensadores *a fingir?*

Na coluna que se bateu na Mongua havia tambem oficiais *livres-pensadores* e não poucos, mas nenhum advertiu o «chauffeur». Se era para respeitar as crenças alheias admira-me de que não mantivessem sempre êsse programa em tempos de paz! *Ah! Têsos, têsos!*

Conclusões

Para terminar e em resumo: da *megalomania* que se manifesta pela exibição provem a *insensatez*, que provoca no *têso* o *odio sem lógica*, que desperta uma *energia de feras* e d'ahi provem o *furor dos irreflectidos!* Mais tarde aparece uma *decisão* de *tarados mesquinhos* e *apavorados*.

E' toda a obra do *têso* em Portugal nestes ultimos 15 anos.

E por cima e á frente de todo êste montão de insensatez avultam alguns nomes, que pelas suas altas funções públicas exercidas em Portugal até hoje, tinham por dever incutir e prégar crédos mais alevantados do que aquêles que glorificam a *tesura* fazendo a apoteose do *têso*.

II

A BRAVURA!

I

O nosso capitão é valente! Mas o nosso tenente... êsse é só «têso»

Ser *forte* é ter caracter, brio e dignidade.

Ser *forte* é tambem ter inteligência, ser estudioso e trabalhador.

Ser *forte* é ser generoso, justo e tolerante.

Quem tiver èstes predicados todos, ou quasi todos, é um *bravo* por naturesa não só nos campos de batalha, mas tambem nêsse grande campo de lutas que se chama a vida social, e não precisa nunca medir a sua coragem física e moral, porque tem sempre o que é preciso e não mais.

Por isso, se tem a certesa de que não precisa arriscar a vida para avaliar a sua coragem em lutas sangrentas, não busca êsse campo, porque tem a *consciência* de que não precisa d'essa prova *moral*.

Que pensem bem profundamente no que afirmo os que me lerem, e serenamente, em consciência e a sangue frio, hão-de me achar razão.

Só o normal psíquico é o mais *bravo*.

Não tem *tesura* nenhuma.

Não sabe o que isso é, nem precisa saber.

E' um *forte* e porque é forte é sempre um *bra-*

vo! Tem tudo quanto precisa ter para saber até onde o devem levar os seus *deveres* e até onde devem ir as exigências dos seus *direitos*.

Cincoenta por cento da raça portuguêsa não possuirá os predicados necessários para cada um, a dentro da sua esfera d'acção, ser um forte? Conheço bem portuguêses para poder afirmar que mais de cincoenta por cento são materia prima para se fazerem *fortes* elementos de luta e de vitalidade, porém o que falta nos momentos de crise é o caracter, de que ninguem trata no meu paiz e que nas escolas é considerado elemento de valor nulo para preparar *élites*. D'aí a perda de confiança da massa da nacionalidade nos dirigentes e chefes e o desprêso profundo d'êstes pela massa da nação e, portanto, da raça.

No meu paiz perseguem-se os *fortes* como uma força que afronta e animam-se os fracos como uma *mina* a explorar em proveito proprio; d'aí a fraquêsa aparente de uma raça, a portuguêsa.

Nas raças em que a bravura, isto é, a coragem física e a coragem moral são admiradas e cultivadas, cada um tem confiança em si e por isso não precisa do auxilio moral dos outros.

Ninguem o afronta nunca, por isso não se preocupa com aquilo que aos *têsos* póde parecer uma afronta.

Aquêle que tem a consciência de que é forte póde reagir contra injustiças e opressões, mas fal-o até onde é preciso para levar o inimigo álem do terreno que lhe pertence de direito e com isso se satisfaz. Só desce ás violências necessarias para repelir o agressor, sem ter a preocupação de o vexar ou fazêl-o sofrer. Vigia-o, mas não o persegue.

Repele serenamente sujestões odiosas que lhe façam para ir além da desafronta que o seu espirito de eguidade lhe trace.

A *bravura* é sempre predicada dos *bons*, dos *melhores*.

O *têso,* fóra do meio que o adula, é *odiento*, *antipático* e causa *repulsa* instintiva.

O *bravo* domina, infunde simpatia e atrae, não só os que o cercam, mas ainda os que, conhecendo-o, longe d'êle vivem.

A *bravura* é a negação da *tesura* e vice-versa.

Eu já vi soldados correccionais (disciplinares) em Africa, conversando uns como os outros, comentarem os predicados de dois oficiaes que os comandavam da seguinte maneira:

— «O nosso capitão é valente! mas o nosso tenente!... êsse... é só têso...

Pela necessidade e natureza dessa tropa, êsses dois oficiaes tinham que empregar repetidamente violências para submeter êsses elementes incorrigiveis ao rigoroso cumprimento da disciplina. Ambos êles na coluna de que faziam parte deram sempre de si boa conta debaixo de fogo. Mas um era valente, o outro... êsse. . era... só *têso*!

Que grande lição de observação da naturesa humana eu recebi nêsse dia!

Nunca mais me esqueceu.

Um era só *tês* , o outro sim, êsse é que era o *valente.*

Apesar das provas de serenidade no perigo serem quasi eguaes, o tenente era só *têso* não era *valente*!

Se alguma cousa havia a distinguir entre o *tenente* e o *capitão* era uma insistência forçada do tenente em correr mais riscos do que todos, para que os soldados vissem duma maneira bem patente o seu procedimento. O capitão não se preocupava com isso porque... em sua consciência não sentia essa necessidade. De facto tinha mais qualidades de *bravura* natural do que o tenente, que tinha uma ligeira tara de *tesura.*

Ambos dispunham duma excepcional energia como militares, mas um era *valente*, o outro... êsse, era... só *têso.*

II

Bravura colectiva

(Uma carga de cavalaria no Sul d'Angola)

No dia 18 de agosto de 1915, pelas 9 horas da manhã, na *châna* (1) da Mongoa, a um quilómetro e meio das *cacimbas* (2) do mesmo nome, recebia uma coluna de tropas portuguêsas, formadas em quadrado, um violento ataque. Essa coluna tinha como objectivo submeter ao jugo da soberania portuguêsa a tribu gentílica mais aguerrida e mais bem armada de toda a nossa colonia d'Angola.

A direção da marcha do quadrado era para leste e o objectivo da marcha era N'djiva, «embala» do soba dos Cuanhamas, a alguns quilómetros da fronteira sul da colonia.

A face da frente da marcha (leste) era constituida por um batalhão da nossa marinha de guerra. Era comandante desta face o capitão-tenente Afonso de Cerqueira, um dos mais bravos e serenos oficiais que me tem sido dado observar debaixo de fogo.

A face da direita (sul) era constituida por duas das companhias do batalhão expedicionario de infantaria 17. Comandava esta face o major Pires Viegas.

A face da direita (norte) era constituida por outra companhia de infantaria 17, por duas companhias de landins e por um grupo de auxiliares damaras. Era comandante desta face o capitão de metralhadoras Henrique Cameira.

---

(1) Nome gentílico dado ás planicies cercadas da vegetação caracteristica d'essa zona da nossa colonia d'Angola.

(2) Escavações feitas pelos indigenas e que desempenham as funções de poços, embora rudimentares. A's vezes apenas se encontra lama para matar a sêde.

A face da rectaguarda (oeste) era constituida pela restante companhia do batalhão de infantaria 17. Comandava esta face o capitão de metralhadoras Teles d'Azevêdo.

Isto no que se refere a forças de infantaria e comandantes de faces.

Guarneciam tambem o perímetro do quadrado duas baterias de artilharia de campanha divididas em quatro secções distribuidas pelos 4 pontos do quadrado; quatro baterias de metralhadoras, das quais uma de marinha, ocupavam os centros das faces.

Durante o ataque os dois esquadrões de cavalaria (1) que faziam parte da coluna conservavam-se apeados, ao centro do quadrado e com os cavalos á mão.

O comandante deste grupo de esquadrões era o major de cavalaria Vieira da Rocha, que em combate tem como caracteristica o conservar inalteravel a sua habitual linha de «gentleman».

Além d'isso havia dentro do quadrado os trens de subsistências e combate constituidos por quasi duas centenas de viaturas e respectivas atrelagens.

O quadrado estava bastante compacto; apesar d'isso, durante a primeira hora, o combate decorreu com os tropas de pé e sem abrigo algum!

Depois das 10, como o fogo continuasse persistente, certeiro e mortifero, veiu ordem para todos se ajoelharem, e mais tarde, pelas 10 e meia, as tropas receberam ordem para se abrigarem melhor com alguns sacos de terra.

O fogo era tão intenso que se tornava necessario transmitir as ordens verbaes berrando aos ouvidos de cada um. O quadrado parecia uma cratera infernal vomitando fogo e despejando ferro e chumbo sem conta, nem peso, nem medida.

Por cima das nossas cabeças zumbiam projecteis

---

(1) Estes esquadrões tinham sido destacados dos regimentos de cavalaria 4 e cavalaria 11.

inimigos em todas direções e em quantidade tal que se tornava impossivel contar mentalmente o numero dos silvos que cada um sentia. Esta situação durava havia quasi duas horas e o fogo inimigo, se afrouxava por momentos, era para logo retomar a mesma intensidade!

A artilharia lançou n'êsse combate pela bôca das peças que guarneciam a face norte, do comando do capitão Cameira, mais de 2000 tiros.

A meio do combate, o major Pala, comandante do grupo de baterias, caira gravemente ferido, quando, a cavalo, percorria o quadrado, dando ordens aos seus comandantes de baterias, capitães Alegria e Lourenço, o primeiro sempre ruidoso, o segundo falando muito pouco.

A ambulância começava a estar atulhada de feridos ligeiros e graves.

Já n'ela tinham dado entrada alguns mortos.

O chefe do serviço de saúde, dr. Vasconcellos e Sá, ao olhar para êstes, não os podendo curar, praguejava, articulando os mais terriveis palavrões da lingua portuguêsa, que, como se sabe, é riquissima em obscenidades. O alvo das suas pragas eram os negros que nos faziam fogo e que durante essas duas horas deviam ter ficado *com as orelhas a arder*.

Eram 11 e meia e o fogo inimigo não afrouxava.

O dr. Vasconcellos e Sá a essa hora já não estava furioso, estava apoplético, porque, embora achasse magnifico o nosso fogo, não podia admitir que o inimigo nos matasse alguma gente.

O seu praguejar pitoresco chegava a provocar a hilaridade de alguns feridos.

Fazia contraste com esta sua atitude furibunda o carinho e disvelo com que dirigia os serviços da sua profissão e até os cuidados que pessoalmente prodigalisava aos feridos.

Um ligeiro ferimento que me levou á ambulância facultou-me durante alguns minutos êste espectaculo

curioso e cheio de contrastes opostos do nosso chefe do serviço de saude.

Perante feridos, boas palavras, carinho desmedido e disvelo pouco vulgar; ao vêr mortos, murros fechados, espuma na bôca e pragas capazes de fazerem corar como mulheres honestas os negros a quem eram dirigidas!

O ataque não tinha a mesma intensidade sobre as quatro faces do quadrado; a face sobre que incidia mais violento era a que estava voltada para o norte, composta por uma companhia de infantaria 17, landins e auxiliares; a face leste, que a marinha guarnecia, tambem era bastante molestada; as outras duas faces recebiam fogo de enfiada e eram varejadas pelas costas!

Tambem aí havia baixas e não poucas. Ninguem calcula a depressão moral que se apossa de quem tem que se deixar fuzilar pelas costas horas seguidas sem se poder voltar para o inimigo e fazer-lhe tambem fogo.

Para fazer cessar o combate com vantagem moral para nós, portuguêses, havia duas resoluções a tomar: ou mandar carregar á baioneta as duas faces do quadrado que estavam sendo atacadas, levando os atiradores das faces até á orla do bosque fronteiro, tomando-o e fazendo por assim dizer *respirar* o quadrado, ou, solução de maior sacrificio, mandar carregar a cavalaria em forrageadores pela mata dentro, expondo os enormes alvos dos cavaleiros ao fogo certeiro do gentio. O comando da coluna opinou por esta ultima solução.

Para isso deu ordem para que os esquadrões saissem para fóra do quadrado e formassem a um e outro lado das faces oeste e leste do mesmo com a frente voltada para o inimigo, isto é, para o norte.

Os dois esquadrões montam rapidamente e executam com prontidão a ordem recebida.

Esta rapida manobra foi feita ao som dos tiros da nossa artilharia de campanha, do crepitar anti-

pático das metralhadoras e das descargas cerradas da face norte, sobre que mais se encarniçava o inimigo.

A face do batalhão de marinha teve que cessar fogo para que a cavalaria se pudesse colocar na sua frente.

Continuava a cair aqui e acolá um ou outro atingido, embora a coluna a essa hora estivesse fazendo fogo deitada e todos o mais abrigados que era possivel.

A maioria dos graduados e quasi todos os oficiais conservavam-se de pé, vigiando o fogo dos soldados e dando as suas ordens.

Dando a direita ao quadrado formou o esquadrão de cavalaria 11 que era comandado pelo capitão Cunha e Costa; dando a esquerda ao quadrado, formou igualmente o esquadrão de cavalaria 4 sob o comando do capitão Luiselo Godinho.

Se a saida do quadrado foi rapida, a manobra da formatura demorou alguns minutos embora poucos.

Durante êsses poucos minutos, passou-se um incidente que é digno de ficar registado na história das nossas campanhas coloniaes, embora o *reclamo* não seja muito de apreciar por parte d'aquêles que só das *cousas* da Europa gostam de tratar, deixando as *cousas* das colonias para segundo plano... obstinando-se ainda hoje em quererem convencer o paiz de que se defendiam as colonias invadidas e sublevadas pelo inimigo... nas planicies de La Lys!

....

Guarnecia o centro da face oeste, voltada para cavalaria 11, a bateria de metralhadoras do comando do capitão Teles de Azevêdo.

E' preciso não esquecer que o inimigo, apesar de ser constituido por *pretos* d'Africa, (como lhe chamavam os *têsos* das guerras na Europa), estava todo êle armado com espingardas estriadas de car-

regar pela culatra, Martini Henry, e d'algumas centenas d'armas de repetição.

.....

Um soldado da citada bateria de metralhadoras, ao vêr deante de si o esquadrão de cavalaria 11, impassivel perante o silvar enervante das balas do inimigo, levanta-se, tambem indiferente á boa pontaria dos aguerridos cuanhamas e, n'um arranco, n'um brado que todo o quadrado ouviu, gritou, levantando bem alto com a mão direita o capacête; — *Viva a cavalaria portuguêsa!*

Quasi toda essa face corresponde n'um brado forte e unisono: — *Viva!...*

Então, os soldados de cavalaria 11, olhando para a face do quadrado que os saudava, colocam os capacêtes na ponta das lanças e, levantando estas ao alto e para o ar, gritam tambem, indiferentes ao fogo certeiro e cerrado do inimigo: — *Viva a nossa infantaria!...*

Em seguida a esta correspondência de *cumprimentos* em combate começou a ouvir-se entoar a «Portuguêsa»!

Esse cantar partia dos soldados de infantaria 17 que estavam mais proximos ás metralhadoras e que por êste modo foram arrastados pelo homem que primeiro arrancára do seu peito de verdadeiro soldado o viva de saùdação á cavalaria portuguêsa, que ia com as pontas das suas lanças atrevidas desafiar o ânimo aguerrido do feroz inimigo!

Nos dois esquadrões, os soldados de cavalaria cantavam tambem a «Portuguêsa», descobertos, com os capacêtes na ponta das lanças e percorrendo o quadrado com um olhar de estranho brilho!

Era o «*Ave!* Cesar! Morituri te salutant» dos gladiadores da escola moderna e contemporânea!

O inimigo, espantado e atónito com esta maneira de *fazer a guerra*, nova para êle... afrouxou o fogo!

N'essa altura já toda a coluna, de pé e sem nin-

guem a fazer fogo, cantava, n'um brado, harmónico cheio e forte, a «Portuguêsa» !

Alguns oficiais cantam tambem, outros esquecem o inimigo e admiram êsse estupendo, extranho e único espectaculo !

Os *landins*, êsses, por não saberem cantar a «Portuguêsa», cantam e dansam o seu hino de guerra, o *baête-mcâno*, dando saltos enormes e disparando as armas... para o ar !

Ha soldados de artilharia de pé em cima dos armões e dos cofres de munições, que, descobertos, saudam egualmente com os capacêtes os seus camaradas de cavalaria prestes a carregarem !

Por toda a coluna vibra a nota da bravura, sem artificio, sem constrangimento nem nota discordante. Era a bravura colectiva duma raça que não quer, não espera e não póde morrer !

O major de cavalaria Vieira da Rocha, comandante da cavalaria da coluna, passa nêsse momento pela frente da face norte do quadrado, entre êste e o fogo do inimigo, num belo e solene meio galope do seu cavalo branco, acompanhado do seu ajudante.

De monóculo, punhos e colarinhos engomados, de uma brancura impecável, na farda apenas as rugas e pregas indispensáveis para não comprometer a sua figura de *gentleman*, chic e correcto, o major Vieira da Rocha mais me deu a impressão de subir a Avenida em dia de reunião de *bom tom*, do que a de um major de cavalaria prestes a carregar à frente dos seus esquadrões.

A sua bravura tinha uma nota muito pessoal e muito dominante, que era o trajar correcto, uma certa *pose* exterior e uma simplicidade cativante na conversa. Como oficial de cavalaria que era transmitia a suas ordens com uma certa dureza e secura.

O major Vieira da Rocha, sem agua para se lavar, como a todos nós sucedia, havia uns seis

dias, conseguia distinguir-se êle só d'entre todos, pelo seu trajar impecável e pela sua bravura tambem impecável.

Era um dos já minguados restos da escola de Mousinho d'Albuquerque e, ao galopar pela frente do quadrado, ia verificar se os esquadrões estavam prontos para começarem a carga e dar as suas ultimas ordens.

Por fim os esquadrões estendem em linha e rompem num galope impetuoso.

E' nessa altura que o major Vieira da Rocha perde o seu cavalo branco, que caiu fulminado por uma bala no peito. Não era sem tempo; a sua côr branca e a impassibilidade com que o seu cavaleiro se expunha, isolado do resto da massa das tropas, acabaram por ter o previsto epilogo!

.....

No quadrado continuavam todos de pé, seguindo com a vista êsse furioso *elan* dos seus irmãos de armas que carregavam cantando um hino, que, naquêle momento, representava o brado duma nacionalidade e não um simples hino de regimento.

Os soldados de cavalaria carregaram, de lanças no ar, cantando a «Portuguêsa» e ainda depois de terem todos desaparecido pela mata dentro chegavam até ao quadrado as notas d'êsse canto, trazidas de longe pela brisa forte que soprava do norte.

No quadrado, que emudecera quasi de repente ao ver desaparecer a cavalaria na mata dos espinheiros, ainda se ouviram compassos da «Portuguêsa», entrecortados pelo crepitar do fogo vivissimo com que o inimigo ceifava certeiramente a nossa cavalaria!

O esquadrão de cavalaria 11 perdeu nêsse dia quasi todos os seus cavalos, quasi um terço do seu efectivo em homens, teve um oficial ferido gravemente e perdeu outro oficial, que no dia seguinte foi encontrado mortalmente atingido no figado por uma bala e... afrontosamente mutilado!

Quanto ao esquadrão de cavalaria 4, êsse por um triz que não deixa lá ficar um pelotão inteiro sob o comando do bravo e brioso alferes Eduardo Romero!

O que se passára antes da carga de tal modo inebriára *a gente portuguêsa da lança* que, embrenhados pela mata dentro, perderam a ligação uns com os outros e avançaram, indiferentes aos tiros certeiros que lhes eram dirigidos de cima das arvores e por detraz dos morros da *salalé!*

Essa carga, fatal para muitos, poz fim ao combate d'êsse dia, mas foi um final de sacrificio, que honra o nosso soldado, porque tudo o que acabo de narrar pertence só aos soldados da coluna do Cuanhama. Não pertence a mais ninguem.

Foi um brado da raça portuguêsa, não foi ordem de *superior nenhum.*

Presenciei todos estes factos muito *á minha vontade*, porque durante êles não tinha missão alguma a desempenhar.

Era um comandante de *irregulares* (auxiliares) e estes só compartilham do serviço de exploração em marcha, fazendo durante ela as possiveis *razzias* no inimigo. A's vezes tambem podem ser destacadas para alguma *razzia* considerada operação de detalhe.

Portanto, tive todas as vantagens de *mirone*, que só precisa contar o que viu e ouviu, sem fantasiar ou exagerar e até sem escolher fórma literaria... porque não é preciso!

Os adjectivos estragariam quanto isto tem de sublime.

Na Flandres não vi cousa parecida com o que acabo de narrar.

E' que lá não estava a alma de uma nação... estava só... a *diplomacia* da guerra na Flandres.

Alguns anos antes, durante a campanha do Cuamato de 1907, um esquadrão de cavalaria portuguêsa sob o comando do capitão Martins de Lima

recolhia ao quadrado a passo e ao som da marcha de guerra tocada pelos seus clarins, em seguida a uma carga que foi um verdadeiro «raid», trazendo comsigo os mortos e feridos. Os marinheiros e soldados do quadrado, com as espingardas levantadas ao ar e de pé em cima do parapeito, recebiam os seus camaradas de cavalaria com vivas estridentes e vibrantes!

Não ha nada que chegue ao que se chama *defender o que é nosso e onde de direito.*

Na Flandres os soldados cantavam a «*madelone*» e outras árias e marchas em uso no Exército Francês. Faziam-no em francês *pitoresco e estropiado* como pitoresca e estropiada foi a diplomacia que para lá os mandou.

III

As justas proporções

A falta do *instinto das justas proporções* é uma das maiores desgraças nacionaes.

Chega a ser um mal dificil de remediar e perigoso de coíbir.

O português habituou-se a ver o ultimo dos insultos n'um gesto de banal aborrecimento; o português habituou-se a ver a ultima das desgraças n'um contratempo casual, de modo que perdeu a faculdade preciosa de dar ás pessoas com quem lida e aos factos que se lhe apresentam o valor equilibrado que a serenidade da análise aconselha.

A intuição das justas proporções apresenta sempre as questões, os problemas e as pessoas com uma nitidez de microscópio.

E' preciso, mais do que de talento e de cultura, dispôr-se de muita reflexão e muito esforço de observação.

Essa faculdade, a da observação, mestre nenhum a ensina, em universidade nenhuma se aprende.

Só é valor apreciável um estudo aturado das pessoas, e a que mais necessita ser estudada e analisada é... a nossa propria pessoa!

E' longo o trabalho e a solidão dos sertões nas colonias é um rasoavel gabinête d'estudo. A análise fria e meticulosa da psicologia do negro das selvas dá paginas inteiras de filosofia humana, para quem a estuda. O negro selvagem póde ser hiperbólico na forma, mas é equilibrado e irresistivel na lógica.

O raciocínio n'êle decorre simples, mas contundente. A inextricável teia de raciocínios do culto e do letrado desfaz-se e enrodilha-se diante d'um rapido silogismo do negro selvagem.

O letrado e culto recomeça nova argumentação e, depois de um quarto de hora da melhor lógica europeia, inspirada em teorias universitárias, o negro sorri-se e com três ideias ligadas, *fortemente ligadas,* esfarrapa e esbandalha o *latim* do sabio das *escolas.*

A's vezes o soldado inculto e rude tem tambem deduções lapidares para a hermeneutica cuidada e elegante do oficial.

No campo aberto ás violencias o *instinto das justas proporções* presta serviços relevantissimos aos *algòzes* e ás *vítimas*, pois traz como natural consequência o despreso instintivo pelas violências escusadas.

A divisa gravada nos antigos canhões do seculo XVII — *Ultima ratio Regium* — é uma divisa que indica só nobreza, justiça e direito, isto é uma apreciação *equilibrada* de factos e de pessoas.

Nem sempre essa divisa foi observada na história dos povos, é certo, mas a rasão deve ter sido o mau uso que d'ela fizeram os *têsos*, que, por serem de craveira mental reduzida, não perceberam bem o que aquilo queria dizer.

Negar a prática de violências cometidas por mim sobre alguns subordinados meus e contra o inimigo em combate, seria a negação da minha probidade em matéria profissional.

Tenho algumas vezes usado de violências, que se podem classificar de ultimas, mas d'elas não conservo remorsos, porque as cometi em obediência rigorosa e fatal áquilo que os deveres militares e a disciplina preceituam. Cometi sempre essas violências e autorisei outras sem sentimento algum de rancor ou odio.

Na profissão das armas é conveniente reduzir êsses excessos a um numero minimo, para não serem considerados excessos, mas apenas a submissão á força, que se apoia n'um direito conferido pela lei.

A análise posterior das circunstâncias que precederam violências da natureza das que pratiquei ou mandei praticar não me deixa dúvidas na consciência sobre a necessidade absoluta que tive de as cometer.

E uma enorme defesa conservo sempre, para me absolver das violências (extremas por vezes) que cometi e mandei cometer contra pessoas.

Essa defêsa é o numero de vezes sem conta que eu obstei a que elas se cometessem, afim de evitar um acto de *tesura* de qualquer irreflectido ou de qualquer *têso* de profissão.

Tive sempre o cuidado de intervir discretamente sem *denunciar* a minha intervenção com manifestações espetaculosas de reclamo á minha suposta bondade ou á minha não concordância com as violências escusadas.

Alêm das violências de ordem física ha tambem, na repressão da indisciplina e mais geralmente oportuna e necessaria, a repressão moral. Dominar só pela força física, brutal e material, é um sintoma de fraqueza de faculdades de um chefe ou dirigente, que acaba em dado momento, que não espera, por

ver desmoronar-se toda a autoridade de que se sente investido; dominar pela palavra e pelo sentimento é a maior força de que póde dispôr quem tem a pretensão e a profissão de dirigir homens. E se, n'êste ultimo caso, desce a uma violência, todos se submetem sem tentar reagir nunca contra o conhecimento e as consequências d'essa violência, que todos sabem ser uma excepção que só tambem por excepção se repetirá.

A fibra rija da nossa raça tem por vezes assómos de dureza, que, apreciados superficialmente, são brutalidades que repugna aceitar sem protesto íntimo e revolta patente.

Se, porém, analisarmos as situações e as pessoas em que vibra êsse assomo aparente de brutalidade, verificamos que por vezes no nosso intimo se dá o mesmo fenómeno e logo as absolvemos, se não queremos cultivar a intransigência dos *têsos* do bem, n'êste caso. Vou citar dois factos em que a *sensibilidade moral* do leitor precisa fazer apêlo ao *sentimento das justas proporções.*

IV

Durêza da fibra Lusitana

(Campanha de Moçambique)

(1917-18)

O hábito resignado de morrer sem apêlo nem condições incute no espirito humano uma tal durêsa de sentir e de pensar, que êsse sentir e êste pensar causam verdadeiros calafrios a quem não adquiriu, nem tenciona adquirir, êsse hábito: o de morrer sem discutir.

Uma epidemia pavorosa ceifava os nossos sol-

dados na campanha de Moçambique, contra os alemães comandados por Van Setoff.

As ambulâncias cheiravam a suor pestilento, a estêrco humano e a carne pôdre. Os homens entravam nas ambulâncias quasi que apenas para morrerem quando lá não chegavam já cadáveres.

Num dêsses recintos vários, onde se alinhavam os que escapavam á morte por acaso, os que por ela lutavam perdendo terreno hora a hora e os que num gemer cheio de rouquidão de ritmo macabro, com interrupções continuadas, mas cada vez mais frequentes, agonisavam, estavam dois soldados do 31 d'infantaria.

Um acusava melhoras escassas, mas que ao doente pareciam uma benéfica transição da morte que se avisinhara para a vida que voltava lenta e como que de má vontade. Esse pobre bruto tinha insónias terriveis e, na preocupação de não dormir durante a noite, enervava se a pensar nisso... durante toda a noite. Era o impaludismo feroz e implacável que dêle se apossára.

O outro soldado, êsse começou a entrar em agonia ao anoitecer, e principiando num gemer rouco e pausado acabou por encher o recinto da ambulância com a resonância de uma cadência impertinente, teimosa e contínua, durante horas seguidas.

Era o hino horroroso da morte, era o *fim*, funebre e fatal. Era a marcha vagarosa para a eternidade.

Por vezes interrompia o estertor para soluçar, parecia que ia desistir de viver, mas depois de pequena pausa recomeçava o seu trágico protesto contra a morte que, prêsa já a êsse destroço humano, procurava abafar-lhe os protestos que outra cousa não eram êsses soluços e êsses gemidos pavorosos, que davam a idea de roncos de animal estranho, enjaulado.

A ambulância, em que pairava a semiclaridade d'uma luz frouxa de petroleo, completava com o

seu ambiente de sombras indefinidas o quadro tétrico e trágico do agonisar e apodrecer de um homem que começava a deixar de ser um soldado do 31.

O ar morno, vulgar nas primeiras horas das noites d'entre os trópicos, causava uma agonia moral, que acabava por degenerar numa irritação surda que enervava todos que a ambulância continha.

O calor, a roupa que afrontava, o aquecimento do colchão e do travesseiro que escaldavam os hombros e a nuca, tudo isso afligia, impacientava e destruia, até á ultima gôta, qualquer parcela mínima de bondade, que todo o espirito humano encerra.

Por fim a maioria dos pacientes adormeceu, como que embalada ao som do ritmo do agonisante; uns fizeram-no em virtude do cansaço e da fraquêsa, outros cairam em sono profundo, cheios de indiferença e resignados a tudo.

Havia porém alguns que não podiam conciliar o sono; êsses metiam-se por debaixo da roupa e, como que aninhados, procuravam amortecer, com a cabeça coberta e os ouvidos tapados, a dolorosa impressão que lhes causava o infernal e continuado resfolegar duma máquina humana que estava a extinguir-se.

Pela noite adeante a agonia apressou a sua marcha, e, num *andante crescendo*, cheio de retumbâncias, o moribundo acelerou tambem o seu canto final.

E' então que, um dos que não conseguia conciliar o sono e soldado do 31 tambem, descobre a cara n'um repelão, vira-se para o logar da enfermaria donde vinham os sons roufenhos da morte, e, com voz áspera e em tom sacudido de criatura irritada, diz:

— Mais devagar!... O' camarada!

Dito isto torna a voltar á sua posição anterior e,

ao tapar outra vez os ouvidos e a cabeça com o lençol, acrescenta, já então com ar enfastiado:

— Não tenha pressa!...

O moribundo, que já não ouvia, continuou impassivel a sua triste ária de despedida da terra.

Abandonava o convívio humano, extranho e alheio á miseria e desgraça dos outros; quanto ao companheiro de enfermaria que lhe queria moderar a cadência, êsse acabou por adormecer quasi de madrugada, enervado e esgotado moralmente, perante a despedida insistente, macabra e ruidosa do outro...do camarada...

.....

.....

De manhã, muito cêdo ainda, o soldado irritado da vespera acordou sobresaltado e, sentando-se no leito, olhou instintivamente para o canto da enfermaria d'onde durante a noite o *camarada* o enervara e distinguiu em um dos leitos um vulto que se achatava por debaixo do lençol, os braços estendidos ao longo do corpo e cingidos a êle. Eram de repelente aspecto êsses braços, com umas mãos crispadas, em atitude de quererem agarrar... em nada.

A pele dos braços e das mãos era uma pele de tom amarelo-esverdiado, côr de canario, onde o sangue cedera o logar á bilis abundante e extravasada!

A cabeça estava deitada para trás, o couro cabeludo quasi se não via, mergulhado pelo colchão dentro com o peso da cabeça; da testa apenas se via a arcada superciliar.

Os olhos, baços, tinham o olhar torvo e vago da eternidade; pareciam divisar um ponto no infinito!

O nariz sobresaía afilado, sêco e ponteagudo, parecendo ser um sinal de protesto contra a imobilidade inerte do resto da carcassa!

Esse nariz antipático, disforme e um tanto transparente, parecia aflorar como o ultimo vestigio dos restos flutuantes de um naufragio recente.

O queixo estava descaído, os labios descorados eram os bordos tragicos dum abismo, d'onde, durante uma noite inteira, tinham saído roncos sem fim.

Esse abismo, essa bôca, começava a ser um ninho imundo de moscas verdes!

Tudo isso era o trágico aspecto da morte, e o que despertára o *camarada* que olhava para êsse destroço humano, para êsse farrapo de carne fria que fôra um soldado do 31, tinha sido o cessar quasi repentino do estertor forte, retumbante e cadenciado do que morria!

Parecia que o silêncio inesperado do que estava a morrer equivalia a uma frase adequada á invectiva do seu camarada vivo que tanto se irritára durante a noite até conseguir pegar no sono.

A imobilidade do morto, os seus braços estendidos e o seu silêncio absoluto simbolisavam um alívio para o que acabava de morrer e uma resposta para o que estava vivo.

O cessar do estertor equivalia a uma frase e essa frase seria: — Pronto! O' camarada!... Já cá cheguei!

De facto tinha chegado e os maqueiros apressavam-se a transporta lo para fóra da ambulância, onde só se podia estar... até morrer!!.....

....

Este facto foi-me narrado em conversa pelo meu camarada major Carlos Brou, que marchou para a Africa comandando o batalhão do 31.

O major Carlos Brou ouviu a *frase* e o estertor do moribundo, quando entrava, por motivo de serviço, alta noite, n'essa ambulância.

Se na minha narrativa desço a certos detalhes, é porque tenho visto muitos *camaradas* partirem para o outro mundo. Uns *mais devagar*, outros *mais depressa* e outros de *um salto*, sem dizerem nada á gente.

Torna-se necessario reflectir um pouco sobre as

conclusões a tirar das frases brutais dirigidas ao moribundo pelo companheiro de enfermaria.

O estremo sentimentalismo do leitor póde vêr nelas um coice de um bruto ou um arranco de egoismo feroz.

Não é nem uma cousa nem outra.

Foi apenas manifestação feroz duma raça ainda forte, á qual os nervos delambidos dos literatos amarrecados e choramingas ainda não conseguiram destruir a *dura fibra*, porque a massa dos nossos soldados é (nêste caso, felizmente) analfabeta e por isso estão virgens de literaturas proprias para mulheres românticas.

A *diplomacia* dos verdadeiros soldados em combate e em campanha deve ser uma apreciação forte, sêca e despida de lagrimas ou queixumes.

Depois, ao celebrarem-se os esforços dos vencedores ou dos vencidos, então podem correr livremente as lagrimas, pois que essas não são de fraqueza; são de recordação, são de saúdade, são de agradecimento.

V

Cospe fóra, ó Camarada!

Campanha d'alem Cunene

(1904)

Ao entardecer do dia 23 de Setembro de 1904, na margem esquerda do Rio Cunene, era uma coluna portuguêsa alvo de um ataque por parte da aguerrida e bem armada tribu dos Cuamatuis. Duas das faces atacadas repeliam êsse ataque por meio de descargas compassadas e ordenadas, á voz dos comandantes de pelotões.

— Carregar!

— Apontar!
— Fogo!
— Carregar! [1]

.....

Os oficiais vigiavam de pé o fogo das linhas dos atiradores, que tinham diante de si, de joelhos, mais ou menos abrigados por um ligeiro parapeito.

As descargas eram executadas lentamente e alternadamente, como disse, obedeceddo os pelotões ás vozes sêcas e compassadas dos respectivos comandantes.

O ataque não era muito violento nessa tarde, o combate decorria com uma regularidade quasi de parada e se não houvesse uma ou outra baixa dir-se-ia que era um exercicio de dupla acção.

As balas das nossas Kropatcheks iam sendo metodicamente atiradas contra a mata fronteira cuja folhagem se via cair ali e acolá cortada pela trajetoria dos projécteis.

Estes, ao entrarem pela referida mata, traziam, por efeito do eco, até ao quadrado, o som roufenho do seu silvar enervante.

Do lado do inimigo tambem vinham silvos agudos, roufenhos, e zumbidos por vezes estranhos que fungavam aos nossos ouvidos como bufos de fera espantada. E' que a variedade de projécteis que o inimigo nos lançava ia desde a bala Manelicher estriada até aos pregos e cacos de ferro que bestiaes armas lazarinas despejavam!

O silvar e os bufos d'alguns projécteis deixavam-nos ficar com a sensação de que besouros gigantescos nos zumbiam perto das orelhas, o que obrigava alguns, menos senhores dos nervos, a abaixarem a cabeça ou a desvia-la para o lado oposto do zumbido.

---

(1) As vozes de *carregar*, apontar, fogo, eram as da ordenança nessa época.

Fraco recurso êsse em qualquer dos casos, porque é sabido que bala que se sente zumbir ou silvar já passou e não nos atinge *com certeza*.

A bala que nos fére, não se ouve; só se sente, no logar onde ela nos bateu, uma pancada formidavel acompanhada por vezes da sensação d'uma picada aguda; algumas vezes, se não nos bate em osso ou nas suas proximidades, nada se sente e a sensação desagradavel da pele molhada é que nos denuncia que fomos atingidos, isto é, só depois de encharcados em sangue é que sabemos que fomos feridos; outras vezes, porém, apenas se sente desaparecer o sentido da vista, logo a seguir perde-se o contacto com o mundo exterior e vão-se as ideias todas d'um jacto! Passado algum tempo, nas mãos dos cirurgiões, é que... são elas! Então sim. Então é que os ferimentos doem... e muito, apesar do ferido ouvir dizer de vez em quando ao humanitario carrasco: — Homem! Isto não doe nada! Que diabo!...

Em geral, quando um ferido recebendo curativo ouve dizer isto ao cirurgião que o está tratando, bem póde chamar a si a potência milagreira de todos os santos que amenisam as dôres, porque é certa a maior dôr...

Eu, até hoje, apenas mereci *as honras d'um apalpão*, cousa pouca, por isso tenho-me livrado das *consolações oportunas* dos cirurgiões; mas tenho visto *consolar* certos feridos que, só de o ver, me tem ficado a doer... o corpo todo!

Futuros camaradas, vejam se conseguem, ao entrarem em combates, nunca serem feridos.

E' muito comodo e o *sacrificio* da imunidade vale bem as *honras* de um ferimento, ainda que leve!

A *felicidade* casual de verificar que uma bala que nos é dirigida atinge alguem ao nosso lado ou perto de nós causa-nos duas impressões opostas e seguidas... Eu adiante digo quaes elas são. Tenho

conseguido que muitos confessem sinceramente essas duas sensações recebidas... mas não vi ainda ninguem ter a coragem moral de as escrever!

Em boa consciência e sem maiores indiscrições sobre o que se passa cá por dentro, em todos, nós, é sabido que cada qual possue um natural fundo de egoismo, e porque todos somos fundamentalmente dissimulados, fingimos durante quatro quintas partes da nossa existência que somos... o que estamos bem longe de ser.

Ha mesmo quem finja isso muito bem; mas... cada um lá sabe o que *por casa* se vae passando.

.....

.....

Repelia, pois, a reduzida coluna portuguêsa o inimigo, com fogos de descargas por pelotões e alguns tiros de peça, quando uma maldita bala inimiga consegue entrar pela face esquerda de um soldado que estava na linha de fogo, espatifando-lhe quasi uma dúzia de dentes. Saiu a bala pelo canto direito da boca do infeliz soldado, arrastando comsigo varios bocados de dentes que nessa *aventura* cessaram a sua trabalhosa e periodica missão de mastigar.

D'essa vez a comida foi excessivamente rija e a dentuça do bom do soldado... *arriou!*

A vitima não chegou a dar o classico grito do — *ai! Jasus!* — mas, largando a espingarda, abandona a posição de *joelho em terra* e passa á posição de sentado, bufando pela boca sangue, espuma ou saliva e ainda alguns restos de dentes que por acaso tinham ficado dentro da bôca!

Nêsse mesmo momento tinha o alferes comandante de pelotão ordenado:

— Apontar!!!...

O atirador que estava logo á esquerda do ferido e que, como todos, tinha levado a arma á cara, á voz do alferes, antes de ajustar a pontaria, olha para o ferido e diz o seguinte:

— Cospe fóra!!!... O' Camarada!...

O tom das primeiras duas palavras parecia representar uma exclamação de regosijo para... êle. O resto foi dito em tom de consolação para... o ferido.

Dito isto chegou á cara a arma que já encostára ao hombro direito emquanto largára ao ferido a frase... *animadora*, e fechando o olho esquerdo fez a pontaria para uma arvore, onde lhe pareceu que podia estar encarrapitado um cuamata a fazer fogo.

— Fogo!!!...

Ordena o alferes.

A descarga partiu.

— Carregar!...

Ordena novamente o alferes.

O nosso *consolador de feridos* ao retirar a arma, emquanto abria a culatra para meter na camara novo cartucho, lançou de soslaio um olhar vesgo ao ferido, mas... desta vez não disse nem uma, nem duas!...

O alferes ordena:

— Tirem êsse homem d'ai!... que está ferido!... Levem-no!

Um soldado ajuda o ferído a levantar-se, ou antes arrasta-o pelo chão mais para traz e chama o corneteiro afim de o ajudar a levar para a ambulância o ferido que começava a desmaiar!

O outro, *o da frase*, afastou-se ligeiramente para facilitar a remoção do ferido, mas desta vez nem sequer olhou para êle!

Esperava apenas atento a voz de — apontar — do alferes, e no entretanto ia procurando fixar na frente o novo alvo para a bala que tinha na camara da arma!

.....

E êste facto passou-se a poucos passos d'onde eu estava e ao presencia-lo tambem senti duas sensações diferentes.

Primeiro senti um prazer de egoista, por não ter

sido eu o alvo daquela bala; mas em seguida senti uma certa compaixão pelo ferido.

Se avaliarmos a frase do soldado superficialmente acharemos que n'ela ha qualquer coisa de cínico e até de cruel e antipático.

Mas se recorrermos ao nosso instinto das justas proporções, analisando friamente o facto, achamos que o soldado que constitue o protagonista dêste incidente tambem devia ter tido as mesmas duas sensações que eu tive.

Ao exclamar para o outro o *cospe fóra*, sentiu uma certa satisfação em não ter êle que *cuspír fóra* a bala e... os dentes.

Em seguida exprimiu toda a sua compaixão na palavra *camarada*, que foi proferida com mais lentidão do que quando *mandou* o ferido *cuspir fóra*.

E' sempre assim, embora poucos o confessem e muito menos o escrevam.

E eu, como tenho passado muitas vezes por essas duas sensações quasi simultâneas, acho que é um *caso de consciência* confessar a fraquêsa de... todos os que, como eu, dispensam as vantagens morais de serem feridos. Digo vantagens morais porque, materialmente e em toda a acepção da palavra, o ferido perde sempre qualquer cousa, por pouco que perca.

V

Sensibilidade moral

Para afinarmos e educarmos a nossa *sensibilidade moral* necessario se torna uma apelação *constante* e *contínua* á justiça que nos assiste ou que sempre julgamos que nos assiste.

E' necessario sempre sermos inflexiveis para conosco e *ligeiramente* indulgentes para com os outros. Se formos indulgentes para conosco aluga-

mos, por assim dizer, a nossa consciência ás nossas paixões e aos nossos interêsses; e os juizos da nossa consciência não *se vendem* nem se *alugam* a ninguem; nem mesmo ao proprio Deus, ainda que êle se *dignasse* descer para tal fim dos ceus á terra! Por outro lado, se formos indulgentes em *extremo* para com os outros, somos, na carreira das armas, um pessimo elemento para a disciplina; como chefes de tropas, cometemos uma das mais graves faltas que corresponde a uma verdadeira falência moral e profissional; e tal indulgência deve no exército, quer em tempo de guerra, quer em tempo de paz, ser classificada como um atributo de um miseravel assassino de gente em combate, porque nos momentos mais graves de uma crise moral, nos campos de batalha, não temos garantida a segurança da colectividade e, portanto, ha todas as probabilidades da maioria da carne, fragil por via de regra, incutir na maioria dos subordinados o franco exercício do instinto de conservação. E d'aí ao pânico vae um passo. Como sabemos, o pânico nos campos de batalha é a derrota com o máximo numero de vítimas e eis como um sentimentalismo mal cabido corresponde a um maior crime e a uma pavorosa vergonha colectiva.

A confiança dos subordinados n'um chefe reside na certêza que cada um dos subordinados tem de que o auxílio mútuo está assegurado, pelo *juizo inflexivel e severo* do mesmo chefe, quando julga e delibera sobre os procedimentos havidos pelos seus subordinados, durante êsse mau quarto de hora.

O homem mais valente tem sempre a natural intuição de que os perigos se devem evitar; ora se a gente *é de «élite» por educação e por habito*, reage automaticamente contra essa natural intuição e instinto, que outra cousa não é o que vulgarmente se chama *mêdo*. Já não sucede o mesmo na grande massa de gente posta deante dos mes-

mos perigos e visto que nela predomina o mêdo e não a automática reação contra o mêdo, necessário é que seja ainda êsse sentimento imperioso, o mêdo, o agente que opere no medroso para que êle pela fuga não comprometa a segurança colectiva. Em resumo, é necessario que entre o mêdo de dois perigos, um presente e outro futuro, mas de consequências imprevistas, seja êste ultimo o que impere na carne fragil, para arrostar o primeiro. Ha muito heroe feito e consagrado que deve a sua legítima reputação ao mêdo das consequências que podem advir de um acto de fraqueza ou de cobardia e não ha o direito de se duvidar do seu valor; mesmo aquêle que reage automaticamente fê-lo com receio dos juizos que dêle possa formar o público.

Concluindo, um chefe que preza a sua autoridade profissional e moral não desce á *miséria* da popularidade, que na caserna é a dissolução dos exércitos. Um chefe não precisa nunca da popularidade; do que êle precisa é de prestígio.

Popularidade e prestígio são duas situações que produzem na massa dos subordinados manifestações exteriores muito semelhantes; mas emquanto o prestígio é uma situação forte e inexpugnavel, a popularidade é uma situação fraca e periclitante.

E' preciso pois trenar a *sensibilidade moral* em tempo de paz, para que em campanha seja um hábito.

A nossa *sensibilidade moral* não deve ser um sentimentalismo lamecha, nem uma inflexibilidade feroz.

Deve ser apenas um tribunal inteligente e incorruptivel; não deve servir ninguem em especial, mas deve julgar todos e um por um pelo seu valor e pelas suas fraquezas, sem desvanecimento pelo valor e sem odio contra os fracos.

Deve ser uma soma de actos de mérito a que se subtrae a soma dos atos repreensiveis, se os ha.

Em geral ha sempre qualquer cousa a subtrair, mas que é de certa utilidade ocultar.

Outras vezes é maior a quantidade negativa dos actos repreensiveis, mas tambem ha sempre qualquer valor positivo a registar que é conveniente não despresar.

O chefe, pois, que tem bem afinada a sua *sensibilidade moral* é, como disse, o tribunal inteligente que julga sem desvanecimento e sem odio, isto é, sem paixão.

A *sensibilidade moral* não é predicado que, com resultado eficaz, se estude e se afine entre os negros selvagens.

Pelo contrário, entre êles perde-se e desafina-se qualquer cousa d'êsse predicado, porque o negro selvagem é muito rudimentar em materia de dignidade pessoal para servir de padrão.

Entre os europeus ignorantes e incultos pouco se aprende, embora seja um belo campo para a gente se exercitar.

O europeu culto, êsse está muito defendido para que possa consentir em ser posto de parte o seu valor ou para ser vítima que sofra com facilidade e sem reagir logo uma agressão de ordem moral, venha ela de quem venha.

Então com quem se ha de estudar êsse precioso predicado de chefe? Já disse que com a análise contínua e constante da justiça que nos assiste, ou que julgamos assistir-nos. Ter *sensibilidade moral*, no caso que estamos tratando, é ter sempre, em todas as situações, bem presentes os principios *do bem* e *do mal*, não na sua concepção rígida, mas sempre revestidos das circunstancias que acompanham a prática d'êsse bem e d'êsse mal e sobre tudo as consequências que da prática do bem e do mal podem advir para a segurança da colectividade.

Do primeiro juizo, isto é, da apreciação dos factos em si vem o premio, *que se não deve regatear*, e o castigo que é dever absoluto impôr sem hesitar.

Porem na apreciação quanto ás consequências para a colectividade, ha que graduar o premio e o castigo. O mesmo acto de bravura em circunstancias locaes idênticas pode merecer premio muito diferente, embora da mesma natureza. Basta entrar em função com os beneficios que advieram para a colectividade. O chefe que não sabe pesar estas gradações manda, mas *não comanda.*

Com o castigo o mesmo se dá.

Ha males necessarios que é preciso impôr de momento a individuos e ás colectividades afim de recolher vantagens equivalentes a êsses sacrificios impostos, para goso e beneficio dos mesmos individuos ou das mesmas colectividades.

E' então a ocasião de aquilatar o valor e a envergadura dos homens que dirigem e guiam os individuos e as colectividades.

E' a ocasião de se darem as melhores provas da *sensibilidade moral.* A crise é na imposição do sacrificio que deve ser sugestionada e não imposta.

Se não é possivel sugestionar êsse sacrificio, de nada vale impô-lo, porque êle nunca será cumprido honestamente.

Perante êsse erro inicial tudo sae *côxo* e o espirito de revolta transparece para todo o sempre nos sacrificados pela força e á bruta, embora apareçam mais tarde as vantagens. O sacrificado pela força só, e sem geito algum, nunca se conforma com o sacrificio.

E que cada um ponha o caso em si.

Ha quem não obedeça só pelo geito e pela persuação; ha quem não ceda nunca perante a força, preferindo morrer a obedecer. Conheço ambos os casos.

Mas pelo geito e pela força, bem graduados e oportunamente manejados, ninguem resiste. No *savoir faire* é que está o alto valor do conductor de homens. Ha uma confusão grande entre conduzir homens e arrastar homens. Quem sabe conduzir

homens tem o seu jogo seguro; quem sabe só arrastar homens arrisca-se em cada dez casos a ser nove vezes empurrado pelos que julga arrastar.

Por vezes, em combate, ha situações em que o chefe não vê claro. A falta de informações, a falta d'uma ordem que devia chegar e que ainda não chegou, a denúncia de falta iminente de munições, a incerteza das intenções do inimigo e centenas de factores identicos tornam a chefe perplexo em combate. *Mas que os subordinados nunca de tal suspeitem, de contrário a segurança colectiva está comprometida.* Ha chefes que recorrem n'essas ocasiões ás frases felizes e cheias de espirito, outros apelam para a coragem individual dos subordinados, outros conservam-se serenos e sem nada dizerem, procurando impôr o valor pela sua impassibilidade. Todos êstes meios influem, é certo, na sensibilidade moral dos subordinados, mas podem acabar por se esgotar e então tudo está terminado. E' o desânimo, é a fuga, é o pânico, é a derrota antes de tempo, é, por assim dizer, o *jogo* do inimigo feito por nós. E', emfim, o mêdo em toda a sua nudez!

Ha outro processo simples, prático e ao alcance de todos.

O subordinado olha muitas vezes debaixo de fôgo para o seu chefe directo. Olha mesmo muitas mais vezes do que seria para desejar. Se vê o chefe a chalacear seguidamente, a berrar constantemente, ou sempre mudo, aparentando uma impassibilidade manifesta, acaba por descortinar a perplexidade de que êle está possuido.

O processo consiste em, de cada vez que o olhar do subordinado se crusa com o nosso, *dirigir-lhe a palavra,* quer para lhe dar uma ordem ainda que seja banal, fazer-lhe uma pergunta ou dar-lhe uma reprimenda por qualquer suposta falta notada.

Tanto o nosso interlocutor como os ouvintes

passam a sentir que o chefe sabe o que estão a fazer, que conhece o fim e objectivos a conseguir e que todas as perguntas, ordens e reprimendas, outra cousa não são do que determinações de detalhe que se relacionam com um objectivo já dêle conhecido!

Este processo falha, uma vez em cada cem casos, desde que não se traduza por parte do chefe o menor nervosismo, e, cousa curiosa, o proprio chefe acaba por se sujestionar e recupera parte da tranquilidade que tenha perdido, o que é humano, mesmo para quem é chefe!

Eis um caso em que a paciência e a arte de saber conduzir homens levam de vencida o exercício da força estúpida, impetuosa e brutal.

Todo aquêle chefe que, sem descer ao insulto aviltante, embora recorrendo aos termos adequados ao acto censurável cometido por um soldado, consegue alterar-lhe a coloração da epiderme, fazendo-o corar ou empalidecer, êsse chefe apossou-se praticamente dêsse homem.

Se as lágrimas assomarem aos olhos do soldado, não deve deixar que elas corram pela cara abaixo, porque o temperamento dêsse homem póde nunca mais perdoar a denúncia patente de tal exibição. O homem que não hesita em exibir as suas lágrimas perante outro *que o censura*, ou é um cínico ou é uma creatura sem valor pessoal, sem brio másculo, ou é um inerme.

Mal pois as lágrimas assomem aos olhos do soldado, o chefe, que sabe e quer ser chefe, deve-o mandar embora imediatamente, num gesto sêco, brusco e sacudido, e póde ter a certeza de que o dominou por completo.

As torrentes de lágrimas são jogo predilecto, franco e apaixonado das mulheres e, na sua natural astúcia de mais fracas, sentem que na lágrima está o seu *mais pesado* argumento para convencerem o homem a ceder, e a melhor defêsa que há contra

elas é empregar todos os esforços para que nunca chorem.

De resto o chôro delas no caso de reprimenda, quando se faz em público e perante espectadores, é sempre uma exibição provocada ou preparada. O chôro sentido e sincero do arrependimento é o que se traduz nas lágrimas que vão chorar no isolamento. E são as únicas que não são *para inglês vêr*.

Com o homem dá-se o contrário e é necessário tirar disso partido, recorrendo a uma generosidade nobre e delicada.

Se se trata de premiar um soldado rústico e ignorante, como êles em geral são, o chefe deve, quando o chame à sua presença, (o que deve fazer sempre que lhe fôr possível) ventilar o assunto como de igual para igual, sem ênfase nem formulários de frase, nem se importar com os presentes, que deve simular não vêr sequer. A hora da justiça que premeia o valor pertence só ao chefe e ao soldado premiado. Pode tôda a gente assistir a essa hora, mas como figuras de última plâna.

A primeira figura é a premiada, a segunda a do chefe que concede o premio; o resto é apenas gente que nessas horas aprende e afina a sua sensíbilidade de espírito.

Tudo pois se deve passar num exclusivismo restrito aos dois, chefe e soldado.

Terminada a referência elogiosa, deve o soldado ser mandado retirar, mas como determina a ordenança e secamente.

A alma simples do soldado sofre golpes benéficos com êste contraste de procedimento quási opostos, e afina por sua vez a sua sensíbilidade moral, tornando-a mais adequada e sensível a vibrações, no seu espírito por assim dizer pouco afeito a tanger a corda moral.

Se não fôr assim *exactamente*, não se tira todo o efeito necessário á justiça do premio e ao estimulo do brio.

E no entanto quantas e quantas vezes eu tenho visto passar em claro muitos casos em que o soldado não recebeu a menor referência dos seus chefes pelos seus sacrificios, pela sua dedicação e pela sua submissão completa e última ao cumprimento dos seus mais sagrados deveres!

Não me refiro, é claro, áquêles sacrificios isolados e que, por falta de testemunhas, não podem ter aquêle credito sempre necessário para autenticar e documentar o valor do premio; mas áquêles sacrificios e actos de valor que não teem merecido aos chefes o cuidado de os registarem!

N'êste momento ocorre-me um facto d'êsse genero de que fui testemunha e que vem a proposito referir.

VI

Campanha d'além Cunene

(1904)

Um estoico

A campanha d'além Cunene de 1904 liquidou, como muitos ainda se lembram, com um pavoroso massacre, a que o esgoto de munições e várias outras causas condenaram um destacamento misto no efectivo de 500 homens, que se destacara da coluna n'um reconhecimento, efectivo êste que representava metade da coluna de ataque, á região aguerrida do Cuamatui!

Na tarde de 25 de Setembro de 1904, data do horroroso acontecimento, começaram, pelas 3 horas, os restos da coluna a retirar das margens do rio Cunene para o forte do Humbe.

O combate de 25 de Setembro, denominado do Pembe, durou três quartos de hora (das 7 ás 7 ¾

da manhã), seguido de um massacre geral que vitimou 285 homens, dos quaes 16 oficiaes dos 19 que faziam parte d'êste destacamento.

Terminada a travessia do Cunene pelas 5 da tarde, ás 5 e meia punham-se em marcha as forças para o forte do Humbe.

As peças de 7 cm. de bronze, modelo Krupp do nosso Arsenal do Exército, foram até á campanha do Cuamatui de 1907 a artilharia usada pelas nossas forças coloniaes em todas as campanhas contemporâneas na colonia d'Angola, excepção feita a alguma Hotckin que as forças de desembarque da nossa marinha de guerra empregaram uma ou outra vez.

No sul da colonia, em 1904, empregou-se para atrelagem d'ssas peças o gado de tiro, em voga na região, que é o boi.

Uma ou duas juntas de bois atreladas a cada elemento da bôca de fogo (armão e reparo), eram um excelente gado de tiro que satisfazia as necessidades d'ocasião e que acompanhava muito bem a marcha da infantaria.

Alem d'isso o boi resiste indubitavelmente melhor do que o solípede ao clima e aos tratos de polé que os animaes sofrem em todas as campanhas coloniaes.

E não pareça que tal se dá só nas nossas campanhas coloniaes; os francêses, os inglêses e os alemães muito nos podem contar d'êsses terriveis sofrimentos dos animaes entre os quaes avultam o calôr e a sêde.

Tinham, como acima dissemos, passado o resto das forças para a margem direita do rio Cunene e iniciara-se a marcha para o forte do Humbe que distava uns 9 kilómetros d'êsse ponto, quando um dos bois de uma junta, que tirava uma das taes peças de bronze, caiu atacado de molestia súbita, recusando-se a dar mais um passo.

Não havia mais gado disponivel e o pessoal que

guarnecia a peça teve um momento de hesitação sobre o partido a tomar.

Por fim resolveram atar ao arganeu da couteira uma corda e que a peça seguisse arrastada pelo solo arenoso e movediço até ao termo da marcha ou sejam nove quilómetros *bem puxados*.

Preparava-se um sargento para desligar a lança apropriada que ligava a couteira á canga, quando um soldado de artilharia, um mocetão moreno e quasi imberbe, diz para o sargento:

— Deixe lá... O' meu sargento! Que eu... levo isso bem!

O sargento afasta-se sem perceber a intenção do soldado.

Então o bom do nosso soldado colocou-se no logar do boi que caíra, meteu o pescoço debaixo da canga, encostou os hombros aos *cansis* e, firmando-se nos pés, que enterrou na areia, retesou os musculos das pernas e dos rins e depois de cerrar nervosamente os olhos disse para o sargento:

— O' meu sargento, faça favor de *tocar* o boi a ver se isto segue!

E tudo seguiu sem um alto durante todos os nove quilómetros, n'uma marcha de piso terrivel para a infantaria pois que o chão era de areia solta, d'onde se levantava uma poeira densa e fina que provocava a tosse quando respirada!

Eu olhei muito para essa creatura; recordo-me bem de, emquanto foi dia, o ver marchar sempre curvado, o suor escorrendo em fios pela cara abaixo e a cair em bagas constantemente no solo; o rosto ia congestionado; os olhos, que de vez em quando abria, iam avermelhados; as palpebras iam quasi sempre cerradas pelo esforço constante feito e como defêsa contra a poeira que quasi o cegava. Por fim anoiteceu e eu apenas via a forma indecisa de uma viatura que rodava á minha esquerda. De cima do macho que montava não podia distin-

guir o boi, o soldado e a peça, porque a poeira encobria tudo !

Ao chegarmos ao forte do Humbe e ao dar a volta para a entrada do forte o soldado, que ia do lado de fóra da curva, ao fazer um esforço maior para dar a volta, contraiu uma quebradura.

Tinha metido o pescoço á canga ás 5 e meia da tarde e ás 8 horas da noite deixava de ser um soldado para ser um inválido !

Não se queixou e depois de o ligarem a sua primeira frase foi :

— Deixa-lo ! Ela tambem não podia lá ficar!...

E ao dizer isto encolhia os hombros n'um arremêsso de resignado.

Ela, era a peça !

Este facto que podia ser encarado pelo lado comico, dadas as circunstancias e o remate da marcha que, começando ás 5 e meia da tarde, terminou ás 8 horas da noite, é um drama de sacrificio sublime, de amor patrio e de brio militar !

A revelação d'êstes dois ultimos sentimentos está na sua frase final de estoico :

— Deixa-lo ! *Ela* tambem não podia lá ficar !...

Até aqui o soldado, agora o resto.

O resto... é cousa bem triste...

Esse homem não ouviu uma palavra de reconhecimento de ninguem, nem viu registado na ordem da coluna o ultimo emprego do seu esforço de soldado de artilharia !

Hoje deve ser um inválido perdido na população anónima dos campos de Portugal e talvez se lembre ainda com certo orgulho de que fôra o seu esforço que salvára a peça. É certo que outros a arrastariam, mas êle quiz reservar só para si essa honra !

Quem tem gente d'esta não precisa de ir *experimentar forças* á França, nem mostra-las fóra de *casa* de ânimo leve.

Basta que a use onde é preciso e só quando fôr preciso, embora *sempre* que seja necessário.

VII

Na política

Mais do que os chefes militares, precisam os estadistas, e em geral os chamados homens públicos, ter muito equilibrado o *instinto das justas proporções* e mais afinada ainda a sua *sensibilidade moral.*

O político não têm á sua disposição para vencer resistências a severidade e inflexibilidade dos regulamentos militares.

O político necessita de, antes de tudo, consultar-se a si mesmo sôbre a quantidade e qualidade de *energia que póde armazenar,* para suportar o fardo dificílimo e pesado de governar povos. Se sente que essa energia é de natureza violenta, impetuosa e combativa, deve recusar, sem exitar, cargos públicos em que a sua acção pessoal tenha que se fazer sentir e deve-se reservar apenas o papel de simples soldado do crédo ou facção política que defende.

Isto é, estão-lhe vedados os principaes cargos da direcção de povos, e entre êles o de chefe de Estado, ministro ou chefe de partido.

Deve fazer o político um apêlo sem fim à sua coragem moral e, antes de pensar em dominar os outros, deve verificar se se póde dominar; a pessoa que muito deve recear é a sua.

É êsse o seu maior inimigo depois dos que o cercam.

Os inimigos que menos o devem afrontar são os da *oposição.*

Aquêles que o cercam, umas vezes por cegueira e por dedicação natural (tomam a nuvem por Juno) outras vezes com fins ocultos, tramam premeditadamente os mais graves conflitos servindo-se do temperamento do seu chefe ou dirigente.

Diz o bolorento ditado: — a todos ouvirás e só o teu conselho seguirás.

Ora o que tem sucedido nêstes últimos quinze anos de política portuguêsa?

O velho ditado tem sido de duas maneiras adulterado.

Para uns, a seguinte modificação: — a todos ouvirás e o conselho de todos seguirás; para outros então a fórmula de grande reclame dos *têsos*: — a ninguem ouvirás e só o teu conselho seguirás.

São estas as fórmulas dos tímidos sem escrùpulos e dos *têsos míopes*... isto é, fórmulas variantes do mêdo e da loucura.

Porque a coragem é sempre um factor moral, nunca foi um fenómeno fisiológico. Só há de facto coragem moral e se por vezes ela se manifesta através de reações de natureza física é porque as circunstâncias de momento a isso levam aquêles em que se traduz a negação do mêdo. Não há coragem física, pois que isso sería a negação do instinto de conservação que só os loucos perdem e e dêsses... não reza a história gloriosa dos povos.

Embora pareça insuficiência na discíplina militar, o que é facto é que na carreira das armas quem não prepara os seus subordinados para receberem uma ordem nunca póde ter a certeza de ser obdecido. Esse princípio, sem ser rígido, é quási axiomático e o prestigio sólido provém dessa preparação, alimentada a todo o instante por actos e por palavras. Em resumo, quem conhece a arte de conduzir, ao indicar o caminho a seguir, já êle é *presentido* por todos.

Na vida pública, e na politica principalmente, mais se exige e se evidenceia essa necessidade.

O estadista precisa preparar o meio publico para um sacrificio de momento. E ai d'aquêle que pretender conseguir o sacrificio antes de ter atmosfera propícia. Ou morre, ou cae! Se se ilude com a preparação, que teve como eficaz, prepara,

na maioria dos casos, um cheque ou uma revolução.

A vulgar história de Portugal, que nas escolas primárias as creanças aprendem, ensina tudo isso com exemplos frisantes e bem característicos.

A creança não *vê* isto quando a estuda, mas qualquer creatura normal, culta e que se julgue com mentalidade acima da vulgar craveira, distingue nitidamente o *fenómeno*, que é aliás intuitivo, excepto para o *têso* que só *absorve* a parte combativa da narrativa.

A revolta do principe Afonso Henriques contra a autoridade representada por D. Tereza, a resolução final e decisiva do Mestre de Aviz, antes de ser rei, o momento escolhido para sacudir o jugo hespanhol em 1640 e tantos outros exemplos, detalhes da história política de Portugal, mostram a quem *quizer vêr* que, salvo as raras excepções á regra, venceram sempre aquêles que prepararam e esperaram atmosfera propicia e eficaz para exigir ao povo português um alto sacrificio. Sabe-se que, sempre que houve *mestria* e *paciência*, sempre a nossa gente deu as suas melhores e maiores provas!

A' bruta é que nunca ninguem d'ela fez nada e ainda bem que assim é porque tal psicologia denota inteligência e independência de caracter, duas caracteristicas que, quando conjugadas, significam bravura de raça!

A história dos portuguêses está cheia de exemplos, de vergonha extrema ou de brilho incontestavel. Assim deve ser uma raça inteligente e viva como é a nossa. Nas maiores vergonhas foram os chefes que falharam e a sua natural viveza de caracter e de inteligência mostrou-lhes o abandono e o desinteresse como caminho aconselhado pela lógica de ferro que subjuga quem não se submete á incompetência e a cabotinagem.

Porém sempre que viu e compreendeu que

tinha chefes e dirigentes caiu no extremo oposto, entregando-se de corpo e alma.

Assim, em contraposição aos factos históricos que acabamos de referir, temos a registar os cheques de D. Fernando com a Leonor ou sem a Leonor, a almejar e a sonhar pela corôa de Castela, que imaginou cingir, sem que tal ambição estivesse imbuída no espirito da massa da população portuguêsa d'essa época.

A nação inteira pressentia que havia apenas n'êsse plano a *megalomania* de um *têso* que se abalançava a sair fóra do seu legitimo raio de acção.

O que foi o sonho d'Africa de D. Sebastião?

Egualmente a *megalomania* de um *têso* que, pondo de parte todo o esforço da sua dinastia, almejava pela vaidade pessoal de meter uma lança em Africa!

A sua decisão de «*Morrer* sim! Mas devagar!» que tanto seduz e emociona os *têsos* em Portugal, foi um suicidio com tanto valor dramatico como o do meio litro d'agua com cabeças de fósforos, que uma sopeira infeliz nos amores toma de um trago.

Preferiu morrer no campo de batalha de Alcacer-Kibir a ser morto, moralmente, em Portugal. Esse homem, evidentemente, não estava á altura das funções que desempenhava. O sacrificio voluntario da sua vida não o absolve do seu enorme crime.

O valor real e verdadeiro de um estadista está em não exigir ao seu país esforços superiores aos seus interêsses ou fóra dêles e ao seu sentir.

Não ha raças decaídas; o que houve sempre, em todos os tempos, foi mentalidade destituida do *valor* necessario para desempenhar as mais altas funções e d'ai o pagarem as raças *as custas* d'essas insuficiências.

VIII

Loyd George — Clemenceau Venisellos e Wilson

Quatro nomes brilhantes que, sem figurarem nos comunicados do *front*, sem nunca terem conduzido pessoalmente soldados para a conquista de glorias nos campos de batalha, foram quatro autênticos cabos de guerra que fizeram durante a Grande Guerra mais do que conduzir homens, porque conduziram sociedades em bloco, guiaram nações, deram os largos traços da vitória final. As linhas de fogo traçadas pelos generaes foram apenas linhas de detalhe d'essa grande obra que foi a *Vitória dos aliados*. Ha cem anos não foi Wellington que venceu Napoleão porque êsse apenas venceu Waterloo. O vencedor de Napoleão foi Pitt! Em 70 não foi Moltk que venceu a França, pois êsse apenas venceu os soldados francêses. Quem em 70 venceu a França foi Bismarck, Loyd George, Clemenceau, Wilson e Venisellos.

São quatro nomes que só por si são quatro padrões, quatro monumentos, quatro balisas históricas que marcam a força de quatro raças. Mas, nas formidaveis crises da Grande Guerra, o maior, o mais formidavel chefe de homens, o estadista monumental, o vulto humano, que a todos sobreleva, aquêle que mais do que Clemenceau, Wilson ou Venisellos mostrou ser um super-homem, foi Lloyd George!

A paciência, o talento, a finura com que êle exigiu ao povo inglês os mais altos sacrificios, colocam-no muito acima dos maiores cabos de guerra de todas as batalhas travadas nos continentes e mares do mundo inteiro na presente guerra.

Os limites da frente de uma batalha são dimensões exíguas, comparadas com a «frente» de duas

vitórias simultâneas que um estadista pode preparar para o seu país: a vitória da «frente» que se estende deante dos generaes e a vitória obtida sobre a nação inteira que o estadista defende á retaguarda dos generaes.

São estas duas vitórias simultâneas, a vitória das armas e a *vitória moral* da nação inteira, que concedem á vitória do estadista registada na historia um premio mais valioso do que a mais brilhante e fenomenal Cruz de Guerra. Essas honras não são douradas pelas medalhas e titulos que as nações conferem. As medalhas e os titulos é que são honrados e valorisados pelo estadista a quem são conferidos êsses premios.

Ainda é cêdo para estabelecer a verdade inteira sôbre o valor moral e mental dêsse homem que se chama Lloyd George, mas a história lhe fará mais tarde justiça e conceder-lhe-há os fóros do mais *bravo e sereno soldado* da Grande Guerra.

Porque na Inglaterra tambêm houve pacifismo, defétismo, traição, mêdo e repugnância contra o sacrificio extremo.

Mas Lloyd George dissimulava a má impressão que taes resistências lhe causavam; entregava o desagrado dêsses factos ao julgamento da opinião pública e para si apenas reservava o cuidado de remover os inconvenientes que via levantarem-se à segurança da Inglaterra. Nunca mentiu à Inglaterra, nunca insultou a sua raça; nem mesmo, quando ela praguejava, esgaravatava grosseiramente as fraquezas alheias; esperava sempre com paciência e serenidade a natural reacção, imposta pelo brio de raça, de que nunca duvidou, ou pelas sucessivas vitórias alemãs.

Apontava os perigos concretamente em discursos que eram apenas frases, mas tão concretas e de tanta lógica, que obteve sempre as maiores vitórias das nações em guerra que são as vitórias moraes do povo que um estadista conduz.

Nunca deu empurrões de grosseirão, nem consentiu que tal se fizesse. Até quando lapidava o inimigo o fazia com finura, com superior inteligência e com mais oportunidade e lógica do que com insultos de labrêgo.

Recorria, sempre que lhe era possível, à sensibilidade moral da raça inglêsa; chamou a si a mulher inglêsa e nela teve um aliado de valor; teve a arte superior de fazer vibrar a alma britânica em todos os tons; tangeu a nota da indignação apelando para o sentimentalismo nacional e provocou a reacção do brio tradicional da raça.

Nada disto se faz com palavras insultuosas, nem com ameaças que tirem, ao serem proferidas, todo o valor de uma raça que se sacrifica.

Por isso o povo inglês não foi para a guerra como um rebanho para a matança. Por isso o povo inglês foi para a guerra como quem se honra com um sacrifício que tomou como voluntário, mas em que apenas foi instrumento manejado pela hábil política inglêsa dirigida nos momentos mais graves por Lloyd George.

Joffre, Foch, Beaty, Petain, Mackensen e outros tantos cabos de guerra, brilham como símbolos do esfôrço sôbre-humano nas lutas extremas dos campos da batalha.

Clemenceau, Wilson e Venisellos são agentes de valor para o alcance da vitória final, mas, feita a paz, foram caíndo sucessivamente.

Lloyd George êsse brilha só êle acima dêsses esforços sôbre-humanos e por isso não caíu ainda e agora já é tarde para cair. Só uma barreira lhe imporá o fim e essa barreira será a cerrar de uma vida que marcou o seu logar seguro na história universal.

A luta nos campos de batalha é apenas um incidente na história dos povos, e o valor do estadista está em recorrer a êsse argumento na última discussão e pela mais forte das razões.

E porque essa razão é a última ou a mais forte, não deve mentir, trapacear e por isso não impõe, com ares de labrêgo bruto e brigão, um esfôrço extremo ao país cujos destinos rége.

Analisêmos a segunda balisa da vitória completa dos aliados sôbre os centraes, Wilson.

Wilson, sem a finura de Lloyd Georges, mas como um *iluminado, sonhou* um logar na história universal e levando o seu auxilio aos aliados fê-lo com arte e suprêma prudência e mestría, esperando, mas aproveitando inteligentemente as oportunidades. Nisso foi uma creatura superior, que demonstrou conhecer os defeitos e as qualidades do povo americano ou sejam os seus predicados característicos; manejou-os e entregou os soldados do seu país aos generaes aliados.

Porém na paz quiz sobrepôr o seu criterio individual e dogmatico ao sentir dos aliados, que devia prever ao encarar o problema da participação da America na guerra; portanto falhou para a história como um vulgar *megalomaníaco*.

Wilson olhou tanto para si que se esqueceu de que havia mais gente cá por êste mundo.

Quanto a Clemenceu apenas aplicou os seus dotes combativos á defêsa integral e legítima da França. Nas suas frases oportunas e brilhantes, não ameaçava, não insultava. Fazia sempre apelo á necessidade absoluta da defêsa dos territorios francêses.

Foi violento por vezes?

Nunca o foi, porque é bastante inteligente e bastante cioso do brio da França para descer a insultar publicamente, ou deante seja de quem fôr, os seus compatriotas.

Foi então cáustico? Ainda menos.

Foi sempre e apenas um soldado energico, integrado nos seus deveres de estadista, esquecendo-se de si, para só pensar em todos!

E na França, apesar de invadida e incendiada,

houve defétismo, traição e por vezes cobardia; mas Clemenceau, castigando e punindo discretamente as fraquezas de alguns francêses, deixou que a opinião publica reservasse para si o papel de algoz.

Clemenceau apontava o caminho e quando sentia que a opinião pública quasi exigia o trilho indicado por êle ordenava a marcha e assim guiou e conduziu o povo francês atravez de crises moraes terriveis, em que não faltaram algumas batalhas perdidas pelo exercito francês.

Clemenceau, com o seu talento e a bravura serena e medida de um autêntico soldado, não perdia nenhuma oportunidade de exaltar ostensivamente os bravos que se notabilisavam, não só na defeza da terra francêsa, mas ainda em toda a parte onde combatia um francês, *vencido* ou vencedor!

Mas Clemenceau, porque não mentia, nem trapaceava, acabou por se impôr ao povo francês, e porque recorreu *sempre á sensibilidade moral*, venceu as resistências, que por vezes não foram para desprezar; todos o sabemos.

Porém, terminada a guerra, Clemenceau, um combativo por excelência, teve que ser posto de parte com todas as honras, porque a opinião da França inteligente e sensata... teve mêdo dêle!

Veniselos, patriota de envergadura gigantesca, consegue em alguns anos fazer da Grecia de ha 20 anos uma Grecia grande e forte; ao estalar a guerra europeia vigia a sua patria e ampara-a ora á frente dos seus destinos, ora exilado, contra qualquer passo terrivel no grande conflito.

Consegue impôr-se aos estadistas de primeira plana das nações vencedoras, mas chegada a Paz quer aproveitar a oportunidade para realisar o maior sonho da sua Grecia, a Grecia de Constantinopla. Luta para isso, esquece-se de que a vida de um homem é tempo muito reduzido para se atingir a realisação da ambição humana, esquece-se do sacrificio humano e perde a partida. A Grecia repele-o.

Toda a gente se admira, muitos não percebem os gregos, outros insultam-nos, porém a paz estava feita e o exército grego continuava mobilisado: a Grecia não perdera um palmo do seu territorio, antes qualquer cousa viera na liquidação dos Balckans e o povo grego não percebia realisações de tradições históricas que de momento não lhe interessam porque pertencem a gerações de ha muitos anos. E então o povo grego, repelindo Venisellos, diz-lhe «Basta! *mais não, por agora!*». Venisellos caíu na paz e está posto de parte pelo povo grego!

É preciso que quem dirige povos saiba sentir o momento em que êsses povos dizem, «Basta, mais não, por agora», e aquêles que não sabem *vêr isso ..... caem sempre.*

E' curioso notar a coincidência de serem, tanto na Inglaterra como na França, os nomes de Loyd George e Clemenceau, antes da guerra, simbolos de agressão para o espirito conservador inglês e para o espirito religioso da França.

Eram, ao estalar a guerra, dois nomes antipáticos á maioria dos seus respectivos compatriotas. A imprensa portuguêsa, no seu programa forçado de radicalismo e de irreligiosidade, fazia grande alarido em volta dêstes dois nomes, mas inglêses e francêses, falados um por um, torciam-se em geral ao ouvirem proferir taes nomes, o que deve achar natural quem conheça bem a índole dos dois povos e não queira enganar os seus compatriotas, comendo-os por tolos.

No entanto, e apesar de tudo, ao findar a guerra, Clemenceau ficava sendo o primeiro cidadão francês da Grande Guerra, e Loyd George conquistava definitivamente o logar do primeiro estadista do seculo XX e até á data não se vê ainda quem lhe tirará o logar.

Na Grande Guerra defendiam-se a França, a Inglaterra, a Belgica e a Servia. Todos os outros

povos beligerantes, quer dos aliados quer dos centraes, atacavam. E Portugal?

Portugal teve um papel excepcional. Defendia-se em Africa, embora frouxamente, e sacrificava-se em França!

As proprias creanças d'instrução primaria das futuras gerações portuguêsas nunca perceberão claramente este *golpe de vista*... E não admira porque é impossivel explicar-lhes o facto sem se lhes mentir ou sem trapacear, confundindo causas com efeitos e vice-versa.

Os que profundarem mais tarde e detalhadamente a história da nossa coparticipação na Grande Guerra ficarão atónitos com a soma de disparates, mentiras e trapaças que precederam, cercaram e acompanharam a ida das nossas tropas para os campos de batalha da *Europa!*

Os estadistas que chamaram a si essa resolução forçada fizeram-no, sem *instinto nenhum das justas proporções* e, quanto a *sensibilidade moral*, mostraram na preparação e na *imposição* do sacrificio que desconheciam êsse grande elemento para manejar a natureza humana.

Contando *comsigo* e com os *seus* esqueceram-se de que em Portugal havia mais gente! Não conheciam a arte de levar gente ao sacrificio e hoje como então só veem maldade e cobardia onde havia deficiência de predicados proprios!

A's primeiras resistências perderam a *tramontana* e recorreram aos insultos, ás vaias e ao praguejar de abegoaria e de cocheiros!

Não recorreram á coragem e serenidade que são predicados de bravura, porque não é só bravo quem tumultuariamente se bate nas guerras; aquêles que lutam com fé e verdade para que os outros se vão bater são tambem bravos que se sacrificam por um programa em defêsa da Patria ou para seu engrandecimento, mas é preciso que tenham tambem pelo sacrificio alheio aquela consideração que lhes

merece o seu sacrificio; se não, podem caír num programa de *têsos,* á custa da coragem alheia.

Ha diferença entre a apreciação do valor alheio sacrificado ou a sacrificar e a critica propria de taberna em dia de descanso semanal; e nas vésperas de partirem as tropas para França Lisboa parecia uma taberna num dêsses dias, em que a lógica se perde no meio dos insultos, das obscenidades e do despreso pelas conveniências.

Os dirigentes de taes programas tinham fatalmente que cair e a natural reacção manifestou-se com o nome de *sidonismo.* Se não fosse Sidonio Paes seria qualquer outro o chefe da fatal reacção contra o forçado sacrificio imposto, por assim dizer, a murro, á praga e quasi a pontapé.

Estou absolutamente certo e não é necessario ter perspicacia notavel, nem ter grande espirito de previsão para poder afirmar que o choque das tropas alemãs contra as nossas em 9 de Abril na Flandres seria seguido num curto período de horas ou de dias de outro choque pavoroso dado pela nação contra o governo que obstinadamente insistiu para a nossa coparticipação nas lutas e combates do *front ocidental.*

Quem quizer ser imparcial e não tenha fraca memoria deve ser da mesma opinião.

Sidonio Paes, com a sua revolução, poupou aos governantes da União Sagrada um terrivel desaire e para a sua politica pessoal foi êsse o primeiro êrro, pois que actuou fóra de oportunidade.

VIII

A nossa Escola Militar

Todos os povos e todas as raças teem a sua sensibilidade congénita. E' necessario aos estadistas e aos chefes de tropas estudarem cuidadosamente e manejarem com destreza e de forma habil essa sensibilidade.

Aquêles a quem a sociedade confere as funções do mando não podem, não devem, nem se lhes perdôa que sejam como toda a gente.

Devem conhecer por experiência propria como é toda a gente, mas para serem gente especial e de psicologia educada diferentemente por observação cuidada dos predicados alheios, conduzida de modo a moderar os naturaes ímpetos da sua raça.

Já referi que a vulgar observação confunde o condutor de homens com aquêle que arrasta homens.

A psicologia do condutor de homens deve ser diferente daquêles que conduz, por temperamento e por educação; o que arrasta homens não precisa de se preparar para isso, basta que tenha exageradas as exteriorisações dos predicados daquêles que arrasta.

O condutor de homens é sempre um chefe; o que arrasta homens é apenas... um louco que, depois de sugestionar a loucura alheia, acaba por ser arrastado pela loucura que sugestionou.

Em Portugal ninguem se preocupa com essas *frioleiras* e por isso andam todos aos .. coices.

Poucos chefes de tropas nossas em França tiveram a preocupação de manejarem e estudarem devidamente a naturesa da sensibilidade moral da raça portuguêsa e por isso a grande massa dos soldados sofreu na Flandres escusados sacrificios de ordem moral.

A nossa Escola Militar não cultiva entre os seus alunos a escola da observação e da sensibilidade.

Já no meu tempo de estudante, com o nome de Escola do Exército, era uma escola cheia de *secura, egoismo, servilismo e apatia.*

O novo regimen republicano mudou-lhe o nome e chamou-lhe Escola de guerra, mas nem de exércitos era nem de guerra ficou sendo, e naturalmente hoje nem de militares ainda é, porque as escolas dos exércitos, dos guerreiros e dos militares não se reduzem apenas a escolas de técnica material. Se essas escolas despresarem ou desconhecerem a *grande técnica moral* são apenas escolas de técnica militar e nunca escolas de Exércitos, Escolas de guerra ou Escolas Militares.

Há a preocupação de que para bem mandar necessario é aprender a bem obedecer.

Com a autoridade moral e profissional que me conferem as vezes sem numero que tenho obedecido e as vezes tambem sem numero que tenho mandado, eu afirmo que essa noção de ligação moral entre chefes e subordinados é simplesmente uma noção errada e até estúpida do que é o *prestigio.*

Porque obedecer e mandar são duas cousas tão diferentes, que nem antagónicas são!

A educação militar participa das duas *sciencias*, que outra cousa não são o obedecer e o mandar.

Aquêle que só sabe obedecer e não sabe mandar é uma peça defeituosa e *insuficiente* na máquina militar, ainda que seja um soldado raso.

Aquêle que só sabe mandar e não sabe obedecer é uma peça *perturbadora* na máquina militar.

Só é militar perfeito o que conhece *bem* as duas maneiras de ver da mecânica moral, da arte militar.

Aquêles que não sabem mandar acham desobediências em factos e incidentes que não são senão o reflexo automatico da sua insuficiência manifesta na arte de mandar.

Aquêles que não sabem obedecer acham abusos de autoridade nas ordens dadas pelos chefes sempre que não conhecem essa sciência de obedecer que é indubitavelmente mais facil do que a de mandar.

Porque *quem manda manda bem,* mas... necessario é que saiba mandar.

Há obediências que de tal modo se exteriorisam que esmagam publicamente a insuficiência moral e profissional dos chefes.

Há ordens impostas sem a menor violência que esmagam e destroem até á raiz qualquer noção de desobediência premeditada.

O que é preciso, n'um e n'outro caso, é fazer tudo *a tempo.*

Os temperamentos moles e tímidos devem assustar-se com êste modo de encarar a disciplina, porque lhes ha de parecer que taes processos obrigarão chefes e subordinados a uma tensão moral tão continuada e tão intensiva que todos acabarão por serem inimigos irreconciliaveis.

Ora aí é que está o engano e de resto eu não estou escrevendo para gente mole, tímida ou de feitio atarantado.

Para êsses ha outras profissões mais proprias do que a de oficial do exército; para gente assim recomendo a profissão de jardineiro, por exemplo, em que o tratar de flôres não deve exigir grandes preocupações moraes, nem grande apêlo á energia moral de que cada homem precisa dispôr para se poder dominar.

Porque, se quem obedece tem que se dominar, quem manda egualmente tem que se dominar e muito mais do que quem obedece.

E ainda porque ao conhecido esbribilho de caserna de que *as ordens se cumprem sem discutir* corresponde um outro principio axiomatico em disciplina que é *ordem de que se não tem a garantia da obediência, não se dá!*

O primeiro lêma que todo o chefe deve ter para comsigo é estar sempre na convicção absoluta de que ninguem duvidará em cumprir uma ordem sua transmitida a um sobordinado, mas para tal suceder é necessario que *pense* nas ordens que transmite, senão arrisca-se a perder o *prestigio* e essa grande força, que leva anos a conquistar, perde-se ás vezes n'um momento!... Depois... já é tarde para voltar á primeira posição que tanto custou a sustentar.

Muita observação, muito domínio proprio, muita paciência, toda a serenidade possivel e compativel com a profissão militar, e, em resumo, toda a sciência e arte de ser chefe acabam por incutir em quem manda uma confiança tal em si que em poucos anos êsse profissional adquiriu a sciência completa do *mandar*.

E' n'êsse momento que está *feito* o condutor de homens

A obdiência alheia para êsse chefe é uma consequência *automática* da maneira como olha para os seus subordinados, da maneira como lhes fala, e, sobretudo, da maneira *como os ouve quando êles falam*.

Quanto ao hábito da obediência d'êsses chefes ela impõe-se por sua vez quando parte dos verdadeiros chefes de tropas e desnorteia, ataranta e aterra os chefes mais graduados, que teem a desgraça de ser chefes de insuficiência mental, moral ou profissional.

Na escala hierárquica dos chefes militares só há quatro qualidades ou categorias.

O oficial, quer seja alferes, quer tenente, quer capitão; o major; o coronel e o general.

Ao primeiro grupo pertence a sciência moral de conduzir soldados *de perto*.

Ao major ou comandante de agrupamentos comandados por capitães compete o ser chefe de oficiaes que comanda de perto e de soldados que conduz *de longe*.

Ao coronel compete o conduzir chefes com quem tem contacto directo e oficias e soldados com quem deve conservar a ligação moral que lhe fôr possivel, embora os conduza a todos *de longe*.

O general deve ser o chefe de todos os chefes e o *mais forte* dos soldados, não para pegar n'uma espingarda ou apontar um canhão, mas para dispôr das mais altas qualidades moraes entre todos.

Por aqui se vê que, de major para cima, os exércitos não podem abdicar dos predicados pessoaes dos seus chefes e a tal ponto que os predicados técnicos só deverão vir em segundo logar.

Quero eu dizer que para tenente ou capitão qualquer alferes serve, desde que seja um rasoavel alferes.

Daí para cima só servem os que tiverem predicados pessoaes de condutores de homens.

A dificuldade está nas provas em tempo de paz?

Talvez, mas a verdade é que tambem a incapacidade é visivel nos primeiros dias de uma campanha; assim haja a coragem moral de lhes dispensar os serviços ás primeiras provas de incapacidade, e na campanha da França faltou e muito essa coragem aos coroneis e aos generaes.

Eu, simples major graduado, fui mais exigente no assunto do que o foram todos os chefes que conheci em França. Não temo contestações, nem me arrependi de assim ter procedido, pois que, quando mais não fôsse, tenho agora o prazer de o declarar em público.

Em resumo, o que na Escola do Exército, de Guerra ou Militar, o nome pouco importa, o que se torna necessario ensinar e provar bem aos seus alunos é que o *combate* é uma prova de aplicação para chefes e não uma técnica. A técnica é só uma sciencia de tempo de paz.

Tive ocasião de observar em França que a maioria dos produtos que a Escola do Exército preparava era uma materia prima magnifica, com

preparação técnica muito razoavel, mas á qual faltava, na maioria, a *grande técnica moral.*

E muitos dêsses produtos eram de uma assimilação cheia de *avidez*, logo que se lhes mostrava *a grande sciência moral* na arte da guerra.

Que pena e que fatalidade! Que de energias perdidas! Quantos crimes e quantas desgraças se podiam ter evitado...

Que haja, pois, por parte do país, um amplo perdão para os soldados... criminosos do C. E. P.

IX

Serenidade - Energia - Friêsa - Decisão

O *calmo,* embora impetuoso na forma, é sempre *sereno* na ideia, por isso vê claro e como sente que o seu papel é trazer a vontade alheia ao *acordo* comsigo, só vê os outros e nem de si se lembra.

Se se *irrita* intimamente quando sente resistências com que não contava é porque não vê meio de resolver o problema e está a perder a confiança em si.

O primeiro ímpeto humano e natural é acharmos que o defeito é dos outros, mas, se analisarmos a situação com imparcialidade e *serenamente*, encontraremos o defeito em nós.

E é por isso que mandar é sciência mais dificil do que obdecer, embora a análise superficial dos factos nos mostre o contrário.

Em resumo, obdecer custa menos do que mandar; as preocupações de quem manda são mais exgotantes do que as de quem obdece e tanto basta para se lamentar mais quem tem por função mandar do que quem tem por missão obedecer.

Quem manda *atura* sempre os outros; quem

obedece apenas se *atura* a si mesmo, o que é mais comodo, sem duvida alguma.

Só se chega a saber como é comodo o obedecer à medida que se vae tendo mais gente em quem mandar.

Se quem manda tem predicados de *bravura* inata, reage contra si e vence-se; se é *só um tèso*, como dizia o soldado disciplinar a respeito do tenente, insiste na mesma brecha, não procura encontrar outra mais acessivel e... passa à opressão *inoportuna*, provocando assim reações escusadas e com que não contava.

O resto é facil de prever. Uma luta sem treguas que perturba, que desorienta e em que perde o que rompeu o equilibrio com uma opressão inoportuna e extemporânea.

A energia dos calmos trás sempre a *frièsa da reflexão,* que indica rapidamente a decisão oportuna.

Em resumo, quem manda tem, como toda a gente, o direito de ter nervos, porém com uma condição, que é a de *voltar para dentro* as pontas dos referidos nervos, deixando só livres e a vibrarem a toda a força aquêles que o raciocinio indica claramente que devem actuar.

Dai a frase a tempo, a imposição fulminante ou a declaração dissimulada do erro que se estava cometendo.

X

Incompetencia para dirigir no exército e na política

Na guerra, como em todas as lutas, há *ficar, avançar* ou *retirar.*

Na politica há sempre os três problemas, que são *desistir, esperar* ou *reagir.*

Desde há uns bons quinze anos, poucos politicos do meu país conhecem a segunda hipótese, que é *esperar.*

A quási totalidade ou *desiste* ou *reage.*

A espectativa, o estudo das oportunidades, a reação expressa em actos e não em palavras, tudo isso é letra morta.

Não há meio termo, não se perde tempo a reflectir nas consequências. Os assuntos de mais valia teem, quando se trata de tomar resoluções, o valor de um cavaco banal á porta de uma tabacaria.

Entre dois cafés, cria-se uma direção geral ou lança-se um imposto; entre dois grupos resolve-se uma greve, uma questão financeira, uma questão colonial e até, ás vezes, uma questão internacional. Entre dois apertos de mão resolve-se demitir um funcionario, fazer uma contra-revolução, transferir um juiz ou prender um militar graduado!

Como não se olhou ás consequências e só se atendeu superficialmente, *muito superficialmente,* uma questão que demanda estudo, *tempero* e analise, a reação aparece logo; como pensar é maçada, insiste-se com irritação e, portanto, sem lógica. Daí a derrocada constante em que o país anda, sob todos os pontos de vista.

Nêstes tempos *ásperos* para o meu lindo e amorável país, os politicos de maior nomeada devem o

seu reclamo ao «*sport*» de *reagir*. De modo que acabam por actuar tão desorientadamente que ou são mortos ou caem com estrondo.

Onde está então a *energia calma*, a *friêsa da reflexão* e a *decisão* oportuna dos nossos estadistas e homens públicos?

Não há; não a teem, nem tratam de querer saber o que isso é!

E no Exército? Tambem ninguem liga importancia a essas *ninharias*!

Por isso tudo é que na campanha da França houve insubordinações, algumas de estrondo! Por isso tudo é que algumas vítimas cairam inútil e criminosamente fóra do seu logar. Por isso tudo é que morreu gente estupidamente. Por isso tudo é que nem todas as baixas havidas em França o foram em serviço da Patria. Foi por isso tudo que alguns foram imolados em holocausto a energias destrambelhadas. Foi por isso tudo — que é o mais grave — que algumas vítimas com a sua vida cobriram a cobardia de alguns superiores seus, que saíram incolumes dêsse... crime colectivo!

Que os que ainda estão vivos perdoem, se puderem e quizerem, isso tudo, porque os que morreram... êsses... não se queixarão nunca mais.

A resultante de toda essa *febre* de banalidades e de lógica superficial foi, em França, uma miseria mental e uma demonstração eloquente de uma pessima preparação moral.

E refiro-me apenas á falta de preparação moral, porque preparação técnica havia que chegasse.

Os principios classicos nesta guerra mantiveram-se; apenas no detalhe houve variantes facilmente supriveis pelo grau de cultura geral que possuiam os nossos aficiaes, em relação aos oficiaes inglêses e até aos próprios oficiaes alemães. Não é preciso ser-se vaidoso para se ter essa pretenção. Além d'isso o Exército Português em França, pelo

seu reduzido numero, não teve nunca ocasião de ter deante de si grandes problemas a resolver e, portanto, sob o ponto de vista técnico, estava á altura das suas funções.

E' certo que em materia de detalhe apareceram algumas cousas novas e houve a reedição de algumas cousas já postas de parte, mas o oficial português estava habilitado, (*e sempre que quiz* mostrou que o estava) a integrar-se sem custo e rapidamente nessas *surprêsas* da tècnica militar desta guerra.

Como chefes e dirigentes é que, em consciência, se mostraram... pouco habilitados com *a sciencia moral* que os exércitos exigem, por tudo e para tudo.

Para mim, a palavra *chefe* representa especialmente a função de toda a hierarquia militar, que vae de alferes a general.

XI

Diplomacia — Política e Exército

Asseveravam os partidarios da remessa de tropas para a Flandres que no exército não devia haver resistências á ida para a França, porque o *exército não tinha o direito de se antepôr á diplomacia.* Parece que êsses senhores que diziam isso se começaram a chamar a si mesmos *intervencionistas.* Ora como eu sei que em França **ao lado dos soldados** estiveram em numero muito reduzido creaturas *intervencionistas*, passarei a chamar aos outros todos adeptos da intervenção e que não *intervieram* — **os da intervenção** — o que exclue, pelo menos materialmente, a ideia da sua intervenção na campanha.

Reatando o começo dêstes periodos sobre a incapacidade do exército para tentar levantar resis-

tência á *diplomacia da intervenção* (1), eu poderia responder em nome dos soldados *todos* e dos oficiaes *milicianos* e dos sargentos *milicianos* tambem, que hoje, ou seja desde que há imposição absoluta e geral do serviço militar aos homens válidos de uma nação, os exércitos deixaram de ser rebanhos assalariados, para serem elementos conscientes e livres com quem há um dever sagrado a cumprir — que é a obrigação imperiosa dos politicos do país explicarem, até onde lhes seja exigido pelo exército, qual ou quaes as rasões que levam os mesmos politicos a empregarem o exército n'uma campanha; quanto á diplomacia essa deverá expli-

---

(1) A pagina 268 d'uma publicação sobre a guerra na Flandres, do meu ex.mo camarada Costa Dias, intitulada—**Flandres,** *notas e impressões*, li o seguinte: «aproximou-se (*o general Rosado*) dos elementos que haviam feito propaganda da nossa intervenção — dos que tinham juntado ás palavras os actos — e nêsse intuito chamava a conferenciar com êle, além do capitão Augusto Casimiro, o major Ferreira do Amaral, bem como o major Helder Ribeiro.» Tudo é verdade, excepto o eu ter feito propaganda da nossa intervenção.

Até virem a lume estas linhas nunca fiz *nem contra nem a favor*; agora já é tarde para a fazer *contra*.

E' necessario não confundir factos com *opiniões pessoaes*, de que ninguem póde dispôr, nem o maior ditador, nem o mais valente cabo de guerra. Ninguem nêste mundo tem o direito de dispôr da opinião alheia; dizem que no outro mundo as divindades das várias religiões é que fazem isso, mas como eu ainda não saí dêste .. tambem duvido, até ver. Em França e em toda a parte o que sempre defendi foi o meu brio profissional e mais nada, e sempre o farei, para que quando entenda e sempre que o entenda possa livremente e publicamente separar o que pertence ao exército e o que só a mim pertence, que são as minhas opiniões. Que o meu antigo condiscipulo me releve este meu — *repontanço* — mas a Cesar o que é de Cesar. Dos três nomes citados só dois foram *intervencionistas*, no sentido completo da palavra. Isto é: proclamaram e fizeram a guerra na Flandres.

Eu só intervim, não fui *dos da intervenção*. De resto em infantaria 15, na Flandres, todos os soldados, sargentos e oficiaes o podem testemunhar, pois que nunca lhes ocultei o facto. E todos êles se bateram como leões!

car, até onde lhe fôr possivel, ao exército a maneira como *negociou* o uso minimo do exército, nas suas *démarches*.

E' certo que o exército não intima nem dispõe da diplomacia ou dos politicos; mas a contrária é absolutamente egual.

A diplomacia e os politicos nunca intimam nem dispõem do exército. E, se não chegam os exemplos patentes, experimente-se quantas vezes se quizer e ver-se-há que o resultado é sempre... o que se tem visto.

E' certo tambêm que em tempo de paz o exército tem que explicar aos politicos *constantemente* o uso que faz da confiança que nêle se deposita para garantia da segurança interna do país e o valor dos seus vários elementos para a possibilidade da necessidade absoluta do seu emprêgo na guerra. E' de calcular que aos politicos não é permitido o entrarem pelos quarteis dentro e o andarem pelas casernas a inquirir dêsses assuntos, bem como não é permitido aos soldados e graduados de qualquer unidade irem discutir êsses assuntos para o Parlamento e para os centros politicos.

Exército e políticos teem os elementos de ligação normaes para essa troca de explicações como são o Ministério da Guerra, as casas do Parlamento, onde teem assento egualmente civis e militares; as revistas da especialidade e até a imprensa diária, não contando as inumeras trocas de impressões pessoaes fóra dos quarteis e dos recintos de caracter político.

Quanto á diplomacia essa tem que se entender *por vezes* directamente com uma entidade que a política perniciosa dos sucessivos ministros da Guerra tem relegado para o campo das cousas inuteis e afrontosas e que se chama *o Comando do Estado Maior do Exército*. Se a diplomacia *dos da intervenção* tem tido algumas trocas de impressões nêsse assunto da guerra, e sôbretudo da ida de

tropas para a Flandres, com essa entidade, teria poupado muitos dissabores a si e ao país e saberia seguramente conduzir os seus passos durante a guerra, com ida ou sem ida de tropas para a Flandres. A meu ver, em caso de guerra, as decisões da rectaguarda pertencem ao ministro da Guerra, mas as da frente pertencem só á tal entidade que aos ministros da Guerra do meu país repugna aturar, ouvir ou sequer consultar!

Um exército não póde ser um grupo de cabos de ordens ao serviço de um regedor da confiança de qualquer facção partidaria e é sempre regedor o ministro da Guerra que fôr mais político do que militar.

Isto é que é regular, isto é que é militar, isto é que é de política organisada, isto é que representa a força ao serviço do Direito e da Lei. O que não fôr assim é, quando muito, *uma trapalhada militar*.

De facto o exército não se póde impôr á diplomacia, mas a diplomacia é que não póde contrapôr-se aos exércitos de hoje que são, por assim dizer, a massa válida de qualquer nação.

A ideia de que a diplomacia de qualquer país póde hoje dispôr *discricionariamente* do exército dêsse país é uma pretensão que há de causar muitas desilusões aos mesmos diplomatas. Hoje por essa Europa fóra, apesar de acabada a guerra, continua-se a matar gente; e para quê? Para satisfazer apenas as fantasias e combinações puramente idealistas, teoricas e por vezes cínicas ou maquiavélicas dos diplomatas que gastaram horas ociosas a discutir um tratado de paz universal que não satisfaz nem aos vencedores mais fortes, nem aos contemplados mais pequenos. Os diplomatas apenas adiam as guerras. Quem as resolve são os exércitos e por isso só a êstes é dado o discutir a paz que se impõe ao vencido, porque êsse direito só póde ser imposto eficazmente ou sustentado de facto pela força e essa força é... a força dos exércitos ven-

cedores que interveem e não a argumentação dos diplomatas que se servem dos que *interveem* para encontrar os seus melhores argumentos. A diplomacia, ao assumir o papel de parte contratante numa paz, é apenas uma creança ingénua e pretenciosa. A sua intervenção directa apenas adia e complica questões que custaram rios de sangue, que por vezes tem que correr novamente para recuperar direitos que a diplomacia no seu papel platonico deixa perder em 30 % dos casos em que intervem. E assim como a diplomacia tem a iniciativa de uma guerra, assim aos exércitos cabem as iniciativas da paz. Do mesmo modo que a diplomacia tem por dever explicar ao exército as suas decisões, assim tambem os exércitos teem que explicar aos diplomatas as rasões do seu procedimento durante a guerra e na paz, ou seja no preço a exigir (sem discussão) pelo que vence de facto, que é o exército.

Emquanto ás relações dos politicos com o exército e vice-versa, é preciso começar por repetir o o que atraz ficou dito e que em bom e claro português se resume no seguinte: — um exército que tem por chefe um ministro militar que deve a sua cadeira de ministro à politica é sempre e em todos os países um exército acéfalo ou, melhor, um exército com uma pessima cabeça, o que é peor do que não ter nenhuma. O mesmo seria o ministro da Justiça que interviesse nas decisões da magistratura, o que transformaria a justiça dum país numa justiça sem vára ou num prostibulo nauseabundo.

O ministro da Guerra tem a seu cargo a organisação dos meios de que um exército necessita para merecer êsse nome. O ministro da Guerra entrega o exército ao seu chefe nato, que é uma organisação chamada Comando do Estado Maior do Exército e apenas zela pela sua honra, pelo seu prestígio, pelo seu bem estar material e moral e não intervem nas divisões e nos serviços privativos do

exército, como elemento perturbador e irritante ao serviço de uma facção partidaria. Um ministro da Guerra é o fiscal da defêza nacional e não um executor da referida defêza. E' um agente de ligação entre o exército e o Parlamento, tal qual o ministro do Comercio o é entre o comercio e o Parlamento. A atribuição de *executivo* representa nos ministros o papel de mandatario e não de chefe, que dispõe discricionariamente e diretamente dos serviços do seu ministerio.

O logar de ministro não é logar de provas e de carreira; é um logar transitorio que representa apenas uma tentativa ou uma experiência a fazer com determinado individuo.

As provas exigidas são apenas uma aspiração a satisfazer, ou do escolhido ou da facção politica a que êle pertence.

Não há cursos de ministros nem tirocinios ou provas perante júri para haver documentação com valores e classificação do merito relativo e absoluto.

E não parecerá irreverência afirmar que *todos* os generaes se arriscam a ser ministros da Guerra emquanto que o facto de se ser ministro da Guerra não facilita para os mais modestos provas do generalato, porque até pode ser um civil! Isto é, até póde ser ministro da Guerra uma creatura que tenha incapacidade fisica para a vida militar, emquanto que para general é necessario ter-se chegado a coronel, *pelo menos*. Como é, pois, que o ministro da Guerra é o comandante do exército, no nosso país? As direções geraes, os tribunaes superiores, os almirantados e os comandos superiores dos exércitos é que são os poderes executivos do país a quem o Parlamento conferiria a sua confiança e nunca deveriam estar subordinados ás decisões dos ministros. Estes deveriam ser, como disse, os agentes de ligação entre o poder executivo e o Parlamento ou seja os fiscaes delegados do Parlamento junto dos poderes executivos.

Só assim poderia haver continuidade na administração pública e seria um belo caminho para acabarem as revoluções, cá e onde as haja.

Os responsáveis pela ordem e pela marcha dos vários serviços públicos seriam os chefes natos dêsses serviços, ou por si ou por aquêles que justificadamente apresentassem como culpados.

O Parlamento apreciaria e mandaria julgar e o ministro seria, como disse, o fiscal e agente de ligação entre os serviços públicos e o Parlamento. Como está é uma trapalhada, uma confusão e, sobretudo, um desassocêgo.

E porque diplomacia, política e exército andaram desligados e por vezes sobrepostos, na questão da nossa participação na guerra, é que á conta da Grande Guerra se fizeram no nosso país, entre movimentos, pronunciamentos, revoltas e revoluções, uma duzia bem contada!

XII

Duas perguntas apenas

O exército não se devia antepôr á diplomacia na maneira de cooperar com os nossos aliados. Já apreciámos esta maneira de ver da diplomacia na Flandres (1).

Mas antes de responder a esta afirmativa, era necessário sabermos «*todos*» varias cousas como

(1) Devo acentuar que nas minhas reflexões sobre a escusada intervenção de Portugal na Grande Guerra me refiro á ida de tropas para a Flandres, o que de resto é e foi sempre o assunto discutido, porque até hoje ninguem atacou a ida de tropas para as nossas colonias, e se alguma voz se levantou a discutir a utilidade e oportunidade da nossa não coparticipação no conflito essa voz teve como resposta... um silêncio desanimador e eloquente. O que sempre se discutiu e muito foi o soldado da Flandres e não o d'Africa.

estas: — de que *diplomacia* se tratava? De que exército se tratava? A quem se iam exigir maiores sacrificios? Aos oficiaes ou aos soldados? Tratava-se da *diplomacia* dos aliados ou duma diplomacia que opiniões pessoaes tinham estipulado em Portugal?

Que facção do exército teria que partir para a Flandres? Era o primeiro escalão do activo ou seria das reservas a mobilisar?

A quem se contestava o direito de interrogar a *diplomacia:* aos oficiaes, aos soldados ou a todos?

Em toda esta trapalhada necessário se tornava procurar um pouco de lógica.

As rasões de Estado não são só devidas aos politicos e aos diplomatas; *qualquer cousa* é necessário dizer á massa da nação e aos *maiores sacrificados.*

Duas perguntas havia, pelo menos, o direito a fazer por parte dos oficiaes do exército.

Primeira: quem era o inimigo?

Segunda: onde estava o inimigo?

Ainda hoje julgo que não era demais exigir o exército pela boca dos seus oficiaes do quadro permanente, á *diplomacia*, as respostas a estas tão singelas perguntas.

A' primeira pergunta respondiam *todos* que o inimigo era a Alemanha e á segunda respondiam só os da *intervenção* que estava... no «front»!!!

Qual «front»?... perguntei eu varias vezes a creaturas que se me deparavam a *exalar hálito* guerreiro contra a Alemanha.

«Lá! no «front» ocidental, ao lado dos belgas, dos inglêses e dos francêses»!

Era o *mot-d'ordre* dos *diplomatas da intervenção.*

Era, por assim dizer, *a diplomacia* a responder-me pela bôca dos seus apaniguados e mandatarios.

Mas eu tinha conhecimento do combate de Naulila, da defeza do Sul d'Angola, do ataque do Cuanjar, do ataque de Mazina, que são logares de Angola e

de Moçambique e não logares da Flandres, e repetia a pergunta muito ingenuamente á *diplomacia*.

«Mas... qual «front»!?

A *diplomacia* irritava-se e despedia-me uma aluvião de frases violentas e até insultuosas em que se falava muito em *morrer* (1) *pelo Direito e pela Razão*, em *cobardia*, em *traição*, em *germanófilos* e por fim calavam-me a boca com o ultimo argumento, que era sempre a afirmação *dogmática* de que o exército não tinha o direito de se sobrepôr ou contrapôr á *diplomacia!*

A diplomacia era só *dêles* e o exercito tambem era só *dêles*!!!

Marchei para França convencido de que se ia aì travar uma *luta sem lógica*, por lá andei, n'essa convicção, mais de dois anos seguidos e de lá vim sem ter percebido a *diplomacia!...*

Seria porque não morri?

Talvez!

E hoje fica mal aos meus brios de oficial do exército permanente perguntar á fantastica *diplomacia dos da intervenção* porque é que, estando o inimigo a hostilisar-nos nas colonias desde Novembro de 1914, nós fomos á Flandres travar luta com os alemães, entregando parte da defêsa de Moçambique aos inglêses.

.....

A *diplomacia* fala-me hoje em um *livro branco* em que ha uma página... *em branco*, que tem de ser substituida por maravilhosas combinações de frases de varios documentos, que é preciso encadear e ás vezes *engendrar* para dar um *xadrez* de lógica complicadissima com um cheque mate em mais de sete lances!

Além disso a diplomacia, com ares sibilinos, vae dizendo á boca pequena que no *livro branco faltam*

---

(1) O que êles queriam é que *morresse* muita gente. Não falavam noutra cousa!

uns documentos que a Inglaterra pediu para não serem publicados, porque a «Espanha... coisas e tal... etc. !»

Mas então, pergunto eu agora já com a *diplomacia* bem a cavalo depois de ter cumprido todos os deveres que ela me impoz (1) menos o tal programa um *pouco forte* de morrer sem discutir, *pelo Direito e pela Rasão:* — se dos lados da Espanha havia perigo, porque saíam tropas de Portugal para a Flandres? Era para ameaçarem pelo Norte a Espanha no caso de ela nos invadir? Seria estratégia *da diplomacia!?* Ou seria diplomacia de estratégia?! Nem uma cousa nem outra. Era apenas uma diplomacia de simplorios, teimosos, vaidosos e banaes.

Também me joga hoje a *diplomacia*, com os mesmos ares sibilinos, o seguinte:

— E' porque a Inglaterra estava a querer pôr-nos de parte no conflito!

— Então isso dela pedir tropas portuguêsas para a Flandres era... uma mentira da diplomacia ao país?! Eu julgo que a alegação *patente e pública* dêsse desejo da Inglaterra seria uma maneira inteligente de falar ao país e á Inglaterra.

Mentir, nêsse caso, é que foi, senão um crime... pelo menos estupidez, e grande.

Então fomos á Flandres, não contra os alemães do «front» ocidental, mas para nos defender dos inglêses?!

Não! — responde hoje a *diplomacia* — é que há detalhes, que escapam agora á critica, mas que os nossos *diplomatas* viram patrioticamente na ocasião!

---

(1) Tendo na minha folha de matrícula registados varios documentos comprovativos de que algumas vezes ajudei a *diplomacia* a cumprir os seus programas, documentos que não pedi nem *requisitei*, julgo-me no direito de fazer a pergunta directamente á *diplomacia*, que hoje é de carne e osso, como eu.

E assim hoje a *diplomacia* deixou perder de vista ao país as rasões que levaram os nossos soldados á planicie de Sur-la-Lys?!

E' porque o exército não ajudou a *diplomacia?*

E se eu disser que a *diplomacia* é que não ajudou o exército?...

Vá vendo o leitor que trapalhada! Eu, por exemplo, fui á Flandres combater os alemães porque a Inglaterra pediu para lá ir, porque a Espanha ameaçava Portugal e porque a Inglaterra primeiro não queria que nós entrassemos no conflito e porque depois já queria... Emfim, inimigos três. A Inglaterra, a Espanha e a Alemanha. E eu e mais todo o C. E. P. vencemos isso tudo?!

Irra! Não me envergonho de confessar que ainda hoje sinto calafrios... dos perigos que me couberam na Grande Guerra! Com efeito! A Inglaterra, a Hespanha e a Alemanha! Kitchner, Lloyd George, Afonso XIII e o Kaiser! Já é!.. E eu a julgar que o nosso maior inimigo era a União do Sul! Mas não, êsses até foram muito amaveis, porque, como nós não mandavamos para Moçambique um C. E. P., vieram êles defender o que era nosso!

.....

Enfim perdeu-se a lógica dos estadistas *da muita intervenção na Flandres e pouca intervenção em Moçambique,* e o exército e o país ficaram sem perceber nada. O que vale é que os inglêses tambem ficaram na nesma, e o tratado de Paz, no que nos diz respeito, tambem fala... *como gente.*

Kionga, quatro torpedeiros com *proíbição de torpedearem,* e os navios alemães!

Kionga fomos nós ocupar, os navios agarrámolos nos nossos portos e apenas os quatro torpedeiros *que estão proíbidos de torpedear* é que foram uma especie... de mata bicho! E tão reles êsse mata-bicho que não caberiam dentro dêles todos quatro os 4.000 cadáveres dos soldados

que os alemães nos mataram na Flandres, além de que esse mata-bicho foi tirado á Austria, que não teve guerra nenhuma com Portugal. Pelo menos os nossos soldados nunca aprisionaram nenhum soldado austriaco ou hungaro. Que trapalhada!

E, já que falamos em soldados, ocorre perguntar: E com os nossos soldados como procedeu a *diplomacia,* visto que com os oficiaes ficou *ela* de mal logo ao estalar do conflito?

Com os soldados que foram á Flandres foi assim:

A *diplomacia* entregou aos seus *arautos* e *beleguins* o encargo de explicarem o assunto aos *maiores sacrificados* e suas respectivas familias, pela imprensa, pelos comicios e pelas conferências, e assim aos futuros soldados de Sur-La-Lys berrava-se-lhes até ao fundo dos ouvidos, que era preciso *mor...rr.. rr...rer!...* pela Razão! *Mor...rr... rr...rer!...* pelo Direito!... pelos pequenos povos! E os futuros soldados da Flandres, de toda essa arenga, por vezes em termos imbecis, quasi sempre em termos agressivos... só percebiam que iam por causa *de muitas cousas que ficavam desconhecendo,* mas que o que iam com certesa era... *mor...rr...rr ..er!*

O mais elementar conhecimento da psicologia das multidões aconselhava nessa propaganda falar muito em matar e pouco em morrer; mas é que entre *arautos e beleguins* predominavam os *beleguins* que tinham a certêsa moral de que não iam *mor...rr...rr. .er!* (na Flandres pelo menos), e com respeito a alguns dos *arautos* tambem havia a certêsa antecipada de que, em troca da *propaganda,* lhes seriam dados em França logares de risco minimo ou seja nas zonas rezervadas ás mulheres e creanças... Foram bem poucos os que mostraram em França a devida coerência entre os seus actos *lá* e as suas palavras *cá.*

Foram tão poucos que citar os nomes dos coerentes seria uma vergonha... para todos nós...

Perdão! para todos menos para êsses miseraveis e cobardissimos farçantes feitos de lama e de mentira! Alguns nomes teem aparecido a publico (1) que não só trataram *da intervenção*, mas tambem chegaram a intervencionistas na Flandres. Americo Olavo, Augusto Casimiro, André Brun, Jayme Cortesão, Carlos Olavo, Joaquim Ribeiro e não sei se mais alguns. Porém a par dêsses poucos nomes quanta lama, quanta podridão e quanta farça!

Muitos houve que, depois de fazerem uma propaganda activa para a ida para a Flandres... fugiram a toda a força para a Africa! Sobre o assunto tenho uma lista que, embora incompleta, é curiosa.

.....

E ao país? O que dizia a *diplomacia*? Sim, porque os diplomatas de qualquer nação não teem o direito de se *sobreporem* ao país. Os *diplomatas* é que pertencem ao país, não é o país que pertence aos *diplomatas*. Ou não é assim? E' capaz de não ser.

Ao país explicava a *diplomacia* tudo, mandando colar nas paredes das casas uns papelinhos que diziam assim:

Odeia o inimigo!

Vigia o espião!

Despreza o boateiro!

E o país, ao sentir através da literatura dos taes papelinhos um terrivel cheiro a gente morta, perguntava á *diplomacia*:

«Mas então, estando os alemães a atacar-nos nas colonias, como é que o inimigo, o espião e o boateiro estão na Flandres?!»

E a *diplomacia*, irritada, respondia, furiosa:

— «Mas!... **Lá!**... é que é!!!»

.....

(1) Várias obras teem aparecido sobre a nossa intervenção na Flandres, de intervencionistas, não intervencionistas e indiferentes. Os nomes que cito são de intervencionistas.

E quanto aos políticos da ida para a Flandres? Que diziam êsses *irózes* ao país? Esses... mandavam percorrer as ruas Lisboa um grupo de homens um tanto mal encarados, acompanhados de um bando de garotos sujos, descalços e esfarrapados, levando á frente uma bandeira nacional empunhada por um marinheiro ou por um soldado de farda desabotoada e boné para trás, tudo seguido por uma filarmónica, berrando furiosos, ameaçadores e algo avinhados:

— Viva a Guerra!
— Abaixo os traidores!
— Morram os cobardes!
!? !? !? !? !? !?

....

Quanto nôjo e asco senti na alma ao ver passar várias vezes essas tristes alimarias não o posso eu exprimir num desabafo... porque a língua portuguêsa não tem expressões que definam êsse nôjo e êsse asco. Eu pelo menos não encontro em dicionários portuguêses têrmos equivalentes á repulsa que tal espectaculo me causou, embora se tenham passado alguns anos sôbre êsses e muitos outros actos de *banditismo moral!*

E qual era o valor moral da raça a quem êsses bandidos insultavam e amarfanhavam?

E' o que vamos ver em factos colhidos nuns escassos apontamentos que possuo e que completarei com os elementos que a memória e a prova testemunhal me facultam.

XIII

Tradicional valor em combate da Gente Portuguêsa

(Mongua, 20 de Agosto de 1915)

E' ainda aos áridos e ingratos sertões do Sul de Angola que vamos colher alguns elementos do valor da fibra de uma raça que há anos navega na História sem amparo moral e falha de governo.

O quadrado de tropas portuguêsas que no dia 18 de Agosto de 1915 tinha repelido um violento ataque de Cuanhamas deslocara-se quilómetro e meio mais para o Norte, para junto de umas cacimbas que se ficaram chamando *as cacimbas da Mongua*.

Essa deslocação do quadrado fôra feita no dia 19 pela tarde, depois da coluna ter sustentado antes do meio dia (das 9 ½ ás 11) outro combate quási tão violento como o da vespera (1.º combate da Mongua).

O avanço do quadrado para as *cacimbas* fôra feito debaixo de saraivadas de balas inimigas. O grupo de auxiliares *damaras* só a tiro de pistola tinha sido levado até ás *cacimbas*. A cavalaria de segurança não poude manter o seu serviço e teve que recolher duas vezes ao quadrado. O bosque era mau terreno para esta arma, que só em campo livre e desabrigado tem tôdas as vantagens de uma arma independente e de papel ofensivo. Uma carga decisiva e brilhante da nossa infantaria (uma companhia do 17, os landins e uma fôrça do batalhão de marinha) poz têrmo á luta nêsse dia (2.º combate da Mongua).

Essa carga fôra executada por tôda a face norte do quadrado e pela marinha, que, como já vimos

atrás, quando nos referimos a um episódio do 1.º combate da Mongua (uma carga de cavalaria no Sul de Angola), guarnecia a face leste.

O 2.º combate da Mongua terminara, pois, como dissémos, por um arranco dos nossos infantes. O centro dessa linha de baionetas era ocupado por uma companhia d'infantaria 17, que nêsse dia ganhou para a bandeira do seu regimento uma Torre e Espada, pelo menos (1) (que nunca teve). A' esquerda acompanharam infantaria 17 as baionetas ferozes dos landins e á direita algumas dezenas de intrépidas baionetas da nossa marinha de guerra.

A posse definitiva da água lamacenta das *cacimbas da Mongua* ficára definitiva com êsse arranco salvador!

A coluna tinha toda ela estremecida por instantes por ter sido colhida em marcha no meio de um bosque, mas por fim vencera mais uma vez um feroz inimigo de quem não havia a esperar quartel, no caso de insucesso.

Pela tarde dêsse dia 19 um indígena apresentava-se na coluna prevenindo o comando de que no dia seguinte pela manhã seriamos atacados pelo inimigo *em pêzo* e que assistiria ao combate o soba Mandumbe, chefe de toda a região do Cuanhama.

Esse indígena era cuamato, residia havia tempo no Cuanhama e em troca das suas informações apenas pedia que lhe não destruissemos a habitação e lhe poupassemos as vidas dos seus.

Era uma creatura *prudente* e *sisuda*, em quem mais imperava a noção da propriedade do que o brio da independência. . . No entanto foi para nós, seus inimigos de ocasião, uma creatura útil e amavel. . . o que lhe rendeu da nossa parte alguns

---

(1) N'esse tempo ainda ninguem em Portugal sabia que nos exércitos extrangeiros se afirmava o valor de uma raça com êsses padrões. Em França e na Flandres é que foi... vêr... *e crêr!*

charutos, muitos cigarros, varias bebidas alcoolicas e. . . rancho melhorado, embora escasso, da coluna.

Eu não lhe dei nada e apenas lhe lancei o olhar que me mereceu o seu. . . tão solícito interesse pelas nossas conveniências. . .

De facto, em 20 de agosto, eram 7 horas e dez minutos, pelo relogio do comando, quando a coluna foi atacada pelo mais cerrado fogo inimigo que nos tem sido feito em campanhas, nas nossas colonias.

Em 20 d'agosto de 1915 (3.º combate da Mongua) o ataque inimigo iniciou-se por uma verdadeira cortina de projecteis de arma estriada e que se manteve com essa intensidade durante horas!

Não admira. A pretalhada do Sul de Angola desde 1904 que se abastecia de armas portateis das nossas forças coloniaes e dos respectivos projecteis aos centenares, e até aos milhares. Varios successos dos povos dessa região que tinham antecedido os combates da Mongua haviam sido o motivo principal de tanto armamento e de tantas munições terem ido parar ás suas mãos. Alem d'isso, a venda clandestina e rendosa de armamento e munições fornecidas e levadas até êles por negociantes portuguêses, alemães e inglêses tinha concorrido para aumentar um tal formidavel «stock» de armamento. Mas... não só os negociantes tinham municiado tão *desinteressadamente* a população aguerrida do Sul de Angola.

Tambem algumas fardas tinham mercadejado em varias ocasiões a nossa soberania no Sul de Angola! Esta miseria moral tem precedentes... pois que já em 1524, na India, quando Vasco da Gama lá foi pela segunda vez como segundo vicerei, se verificaram idênticas baixesas. Vasco da Gama, ao preparar uma batida geral em todo o Malabar, trouxe á supuração escandalos enormes, que tinham antecedido essa sua segunda ida á India.

Nada menos se verificou do que faltarem nos depositos muitos canhões e grande porção de mu-

nições, por haverem negociado com elas os proprios portuguêses, que as vendiam aos moiros!

Já na India os portuguêses se batiam como feras e... procediam, por vezes, como acabamos de ver.

Por isso não admira que em um posto do sul da colonia de Angola um oficial que tinha assumido havia dias o comando dêsse posto, que lhe havia sido entregue por um sargento que retirara a mata-cavalos para a Metropole, visse nessa manhã um grupo de cuanhamas pedindo o resto das munições, conforme o combinado!

O oficial, atónito e temendo alguma cilada, correu com os negros e á tarde tinha o seu posto cercado por cuanhamas, que o mimosearam com alguns tiros. Socorrido por forças, que lhe acudiram, tudo voltou á boa paz e o incidente esclareceu-se. O sargento, dias antes de se retirar, vendera aos citados cuanhamas, por preço muito compensador, algumas munições, que dera como consumidas e empregadas em repelir correrias imaginarias de cuanhamas na área do posto, mas marcara certo dia para entregar o resto das munições que, dizia, estavam em caminho e a chegar. No entanto ficára antecipadamente com o preço de todas. Das que entregara e das que os honrados cuanhamas exigiam a tiro ao oficial! O oficial ainda hoje é vivo. Conheço-o pessoalmente e o facto é notório e público na gente antiga de Angola.

No Sul de Angola, tambem, um oficial fez bons interesses com as munições que lhe estavam confiadas em um deposito de material de guerra do Estado, pois que uns parentes de sua mulher permutaram no Cuanhama muito cartucho Martini e Kropatcheck por cabeças de gado. Conheci o oficial e os citados parentes.

Em outro posto um oficial, tempo depois de ter assumido o comando do referido posto, verificou que os cunhetes das munições d'infantaria estavam cheios, na sua maioria, de pedras e areia! O posto

tinha-lhe sido entregue por outro oficial e a verificação das munições tinha sido feita... pelo pêzo de cada cunhete, pezado separadamente. Conheci ambos os oficiaes e o facto é público e notório em Angola.

No Sul de Angola, em um posto fronteiriço da zona do Cuanhama, um soldado europeu, de noite, ia vender cartuchos Kropatchek aos cuanhamas, cartuchos que eram roubados aos camaradas e na arrecadação.

O oficial comandante do posto averiguou o facto e, para não estar com mais delongas, resolveu dar um exemplo que aterrorizasse os restantes.

Mandou atar êsse facinora da nossa soberania a uma peça e mandou-lhe retalhar o lombo ás chicotadas, mas ao fazêl-o ordenou tambêm que o colocassem de costas para a bandeira portuguêsa, para a qual, pelo seu procedimento, não podia olhar.

Mais tarde toda a guarnição dêsse posto se insubordinou, correndo os oficiaes e os sargentos a tiro, ficando morto um oficial e feridos dois.

O comandante que assim procedera, empregando meios tão violentos, tomara êsse expediente porque, tempos antes, um outro sargento, tambem no Sul de Angola, fôra levado a um conselho de guerra por ter vendido aos cuanhamas munições de um depózito á sua guarda, mas as autoridades militares da região e o oficial encarregado de levantar o auto acordaram em dar ao caso a côr de extravio levado á conta de relaxamento e falta de vigilancia! Procederam assim por benevolência e para evitarem ao jury do conselho de guerra a emergência de condenar á morte o sargento(1)! Este,

---

(1) Este facto passou-se ainda sob o regimen monarquico que tinha no codigo de justiça militar, e muito bem prescrita, a pena de morte, que o regimen republicano aboliu e muito mal. A pena de morte, nos exércitos, lava os maiores crimes.

perante tal orientação, apenas sofreu uma pena disciplinar ! ! !

Quanto ao oficial a que atrás nos referimos e que tomou o expediente oportuno de quasi matar o miseravel a chicote, viu-se em palpos de aranha para não ir parar a um conselho de guerra e teve que abandonar o serviço activo, pedindo a sua reforma ! Alguns soldados sobre que impendiam responsabilidades graves na insoburdinação, incitados *por oficiaes*, acusaram o seu comandante de não permitir que os soldados olhassem para a bandeira, que era já a bandeira do regimen republicano ! Os soldados que, como cabeças de motim, responderam nêsse conselho de guerra, foram todos absolvidos.

O júri rojara-se, aterrado, perante a terrivel acusação dos díscolos e tremera pelas conseqüências que adviriam para a sua permanência comoda em Loanda, se os condenasse. Conheci o oficial que cometeu a *grave falta* de não deixar que gente tão digna fitasse o simbolo do sol nascente, que para o júri outra cousa não foi a bandeira verde e rubra... E fiquemos por aqui.

Na India tambem Vasco da Gama adoptou expediente mais brando do que a passagem pelas armas ou a forca. Limitou-se a dar ordens para que aos armazens do Estado fossem restituidos os canhões que estivessem em poder dos negociantes, sob pena de morte para êstes. Isto é, ficou o Estado com o que lhe pertencia, os vendilhões da honra e soberania portugueza com os capitaes da miseravel traficância e os negociantes mouros sem o seu dinheiro. No meio de tudo isto foram os unicos que ficaram roubados ! Não só houve *fumos da India*. Angola tambem tem a sua *fumarada* !

Voltemos, pois, ao quadrado da Mongua, onde as tropas do general Eça receberam algumas das muitas balas vendidas por negociantes e tambem por traficantes, que das suas fardas e compromissos de honra fizeram balcão bem infimo de sevandijis-

mo e de traição mais negra do que a tez do mais selvagem habitante do continente africano.

O Sul de Angola é, desde o nosso estabelecimento na região, uma longa epopeia escorrendo sangue periodicamente. De há uns anos a esta parte, a ocupação e conquista da Damaralandia pelos alemães impoz-nos, de 1904 para cá, uma nova série de sacrificios, que regou de sangue português os areaes d'alem Cunene, reacendendo a epopeia, até que no dia 20 de Agosto de 1915 essa muralha negra, cujo ultimo reduto era a região do Cuanhama, abriu alas e curvou-se definitivamente para deixar passar o general *d'Aço* (1), e bem de aço era êle.

Como atrás referimos, desde 1904 que alguns revézes nossos tinham deixado nas mãos dos aguerridos povos de alem Cunene bastas munições e armamento, sem exclusão de algumas peças de artilharia e metralhadoras.

Em alguns dêstes insucessos estivemos em muito

---

(1) Assim era conhecido em calão de caserna o velho general Pereira d'Eça. E' insuspeita a minha apreciação a respeito d'essa figura sêca, macilenta e de aspecto quebradiço. Primeiro, porque já morreu e não pode fazer favores; segundo porque, quando comandante da 1.ª Divisão, recusou-me um bem vulgar favor que pessoalmente lhe pedi.

Verdade seja que, pouco tempo depois, me fez o referido favor, curvando-se a um desejo de um politico que serviu de intermediario a um meu amigo que por mim se interessou.

A politica tinha conseguido o que não conseguiram d'ele os namarraes em Moçambique e os cuanhamas no sul de Angola. A politica tinha-lhe amolecido a rija têmpera. Ainda hoje tenho pena de que como soldado me recusasse o que me concedeu como politico. A minha pretensão era um banal pedido para fazer serviço em Lisboa até partir para a guerra. Ao recusar-me o pedido, foi áspero e injusto, dando azo a que eu fosse inconveniente e... talvez tambem injusto. Ouviu tudo o que lhe disse e não retorquiu, com a energia costumada. Quanto desagradavel é hoje ainda para mim êsse triste e fraco quarto de hora do *general de Aço*, que o era, repito. Eu sei que a recusa foi motivada por um *espirito santo* de orelha, que já morreu, tambem.

boa companhia, pois que os alemães, na ocupação da Damaralandia, sofreram na mesma ocasião vários revézes, sendo alguns mais retumbantes do que os nossos. Sobre o valor dos indígenas da Damaralandia alguma cousa posso dizer, pois que os vi *bem de perto* trocarem tiros com os cuanhamas, e concluí que egualmente se temiam, e a tal ponto que mais de uma vez verifiquei que o cano de uma pistola Parabellum disparada por detrás de um damara, de modo a procurar-lhe as costas, é um magnifico incentivo para os damaras pôrem de parte algum receio que tenham dos cuanhamas. Se o tiro da Parabellum acerta no hombro de um damara, o que ás vêzes, em *momentos criticos*, se pode tornar necessario, então o efeito é fulminante. O damara perde o mêdo todo ao cuanhama e avança resoluto... E' bom ir registando êstes factos, para que os nossos esforços em Africa não vão ficando apoucados perante as façanhas de estranhos nos mesmos territorios, pois, como é sabido, a Damaralandia é limítrofe do nosso Sul de Angola e em toda essa vasta zona não ha caracteristicas antagónicas nas raças que habitam os referidos territorios.

Se os alemães conseguiram dominar as suas regiões mais rapidamente do que nós foi porque, quando vencedores, enforcavam e fuzilavam, *sistematicamente*, os vencidos. Preto encontrado com arma de fôgo era-lhe cortada a mão direita, etc., etc., e... etc.! Ouço dizer por toda a parte que a Sociedade das Nações vae agora *proíbir* essas cousas. No entanto talvez a Sociedade das Nações não saiba que a Inglaterra, num acôrdo antigo que havia sobre a exclusão da bala *dum-dum* dos campos de batalha, aderiu a êle *excepto nas campanhas coloniaes!* Manterá ainda hoje a Inglaterra essa cláusula?

Mas voltemos aos nossos revézes no Sul de Angola.

Na campanha de Alem-Cunene em 1904 apanha-

ram-nos mais de 200 armas (Martini e Kropatcheck), massacrando-nos na manhã de 25 de setembro dêsse ano (das 7 ás 7 e 45 minutos) 285 homens, incluindo 16 oficiaes dos 19 que compunham o destacamento de 500 homens, com duas peças de bronze, modêlo Krupp, que lá ficaram nas mãos do inimigo.

Depois dos dois revézes que êsses povos aguerridos sofreram em 1905 (campanha do Mulondo) e em 1907 (campanha do Cuamato) alem da definitiva ocupação da margem direita do Rio Cunene (campanha de 1906, ainda não registada até hoje no numero das campanhas do Exército Português... *politiquice*), ainda o gentio de alem Cunene nos infligiu periodicamente continuados revézes. Esses ataques não eram feitos em massa a fortes colunas, mas sim numa guerra continuada de guerrilhas, em que nos iam aprisionando e *matando* uma ou outra patrulha de cavalaria, que se aventurava nas zonas alêm Cunene, patrulhas estas com que se pretendia estabelecer a ligação constante entre alguns postos militares espalhados pelo «interland» da região, entre o sul do distrito de Benguela e o sul da colonia. Os anos de 1910-1911 e 1913 foram férteis em incidentes dêsses. A correspondência dos postos era levada por dois ou três soldados, dragões do Planalto, que faziam o trajeto de arma aperrada, durante dias seguidos, dormindo de dia, á vez, para evitarem surprêzas e caminhando de noite, na hipótese das guerrilhas cuanhamas dormirem de noite! Foram assim assassinados e horrorrosamente massacrados algumas dezenas de soldados da nossa cavalaria, a quem davam por montadas umas inverosímeis mulas chaguentas, côxas, ariscas e que só com raras excéções podiam trotar; já não falo em galopar! Soldados houve da nossa cavalaria colonial que, ao montarem a cavalo (em mulas) para irem desempenhar os referidos serviços, faziam-no com as lagrimas a corre-

rem-lhes pela cara abaixo, pois sabiam que não voltavam e que caminhavam para um martirio horroroso (1), se não tivessem a dita de morrerem antes de cairem nas mãos dos selvagens.

Eram êstes quem nos massacravam os referidos soldados, mas quem os *assassinava* eram os poderes publicos, desde o Terreiro do Paço, que não queriam ouvir falar em *aventuras guerreiras de ocupação efectiva nas nossas colonias*, até aos governadores do distrito de Huila, que transigiam com tal situação para não perderem .. *o penacho !* Assassinos são, pois, todos os que concorreram tão egoistamente para a infame liquidação das vidas de cuja memoria é hoje símbolo no país o Soldado Desconhecido d'Africa, que está na Batalha.

Em nome dêsses mártires da cobardia e da vaidade humana, mais uma vez: *assassinos !* Conhecí no Deposito Geral de Degredados, em Loanda, creaturas com menores responsabilidades perante a lei da consciência humana do que teem os autores e cúmplices conscientes de taes crimes. Quem foram os martires estoicos e sublimes? Como se chamaram as vitimas dêsses crimes? Onde se poderão provar os seus nomes? Em parte nenhuma, porque mesmo não convem. As letras seriam de ouro, mas o sangue que delas escorreria gota a gota seriam lágrimas acusadoras e vexatorias para os *assassinos* dêsses massacrados.

E só nos lembrámos de que era preciso defender as nossas colonias quando a Inglaterra nos pediu tropas para a Flandres ! Assassinos e mentirosos !

. ...

Em 1913, salvo êrro, até nos apanharam os cuanhamas, no caminho para Cassinga, uma peça de artilharia da bateria Erard que tinha feito a campa-

(1) Arrancamento da lingua, olhos, cortes de naris, orgãos sexuaes, coiro cabeludo, tudo isto com muitas pancadas, insultos e motejos.

nha do Cuamato de 1907. A peça ia n'um carro boer e acompanhava-a uma pequena escolta de soldados indigenas, tudo sob o camando d'um sargento. Apenas escaparam dois soldados indígenas e o carreiro europeu. O resto foi tudo morto, depois de convenientemente massacrado.

Tambem ficaram nas mãos da guerrilha cuanhama alguns contos de réis de fundos que o sargento conduzia para o referido posto de Cassinga!

. . . . . .

Ainda dessa vez lá se foram para as mãos dos cuanhamas mais umas dezenas de cunhêtes de arma d'infantaria (Martini e Kropatcheck)!.....

. . . . . .

E é depois dêste abandono miseravel que se mente ao país clamando aos quatro ventos que era necessario defender as nossas colonias na Flandres! Que mentira! Que farça! E que irreverência criminosa! Que o esquecimento caia um dia sobre todos os responsaveis de tanto dislate, porque todo o sangue português perdido fóra do seu lugar devido é puro e sacrosanto demais para afogar num oceano de maldições tanta vilania! Qualquer logar da terra é pedestal honroso para bem morrer um soldado, contanto que morra no *seu logar!* Porque quando o soldado morre fóra do *seu logar* não é o inimigo que o mata... são os seus que o assassinam, ou seja por incompetencia, ou seja por cobardia... por vaidade ou... por simples farça! As honras e os supremos interesses de uma nação teem os seus logares e as suas horas proprias e não ha fantazia capaz de alterar êste principio.

. . . . . .

E' possivel que por vezes me exceda na violência da linguagem, mas o que não sofre duvida é que os mortos não falam e da memoria dos obscuros e humildes soldados poucos se lembram; e quando se lembram dela é, na maioria dos casos,

para referir banalidades frivolas, que mais querem representar os meritos dos que a elas se referem do que para lhes enaltecer o alto, sublime e sagrado valor, em que a nota predominante é uma obediência singela e simples. Por vêzes parecem *tansos* e são afinal gigantes de aço !

. . . . . .

Voltemos ao campo de lutas e logares de sacrificios sem nome que foi até ao fim da campanha do Cuanhama a vasta torreira do Sul de Angola

Em novembro de 1914 o combate de Naulila obriga a coluna do tenente-coronel Roçadas, depois de 5 horas e meia de fogo contra um inimigo egual em numero, mas de superioridade incontestavel em mobilidade e em armamento, a retirar para a posição dos Gambos, tendo que abandonar quasi todo o Sul de Angola, onde a ação intensiva dos alemães tinha creado uma efervescência predecessora da sublevação geral que estalou dias depois. Ficar no Humbe seria desafiar um cheque que, além de fatal para as forças portuguêsas, era um golpe decisivo na nossa soberania, que ficaria aniquilada até quasi ao mar, e seria a entrega inevitavel de um milhar de habitantes europeus (com mulheres e creanças) ao massacre furioso da negralhada que cerca as povoações da Chibia, da Humpata e do Lobango.

Assim se viu que a região do Cuamato, inteiramente submetida desde 1907, em dezembro de 1914 atacou a tiro de espingarda estriada todas as forças que abandonavam os postos militares da região em seguida á nossa retirada para os Gambos.

A região do Mulondo, batida em 1905, egualmente se sublevava, obrigando o comandante do forte do mesmo nome a abandona-lo, voltando algum tempo depois a ocupa lo, para o que teve de abrir caminho a tiro. De resto tambem fôra a tiro que protegêra a sua retirada.

Quanto armamento e quantas munições de infan-

taria entregou ao Cuanhama êste chéque formidável para nós e a que em Portugal, na ocasião, poucos deram o devido valor, quer nas perdas de territórios, quer no que diz respeito aos momentos e horas amargas de quem lá estava e dos que por lá ficaram a escorrer sangue e à míngua de socorros de tôda a natureza, desde os medicamentos até à escassez provável de munições. Não falo já em víveres porque a fome nas campanhas coloniaes não tem lei. E' certo que nas torreiras do Sul de Angola a sêde ainda menos tem lei!

Entre vários incidentes trágicos dêsse cataclismo para a nossa soberania, houve um terrivel para os que lá tinham de voltar a reocupar o Sul de Angola. Era mais de um milhão e quatrocentos cartuchos de arma Mauser-Vergueiro que estavam no Forte do Humbe e cairam nas mãos dos indígenas sublevados. Não é facil inutilisar rapidamente tal quantidade dessa especie de munições sem haver um logar de aguas fundas onde se lancem os cunhêtes depois de arrombados, e mesmo assim aproveitam-se muitas munições, se essa imersão fôr de horas. No Forte Roçadas, instalado e construido por fôrças nossas na campanha de 1906, fizeram-se explodir algumas munições, incendiando os barracões que as continham.

Outras munições foram atiradas ao Cunene, mas êste ía muito baixo, de modo que o inimigo horas depois podia recupera-las em grande quantidade. Eis o que foi a longa tragédia do Sul de Angola em rápidos e apagados traços. Tragédia esta de que as dez horas de fôgo do 3.º combate da Mongua eram apenas o desfecho, ou, pelo menos, o último acto. Sabendo-se que o numero de mortos das nossas quatro brigadas na batalha do Lys (9 de abril) foi inferior a 400 e que só no dia 25 de setembro de 1904 nos mataram de um destacamento de 500 homens 285, julgo poder afirmar que em Africa tambem se morre bastante, embora

se trate de *pretalhada*. Isto no que se refere a mortos em combate, porque se consultarmos o obituário das doenças então a desproporção é flagrante. O combate de 25 de setembro de 1904 durou, como vimos, três quartos de hora. A batalha do Lys, para nós portuguêses, durou desde a madrugada até ás 11 e meia da manhã No dia 10 de abril ainda houve o cêrco dos alemães a Lacouture. No dia 11 de abril ainda duas companhias de infantaria 15 se estiveram batendo até ao meio dia.

Em Naulila eram alemães e portuguêses, uns 600 de parte a parte. O combate durou desde o alvorecer até ás 9 e meia da manhã e nêsse logar estão enterrados, ao lado de 72 alemães, 52 portuguêses ou seja mais de uma oitava parte dos que nos mataram os alemães na Flandres no dia 9 de abril.

Em França levava-se mais tempo a esperar a morte, mas em Africa, embora se leve menos tempo a esperar a morte, em combate... morre mais gente e, *acima de tudo*, sofre-se mais, mesmo sem alemães.

Não o sabiam muitos que, dando vivas à guerra na Flandres vieram *escapulindo-se* para a Africa. Porém hoje os que foram à França estão-se a rir... dêles!

E sempre foram à França, emquanto que alguns que julgavam irem-se *embuscar* em Moçambique .. sofreram por lá o que não sofreram os que foram aos lameiros da Flandres.

Na profissão das armas o preferivel não é escolher muito... O melhor é obedecer aos ditames da honra, do pundonor e do brio.

Mas abandonemos esta longa divagação e continuemos a narrar o valor das baionetas portuguêsas no 3.º combate da Mongua.

Nêsse combate, pois, era a coluna do general Pereira d'Eça, na fôrça de umas 2.000 espingardas, 16 metralhadoras e 8 peças de sete, atacada às 7 e

10 minutos da manhã por uma massa de negros cujo efectivo deveria andar por uns 12.000 indígenas, dos quaes uns 5.000 estavam com certeza bem e abundantemente municiados, a avaliar pelas dez horas de fôgo que conosco sustentaram a menos de 300 metros das peças e espingardas. O combate durou ininterruptamente desde as 7 e 10 minutos da manhã até ás 5 da tarde!

Como sempre sucede em Africa, só metade da coluna podia repelir êsse temivel ataque, a outra metade desempenhava o papel passivo e algo enervante de receber balas pelas costas!

Como a face norte estava um tanto rareada por ter sido a mais castigada nos dois combates anteriores, o esquadrão de cavalaria 11 «sem cavalos, se pode dizer» desde a carga memoravel do dia 18, puzera no dia 20 de parte a lança e a espada (já inuteis) e como qualquer bôa infantaria viera estender em atiradores, logo que o combate se iniciou, à esquerda dos landins, formando um terceiro pelotão.

A companhia dos landins já estava reduzida a dois pelotões e nêsse dia recebia o tenente Ataíde, seu bravo comandante, o terceiro e gravissimo ferimento.

O tenente Ataíde, nesta campanha, não entrou em combate nenhum que não recebesse balas inimigas.

Recebeu-as no pescoço, num pulso, numa côxa e por fim, no dia 20 pelo meio dia, recebia duas ao mesmo tempo. Uma que quasi lhe espatifou uma das mãos e outra em pleno peito. Mas nem assim o mataram. Apenas a justiça negada à sua bravura e à sua têmpera, fez que o matasse uma bala disparada por êle proprio! Assim sucedeu na campanha de Moçambique, quando, por um excessivo pundonor, resolveu liquidar a sua existência por ter ordenado o incendio de um posto quando verificava a aproximação dos alemães de Von Le-

toff. O aviso dessa aproximação fôra-lhe dado por meio de sinaes luminosos, por fôrças inglêsas suas visinhas.

Porém êsses signaes eram apenas um exercício e o oficial inglês que dirigiu êsse exercício não avisara do caso o então já capitão Ataíde, que estoirou o crâneo com um tiro de pistola!

Que a sua respeitavel e sempre honrada memória me permita um comentario. O capitão Ataíde não tinha o direito de adoptar êsse recurso extrêmo sem primeiro empregar uma bala, (a que o matou, por exemplo) naquêle que lhe não fizesse justiça inteira e ampla no desgraçado incidente do posto incendiado, quer se tratasse do seu chefe directo, quer se tratasse do chefe directo do oficial que se enganou. Pelo que conheço dos princípios de justiça em uso no Exército Britânico, estou convencido de que o próprio oficial britânico que foi causa do incidente seria o primeiro a esclarecer o caso; quanto ao critério provável, sôbre o assunto do seu chefe português... não sei. Só se o conhecesse pessoalmente e não sei quem êle era. Tenho com profunda mágoa verificado que, entre oficiaes portuguêses, de capitão para cima teem todos muito horror às responsabilidades.

A opinião é insuspeita porque é dum major.

Respeitemos no entanto a memória dum dos mais bravos e sacrificados *soldados* da Mongua e voltemos ao nosso esquadrão de cavalaria 11 *arvorado* no dia 20 em terceiro pelotão da companhia de landins.

O fôgo inimigo que, como disse, começára às 7 e 10 minutos da manhã dêsse dia, tivera uma grande densidade e intensidade até depois do meio dia. Cheguei, de relogio na mão, a contar três e mais silvos de projéctil, quási simultâneos, por segundo, a zunir-me pelas orelhas!

Durante êsse período do combate estacionei em vários logares do quadrado mais ou menos tempo.

Estive junto dos auxiliares damaras, estive junto de um tenente do 17, estive na linha de atiradores do 17, estive junto de uma metralhadora do comando do capitão Teixeira, estive perto da marinha e sempre a densidade do tiroteio me pareceu igual. Por vezes era impossivel contar os silvos das balas que se ouviam em um segundo. Não era uma chuva de balas, era uma cortina obliqua de balas que incidia na coluna, entrecrusando-se o sibilar em três sentidos diferentes: norte, léste e sul.

Depois do meio dia o ataque mudou de aspecto. As arvores que cercavam a pequena clareira onde estacionava o quadrado do general Pereira d'Eça tornaram-se ninhos de uma caterva de atiradores que, encarrapitados nas forquilhas e ramos das referidas arvores, se deram ao curioso «sport» e galante entretenimento de alvejar os oficiaes que lobrigavam de pé, desabrigados ou a mexerem-se dentro do quadrado.

O oficial alvejado sentia as balas zunirem-lhe pelas orelhas às séries de cinco tiros, intervalados apenas pelo tempo indispensável para meter um novo carregador nas armas aperfeiçoadas de que o inimigo fazia uso. (1)

---

(1) Já em 1904 o falecido governador de Angola e oficial da Armada, Custodio Borja, chamara, antes das tragicas operações dêsse ano, à sua presença alguns cuamatos que tinham sido aprisionados no Lobango como espiões e entregou-lhes várias armas, ordenando que na sua presença as manejassem como se fizessem uso delas. Não hesitaram no que dizia respeito às de repetição, das quaes armaram e desarmaram uma das culatras. No que respeitava às Martinis (estriadas, tiro simples, de carregar pela culatra) sorriram-se e, pegando nelas, disseram serem só bôas para caçar.

Quanto às chamadas armas Lazarinas (fulminante e de carregar pela bôca) não lhes quizeram pegar, dizendo que não passavam de cacêtes. Das Snyders (estriadas, culatra móvel e tiro simples) riram-se e chamaram-lhes velhas. A Snyder foi nessa campanha a arma das companhias indigenas de Angola!

Havia muita bala *dum-dum,* que fazia nos atingidos ferimentos quási incuráveis.

Osso atingido era feito em estilhas!

Quando de manhã o inimigo rompeu o fôgo, estava um numeroso grupo de oficiaes de tôdas as unidades e formações que compunham a coluna junto de uma tenda que servia de secretaría do comando de tôdas as fôrças do Sul de Angola, escrevendo com aquela atitude humilde e respeitosa que todo o oficial de fileira deve *aparentar* perante as palavras e ordens transmitidas pelos oficiaes do Estado Maior de qualquer exército.

Tratava-se da ordem dêsse dia, que um tenente do Estado Maior começava a ditar.

O referido tenente, com os tradicionaes ares solenes e de ocasião, que conveem a todo o oficial do Estado Maior no exercício das suas funções, só teve tempo de ditar:

«Sua Excelencia o General Comandante de tôdas as Fôrças no Sul de Angola determina e manda publicar o seguinte:»!!!... e nem teve tempo de fazer pigarro, nem nós, modestos (na *aparência)* oficiaes de fileira tivemos a dita de saber quaes as sábias e oportunas ordens de Sua Excelencia o General Comàndante de tôdas as Fôrças no Sul de Angola, nêsse dia.

Tôda a colaboração de véspera do Estado Maior do general Eça se transformou de repente nessa ocasião em. . nada. Que pena! Tanto tempo perdido!

Um fôgo cerrado do inimigo, abafou. . o pigarro oportuno, que devia anteceder tôda a luz que era necessário lançar nas operações dêsse dia e talvez nas subsequentes!

Não eram descargas cerradas de infantaria nem rajadas de metralhadoras, era um sibilar contínuo e compacto de balas de armas portáteis, era um fôgo contínuo em massa, que nos era dirigido de uns 200 a 300 metros de distância, por milhares

de atiradores, cujos urros e gritos selvagens resoavam por entre o silvar *compacto* dos projécteis.

A massa que nos atacava não estacionava; o som do tiroteio aproximava-se na mata que tinhamos em frente do batalhão da nossa marinha de guerra.

Escusado será dizer que as severas e terminantes ordens de Sua Ex.ª o General Comandante de tudo o que presente e ausente estava ficaram reservadas... para melhor ocasião, porque cada um correu a bom correr para os seus logares junto das unidades e postos de combate.

A coluna tinham sido desde a vespera cortadas as ligações com a nossa rectaguarda e estavamos entregues só ao nosso esfôrço e aos nossos recursos.

Tinhamos que nos governar por alguns dias com as munições e víveres de reserva e com... a escassa e lamacenta agua das *cacimbas*.

Tinhamos diante de nós a fome, a sêde, o massacre horroroso de selvagens que não dão quartel, ou... *a victoria!*

Vencemos nêsse dia! O que antecedeu êsse combate e o que se seguiu foram também horas de valor e de sacrificio, mas a verdadeira *barreira*, onde veiu estatelar-se todo o arranco das tribus selvagens do Sul de Angola, foi o quadrado do general Eça, do dia 20 de agosto de 1915, quási aniversário da batalha de Aljubarrota!

Depois do meio dia, começou para o inimigo, ou antes, para nós, a *caça* ao oficial.

Trocaram-se os chapeus de fêltro pelos capacêtes dos soldados.

Alguns oficiaes tiraram os galões das platinas, outros agarraram em espingardas. Mas nem assim. Vê mais um negro à vista desarmada a 200 metros do que vê um oficial do Estado Maior com um bom binoculo, num campo de batalha a quilómetros! Eu fui pouco alvejado nessa *caçada*, o que me permitiu vaguear *um tanto ou quanto* pelo quadrado

durante essa segunda fáse do combate. A explicação é simples. O aspecto do meu fardamento, incluindo o chapeu de fêltro, era... vergonhoso e miserável.

O serviço de que estava encarregado tinha-me transformado num triste esfarrapado e... já não tinha mais fatos para esfarrapar. Era um triste comandante de auxiliares.

O *olho* observador do cuanhama ao descortinar-me devia ter ficado com a sensação de que eu nem seria fachina do rancho geral.

A 200 metros, talvez lhe deixasse a impressão de ser um... preto, como êle, e que tinha vestido... o que os outros já não queriam!

Ainda hoje me felicito por isso, pois que, ao apalpar-me hoje em tôda a extensão *física* da palavra *apalpar*, confesso que verifico que, apesar de assistir ao combate de 20, quási nú, não me falta um milímetro de pele, sequer.

Como não tinha nada *a perder*, ganhei!

Emquanto vagueei pelo quadrado, não foi como disse muito perigoso, no entanto quando o meu distinto e sempre «gentleman» comandante o major de cavalaria Vieira da Rocha se lembrou de ser solícito e amável comigo é que foi *o diabo!*

Saía eu de perto da marinha e seguia à cata de mais *reportagem* para os meus apontamentos quando ouço uma voz chamar-me repetidas vêzes:

— Amaral! Amaral! O' Amaral!

Era o major Vieira da Rocha que me oferecia a sua *instalação*, como o proprietario em vilegiatura oferece a sua *cabana* a quem não tem abrigo próprio e decente.

Maldita hora e péssima situação foi para mim a amável *hospedagem* do major Vieira da Rocha!

E dizia-me êle, quando me aproximei:

— O' Amaral, venha para aqui que está melhor... Você por aí não anda bem!

E dizendo isto, parecia uma *marquêsa* autêntica

do *ancien regime* a oferecer a sala a uma visita de ocasião.

Repito. Maldita hora em que eu transigi com a bôa educação.

O tal *aqui está melhor* eram dois carros de companhia a servirem... *de abrigo* ao lado um do outro e afastados uns dois metros. Entre êles estavam estendidos dois panos de tenda, um vertical e outro, por cima, horisontal.

No chão, a fazer de *tapête*, outro pano-tenda. Uns capótes *enchouriçados* serviam de almofada de encosto para os cotovelos e de assentos para o meu amável hospedeiro e para o seu ajudante. Realmente estavamos admiravelmente abrigados *dos raios solares!*

A minha maior desgraça foi corresponder agradecido ao gentil oferecimento da «senhora marquêsa», perdão, do nosso major, porque redobraram as disposições para aperfeiçoar o *reducto da trapagem*. Mais um pano para a esquerda, mais outro para a direita, mais um cunhête a entalar aquela ponta, mais uma lança a servir de prumo e mais uma lata com água lamacenta a consolidar o sistêma... O estupor da lata é que foi o diabo!

Os *salões* do nosso major estavam junto ao comando no centro do quadrado, onde convergiam por assim dizer todos os tiros que da borda da clareira nos eram enviados o que já não era muito bom... mas emfim, vá lá!

Mas os *aperfeiçoamentos* amáveis do meu bizarro hospedeiro é que comprometeram a minha situação vantajosíssima de mendigo e vagabundo que até então usufruira.

A maldita lata com água, então, foi o diabo. Refiro-me à lata só, não me refiro à água!

Quando me cheguei para êsse maldito recinto notei que nos panos tendas havia já *o seu buraco* aqui e acolá.

Porém o *olho do cuanhama* começou a ver que

naquêle ponto havia uma certa *mexida*. E o mesmo olho *vigilante* acabou por verificar que por ali havia gente que procurava muita comodidade. Concluiu, portanto, o *penetrante* olhar do cuanhama:

— Ali, há oficiaes! Toca a varejá-los.

E começaram algumas balas a ricochetar pelas ferragens dos dois carros, afóra outras que nos zumbiram pelas orelhas.

O major Vieira da Rocha cada vez mais amável e eu cada vez mais encanzinado a achar tudo aquilo muito... *antipático!*

Tinha diante de mim um major com tôda a linha de uma espécie de senhora marquêsa, viuva mas amabilíssima, e se não fôsse major, fôsse êle ou ela quem fôsse, ainda que fôsse uma marquêsa autêntica, tinha-lhe dado um tabefe para estar quieta.

A tal lata foi a ultima cousa que o meu *hospedeiro* se lembrou de encarrapitar em cima do *salão de verão*.

O leitor não calcula.

Eram umas 3 e meia e o combate terminou pelas 5 da tarde. Fazia um sol de rachar e a superfície brilhante da lata de gasolina, com o sol a dar-lhe em cheio, despertou no *cuanhama atirador* uma furia, que foi um verdadeiro pavôr! Não descançou emquanto não estoirou a lata, que apenas serviu para chamar a atenção seguida dos atiradores até ao final do combate e para derramar a água suja que continha e que era para nós uma riqueza!

Não saí dali por vergonha e porque *naquelas situações* ninguem tem *coragem* de se afastar... do sorriso amável e do monóculo impassível de um dos mais bravos oficiaes que tem a cavalaria portuguêsa. Mas que o referido major não repita idênticas amabilidades em idênticas circunstâncias, porque — *já aqui fica o aviso* — não conta comigo, como hóspede... nem por um segundo!

Para experiências *dessas* basta uma vez! E já chega.

Escusado será dizer que durante todo o dia a situação da coluna era sustentar um papel defensivo e poupar as munições, aproveitando a feliz ideia do inimigo gastar as dêle às mãos largas.

Foi o que se fez e a coluna esteve por assim dizer *alapada* durante dez horas, nêsse dia, servindo de alvo e como desafiando o inimigo a uma luta corpo a corpo, do que Deus ou o Diabo nos livrasse porque seriamos abafados pelo numero.

Para mim, o que conteve a negralhada foi o natural receio que em Africa o português ainda hoje infunde, por tradição histórica.

E' certo que de vez em quando tentavam aproximar-se em vagas de atiradores, que era preciso repelir a tiro de espingarda ou metralhadora, isto emquanto as peças iam fazendo algum estrago *nas bastas reservas*. E assim se passou meio dia de combate; o outro meio dia foi destinado a deixá-los deitar cá para fóra o maior numero de munições. *Cá para fóra* digo eu, outros poderão dizer *cá para dentro!*

No entanto eram 5 da tarde e a inexgotável *fonte* de munições do inimigo *abafava* e *carregava* no moral da coluna.

A essa hora estava tudo enervado.

Aquilo nunca mais acabava e, se não prometia prolongar-se pela noite fóra, pelo menos deixava prever mais outro dia de... tiro ao *alvo!*

Se a coluna não poupasse as munições, um massacre geral (1) era fatal depois de exgotadas as nossas munições que, se nunca nos faltaram, tambem nunca achámos excessivas, pois que estavamos isolados e com as comunicações cortadas com a báse de operações do Humbe.

---

(1) Além de muitos outros, o exemplo trágico de 1904 é *eloquente*.

E' bom fixarmos quaes as fôrças e sua disposição no quadrado memorável dêsse dia.

Guarnecia a face Léste (frente de marcha para o objectivo — N'jiva) a gente da nossa marinha de guerra.

A face Sul (direita da marcha) era defendida por duas companhias de infantaria 17.

A face Oeste (rectaguarda) por outra companhia de infantaria 17.

A face Norte (esquerda da marcha para N'jiva) era defendida pela restante companhia de infantaria 17, por dois reduzidos pelotões de landins (restos de uma companhia dizimada desde o início das operações em todo o Sul de Angola) e finalmente completava essa face o resto glorioso do esquadrão de cavalaria 11, ou, para melhor dizer, os *ultimos* restos, constituindo um escasso pelotão.

A face atacada no início do ataque foi a da marinha, deante da qual estava um bosque, o que melhores vantagens dava ao inimigo. Depois o ataque foi-se pronunciando envolvente, apanhando as duas meias faces Norte e Sul, ou seja *esquerda e direita,* supondo que conservamos à da marinha a sua denominação da marcha, ou seja a face da *frente* (1).

O inimigo formava a tradicional *meia lua* da tática gentílica. A propria formação em quadrado nas planícies cercadas de arvoredo desperta no gentio o emprego dessa disposição em semi-circulo.

A densidade ou a proximidade dos bosques que cercam a clareira onde os quadrados recebem os ataques é que estabelece para o gentio o centro da meia lua. E, assim, umas vezes o ataque geral pronuncia-se sôbre duas faces inteiras, outras

---

(1) Nos quadrados em Africa há só uma face da frente que é a de frente de marcha.

Qualquer delas é frente de ataque, conforme o lado por onde o inimigo prefere atacar.

vezes sôbre uma face inteira e mais as duas meias faces contiguas.

E' o que sucedia em 20 de gosto de 1915.

Antes de irmos mais além nas nossas referências ao valor da gente portuguêsa no combate, é preciso dizer que as faces da rectaguarda, em relação à frente dos ataques, não são logares de emboscados ou de segurança. São logares de um sacrificio enervante, o qual é — levar tiros pelas costas sem dar nem um tiro! Isto, amável leitor, custa muito. Sempre é ir à guerra só para *levar e não dar*. Quando se leva e se dá, ainda que pouco, custa muito menos.

.....

Eram, pois, 5 da tarde e a clareira da Mongua era uma autentica barraca da feira de Alcantara com tiro ao alvo, em que os *aficionados* eram os atiradores cuanhamas e as pastilhas de gêsso... eram os oficiaes da coluna.

A *mouche* era o Quartel General da coluna que, embora estivesse em uma larga trincheira cercada de quatro ou cinco carroças, tinha um ponto fraco: faltava-lhe o tecto blindado... de modo que as balas por aí pareciam nuvens de gafanhotos. Eram as que iam com *sobrescrito* para o comando e mais as que não acertavam ao longo das faces.

Resolveu então o comando da coluna acabar com aquela maçada, para o que deu as suas ordens afim de se *enxotar* o inimigo à baionêta.

Iniciou o primeiro contra-ataque a marinha.

Foi formidavel de *elan* e de entusiasmo!

O chefe dos serviços de saúde da coluna, o capitão de fragata dr. Vasconcelos e Sá, atira com as lancêtas para os infernos, manda para o diabo os pensos, os auto-claves, os clorofórmios, tôda a tralha cirúrgica, emfim, e acompanha os seus briosos camaradas.

Pega tambem numa espingarda de caça grossa, de que se fazia sempre acompanhar, e, como

um simples marujo, carrega nas fileiras da marinha.

Os maqueiros do posto de socorros do batalhão de marinha, marinheiros tambem, ao verem o seu chefe acompanhar a carga... *carregam* tambem de macas às costas!

O doutor Vasconcelos e Sá, nêsse momento, não parecia um capitão de fragata. Todo êle era um autêntico marujo, praguejando as mais vulgares obscenidades do bairro da Madragôa, os cantos da bôca com espuma de sêde e de raiva, os olhos injectados. A sua figura avantajada tomava proporções algo gigantêscas. Esse bravo português parecia, correndo ao lado da *maruja*, um... raio, que ía partir todos os cuanhamas em estilhas. Esse homem era incapaz de ver matar um cuanhama a sangue frio, com um tiro de pistola, posso asseverá-lo!

O porta-bandeira, cujo nome nêste momento lamento não saber, e que durante todo o ataque não se abrigara, afrontando serenamente durante tôdas as dez horas os milhares de balas que procuravam a bandeira, acompanha de bandeira ao hombro *a vaga furiosa daquela especie de gente!!!*

Porque é que a bandeira da nossa marinha de guerra não tem ainda hoje junto à ponta da lança a medalha de ouro do valor militar que nêsse dia ganhou, para não dizer em tôda a campanha?

Os três combates da Mongua não chegam? Talvez não cheguem por não serem serviços a *políticos*.

Perante aquêle espectaculo, que foi como que um vibrar de 800 anos de raça, o fôgo inimigo cessou como que por encanto. A infantaria de marinha entra na orla do bosque fronteiro e, depois de algumas descargas, retira para o quadrado a guarnecer outra vez sua face.

Chegada aí o inimigo retoma os seus postos de combate e recomeça o tiroteio enervante que, minutos depois, retomava a intensidade anterior à carga.

Então as companhias de marinha resolvem dar uma segunda carga e perseguir o inimigo a tiro.

Mais uma vez os conduz o seu bravo, sereno e impassível comandante, capitão-tenente Afonso Cerqueira, mixto de marujo e de soldado sofredor, sêco e obediente perante os maiores perigos, quási feroz na imposição dos deveres militares e quási «lamecha» quando se tratava dos direitos e bem estar possível dos seus homens.

Tambem dessa vez acompanhou a carga o dr. Vasconcelos e Sá. Mas então já não parecia um raio, parecia... uma *trovoada*.

Da mesma maneira os maqueiros acompanharam o seu chefe de serviços de saúde, de macas às costas! Esses, quando recolheram ao quadrado, traziam numa das macas um marinheiro morto com uma bala na cabeça. Tambem haviam sido precisos. E não tinham sido demais!

O comandante Cerqueira voltava com o ar despreocupado e satisfeito de quem havia desempenhado *rigorosamente* uma ordem que tinha recebido!

Escusado será dizer que, perante o aspecto terrificante das baionêtas da marinha e perante o tiroteio infréne com que os cuanhamas foram alvejados, êstes eclipsaram-se de vez pelas profundezas dos bosques.

Ainda hoje não devem ter ganho para o susto.

O combate terminou assim nêsse dia e por assim dizer o cuanhama dobrava a essa hora a sua serviz orgulhosa de povo independente!

Estava moralmente vencido.

.....

E na face da esquerda, o que se passou?

Quando a marinha deu a segunda carga de baionêta a companhia de infantaria 17 que guarnecia essa face à direita dos landins recebia tambem ordem de carregar e assim o fez com a mesma decisão com que já o fizera em 18, a quando

da tomada das «cacimbas» da água, ou antes da *lama*.

Os *eternos* landins do tenente Humberto de Ataíde já estavam a essa hora reduzidos a dois pelotões esfrangalhados e comandados por um só oficial, um alferes. Como vimos, o seu comandante estava a essa hora na ambulância entre a vida e a morte, depois de nessa campanha ter recebido os mais graves e gloriosos ferimentos.

Os *restos* dos landins, pois, ao verem os seus bravos camaradas do 17 carregar, não resistiram e, metendo os seus ricos *cófiós* nas algibeiras, para não os perderem, (1) *arrancam* tambem de cabeça baixa como toiros furiosos, aos saltos como féras e alinhando com os seus camaradas do 17.

Pairava a essa hora por sôbre o quadrado de tropas portuguêsas na Mongua a atmosfera avassaladora da bravura.

E' então que os soldados do esquadrão de cavalaria 11, que à esquerda dos landins formavam o terceiro pelotão de uma infantaria de ocasião, num ímpeto reflexo e natural, quási sem receberem ordem para isso, se levantam da linha de atiradores que ocupavam e, num impulso de raça bravía... carregam também *à baionêta*... sem baionêta!

Por todo o quadrado pairava o sentimento do — *Vamos a êles!*

A gente da carga da morte de 18, de cavalaria 11, levava as carabinas cruzadas com o corpo, mas só poderia furar os inimigos com a... bôca dos canos dessas carabinas!

Ao carregarem como infantes, irritadíssimos, diziam uns para os outros:

— Raios os partam!... Não ter esta m... um bico qualquer na ponta para estafar êstes negros malditos!

---

(1) O soldado landim, em combate, antes quer perder um braço do que o seu rubro e rígido *cófió*.

Com vista aos futuros oficiaes da arma de cavalaria.

. . . . . .

. . . . . .

Na Flandres repeliram-se ataques alemães com sucesso e galhardia, fizeram-se «raids» e alguns dêstes brilhantes e resistiu-se durante horas ao avanço alemão de 9 de abril de 1918, ataque êste em que a infantaria alemã só chegou ao contacto com as tropas inglêsas de reforço, nessa batalha defensiva, depois de ter esmagado e esborrachado a frente portuguêsa que lhe embargava o caminho, mas... *raras* foram as ações de conjunto em que se manifestassem os impulsos bravios da raça lusitana.

Na Flandres os oficiaes de *elite* (1) é que fizeram os bons soldados, porque a existência dos portuguêses nos lameiros de Sur-la-Lys não passou de *uma nota, que a nossa diplomacia* (refiro-me aos que se alcunham de intervencionistas) quiz *ferir* e *tanger*, mas que o povo português, até hoje, não teve meio de *apreciar*!

Não admira. A *nota era falsa e muito desafinada*! (2)

O peor é que, em todas as eras e nacionalidades, o povo de cada nação só aprecia com alma .. as notas de *legitima, tradicional* e *autêntica* mùsica nacional de grata harmonia!

Para terminar, diremos que os marinheiros das memoráveis cargas á baioneta das campinas de Mongua e dos rijos combates do sul de Angola e

---

(1) Por vezes nem êsses conseguiram ver o resultado dos seus valiosos esforços! Na maioria dos casos, o *rendimento* foi minimo comparado com o esforço dêsses oficiaes de *élite*. A gente portuguêsa costuma dar mais rendimento.

(2) Mais uma vêz, repito, ninguem se atreveu, até hoje, a discutir o soldado de Africa. Toda a gente discute o soldado da França e os argumentos *pró e contra* nunca mais acabam.

o general Pereira d'Eça, vencedor de todo o nosso Sul de Angola, foram recebidos á chegada a Lisboa com vivas á guerra... e gritos de — Abaixo os cobardes!

Os grupos de *canalha mercenaria* e torpemente assalariada que berrava e urrava êsses gritos eram os representantes boçaes da *nossa diplomacia*, que assim queria demonstrar a sua unica preocupação, que era, como sabemos... a ida de tropas para a França.

Por estas e por outras é que a referida *diplomacia* ha de ficar amarrada para sempre ao tronco da sua inépcia.

Não sou político nem diplomata, o que me fecha quasi êsses dois campos de apreciação sobre a marcha da nossa intervenção na Grande Guerra, mas tenho um vasto campo para apreciar os efeitos dessa politica e dessa *diplomacia*. Refiro-me á fileira, aos soldados, sobretudo, a êsses martires obscuros e desconhecidos, sobre quem eu *vi bem* os efeitos dessa *política* e dessa *diplomacia*.

Nêsse campo, muito meu conhecido, caiu pois toda a chuva desconexa e abundante da imbecilidade humana.

Essa mesma *chuva* acabou por cair copiosamente em cima dos politicos e diplomatas da nossa intervenção, afogando-os quasi todos num aguaceiro de pragas, de improperios e de maldições!...

. . . . . .

E o esquadrão de cavalaria 11? Ou antes, os *farrapos* gloriosos dêsse esquadrão? O que ha sobre êle? Não ha nada. E' um regimento como outro qualquer e que ámanhã uma organisação de exército, na sua ação *burocratica*, fará desaparecer para sempre do numero dos *monumentos* da tradição do exemplo e da raça.

Parafraseando os soldados dêsse esquadrão, eu direi.

— Raios os partam! Não haver um... ministro

qualquer da Guerra, que se lembre do estandarte dêsse regimento para estafar êsses malditos da nossa *diplomacia*!

O que dirá a isto tudo o soldado desconhecido d'Africa que está na Batalha?

E tambem o outro, o da França?

XII

A nossa historia repete-se sempre

Campanha do Cuamato

(1906) (1)

Pelas 4 horas da tarde de um dia qualquer de outubro de 1906, uma patrulha de reconhecimento percorria as margens do rio Cunene, em cata dos trilhos provaveis seguidos por espiões que entretinham ligações entre o gentio do Humbe e o de Além Cunene.

A patrulha era comandada por um tenente e compunha-se de uns seis soldados do batalhão disciplinar de Angola.

Quando seguiam rio abaixo, chegaram a um ponto em que a margem era elevada, cortada a prumo e despida de vegetação arbórea.

Apenas um raquitico e enfesado capim cobria o solo, sêco e movediço.

---

(1) Esta campanha d'Africa é a tal que ainda hoje não está incluida no numero das campanhas do Exército Português. E' do tempo do regimen monarquico; mas, como não representou um esforço para servir êsse regimen, está esquecida por monarquicos e republicanos. Será *diplomacia* de ambos os regimens em esquecimento? Talvez. A França, a Inglaterra e a *Alemanha* não costumam esquecer essas cousas. Portugal teve sempre um grande desinterêsse por essas *ninharias*.

A margem fronteira era em rampa ou declive que vinha morrer junto à corrente do rio, mas não era despida de vegetação, pelo contrário, apresentava uma zona de arvoredo que, embora sem grande porte, era um tanto denso e emaranhado.

Emquanto paravam um momento para descansarem da marcha fatigante sôbre o terreno arenoso, um dos soldados, o 234, o Sóta-mordido, por alcunha o «*Serpa*», continúa a avançar despreocupado pela margem adeante.

Num dado momento sente sibilarem-lhe duas balas por cima da cabeça.

Sem se baixar e com o ar mais natural de quem examina a origem de um ruído inofensivo, e não de quem se sente alvejado, o nosso bom 234, o Sóta-mordido, de *nome*, e «Serpa» por *alcunha*, pára e fica virado para a margem fronteira, a ver *no que aquilo dava!*

Aquilo... deu mais um tiro que lhe assobiou e fungou perto de uma das orelhas.

Então o soldado, sem se perturbar, pega com a mão esquerda pelo fuste na arma quási junto à bôca do cano, apoia a chapa de coice no chão, afasta o mais que pode a ponta do cano da arma, estendendo o braço, abre as pernas bem abertas e, desabotoando as calças, começou urinando para o rio, na atitude mais desbragada, mais insolente e mais obscena que é dado imaginar-se, acompanhando com gestos adequados esta indecentíssima cena, ao mesmo tempo que berrava, procurando com o olhar o logar provável dos atiradores:

— Atirem para aqui... seus f...s da p...!

Três novos tiros resoaram e o soldado, furioso, berrou então com tôda a fôrça dos seus nervos latinos:

— Para aqui!... Para aqui!... seus s.....!!!

Nesta altura o tenente poz fim à estranha scena trágico-cómica-obscena, chamando o soldado para junto de si, procurou uma dobra do terreno, onde

se estendeu com os seis homens em atiradores, e mandou alvejar profusamente o bosque fronteiro, não obtendo em troca resposta nenhuma.

O comandante dessa patrulha era eu.

. . . . . .

A história da raça portuguêsa repete-se periódicamente nos seus ímpetos bravíos de lusa tradição.

Povo de pastores e cabreiros, tem como poucos povos o característico dos contrastes.

Em um minuto faz um verso a uma flôr, para no minuto seguinte proferir uma rajada de obscenidades, para ainda, um minuto mais adeante, adorar num madrigal os olhares aveludados e húmidos duma cachopa, que *derriça!*

Exagerado em tudo, cae nas mais tôrpes fraquezas, para em seguida, numa reacção furtúita, se levantar como gigante intemerato, desafiando tudo e todos.

Não precisa estar acompanhado para assim proceder, o que estaria dentro das leis da psicología das multidões.

E', regra geral, um individuo que fluctua da torpeza à grandeza, para descer logo à maior baixeza, e assim sempre.

Pronto a insoburdinar-se com tudo e com todos, é de uma obediência, cega e quási sublime, quando encontra quem lhe saiba dedilhar com arte todo o complicado harpejo das cordas da sua alma que, se é a dos simples, quando incultos, é no entanto e sempre possuidora de um fundo de nobrêsa e de fidalguia que desperta com uma fráse a tempo, com um olhar oportuno e às vezes sem isso mesmo.

Passado êsse momento brilhante e, quási que simultâneamente, reaparece a bêsta, o cabreiro, o pastor das serras, sempre pronto a atirar uma pedrada certeira!

Este soldado tinha no seu ativo militar de correcional as mais variadas punições. Não vou jurar mesmo que êle não tivesse sido *a alma danada* de

uma insubordinação havida tempos antes na companhia, ocultando-se na sombra, bem miseravel, do seu papel de incitador. Como era um soldado da minha predileção pelo seu extraordinario desembaraço em serviço, mais lhe quadrava êsse papel de incitador.

E no entanto n'aquele minuto na margem do Cunene, o 234 foi tudo ao mesmo tempo!

Comico e pitorêsco, nas torpes obscenidades que proferia; foi bravo pela sua impassibilidade perante o perigo, que desafiou com despreso absoluto pela vida, e até chegou a tornar-se ridiculo no seu quixotismo de provocador insolente.

Como disse, nêsse minuto, foi enorme; foi cavaleiro de liça, foi pastor, cabreiro, «gavroche» e até ridiculo!

Pinheiro Chagas, na sua *Joia do Vice-Rei*, refere o incidente, que tem como verídico, do garoto da Ribeira que, estendido nas rêdes da vêrga da cevadeira de uma das naus prestes á abordagem, proferia obscenidades insultuosas para a mãe do grande potentado do poder turco no Oriente, acompanhando tudo de gestos adequados!

Esse fedelho, se levasse um bom puxão de orelhas do Samorim, choraria ridiculamente pela mãe!

Seria capaz talvez de se sentir muito honrado se, numa recepção festiva do Samorim, fosse êle o indicado para lhe *engraxar as botas*, isto supondo que o Samorim usava botas e graxa! Mil anos que vivesse não falaria noutra cousa.

No entanto ali, a alguns metros da água que para todas ia ser um abismo provavel, êsse garoto inculto, algo sujo e talvez esfarrapado, êsse vadio da Ribeira, sentia que o grande potentado do Oriente era cousa tão sem valor, que nem do respeito ao bom nome e honestidade da sua mãe era merecedor!

Chegava a ser ridiculo.

Emfim era tudo ao mesmo tempo: grande, enor-

me mesmo; cavaleiro quasi, no ultimo dos seus desafios, de tantos que a história regista; mas tambem obsceno, malcreado, «gavroche», cabreiro e ridiculo!

Assim são e teem sido quasi sempre os portuguêses, desde os mais humildes e incultos até aos mais fidalgos e aos de mais elevada escala social, D. Antonio da Silveira ou D. João de Mascarenhas, os dois bravos, intemeratos e, *apezar de tudo*, os mais fortes soldados dos dois cêrcos de Diu, praticavam as maiores gentilezas, acompanhadas das maiores obscenidades, e na entrada dos Filipes de Espanha, na nossa história, desceram ás mais baixas e tôrpes vilanias. Eles, que tinham defendido o rochedo de Diu como gigantes de Portugal, entregaram ao usurpador hespanhol o nosso Portugal inteiro e com ele 400 anos na nossa história, toda a nossa Africa, a nossa America e todo o Oriente português! Com êste tambem se foi o rochedo de Diu!

E no entanto rezam as crónicas antigas a resposta de um dêles a Coge-Çófar, em que se repelia uma proposta de entrega da praça de Diu:

— Ide dizer a êsse... capadinho!...

E o rijissimo português seguia por aí fóra, alvejando insultuosamente c atrevido cabo de guerra turco, aludindo em epigramas obscuros à sua condição de eunuco!

Convidava-o mesmo, nos termos mais positivos e insolentes, a verificar pessoalmente em todos os portuguêses a perfeição e durêza dos órgãos que a êle lhe faltavam por ser um antigo eunuco!

Assim desafiava um inimigo poderoso e audaz o féro e atrevido capitão, sabendo que, no caso de insucesso da sua parte, ficaria... pela certa... tão eunuco como o desafiado, o que seria de um ridículo atroz para o audaz cabo de guerra português; bastava que com vida caísse nas mãos do eunuco seu adversário. Tal situação, a ter-se dado,

liquidaria talvez em um hábito de *frade grotesco*, que não teria méritos nenhuns na prática exata e integral do sexto mandamento...

Mas a estrela e o valôr do impetuoso (na linguagem) e sereno soldado do Oriente evitaram que a História registasse o envelhecer ridículo de quem, como um cabreiro, fazia alusões às fraquezas mais íntimas e mais dignas de respeito do seu adversário de Diu.

Porque eu não tenho duvidas sôbre a *revanche* exata de quem recebeu insulto tão infamante, tão deprimente, tão baixo e, finalmente, tão atrevido e tão descabido!

E no entanto se o eunuco que atacava Diu visse no que deu êsse enorme e gigantesco malcreado, que lhe lançava desafios e obscenidades de cima dum montão de pedras, restos de muralhas derruídas, talvez que ao seu lamber servilmente as mãos de Filipe II de Espanha lhe chamasse também em ar de escarneo último — capadinho moral!

Mas o eunuco insultado em Diu já era morto a êsse tempo e não poude ver a verdadeira vilania do envelhecer dessa glória, no mísero recanto da traição!

.....

Referi, pois, a repetição do *fenómeno* em três creaturas de épocas diferentes, que se não conheciam, e em três logares diferentes.

Trata-se dum cabo de guerra da nossa história do Oriente; dum garoto da Ribeira e dum soldado das nossas campanhas coloniaes.

As frases são diferentes, bem como os gestos que as acompanharam, porêm a *fórmula* e a *fibra* são as mesmas.

Se a *diplomacia* de Portugal na guerra conhecesse a *matéria prima* com que tinha a lidar, em logar de lhe tentar excitar os brios pelo insulto, insultos êsses que não excitaram, mas só irritaram, e muito, a referida *matéria prima*, a desastrada e

côxa *diplomacia* das tropas na Flandres chegaria, talvez, com geito, paciência e oportunidade, a ver o «gambuzio» da Flandres atirar aos alemães, na sua tradicional *fórmula* obscena, os maiores desafios e os mais violentos epigramas.

Mas não *soube* e nunca perceberá que não *soube*, porque a *diplomacia* viaja sempre em bons *sleeping-cars*, dorme sempre em fôfas camas de bons hoteis e *vagons-lits*, come em salas bem iluminadas a espelhos *bisautés*, que refletem o ambiente vivo da luz eléctrica, e aquece-se em bons fogões.

O soldado vive na lama e na poeira; derrete-se ao calor dos trópicos ou entorpece com o frio da neve; come o que lhe dão e bebe o que encontra, e eu já o vi beber a própria urina, que deixou esfriar no cantil e sorveu depois através um lenço! (1)

O soldado em Africa sofre as terriveís convulsões da malaria... por vêzes estendido em casernas, em cima de lagedo ou de tijôlo!

O soldado tudo sofre, mas duas cousas exige sempre.

Primeiro: que lhe expliquem a rasão e o motivo dos sacrifícios que lhe vão exigir.

Segundo: que quem não o acompanha nos sacrifícios, de perto, o não insulte *gratuitamente*.

E o alferes que vive lado a lado com o soldado e que só difere dêle em ter um galão? Esse, como sacrificado, tambem tem egual direito e até o proprio capitão.

Quanto aos outros oficiaes superiores precisam e teem tambem o direito de exigir o que atrás referi, porque são êles *e só êles* que teem a seu cargo o dispôr da vida alheia, como se fosse o mais simples material de ocasião.

---

(1) Na coluna do general Eça ao Cuanhama, um dia antes de chegarmos à N'jiva.

E' por isso que a bôa prática em *diplomacia* não é sobrepôr-se esta ao exército de um país, mas antes procurar pôr-se a seu lado.

Como? !

Com diplomacia. Isto é, sem aviltamento nem baixêsa, mas tambem sem *insultos* nem provocações atrevidas.

O erro *inicial* !

Duas palavras terriveis ou, antes, uma frase aviltante para a história portuguêsa sobrenadou nêsse nateiro de lama asquerosa e nojenta a que a nossa *diplomacia* chamou a propaganda da guerra !

A frase que sobrenadou aviltante, covarde, insidiosa, mais que caluniosa, porque era a sugestão da propria ideia a que a frase aludia, êsse ferrête que a estupidêz maquiavélica da nossa *diplomacia* estampou numa pagina da nossa história foi... o *erro inicial.*

O mêdo de morrer !

Essas duas miseráveis palavras, — *morrer* e *mêdo*, atiradas sem respeito algum pelos mais elementares principios da *diplomacia* humana, sem que à mioleira aparvalhada de quem as gerou acudisse o presentimento da mais que natural repulsa, que elas inspiram aos mais intimos melindres de cada um ; essas duas palavras foram apenas dois coices de gerico saloio, atirados de lado e à traição, àquêles que, tendo como toda a gente mêdo de morrer, não o podem manifestar nunca. Quem não tem mêdo cá por êste mundo? Toda a gente o tem. E' questão da ocasião e do perigo. A quem não repugna a ideia de o matarem? A toda a gente.

Já tenho assistido ao estranho e paradoxal espectaculo de, em tentativas goradas de suicídio, o próprio suicida implorar junto do medico que o salve !

Foi êle que se quiz matar, mas como não morreu *logo*, acabou por dizer bem alto, deante de quem o quiz ouvir : — Salve-me senhor doutor ! Que eu... não quero morrer !

O que dizem a isto o sugestionador ou sugestionadores da frase — *mêdo de morrer?!*

.....

Desprêzo pela violencia, sensibilidade moral, frièza de reflexão, decisões oportunas e, sobretudo, a *lógica inteligente*, onde ficaram?!

Nos tinteiros da nossa *diplomacia*!

Que estupidos!!!

Para afrontar um perigo iminente, imediato, que vem sobre nós, essas duas palavras, atiradas pelo condutor de homens aos que o rodeiam, são palavras mágicas que atúam como uma chicotada a tempo na pobre bêsta que cada um de nós tem cá dentro, num certo fundo vil e a que a biologia chama o instinto de conservação.

Mas a distância do perigo nunca, por motivo nenhum, se fala a ninguem em *mêdo*, nem em *morrer*.

Isto é elementar, simples e intuitivo. Só a nossa *chôcha diplomacia* da ida de tropas para os vários campos de luta (Angola, Moçambique e Flandres) não viu isto!

Pois se a unica preocupação dessa *diplomacia* era mentir ao país e aos aliados, como é que ela havia de vêr estas coisas tão afastadas dos seus programas, que eram só, repito: mentir, mentir e mentir sempre!

Julgarão *os diplomatas da grande mentira da Flandres* que na Inglaterra, na França, na Belgica e até na Alemanha não existe o *mêdo de morrer*?

Julgam que foi só característico dos portuguêses válidos para a guerra, durante quatro anos que ela durou?

Eles, êsses *diplomatas*, não julgam nem deixam de julgar; o que êles ficaram foi furiosos por não terem aceitado nunca, o país e o seu exército, como verdades o que só eram mentiras sobre mentiras!

.....

Na ação dos politicos que queriam a nossa par-

ticipação nos campos de batalha da França, e d'aquêles que os apoiaram, é melhor não falar.

Os que apoiaram e fizeram a *diplomacia* da *mentira da Flandres*, no seu berrar destemperado e no seu esbravejar insultuoso, conseguiram apenas dar ao país uma impressão de... ridículo, *sem tempêro algum*!

Deram a impressão de donos de uma grande *salchicharia*, onde se anciava por pôr em exposição milhares de soldados dependurados em ganchorras, de cabeça para baixo, com a pança vazia e escancarada pelo tradicional travessão de cana, na barriga, como os porcos pelo Natal, e nas montras linguiças e salpicão de carne de oficiais, tudo muito bem temperado com vinagre e pimentão!

Por vêzes o ridículo sobrepujou a estupidêz; quasi sempre a estupidêz levou de vencida o ridículo.

E por toda a parte se ouvia berrar:

— E' preciso morr...rr...rer!

— Mor...rr...rr...er!

— Mor...rr...rr...er!

Que farçantes...

Afinal foram êstes figurões os que mais manifestaram o mêdo na massa do exército e mais aterraram o país!

Quando então nos berravam pelos ouvidos dentro que era preciso ir mor...rr...er... pelas viuvas belgas, tocavam as raias da insensatêz e do destempêro!

Até essas pobres mulheres, na situação tragica da sua viuvêz, cheias de crépes na alma e com os lares espesinhados pelas patorras da soldadêsca alemã, serviram de instrumento à *Grande Mentira*!

Como se sabe, a *berrata* era sempre em volta do Direito, da Egualdade, da Humanidade, dos povos pequenos, das viuvas belgas e da Sérvia.

Nas colonias portuguêsas e nos direitos a conquistar pelo país pouco se falava.

Ia tudo para... o saco dos pequenos povos!

O tal mor...rr...rr...rer, então *gargarejado* num guincho de estupidêz ignara e inconsciente, ainda hoje me provoca, a alguns anos de distância, verdadeiros acessos... de riso.

O peor para a *diplomacia* a que nos estamos sempre a referir é que nem todos mor...rr. rr... reram!

Eu, por exemplo, não mor...rr...rr...rr. .rr... rr...ri!

Para França fui com essa esperança e de lá vim com essa certêza e consolação.

E, o que ainda é mais, nem uma beliscadura, o que muito grato me é! Isto tem talvez uma explicação. E' que tive sempre a bôa estrêla de andar desencontrado com a *cacaria* de ferro que os alemães atiravam para cima dos que estavam bem longe de Paris, dêsse Paris e dessa Londres onde a nossa *diplomacia* ia cosinhando desconchavadamente mentiras sobre mentiras .. e donde talvêz ainda a esta hora se esteja enganando o país!

.....

E' preciso não esquecer o que a *diplomacia* e *politica* intervencionista, de mãosinhas dadas, diziam aos sargentos do exército português.

Essas duas *tontinhas* explicavam que êles, os sargentos eram o esteio mais forte das instituições republicanas e que, portanto, não fossem curiosos em saber os segrêdos da *diplomacia* e as intenções da *politica intervencionista.*

E' preciso tambem não esquecer que a nossa *diplomacia* conseguira fazer um trocadilho grosseiro com a palavra *intervencionista.*

Quem não concordava com a ída extemporânea das nossas tropas para os campos de batalha da França não era *intervencionista*! Mas quem era partidario duma intervenção energica, decidida e forte, nas nossas colonias e ilhas adjacentes, com exclusão de comparticipação nas lutas em França, tambem não era *intervencionista*!

Só era *intervencionista* quem se preocupasse, acima de tudo e em prejuizo de tudo, com a ida de tropas para a França.

Ainda hoje os sectários dessa *lógica* invectivam os que manteem a opiniáó da defeza das nossas colonias com prestação de serviços aos inglêses e aliados em Africa, como se fossem ou tivessem sido *defétistas*, *germanofilos*, *traidores* e. . parvos!

Como se reflectia toda esta lógica nas fileiras do exército?

Que efeitos produziu toda esta caterva de mentiras e disparates na massa de homens que se ia bater em França?

E' o que vamos vêr, mas antes disso necessário se torna relembrar que o argumento mais inteligente que a diplomacia e politica dos intervencionistas encontraram para fazer calar a sua lógica aleijada no espirito dos que tinham que se bater em França, era que todo aquêle que não fôsse de opinião que na França é que se defendiam as nossas colonias era *um cobarde que só tinha mêdo de morrer*! Por outro lado berravam aos ouvidos de toda a gente que era preciso ir à França para mor...rr...rr...er!

Genial!

Realmente essa gente não estava ao nível das suas funções, como dizia Clemenceau, quando apelava para a serenidade da França, um tanto atordoada com os espectaculosos avanços de Ludendorff no ultimo ano da guerra.

Essa gente era muito *pequena* para conduzir um país.

O reflexo dessa *pequenês* caía como lama, para não dizer outra cousa, sobre a massa do exército, isto é, sobre os oficiaes, sobre os sargentos e sobre os soldados. E assim produziram-se nessa massa a sacrificar várias correntes.

A corporação dos oficiaes dividiu-se em duas correntes opostas, ficando, por assim dizer, a maio-

ria dos oficiaes indiferentes e apáticos perante essas duas correntes.

A corrente dos *intervencionistas* era muito menor do que a dos adversarios, e como primeiro alvo da *berrata* escolheram os soldados a quem quasi chamavam cobardes por *se fiarem em cantigas* dos que não queriam marchar para França. Em revindicta os *não intervencionistas,* mais numerosos do que os adversarios, tambem escolheram os mesmos soldados para alvo da sua contra-propaganda, sugestionando lhes uma revolta ou uma deserção em massa.

Quanto aos indiferentes, que eram em maior numero, encolhiam deanto dos soldados os hombros ás invectivas dos *intervencionistas* e ás sugestões dos adversarios *anti-intervencionistas.*

O espírito do soldado fluctuava a toda a hora entre a esperança de não ir à França e a perspectiva de mor...rr...rr...er... logo que puzesse o pé nas linhas!

Quanto aos sargentos êsses desempenhavam, numa minoria patente, o papel de espiões dos oficiais *não intervencionistas,* pondo os chamados *elementos civis* ao facto de tudo; outro faziam a contra-espionagem; a maioria conservava-se numa apatia fatalista.

O resultado de tudo isto foi a perda total da coesão moral no exército.

Como comandante duma companhia de infantaria 5 nas manobras de Torres Vedras, da 1.ª divisão, e em Tomar, como comandante de outra companhia de infantaria 15, nas vésperas da ida de tropas para França, *vi bem* todo êsse descalabro moral.

Em conclusão, a ida de tropas para a França estava destinada a ser uma tríplice *catástrofe:* para a *diplomacia,* para a *politica* e para o *exército*!

De facto, a dois anos de paz ainda o país não se resarciu no valor de um centavo dos sacrificios financeiros que a ída das tropas para a França nos

acarretou. Na organisação das Sociedades das Nações sofremos o choque diplomatico de sermos excluídos de início. Depois de nos haverem *berrado* muito que se as tropas portuguêsas não pizassem terras francêsas seriamos esbulhados das nossas colonias, por todos os lados nos começam a *berrar* que é agora que as nossas colonias estão mais em perigo! E são os mesmos que primeiro *berravam* que mais *berram* agora! Porque será que as nossas colonias estão *agora* mais em perigo? E' porque o C. E. P. não esteve consecutivamente do principio ao fim nas linhas em França? A infantaria realmente não esteve, mas a artilharia de campanha apenas deixou de estar na «frente» uns dois ou três dias (10,11,12 e talvez 13 de abril); o batalhão de caminhos de ferro, do comando do major Esteves, tambem esteve até ao armistício na «frente»; a nossa artilharia pesada, de 9 d'abril em deante começou a tomar parte activa em todas as operações até ao armistício; o armistício encontrou tropas portuguêsas de infantaria na linha de combate do avanço dos aliados. Chegou a vez, portanto, do exército se sobrepôr à *diplomacia*, perguntando lhe tambem a *berrar — para que diabo serve essa diplomacia?*!

Não é preciso perder tempo a fazer perguntas nem a *berrar*, porque uma triste e acanhada diplomacia nunca foi cousa que valôr tivesse. Não estava à altura e ao nível das suas funções. Era e foi sempre uma *diplomacia*... de comicios!... Por isso fracassou tristemente.

Que a terra lhe seja leve.

Quanto à *politica*, essa pulverisou-se em volta da ida das tropas para a França. O primeiro tiro que lhe atiraram foi a chamada *fita das espadas;* o primeiro morteiro que lhe caiu em cheio foi o 14 de Maio. Seguiram-se várias refregas, como a de 13 de novembro ou dezembro (eu nem já sei as datas destas cousas), depois veio o 5 de dezembro,

depois a revolução monárquica do norte, Monsanto, etc., e toda essa miseravel e ridícula queda periodica e trimestral de ministerios com pequenos e grandes pronunciamentos militares à mistura.

Este foi para a *politica* o preço dos — *vivas á guerra!*

Quanto ao exército êsse foi victima e por vêzes instrumento dessa vergonhosa exibição de miserias moraes, de mentalidades imprevidentes e acanhadas, e dêsse estendal de capacidades... vazias!

O exército, com a *politica* grosseirona, destemperada e insolente dos *vivas á guerra*, ficou para sempre dividido e esfacelado, isto, é claro, emquanto nas suas fileiras existir um só oficial dos que se bateram na Flandres.

Não haja ilusões a êsse respeito e... o futuro o confirmará.

Nessa marcha doida de loucos e mentecaptos excitados e incitados pelos proprios *berros* que davam de dia e de noite, insultando tudo e todos, *diplomacia* e *politica* acabaram por ficar cegas e surdas.

Não viam nada, não ouviam ninguem; era um programa furioso sem objectivos definidos.

A êsses furiosos auto-sugestionados e caídos num sectarismo sem limites não ocorreu a *generosidade equilibrada*, que é um balsamo eficaz para curar as feridas moraes.

Pelo contrário, *diplomatas*, *politicos* e *militares*, todos com responsabilidades nas suas funções de dirigentes, tornam-se obstinados numa luta em que a grande, a maior e a mais inocente victima foi o *Leal, Bom e Intrépido Soldado Português!*

E lembrar-me eu que a êsse gigante sublime chamaram por vêzes *inconsciente* por não ter reagido nêsse temporal de invectivas, ameaças, sugestões e insultos!

.....

E no entanto lá na tal *França* onde foi preciso ir

defender as nossas colonias, que hoje estão mais em perigo do que antes da guerra, o general em chefe dos Exércitos Britânicos, Sir Douglas Haig, chamou-lhes sempre *leaes*, *bons* e *intrépidos*.

Não se contentou em o dizer, *escreveu-o*. E dessa vêz viu quem lhe pediu para escrever isso, como sucedeu com o *tal papel* que o governo inglês deu de esmola á nossa *diplomacia*, da ida das tropas para a França.

O marechal Douglas Haig nunca foi diplomata, politico ou militar de *comicios*. Se em qualquer dêsses campos trabalhou, nunca *berrou mentiras* e como soldado, não só em França, mas tambem nas guerras coloniaes dos dominios inglêses, foi *sempre e só* um bravo soldado.

Por isso e *só por isso* êle viu que os nossos soldados eram *leaes*, *bons* e *intrépidos*.

A maneira como êle em três palavras definiu o nosso soldado da Flandres (1) denota da parte dêsse tão bravo como simples e modesto soldado *generosidade*, *reflexão*, *sensibilidade*, *observação*, *calma* e *justiça devida!*

Ora nada disto demonstraram ter, tanto a nossa *diplomacia* como a nossa *politica da guerra*. Esses predicados não se podem fingir nem simular. *Isso*... ou ha... ou não ha. E se no primeiro caso êsses predicados aparecem claros, evidentes, patentes e acessiveis a toda a gente, desde as classes mais cultas até ás mais rudes e obscuras, no segundo caso, por mais que se *berre*, por mais que se *diga* e por mais que se *escreva*... nunca aparecem.

Eis porque ninguem hoje discute o soldado de Africa, emquanto que o soldado morto na Flandres, por mais pás de terra que lhe deitem em

(1) Se êle visse o nosso soldado nas colonias talvêz lhe chamasse mais alguma cousa que em França não poude ver, porque aquilo... «lá» foi tudo um pouco forçado.

cima, por mais patadas que deem sobre a terra que lhe cobre os ossos, por mais pregos que espetem na tampa da urna da Batalha, por mais que o cubram com trapos de côres berrantes e reflexos dourados, por mais que o cubram de ramos de flôres, por mais que o queiram esconder... ha-de sempre aparecer como espectro acusador e pertinaz... da grande mentira, *a mentira da Flandres*!

Em Portugal a nossa *diplomacia* foi de *tesura* ridícula; em Londres foi falha de lógica e *rasteira;* em Paris foi... talvês *impertinente.*

A *política* da ida das tropas para a Flandres foi o que sabemos,... uma politica *bravia, insolente* e... um tanto *avinhada!*

Os oficiaes do exército acabaram por ser inimigos, inconscientes e *automaticos*, dos soldados leaes, bons e intrépidos de Douglas Haig, que ainda hoje não sabem porque é que algumas vêses, nos buracos lamacentos dos pântanos da Flandres, lhes chamavam *inconscientes, maus* ou *cobardes!*

Mães portuguêsas! Em Portugal, antes da partida das tropas para a França e lá, quando êles estavam recebendo a metralha alemã, chamaram-lhes algumas vêses *inconscientes, maus* e *cobardes!*

Chamaram *isso tudo* ao fruto do vosso amor sagrado de mães, a toda essa saudade de dois anos de lagrimas santas, sinceras e sublimes de sentimento!

Essa carne, que para muitas mães *lá ficou*, era... *má!*

Esse filho que para *lá* marchou... era um *inconsciente!*

Os ossos que vieram e que estão na Batalha, são talvez... de algum *cobarde!*

Tudo isso que as desoladas mães dos soldados da Flandres abraçaram e beijaram com sofreguidão nunca excedida em sua vida... por vêses... não prestava para nada... Pelo contrário... era um simbolo de fraquêsas!!!

Eu não posso reprimir toda a repulsa que sinto ao lembrar-me dessas miseraveis palavras que atiraram á cara dos soldados da Flandres os que em Portugal queriam que êles fossem e os que em Portugal e em França queriam que êles não tivessem ido!

Bem sei que essa maldita infâmia, êsse diabolico argumento de ocasião, eram o espadanar da *onda de mentiras* que a nossa *diplomacia* atirou para cima da geração válida de Portugal durante a Grande Guerra.

Mas ha loucuras que chegam a ser mais do que crimes, porque são abortos monstruosos.

Não é segredo para ninguem que bastas vêses, quando algum soldado se lamentava, em conversa nas linhas, das canceiras e dos riscos que estavam todos correndo, um ou outro oficial que passava parava e dizia-lhe em tom irritado:

— E' bem feito, meu filho da p...! Porque é que não desertaste? Porque é que te apresentaste para vir? Agora lixa-te! E com muita sorte andarás tu e todos se não deixarem cá o canastro!

Era bem feito!

Era assim, foi assim *mesmo* que, oh! mulheres das aldeias de Portugal, oh! mães dos soldados da Flandres, vos trataram os vossos filhos, *os ricos filhos da minha alma*, como vocês lhes chamaram á hora da partida!

.....

E no entanto os poderes publicos não os trataram melhor, porque, a poucos mêses de distância do armistício e antes de um ano depois de terminada a guerra... decretava-se uma amnistia geral para todos os desertores!

Os que não tinham ido eram eguaes desde êsse momento aos que *lá* tinham ficado!

Como devem olhar com dó os soldados desertores da Grande Guerra para as urnas que encerram os ossos dêsses dois *tristes tansos* que estão no templo da Batalha!

Os anos da França e os anos da Africa!

Como devem ser cheios de tristêsa e de profunda saudade, enevoada por lagrimas, os olhares das mães dos que morreram, ao vêr junto de outras mães os filhos desertores da guerra, mas vivos e amnistiados!

Isto é, tal e qual como eram os vossos filhos à hora da partida!

Não serão de odio nem de inveja venenosa êsses olhares, mas hão de ser de profunda mágoa.

O seu filho espatifado, horrorosamente espatifado por uma granada, e talvês com uma cruz de guerra ao peito nessa data... é egual ao desertor que está ali, sentado ao lado da mãe! E' horroroso! E' uma fatalidade que elas, essas pobres mães, as que perderam os filhos, não mereciam!

. . . . . .

Afinal foram êsses pobres e sublimes soldados, que marcharam sem discutir, como gado, sim, mas como gente que se ia bater, embora sem saber porquê, foram êsses, afinal, os *sempre víctimas*, alvejados simultâneamente pelos insultos dos portuguêses e pelas balas alemãs!

Sofriam assim os efeitos do *erro inicial* e tambem do *erro final*.

O *erro inicial* foi, como vimos, o *mêdo de morrer* com que os elementos propagandistas *sectários, assalariados e por vezes avinhados*, lhes excitaram os brios de homens.

O *erro final* foram os insultos que nas linhas ouviram dos oficiaes que os comandavam e que por vêzes se batiam tão valorosamente como êles.

Restava a consagração imoral da mentira. Essa consagração foi a amnistia concedida pela mesma facção partidaria que os atirou para a Flandres, essa amnistia que é um escarro lançado sobre o Desconhecido da Africa e, sobretudo, sobre o outro, o da França...

Escrevo estas linhas sob uma opressão moral

que não sei definir. Ora me parece ser raiva e odio mal contido, ora me parece ser uma tristêsa profunda!

Deve ser tristêsa, porque quasi não vejo... o que escrevo.

.....

.....

III

FANTASMAS

I

Os mortos

Quem como eu se propôs dedicar à mocidade das escolas e em especial aos alunos da Escola do Exército as suas impressões pessoaes sobre o *manejo* da naturêsa humana, precisa fazê-lo sem preocupações que entravem ou deturpem a verdade dos factos ou da crítica.

Ao referir-me aos mortos, não quero nem desejo revolver e profanar-lhes os cadáveres. Antes essas cinzas para mim representam sempre padrões de martirisados, que, voluntariamente ou talvez arrastados pelos que os cercavam, se deixaram guiar sem forças proprias e oportunas para resistirem a uma *fatalidade* ou, melhor, a um *fatalismo* em que o acaso os embrenhou.

Mas essas cinzas viveram antes e quando pertenciam à *naturêsa* humana estavam cheias de virtudes e de vícios, de qualidades e de defeitos. Esses escombros de uma existência humana, desfazendo-se em lâma pôdre e nauseabunda, nos primeiros tempos que se seguiram à morte, e que

hoje são pedaços frios e quasi desfeitos, tiveram o calôr da paixão humana, vibraram (como todos nós ainda vivos) em odio, em prazer e em virtudes, successiva e quasi simultâneamente.

Esses ódios, essas virtudes pertencem á História e portanto, hoje, aos que estão vivos e mais tarde a todos que vierem depois de nós.

Quanto ás cinzas, restos de pestilências cadavéricas, essas pertencem ao quási religioso respeito que deve cercar aquêles que caíram para sempre, quer se trate do ultimo dos criminosos, quer se trate de um virtuoso super-homem.

O que ali está é apenas a saudade, e ás vezes... nem isso; ás vezes está o esquecimento, outras vezes não está nada porque são restos desconhecidos de carne a apodrecer, ou já extinta, e portanto sem valor algum.

No entanto, imperador ou mendigo, êsses cadáveres pertencem á *sociedade* e esta é um tribunal permanente; é o tribunal que julga logo em primeira instância todos os atos que conhece, pertençam êles a quem pertençam, sejam êles publicos ou particulares ou mesmo íntimos.

A vida é, pois, um patíbulo permanente, onde se executam a tôda a hora adultos e creanças, sem distinção de sexos ou de idades.

Essas execuções são, regra geral, efectuadas com prazer manifesto por parte dos algozes que se confundem com a assistência, por vêzes com furor inflexível, outras vêzes com uma brutalidade inconsciênte, e ainda com todos êstes característicos simultâneos e como que a desafiar a tradicional e traiçoeira ferocidade dos crocodilos dos rios pantanosos.

II

Do patíbulo á... tradição

Quando e logo que a víctima e réu cai, entregando o corpo á terra, começam a coligir-se todos os documentos e, por assim dizer, tôdas as peças relativas aos seus êrros e a *algumas* das suas virtudes.

Primeiro os êrros e só depois as virtudes.

Há então um segundo julgamento, que decorre já mais sereno e menos tumultuoso.

E' o tribunal da segunda instancia.

Como se trata a bem dizer de uma primeira revisão, o rol de testemunhas que comparecem é muito menor, o que não admira, porque o defunto já não afronta tanto os vivos e tambem já não póde fazer favores.

Nessa segunda instância, como a *víctima* já não póde comparecer, não é julgada; *só se julgam os seus atos.*

E enquanto a *víctima* está apodrecendo, o que ainda leva algum tempo, mezes ou mesmo anos, coligigem-se não só os documentos do seu julgamento em vida, mas ainda mais alguns que vão aparecendo, o que leva ás vezes dez, vinte e mais anos.

O cadáver ou, antes, o que resta dêle, é durante êsses anos apenas um *documento* para identificar factos.

Por fim e muito mais tarde, ás vezes decorrido um seculo ou mais, um tribunal *supremo* revê o processo e julga em ultima instância.

Esse julgamento é uma sentença fria, superior e a salvo da menor suspeita.

E' a História!

Por fim e já a um milhar de anos ou mais da

morte da *víctima* todo o processo amarelece, perde folhas, desfaz-se e... desaparece.

Que resta então?

Se o primeiro julgamento foi retumbante e o segundo foi profusamente documentado, fica a tradição cheia de *nuances*, que a distância atenuou ou exagerou.

E se a víctima não mereceu a celebridade da História, o que fica?

Se a víctima não mereceu êsse registo frio e sereno, o que fica... é *nada!*

E no entanto a *sociedade* julga todos. O patíbulo está armado a toda a hora, com algozes e carrascos permanentes e em abundância, e o júri está sempre álerta e juizes, que nunca faltam.

E quantas vezes entre êsses que acusam e que aparecem como juizes do primeiro julgamento há tambem... cumplices do acusado?!

Esses juizes acusam para desnortear o júri!

Por vezes o júri, que é a massa anónima que profere o *veredictum*, tem no seu seio tambem cumplices da *víctima!*

Esses cumplices são a cobardia, são a traição, são a apostazia, são, emfim, a ultima miseria humana!

Sucede tambêm os cumplices, que no primeiro julgamento foram juizes e jurados miseraveis, comparecerem nos tribunaes de segunda instância como réus!

Quem os acusa?!

Porventura um vil como êles!

Outras é o trabalho meticuloso de um juís de segunda instância, que descortina essa vilêsa.

No entanto todos êsses tribunaes, a que ninguem póde fugir, trabalham permanentemente, recebendo documentos de todas as origens, e na sua marcha inflexivel vão estabelecendo a identidade dos valores e prejuisos causados pelos acusados, referindo tudo a pessoas, logares, factos e datas.

Os próprios mendigos e até os idiotas e loucos teem os seus juizes e o seu júri.

Ninguem escapa!

E' certo que, como já disse, há os esquecidos, os que desaparecem, os que acabam por serem... *nada*, que são os que não chegam á suprema instância.

Há-os mesmo que não chegam á segunda instância.

Mas dos tribunaes que julgam em vida ninguem escapa.

A's vêses ainda a victima está no ventre materno e já é alvo de acusações!

III

Os vivos

Quando por sobre uma campina verdejante e iluminada por sol claro lançamos a vista, o nosso olhar não se fixa nunca.

Pelo contrário, percorre-a em todos os sentidos e quando já cançada a vista da monotonia da paisagem arredamos o olhar e procuramos outro atrativo.

Se porem descortinamos uma arvore isolada e destacada no meio dêsse campo verde e nivelado pela perspectiva, logo a nossa atenção aí se fixa.

Os nossos olhares insistêntes podem por vêzes abandonar essa «victima» da nossa curiosidade, mas êsse desinteresse é passageiro e se o fazêmos é para voltar com maior insistência a fixar o detalhe que se destaca na uniformidade da planície e de toda a observação apenas nos fica, com mais precisão e nitidêz, essa arvore a destacar-se sempre em quaesquer cogitações sobre a planície verdejante.

Se em logar da planície se trata de uma aldeia

ou de uma cidade, logo por entre o aglomerado de casas a nossa atenção se fixa com insistência numa torre que se destaca, e, ao descortina-la, a nossa vista percorre-a desde a origem cortada pelos téctos da casaria até ao seu ponto mais alto.

Se nêsse extremo culminante há uma cruz, um catavento, um florão, um crescente ou uma simples esfera, êsse detalhe não nos esquece mais e serve-nos de ponto de referencia, quando cogitamos, falamos ou escrevemos sobre a torre ou sobre a aldeia ou a cidade.

No mar vasto, com o ponto que marca um navio na linha do horisonte e que suja, por assim dizer, o vinco caracteristico que separa o firmamento do oceano, sucede a mesma cousa.

A águia ou falcão que, num vôo veloz, corta o azul do firmamento, tambem nos atrae o olhar e desperta o pensamento e a observação.

Se é noite escura, a luz que brilha ao longe deixa-nos a impressão de um pequeno furo na negra muralha de trevas que nos cerca e logo com insistência e com freqüência a nossa vista procura êsse detalhe, que se destaca na escuridão, e, ao fixa-lo e sempre que o fazemos, cogitamos sobre êle ao sabôr do nosso estado de espírito.

Ao vêr êsse ponto variar de intensidade, de brilho, de fulgurações, e por vêses oscilar, as nossas reflexões deduzem e procuram explicar as alternativas das variações que a luz oferece à nossa intensa observação.

Na vida, nas sociedades organisadas, na luta insofrida da humanidade, na nossa avidêz de ambições e de prasêres, sucede a mesma cousa que com a árvore da planicie, a torre da aldeia, o ponto escuro no mar, a águia no firmamento ou a luz a brilhar na densidade da noite.

Se um homem, pigmeu ou gigante, se destaca acima da planície da vulgaridade, que é a multidão anónima, e procura ou consegue sobresair dentre a

massa compacta dum povo, deve-o fazer convencido e bem preparado para ouvir dizer muitas e repetidas vêzes que tudo nêle é *defeito* ou *virtude*, *mérito* ou *crime*!

Se não se sente disposto a pagar êsse tributo infalível aos três tribunaes e em especial aos que nos julgam em vida, só uma cousa tem a fazer: é não se destacar da planície; não levantar vôo no firmamento. Isto está dito em varios tons, dito em milhares de livros e é matéria assente na filosofia da vida.

Mas a ambição humana nunca se conforma com essa lei fatal e por isso eu, mais uma vez, refiro o axioma, para que aquêles que me lerem não o esqueçam, emquanto demorarem o olhar sobre estas mal alinhavadas reflexões.

Porque ai da arvore que não der bôa e ampla sombra na torreira de uma campina! Será *vítima* duma machadada que a derrubará para ser queimada!

Ai da torre que ameaçar ruina, que tenha vestigios de desmoronamento provavel ou que denote falta de segurança, porque o homem derrubal-a-ha, raivoso pela sua inutilidade e, sobretudo, por temer a derrocada que o póde ferir ou mesmo esmagar!

Se a luz na escuridão não é uma luz que represente para o homem abrigo eficaz contra o frio e contra o cansaço que o atormenta, se é, por exemplo, só o resto duma fogueira abandonada, o homem amaldiçôa, cheio de ódio e de raiva, o mortal que dela se serviu para qualquer fim que ignora, mas que o revolta, porque o desviou do seu rumo; porque o forçou a perder um tempo inútil; porque o obrigou, em certos casos, a retroceder um caminho já andado!

O vôo da águia maravilha o homem; os seus balanços formidaveis no espaço, de azas abertas, estendidas e paradas, provocam no homem que observa de baixo para cima êsse espectaculo de arrojo e de destreza, admiração e inveja!

Mas ai da águia ou milhafre que lhe tirar ou tentar tirar uma cabeça da sua preciosa creação, arrebatando-a! Porque o mesmo homem que ha pouco lhe admirava os vôos enfurece-se, busca uma espingarda e desfecha um tiro certeiro sôbre o que há pouco era objecto do seu prazer, do seu aplauso, da sua admiração, emfim!

. . . . . .

O tribunal da vida funciona permanentemente e os patíbulos estão sempre armados com os carrascos prontos á primeira voz!

IV

Para os que mandam

Aos que governam e em geral aos chefes exigem *sempre* as multidões, quer se trate de povos, quer se trate de exércitos disciplinados, a proteção eficaz, a força que os eleve, mas que não os ameace, a luz que os abrigue e que não os iluda.

Quanto aos vôos dos seus ídolos, são sempre objecto da sua admiração incondicional, mas é preciso que êsses ídolos não lhes exijam sacrificios inúteis e inexplicaveis. Os aglomerados humanos teem os seus melindres próprios e naturaes que é preciso respeitar e até alimentar o fogo sagrado, sem caír, está claro, na lisonja tôrpe, sabuja e nojenta, onde o aglomerado humano vê sempre uma arteirice desleal para lhe arrancar de momento o que lhe repugna conceder no minuto seguinte.

Se os melindram, se os lisonjearam para lhes arrancar um sacrificio escusado, ou se os fustigaram inesperadamente, êsses aglomerados humanos aborrecem-se, levantam-se e revoltam-se.

E a multidão, ao ver o ídolo de perto e estendido no chão, analisa-o detidamente, observa-o bem,

vira-o, revira-o, apalpa-o, abre-o, analisa lhe as vísceras, o esquelêto, a estructura e procura investigar impiedosamente quaes as causas e os inconvenientes que trasformaram em prejuizo ocasional o que esperavam em vantagens e beneficios constantes.

E' o primeiro tribunal, são os patíbulos permanentes com os seus carrascos sempre prontos á primeira voz!

E no entanto a águia foi vítima de uma ilusão própria, sujestionou-se, cegou-se, caiu no laço que a si própria armou. Não foi a multidão que aplaudiu que a tentou; foi ela que não *viu*, não *percebeu* e não *alcançou* o que era aquilo!

Como voava alto não via o aglomerado humano *em detalhe;* só via muita geñte e muitos aplausos; então julgou-se senhora da situação, desceu de um vôo rapido e como ao faze-lo viu um certo pânico na multidão e esta fugir um tanto desordenadamente, perdeu a cabeça, fustigou a cara a alguns, caiu sôbre a presa e, de garras bem fincadas, julgou-se senhora da situação e dirigia-se já com a presa para longe.

O peor foi o tiro!

Se ela, em logar de descer *logo,* tem continuado a dar os seus vôos altos até cançar a multidão, esperando que ela retirasse já indiferente ou antes fatigada do espectáculo e sob as melhores impressões a seu respeito, então não lhe seria perigoso chegar-se á presa, descendo e arrebatando-a.

No dia seguinte só o dono da presa se queixaria e era a mesma multidão que lhe chamaria tolo por não ter defendido o que era seu.

Assim julga o tribunal da vida as suas *vítimas*, e alguem tem que ser julgado, porque, repito, os patíbulos estão sempre armados, com os carrascos prontos à primeira voz.

Os povos não sofrem o pêso dum edifício que os esmague ou dum vôo que os moleste. Vão ao sacri-

fício sim, mas levados pela esperança em algum benefício, que é preciso dizer antecipadamente e de modo bem claro qual é.

Aos povos não irrita o sofrerem um desvio no seu caminho, desde que com paciência e com tempo se lhes incuta a *fé* no brilho *útil* de uma luz que os aqueça e lhes represente um abrigo.

Para os povos a *ideia* não é o sofrimento necessário a que essa ideia obriga. E' o benefício *material* que essa ideia promete e, sobretudo, *realisa*.

Se só promete *e não realisa* a multidão fica furiosa.

O que ela aprecia é o benefício material, porque o benefício moral para a humanidade é a lógica cuidada e artificial do verdadeiro benefício, que é o benefício material.

O outro, o moral, é sempre e no fundo uma ilusão, mas ilusão necessária para moderar a avidez dos beneficios materiaes, que é atributo natural de tôda a humanidade.

Não que a humanidade seja má.

A humanidade não é bôa nem má. E' assim mesmo. Quem não presta, nem tem serenidade, capacidade e outros predicados, entre os quaes avultam a paciência, a arte de saber esperar e a percepção do momento oportuno de vibrar o golpe necessário a bem dos povos, são os dirigentes, os chefes, os condutores de homens.

Se é axiomático nos exércitos que não há bons soldados nem maus soldados, porque é que em *diplomacia* e em *política* não é tambêm axiomático que não há povos decaídos e povos com seiva?

Vinte anos da minha carreira de oficial, cheia de incidentes variadíssimos, atravessando periodos de vida militar de grande intensidade demonstraram-me a respeito dos soldados do meu país uma só cousa, que é haver apenas bons oficiaes e maus oficiaes, porque os soldados todos prestam para tudo que dêles se quizer fazer.

Isto é uma confissão que muito vae agradar aos *diplomatas* e aos *políticos* do meu país, principalmente aos *dos vivas à guerra na França!*

Mas é que o preço da minha confissão é uma tremenda acusação.

Não há raças bôas nem raças más; o que há, e no meu país há muito disso, é péssimos *diplomatas* e péssimos *políticos*, porque quando os houver bons então a raça será tambem bôa, o que de resto se dá em todos os países e em todos os tempos assim foi!

Os povos teem um aspecto sofredor aparente e simultâneamente uma autoridade de facto.

São sofredores aparentemente quando se submetem às mais estranhas exigências dos seus chefes ou mandatarios.

Manifestam a sua autoridade de facto através dessa soberania indomável a que se chama *opinião pública.*

Desgraçado do estadista ou homem público que não tem as suas faculdades afinadas para a *sentir.*

Ou é um *inepto* que se deixa extinguir com morte lenta, ou é um *louco* que se suícida ruidosamente, ou é um *vaidoso banal* que se espalha e pulverisa num oceano de ridículo.

A opinião pública nos aglomerados de tropas chama-se o *jornal da caserna.* Nunca me deixei conduzir por êle, mas é sempre através dêle que eu costumo pautar *o momento* de agir.

V

A opinião pública

A *opinião pública* não é a imprensa (1), não é o palrador dos cafés e botequins, não é a oposição dos adversários politicos, não é, finalmente, a crítica mansa e fria dos indiferentes, não é tambem o protesto ruidoso e violento das multidões.

Mas é através de tudo isso que o estadista, que sabe e quer ver, *vê a opinião pública.*

Tal e qual como com o *jornal da caserna.*

O *jornal da caserna* não é o que os soldados dizem uns aos outros quando convivem nas casernas á vontade e livres das vistas e ouvidos dos inferiores; não é tambem o que os impedidos nos contam em ar de confidência sobre o que os camaradas pensam dêste, daquêle, disto ou daquilo; não é tambem a atitude que o soldado apresenta na forma ou diante dos superiores; não são ainda as «piádas» que trocam em voz alta ou cantando em marcha, uns com os outros; não é tambem o que qualquer soldado nos responde quando interpelado por nós; não se traduz nos olhares que os soldados nos lançam quando com êles cruzamos; mas é através disso tudo que se sente o *jornal da caserna!*

O *jornal da caserna* é, pois, como a *opinião pública.*

---

(1) Que a *terrivel* e *temida* imprensa não se afronte com esta minha franca afirmativa, porque todos sabemos que a opinião da imprensa é apenas e em cada jornal a opinião de quem lá escreve e do que se manda lá escrever, portanto é em cada jornal a opinião de pessoas. O que é preciso cautela é quando sobre qualquer assunto todos os jornaes ou quasi todos trazem a mesma nota, o que se dá mais vezes do que muitos julgam. Os que assim não julgam são os que só leem o jornal que lhes agrada ou perdem a cabeça com o que lhes desagradou.

E' o seu aspecto sofredor aparente, mas é simultâneamente uma *autoridade de facto*.

E que nenhum oficial ou chefe de tropas esqueça isso um momento sequer na sua vida profissional, porque êsse momento pode bastar para perder um terreno que custou a conquistar ás vêzes anos seguidos e através de mil contingências e perigos.

Com o *estadista* e a *opinião pública* sucede a mesma cousa que com o chefe de tropas e o *jornal da caserna*.

Se sabe *vêr*, vence; se não sabe, não pode ou não o deixam ver, cae e arrasta sempre comsigo *vítimas*.

A *opinião pública* é, como o seu nome indica, o tribunal permanente da vida, o tal que tem sempre os patíbulos com os carrascos prontos á primeira voz. Este tribunal tem, comparado com os outros, várias caracteristicas terriveis.

Assim, o acusado é exposto ás vaias, aos insultos, á calúnia, aos maiores sofrimentos moraes; emquanto a *vítima* não cae de vêz, é um tribunal bárbaro e inacessivel á piedade; quando acusa, acusa com ódio e com desprêzo; o acusado não distingue entre a assistência os jurados e tambem os juízes. E no entanto, espectadores, juízes e jurados, todos veem e o peor é que todos se arrogam o direito de ser juízes. Daí a apreciação *ampla, variada e fatal* dos nossos actos públicos.

Quanto aos actos da nossa existência particular e até íntima, quando um de nós é arvore na planície, tôrre na aldeia, águia no espaço ou ponto na linha do horisonte, nada é intimo.

Toda a nossa existência, todo o nosso passado e todo o nosso presente são vasculhados, analisados, comentados e julgados, não só em vida, mas até isso tudo chega ás vezes á tradição e por vezes ultrapassa esta, vae até á lenda. Essa cousa impalpavel e indefinida que é a antecamara das religiões e a predecessora das divindades!

Nêsse vasculhar terrível e de selvagens, aparecem juízes apaixonados, juízes tolerantes, juízes fantasistas e até aparecem... juízes vendidos.

Mas a História, o ultimo e supremo tribunal da humanidade, o que julga na terra em ultima instância, descrimina a verdade e entrega o acusado á tradição, que já não é uma sentença, mas sim uma oração de que a lenda é quasi uma religião.

... Eu... Eu... Eu vou tambem apreciar vivos; não o faço com retaliação, mas não posso calar-me por subserviência ou por apatía.

Não só os que morreram são para mim fantasmas; os que ainda vivem tambem o são e sempre assim foi.

Os que morreram talvez já não acusem, mas... a dúvida, a terrivel dúvida...

Quem a conhece?

Ninguem!... Ou talvez... todos...

Tôda a existência cá por êste mundo vive no meio e cercada de fantasmas que acusam constantemente e a que se combinou chamar a consciência de cada um.

Os mortos são fantasmas que nos perseguem e se apossam do nosso triste espírito com o nome de remorso; e para aquêles que só na matéria acreditam... ou julgam acreditar, essa posse é mais patente, porque o cadáver, o nosso triste e ridículo cadáver, definha e decae à vista de tôda a gente, o que é mais vergonhoso e aviltante do que deixar os remorsos apossarem-se só do espírito.

Os vivos são tambem fantasmas que nos afrontam, que nos insultam, que nos ridicularisam e que nos irritam até à amargura.

Os que mandam são ainda fantasmas que nos despertam a inveja, o ódio, a revolta e a reacção contra o que nos suplanta, pelo *acaso*, pela *fatalidade* e pela *fôrça*.

Mas tambem *os que obedecem* são fantasmas terriveis para os grandes, para os que estão de

cima, para os que se iludem com o aplauso, com a submissão aparente e de momento.

E até *os que sofrem* são fantasmas. Dentre os vivos são os mais terriveis, porque quási lembram os fantasmas dos que já morreram.

Ainda estão vivos e por isso são juízes e jurados terriveis, que só esperam o momento asado para serem carrascos!

São os que sofrem que dão os melhores elementos para a *tradição* e para a *lenda*.

Os que sofrem são quási Deus!

VI

Os que sofrem

A *diplomacia*, a *política* e os meus Generaes em campanha na Flandres pagaram-me amplamente todos os meus serviços e reconheceram generosamente quaesquer méritos que podiam ter nessa campanha concorrido em mim.

Mas à Pátria, mais do que a todos, devo o meu nome de português!

E o meu maior prémio, como soldado, foi o ter sido na Grande Guerra comandante e chefe de algumas centenas dos Bons, Leaes e Intrépidos Soldados do Marechal Douglas Haig!

Eram portuguêses êsses soldados, tal e qual como eu, que o sou tambem!

Fraquejaram alguns?!

Fraquejaram. E' certo.

Porém eu, que em França fui *apontado* por muitos camaradas meus, de tôdas as patentes, como juíz feroz e inexorável para os factos praticados pelos que serviam sob as minhas ordens, desculpei essas fraquezas logo no minuto que se seguiu à punição.

Não lhes perdoei, nem lhes perdôo ainda hoje...

porque nunca na minha vida fiz uso dêsse atributo afrontoso que a humanidade, sempre ridícula, se atribue. Mas hoje e já longe dêles, dêsses a quem puni com ferocidade quási intransigente, não só os desculpo, mas até vou à compreensão e quási cumplicidade de taes fraquezas!

Porque em França, do general mais graduado até ao soldado mais inútil, todos fraquejaram e muito!

Eu... tambem fraquejei... por vêzes!

.....

Era preciso ter-se uma rija têmpera intelectual e uma forte preparação moral, para não se ser nunca vencido e esmagado pela *mentira* constante que nos envolveu a nós todos, soldados da França, durante toda a preparação para a guerra e através de toda a campanha.

Eu muitas vezes sentia que ia fugir-me a noção do dever e não me envergonho de o confessar; uma vez em *Red House* apossou-se de mim uma convulsão de desespêro que se desfez em lágrimas que deixei correr livremente.

Chorei num desfazer de lágrimas, que eram uma verdadeira confissão de impotência para os defender da *derrocada!*

Chorei por êles, soldados, e por mim, que tambem me sentia vergar ao pêso da vaga da *mentira*, que eu não podia quebrar para os defender!

Tive uma só testemunha dêsse quarto de hora terrivel.

Foi o então 2.º comandante do 15, o capitão Mario Ribeiro de Menêzes.

.....

Eu nunca soube nem quiz mentir a soldado nenhum, porque tenho muito mêdo de lhes mentir.

Por vêzes, se não lhes posso dizer a verdade, calo-me e espero com paciência o momento de lhes poder falar verdade. Porque, repito, tenho muito mêdo de mentir a um soldado.

Doutra vêz, em fins de agosto de 1918, em Am-

bleteuse, á porta do Q. G. da Base, o meu espirito vacilou miseravelmente perto de uma hora e pensei no abandono imediato da França, o que era para mim a deserção moral (1), o afastamento do perigo, emfim a fuga vergonhosa e definitiva! Não era a metralha alemã que me atemorisava. Isso era cousa bem pouca perante o outro perigo que não fere nunca... porque só mata e sem remissão.

Esse perigo era o temeroso espectro da afronta e da deshonra, que eu sentia vir sobre nós todos, portuguêses de *Lá!* Esse espectro, êsse fantasma, via-o vir sôbre mim numa marcha lenta e vagarosa, mas implacavel, e não só ao meu encontro mas tambem ao do brio dos soldados cuja honra me estava confiada, como seu comandante que era (2).

---

(1) Dêsde julho que me competia uma segunda licença, depois de ter recusado a primeira, que me pertencera no começo dêsse ano.

(2) O capitão A. Casemiro, nos seus «Calvarios da Flandres» alude tambem a uma hora de fraquèsa minha. Aparte o calor *ebuliente* da sua poesia *incorrigivel*, o que êle diz é quasi a verdade, porque eu mostrei muito mais *fraqueza* do que a que êle refere. Nessa hora *irreverente* o capitão A. Casemiro esteve deante de um *vencido* que se embriagava só com o insulto e a agressão.

Ele tinha desejos ardentes de ser *forte;* eu não via aberto deante de mim o caminho para o ser. E' tambem esta a ocasião de lhe render os primeiros agradecimentos pelas referências feitas — *á minha psicologia.* — Mas... Poeta Casemiro, se fosse uma mulher que dissesse aquilo tudo de mim e de uma só vez!... eu.. talvez me suicidasse . por exemplo, para morrer com aquelas coisas cá dentro dos ouvidos. Mas, meu caro, sou um soldado e, alem disso, não és o meu tipo de homem... No entanto cá ficam a amisade, o reconhecimento e a leal camaradagem.

Como tu, tive muitos *pequenos* junto de mim, nessa hora terrivel e inolvidavel e tão como tu êles eram, que foi só dizer-lhes — *«é por ali!»* — Lembra-te bem e nunca o esqueças, eu só apelei nêles para a *raça* ; quasi não lhes falei em Pátria.

Não foi a bandeira que os guiou, foi a tradição ancestral duma raça forte, aventureira, quasi furiosa nos seus ímpetos de sangue quente e rutilante. Provei assim que a raça não enfraqueceu!

A testemunha dêsse outro quarto de hora de fraqueza foi tambem só uma.

Foi o capelão chefe do C. E. P., o dr. José do Patrocinio Dias. Mas êsse foi mais do que testemunha porque foi juiz!

A' porta do Q. G. da Base encontrámo-nos; êle ía a entrar e eu a saír. Parámos e conversámos perto de uma hora. Por outra, eu é que falei, falei e falei muito. Desabafei, raciocinei em voz alta, expandi deante do bravo e sereno capelão todo o desespêro que me ía na alma.

Afirmei-lhe que previa por todo o mês de setembro graves insubordinações, gravíssimas mesmo. Eu advinhava-as; farejava-se pelos bivaques da infantaria êsse cataclismo formidavel. Tinha, deante de chefes meus, tentado exprimir as preocupações que me avassalavam o espírito. Mas as pessoas a quem me dirigia pouco caso faziam das minhas previsões, principalmente porque eu apontava factos e não apontava remedios e além disso não era um simples major de um batalhão que havia de resolver o problema da infantaria tôda do C. E. P.

Era natural que assim pensassem e ainda hoje êsse raciocinio não é descabido.

A rajada que pairava sôbre o C. E. P. era de desespêro, era de revolta íntima contra tudo e contra todos.

Mais acrescentava eu que não tinha responsabilidades nenhumas sôbre a política da guerra, nem em maus serviços feitos em França e que, portanto, tambem não devia ficar sujeito às consequências terriveis do que ía suceder em terra de estranhos. E disse, disse, disse muita coisa.

O capelão Patrocínio Dias ouviu, ouviu, ouviu quási sempre e pouco disse, deixando correr como uma torrente irresistivel e cheia de lógica tudo quanto eu dizia. Quando estava quási a acabar e, mais brando, começava a acalmar, reparei que se êle pouco me dizia, não tirava os olhos da minha

fisionomia e muito menos deixava de procurar o meu olhar com o seu. A sua incondicional amisade não lhe permitia a menor censura, mas o seu olhar era cheio de tristeza e ancioso ao mesmo tempo pela minha decisão definitiva.

Ou fugir ou continuar!

Comecei a vêr êsse olhar que parecia uma censura eloquênte e austéra, vi tudo o que êle me dizia, acompanhado de uma mudez quási absoluta, compreendi-o, senti uma vergonha enorme e repeli a fraqueza que me avassalava! Cairía na lama, na deshonra, no charco imundo, no abandono a que estavam votados os meus soldados, parados atrás dos aliados, que no seu avanço final começavam a levar de vencida o alemão agressor de 1914. Eles cairíam, era quási fatal, mas eu tambem cairía junto dêsses desgraçados soldados sempre ao serviço de quantas mentiras se tinham forjado e se continuavam a forjar!

Horas antes tinha visto passar junto de mim o General Garcia Rosado. Passou a menos de um metro, num corredor onde ninguem estava; fiz-lhe a continência, a que correspondeu fitando-me, e seguiu o seu caminho.

O meu primeiro impulso foi aborda-lo de chofre e pedir-lhe para ouvir falar um *louco* durante uma hora!

Mas em seguida tive mêdo! Dêle? Não. De mim.

Se êle me repelisse, embora dentro do que preceituam os regulamentos militares, vendo-se abordado em objeto de serviço por um comandante de batalhão sem ser por intermedio do seu Chefe do Estado Maior?!

Não o conhecia pessoalmente e um mês depois vi bem o êrro enorme que cometi nessa hora de hesitação e de fraqueza!

Eu a prender-me com as *vias competentes*, quando muitos só se serviam dessas *vias*, pelas unidades várias, para provocarem o *naufragio* do C. E. P.!

Mas, repito, tive mêdo de mim, não tive mêdo das *vias competentes*, tanto mais que o Chefe do Estado Maior do C. E. P., Coronel Sinel de Cordes, e o Sub-chefe, Tenente-coronel Ferreira Martins, nunca seriam capazes de m'o fazerem sentir... Mas eu é que não conhecia como era *por dentro* o General Garcia Rosado e se êle me repelisse, por mais correcto que fosse na forma, o meu desespêro transformar-se-hia em uma torrente de palavras que seriam uma insubordinação espectaculosa! Mais tarde tive ensejo de conhecer *bem* o General Garcia Rosado.

Quando falei com êle a primeira vêz referi-lhe a minha hesitação anterior em o abordar; lamentou o facto em poucas mas sinceras e sentidas palavras e eu senti que mais uma vêz tinha fraquejado.

Se não fosse essa falta de serenidade minha, o que se deu de brilhante em sentimento e nobreza de raça no mez de outubro, tinha-se dado em agosto; e não sucederia o que sucedeu nas unidades de infantaria (quasi todas) de agosto a outubro.

Mas há mais; porque fraquejara, fiz um juizo injusto que o General Garcia Rosado não merecia.

Nunca me desculpei pessoalmente do caso; prefiro faze-lo bem publicamente dêste logar.

Releve-me, pois, meu excelentissimo, brioso e inteligente General, essa minha hora de fraqueza *ridícula*.

Faço-o com a maior das obrigações moraes porquanto de V. Ex.ª só recebi em França as maiores provas de uma amisade generosa e tolerante, daquelas amisades que, sem serem expansivas, são as de um homem inteligente que não afronta nunca, porque, quando nos reprime os impetos, apenas nos aconselha, quando ás vezes não vae até ao castigo *que louva!* (1)

---

(1) Fui em França punido pelo General Garcia Rosado.

Quanto a ti, capelão do C. E. P. e do 15 de Rincq, dêste logar, que eu tenho como um logar de honra, agradeço-te, padre, o teu silêncio na hora triste e de fraqueza que tive, silêncio que para mim foi uma lição, que foi para mim um alto favor de amigo, que nunca esquecerei; para ti, que és um crente, o efeito produzido por essa lição de silêncio foi talvez um milagre!

Obrigado, padre e amigo, por mim e por êles, porque eu não caí na lama e na imundicie moral e os meus soldados acabaram por ocupar, um mês depois, e mais uma vêz, o logar que em França sempre disputaram por dever e de direito! Logar que da Infantaria Portuguêsa na Flandres foi sempre o primeiro!

VII

No patíbulo!

Como atrás referi, tive á porta do Q. G. da Base um acesso de fraqueza miseravel, recebi aí a sentença do *juiz* e restava-me o patibulo! Ia tel-o horas depois.

Foi no acampamento do batalhão, em Croix Marmuse, nessa data (agosto de 1918) em logar memoravel para o batalhão de infantaria 15, pois aí estacionava êle em 8 de Abril com ordem de retirar para descanso, quando, ao amanhecer, recebeu ordem de, como reserva, se lançar na fornalha da batalha defensiva de 9 de abril, *a batalha do Lys*, batalha em que se bateu até 11.

Acampavamos, pois, nas ruinas escalavradas de Croix Marmuse e ao regressar para o meu acampamento (o do batalhão) ia um tanto vexado e tambem irritado com a minha fraqueza.

Levava no entanto a hipócrita esperança de que os soldados nunca saberiam nada dêsse quarto de hora miseravel do seu major e comandante.

Porem pode mais a justiça vidente dos que sofrem do que as fraquezas torpes dos que mandam!

Ao chegar, o Gaspar, o meu impedido, com aquela cara de menino alegre e contente com que a natureza o dotara, desfecha-me á queima-roupa o seguinte:

— O meu major sempre voltou?!

—?!!!...

— E' porque as praças, quando viram que v. ex.ª se começava a demorar mais de oito dias, não me largavam a barraca, a quererem ver a toda hora a mala e a *balise* do meu comandante!

— Então que faziam êles se cá não vissem a minha bagagem!!!

— Ora!... Ficavam convencidos de que o meu major se tinha raspado de vez e *á francêsa*.

... .

Não disse mais nada, despedi o impedido num gesto sêco e sacudido e estendi-me no catre improvisado a pensar... no patíbulo!

Ao partir do acampamento era um comandante de soldados, mas oito dias depois da ausência era ... apenas um *executado*... no tal patíbulo com os carrascos sempre prontos á primeira voz!

Os meus algôzes, e *juizes tambem*, nunca tinham duvidado da minha lealdade para com êles em outras vêzes que exigências de serviço me obrigaram a ausentar-me do pé dêles, oito e mais dias (e nem depois em ausências posteriores e da mesma natureza), foi só daquela vêz que duvidaram. Porquê? Não sei.

Os oficiaes que me conheciam de perto e alguns havia mais de um ano não perceberam o desespêro que me ía no espirito ao sair do acampamento para ir á Baze em missão de serviço.

Os soldados, para quem eu quasi não olhava, viram qualquer cousa, adivinharam, leram-me no olhar, sentiram!

....

Essa *duvida* dêles foi para mim o *patíbulo* mais afrontoso que em toda a minha vida de oficial sofri. Foi mesmo uma execução capital de que só me posso remir confessando-a aqui tambem em letra bem redonda para que algum dêles, que leia por acaso estas linhas sinceras, o conte a todos os outros.

Não ha dúvida: pelo cérebro dêste vosso companheiro passou durante uma hora ou mais a quasi decisão de vos fugir de vêz, retirando com uma licença que duplamente lhe pertencia.

Vocês ficariam ao abandono e eu *raspar-me-hia á francêsa*, como muito bem me disse o vosso camarada e meu impedido, o Gaspar, que, com a sua cara de menino, me pareceu, ao sorrir-se, um fantasma!

Essa *dúvida* dos meus mais bravos companheiros da Flandres foi para mim uma punição terrivel, um castigo sem precedentes (1).

Quando nos primeiros dias de junho tornei a reassumir o comando da gente do 15, os soldados, ao verem-me apear do automovel com a bagagem, (a tal mala e a tal *balise*) disseram entre sí que se eu voltava a comanda-los e ali estava é porque com certeza voltavam a ocupar o logar na frente, e nas linhas.

O *jornal da Caserna* dava-me então um *louvor* na sua ordem!

Mas em agosto, ou seja antes de três mêses, o mesmo *jornal da Caserna* punia-me severamente

---

(1) Em França fui punido três vêzes (repreendido, admoestado e punido disciplinarmente). De boa vontade receberia outra vêz essas três punições aplicadas por dois generaes e um coronel, mas não queria, por coisa alguma, ser outra vêz *punido* pelos soldados de infantaria 15 da Flandres.

As amnistias tiram aquêles e todos os castigos, até as deserções em tempo de guerra! Este não ha amnistia que o tire. Fica sempre!

na sua *ordem* com uma *dúvida*, que era uma acusação tremenda! Tremenda e fundada.

Eles desconfiaram de mim nas horas em que eu, bem longe, a leguas, fraquejava!

.....

Portanto, tu, padre, que és um crente, ministro duma religião e hoje principe da Egreja, D. José, regista o milagre de Deus!

Eu, a quem falta talvez a fórmula que a tua religião impõe e de que há muito me apartei por causa de um soldado (olha que foi por causa de um soldado) tambêm acredito em alguma cousa de superior, misto de grandeza e de humildade!

Acredito *e muito* no instinto supremo dos humildes, quando sofrem no seu isolamento moral em silêncio e desamparados!

Tambem acredito no milagre, quando êle representa o sentir de um povo forte, mas humilhado e abatido!

.....

Não só destas vêzes, mas muitas mais, senti profundamente a *dúvida* em mim mesmo e a *fraqueza* assaltarem-me o espirito e quasi dominarem-me.

Reagia sempre, mas sofria sempre, como os outros, os soldados.

Porque sofri e muito, queixo-me agora, e porque os meus companheiros e humildes soldados tambem muito sofreram e não podem, nem saberão nunca queixar-se, eu, por êles, acuso tambem os *algôzes* moraes dessas *vítimas*, fracas no seu isolamento, mas *fortes* no seu sacrificio!

VII

A D. José, Bispo de Beja.
9 de abril de 1921.

A farça da Verdade

D. José, vou falar de um soldado de que já nem sei o numero. O nome, então, já o esqueci há muito.

Não admira, era o dum obscuro e apenas o ouvi referir uma ou duas vêzes, o que, de resto, sucede a todos os soldados.

Eles são tantos e teem o nome tão parecido!

São quasi todos Antonios, Franciscos, Manueis, Joões ou Josés, e pouco mais são do que isso, de modo que não vale a pena estar a fixar nomes.

E' uma maçada.

O melhor é sempre conhecê-los pelo numero; mas mesmo o dêste a que me estou referindo não me lembra. Era, emfim, um numero como o de mu tos outros que ninguem conhece.

O facto verdadeiro que vou narrar não se passou na Flandres nem em Africa.

Passsou-se no Porto, quando eu era ainda um alferes, como muitos que o capelão da C. E. P. conheceu em França.

Como êsses, não!

Esses eram mais, muito mais do que eu, sem comparação. Esses estavam-se batendo, emquanto que eu, á data dos factos que vou referir, era um alferes que nunca se tinha batido, nem em França nem em Africa.

Este *enxerto*, metido um pouco á força no presente volume, faz parte de uma colecção curiosa, muito curiosa, que tenho de histórias verdadeiras de soldados que conheci durante a minha já um tanto complicada carreira de oficial.

Porque vem ela então aqui abrindo um parêntesis e quasi como uma falta de correcção?!

Sim, porque, dedicando eu o presente amontoado de linhas, por vêzes um tanto emaranhadas, aos alunos da Escola do Exército, mal parece a dedicatória que precede o titulo do presente capítulo.

A mocidade generosa relevará decerto e por favor êsse desastre de correcção, visto que se trata de um parêntesis aberto para um soldado da França que, sem outras armas mais do que as que lhe forceram a devoção, a crença e a oração, poude algumas vêzes mais numa hora do que eu em dias seguidos e com mil homens ao meu dispôr.

Porém, D. José, no numero anterior há uma referência ao soldado causador da minha abstenção respeitosa, no que se refere á fórmula das tuas crenças e da tua religião.

E porque foi e como foi, padre e crente, que eu recusei a fórmula que a tua religião impõe?

E' o que vou dizer ao padre capelão dr. José do Patrocínio Dias.

Foi em 1903 e, como disse, por causa de um soldado; mas quem me levou a essa resolução não foi êsse soldado. Foi um padre! Foi um ministro da tua religião!

Como vês, capelão do 15 de Rincq, do 15 da batalha do Lys, do 15 de Lille, vae subir ao patíbulo um padre e eu vou ser o algôz, o juíz, o jurado e tambem a assistência.

Tu tambem vaes ser juíz, e, cousa curiosa, o meu Deus, dessa ocasião para cá, passou a ser o tal Deus que eu adoro e admiro, e que é o dos que sofrem no seu instinto supremo de humildes e dos que sentem como os fortes, quando humilhados e abatidos!

O meu soldado é o fantasma da verdade a que ninguem resiste e êsse fantasma, essa verdade é que é... o Deus que eu adoro!...

.....

.....

Eu era alferes de infantaria 18 e por essa época ia reunir no regimento o consêlho de disciplina para julgar em audiência um soldado que, estando de guarda a uma enfermaria do Hospital Militar do Porto, adormecêra no seu posto de sentinela tão profundamente que nem sentira o sargento-enfermeiro de ronda levar-lhe a espingarda!

A falta era grave, se não pelas circunstâncias do logar, pelo menos pela sua natureza.

Uma sentinela adormecida no seu posto póde ser, em certos casos, uma quasi traição, práticamente falando, porque póde ser a entrega do exército ou parte dêle ao inimigo e não é preciso acentuar que, por isso, a mais grave falta que a sentinela póde cometer é adormecer. Peor do que isso só há o abandono do posto.

Toda a acusação em audiência requer testemunhas e sem elas a lei, em princípio, não se solidariza com o castigo.

O acusado não nega o crime, o acusador demonstra a verdade da sua missão, mas, se não há testemunhas de acusação, pelo menos duas, a lei, na sua inflexibilidade, que não é ferocidade, hesita e prefere absolver um criminoso a condenar um inocente.

Nêste caso não havia testemunhas, só havia o acusado que era o soldado e o acusador que era o 1.º sargento enfermeiro, participante. E todo o processo girava em volta dêstes dois elementos.

Um dia, o ajudante do regimento, tenente Gonçalo P. Pimenta de Castro, que era o promotor nato no processo, procura-me e diz-me que era uma barbaridade escusada atirar com um homem para um presídio militar porque tinha adormecido no posto de sentinela de uma enfermaria de um hospital em condições taes, que êle, no caso do soldado, talvez tambem tivesse feito o mesmo!

De resto, embora a punição fosse taxativa para faltas dessas, o júri não deixaria de atender a cir-

cunstâncias atenuantes e era além disso composto de homens que tinham coração e consciência.

Só era preciso um defensor que tomasse o caso a peito e que espiolhasse em audiência as circunstâncias em que a falta tinha sido cometida, e que, portanto, me encarregasse eu da defêsa, que era rapaz novo e tinha pouco em que pensar.

Tratava se de uma enfermaria, a falta tinha sido cometida de madrugada, a enfermaria tinha três presos sem importância de maior e mais umas dezenas de camas vazias, embora prontas a receber doentes.

A madrugada, o ambiente tépido da enfermaria, as camas, tudo isso era a tentação a desafiar o sacrificio e o dever! O soldado não tinha tido, havia três dias, a folga necessária e, vendo uma das camas junto dêle, sentou-se primeiro, depois encostou-se um pouco mais e por fim... adormeceu profundamente.

Deveria talvez ser punido disciplinarmente, dizia-me o tenente-ajudante, para não abrir um mau precedente, porventura levando o caso à conta de falta de vigilância no posto de sentinela e assim a tolerância bem cabida não deixaria de prestar a devida obediência à lei.

Eu, então alferes e ainda novo, como me dizia o ajudante do regimento, senti subir por mim acima a onda da generosidade dessas idades ardentes do prazer, da luta nobre e do desejo de fazer bem sem olhar a quem.

Mais tarde a generosidade desaparece ou pelo menos amortece e o mais que faz é ceder o logar à tolerância, que é a generosidade dos velhos e maduros. A generosidade é intransigente e impetuosa; a tolerância é sempre medida para não ser fraqueza e serena para ser oportuna.

Escusado será dizer que quando acabei de ouvir o que me dizia o ajudante, eu não estava impaciente por falar com o soldado, estava a arder em desejos

de o ver, de lhe afirmar que ninguem lhe faria mal e de quási acusar o júri, se o soldado não fôsse absolvido!

Não via o soldado, o escravo incondicional do dever e do sacrificio; só via o homem que era preciso salvar, custasse o que custasse.

Fiz, pois, conduzir imediatamente a praça à minha presença e expliquei-lhe a necessidade absoluta de negar em audiência as suas faltas.

Diria que estava apenas encostado, mas que não dormia e negaria que lhe tivessem tirado a arma!

O soldado, êsse *ninguem* obscuro, na sua terra, era *pouca cousa*. Era moleiro, não era mais nada.

E no entanto não deixava de ser o tronco rude de uma raça que, quando bem conduzida, na *bravura* e na *verdade*, deu e é capaz de continuar a dar lições ao mundo e à História.

Esse moleiro, bruto, cheirando a suor de caserna, analfabeto e tôsco, era qualquer cousa de forte, era como que um galho rijo de um carvalho nodoso!

Ao ouvir o que eu lhe dizia, abriu muito os olhos e com um olhar profundo fitou-me uns segundos.

Mergulhei o meu olhar nêsses dois olhos nêgros e nêles não descortinei nenhum traço de velhacaria.

Esses olhos deram-me a impressão e causaram-me a sensação de ter deante de mim dois abismos de sinceridade, dois focos luminosos de lealdade! Por fim disse-me, falando vagarosamente e pesando as palavras com firmeza:

— Mas, meu alferes! Se eu estava efectivamente a dormir, e se o nosso sargento foi quem me tirou a espingarda !?!

Padre, ao vê-lo e ouvi-lo, eu tive um grito de alma que me disse que êsse homem não queria, não sabia, nem podia mentir!

E tu?! Crente da Religião da Bondade, não serias capaz de mentir, para o salvares?

E se ainda, e apesar dos teus princípios, da fórmula da tua religião, um oficial, um representante legítimo dêsse dever feroz na intransigência, que é a disciplina, te pedisse que mentisses só emquanto durasse a audiência, tu não mentias?

Não me respondas ainda, padre, e continúa a ouvir.

Passou-se êste primeiro acto do drama que vou contar, porque o que vaes saber, padre, é mais do que uma simples história de caserna: é um drama em que a tal *verdade* é a protagonista; passava-se êste colóquio entre mim e o soldado, em um simples e bem modesto quarto de alferes, de não mais de quatro metros de comprimento por outros tantos de largura.

O que havia era mais um actor, o meu impedido (pescador da Povoa) que tinha acompanhado o soldado quando eu o mandára chamar á minha presença.

Cá fóra, no fim do corredor, uma escolta composta de dois soldados de baionetas nos canos esperava pelo prêso para o reconduzir ao calabouço.

O meu impedido (tambem já me não lembra o nome nem o número) com aquêle tradicional «á vontade» de que dispõem os impedidos para com os seus patrões, deixou-se ficar... para fazer qualquer cousa que fosse preciso, e, principalmente, para dar fé do que se ia passar.

Até hoje, as entidades que tenho encontrado mais curiosas e abelhudas do que as nossas caras esposas são os nossos impedidos!

O meu impedido, pois, ouviu impertubavel tudo o que se estava passando, mas ao vêr o quasi protesto do acusado contra o conselho que eu lhe estava dando, agarra êsse *crente da verdade* por um braço, sacode-o, como que para o acordar, e diz-lhe rudemente, n'um impulso de bruto, que eu tomei por um auxilo valioso:

— Faze o que o nosso alferes te está a dizer, que

faças! ... Bruto!... Não vês que é para teu bem ?!!...

O acusado deixou-se sacudir passivamente e, calado, olhou para o chão.

O *crente da verdade* lutava consigo mesmo ou submetia-se resignado ao insulto, á injustiça dêsse *juíz* que lhe chamava bruto por êle falar só a verdade!?

Não sei e nunca ninguem o saberá.

Esteve, pois, o acusado fitando o chão alguns segundos até que levantou o olhar lentamente, vagarosamente, e por fim começou a dirigir o olhar ora para mim que o aconselhava a mentir, ora para o meu impedido que o insultava e sacudia por êle se recusar a mentir.

Esses olhos com que a *vítima* nos olhava alternadamente, estavam rasos d'água, prestes a despenhar-se em lágrimas abundantes.

Por fim falou, ou antes, balbuciou numa tremura de voz que mais parecia o murmurar longíquo da voz da *verdade* do que fala humana:

— Mas se efectivamente eu estava a dormir!... O que o nosso sargento diz na parte... é verdade!

.....

Rompendo então num choro convulsivo e sacudido continuou dizendo palavras que ao saírem faziam espirrar as correntes de lágrimas que pela cara abaixo lhe corriam.

— Eu... não matei nem roubei... A cama estava ao pé de mim... eu estava á folga de meio dia! .. Eu... não queria dormir... mas o sono... póde mais do que um homem... e eu não fiz mal... a ninguem!...

E de cara bem levantada, com a figura bem erecta, de braços estendidos ou antes caídos, o *crente da verdade* deixava correr livremente as lágrimas abundantes, sentidas e saindo em cachões dêsses dois abismos de lealdade que eram como que o espelho límpido da sua alma!

Ao escrever estas linhas, tambem sinto que a vista se me turva um pouco... porque me lembro bem da expressão dêle a chorar.

Há cousas que o sentido da vista transmite á nossa memória e que nunca mais esquecemos.

Eu nunca mais esqueci essa torrente de lágrimas... Então julguei que era Deus que falava.

Hoje sei que não era, nem podia ser.

Era só a *verdade!*

Não essa *verdade* que os ministros da tua religião prégam e ensinam, essa verdade revestida de fórmulas.

Esta era a *verdade* que uma raça bebe no leite da mãe e herda do pae. Era aquela que o berço da sinceridade e da bôa fé tinham dado.

Era aquela *verdade* de que a tua religião lança mão para... lhe chamar... Deus!

.....

Nunca, padre, odiei a tua religião, nem outra qualquer.

Muito menos puz, em qualquer hora, a minha consciência ao serviço de maltas sectárias ou dos bandos da canalha moral assalariada que derrubou e partiu os teus santos, os teus altares, os teus templos e que tambem prégou ás paixões grosseiras dos humildes e fracos a perseguição feroz aos ministros da tua religião, que para mim sobre todas as outras tem o grande valor de ser a *Religião Nacional.*

Mas perdoa um pouco o meu sentir.

Em todas as religiões eu vejo apenas um desejo ardente e cheio de ância, que a vaidade humana exteriorisa por várias formas.

O homem... deseja falar com Deus!

Que vaidade e que afronta à propria concepção humana!

Deus, se existe, não desce a falar com o homem.

Nem o homem pode falar com Ele.

O homem qne tem essa pretensão é apenas...

um vaidoso... um fraco... ou talvez uma vítima sem defêsa!

Mas... vai ouvindo, padre.

....

Emquanto eu insistia com êsse rochedo de sinceridade, procurando qualquer argumento para o demover da *verdade*; emquanto eu tentava descortinar nessa muralha sólida uma frincha, um ponto fraco por onde pudesse começar a abalar essa forte creatura que revestia a sua fôrça com caudaes de lágrimas e um soluçar angustioso, o meu impedido afastava-se com os punhos cerrados em ira, apenas contida em respeito aos meus galões que, embora estreitos, sempre eram de um oficial.

Esse impedido era um rude tambem, como o outro, e até, talvêz, em dias de tempestade no mar, aberto sempre à morte, talvêz, repito, tivesse já resado muitas orações a Deus para que o salvasse; mas era incapaz de resistir à mentira como o outro, que para mim ficou sendo um bravo, um forte.

.....

Depois de vários argumentos, de várias palavras encadeadas com lógica de momento e vendo sempre deante de mim o gesto da negativa que, embora mudo, era um abanar de cabeça lento, compassado, mas eloquente, resolvi mudar de táctica.

Resolvi simular a audiência.

Eu fazia de promotor; êle, o forte da verdade, fazia naturalmente de réu.

A minha meza simulou de secretária do promotor e obriguei o soldado a sentar-se numa cadeira, como seria na audiência.

Fui fazendo as perguntas do estilo. A todas respondeu o *réu* com placidêz e naturalidade.

Nêsse *escasso* quarto armado em sala de tribunal, tambem havia uma cama, uma mísera barra de ferro com uns colchões baratos, muito espapaçados, com os cobertores à vista por ser uma coberta

artigo de *luxo* para quarto de alferes, solteiro e vadio.

Na enfermaria do hospital uma cama tinha sido a tentação, o desafio ao *cadáver* de um forte. Ali, aquela mísera cama era só testemunha; uma testemunha fria e alheia ao drama que se estava desenrolando.

Mas, nêste *caso* do soldado, encontrei ainda outra testemunha fria, muda e alheia ao drama.

Foi um padre da tua religião!

Não contestes. Vai ouvindo.

Deixa-me continuar.

Simulava, pois, eu a audiência ou, melhor, as perguntas de que o soldado seria alvo na audiência por parte do promotor e ao chegarmos à pergunta salvadora, a que era preciso responder *mentindo*, inquiri:

— Mas vocemecê sempre estava a dormir ou estava só encostado?

— Eu estava mesmo a dormir.

.....

Tive um acesso de indignação e ao mesmo tempo senti-me muito pequeno.

Defendia uma *vítima* e tinha deante de mim um *colosso!*

— Então vocemecê não estava acordado?!

Perguntei eu outra vêz, mais como que a dar a resposta do que a fazer a pergunta.

O soldado descortinou através da minha voz uma certa cólera mal contida e como resposta fixou os olhos no soalho do quarto para em seguida os começar erguendo lentamente para mim. Quando tinha o olhar fixo no meu, respondeu.

O seu olhar era tranquilo e plácido; êsse olhar que se fixava no meu era com certêza o de um desmoralisado, de um aterrado.

A sua voz era límpida e clara como a luz suave e aberta da manhã.

O outro soldado, emquanto ia decorrendo esta scena em que a *verdade* levava de vencida a mentira, fitava a *vitíma*, de olhar cravado nela, um pouco curvado para ela, os punhos cerrados e em toda a sua atitude como que procurava varar o acusado para que êle mentisse, ali, ao menos.

Ao vêr o insucesso das minhas intimativas e o desfecho da scena, endireitou-se, deixou cair flacidamente os braços ao longo do corpo e, com o ar do último dos desdens, disse-me:

— Meu alferes, não fazemos nada! Este homem é um estúpido!

O outro ao ouvir isto fitou-o tranquilamente por momentos num olhar que não era de ódio e tambem não era de desprêzo. Um olhar sereno, firme, embora pouco demorado.

Depois pôz outra vez os olhos no soalho do quarto e quedou-se mudo.

E assim a *verdade* se afastava, deixando a mentira *á vontade*.

.....

Estúpido lhe chamou o poveiro meu impedido!

Estúpido e muito era êle!

Estúpido e fraco, porque, sem conhecer a *força*, insultava-a.

Estúpido tambem eu fui porque, irritando-me, saí do meu logar, dirigi-me ao soldado onde estava sentado e, agarrando-lhe os braços, sacudi-lh'os, apertei-lh'os, praguejei e intimidei-o.

— Oh estupôr! Se no dia da audiência me vaes para lá dizer que estavas a dormir... quando acabar a audiência vou ter comtigo ao calabouço e dou-te uma carga de porrada! Minha bêsta!!!...

.....

Insultei-o, tambem, como tinha feito o meu impedido!

O *colosso* que tinha na minha frente, depois de sacudido e insultado por mim, levantou-se e calado continuou, com os olhos fitos no chão. Feliz-

mente dessa vez não me fitou, nem sequer olhou para mim.

Se me tivesse fitado, se os nossos olhares se tivessem encontrado, eu talvêz tivesse corado de vergonha.

Mas não o fez; estava muito longe daquela miséria toda!

Resolvi ordenar a repetição da scena e, ao chegarmos á pergunta fatal, o soldado, de olhos sempre no chão, respondeu-me em voz quasi sumida e apagada:

— Estava sim, senhor, estava acordado.

— Então não dormias?!

— Não senhor, não dormia.

Finalmente, mentia!

Não o fazia por sua defêsa, mas sim em obediência a uma ordem que era uma ameaça minha, ou talvêz por simples condescendência!

E quem o ameaçava era quem tinha a pretensão de o ir defender!

A vida tem cà por êste mundo situações tão paradoxaes que por vêzes dá vontade... de não ter nascido!

Mandei então o homem embora e o meu impedido, acompanhando-o até á escolta que dêle tomou conta, ia-lhe dizendo pelo caminho:

— Vê lá agora o que vaes fazer. Olha que como te ensinou o nosso alferes é que é para o teu bem.

Quando a escolta dos dois soldados, de baionetas armadas, seguiu com o acusado no meio, eu recolhi ao meu quarto e, ora estendido em cima da minha *triste* cama, ora passeando e fumando nervosamente cigarros sobre cigarros, pensei várias cousas e as minhas ideias passavam a galope, ora pensando no que deveria dizer na audiência que era d'aí a dias, ora filosofando ácerca dêsse teimoso, dêsse obstinado, dessa creatura que chorava, que sofria, mas que por cousa nenhuma dêste mundo estava disposta a mentir.

Se mentisse na audiência ficava a coberto da lei, porque mesmo para uma pena disciplinar a participação do sargento só de per si não fazia fé; mas êle estava acima da lei e tão alto estava que entendia que não precisava acobertar-se com ela, porque para isso seria preciso mentir e isso é que êle não faria!

Esse homem, êsse soldado rude, não era um insubordinado, não era tambem um obstinado, senão nunca cederia perante as minhas ameaças, insultos e grosserias.

Esse soldado, se acabou por se curvar às minhas intimativas, foi apenas para condescender!

E a êsse homem, de que eu pretendia ser o defensor, apenas tinha cóm certêza inspirado compaixão.

Ele era um *bravo*, eu era... só um *têso* e tambem um fabricante de mentiras, sem responsabilidades em público. Era uma espécie de *diplomata* como muitos que nós todos, infelizmente, conhecemos; isto não pensei então eu, mas penso-o agora já depois de major.

.....

Aproximava-se o dia da audiência.

O homem tinha dois castigos que, embora por faltas consideradas leves, sempre eram dois castigos; o bom comportamento, ainda que não exemplar, é atenuante de certo valor nos tribunaes, o que implica a ideia de agravante em casos contrários.

Era preciso que o homem aparecesse na audiência só com um castigo na fôlha de registo, porque assim mesmo, só com um castigo *ligeiro*, teria bom comportamento, embora não o tivesse exemplar.

Eu não preparava uma absolvição; preparava apenas um castigo disciplinar por falta de vigilância no posto de sentinela e queria tornar mínima essa pena.

Dos dois castigos um era de três dias de detenção por não ter a arma devidamente limpa.

Na Flandres vi e ouvi oficiaes modernos, da Escola do Exército e de recente promoção, chamarem *impertinências* e *chatices* a eguaes exigências por parte dos altos comandos britânicos e no entanto o que êsses meus camaradas chamavam *impertinências que afrontavam* eram em 1903 as mesmas regras que no Exército Português se adoptavam para a limpeza do armamento!

Nêstes ultimos anos essas *exigências* deixaram de fazer parte das preocupações dos oficiaes do nosso exército.

Só os preocupam as questões de regimens e a vida dos partidos políticos que nascem e polulam, como cogumelos em tronco carcomido e pôdre.

Que relação haverá entre o actual regimen e a vida de um exército ao serviço dêsse regimen? Naturalmente a mesma relação que havia entre o regimen transacto e o exército.

Mas, ao que parece, os *políticos* não entendem assim e por isso...

.....

Mas... voltemos ao nosso homem.

Consegui que o 1.º sargento da companhia a que êle pertencia (3.ª companhia do 3.º batalhão), na cópia da fôlha do registo que havia de ser junta ao processo no dia da audiência, omitisse um castigo.

Foi o proprio 1.º sargento que me sugeriu êsse alvitre, declarando que não lhe repugnava o cometimento de tal falta, porque dela daria conhecimento ao tenente, seu comandante de companhia, a quem eu abordei sôbre o assunto.

Isto, é o 1.º sargento tambem *mentia* e o comandante da companhia do soldado tambem deixava *mentir* e assinava uma *mentira*.

Mas o nosso *homem* tinha mais 8 dias de detenção (segunda falta) por se ter apresentado 10 minutos mais tarde à formatura do recolher de certo dia. Um domingo, por sinal.

Não era prudente omitir tambem êsse castigo na tal fôlha de registo, porque isso faria comparecer o soldado na audiência com comportamento exemplar e isso seria *forçar a nota da mentira* perante as restantes praças da companhia em que por acaso algum podia saber que o acusado era uma praça com castigos.

No meio de tanta *mentira* sempre havia algum pudor!

Ora quem se apresenta à formatura do recolher *só* dez minutos mais tarde e por excepção, não quer faltar; há com certêza um caso de *fôrça maior*, que leva êsse homem a cometer uma falta que pode ser classificada de ligeira em atenção à natureza da formatura.

Os casos de *fôrça maior*, sem serem regra, são excepções admitidas nos exércitos mais exigentes em materia de disciplina.

O caso do soldado era de *fôrça maior*, embora não tivesse sido atendido pelo oficial de inspecção no dia em que a falta fôra cometida, porque não é tambem regra atender sempre os casos alegados, de *fôrça maior*.

O caso de *fôrça maior* fôra o seguinte:

O soldado era natural de Paredes, vila perto de Penafiel. Era filho de um moleiro que tinha, se a memoria me não falha, mais sete filhos! O soldado era o mais velho de todos.

Em um sabado fôra de licença á terra para se apresentar no dia seguinte, domingo, á formatura do recolher, que era ás 8 horas e meia da noite; se fosse oficial ou mesmo sargento e não fosse moleiro, filho de um moleiro tambem e com sete filhos mais, iria e voltava de comboio, mas como era um pobre moleiro e soldado foi a pé... e do mesmo modo voltou, a... ...a pé!

Do Porto a Paredes são seis e meia leguas, o que deu, somando a ida com a volta, o dobro dessas leguas em 24 horas.

Era por êste preço que êle, pobre, ignorante, mas apesar de tudo afectivo, ia... .. vêr a sua mãe que estava muito doente havia já alguns dias, segundo tivera conhecimento por carta da terra. Mais me disse o soldado que a mãe fôra sacramentada no domingo em que chegara ao recolher dez minutos mais tarde.

Resolvi ir a Paredes.

Segui no comboio da manhã e não me foi dificil encontrar o pae do soldado.

Era muito conhecido na povoação por ser um pobre moleiro e ter oito filhos, o soldado e mais sete!

Falei com o homem e expuz-lhe ao que ia e a acusação que existia contra uma falta militar cometida pelo filho.

O velhote, moleiro e pae do soldado, era um homem de suissas grisalhas, cara tostada, cheia de rugas, começo de calvice, emfim um autêntico camponio de gestos respeitadores, falando de barrete na mão, ares sorridentes e empunhando o tradicional varapau ferrado.

Depois de me ouvir atento, teve uma saida que me deixou quasi aterrado.

O pae tinha a mesma lógica que o filho, pois que me respondeu com toda a naturalidade:

— Mas, meu senhor, se o rapaz estava a dormir, como é que êle ha-de agora ir dizer que não estava?!... De resto o meu filho... não roubou... nem matou!

— Não, sem duvida — respondi-lhe — mas o que êle fez, é, na vida militar, uma falta grave!

— Ah! Está bem! Mas o que é preciso fazer para o salvar? — retorquiu-me o bom do moleiro de Paredes.

Perguntei-lhe então se o prior da terra não seria capaz de escrever-me uma carta em que afirmasse que, no acto da mãe do soldado ser sacramentada, esta pedira ao filho que se não fosse

embora e antes ficasse junto dela, ao que o soldado se recusara, alegando que, como militar, não podia esquecer os seus deveres a êsse ponto.

E' de calcular o efeito que eu, em audiência, tiraria da carta concebida nêstes termos.

O camponio de Paredes, ao ouvir a minha pergunta, fitou o solo, recuou a perna esquerda e com o seu varapau na mão direita pôz-se a fazer riscos no chão; passados uns momentos respondeu-me:

— Olhe, meu senhor, isso não se passou assim como o senhor quer que o prior escreva. A minha companheira foi sacramentada na manhã dêsse domingo ainda antes da missa e o rapaz abalou daqui depois do meio dia e nem ela soube disso. Ora já vê que o prior não pode pôr no papel uma cousa que não é. Alem disso êle... não é dêsses....

E terminou a frase com um sorriso enigmatico, de tal modo parado que mais parecia uma contracção do que um sorriso.

O que se estaria passando no cérebro dêsse homem só êle o ficou sabendo, porque eu abandonei o *campo* por me parecer pouco favoravel á *mentira*.

.....

Despedi-me do moleiro e segui para a residência do prior, que o velho me indicara com o cajado.

Devo dizer que quando ia no comboio para Paredes tinha durante o trajecto idealisado um *prior de Paredes, muito meu*.

A' minha imaginação apresentava-se um cura d'almas com todo o ar do que se chama um bom homem, talvez um velho cheio de bondade e indulgência natural para os seus paroquianos; um pastor pronto a todos os sacrificios para minorar o sofrer e as desgraças remediáveis das suas ovelhas.

Além disso eu ia certo de que a minha qualidade de militar e oficial muito pezaria na sua compreensão de creatura com a cultura suficiente para

cometer umsimples pecado... venal, que lhe seria perdoado sem dificuldades, atendendo ás intenções com que era cometido.

Se o proprio Deus o ouvisse de confissão seria o primeiro a perdoar, quanto mais um mortal como não deixa sempre de ser um padre.

Enganei-me. Realmente o pae do soldado tinha razão. O cura e pastor das almas de Parêdes... não era dêsses!

Em logar da bondade encontrei se não a maldade... pelo menos a negação da transigência e da tolerância.

Não encontrei o *sentimento*, encontrei apenas... *um cadáver!*

Procurava Deus e apenas encontrei... um livro de regras eclesiásticas!

Morava o páraco de Parêdes numa velha casa de primeiro andar e de classica arquitétura portuguêsa.

Era um homem sêco, de rosto esverdinhado, semblante desconfiado, nariz de coruja, beiços delgados e descorados. Esses lábios pareciam os bordos da bôca de uma serpente, donde a todo o momento ia sair uma lingua filiforme e bipartida!

Padre capelão do 15, doutor Patrocinio Dias, hoje, que és bispo, não queiras padres assim na tua diocese de Beja.

Fazem mal á Religião Nacional!

.....

Era esquisito o olhar dêsse homem! Era um olhar penetrante, muito penetrante mesmo, mas que tinha uma particularidade: nunca se fixava. Não era o olhar ameaçador do louco, era um olhar desconfiado e ao mesmo tempo agressivo.

Veio-me á ideia a atitude característica das féras engaioladas, cujo olhar percorre constantemente e simultâneamente as grades da jaula e os circustantes, manifestando um desejo enorme de encontrar uma aberta para fugirem.

D. José, dize aos padres da tua diocese que nunca olhem assim para a gente.

Este a que me estou referindo não respirava bondade; essa *féra*, cujo contorno do rosto se reduzia a um triangulo invertido de que a testa era a base e a junta do queixo o vertice, fazia lembrar no olhar, no gesto rígido e na figura hirta, um juiz inflexivel do Santo Oficio!

Não era dos que falam com Deus, se é que Deus fala com os padres.

Esse homem, emfim, não era como tu és: inteligente, severo por vêzes, bondoso quasi sempre e justo sempre!

Esse homem era o produto de uma noite de vigília mal passada ou uma negação potente do teu Deus!

.....

Quando cheguei defronte da residência do prior de Parêdes estava êle passeando sob o alpendre de telhas do seu terraço, resando, lendo ou olhando para as letras do breviário.

Digo resando, lendo ou *olhando*, porque, ao avistar-me, nunca mais deixou de me lançar os olhares rápidos e fugidios que constituiam a sua característica fisionómica. A restante expressão da fisionomia era... a de um cadáver de que a palidez, o tom verde-amarelo e a imobilidade muscular constituíram as características.

Se, pois, estava a rezar não devia ligar atenção a quem vinha pela estrada. Se lia com atenção não podia desviar a vista do que lia para não perder uma palavra. Portanto olhava materialmente para as linhas do breviário, para que *o vissem*.

Era a estátua da exibição e ao mesmo tempo da dissimulação, ou talvês mesmo da hipocrisia.

Hesitei em falar-lhe. Por fim resolvi-me a fasê-lo.

Dirigi-me então para a escada, que comecei a subir.

Nêsse momento — lembro-me tão bem como se

fosse hoje — a rígida e fria figura do padre tomou um ar de recolhimento absoluto e fingiu redobrar de atenção ás linhas do breviário. Mas fingiu mal, porque não lia, tinha apenas o olhar fixo em qualquer ponto do livro.

Daria um bom frade, se não fosse um mau comediante!

Quando já junto dêle, pedi-lhe uns momentos de atenção. Ao entrarmos em uma grande sala com a simplicidade bem portuguêsa das antigas casas da provincia, lobriguei uma creatura já de idade, gorda, que, aparecendo a uma porta, me lançou um olhar desconfiado. Um olhar que parecia traduzir o conhecido preconceito de que onde está a farda está o pecado.

Disseram-me depois na povoação que era a irmã do prior. Pelo olhar devia ser.

Tinha eu pouco mais de 25 anos por essa epoca e fiquei com a impressão de que aquela creatura não experimentara nunca durante a sua vida as dôces consolações da maternidade, nem ouvira nunca a palavra amor proferida por bôca apaixonada.

Era um bocado de madeira rija e sêca que nunca tivera seiva.

Mas, tambem, para freira, tinha um olhar muito duro.

O ministro da religião católica ouviu-me de olhos sempre no chão e na mesma atitude respondeu-me:

— Mas êsse facto não se deu, senhor alferes!

— Mas podia ter-se dado, e, de resto, eu sou o oficial que o vae defender, é certo, no conselho de disc plina, mas não deixo, por isso, de ser um oficial.

«E depois, senhor prior, isto é para salvar um homem de um presídio militar, que seria, porventura, o começo de uma série de incidêntes que poderiam acabar miseravelmente em África, ou numa penitenciária, porque, como V. Rev. sabe...

E por aí fóra, fiz um longo raciocínio em que sôbre o meio presidiário expunha o que todos nós sabemos.

Quando terminei não pedia, implorava.

Tenho a certeza de que se tivesse deante de mim, não um ministro da religião, mas o próprio Deus, cheio de misericordia, de bondade, de consciência e tolerância, êsse Deus concordaria comigo. Porém eu tinha deante de mim a *intolerância, a recusa* e... mais alguma cousa, embora pareça um paradóxo o que vou dizer.

Eu tinha deante de mim a *mentira!*

Aquêle homem não quiz mentir com lizura, com generosidade e por tolerância!.

Mas êsse mesmo homem prestou-se a *mentir* cavilosamente e sem ser leal no sacrifício feito à própria consciência. Raciocinou uma mentira, na convicção de que eu sairia dali persuadido de que êle era incapaz de mentir!

O prior de Parêdes, quando eu acabei de implorar um elemento da minha defeza, levantou o olhar e fixando no meu as suas pupilas penetrantes, onde se não reflectia um átomo da misericórdia divina, mas d'onde irradiavam duas punhaladas irónicas e cheias de escárneo, descerrando um pouco os lábios finos e descorados, num sibilar de víbora, disse-me:

— Mas o que eu posso é escrever-lhe a tal carta dizendo que ouvi referir o facto... porque, não tendo ouvido tal cousa em casa do moleiro, do pae do seu soldado, ou a alguem na vila, ouvi-o entretanto referir há pouco ao senhor alferes...

E, ao terminar o raciocínio, mostrava-me uma fisionomia que queria ser talvez a vitória de Deus, mas que me causou um calafrio tremendo.

O *cadáver* deixou-me a impressão de *Satanaz!*

Lembro-me bem que dessa vez fui eu quem desviou o olhar e ao desviar a vista dêsse padre, eu

abandonava tambem, aterrado, a *fórmula* da tua Religião, amigo e bravo companheiro da Flandres!

Quanto á carta, aceitei-a conforme ele ma quiz escrever e, dirigida a mim, deitei-a no correio.

.....

O epilogo do soldado é curto de referir.

O soldado, na audiência, apesar da boa vontade do presidente do conselho de disciplina e do promotor, que fizeram as perguntas de modo a prepararem-lhe a negativa, referiu com taes pormenores a maneira como tinha adormecido, encostando a arma á cama, desapertando o cinturão, desabotoando depois os primeiros botões do capote, depois os colchetes da gola, por fim desafivelando o cinturão, que... não houve remedio senão condenal-o ao maximo da pena, que estava na alçada do tribunal.

Todo o empenho do soldado durante a audiência fôra demonstrar que era incapaz de mentir e que o sargento tambem não mentia!

Ao depôr e no fim de todas as respostas dadas ao promotor, acabou por dizer:

— De resto, o nosso primeiro sargento que está lá fóra não me deixa mentir, porque êle mesmo é que, ao acordar-me, me entregou a arma, mas só depois de me ver bem acordado.

No decorrer da audiência o reu falou devagar, medindo as palavras com firmeza e, o que é mais, fez esforços inauditos para evitar que o seu olhar se cruzasse com o meu.

Durante os interrogatorios prescindi das perguntas que a lei me autorisava a fazer-lhe.

Tive mêdo e tive vergonha!

Proferida a sentença e acabada a audiência fui ao calabouço.

Ao ser aberta a porta vi o *HOMEM!*

Estava ainda de grande uniforme, com as granadeiras vermelhas da infantaria dêsse tempo; a

barretina, com o penacho e o cordão vermelho de lã, estava no chão, a um canto do calabouço.

Encostado á hombreira da porta e agarrado a ela chorava como uma creança!

Chorava muito! Chorava convulsivamente!

Não tive coragem para o arguir de cousa nenhuma, porque nêsse momento eu, o sargento que omitira o castigo na folha, o comandante da companhia conivente na omissão, o presidente do tribunal, o promotor, o prior de Paredes e até o proprio Codigo de Justiça Militar eram *cousas bem pequenas* para valerem um só átomo dessa alma inflexivel, de ferro!

O condenado, ao ver-me, disse-me por entre lagrimas:

— Meu alferes... perdôe-me o eu não ter feito o que me disse... mas eu é que não podia desmentir... o que o nosso primeiro tinha visto e tinha feito...

Assim falou o *crente da verdade* e eu, padre capelão, dêsde êsse dia tomei até ao fim da minha vida um sagrado compromisso que foi o de nunca, *em caso algum*, mentir a um soldado.

Em França nem todos os soldados seriam como êste filho do moleiro de Paredes, mas a quantos como êste teriam mentido a *diplomacia e a politica do nosso país*, durante e antes da campanha!

Eu não o posso saber, mas tu talvez o saibas; és padre, lá eras o capelão e ouvia-los de confissão...

.....

Nem o soldado, nem o cura de almas de Parêdes quizeram mentir. Porém entre ambos há uma diferença notavel, há um abismo, porque, afinal, o mais mentiroso de nós todos foi o padre!

O soldado êsse, com sacrificio *consciente* da sua liberdade, teve sempre uma repugnância manifesta em mentir.

Com quem estaria Deus, se é que ha Deus?

Com o soldado ou com o padre católico!?

Deixo á consciência dos que me lerem, crentes e não crentes, o encargo de darem a resposta... a quem se interessar por ela.

Por mim, se fôra um crente, não teria dúvidas em responder que Deus estava com a verdade incorruptivel e não com o padre esquivo.

E se me disseres que foi através do soldado que eu poude ver a obra de Deus eu responderei que talvez, mas com uma condição, que é a de ver através do padre de Parêdes, e de mais alguns padres, a obra de Satanaz!

.....

Terminei, D. José! Acabei, bispo de Beja! Já saiu tudo quanto eu tinha cá dentro há quasi 20 anos, meu Ex.mo camarada e amigo!

Sabes que eu tive sempre em toda a parte, e em especial em França, uma consideração enorme pelo padre que sabe ser mais alguma cousa do que um homem com um modo de vida e que só é padre para ter um *oficio*. Sabes que de França me lembro de capelães cujo nome nunca devo esquecer, e que tu, ao peito de quem estão medalhas que mereceste e onde, juro-o, ainda faltam algumas, és um dêles!

Mas um dia, em Parêdes, há quasi 20 anos, vi um *fantasma* terrivel e não quero tornar a ver outro; d'aí o meu afastamento respeitoso da tua Religião.

9 de Abril de 1921.

IV

NO PATÍBULO!

I

Dom Carlos I

Para mim, Dom Carlos nunca foi um ambicioso, nem de glórias, nem de grandêzas.

Foi sempre uma *vítima* enfastiada com a farda que os acasos do nascimento lhe tinham imposto. Subiu ao trôno como podia ter entrado numa herdade que o pae, Dom Luiz, lhe tivesse legado em herança e por morte.

Durante o sincrónico período do rotativismo — Zé Luciano-Hintze Ribeiro, — aturava ora um ora outro com o mesmo tédio com que o lavrador e proprietario vae, através da época das ceifas e das rendas, ouvindo e aturando os caseiros e os inquilinos.

Se o que estava na oposição se queixava de prejuizos sem conta para *a sua gente*, despedia o que estava no poder e chamava o que se lamentava e assim desempenhava as suas funções de chefe de Estado, sem atritos, sem desordens, sem revoltas nem agitações de qualquer naturêza grave.

E tudo decorreu nessa monotonia e pasmaceira

aborrecida, sem variantes sensíveis, até que num dado momento lhe apareceu um *fantasma* que o despertou num repelão diabolico.

Esse fantasma era representado por um programa sensacional, que um politico tornado rebelde a um dos partidos rotativos lhe apresentava.

O político rebelde e insubmisso era João Franco.

Dom Carlos tinha uma má herança. Era Duque de Bragança e, portanto, toureiro por tradição, «marialva» por obrigação. Tambem era pintor por desfastio, caçador por «sport» e *têso* por acaso.

A sua ascendência alemã dava-lhe faculdades de trabalho que no alemão é inevitavel lei natural, e em obediência a sua ascendência estudava, ilustrava-se e entretinha-se nas horas vagas em que os seus *rendeiros* e *caseiros* lhe abandonavam a porta onde de vez em quando iam chorar humildemente o poder.

O sangue de Saboya, que Dom Carlos herdara de sua mãe, dava-lhe o ar aparente de um orgulhoso, que não era.

Por outro lado o seu temperamento *muito português* levava-o a ter pelos que o cercavam na política do país uma indulgência quasi criminosa, que seria mais espirito de comodismo do que maldade ou cumplicidade.

Em certa altura do seu reinado, viajou como rei que era; visitou e recebeu a visita de vários monarcas e chefes de Estado, junto dos quaes algumas vêzes viu vultos políticos e estadistas que, quer pelo meio em que viviam, quer por méritos próprios, saíam fóra dos moldes dos seus banaes, corriqueiros e vulgares *rendeiros*.

Comparou não só a capacidade intelectual de uns e de outros, mas tambem a sua envergadura moral, a sua energia, e, emfim o seu valor.

Depois comparou os meios em que uns e outros viviam e, portanto, o meio em que êle mesmo vivia.

Como Saboya, sem ser vaidoso era brioso e, portanto, sentiu-se vexado.

E como era um *têso*, quando viu o *fantasma* que João Franco lhe apresentava, molestado como se sentia com o que até aí se tinha passado em sua casa, sacudiu os estadistas que achava cada vez mais vulgares e... mais irritado do que convicto, entregou as rédeas da governação a João Franco.

Tenho a sensação de que isto se devia ter passado assim ou por maneira parecida.

Nunca falei com Dom Carlos e apenas o ouvi falar uma ou duas vêzes... nos discursos da Corôa, das aberturas solenes do Parlamento.

II

João Franco

João Franco (1) era um combativo. A sua insubmissão contra Hintze Ribeiro era mais um produto da sua combatividade do que ambição calculada ou desafronta contra qualquer ofensa política ou pessoal recebida do seu chefe político, do chefe do partido regenerador a que João Franco pertencia e de que Hintze Ribeiro era o chefe.

Mas era, como disse, um combativo, um turbulento, um irrequieto, emfim, era um *têso!*

Ainda tenho presente uma sessão parlamentar em que o vi.

Apezar de ser ainda muito rapaz, lembra-me como se fôsse hoje.

Era João Franco deputado e, com ares furibundos, provocadores, e olhares de desafio para todos os

---

(1) Não ha irreverência nem má intenção minha em me referir a êste estadista, como se êle já tivesse falecido, porque êle proprio deliberou considerar-se... *morto*.

lados da câmara, malhava com o pé duma cadeira numa carteira como um ferreiro numa bigorna.

O pé da cadeira esgalhava-se, a carteira voava em pedaços, mas João Franco continuava a malhar como em centeio verde!

Nunca mais o vi.

Mal sabia nessa época João Franco que com essas pancadas estava a acordar o país e que o despertar dêsse sôno seria... a sua *morte* para a vida pública.

João Franco era, como Dom Carlos, um homem honesto e emquanto Dom Carlos era pachorrento e um tanto comodista, João Franco era, como disse, bulhento e irrequieto por temperamento.

A bossa combativa de João Franco fez sair Dom Carlos daquêle estado, que, antes das viagens e visitas dos chefes de Estado a Portugal, era um natural e atávico comodismo proprio de um Bragança.

O *programa fantasma* de João Franco excitou pois a bossa de *têso* que Dom Carlos tambem tinha, embora até ai apenas a uzasse para seu regalo e passatempo.

Desde êsse momento a politica portuguêsa do país transformou-se numa tourada real.

Dom Carlos picava *os touros* a cavalo, João Franco espetava farpas, vários *acolitos* manejavam as capas e por fim Dom Carlos perde a cabeça, apeia-se e cita o boi *de cara*. João Franco quer *rabejar*. E quando a tourada estava no auge com a sombra a aplaudir e o sol a protestar, eis que tudo acaba por uma *colhida mortal*, para Dom Carlos.

João Franco ainda tenta levar a tourada até ao fim procurando rabejar o boi, mas o publico protesta em massa, e assim terminou a ultima tourada dos Braganças em Portugal.

.....

Dom Carlos, nessa verdadeira tourada ou carreira, como lhe queiram chamar, na sua solidariedade de

téso, não viu que num dado momento tinha contra si todos os monárquicos e todos os republicanos. Apenas estavam com êle os da *quadrilha* franquista.

Mas o peór não foi isso.

O peór foi que tanto êle como o seu primeiro ministro não quizeram *vêr* a *opinião pública*, ou não a sentiram, cégos como estavam pelo ataque de *tesura!*

E' nesta altura que o exército português deixa de ser um exército de tropas de quarteis disciplinadas para começar a ser um elemento de perturbação interna do país.

Por essa época o exército português não dispunha do material valioso que hoje possue, embora muitos desdenhem do que existe por êsses depositos, parques e arrecadações.

Começou pois aqui a perda da coesão moral do exército, porque, como atrás disse, franquistas e republicanos deliberaram *pescar nas mesmas águas*, sem se lembrarem ambos êsses agrupamentos de que toda essa indisciplina e abalo moral do espirito militar, sem o qual só ha malfeitores e não soldados, lhes havia de cair em cima como chuva copiosa de ventos semeados a êsmo e com um destempêro de loucos.

.....

Como disse, Dom Carlos e João Franco deliberaram seguir solidários no caminho da governação, metendo as *mulas* a puxar á desfilada a carroça da *tesura!*

A carroça levava três passageiros: Dom Carlos, João Franco e José Luciano.

Quem ia ás rédeas era Dom Carlos, que guiava do alto do seu trôno, como *boleia*, o país; como bôa mão de rédea que era, aguentava *fixe* os pinotes e os esticões que políticos e não políticos imprimiam ao veículo.

Para ainda mais agravar a situação quem empunhava o chicote era João Franco.

Dom Carlos guiava e *aguentava*, e quem aplicava as *porradas* era João Franco. José Luciano agarrava-se ás bancadas como podia e só via na carreira desenfreada os correligionarios de braços levantados e com o aspecto de lhe estarem a berrar:

— Apeie-se, homem! Olhe que isso acaba mal!

Depois das primeiras *chicotadas do estilo* para dar a *saída ao gado*, João Franco irritou-se contra a *reação*, (1) que era natural, e nêsse estado de ânimo consultou o rei.

Este *conchegou* mais as rédeas e respondeu-lhe com uma *piscadela de olho de têso*, seguro da sua mão de rédea, e então João Franco não esteve com meias medidas: *afinfou-lhe* uma nova saraivada de chicotadas.

Nesta altura um dos três passageiros pede uma pequena e rápida paragem para se apear.

Era José Luciano de Castro.

III

Cai a monarquia!

Se nesta altura se tem desatrelado o gado por algumas horas, dando-lhe algum descanço e afagando-o ou se se tem entregue a Dom Carlos o seu pingalim de cocheiro «sportman», apeando-se tambem João Franco, muita desgraça se teria evitado e o carro da governação retomaria o seu caminho pacato e moderado como até aí tinha sido. Mas não!

Dom Carlos e João Franco, em logar de, pelo

---

(1) Sou oficial de infantaria e não sei bem se todo o calão de *marialva barato* está concorde com a referida *arte*. Mas os técnicos que me relevem os êrros e o atrevimento de profanar a *giria* da arte de cocheiro.

menos, moderarem um pouco os seus ímpetos de *tesúra*, riram-se do caso, encolheram os hombros com certo desprêzo, e então é que foi... *chegar-lhe!*

Tudo aquilo se transformou numa desfilada de meter mêdo. Dom Carlos já nem via, no meio de tanta poeira, de tanto solavanco e de tanto coice e pinote, a estrada!

João Franco, êsse só via deante de si o lombo das mulas, e ás mãos ambas empunhava o chicote, aplicando *lambada rija*.

Quem via passar aquilo, ou berrava de longe que parassem, ou, fugindo a sete pés da beira da estrada, de longe tambem, berrava e aplaudia a carreira.

Tudo berrava, uns contra outros a favor, e quanto mais confusa era a berrata mais João Franco *desancava* as mulas!

Os monárquicos, que queriam o carro *para êles*, berravam desesperados contra Dom Carlos e contra João Franco.

Os republicanos êsses berravam com um fim proximo e outro remoto.

O fim proximo era atirar com João Franco a terra; o fim remoto era irem êles para o carro.

Adoptaram então uma tática como qualquer outra que foi berrarem o mais possivel ás orelhas das mulas e atirar-lhes pedras para mais as espantarem!

Algumas dessas pedradas vieram cair sobre o exército sob varios aspectos.

Assim, ora apelidavam de cobardia a apatia da grande massa dos oficiaes do exército perante a marcha bulhenta da política do país, ora troçavam e amesquinhavam alguns dos mesmos oficiaes que, voluntariamente quasi todos êles, se procuravam ilustrar e notabilizar nas campanhas coloniaes de Angola, Guiné, Moçambique, India e Timor.

Sorriam-se das medalhas que traziam nas fardas e,

em orgãos da imprensa diária que se prestavam a isso, chamavam-lhes *irózes!*

E assim mais se agravava o coesão moral do exército. Isto deu-se de 1906 a 1908, ou seja seis anos antes de estalar a Grande Guerra.

.....

João Franco, em logar de atentar com um pouco de serenidade no jogo geral e especial da política portuguêsa oposicionista e de dizer a Dom Carlos que parasse o carro e chamasse outro para lhe tocar o *gado*, emquanto êle ia descançar um pouco e recuperar a serenidade necessaria, acalmando os seus nervos e abrandando o ataque de *tesura*, não fez nada disso.

Ao olhar outra vez para o rei e ao ver que êste, com uma nova e eloquente *piscadela de olho*, lhe *atiçava a fibra*, não esteve com meias medidas.

Deu uma volta ao chicote e, agarrando-o pela ponta, aplicou com o cabo um bom par de *porradas* nas ancas das mulas.

Sucedeu o que era de prever.

Quando o carro seguia de *gangão* e de *roda batida*, numa volta da estrada, *embrulha-se* o gado, *enovela-se* tudo, e espalha-se o *material* morrendo do desastre o Rei Dom Carlos, o seu filho mais velho e mais algumas pessoas.

Dentre estas, algumas eram mandatarios dos republicanos que tinham ido atravessar uma trave no caminho!

Acode gente de varias côres políticas e não políticas, levanta-se o carro, afagam-se as mulas, concertam-se e remendam-se os tirantes, mas o desastre tinha que se dar fatalmente, porque o carro, com a *corrida* e com o *tombo*, estava um tanto abalado e até desconjuntado.

Os tirantes estavam *rendidos* e os componentes dos arreios partidos e esfarelados.

O *gado* êsse então estava *espantadiço*, *ressaibado* e *arisco* como o diabo. Ninguem já tinha mão nêle.

Emfim!... Não sem custo lá se armou outra vêz a *traquitana*, tomou as rédeas daquilo D. Manuel, mas como êsse filho de Dom Carlos não era *cocheiro* amador, nem sabia da arte, nem conhecia o caminho, o *govêrno* começou a ser substituído por vários que, por sua vêz, foram sendo substituidos quasi que de hora a hora.

Como disse, da parte dos monárquicos havia uma grande ância de tomarem conta do carro que João Franco ocupava *por conta* dos seus partidários, de modo que ainda um chefe ou dirigente dos partídos monárquicos não se tinha sentado na boleia ao lado de D. Manuel e já todos berravam que não era assim que aquilo tinha que seguir.

Houve *menino* que nem conseguiu sentar-se na *boleia*, porquê, ao pôr o pé no estribo, desistiu perante a berrata do *próximo!*

No exército cavava-se quanto era possivel a coesão moral! Os republicanos iam nos seus *trabalhos* até ao marinheiro de convés e ao galucho da caserna.

Os sargentos foram uma bela *mina* a explorar.

Quanto aos oficiais a resistência era maior, não porquê êles fossem monárquicos, porque não eram na sua grande massa monárquicos, como hoje na sua grande massa não são republicanos.

Eram mais do que indiferentes á politica, porque lhe eram alheios e por isso havia uma disciplina que hoje não ha.

Porquê hoje os melhores oficiaes do nosso exército, como, regra geral, não são politicos, são apenas militares e mais nada.

Alguns, hoje, por instinto de defeza contra violencias e vexames destemperados, filiam-se nos partidos políticos para que os deixam, para que não os importune uma cousa a que são alheios por hábito e por profissão, que é a política partidária.

O regímen republicano nunca até hoje hostilisou o exército, antes pelo contrário, mas a política par-

tidária é que tem sido o seu maior inimigo e, por tanto, a maior inimiga da coesão moral, que, contra o que muitos supõem, não é uma força *agressiva*, mas sim uma força *repressiva*.

. . . . . .

Emfim, em 5 de outubro de 1910 os republicanos lançavam mão do carro da governação sem resistência de maior e o proprio Dom Manuel se apressou a entregar tudo e mais alguma cousa, se fosse preciso.

Corrêra pouco sangue, no entanto houve um tiro significativo na véspera da revolta republicana.

Esse tiro foi o de um louco, o tenente Aparício Rebêlo dos Santos.

A vítima alvejada foi o seu medico assistente, o dr. Miguel Bombarda.

Esse tiro, que muitos tomaram e a outros *conveio tomar* por uma agressão ao regimen que ia caír, apenas foi o tiro de um pobre louco e de tanto tiro que se perde só êsse não se perdeu no espaço e, por fatalidade, ficou como um facto a explorar para incutir na opinião pública a ideia de que os oficiaes do exército eram monárquicos.

Ora, repito, os oficiaes do exército não podem ser monárquicos, nem republicanos; os oficiaes do exército defendem só, e sempre, os regímens que a nação adopta. O contrário é deslocar funções.

. . . . . .

Fui companheiro de casa, em Coimbra, do tenente Aparício, quando êle era aluno, na Universidade, do 1.º ano de matemática.

Era uma creatura triste e com um certo *melancolismo* que se traduzia num facto característico.

O Aparício, como nós todos o tratávamos, nunca deu uma gargalhada, e sorria sempre num sorriso... como direi... num sorriso tristonho.

Nunca o vi rezar, nem ir à missa ou praticar

qualquer acto por onde inferisse que era católico praticante. (1)

Nunca o vi prestar atenção ou fazer qualquer alusão a política durante as ligeiras e ténues referências que nos meios académicos se faziam nêsse tempo à política do país.

Entretinha-se a colecionar insectos aquáticos que eu, por *madurêza*, alimentava e tratava num aquário de ocasião, que arranjei.

De dia ía com êle às aulas ou ao campo *caçar* bichos para o aquário. A' noite estudavamos, ou antes, estudava êle, porque eu fazia-me estúpido para não ter o trabalho de perceber, nem pensar o que êle fazia, explicando-me com todo o cuidado as *charadas* e *logogrifos* da enigmática álgebra de Souto Rodrigues.

O Aparício percebia o caso, sorria-se (o tal sorriso) e com tôda a paciência e muita amisade estudava para êle e... para mim.

Estivemos ambos na Escola do Exército aí por 1901. Mais tarde estive com êle no Porto, em 1903, e nunca mais o vi *até hoje!* Tem-me faltado a coragem para o ir vêr... onde êle está.

Um nosso amigo comum dêsses tempos que não é político, mas apenas um professor de ensino particular, contou-me, cheio de comoção, que era um protesto contra a insinuação de ser o tiro do Aparício para Bombarda obra do clericalismo:

— Não calculas, Amaral, quanto me custa essa insinuação miseravel atirada contra o nosso pobre Aparicio!

«Como sabes, êle, quando estava tirocinando para dar ingresso no Estado Maior, teve um acesso de loucura, e foi para o manicomio Miguel Bombarda, onde êste o tratou carinhosamente e até com certo

(1) Aventou-se a ideia de que o tenente Aparício era mandatario do clericalismo contra a figura em destaque do Pensamento-livre.

interêsse. A sua loucura era a monomania da perseguição.

Numa dada altura o Doutor Miguel Bombarda aconselhou uma viagem pelo estrangeiro, para completar a convalescença.

Durante essa viagem ocorreu a quem o vigiava e acompanhava ir consultar uma sumidade qualquer médica.

Essa creatura, usando de um dos «trucs» profissionaes de que frequentemente lançam mãos os medicos alienistas, observa-o e diz-lhe com ar de bom actor: — Homem, você não só não tem nada como tambem lhe posso asseverar que nunca padeceu de qualquer pecha mórbida das que julga ter. O que o meu amigo tem é apenas a apreensão e não a doença!

Mal sabia êsse médico francês que, ao dizer isto, matava um colega!

O tenente Aparício chega a Lisboa, mete um revólver na algibeira, procura o Doutor Bombarda no seu gabinete, onde o espera, e quando êle entra, desfecha-lhe uma série de tiros que lhe causaram a morte horas depois.

Isto me referiu o nosso amigo comum, indignado e comovido quási até às lagrimas.

O Doutor Bombarda, ao ser socorrido pelos enfermeiros que acudiram aos tiros e que procuravam subjugar o louco, gritou, como se o fizesse já lá do outro mundo:

— Não façam mal a êsse homem!... E' um doido!

Mas essa verdade trágica lançada pelo medico alienista e primeira figura do livre-pensamento em Portugal foi abafada pelos exploradores da credulidade alheia, por uma mentira infamante, que caiu como chumbo derretido em cima dos oficiaes do exército português.

Com ares *de ocasião* dizia-se pelos logares públicos que fôra a reação quem armára o braço

dum oficial do exército para matar o chefe do pensamento-livre em Portugal!

E a *mentira* foi atirada para as casernas e para os convés dos navios, onde estava tudo *iniciado!*

.....

Talvez o Doutor Miguel Bombarda tivesse morrido a tempo!

No entanto a insinuação, que mais tarde havia de atirar sargentos contra oficiaes, ficou, e ao ficar medrou até à supuração, isto é, até à eclosão de um pus moral mais pestilento!

.....

Quando caiu o regimen monárquico respirava-se *pavor* e *tesura,* porque quem não se sentia apavorado sentia-se *têso* e vice-versa!

IV

Proclama-se a Republica

Como vimos, a propaganda republicana, de João Franco para cá, mais fôra um alarido de desordeiros irritados do que uma propaganda orientada e com organização e programas traçados com frieza e com cálculo.

Foram a carabina de Buiça e a pistola de Costa que derrubaram o regímen monárquico.

Os partidos monárquicos, e só êles, é que prepararam com oportunidade o advento do regímen republicano.

Os republicanos apenas agarraram no que já estava a caír.

O país viera parar ás mãos dos republicanos, mais depressa do que êles esperavam.

.....

O Buiça... tambem o conheci... tambem convivi de perto com êle!

Eu era soldado e êle segundo sargento.

Foi em cavalaria 2, onde era conhecido pelo seu apelido; era o sargento Reis. Encontrava-me eu nêsse regimento onde fazia serviço de soldado, sem exclusão de guardas, ordenanças a pé e a cavalo e onde, tambem como simples soldado, ao lado do sargento Reis, entrei nas manobras de S. Domingos de Rana.

Gostava dêle, nunca me tratou mal, antes sempre com correcção e, para que negal-o, com amisade e simpatia.

Era um impulsivo? Era-o e muito, mas êsse sentimento só se manifestava em campos muito restrictos e um dêles era para desafrontar os fracos contra a opressão dos fortes.

Nunca pelos sargentos de cavalaria 2 dêsse tempo fui maltratado, mas não poude evitar que, em nome da disciplina então adoptada, fosse uma vez tratado por um sargento com certa rispidez; apenas rispidez. Pois tanto bastou para que o sargento Reis se insurgisse, logo ali, contra o que êle julgou ser uma violência escusada e imerecida.

Nessa revolta, com todo o fundo de generosidade, chegou a ir quasi á indisciplina.

Era alegre, despreocupado, e, comquanto fôsse decidido para os soldados, não era mau para êles.

Era tambem desembaraçado, mas os oficiais não gostavam dêle por se ter uma vêz insubordinado com um oficial deante do destacamento. E' preciso acentuar que nêsse tempo a palavra insubordinação não tinha um sentido tão restrito e tão convencional como hoje tem.

Nêsse tempo, até um olhar era uma insubordinação.

Hoje, como se sabe, é preciso haver morte de homem para haver insubordinação e ás vêzes nem assim!

Para uns, o Buiça matou gente á queima-roupa; para outros, matou uma ideia que oprimia; para

outros ainda matou como um mercenário que esperava receber um premio ou quantia!

Esta ultima insinuação acho-a aleivosa, tão aleivosa como a outra que atribue os tiros de um louco a obra de clericalismo.

Não acreditei que o sargento Reis, que conheci em cavalaria 2, matasse um homem por dinheiro. E agora já é tarde para o acreditar porque só se êle m'o afirmasse, e êle já morreu.

Não acredito que êle, o sargento Reis e mais tarde o professor Buiça, com quem falei muitas vêzes, fosse capaz de matar alguem pelo prazer de matar: fosse êsse alguem um rei, fosse um bandido.

Dizem que matou uma ideia! Não sei o que isso quer dizer e até me parece a frase um disparate mal cabido e mal engendrado, porque as ideias não se matam e muito menos a tiro; as ideias degladiam-se, contrapõem-se e lutam entre si, às vêzes no próprio individuo e quando nos resolvemos por uma, não é porque dessemos um tiro em nós próprio, mas porque a razão serena nos impoz a que adoptámos em prejuizo das adversas.

Em tempos passados, os proprios reis matavam os adversários que os queriam afrontar ou mesmo matar, e nem por isso D. João I e D. João II são considerados assassinos.

Outras vêzes manobrava o veneno e quem matava não era o *assassino*, mas o que ministrava o veneno.

Por vezes frades levantaram punhaes para monarcas e ainda dessa vêz o que matava não era o que dava o golpe, êsse era o instrumento; o que matava era o outro que armava o assassino com meios convincentes e lhe sugestionava o braço, forte e decidido.

E á medida que a civilisação foi aperfeiçoando os seus processos tambem os atentados contra os símbolos de qualquer credo politico foram aperfeiçoando e mascarando hipocritamente os seus meios de acção e, sobretudo, os seus autores.

O sargento Reis, o professor Buiça, foi quem deu os tiros, mas êle, pessoalmente, não tinha interesse em matar o rei, o principe ou qualquer membro da familia real portuguêsa.

Quem então gerou o atentado? Quem não sei. Onde, facil é adivinha-lo.

Foi nêsse *torniquete* que a imaginação humana talhou para combater a opressão da *ideia,* mas que a maldade humana desvirtuou, para armar uma teia que pretende impôr-se, tanto como em tempo se impoz a Egreja!

Refiro-me á maçonaria!

Nunca me foi permitido visitar o seus templos. E' a única sociedade secreta que a civilisação tolera com uma cobardia e talvez com uma cumplicidade muito para registar nêstes tempos em que exércitos inteiros se bateram mais de quatro anos seguidos pela liberdade e contra a opressão!

Toda a preparação do advento da Republica girou em volta dêsse templo secreto, onde se entra por uma casa escura e de olhos vendados!

Note bem o leitor que se entra por uma casa escura e de olhos vendados!

Trata-se, pois, de uma instituição que prega *a luz*, mas que maneja *a cegueira!*

Um paradoxo ou uma religião como qualquer outra.

Nas minhas referências ao professor Buiça devo desagradar tanto a gregos como a troianos, mas em memoria ao que dêle conheci de bom e de generoso devo dizer o que sinto e eu sinto ainda hoje que Buiça era um bom e sobretudo um bom instrumento para o tal *torniquete* odioso e ridículo ao mesmo tempo.

A tal religião onde o ritual proíbe dizer cá fóra *ao ar livre*, o que lá dentro se discute e até o que se passa!

A maçonaria, emquanto não modificar o seu ritual, a sua essência secreta, é uma barreira que se opõe á ideia *liberdade.*

.....

Escusado é dizer que no exército a maçonaria tem feito alguns estragos irreparaveis para a actual geração militar. A maçonaria passou, depois da proclamação da Republica, a ser uma espécie de sociedade anonima de responsabilidade ilimitada onde cada um ia despejar a sua incompetência e tambem obrigar a sua manha e a sua má fé.

Com êste programa facil é concluir dos seus efeitos na coesão moral do exército.

Isto além do que já estava feito desde 1906.

Isto é, a destruição da coesão moral do exército deu-se em nome dos ideaes republicanos durante cinco anos de um trabalho assíduo, constante e pertinaz.

Estavamos a menos de quatro anos da Grande Guerra.

A Alemanha preparava o seu exército desde 70, ou seja havia mais de quarenta anos, para que só caísse deante de vinte e oito aliados em que se congregaram esforços materiaes com esforços moraes!

Nós, a quatro anos da Grande Guerra, tinhamos *isto!*

.....

Ao proclamar-se o regímen republicano, que eu não posso classificar nem de novo nem de velho, mas apenas de sistema que, como todos, tem as suas vantagens que o tornam preferido de muitos e tambem os seus inconvenientes que o tornam prejudicial por vêzes, como toda a obra humana, ao proclamar-se, pois, o velho regímen de Roma e novo em Portugal, houve no primeiro momento por parte da massa republicana do país a noção nítida das graves responsabilidades que os presumidos dirigentes iam assumir perante o mesmo país e, sobretudo, perante a História.

A massa indiferente do país, que o é em todos os países, adoptou a espectativa, o que é tambem de todos os países!

A massa monárquica ruminava a agressão natural ao regímen que aparecia e cogitava na defêsa *individual* perante o novo estado de cousas.

Ora aqui é que aquêles às mãos de quem foi parar o poder não souberam *vêr* com serenidade a *opinião pública.*

Não a viram, nem a sentiram!

Não havia partidos, havia correntes estabelecidas, mas não *organisadas;* tambem não havia aquela *quantidade* de gente de *qualidade* que é preciso haver em política para dirigir, equilibrar, guiar e fiscalisar um regímen, e sôbre tudo um regímen nascente.

Como sempre e entre portuguêses, berrava-se muito, mas estava tudo por fazer e principalmente não havia gente!

O regímen que aparecia era assim como que uma espécie de aventura de desfecho inesperado.

Recorreu-se então a um inexgotavel *depósito* de incompetências e as alfurjas maçónicas começaram a *embarcar* tudo quanto aparecia de avidez, de aventura e de jôgo oportuno!

Ao mesmo tempo daí íam saindo os elementos que haviam de constituir a estructura do regímen republicano.

Mas como o embarcadouro estava quási sempre à cunha, a fôlhas tantas foi preciso, para receber essa gente tôda, despejar os depositos flutuantes da *mendicidade* ao serviço de um regímen.

Foi simplesmente pavoroso!

No exército, ficaram a competência e o valor reconhecido de oficiaes alheios à implantação da Republica subordinados às incompetências e até a verdadeiras *imoralidades* que as maçonarias nêle reintegraram a título de reparação.

E no entanto algumas dessas fôlhas de matrícula continham, por debaixo de tiras coladas no registo de castigos, actos atentatorios do brio militar e até do brio pessoal.

Por transparência via-se tudo.

Esses improvisados e indignos sustentáculos do regímen republicano, ao sentirem as resistências e algumas vêzes o próprio desprêso dos seus camaradas oficiaes, que lhes conheciam a *crónica*, em que nem uma só ofensa havia ao regímen monárquico para poderem ser considerados perseguidos, êsses *perseguidos* arranjistas começaram a acusar nas *chafaricas suas protectoras* oficiaes briosos de monárquicos!

Houve transferências sem conto, prisões, vexames, etc.

Não é preciso dizer mais.

....

Estava, pois, a marcha da política interna do país um tanto vacilante e os dirigentes um tanto atarantados quando apareceu um *têso!*

V

Doutor Afonso Costa

O doutor Afonso Costa é da Beira. E como bom beirão, ao ver a verdadeira *feira de ideias contraditorias* que a política portuguêsa apresentava ao proclamar-se o regímen republicano, sentiu subirem-lhe pelo corpo acima todos os apetites de uma *bernarda*.

Menos combativo que João Franco, mas muito mais irrequieto do que êste, o doutor Afonso Costa farejou, adivinhou ou, melhor, sentiu um campo favoravel e já aberto á desordem, no tempo da propaganda. Refiro-me á guerra a tudo o que no país representava a tradição católica e regionalismo religioso.

Compôz então as suas lunêtas e, em gesto largo, açulou os seus *aguasís* com a sua voz clara e estridente como o som de uma cornêta.

Demais a mais o *jogo era seguro:* os santos só levam pancada e não batem na gente...

E o que principiou por ser uma lei acabou por ser uma *bernarda.*

E' nessa altura que aparece uma caterva de *têsos.* Apareceram como que por encanto, e foram recrutados entre muitos daquêles que melhor conheciam os logares onde moravam os santos. Apareceram como que por encanto a quererem *trincar* os santos das egrejas e capelas muitos daquêles que no regímen transato eram os serventuarios ridículos dêsses mesmos santos!

Eram muitos dêsses que tiravam servilmente o pó aos santos; era a essas verdadeiras bêstas de carga que nas procissões se confiavam os santos mais pesados, as cruzes e trofeus religiosos mais pesados tambem e mais dificeis de conduzir pelos trajectos que as procissões calcurriavam durante horas. Muitos dêsses não resistiam á tentação banal de nas procissões enfiarem as capas vermelhas ou azues e brancas do culto religioso!

E ainda hoje ninguem sabe quando eram sinceros êsses serventuarios reles em matéria de convicções e de consciência.

Se era quando escovavam os santos nas sacristias e faziam calos nos ombros durante os cortejos religiosos, ou se quando desataram a amachucar os mesmos santos e a malhar nêles como em centeio verde!

Emfim, fosse como fosse, o facto é que até aquêles que, de capa azul e branca, algumas vêzes na procissão da Saúde ofereciam flôres á rainha de Portugal, Dona Amelia, esposa do rei Dom Carlos, tambem ajudaram o doutor Afonso Costa na verdadeira e estúpida lei de perseguição ás crenças tradiçionaes e religiosas da grande massa da população portuguêsa. (1) No meio desta *bernarda*

---

(1) Ainda hoje os donos do *torniquête* maçonico estão

e aos gritos estridentes do doutor Afonso Costa, alguns padres portuguêses foram levando o seu *enchugo*. Só os portuguêses porque com os estrangeiros era preciso *muita cautela*. Então uns que são inglêses e que trazem umas listas vermelhas no peito e por cima dos hombors, êsses só faltou que lhes escovassem as batinas!

Êste atentado público contra o brio nacional é ainda hoje um espinho agudo que não esquece a quem o viu. E de resto toda a gente o viu em Lisboa e pelas provincias, algumas vêzes!

O doutor Afonso Costa, pois, de *porrête* em punho, (o porrête era a lei da separação da Egreja do Estado) e depois de, como um *têso*, ter procedido á *matança geral* de todos os santos e santas da côrte dos ceus, não se deu ainda por satisfeito!

Beirão insaciavel em materia de *bernardas*, agitava o seu *porrête* a procurar mais santos, mas êstes, espavoridos e *com muito mêdo* do doutor Afonso Costa, tinham-se todos refugiado... no ceu, naturalmente!

Outros, como se sabe, estavam prêsos á ordem do doutor Afonso Costa.

O doutor Afonso Costa estava radiante e por entre as nuvens de incenso e o esvoaçar das pombinhas brancas da abobada d'aço do *torniquête* maçónico recebia as orações dos *crentes* já saciados com o sangue dos santos que estavam *mortos* e meticulosamente *queimados*!

Os que tinham escapado ou estavam fugidos no ceu ou gemiam nas prisões.

---

muito preocupados com a ideia de que o batismo prévio das creanças antes de serem registadas na administração é um atentado contra a soberania do regimen! Que idiotas! Julgarão êles que a agua católica tira a côr prêta á tinta com que o administrador do bairro escreve o registo dos nascimentos?

Ou ligam êles á agua da pia baptismal uma importância egual á que ela tem para os crentes?

Pelo visto, é o que parece!

Que chuchadeira!!!

.....

E no exército, como se reflectia êsse massacre ridículo e intempestivo dos santos?

Na massa dos soldados a impressão foi má, não tenha sobre isso dúvidas o doutor Afonso Costa. Lá nessa Flandres de tão grande reclamo é que era ouvi-los e vê-los!

Nos oficiaes do exército, quando não foi má, essa impressão foi pelo menos de antipatia, pois que assim como os oficiaes do exército eram alheios á politica, assim tambem eram, na sua grande maioria, indiferentes á chamada questão religiosa e não viam serenamente senão duas cousas: a improficuidade da *bernarda* e a *brutêsa* ridícula dos executores da lei, que para ser uma medida de liberdade era um bicho que tinha uma *cabeça* antipática.

Essa *cabeça* era a intransigência.

O que eu vi em França sobre o assunto... fica para depois, porque ha-de sair tudo cá para fóra.

Quanto aos sargentos, êsses vacilavam entre o ser ou não ser indiferente á questão religiosa. Mas a maioria era-o já antes do doutor Afonso Costa arremeter com os santos.

No entanto *lá*, na Flandres, onde estavamos combatendo pela *liberdade*, essa indiferença perdeu-se bastante.

E a tal ponto isso se deu, que julguei por vêzes que cada granada alemã trazia dentro uma cruz e um padre católico e que ao rebentar deixava sair o padre e a cruz!

Mas isso tambem fica para depois.....

.....

Emfim, logo que o doutor Afonso Costa ficou convencido de que a tradição do Catolicismo ficava extinta em Portugal em duas gerações, atirou para um canto o seu *porrête* e quedou-se por algum tempo a admirar-se.

O seu *porrête* tinha sido uma lança de cavaleiro

de torneio! Êsse *porrête* era a *coragem* máxima, porque tinha morto a *tradição!*

No entanto êsse *êxtasis* durou pouco e não lhe sofreu o seu espirito irrequieto abdicar tão depressa do prurido de *tesura* de que está eivada a sua estrutura de pimpão.

Pega então, (no *alfange*, ia eu dizer) no cavalo-marinho *e manda* chicotear alguns republicanos que lhe estavam a *refilar*!

E' nesta altura que aparece o *casco* do Partido Republicano Português, vulgarmente conhecido por partido democrático e que por tradição histórica ficou conhecido pela *formiga*.

Instituição de *têsos* armados de cavalo-marinho e pistola, que quizeram congregar ou, pelo menos, pretenderam congregar em si *todos os bons republicanos, e só êsses!*

Quem deu a divisa foi o doutor Afonso Costa, que assim chamou a tudo o que ficou de fóra *maus républicanos*.

E' dessa data em deante que aparecem várias *marcas* de républicanos.

Bons, maus, sofriveis, suficientes e até optimos!

Isto de ser republicano era como uma espécie de frequência escolar com valores e classificações na caderneta.

Que disparate!

O peor foi o resto...

Quero-me referir aos monárquicos. E não só a êsses, mas principalmente ás sanguesugas do regímen deposto: a êssas principalmente.

E' preciso dividir os monárquicos do regímen deposto em duas categorias distintas. Os de convicção, por principio, e os receosos da gente que recebia o país das mãos de um grupo de sargentos que no dia 5 de Outubro de 1910 ficaram na Rotunda até ao fim da revolução. Tambem lá ficaram um alferes de artilharia, em que ninguem fala, e um

oficial de marinha que tem a *sêde insaciável* de que sempre falem dêle!

Nesta massa de monárquicos, dos receosos da nova gente, estavam imiscuidos os *mendigos* de todos os regímens.

E' a êstes que me vou referir. Essa malta, sem méritos próprios para resistir aos embates das primeiras impressões, acobardou-se e ficou apavorada.

Os dirigentes do novo regímen, numa ligeiresa de pensar que muito se pareceu com a tradicional *futilidade* das cocotes amimadas, não *viram* que era preciso haver uma certa generosidade de ocasião para com essa gente e deixaram, e até ordenaram, que fossem hostilisados.

E ao arremeterem com um inimigo imaginário estoiraram-lhe o invólucro e o que saiu foi *lama* que os sujou para sempre.

Alguns diziam mal do regímen?! Porque não fizeram ouvidos de mercador e os não deixaram socegados?

Seria êsse o acto de mais inteligente política que os novos estadistas teriam praticado. Mas não. Agrediram-nos, perseguiram-nos e, portanto, misturaram-se com a *lama!*

De tanta marca de republicanos que no meu país tem aparecido, dos taes da caderneta escolar, só tem faltado, e muito, marca dos republicanos com *caco*.

Quando os taes monárquicos viram a tática do doutor Afonso Costa que, de cavalo marinho em punho, os fustigava, sem exclusão de alguns republicanos que tambem levaram o seu *enxugo*, como os padres portuguêses, quando viram que o doutor Afonso Costa só queria *bons republicanos*, perceberam o jogo e o ardil ..

E' n'esta altura que se cria novo *embarcadouro*, longa muralha com várias escadas de acésso á barcaça do Estado... e então viu-se o estranho (e pa-

radoxal, na aparência) espectáculo dos monarquicos irem entrando á formiga para a *formiga!*

Duas cousas, bem insignificantes, eram precisas: Ser-se *hereje* e *bom republicano.*

Para a *heresia* havia o embarcadouro das capelas maçónicas; para a *boa republica* havia o longo caes das escadinhas dos centros do doutor Afonso Costa. E, assim, os antigos serventuários do regímen de Dom Carlos entraram para o convívio *fraternal* da *formiga* e a folhas tantas era raro ver por lá republicanos, porque os que lá estavam eram quasi todos os *tarécos* velhos e de menos valia do regímen de Dom Carlos!

. . . . . .

E no exército como foi?

No exército a miséria moral foi maior do que no mundo civil.

Logo que apareceu o novo regímen, alguns mendigos, dos taes que davam os vivas a el-rrrrrei com o mesmo coaxar de pântano com que hoje dão vivas á Rrrrrépública, ofereceram-se para fazer pelo país a propaganda républicana!!!

O pàntano afogava assim alguns oficiaes que, républicanos convictos e sinceros, estavam fazendo êsse serviço ao regimen e dando por êste modo honradamente uma satisfação nobre à sua consciência.

Esses mendigos do recente regímen, ao voltarem para os quarteis, viram o sorriso de desprêso dos seus oficiaes camaradas e foram se queixar ardilosamente dêsse precalso.

Recomeçaram as perseguições, as prisões, e chegou-se á demissão pura e simples, fóra de todas as normas militares. Despia-se a farda a um militar como quem rasga a toga a um juís!

Nisto assomou a Vinhaes o *olho monárquico* e os mendigos ficaram apavorados. Esse pavôr era de espectativa aterrada entre os três vértices de um triângulo pavoroso.

O olho républicano, o olho monárquico e o olho da *Providência*.

Era um verdadeiro triângulo estratégico, em que a sciencia militar, que êsses mendigos tinham absorvido nas diferentes escolas de aplicação, nunca falára!

Para antigos monárquicos tinham avançado muito; para novos républicanos não era conveniente recuarem, para saírem das capelinhas heréticas; era tarde porque o olho da Providência é um pôço sem fundo: quem lá cae lá fica!

Foram horas de dúvida que haviam de ter concorrido para grandes e irreparáveis abalos físicos.

O coração, o sistema nervoso, o figado e, sobretudo, os intestinos, muito deviam ter sofrido com êsse estado de espírito.

Como se sabe, o intestino é, depois do estômago, o orgão mais sensivel ao mêdo e, ao mesmo tempo, o mais refractário á falta de alimento.

Mas o olho monárquico de Vinhaes fôra apenas um convite, uma especie de piscadela de olho passageira, á guisa de sondagem.

Não deu nada, porque já Dom Carlos dizia que a sua monarquia era uma monarquia sem monárquicos!

Por isso o doutor Afonso Costa os foi embarcando em massa, porque, já que não eram monárquicos, sempre serviriam para fingirem de *bons républicanos*.

O que é facto é que a situação dos mendigos de regímens, no exército, quando viram passado o risco das terriveis decisões, redobraram de miséria moral contra os oficiaes que se conservavam alheios a essas aderências exibidas com ares de peniculários da nova côrte.

Esses acatavam o regímen républicano como tinham acatado o regímen monárquico; mas assim como não tinham sido lacaios de um rei, tambem não estavam dispostos a ser lacaios de multidões

ou de grupêlhos de bestas açuladas pelo porrête e pelo cavalo marinho do doutor Afonso Costa.

O que se seguiu foi miserável, porque a delação, a calúnia e a espionagem feroz tornaram a vida nos quarteis um inferno pestilento.

Pois tudo isto que estou dizendo ainda chegou à Flandres embora com outras *nuances* mais asquerosas e mais repelentes.

Assim, ás vêzes, por exemplo, não se louvavam os actos de bravura de um oficial, porque era monárquico e integralista ferrenho, e outras vêzes porque era democrático filiado.

A lama do pântano empestava todos que viviam n'êle e, o que é mais para notar, esta miséria não se manifestava principalmente nos quarteis generaes, mas, de preferência, nas tropas que guarneciam as linhas!

A seu tempo tudo virá.

.....

Estava, pois, organisada a partida do doutor Afonso Costa, quando rebentou, no meio dessa inflamação toda, um *furúnculo!*

O forúnculo foi o *lacrau.*

O *lacrau* era a reação á *formiga.*

Têsos tambem, êsses não usavam cavalo marinho, como os *formigas.* Só usavam pistola, e o seu unico fito era trincarem os figados à *formiga.* E assim se tinham passado os três anos e tal que precederam o estalar do conflito mundial, ou seja os anos de 1911, 1912, 1913 e parte do de 1914.

.....

Quando estalou a guerra, em agosto de 1914, o exército portuguêz não era nada, ou, antes, era tudo o que atrás fica dito; o que ficou sendo até á partida das tropas para a Flandres é o que se vae vêr.

.....

Antes de passar adeante devo fazer a declaração que por praxe adoptei.

Ao doutor Afonso Costa nunca falei. Vi-o várias

vêzes. Uma vêz a defender o Julio de Campos, em Guimarães, quando do celebre processo dos A'gras. Depois só o vi na sessão do Congresso da República em que, como ouvi dizer um garôto, nêsse mesmo dia, á porta do Parlamento, a uns «chauffeurs» dos automoveis dos ministérios, *êle veio dizer que tinha ído a Londres pedir duas corôas a lord Grey para comprar um par de botas!* E que botas! Foram tão altas e custaram tanto a calçar que ainda hoje as não descalçou!

A ultima vêz que o vi foi em janeiro de 1917, quando, com mais gente, foram a bordo do barco a despedir-se, êle e o Chefe d'Estado, das tropas que iam para França.

Até me lembro que dessa vêz me apertou a mão, como de resto o fez a todos os oficiaes presentes.

Tambem o via sempre um pouco por toda a parte em *caricatura*, quando andava, de *porrête na unha*, muito entusiasmado na matança dos santos, e quando, mais tarde, mandava dar cavalo marinho nos républicanos que lhe estavam a *levantar a grimpa*.

VI

A entrada de Portugal na guerra

Não sabemos, nunca soubemos, nem nunca viremos a saber, quais os nossos compromissos, em matéria militar, como aliados da Inglaterra, e anteriormente a agosto de 1914.

Isto foi sempre um segrêdo, *lá dêles*. A *tropa* nunca soube nem precisa de saber *estas cousas*...

Quando digo tropa refiro-me aos comandos superiores do Exército e ao Estado Maior.

Não me digam que é para haver segrêdo senão eu pergunto se nem os ministros da Guerra podem estar nêsse segredo dos deuses da *diplomacia*.

E se só um é que póde saber isso então nenhum

ministro da Guerra o póde saber, e êle ha tantos! E se nenhum ministro da Guerra póde saber essas cousas como é que estamos habilitados a cumprir os nossos deveres militares para com a nossa aliada?

Assim pensei eu ao ouvir falar em guerra da Inglaterra com a Alemanha.

E hoje pode-se saber se estamos dispensados de ir por essa Europa fóra jogar á pancada na casa alheia?

Não se sabe?!

Sim!... Sim!... Deve ser isso; porque isto de *diplomacia barata* é... ninguem saber o que será o dia de amanhã!

E' mesmo o que *calha melhor*, como diz a minha creada, que é boa pessoa... mas não passa disso.

O que é facto é que eu sei, por ter ouvido dizer, (1) que, ao estalar a guerra na Europa, Portugal, numa sessão parlamentar, definiu correctamente e a bem dos seus interesses e brio a sua atitude. Houve um acordo geral (2) e pode-se até dizer uma sinceridade rara de que a *opinião pública* partilhou!

O doutor Antonio José d'Almeida, chefe do Partido Evolucionista, encerrou em meia dúzia de palavras felizes os deveres de Portugal perante a intervenção da Inglaterra, na Conflagração Europeia.

Tudo se resumia em:

— Ao lado da Inglaterra para tudo o que ela quizesse e até onde nos fôsse possivel.

Esta palavra *possivel* representava absolutamente o ultimo dos sacrificios, mas excluia os sacrificios excusados, porque ninguem tem direito a exigir o que não tem direito a exigir. (3)

---

(1) Estava em Angola por essa ocasião.

(2) Era cousa que desde 1906 não havia em Portugal!

(3) Ninguem, na Inglaterra, nos exigiu cousas que não devesse exigir. *Êles* é que exigiram que ela nos exigisse... o que ela não quiz exigir!

Ninguem nessa altura podia asseverar quem venceria e Portugal cumpria o seu dever de nação livre, briosa e independente.

Era uma nação pequena?

Tanto mais era para notar o procedimento correto que adoptou nessa sessão parlamentar.

Nesta altura pediu a Inglaterra várias cousas e entre elas (segundo fui informado) vinte mil espingardas para as tropas do Sul Africano e peças de artilharia de campanha para França.

Deram-se-lhe as armas, mas, quando se tratou de peças, a Inglaterra *esbarrou* com uma exigência de um ministro da guerra (o general Pereira d'Eça) que era da arma de artilharia e não tomou muito a bem que lhe levassem as peças e só elas!

Entendia que, a irem as peças, tambem deviam ir as tropas de artilharia e, a irem estas, tambem deviam ir a infantaria, a cavalaria, etc., etc.

Já começavamos a faltar ao combinado. E o que era lógico para as peças não era para as espingardas ou vice-versa.

Com esta falta de *noção das justas proporções* que teem os portuguêses, que é — *ou tudo ou nada*, — começavamos a complicar o nosso programa e o nosso dever de aliados no conflito que se ia travar, longo, violento e brutal.

Como era natural e intuitivo, *a opinião pública* alarmou-se, porque começou a ouvir falar numa ida de tropas para a França.

Quiz *a opinião pública* saber qualquer cousa sôbre o assunto. Tinha êsse direito, porque *a opinião pública* póde não ser o sentir de um povo, pois que isso depende da marcha dos acontecimentos que acompanham a vida dêsse povo, mas é sempre *o direito de saber* de um povo e de um país.

No Parlamento, pela voz dum membro qualquer do Congresso, fez-se a pergunta fatal.

Houve várias tentativas para mentir. Essas ten-

tativas eram apenas ataques de *tesura* platónica e política.

No entanto germinava aí *a grande mentira da Flandres!*

VII

A Grande Mentira

Para honra e justiça rendida à memória do velho soldado de Moçambique e Angola, o General Eça, convém ficar registado que êle, soldado como foi sempre, *não mentiu.*

Não deu mais explicações sôbre o caso mas... não mentiu e respondeu que, até à data, a Inglaterra não fizera pedido algum para remessa de tropas.

Começou-se no entanto a tratar à sucapa da organisação dum troço de tropas, trabalhando-se muito — no papel e nos mapas, com os regulamentos de mobilisação à vista.

O Estado Maior do Exército Português ocupava-se de qualquer cousa de naturêsa *burocratica*, mas êsse trabalho apenas teve consequências... inofensivas para a tranquilidade do país.

.....

A política interna sofre várias convulsões.

Formigas, *lacráus* e monárquicos renitentes degladiam-se; camachistas e almeidistas sofrem os ressacas dêsses baldões e servem de molas que amortecem choques. Caem vários ministérios.

Para os políticos turbulentos a Grande Guerra, sendo um ponto de partida para retaliações, tem um interêsse mínimo.

.....

A disciplina do exército, nêste *mare magnum* de desorientação geral, sofria tambem, como era natural, baldões formidáveis.

Os elementos civis, às ordens das inspirações desordeiras do doutor Afonso Costa, entram e saem

dos quarteis com um desplante capaz de irritar os mais pacientes.

De mistura com êsses elementos andavam bastantes sargentos e oficiais.

Alguns dêstes eram de facto républicanos, mas a maioria fazia parte da *mendicidade* dos regímens.

Que bem que alguns fingiam de républicanos históricos!

A ultima revolução monárquica não vingou, mas se ela vingasse... o que nós todos não veriamos na classe a que pertenço!

Eram capazes de provar, em conferências, que tinham feito tudo o que fizeram só para comprometer... os républicanos!

Emfim, o caso é que um incidente num quartel na Figueira da Foz, entre um elemento *afecto* à República das desordens e um oficial filho de um antigo general que serviu o regímen transacto, é a faísca que provoca um começo de pronunciamento em que se *pronunciam* contra o actual estado de coisas oficiaes de várias côres políticas e até os sem côr alguma.

Nêsse movimento de protesto, expontâneo mas sintomático, ninguem pensou em atacar o regímen e muito menos se pensou em se, por meio daquêle protesto, se ia ou não para a guerra.

O que mais exasperava a grande massa dos oficiais do exército eram as denúncias caluniosas, as transferências descabidas, as insolências dos *elementos afectos* (á desordem e ao vexame) e tanta outra mixórdia miserável com que se mimoseava o exército pacato e disciplinado do regímen transacto.

O facto de o oficial em que atrás falei ser filho de um general já falecido e que fôra muito considerado pelo regímen anterior, forneceu á calúnia dos desordeiros o argumento facil de que a reação dos oficiais do exército, em tão grande numero, era

uma manifestação do espírito monárquico que animava a grande massa dessa classe.

Êste argumento tornou-se menos oportuno quando se verificou que nêsse movimento entraram oficiais que eram reconhecidos como antigos republicanos, isto é de antes do 5 de Outubro de 1910

Lançou-se então mão de outro argumento.

Chamou-se-lhes *cobardes* porque o não aceitar as sucessivas patadas e reagir contra o Partido Républicano Português era indício de que se temia a realisação do programa dêste partido que queria que as tropas dos quarteis fossem para a guerra na Europa!

Eu ainda hoje embirro com o que se passou em matéria de insultos, vexames e até chicotadas em oficiais do exército, não contando com tiros pelas costas e outros atos de banditismo e... parece-me que não tive mêdo de ir para a guerra. Ou representará êste meu protesto ainda uns restos de mêdo?!

O que eu acho é que um oficial do exército, como qualquer pessoa decente, o que não pode sofrer quando é digno e brioso (e ainda há muitos), é vexames e insultos, porque até os cães gostam de festas e mordem ás vezes o dono, quando a pancada é muita.

E a respeito de mêdo ha no exército português muita gente como eu, felizmente!

Como sempre, a grande vítima de tudo isto era o soldado, que nunca sabia quando tinha *licença* para se insubordinar e quando... a não tinha!

Em fins de janeiro de 1915 ou seja a mais de seis mêses do começo da guerra, o Exército Português em Portugal era... isto!

Em Africa batia-se como sabia... e como lhe era possivel...

.....

O doutor Afonso Costa, que considerava como

cumprida a 1.ª e 2.ª partes do seu programa de *têso* estava a *ruminar* a 3.ª parte.

Porém em certo dia, no Aterro, lançou-se pela janela fóra de um «electrico», tomando por uma bomba atirada contra o carro em que ia um estrondo qualquer.

Não é motivo de crítica mordaz o doutor Afonso Costa querer fugir aos efeitos de um atentado pessoal; deixo essa crítica à casta dos *têsos*, que estão convencidos de que, se lhes atirassem uma bomba, êles, êsses *têsos*, puxavam tranquilamente por um cigarro e, antes de o acender, davam um pontapé na bomba.

O que eu só vejo no facto é uma grande lição para tirar muitas conclusões a que quero chegar no decorrer destas linhas de simples desabafo e de protesto.

A lição resume-se na queda e derrota fatal e constante dos .. *agressores de profissão*.

O doutor Afonso Costa, ao proceder à matança dos santos com o seu *porrête de livre-pensadeiro* ou, melhor, de *livre desordeiro*, e ao agredir os *maus républicanos* com o seu cavalo marinho de *bom républicano* ou antes de *bom desordeiro*, sentiu, passada a febre da *tesura*, que era chegado o momento de recear os efeitos e a reação da sua escola de porrête e cavalo marinho.

Ou o *mêdo* que o doutor Afonso Costa teve nêsse dia foi semelhante e da mesma naturêsa que o *mêdo* com que se atirava á cara dos oficiaes que queriam saber o que iamos fazer à França ou, melhor, porque iamos?!

Isto é, ninguem dá de bom grado o corpo ao manifesto, sem ter uma rasão para o fazer.

Deu-se comigo o caso e por isso cá estou a lavrar o meu protesto que, embora seja platónico, porque é posterior aos riscos, sempre é um protesto.

Se encherem um general de cima abaixo de medalhas, êsse general, com botas, esporas e es-

trêlas, em idênticas circunstâncias às do doutor Afonso Costa, fazia a mesma cousa.

Ainda há dias saltei de um trem quando vi os cavalos empinarem-se e tomarem o aspecto de se desbocarem.

Eu era passageiro, podia fazel-o. O cocheiro é que não podia. Com certo risco, aguentou os cavalos e muito bem andou por isso.

De resto, ninguem pediu nunca actos de coragem física ao doutor Afonso Costa, que é doutor em direito e não oficial do exército, permanente ou miliciano.

O que os católicos, os magistrados, os outros partidos republicanos e tambem o exército sempre reprovaram foi a *pertinaz máquina de agredir*.

O doutor Afonso Costa nasceu só para agredir, por pensamentos, por palavras e por obras.

E' o que diz toda a gente, que o conhece e que não o conhece.

Porque será?

Nem talvez êle o saiba.

.....

.....

O resultado dêste incidente foi o tradicional agressor de tudo e de todos dar uma queda quási fatal, ficando estatelado nas pedras da calçada. Nessa altura todo o seu partido tremeu! Seria de pânico perante a iminência da sua morte?!

Devia ser. Principalmente por parte da mendicidade do partido. Porque os partidos políticos tambêm, como os regímens, teem a sua mendicidade que, se às vezes é apenas rasoável, outras vezes é insaciável.

Isso depende da necessidade que os chefes políticos teem de se aguentarem, custe o que custar.

No entanto havia mais alguma cousa nêsse *pânico* do que o alarme do estômago e o calafrio na palma da mão.

Esse pânico era a mais tremenda acusação contra a *tesura* do doutor Afonso Costa!

Verificava-se que era êle o grande e quási único inspirador de tôdas as violências escusadas e até contraproducentes; que só elas e pouco mais constituiam o lêma e o programa de um partido de que o doutor Afonso Costa era o chefe político.

.....

O *porrête* e o *cavalo-marinho* tremiam!

Os *têsos* tinham ou começavam a ter a sensação do *mêdo!*

Chamo a atenção do leitor para o facto de que ainda se não tratava de marchar para a guerra.

Isto era só cá dentro e *entre patrícios!...*

VIII

Dois... bons velhos!

O Presidente da República Portuguêsa, Doutor Manuel de Arriaga, e o general Pimenta de Castro foram sempre Republicanos com R grande, como o são todos os que já o eram antes de 5 de Outubro.

O general Pimenta de Castro nunca hostilisou o regímen transacto; serviu-o sempre com a correcção de um soldado disciplinado e disciplinador; mas ainda eu era rapaz de escola e já ouvia falar na sua maneira de apreciar regímens.

Nunca foi revolucionário, nem conspirador?

Por isso não foi menos républicano, por isso foi sempre independente, por isso nunca teve que se sujeitar à *mendicidade revolucionária*, que, de mão sempre estendida, disfarça ou procura disfarçar o seu gesto de mendigo com os ares de tirano irritado.

Quanto ao doutor Manuel de Arriaga, êsse caudilho dos tempos mais ingratos da propaganda républicana, era, quando chefe de Estado, a man-

sidão, a bondade e a sinceridade, à testa da bravêsa, da selvajaria e tambêm da *mendicidade* insaciavel... Mas um dia... zangou-se e armou em *têso!*

A única vêz que na sua vida de português, de républicano e de chefe de Estado tomou tal atitude!

Quiz evitar um desastre?

Quiz poupar sangue português?

Talvez. Mas por isso não correu êle menos em logares onde era dispensado e com prejuizo de outros logares onde era necessario que se derramasse e do melhor.

Como disse, zangou-se um dia e, num gesto de velho irritado, escorraçou do govêrno uns representantes dos desordeiros de profissão.

Ao fazê-lo chamou em seu auxílio outro bom velho que conhecia bem desde a mocidade.

Era o general Pimenta de Castro.

Este oficial general era um militar que tinha uma repugnância instintiva pelo insulto, pela violência e pelo enxovalho e só por isso era um chefe de prestígio no seu meio profissional.

Era, além disso, um estudioso e um justo.

A sua maneira de agir e de falar era por vêzes pitoresca?

Tinha um fundo de ironia caracteristica?

Mas era através dessa arma, que ele manejava com serenidade, que se manifestavam a sua bondade e o seu espírito de justiça, que era sem limites e que por vezes ultrapassava na fórma os extremos das conveniências oportunas.

O general Pimenta de Castro, com o seu feitio de pitoresco exterior, ao ser chamado ao poder e na questão chamada de política interna (a luta dos partidos) armou um pouco em *têso* e encolheu os hombros á berrata que se fazia em volta dêle.

O seu programa foi — *agarrar na lei e seguir.*

Afinal, bem vistas hoje as cousas a distância,

essa atitude não passou de *tesura* de um bom velhote. (1)

Na questão da coparticipação de Portugal na guerra tinha o general Pimenta de Castro opiniões de político inteligente e tambem de soldado brioso.

Eu não sei se os contraditores de então do brioso general me reconhecerão autoridade profissional suficiente para fazer esta asserção, mas emfim... se os Ex.mos Desordeiros dão licença...

Era a seguinte, em síntese, a maneira do general Pimenta de Castro encarar o problema:

— As tropas portuguêsas irão a toda a parte onde fôr preciso que vão. Onde estiverem em jôgo os legítimos e históricos deveres de Portugal estará sempre um soldado de Portugal! Na Africa, defendendo o que é nosso. Nas fronteiras coloniaes, prontas a cooperar com os aliados na sua defêsa. E até em França, nos Balkans ou mesmo na Rússia. O que é preciso é que fiquem claramente escritas as compensações legítimas dos sacrificios a efectuar.

«Não é preciso que a Inglaterra implore; não se pode admitir que a Inglaterra exija. Tudo será tratado como de egual para egual.»

Era bem portuguêsa essa maneira de ver, era de uma política serena e inteligente, era de um soldado brioso, era de um velho sensato.

Mas em política interna é que armou em *teso* e em logar de manejar a lei da astúcia oportuna, calando-se o mais possivel e resistindo um pouco á sua generosidade impulsiva, não o fez, chegando mesmo a consentir num êrro que, querendo significar uma satisfação devida ao exército, foi um acto de péssima política para o seu programa e para o bom nome do exército.

---

(1) Que ninguem veja nestas palavras finais a menor falta de consideração devida á memoria de um bom, de um justo e de um soldado que o soube sempre ser.

Refiro-me ao cortejo de oficiaes pelas ruas e em romaria a dirigirem-se e como que a apoiarem com as espadas o seu general.

Afinal não apoiaram nada e fizeram uma figura um tanto ridícula, seja dito em abono da verdade, porque, chegado o 14 de Maio, os regimentos e as companhias desfizeram-se como fumo que se assopra.

Houve uma unidade que, recebendo no dia 14 de Maio de 1915 ordem do seu coronel para rodar á direita (ou á esquerda), rodou mas foi para o flânco oposto, á voz de um 1.º sargento!

Quasi um ano depois de estalar a Grande Guerra e dois anos antes da entrada das tropas portuguêsas nas trincheiras de Laventie, Neuve Chapele e Ferme du Bois... o exército português era... isto!

Muitos outros actos de pequena *tesura* praticou o general Pimenta de Castro que forneceram aos *desordeiros* mais alguns elementos para manejarem a *grande mentira*.

O seu velho amigo doutor Manuel de Arriaga, no *rápido relatório* que veio a público em 1916 e intitulado: — «Na primeira Presidência da República Portuguêsa», faz-lhe as referências que o caso merece.

E' a linguagem de um bom a acusar outro bom.

.....

Como o doutor Afonso Costa melhorasse, os seus *têsos* cobraram ânimo e recomeçaram a exteriorisar a tradicional coragem dos *fracos* e dos selvagens que tomam sempre a generosidade e a tolerância por fraquêsa.

O ministério anterior a Pimenta de Castro tinha caído perante um protesto contra a sem-ceremónia com que os elementos *afectos* (á desordem) entravam a toda a hora nos quarteis e estabelecimentos militares, com ares investigadores, misteriosos e por vezes arrogantes. Na maioria dos casos traziam es-

tampada na cara a idiotia que lhes ia na alma e tambem um certo ar de *bufos* da monarquia ao serviço da *formiga*.

Porém no cortejo platónico dos oficiaes do exército pelas ruas de Lisbôa deu-se o caso estranho dêsses oficiaes sairem para fóra dos seus quarteis como que a *afrontarem* os elementos *afectos* que lhes entravam pelas casernas dentro à vontade e com o apoio dos governantes.

O doutor Afonso Costa, em comício público, ao referir-se aó facto, disse que as espadas dêsses oficiaes eram *durindanas*.

Estamos de acordo, mas com uma condição, que é a de censurar ao doutor Afonso Costa a deslealdade que teve para com a Inglaterra, nossa aliada, quando lhe impigiu essas *durindanas* para cooperarem na defêsa e ataques do «front» ocidental!

O que faria o doutor Afonso Costa se, em logar de dispôr só do *porrête*, do *cavalo marinho* e *da mentira*, pudesse dispôr tambem de uma *durindana*?!

Naturalmente ia tudo raso!!!

Durindanas!... E porque lhes não chamou antes o doutor Afonso Costa *alfanjes*?

Ah! Sim. Essas *espadas*, lá na synagoga *do mal para bons fins*, são as facas com que se cortam os bocados que cada membro do bem trinca e mastiga e lhe cabem em ração dentro do respectivo prato.

Eu tambem tenho uma *durindana* que me deram os soldados da Flandres; o que ainda não me deram foi... *um alfanje*!

E no entanto, *lá*, na Flandres, o que os soldados mais viram nas horas de grande risco foram... muitas *durindanas* e poucos *alfanjes*!

.....

Os monárquicos, tanto alguns convictos, como bastantes que pertenciam á mendicidade do regímen caído e que não tinham sido acolhidos com

bôa caridade pelo recente regímen, até aí tinham estado acampados, mas, cançados os últimos de estarem há tanto tempo de bôca aberta e mão estendida sem nada apanharem, começaram a *espevitar* a sua situação de descontentes.

Uniram-se pela primeira vêz depois de 5 de Outubro e, protegidos ou, melhor, acobertados pela tolerância dos dois velhos bondosos, atiraram-se, não para cima do regímen, mas para cima dos *assassinos* dos santos e saqueadores de egrejas.

A lei da separação era uma boa veia para explorar porque era um êrro de palmatória do regímen républicano, se não na essência, pelo menos e sem duvida na fórma.

O sistêma adotado foi o dos *desordeiros* e *lacraus* e *talassas* atirarem-se aos do *porrête*, como gato a bofe. Uns por causa das *porretadas*, outros por causa das *chicotadas*.

Estavamos em 1915, e desde 1906 que o sistêma estava implantado.

Sem entrar em mais detalhes, os dois bons velhos cairam por não saberem com quem estavam a lidar e tambem por se entregarem, cada um no seu campo d'ação, a ligeiros ataques de *tesura!*

.....

E no exército?

No exército foi tudo de cada vez a peor!

Os que queriam a mentira da Flandres tinham explorado *a cobardia* dos oficiais.

E por toda a parte exploraram o caso em vários tons, dos quaes o mais arteiroso era o de que os oficiais o que queriam era a monarquia para não irem para a guerra!

E por fim enchem de vento o papo dos sargentos, dizendo-lhes que só êles é que não tinham mêdo e que os seus oficiais não tinham autoridade para os comandar porque eram uns *cobardes!*

Como disse, e repito, a atitude do sargento nesta questão da guerra foi sempre de apatia fatalista;

nem a sua pouca cultura e restrita autoridade profissional lhe podiam traçar outra.

Porem agradou sempre a insubordinação, que é um prazer que toda a creatura, por mais culta que seja, aprecia.

Tem um certo travo amargo, mas que enebria, embriaga e seduz.

Se o *fenómeno* é lei quando se trata de gente culta, o que sucederá quando a cultura não é o primeiro predicado de quem se insubordina?

Resta-me referir quaes as minhas relações com o doutor Manuel de Arriaga e com o general Pimenta de Castro.

Nunca tive relações algumas com êstes dois bons velhos e bons portuguêses tambem.

Ambos êles, almas bem formadas, de bôa justiça, da tradicional bondade humana e do mais puro e desinteressado amor ao seu País, são hoje dois molhos de ossos com uns restos de podridão em volta.

Para as suas honradas e venerandas memórias as minhas mais solenes e respeitosas orações de português...

Manuel de Arriaga vi-o algumas vêzes pelas ruas com a sua figura original, emanando bondade, amor e esperança.

Nem um só traço de ironia afrontosa se manifestava no gesto e no olhar. Pelo contrário, todo êle era a oração de Portugal, todo êle era a bondade, natural, evidente, sem ardís, sem exterioridades cómicas; via-se nêle a bondade cheia de brio, cheia de nobreza, completa e sem condições que despretigiam, nem violências que possam desmoralisar as vítimas ou atingidos.

Era para quem o via passar antes de 5 de Outubro, antes de ser chefe de Estado, o mesmo que foi como chefe de Estado.

Era um nome que honrava sempre em qualquer parte o nome de Portugal.

Quanto ao outro velho, o general Pimenta de Castro, a êsse só o vi uma vêz, vestido à *paisana*, passar na esquina do Rocio, então conhecida pelo *Matos Moreira* e hoje *hall* de um estabelecimento de automóveis.

Vi muita gente a cumprimentar um homem já idoso, de chapeu mole preto, com um casacão amarelo.

Perguntei quem era êsse homem e disseram-me todos, muito admirados de que eu o não conhecesse: — E' o general Pimenta de Castro!

Foi isto depois de «5 de Outubro», mas antes do «14 de Maio».

Eu estava no meio de um *oceano* de républicanos e perto do café da Brazileira. Foi aí por 1912.

E é quanto tenho em matéria de recordações pessoaes dêsse homem a quem com um impudor miserável insultaram, como político, como militar e como português!

Emquanto Manuel de Arriaga era a bondade firme e digna, Pimenta de Castro era a bondade forte e inteligente.

Em ambos a tolerância era a sua maior força, porque não abrigava os criminosos nem incitava bandidos.

Que a história de Portugal lhes faça um dia justiça inteira.

IX

Naulila!

Nestas lutas e olhando sempre para tudo isso com uma certa perplexidade, estava o futuro soldado da Flandres, que só via desordem de cima até abaixo; e naturalmente, pela sua pouca cultura, ia na onda da desordem de baixo até acima!

E' nêste estado de espirito que a caserna se vae preparando para cooperar na Grande Mentira.

.....

Em dezembro de 1914 dá-se no sul de Angola, entre soldados alemães e soldados portuguêses, um recontro, que durou desde as 5 horas da manhã até as 9 ½, tambem da manhã.

Nem uns nem outros levaram a melhor, no valor prático da palavra combate.

No entanto, finda a luta e nêsse mesmo dia os portuguêses retiram para o Norte e, quasi a seguir, os alemães retiram para o Sul.

Esta é a a opinião do Soba da Douga, (1) que, na sua linguagem simples e desataviada de selvagem, disse a alguem, que o ouvio sobre o assunto, o seguinte:

— Alemão vem na terra do português e português veio esperar na terra dêle. Depois joga muita porrada, muita porrada, muita porrada!... Depois alemão foge na sua terra e português tambem foge na terra de português!

E' a mais sensata crítica militar que conheço sobre o combate de Naulila!

O negro chama-lhe *muita porrada* três vêzes; o cidadão português chama-lhe *una voce*:

«O desastre de Naulila!»

Os soldados que lá estiveram que agradeçam ao Soba da Douga o seu juizo, porque aos portuguêses que lá não estiveram é que não podem agradecer.

Este incidente militar demonstrou que a *mentira da Flandres* começava a produzir os seus efeitos desastrosos no campo prático da nossa política internacional.

Nunca estavamos a tempo e em maioria de força onde era necessario estar.

---

(1) Região indígena encravada no norte da antiga colónia alemã junto à nossa fronteira sul de Angola.

O exército, visto que não se podia antepôr à *diplomacia*, nem sequer era ouvido em tempo de guerra por esta, era a *bigorna*, em que a marrêta alemã demonstrava o errado caminho dessa *diplomacia* e dava as mais eloquentes e oportunas indicações (Masina, Kuangar e Naulila) para a mesma diplomacia *vêr* onde é que era; se era *aí* ou *lá*, na França.....

.....

Nesta maneira de vêr estou em muito boa companhia, pois em Angola, e antes de retirar para Metrópole, o ouvi repetir ao então governador geral de Angola, major Norton de Matos.

.....

O governo do general Pimenta de Castro, perante a sublevação em massa dos indigenas do sul de Angola, e perante a perspectiva de um novo ataque alemão e tambem mediante um pedido do oficial a quem tinha sido confiada, no sul de Angola, a alegação *efectiva* da nossa soberanía, remeteu para aí 8.000 homens, em levas sucessivas, sob o comando do general d'Eça.

Este oficial general, quando ministro da Guerra e no ministério que dirigia os destinos da governação pública ao estalar a Grande Guerra, recusára em conselho de ministros, o envio de reforços pedidos à sua chegada à colonia, pelo tenente coronel Roçadas.

Êste soldado inteligente, conhecedor do assunto e sereno, previu *ao ver de perto* o caminho que as cousas no sul de Angola íam levando, e *viu* a exiguidade das fôrças à sua disposição para a vigilância e defêsa eficaz de tão extensa linha de fronteiras.

O êrro de Naulila foi pouca gente, pouca mobilidade e pouco armamento. Mais nada. O *desastre* foi só êsse.

O General Eça, ao tomar tal resolução, recusou ouvir a voz da razão e da *verdade*. Mêzes depois

êle e a *sua* divisão, que destinava a França e de que contava ser comandante, eram em pêso *requisitadas* pelo tenente-coronel Roçadas, que, ao pedir soldados e peças, indicava o seu numero e, como o efectivo total era grande para um comando de sua patente, *requisitou* tambem um general!

Que esta lição sirva às futuras gerações militares para ouvirem a voz da razão, de preferência à voz... da vaidade humana, que é preciso não confundir com o brio.

X

General Pereira d'Eça

Futuros Camaradas:

Nunca engeitem a voz dum camarada, que clama por socorro de longe; seja êle quem fôr, ainda que seja o vosso maior inimigo. Porque a única, a grande vítima dêsse abandono é sempre o soldado, que só tem por missão receber ordens e é o *último* na escala da hierarquia militar e por isso mesmo é a *vítima* passiva e sempre obediente das resoluções e determinações dos seus superiores que são todos... menos êles!

Esses 8.000 homens de refôrço no sul de Angola apenas tiveram para os alemães uma ação desmoralisadora e nada mais.

Não chegaram a bater-se com os alemães, que nos primeiros dias de julho se entregaram aos inglêses.

E' certo que, se não tivesse sido remetido êsse refôrço, talvez os alemães se não entregassem tão cêdo e tentassem refugiar-se em som de guerra nos nossos territórios, o que lhes era fácil e êles bem o sabiam.

No entanto, se quando o tenente-coronel Roçadas foi com êle tivessem ido 8 ou 10.000 homens para Angola.....

....

mas... não foram então e depois serviram para debelar de vêz, ou, pelo menos, por muitos anos, qualquer tentativa de insurreição ou rebelião dos indígenas aguerridos do Sul de Angola contra a nossa soberania.

Essa campanha (Cuanhama, Cuamato e Evale 1915) foi árdua para as tropas e difícil para o papel dos comandos. A linha de étapes era extensíssima, perto de 600 quilómetros, e a quantidade de bôcas a alimentar era fóra do comum até aí adotado nas nossas guerras coloniaes. O terreno era de uma aridez enervante, listrado de matos enfesados e cheios espinheiros; a rara e exígua quantidade de água que havia pelo caminho era lama; o solo que se pisava era arenoso e movediço, marchava-se no meio de uma atmosfera de pó que irritava os brônquios, produzindo uma tosse constante. Para muitos foi uma marcha para o inferno, para outros foi uma morte gloriosa e pela Pátria!

Esse choque das Armas Portuguêsas contra a submissão dos cuanhamas e rebeldía dos cuamatos, Humbis e Evales, foi, na epopeia das nossas guerras coloniaes, das quaes a primeira foi a tomada de Ceuta, a maior fôrça em numero e armamento com que nós, portuguêses, tivemos que nos defrontar até hoje.

Eram aguerridos, numerosos e armados e municiados como nenhuns até hoje.

Nessa campanha o General Eça ía sofrendo o castigo da sua passada indiferença pelo socorro pedido um ano antes pelo seu camarada.

A coluna do centro (cuanhama) cujo objectivo era a embala do soba (N'jiva), esteve cercada, com as comunicações cortadas pelo inimigo e com os escassos víveres quasi consumidos. Estavamos a meio caminho do objectivo.

O general Eça chegou a pensar na última das soluções!

Essa alma de aço chegou a pensar em dar um tiro na cabeça, no caso de ter que retirar e ao chegar ao Cunene, rio que tinha necessariamente de atravessar, no caso da coluna se ver obrigada a retroceder.

Era mêdo?

Mêdo de quê ou de quem!?

Não, não era mêdo. Nunca o podia ter sido porque era sensação para êle desconhecida. Mas era o brio do soldado que não consegue cumprir a sua missão e... quem sabe?... talvez a voz da consciência tambem a acusa-lo, nessa hora de crise, por ter recusado atender o anterior pedido do seu camarada tenente coronel Roçadas. Se assim foi, só êle o ficou sabendo...

.....

Para mim, o general Pereira d'Eça foi um chefe que durante essa ardua campanha, e depois dela até á minha ida para França, mostrou ter por mim aquela consideração que um soldado velho e feito pode ter por outro, que procura sempre cumprir o seu dever.

Não deixou documento algum escrito sobre o assunto, mas em público e em todos os actos oficiaes, sempre que me encontrava, dava bem patentes provas da sua consideração pessoal por mim, e isso me bastava.

.....

O general Pereira d'Eça foi a última viga de aço que representava o símbolo da passada disciplina militar no Exército Português. Nunca partiu mas... a política democratica conseguiu dobrar essa viga mais vêzes do que seria de esperar. E d'aí quem sabe se dobrou menos vêzes do que *êles* esperavam...

XI

A mentira da Flandres

A nossa *diplomacia,* aquela que sempre se antepoz ao exército que teria de se bater aqui ou acolá, mas só onde fosse preciso e útil, não *compreendeu* êstes avisos sucessivos, e em Moçambique iam reproduzir-se os mesmos fenómenos, os mesmos avisos, os mesmos desastres, mas mais agravados e mais eloquentes.

Pois se a nossa *diplomacia* era cega, não *via* nada, porque não queria vêr, e tambem não *via* porque a escola de *tesura* se tinha novamente apossado do poder!

Apossara-se do poder numa *bernarda,* misto de motim popular, insubordinação militar e revolução.

Foi o «14 de Maio», o grande, o maior desastre para as tropas que estiveram depois na Flandres.

A História o julgará!

.....

Assumiu, depois de um ministério de transição, como costuma haver em seguida ás *bernardas* de maior ou menor vulto, as *honras* de chefe do governo da *Grande Guerra,* e tambem da *Grande Mentira,* o estadista que em 1914 tinha anunciado no Parlamento o lêma dos nossos deveres no conflito europeu.

— «Para tudo que fôr preciso e até onde fôr preciso» —

Havia tambem um ministro dos extrangeiros.

Mas quem inspirava a política internacional era o doutor Afonso Costa.

Quiz ser então a figura culminante e por isso agora dificilmente sairá do banco dos réus e dos vários *patíbulos* com os carrascos sempre prontos á primeira voz.

Tinha-se restabelecido do acidente do «elec-

trico», onde, como disse, não manifestára *mêdo*, mas só legítima defesa.

João Chagas, embaixador português em França, de braço dado com o doutor Afonso Costa, *urdia* aí a *grande mentira*. Alem disso, o doutor Afonso Costa andava como uma dobadoura, e tambem como um *ratinho*, um pouco por toda a parte, Paris, Londres, Madrid etc. etc.. Ia tambem dizer Berlim, mas não; aí nunca êle foi, pelo menos durante a guerra.

Desconheço a ação ou o móbil que levou o nosso embaixador em Paris a ligar-se com afan á ida das nossas tropas para a França, mas desconfio que por ali andou *abobada d'aço ou pelicano a arrancar as penas do pescoço...*

Quanto á *tenacidade* do doutor Afonso Costa, não me resta dúvida; foi um novo acesso de *tesura* — a 3.ª parte do seu programa.

— No «front» ocidental é que *os rapazes se haviam de bater como devia ser;* isso das Africas era só com pretos... uma cousa sem brilho!

Na França é que era a Grande Guerra! Na Africa ninguem falava!

E no entanto — oh! previsão humana — o primeiro heroe de toda a Grande Guerra, aquêle que foi só êle e não todos, foi um Soldado d'Africa.

O intemerato e bravo Von Letoff.

Petain teve Verdun, mas foram todos, general e soldados; Foch teve o 2.º Marne, mas foram tambem todos, êle e os soldados; Beaty teve a vitória da Juthlandia, que pertenceu não só a êle, mas tambem á Marinha Britânica.

No Leste-Africano foi *só Von Letoff!!!*

Amanhã será um inimigo de Portugal?

Bater-nos-hemos nessa ocasião, mas emquanto não chegar êsse dia, se êle chegar, eu não posso deixar de aqui manifestar a mais alta expressão do meu profundo respeito por êsse bravo soldado do Leste Africano!

E, caso curioso; quando o doutor Afonso Costa regressava do estrangeiro e a nossa *diplomacia* começava a dar as últimas demãos na partida das nossas tropas para a França, começava o alemão, ao Norte de Moçambique, a dar uma nova lição á nossa *diplomacia*.

Martelada sobre martelada, o Soldado Alemão Von Letoff, capitão, general ou fosse o que fosse, levava de vencida, varria, baralhava e enrodilhava, até ao dia do Armistício, as forças inglêsas e portuguêsas que, em destacamentos impotentes, defendiam Moçambique dêsse *fantasma*, que muito se deve ter rido da ingenuidade do general Sêmith, quando, em Setembro de 1917, êste chefe militar anunciou ás cinco partes do mundo que a questão dos alemães no Leste Africano estava... por dias!

Pois teve que os *gramar* por mais *um ano e picos!*

.....

Continuando.

Lá na França é que era; na nossa casa, espesinhada e invadida a todo o instante pelo alemão, atrevido e decidido, é que não era senão por... desfastio!

O *têso* era na França!

Aí é que a *coisa* ia ser falada!

Que ingenuidade!!!

.....

Que mal fariam os soldados a Deus, ou ao Diabo, para aturar isto tudo?

Refiro-me constantemente aos soldados e é essa, por assim dizer, a minha unica preocupação, e se acuso, se protesto, se me queixo, é por êles e só por êles.

Não receio ser tomado como lisonjeiro de massas ignorantes porque estão já todos nas suas terras e aldeias, onde só por acaso chegarão estas linhas e, além disso, a maioria... não sabe lêr!

Mas é que eu tenho que dar uma satisfação à

minha consciência perante os homens e bem publicamente porque ordenei a bastantes dêles que antes morressem no seu posto do que abandonassem os logares em que serviam de muralha.

E *Eles,* todos, cumpriram SEMPRE essas ordens minhas, sendo *vítimas* dêsse *dever,* meu e d'êles!

E eu via a todos os instantes nêsses homens, vítimas escusadas, não da *Grande Guerra*, mas da *Grande Mentira!*

Foi grande, foi enorme êsse meu sofrimento moral, e, embora coberto de medalhas e de louvores, não há nenhuma que me pague a revolta constante, o sacrifício mudo e tambem a quota parte do remorso que sinto por ter sido, até certo ponto corista, pelo menos, nesta grande tragi-comedia!

XII

Desafronta!

A guerra na Flandres era pela Liberdade?

Pois eu estive lá só pelo *ardil,* que é sempre uma rêde de mentiras convencionaes.

Era tambem na Flandres a guerra em defêsa dos pequenos povos.

Mas eu *vi bem* que os soldados todos que lá comandei, e nem tão poucos foram êles, que êsses habitantes do Pequeno Povo que é Portugal, não se batiam *lá* pela Pátria, mas apenas, e só, pela Raça!

Tambem lhes disseram que lá íam pela Humanidade!

Que ironía!

Eles nunca compreenderam essa humanidade que os livrava da África para os meter na fornalha da Flandres!

Eu só lhes ordenava:

— Mata, como puderes!

— Defende-te como te ensinei!

— Se não puderes nem matar, nem defenderes-te, morre! Mas não me perguntes nunca porquê!

E quando Eles matavam eu... ficava espantado!

Quando se defendiam como leões... admirava-os!

Mas quando Eles morriam... eu tinha remorsos!

Eis o meu grande sofrimento.

E porque me obedeciam êles cegamente!?

Eu não estava sempre ao pé de cada um. Os outros oficiaes tambem não; os sargentos do mesmo modo estavam ora por ali ora por acolá!

Porquê era então isso assim?! Porquê era essa obediência impassivel!?

Era a impassibilidade estoica dos martirisados, era só a carne, escravisada pelo exílio forçado e pela Raça!

E eu sofria constantemente o pesadêlo da Mentira e o remorso do Crime, contra a Razão!

Tambem lá estavamos pela *razão*, ia-me esquecendo de dizer.

E' certo que sei e sinto que os defendi quanto poude e êles, felizmente para a minha consciência de homem, tambem o sabem.

Mas perante a minha consciência de soldado tambem sei que nenhum logar deixou de estar defendido para que fosse poupada uma só vida!

Os mortos e os mutilados tambem sabem isso *muito bem*.

Onde era preciso estarem, estavam; onde não era preciso exporem-se, abrigava-os e defendia-os.

Eis a minha figura *paradoxal* para bastantes oficiaes camaradas meus na campanha da Flandres.

Eis o motivo de muita retaliação, de muita censura e até de algumas calúnias!

Eis os meus delitos aos olhos de certo mundo agaloado do C. E. P.!

Alguns chamaram-me louco!

Talvez assim seja, mas com a condição de se chamarem às vêzes *loucura* a *verdade* e o *dever*.

A acusação mais grave era a de que eu *irritava o boche* e que era uma espécie de pimpão irrequieto nas linhas. Foram só oficiaes que disseram isso; os soldados nunca o disseram, nem mesmo o repetiram ao ouvir a insinuação.

Mas o mais afrontoso ou, antes, onde estava a insídia da calúnia era na melíflua sugestão (melíflua e torpe), de que eu jogava a vida alheia com os meus ímpetos de pimpão e talvêz de *têso*!

Enganam-se êsses manequins da calúnia humana, porque na Flandres, ao lado d'Eles, dos martirisados pela mentira e pelo exílio, nunca poupei o meu *cadáver*!

Garantem êste facto perto de 3.000 mil soldados que me passaram pelas mãos e algumas dezenas de oficiaes dos que me ajudaram sempre de alma e coração!

Como Eles, os martirisados, estive sempre onde era preciso estar; e como Eles nunca expuz a minha vida para que os outros me admirassem.

Tenho a certêsa moral e íntima duma cousa e de outra.

Será isto a tal loucura, a tal doidice ou mesmo idiotia?!

Só conheci a vulgar heroicidade que o dever ordena; nunca conheci outra.

Ofenderam-me êsses manequins?

Não. Beliscaram-me apenas, uns; outros foi como se me fizessem cócegas e êstes ultimos apenas me fizeram sorrir *de desprêso*.

Aos primeiros estimulava-os a inveja!? Mas de quê?! Do dever cumprido em nome da Raça?! Mas isso, imbecís, para mim foi só e sempre um sofrimento horrivel e exgotante!

Era disso que tinham inveja ?!

Que loucura! digo eu agora

Quanto aos outros queriam apenas desculpar-se

de fraquêsas intimas e de sustos mal reprimidos. Estes eram os que me faziam sorrir de desprêso. Estes não eram loucos; eram apenas creaturas que se julgavam.. *espertas*!

Para êsses *loucos* e para êsses *espertos* aqui fica a resposta, que vem tarde, mas... é escrita, e, apesar de não ser em obra que nome venha a ter, sempre há de ficar algum exemplar a amarelecer com o tempo, para perdurar na tradição e até na lenda a derrota final dos *loucos* e dos *espertos*.

Disse: *senhores agressores profissionaes*!

XIII

Norton de Matos

Este nome é o da mais paradoxal figura da nossa politica da guerra.

Este nome foi, e ainda hoje é, o ódio, a admiração, a sugestão, a revolta, a simpatia e a repulsa!... tudo isto simultaneamente!

Este nome *marcou*, principalmente porque se prestou a chamar a si toda a tempestade que agitava a questão da ida das tropas para França.

Com a sua psicologia de ardente e inesgotavel trabalhador, prestou-se a ser o «Condestavel» — *do Tigre sem garras*. Esse homem foi, ao mesmo tempo, um tirano despótico para o país e uma vítima passiva da diplomacia *mentirosa*. Esse homem foi insultado, adorado e caluniado; foi tudo isso de uma só vêz!

Esse homem, na questão chamada da guerra, foi *só êle* tudo o que toda a gente quiz que êle fosse!

Era a ambição sem limites que o fazia vibrar, reagir, teimar e trabalhar?

Não sei. Porque se êsse homem tem como estímulo a ambição desmedida do culto externo, tem, tambem um predicado que nêle é quasi uma *lou-*

cura. Esse homem tem uma paixão desmedida, que é a ância inexgotavel de trabalhar, trabalhar sempre, nunca deixar de trabalhar!

E' uma máquina furiosa de atividade e de trabalho sem limites.

Podia dizer dêle que era superiormente inteligente, organisador por excelência, patriota como ninguem e dedicado de corpo e alma ao superior bem e grandeza da sua Pátria. Mas assim não definia a minha ideia e caíria no vulgar *nariz de cera* da lisonja banal, porque êle tem um valor diferente que, sem ser por vêzes oportuno, é e não pode deixar de ser um *valor notável*. O que êle é acima de tudo é um abismo inesgotavel de trabalho, de atividade e da inteligência e energia que deriva dêsse seu valor.

E' esta a impressão que deixa em todos quantos de perto lidam com êle.

E' impetuoso? Sem duvida. Mas todos êsses ímpetos, toda essa força emanente que êle põe em todas as suas palavras e em todos os seus actos é derivada da pressão altissima de todo o seu trabalho mental.

Tudo aquilo háde saír cá para fóra, não em ideias, mas em realisações. Embriaga-se com factos, não se desvanece com ideias.

Fazer! Fazer! Fazer sempre qualquer cousa.

Esta qualquer cousa é sempre uma cousa grande, enorme, monumental; é talvez um idealista, mas um idealista de realisações.

Agarra na ideia que o seu estudo ou a sua concepção gerou, e outras vêzes alguem forneceu, e mete-a na sua *máquina* cerebral.

Aí posta essa ideia, é partida, quebrada, triturada e por fim pulverisada. Depois faz dela uma argamassa que vira e revira em noites de vigília, em madrugadas de trabalho insano; por fim, ao encontrar a fórma definida de que precisa, faz o molde, mete lá dentro a massa fluida da ideia e,

fundindo-a ao calor da sua paixão, deixa-a resfriar lentamente, gradualmente.

Forma assim um bloco sólido, duro, resistente, com arestas vivas e planuras ou faces brunidas e relusentes de brilho.

Feito isso, com o arreganho de um fundibulário romano, medonho de fúria sem limites, lança o bloco ou pedra rijissima com a intenção de esmagar tudo e todos que encontrar no caminho.

Eis o *homem*.

Pensa muito em realisações; fala, berra, grita, gesticula, congestiona-se, mas toda esta tempestade é em volta da ideia em que está trabalhando e não descansa em quanto não a vê transformada em realisação.

E' uma máquina potente e quasi feroz quando atua.

Na preparação, organisação e envio das tropas para a Flandres, foi só êle, foi êle o único que, logo que se aferrou á ideia de os enviar, não dormiu uma hora mais, não descançou um minuto mais, não entregou por um momento sequer o seu espirito á tranquilidade.

O que começou por ser uma hipótese, passou a ser um programa; quando o programa estava quasi idealisado passou á organisação técnica dêsse programa; ainda esta não estava completa e deliberou passar á realisação.

Foi a paixão politica que o arrastou? Não sei. Talvez êle mesmo esteja convencido disso, mas a quem o viu de fóra e um pouco de longe ficou apenas a impressão de que foi, acima e sobre todas as paixões a sua tára formidavel de trabalhador indomavel, se *tára* se pode chamar a essa sua faculdade admiravel! Trabalhar na ação e não deixar descansar a ideia!

Tenho conhecido alguns *trabalhadores infatigáveis* da ideia.

Tenho conhecido tambem muitos trabalhadores infatigáveis no campo da ação.

Acumulando as duas características de trabalhador que não cansa nunca, só êsse homem e poucosmais.

Mas acima de Norton de Matos nenhum conheço; como êle não me lembra nenhum nêste momento.

Correu em Lisboa, com certo sucesso, uma fita animatográfica intitulada o «*Tanque*» *Humano*. O enredo é, como o de todas as fitas americanas, de uma infantilidade banal, que chega quasi até á fantasia que a estupidez fornece.

Mas há aí uma figura, uma máquina de fórma humana, que trabalha dia e noite e a que nada resiste, nem na ideia, nem na ação.

E' uma máquina de ferro, constante, impiedosa, poderosa, irresistível.

Pois Norton de Matos foi então, e ainda está sendo, neste momento em Angola, o «*Tanque*» *Humano!*

Estou convencido de que não é todo êste amontoado de comentários o que mais pode agradar á naturêsa e inevitável fragilidade humana do colonial e homem público que é Norton de Matos.

Agradar-lhe-ia mais o chamar-lhe general, talentoso, enérgico e, por assim dizer, a figura dominante no nosso exército, durante toda a participação de Portugal na guerra.

Mas eu sinto, em meu juízo, (que, embora falivel, é o meu e não o de mais ninguem), que Norton de Matos é um grande valor no campo que acabei de definir, sem desprimor para os outros predicados que decerto não podem ser de naturesa escassa, visto que sem êles não poderia alcançar as posições, por vêzes formidaveis, que tem tomado de assalto.

E', pois, uma coragem sem limites no campo da ação.

Perante o *ciclone* que trabalha *a ideia e a ação*, como nunca vi, eu devo-me curvar sinceramente e sem custo, ou antes de bom grado!

Mas há tambem mais forças poderosas cá por êste mundo e uma delas é *A Verdade*.

Em mim essa força patenteia-se pela fórma exterior da *sinceridade* e com ela desafio tudo e todos, inclusivé a força de ação que emana do «*Tanque*» *Humano* de Norton de Matos.

Na nossa participação na guerra toda de 1914 a 1918 houve bastantes soldados bravos e decididos, houve bastantes sacrificios individuais, houve de tudo o que há numa guerra. Não houve figuras militares de primeira plana; só houve soldados, só houve *raça*. E não admira que só houvesse *raça*, porque o Exército Português começou-se a esfrangalhar em 1906. E se então pouco havia em materia prima para agora aparecerem figuras militares *dominantes*, êsse pouco chegou até aos nossos dias em estado semelhante *ao todo*, que é o Exército.

Abalou-se a disciplina, deslocaram-se funções, tratou-se a coesão moral do exército aos pontapés e como resultado o exército português, durante o grande conflito, só prestou para guerrilhas, que ali e acolá ejacularam o valor da raça, *e mais nada*.

Ninguem se atreverá a acusar-me de espírito demolidor do bom nome do exército a que pertenço, nem mesmo Norton de Matos, apesar de toda a sua força, que eu aprecio, mas não temo, porque, se êle dispõe das suas estrelas de general, do valor prodigioso da ideia e da força tenaz do seu trabalho, eu disponho de uma força que *nada é capaz de vencer*, porque disponho da *Verdade!*

Essa temerosa verdade que eu vi, ouvi e senti em A'frica no ano de 1915 e em França durante os anos de 1916-1918 e parte do de 1919.

Não julgue tambem algum espírito ligeiro de observação superficial que pretendo incutir no espírito publico a ideia de que no meu país eu posso ter ou vir a ter predicados para sêr uma figura militar de primeira plana!

Em letra impressa, alguns livros sobre a nossa

estada na Flandres chamam-me várias cousas — *a mais nervosa figura — a mais inconfundível, estranha e forte figura de soldado da nossa guerra* — etc., etc., isto alem de muitas outras referências indiretas á minha humilde pessoa.

Com tudo isso, com toda essa prosa e *verso*, eu, em boa consciência, nunca cheguei a sêr a mais modesta figura militar do C. E. P. porque não é possivel ser-se militar onde não ha exército.

Porque apelei sempre para o valôr da Raça, não passei de um vulgar guerrilheiro; e como as minhas funções me entregaram algumas centenas de homens para combater, não passei dum vulgarissimo chefe de guerrilhas, sem concepções militares, sem disciplina regularisada, sem respeito à formula e até sem o respeito convencional a que a hierarquia obriga.

Se me engano, quem quiser que emende, para peor, porque para melhor não consinto, não por modestia, mas em homenagem á *Verdade*.

Eis uma das rasões, — a mais forte — porque não digo nem direi nunca que Norton de Matos foi a primeira figura militar no nosso país durante a questão chamada da participação na guerra.

Não foi, nem deixou de ser. O seu papel foi aplicar a sua energia progressiva, geometricamente progressiva porque não se somava, multiplicava-se, a um programa que a nossa *diplomacia* lhe indicou.

Para denegrir os seus predicados mentaes e a sua resistência física ao trabalho propulsivo e sempre progressivo, a politica adversa ao programa da nossa *diplomacia* chamou-lhe um *grande teimoso*.

A acusação ou é apaixonada ou falha de observação, porque o teimoso tem uma característica que é o aferramento a uma ideia e resistindo — no mesmo terreno. Ora Norton de Matos avança sempre e nêsse avanço a sua ância é insaciavel.

Deram-lhe como programa o envio duma divisão; depois passou à realisação da ideia de um *corpo d'exército* e estou convencido de que, se o deixassem alemães e portuguêses, Norton de Matos avançaria até á concepção de um *exército*, e da concepção à realisação Norton de Matos nunca hesita.

Tudo isto ou, antes, esta sua característica formidavel vale bem mais do que todo o talento, toda a inteligência e todo o valor pessoal que lhe queiram atribuir os que o incensam e adulam.

O seu valôr todo vale bem mais do que essas palavras consagradas pelos mais vulgares dicionários da lingua portuguêsa curriqueira, porque o valôr de Norton de Matos está na fusão sólida de um blóco rijo de todos êsses predicados e mais um que se evidenceia por uma exteriorisação espectaculosa sim, mas real e efetiva.

Nunca dirigiu uma campanha? Nunca se bateu em combate? Não se bateu na Flandres e só lá esteve de passagem e por algumas horas?

Todos nós sabemos isso; êle mesmo o diz francamente em público.

Mas, pergunto eu: se Norton de Matos se tivesse batido em toda a parte durante toda a sua vida, a mentira da Flandres passaria a ser uma verdade?

Pelos ataques pessoaes que lhe teem dirigido sob este ponto de vista, parece que sim!

Êsse homem foi muitas vêzes vítima dêsses ataques ao seu brio pessoal, por culpa dos propagandistas estúpidos e ferozes da ideia da ida das tropas para a França.

Essa malta, na sua maioria, recorreu ao insulto, não para convencer, mas para *calar* e d'aí o chamar cobardes em altos berros aos oficiais do exército que punham em dúvida a eficácia e necessidade de tropas na Flandres.

Estes, por sua vêz, retribuíam o insulto, atirando com êle aquêle a que, por suas funções, não competia ir nêsse momento.

No logar dêle, *lá*, podia estar qualquer oficial do nosso Estado Maior; no seu logar, *cá*, só uma pessoa podia estar e essa pessoa era êle e só êle.

Todas as mais graves acusações que lhe fazem, quer civis quer militares, debaixo deste ponto de vista, todas essas insinuações que só procuram ferir o seu amor proprio, provam a lógica do meu raciocínio anterior.

Errou no seu acordo incondicional com o programa do *tigre* sem *garras?*

Eu èstou convencido que sim.

Errou na organisação do C. E. P. que enviou para França?

Ora aqui é que há a destrinçar varias cousas.

Precisamos não esquecer que Norton de Matos não tinha á sua disposição exército na acepção orgânica da palavra.

Ele apenas tinha gente, algum armamento e algum material.

E desta gente e destes poucos elementos tirou todo o partido possivel. *Êle e só êle!*

Podia fazer mais só com isso? Todos sabemos sinceramente que não.

De resto, comandei em França dois batalhões (o 15 e o IX.º) bem como o grupo de baterias de morteiros da 1.ª divisão e nêsses campos de actividade que me entregaram nunca me fizeram falta sensivel as deficiências que possam ser atribuidas ao mau trabalho de Norton de Matos.

Nunca tive o quadro de oficiais completo no batalhão de infantaria 15, que primeiro comandei, mas não os teria egualmente se todos os dias me adoecesse, ferissem ou matassem algum ou alguns dêles e nem por isso eu diria que tinha que ou retirar das linhas ou entregar-me ao inimigo. E isso disse-se *lá*, com mais frequência do que seria para desejar!

E' caso para perguntar: se Norton de Matos esti-

vesse nas linhas a combater, quem disse isso *não o diria?*

No entanto o que êle, Norton de Matos, para *lá* mandou sempre serviu para estar permanentemente nas linhas durante um ano e ainda ficou qualquer cousa que durante duas horas e meia opoz resistência ao avanço de muita infantaria alemã que até 18 de julho de 1918 se trenou e habituou a ver recuar deante de si inglêses, francêses, italianos, belgas, servios, russos, romaicos e tudo quanto lhe aparecia pela frente.

Para amador e para teimoso, sempre é alguma cousa.

Não obstante, para mim, cometeu um erro enorme de origem que nunca lh'o ouvi ou vi atirar bem de frente e á cara, como os que lhe teem atirado de crítica cáustica e de insulto sem limites.

Norton de Matos não escolheu os chefes de tropas, nem exigiu, com aquela intimativa que todos lhe conhecemos, que lh'os escolhessem.

E o grande naufrágio moral do C. E. P. em França derivou desta deliberação ou, antes, da falta dela.

Até capitão quasi tudo serve; d'aí para cima há que escolher. E' certo que a campanha é uma boa fieira, mas no nosso caso — todos o sabemos sinceramente — antes de organisar qualquer cousa deveria ter-se escolhido um enorme punhado de gente dessa que na ocasião do perigo se conforma com tudo e até com a *mentira!*

E para o primeiro impulso tinha assim as fundações sólidas do seu edificio em França.

E não me diga alguem que êsse papel está confiado aos generaes. Num exército regular e cheio de coesão moral assim é, e Norton de Matos, que a tanto detalhe por vêzes desceu para o envio de tropas para França, devia tambem ter descido a mais êsse detalhe fundamental.

Mas não quiz ou não poude fazê-lo e deixou-se

caír como um descuidado no grande alçapão da *escala!* Eis o seu êrro fatal, o maior êrro! Essa lacuna preenchi sempre eu *lá*, porque, umas vêzes com geito, outras vêzes com oportunidade, outras vêzes à bruta, escolhi sempre *a minha gente* e dispensei aquela que por qualquer circunstância me podia abalar os meus pequenos edifícios de RAÇA que lá construí.

Portanto êsse êrro de origem, e tambem o maior de Norton de Matos, não o senti *lá*, ou, por outra, removi-o. Quanto aos outros não chegaram até mim nunca.

Lá tive alferes que não trocava por capitães, lá tive capitães que não trocava por majores e tambem tive sargentos que não trocava por alferes.

Quer isto dizer que tive lá alguns maus alferes e alguns maus capitães?

Não. Quer apenas dizer que consegui ter sempre os melhores capitães e os melhores alferes.

Não procedi como militar? Não, decerto; mas onde não há exército regular só póde haver guerrilhas e eu, repito, nunca passei de um chefe de guerrilhas. Nem a minha preparação profissional nem a matéria prima à minha disposição davam para mais.

Norton de Matos mandou muita pedra bôa para França, mas não escolheu a argamassa, de modo que o edifício derruía, por vêzes com estrondo, aqui, ali, acolá.

Não havia matéria prima escolhida para organisar todo o C. E. P., nem mesmo a primeira divisão que partiu?

Mas havia para organisar sólidamente os primeiros núcleos que partiram e êsses fariam a escola da RAÇA, que tanto lá faltou.

O resto ía depois e não podia resistir nem reagir à intensidade da corrente.

Foi assim, Ex.mo General, que se estabeleceu a escola das campanhas de 95 e subsequentes de Moçambique e dessa vêz tambem a política estabe-

leceu correntes agressivas para o brioso ministro da Guerra Pimentel Pinto, que tambem não se bateu nunca em Moçambique, nem em parte alguma. Nunca teve ocasião para isso.

Tive alferes que me *trouxeram* outros alferes, capitães que me *trouxeram* outros capitães, tive tenentes *trazidos* por outros oficiaes, eu mesmo *fui buscar* duns e doutros e só por isso tenho o peito chamarrado de fitas.

Foi só por isso, Ex.mo General. Fui dos poucos oficiaes de trincheira que em França nunca peguei numa espingarda, não usei revólver, nem disparei um tiro, embora andasse com frequência por meio dos soldados. Eu era só para os vêr; êles todos é que davam tiros e atiravam granadas e «very-lights».

O êrro fundamental, sob o ponto de vista militar, que Norton de Matos cometeu ao fundir o bloco das suas concepções organisadoras do C. E. P. caiu como chuva e lama sôbre os soldados e até sôbre muitos oficiaes que em França seriam capazes de se bater rijamente pela RAÇA, e digo pela raça porque pela Pátria ninguem se podia bater, porque ninguem se bate com valor pela *mentira* senão quando voluntariamente se põe ao serviço dela; e mesmo assim é mau isso porque sempre se perde qualquer cousa de valor que é a — *independência de carácter*.

O C. E. P. em Portugal começou pela escala — o que só serviu para diminuir valores e falsear a própria *escala*.

Em França seguiu-se a mesma orientação e portanto o C. E. P. gerou-se numa má *escola* e *lá* foi sempre essa mesma escola!

Que, pois, Norton de Matos se não queixe dos oficiaes portuguêses, sem se queixar tambem e muito dêste seu grande êrro.

De resto o alto Comando Britânico mais de uma vêz chamou a sua atenção para a necessidade absoluta dessa escolha, mas encontrou sempre

orelhas moucas. O ministro da Guerra Norton de Matos sabe isso muito bem.

Foi tambem em virtude dêsse êrro de origem, em que se continuou a persistir depois de estarmos em França, que o general Garcia Rosado encontrou pela frente em Londres uma recusa formal do govêrno inglês em aceder à reorganisação do C. E. P. sem que os comandos superiores das tropas, de coronel a major, fossem exercidos por oficiaes inglêses. E a exigência ia até a alguns capitães!

Não só o Dezembrismo levantou dificuldades à reorganisação do C. E. P.

Tambem a falsa noção de camaradagem, a falta de energia que a indisciplina de anos seguidos deu ao nosso Exército e tambem a resistência passiva às justas observações do Alto Comando Britânico, desde a nossa ida para a Flandres até 9 de Abril, levantaram dificuldades, e não pequenas, à reorganisação do C. E. P. ou mesmo das tropas que lá ficaram até ao armistício.

Isto, Ex.mo General e antigo ministro Norton de Matos, é preciso que tambem se diga bem alto ao país inteiro. E' até preciso que se diga mais alto do que se disse que, se não fossemos à Flandres, perderiamos as nossas colonias.

O primeiro ponto é verdadeiro; sôbre o segundo há dúvidas que ainda não desapareceram

Não pareça que esta minha inconfidência ou inconveniente declaração é um apelo a uma aceleração na minha promoção.

Hoje estou procurando um derivativo na minha vida e nêsse derivativo não tem importância nem valor nenhum o posto ou a minha categoria na escala hierárquica.

Alem do que nunca procurei durante a minha carreira de oficial saber o meu numero de ordem no almanaque do exército.

Para mim todos os postos teem sido e são bons.

A promoção, afinal, no nosso exército, está em teimar no viver.

Os majores não quizeram, terminada a guerra, prestar as suas provas de posto, uns porque estiveram em França ou África e outros porque, tendo chegado a tenentes-coroneis sem exame ou tirocinio para majores, julgaram desprimoroso o fazerem as provas para major.

Os alferes milicianos, seguindo o exemplo eloquente dos seus superiores, recusam-se egualmente a dar as provas finaes da sua frequência de um ano de Escola de Guerra.

Isto tudo é o fim, até que chegue um dia em que a fôrça das circunstâncias ou o acaso obriguem a baralhar as cartas tôdas para fazer jôgo novo.

Gente que só diz saber a guerra a valer e não a quer fazer escrita e falada deante de um júri tem muito mais que se lhe diga do que tem quem nunca foi à guerra.

.....

Não tenho elementos seguros para avaliar do *momento* em que Norton de Matos, um dos mais vigorosos homens públicos que o actual regímen tem ao seu serviço, caíu no laço que lhe armou o doutor Afonso Costa, e, tornando se solidario com êste, se atirou (como só Norton de Matos se sabe atirar) para o torvelinho, dança macabra ou loucura da ida de tropas para a Flandres.

Um dia talvez se venha a saber ao certo; ou é possível que só no tribunal de 2.ª instância se esclareça o caso, ou mesmo só se chegue à averiguação detalhada do assunto no grande e supremo tribunal da História.

No entanto êstes dois homens públicos tinham um ponto de contacto, apesar de terem temperamentos diferentes. O doutor Afonso Costa era um atrevido na acepção *própria* da palavra atrevido, o que exclue a idéa do insulto vulgar em linguagem

plebeia; o ministro da Guerra Norton de Matos era um voluntarioso obstinado.

Ambos eram, pois, dois *têsos*.

O diabo foi o alçapão das escalas e tudo o que estava antes dêsse êrro de palmatória.

Na Flandres, a escala, ao misturar-se com o brio e alguma competência, acabou por infectar o primeiro e por afogar a segunda, de modo que no fim era tudo **escala!**

Os inglêses passavam a sua gente á fieira; Foch egualmente o fez, Pershing, no dizer pitoresco de um oficial americano, deixara ficar na America os majores gordos que pesavam mais de 300 arrobas. Nós, foi tudo escala!

Premeditação, êrro ou falta de energia?

Um pouco de tudo!

XIV

O 14 de Maio

O major do corpo d'Estado Maior Norton de Matos, na chamada revolução de «14 de Maio» tivera um papel secundário e muito apagado. Como era membro da junta revolucionária e na sua qualidade de militar, acabára por fazer parte do ministério que se seguiu a uma trapalhada qualquer, que com o nome de ministério se seguiu ao «14 de Maio».

O ministério da *Guerra... á verdade* tinha como presidente ou chefe de governo o chefe do partido evolucionista, partido sempre moderado na *mendicidade*, na linguagem e na desordem.

O ministro das Finanças era o doutor Afonso Costa e o ministro da Guerra o major Norton de Matos.

O doutor Afonso Costa conseguira *apanhar* com a melhor das artes o chefe do citado partido evo-

lucionista, que, no meio do tumultuar dos ultimos ecos do «14 de Maio», procurava a *verdade* sobre a nossa ida para a Flandres.

Tambem o doutor Afonso Costa conseguira chamar a si o seu melhor e maior instrumento da *grande mentira*. Não seria para essa de princípio, mas seria para *o que fosse preciso*.

Com estas duas escoras, uma aguentando a guerra que a oposição do país fazia a essa grande confusão a que se chamou a nossa cooperação na Grande Guerra, e outra propícia a dominar na massa do exército qualquer relutância ao que se ia passar, o doutor Afonso Costa *montou o serviço*, para o que desse e viesse.

Como se sabe, os fundamentos da revolta contra o governo de Pimenta de Castro eram, além de muito alarido feito pela má perspectiva que se apresentava á *mendicidade* do P. R. P., vários, que tinham como fundamento o que acabo de referir.

Assim, dizia-se que Pimenta de Castro estava a atraiçoar o regímen républicano, a fazer o jogo da Alemanha e a cobrir com o seu nome a cobardia provada (*eles é que provavam*) dos oficiais do Exército Português.

Era, pois, preciso consolidar o regímen, declarar guerra imediatamente á Alemanha e atirar, aos pontapés, os oficiais do exército para os campos de batalha da França.

E foi para isto tudo que se fez, com a ajuda de alguns ingénuos e de muitos cúmplices do ardil infamante para o bom nome do país, êsse pronunciamento militar, misto de intentona e de bernarda. Emfim, mais um chinfrim do que uma revolução. O que não evitou que se matasse gente, pelas costas e pela frente, que o exército alvejasse com a sua artilharia alguns dos nossos vasos de guerra surtos no Tejo e que êstes, para lutarem com o exército, bombardeassem a cidade de Lisboa, aqui, ali, acolá!

A palavra *traição* foi o *mot d'ordre* que agitou essa quási infâmia a que se chamou o «14 de Maio».

Com êsse chinfrim o exército levou tal encontrão que os oficiaes passaram a andar vestidos à paisana para não serem insultados e espancados nas ruas pela canalha açulada pela *mendicidade* do partido democratico e até por soldados e marinheiros apoiados pelos bandos da mesma canalha.

E isto tudo se fazia no meio de gritos alcoolisados de Viva a Guerra!

A mais simples análise do futuro historiador não deixará de classificar êsses gritos como uma verdadeira guerra a Portugal e à raça portuguêsa.

Na Flandres cometeram-se crimes? Sem dúvida; mas o primeiro da série foi praticado em Portugal: foi o «14 de Maio»!

.....

Estava-se, finalmente, no caminho do brio e da honra; ía-se fazer luz clara sôbre a nossa situação internacional, até aí dúbia e indecisa; a sinceridade e o sentir do país íam sobrenadar no *mare magnum* de opiniões, alvitres e palavriado.

Finalmente, a decisão ía ser a grande palavra!

No país e principalmente em Lisboa íam-se ver repetidas as scenas emocionantes da França da Revolução! Os alistamentos ao som dos Vivas à Guerra íam provar que êsses vivas estridentes eram o sentir de um povo, de uma raça .. mas... a ânsia da luta e da desafronta degenerou em muito papel e muita tinta!

Deram-se batalhas formidáveis e o inimigo comum passou a ser um jornal que tinha o título de «A Luta»!

«A Luta» era o orgão da imprensa que traduzia o sentir e o programa do partido chamado Unionista, de que era chefe e inspirador o doutor Brito Camacho.

Esse chefe político foi *a primeira trincheira* que o partido dos Vivas à Guerra atacou com galhardia, com ardor e com aquela fúria de alma que só dá o

desespero... dos que mentem aos outros e até a si próprios, mas sem risco para a sua integridade física.

Escreviam colunas sem fim contra êsse fantasma da *verdade*; insultavam-no; amarfanhavam-no; e por fim até chegaram a caír no ridículo de írem berrar em chusma à porta do jornal *que queriam ir todos para a Guerra!*

Isto chega a ser espantoso!

O doutor Brito Camacho viu-se obrigado a elucidar os alucinados *mentirosos* que não tinha inscrição aberta para voluntários que tanto queriam ir arriscar a vida pela honra da patria. Vae com p pequeno, porque a pátria desses figurões era uma pátria lá dêles.

A minha sei que se escreve sempre com P grande.

A matilha e os seus condutores ficaram um tanto perplexos com a saída mordaz e oportuna do *grande traidor*, como êles chamavam desde o inicio do grande conflito ou, melhor, da *Grande Mentira*, ao doutor Brito Camacho.

Realmente êles sentiam-se, ou, antes, o doutor Afonso Costa sentia-se *atraiçoado* por êste chefe politico e o homem público.

O doutor Brito Camacho tinha a sua opinião formada desde o início do conflito e manteve-se sempre nela, por lógica e por coerência. A sua maneira de ver foi sempre a que ficou exposta quando me referi atrás ás palavras do doutor Antonio José d'Almeida e á maneira de o general Pimenta de Castro encarar o nosso papel oportuno e vantajoso no conflito.

De resto, todo o país conheceu bem a sua maneira de ver, não só pelo que êle dizia, mas, principalmente, pelo que os adversários lhe diziam ao atacarem-no.

O diabo foi o doutor Brito Camacho não ter logo ali aberto o alistamento dos *tesos*... de lingua.

Quando em 1916 cheguei a Lisboa, ido de An-

gola, estive para tomar uma deliberação ao ver a berrata de muito farçante.

Troquei mesmo algumas impressões com amigos e camaradas meus sobre a minha ideia.

Propunha-me arranjar quatro subalternos escolhidos por mim e seis sargentos que constituiriam os quadros orgânicos de uma companhia em pé de guerra que iria combater, assim constituida, na legião estrangeira, isto *para princípio de vida!*

A inscrição abria-se no ministério da Guerra e logo se começaria por instalar o quartel dessa companhia. Cheguei a ter dois alferes e três sargentos escolhidos e apalavrados para o meu *jogo*.

Mas... todo o *jogo* tem um mas, só á *nossa diplomacia* faltou êsse *mas;* mas havia condições; eu nunca *joguei* sem *um mas*, e de mais a mais tratando do meu rico corpinho ao serviço de uma *mentira ardilosa; mas* eu só partiria para França no caso de ter sob as minhas ordens, alistados e *superficialmente* instruidos, (o resto fazia-se lá) o efectivo de 250 homens. Havia ainda mais um pequenino *mas:* não seriam aceitas para o alistamento creaturas que uma mobilisação possivelmente apanhasse.

Dissuadiram-me disso amigos meus, fazendo-me ver que, não indo parar a França, com certeza, por êsse meio, iria mas era parar a Elvas ou a Valença *a tomar ares!*

Eu tenho a certeza de que com aquêles dois *mas* nunca saía de Lisboa, porque o menos que me sucedia era faltarem ao embarque umas boas dúzias de *tesos*.

Dir-me-hão os homens que deram os vivas á guerra que eu arranjava mil; mas como isso não se deu, tanta razão tinha eu como tem quem me possa contestar êste meu *palpite!*

De resto teria com certêza algumas dezenas ou talvêz uma centena dêles... mas não teria lá duas dezenas dos taes homens muito mal encarados que,

como disse, andavam pelas ruas a dar vivas á guerra, com a bandeira adeante e a musica atrás.

Esses tinham uma missão, que era mandarem os outros para a guerra e no fim dizerem — *Finalmente! Fomos para a guerra!...*

O que eu vi antes da partida das tropas, durante a partida, *lá* e depois de voltar, dava volumes sem conto, e com o sabor de nomes, factos, logares e datas, dava um cadastro estupendo da mizéria humana!!

Mentiu-se então muito, mente-se ainda hoje e continuar-se-ha a mentir.

Mas a História julgará sem ter necessidade de mentir, porque a História não é *mendiga*, nem ridícula, porque pode dizer tudo sem olhar a quem.

Quando chegará o dia em que que caia de vêz a venda que tapa os olhos à Verdade?

Com certêza muito tarde e tão longe que já não verei êsse dia; mas a Ela entrego os meus ligeiros documentos.

XV

Armistício com a Alemanha

Ao chegar a Lisboa em junho de 1916 esperava vêr batalhões e batalhões de voluntários percorrenda as ruas em ar inflamado e ávidos de uma desafronta nacional.

Não vi senão os taes homens mal encarados e sempre os mesmos durante mêzes seguidos!

Perguntei se teriam ido centenas de portuguêses para os campos da Flandres, e se já estariam muitos batalhões de voluntários alistados na legião estrangeira e combatendo.

Disseram-me que na legião estrangeira apenas se tinham encorporado 23 portuguêses e mais nenhum desde o principio da guerra. Quanto a voluntários falaram-me num musico reformado que

se oferecêra para ir... como fotógrafo, nuns rapazêlhos (poucos) e em alguns indivíduos que pela sua avançada idade sabiam de antemão que os não empregariam na frente. Tambem havia oferecimentos para enfermagem e tudo assim nêste genero.

Gente que solucionava a sua situação de momento.

Gente com alma e pronta a dar vida, na frente, bem na frente e com todos os outros atrás, não havia uma dúzia!

Ora sêbo! disse eu na ocasião.

E agora digo como o actor Amarante no *Ganga*: Xó!... Aí! ...tás com uma pressa!...

Como só havia berros e não havia nem declaração de guerra á Alemanha, nem gente estranha aos mobilisáveis oferecida para dar o corpo ao manifesto, percebi tudo.

O nosso governo tinha feito, em seguida ao «14 de Maio», um *armistício* com a Alemanha!

.....

De facto havia um armistício e quem o rompeu foi o ministro alemão que entregou um «ultimatum» ou nota violenta em 7 de março de mil novecentos e dezeseis, isto é, quasi um ano depois do brado de guerra da nação inteira em 14 de maio, com exclusão dos *traidores* que não fizeram o *jogo* dos *têsos*.

Na noite dêsse dia vieram outra vêz para as ruas de Lisbôa os taes homens muito mal encarados, a bandeira e a filarmónica.

Sentia-se o cheiro a polvora e a suor de gente que embirra com o banho, embora use gravata e colarinho quasi sem goma, mas com muita porcaria.

.....

Analisemos um pouco alguns factos e datas.

A guerra estalou nos primeiros dias de agosto de 1914 e as nossas primeiras tropas embarcaram para a Flandres em 19 de janeiro de 1917.

De agosto de 1914 até aos começos de 1915, isto

é, durante os seis primeiros mêzes da guerra, o nosso programa militar está condensado nas palavras do doutor Bernardino Machado (1) e era o seguinte:

— *O Govêrno Português caminhava para a beligerância, mas ainda se não achava nela. Devemos fazer a declaração de beligerância de acordo com a Inglaterra, mas quando o julgarmos conveniente para os nossos interêsses. E' de opinião* (o doutor B. Machado) *que nos deveremos declarar beligerantes não só quando tivermos de mandar a expedição para a Europa,* (2) *mas sim quando, em A'frica, a nossa situação passar da defensiva à ofensiva.*

Nêsse dia é indispensável que se faça tal declaração. Isto quanto à data da nossa declaração de beligerante, que deve ser tomada de acordo sim com a Inglaterra, mas quando o julgarmos conveniente aos nossos interesses em A'frica, o que tambem é cooperar com a Inglaterra.

Tudo isto é um tanto difuso, como tudo o que o doutor Bernardino Machado quer que o seja, mas o que há nesta confusão é um facto de uma clarêza manifesta.

Esse facto bem patente é que o doutor Bernardino Machado evitou por todos os modos abordar a probabilidade de a Inglaterra ter feito ou vir a fazer qualquer pedido ou exigência de tropas nossas nos campos de batalha da Europa.

Isso é que êle não quiz dizer, depois de dizer tudo o que era possível dizer sôbre o assunto.

---

(1) «Primeira Presidência da República Portuguêsa». Doutor Manuel de Arriaga, pag. 126.

(2) Foi durante o ministério presidido pelo doutor B. Machado que o general Eça, ao pedirem-lhe peças, em lugar de pedir *qualquer cousa em troca*, mandou pedir ou insinuou que não dava as peças sem soldados. A paz dos Aliados deve ter provado que estas questões não se tratam senão *comercialmente.*

Portanto até 15 de janeiro de 1915 o que havia em diplomacia era o que ficou referido, porque das declarações de todos os membros do govêrno nêsse dia nada se tira de novo ou de diferente. Tratava-se do ministério presidido pelo sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho. Dez dias depois já estava no govêrno o general Pimenta de Castro e, como sabemos, o programa internacional da nossa missão militar no conflito não se tinha alterado.

O general Pimenta de Castro apenas tornou mais intensiva em Angola a nossa acção, remetendo para lá fôrças que o general Eça mandára por assim dizer *colecionar* no papel para seguirem para França e que afinal estavam a fazer, de há muito, uma grande falta em A'frica, ou seja em Angola e Moçambique.

Como se vê, para traidor e amigo da Alemanha, sempre ia mais longe do que os outros.

Isto não alterou o programa definido pelo doutor Bernardino Machado, e a que atrás me referi.

Assim estavamos em 14 de maio de 1915, ou seja três mêzes depois do que disse numa reunião magna, presidida pelo chefe do Estado, o doutor Bernardino Machado, e assim nos conservámos até que, em 7 de março de 1916, o Barão de Rosen, ministro alemão em Portugal, acaba com o *nosso caminhar* eterno para a beligerância e atira com Portugal para a Grande Guerra!

O Barão de Rosen até parecia nêsse dia que tinha entrado como revolucionário no «14 de maio»!

Esse, afinal, é que foi o primeiro *viva a guerra*, a valer, porque o resto era tudo em volta de uma mentira que começou a crescer e a medrar a tal ponto que não houve remédio, para gloria do doutor Afonso Costa, senão leval-a até aos campos da Flandres e aí deixa-la apodrecer bem apodrecida nos pântanos do sector português! O ponto de partida para essa mentira foi, para os *interessados* e *ingénuos*, uma saída menos diplomática

do general Eça, que, não querendo prestar auxilio aos exíguos efectivos do seu camarada em A'frica, acabou por lá ir êle mesmo parar.

Quando êle embirrava em mandar tropas com as peças para a França, o governador geral de Angola Norton de Matos exprobava com violência essa obstinação; chegado à Europa, põe de parte esta sua maneira de pensar e passa a ver a solução na França, em prejuizo de Moçambique.

Vão lá entender os homens!

.....

Vamos agora analisar o nosso papel militar *de facto* até ao 14 de maio de 1915, d'aí a 7 de março de 1916 (declaração de guerra?) e de então a 19 de janeiro de 1917 (partida das primeiras tropas para a França).

Até 14 de maio, na marcha *constante para a beligerância até termos que mandar tropas para a Europa*, foi levarmos lambada em toda a linha em Angola e ainda um pouco em Moçambique. Nós tambem só podiamos mandar tropas para a Europa, depois *de passar á ofensiva em Africa*, e para isso em logar de mandarmos efectivos suficientes para a Africa, não só os mandavamos reduzidos, mas até nos negavamos a reforçal-os!

Como disse, o general Pimenta de Castro foi a única excepção a esta regra, pondo uma tampa em cima da ida de tropas para a França.

E êsse, em Angola, foi o unico elemento de acção militar de que dispuzemos para cooperar com os aliados, dominar uma revolta em massa do gentio rebelde e submeter á nossa soberania uma zona da nossa colonia até aí independente.

Foi *só esta* a ação do general Pimenta de Castro, e que só se poude fazer sentir de fevereiro em deante e até setembro, quando êle já estava preso nos Açôres, segundo julgo!

A zona até aí insubmissa foi o Cuanhama.

As tribus revoltadas foram todas as outras que compõem o nosso Sul de Angola.

A nossa cooperação dada aos aliados foi, é certo, um papel de corpo presente, mas o culpado disso foi o general Pereira d'Eça, que, quando ministro da Guerra, não queria ouvir falar em operações em Africa, onde afinal chegou a pedir socorros que em caso nenhum podiam chegar a tempo. Mas isso fica para outra ocasião.

O que é facto é que até os alemães se deram por vencidos em 6 de julho de 1915, se a memoria me não falha. A chegada sucessiva de tropas ao Sul de Angola evitou que os alemães tentassem fazer ou fizessem o que fizeram em Moçambique e que era meterem-se por Angola dentro e por lá andarem até ao armisticio, ou, pelo menos, o tempo que entendessem.

E foi *só isso* o que conseguiu o *traidor* que foi escorraçado em 14 de Maio.

Aparte este nosso *activo*, o nosso *passivo* militar era:

Em Angola

19 de Outubro de 1914 — Incursão de um destacamento do Oeste alemão no nosso território até ao posto de Naulila, sem aviso prévio.

Foi repelida, mas não perseguida!

30 de Outubro de 1914 — Combate de Naulila.

Não fomos repelidos durante o combate, mas tivemos que abandonar o terreno ao inimigo para não sermos envolvidos. Seguiu-se uma sublevação geral de toda a região do Sul de Angola.

12 de Novembro de 1914 — Ataque ao posto de Cuangar.

Atacados de surprêsa, ficámos com a guarnição quasi toda morta e o resto destroçou, sendo o posto ocupado por alemães.

Janeiro de 1915 — Ataque aos postos de Bunja, Sambio, Dirico, Mucusso, etc.

Guarnições mortas, prisioneiras ou destroçadas e a região do Baixo Cubango entregue aos alemães.

Emquanto, pois, o ministro da Guerra português (general d'Eça) queria *impingir* tropas para a França o quadro era o que fica exposto!

Em Moçambique

24 de agosto de 1914 — Ataque ao posto de Mozina.

Pequena guarnição morta, sendo mais uma incursão do que uma ocupação. A' chegada das escassas forças que o governo português para lá mandou já não havia alemães na nossa colónia de Moçambique. O peor foi o que se seguiu.

E assim é que caminhámos constantemente para a beligerância na Europa!

Vamos agora a vêr durante o *armistício* (de 14 de maio de 1915 até 7 de março do ano seguinte).

Em Moçambique

Acções militares -- Nada!

Em Angola

5 de setembro de 1915 -- Terminam as operações militares no sul de Angola, da iniciativa do governo Pimenta de Castro.

A marcha ou, antes, a decisão destas operações pertence à responsabilidade e acção política do general Pimenta de Castro. O *14 de Maio* não teve

parte nenhuma activa nestas operações, pelo contrário, apupou e apoucou essas operações.

Do que fica exposto se vê que o nosso «armistício» com a Alemanha durante o período que decorre de 14 de maio de 1915 a 7 de março de 1916 foi um facto que *marcou* na nossa história da Grande Guerra, e afinal quem rompeu êsse armistício foi o barão de Rosen!

Até aí o «14 de maio» não mandou dar um tiro, nem rebentar uma granada em desafronta dos nossos brios guerreiros e em satisfação aos nossos *tratados!*

Agora o que se passou de março de 1916 a 5 de dezembro de 1917.

Angola

Várias revoltas gentílicas sufocadas e que eram, por assim dizer, os restos da efervescência anterior, o reflexo da acção alemã.

Moçambique

27 de maio de 1916 — 1.ª passagem do Rovuma, depois da ocupação de Kionga. Foi uma verdadeira hecatombe para soldados e marinheiros. Militarmente não passou duma *trapalhada* militar em que o cruzador «Adamastor» fez uma guerra por sua conta emquanto a coluna de terra fazia outra, tambem por sua conta! O único que fez a guerra a valer foi o alemão, que, com metralhadoras na margem esquerda do Rovuma, matou, feriu e aprisionou, como quiz e até onde quiz, soldados e marinheiros de Portugal.

19 de setembro de 1916 — 2.ª travessia do Rovuma. O cruzador «Adamastor» faz outra guerra por sua conta. Desta vêz limitou-se

a um furioso bombardeamento. O inimigo tinha abandonado essa parte do territorio dois dias antes, para se concentrar e cair sobre outras tropas que, mais a montante do Rovuma, entravam pelo seu território antes por força imposta do Terreiro do Paço do que por deliberações de ordem militar!

Os conselhos de ministros eram uma espécie de Alto Comando do Estado Maior Português!

Outubro de 1916 — Todo este mês foi, por assim dizer, gasto em marchas e contramarchas em território inimigo, á cata do fortim alemão de Newala, que o alemão teve o cuidado de evacuar antes de ser assaltado. Quando o abandonou deu tiros vários e fez diversas fitas para encobrir a sua manobra. Os ultimos dias dêste mêz redundaram numa roda batida das forças portuguêsas deante dos ataques e bombardeamentos alemães, que veio a acabar nas praias de Palma.

O que de aí em deante se passou foi um desastre continuado para as tropas da União do Sul, tropas inglêsas e tropas portuguêsas.

Daquilo tudo só se salvou um homem — Von Letoff: e êsse era alemão.

Não vamos mais além de 5 de dezembro *por agora* e voltaremos ao assunto quando tratarmos dêste período da nossa história militar, que apreciaremos como até aqui o temos feito, ou seja encarando o reflexo da nossa *acção política* e *diplomática* nas fileiras do Exército Português.

. . . . . .

A causa acidental da rotura do armisticio do Partido Democrático com a Alemanha durante a

Grande Guerra foi a apreensão dos navios alemães surtos no Tejo, resolução tomada em virtude do pedido formal sobre o assunto do Governo Inglês por intermedio do seu embaixador.

Só a paixão política reprovou êsse acto. A opinião pública fria e serena viu nisso uma ruptura iminente e franca com a Alemanha, mas não impugnou, em principio, o acto.

Os navios foram *muito bem* apreendidos porque ao lado dos aliados, por *interesse proprio* e por compromisso contraído na sessão parlamentar de agosto de 1914, deviamos fazel-o.

Era a guerra em todos os seus acidentes e incidentes.

Era o direito da força ao serviço da força do direito.

A Alemanha não tinha meio eficaz de evitar êsse nosso golpe, portanto sofreu-lhe as consequências.

Esses navios passaram a ser nossos desde os doze dias anteriores ao protesto apresentado pelo Barão de Rosen, foram nossos durante a guerra e são muito nossos hoje.

Esta minha lógica é a que me inspirou a convincente lógica alemã em materia internacional.

Estou, pois, *em boa companhia*.

Houve, é certo, um escusado, ridículo e quixotesco ataque de *tesúra* na maneira de se efectuar êsse direito. O «mar da palha» chegou a ouvir os ecos inofensivos de uma grande batalha naval... com muita polvora sêca.

Mas isso não tirou nem pôz e divertiu muito os aficionados de *fitas*.

Na tarde e noite dêsse dia voltaram a percorrer as ruas os taes homens muito mal encarados, a bandeira e a filarmónica.

A propaganda para a nossa beligerância na Europa teve sempre a caracteristica de *uma tremenda chatice*, o que representa uma burrice monumental!

A mentira, quando revestida de uma certa arte e

inteligência, tem, pelo menos, o valor proprio *da ideia*; mas quando é revestida apenas de êrros e de coices avinhados, não só repugna e irrita, mas até revolta!

. . . . . .

A Inglaterra recusou sempre até 7 de março de 1916 dar a sua aquiescência á nossa declaração de beligerância?

Sem duvida o fez, e mais direi que mostrava com isso ser o nosso melhor diplomata.

Não adimitia a nossa oportuna beligerância senão depois de termos passado á ofensiva nas colónias?

O que esperava ela?

Que, ao encetarmos essa ofensiva, o bom senso e a nossa lealdade de aliados nos obrigassem a concentrar aí e a tempo todo o nosso esforço, toda a nossa acção militar.

Dir-se-ha que, hoje, é facil ver isso. Mas *a cobardia* dos oficiais portuguêses com que lhe atiraram os intervencionistas disparatados tambem viu isso a tempo e em todos os tons, desde a declaração em público até á revolta.

Um dêsses *cobardes* foi o bravo e intrépido general Gomes da Costa.

Já não quero falar no doutor Brito Camacho e no general Pimenta de Castro, que são nomes que pertencem á politica e, portanto, foram envolvidos na agitação e no torvelinho das paixões.

Se nós tivessemos de início adotado essa solução altamente patriótica e *fundamentalmente militar*, teriamos sido no grande conflito uma nação militar; assim não passámos de uma guerrilha desordenada.

Em troca do nosso papel de guerrilha desordenada veremos mais tarde - eu só desejo enganar-me - a União do Sul atirar-nos á cara com os *seus favores*; e se não o fêz já e logo que terminou o conflito é porque Von Letoff, no Leste Africano, foi

para nós um bom diplomata! Porque, se nós não chegámos para êle, a União do Sul tambem não chegou!

Tudo isto é uma espécie de ganha-perde diplomático e foi um constante *codilho* no campo militar, para nós.

Chega a ser uma grande ratice todo este amontoado de factos!

Pretender-se há alegar um dia perante qualquer violência da União do Sul o nosso concurso na Flandres, e nêsse dia a União do Sul servir-se há dêsse mesmo argumento para nos dizer os sacrifícios que lhe custou a ela a falta dessa concorrência que foi perdida em França pelo elemento mínimo que êsse esfôrço representou no *front* europeu.

Nessa altura a Inglaterra encolherá os hombros e... a União do Sul terá rasão!

Porque, senhores diplomatas dos *vivas á guerra* (na França), o *front* português teve, tem e terá só dois sectores por obrigação e de direito; êsses dois sectores são a fronteira de Portugal e os perímetros das linhas que definem o nosso património colonial.

O resto é com os outros e não nos interessa.

Há duas maneiras de defender êsses dois sectores.

Uma delas compete aos diplomatas e êsses *combates, por vêzes árduos*, ferem-se por essa Europa fóra.

Quanto à outra maneira, aquela que compete ao Exército Português, é só nas linhas que acabei de referir. Só aí é que êle quer e sabe morrer, se não puder vencer.

Só aí é que êle é forte, só aí é que êle póde ser o complemento eficaz da diplomacia portuguêsa.

Um usurpador levou portuguêses para os campos de batalha da Europa e lá só nos batemos pela RAÇA! Esse usurpador foi Filipe IV da Espanha.

Outro usurpador levou soldados nossos por essa Europa fóra até aos gêlos da Rússia.

Aí nos batemos só pela RAÇA! Esse usurpador foi Napoleão Bonaparte.

Na Grande Guerra outro usurpador da nossa tranquilidade e dos nossos direitos de Pátria livre levou-nos até aos campos da Flandres.

Aí nos batemos, mais uma vêz, só pela RAÇA! Esse usurpador foi o doutor Afonso Costa.

....

Dir-me-hão que em 1814 os portuguêses foram até Tolosa-Bayona de arma aperrada e baionêta em riste.

Foram; mas era pela Pátria, porque vinham escorraçando deante de si o inimigo desde dentro das suas fronteiras, desde dentro do seu *Portugal!*

Como um simples soldado que sou, não sei explicar melhor estas cousas aos senhores diplomatas.

XVI

Maior cooperação militar

Em 7 de agosto de 1916, chegado das suas «démarches» junto dos govêrnos da Inglaterra e da França, apresenta-se o doutor Afonso Costa, ministro das Finanças, acompanhado do ministro dos Estrangeiros.

Trazia um *papel* em que o govêrno inglês nos mostrava desejos de uma *maior cooperação militar!* Não dizia o logar. A fórma era lata e deixava-nos a maior liberdade para escolher os campos de batalha.

Nunca poude *ver bem* êsse papel, embora êle viesse reproduzido em todos os jornaes, porque o doutor Afonso Costa *se esqueceu* de o mandar colocar em tôdas as casernas onde havia soldados portuguêses.

A maioria não sabe lêr, mas sempre há uns que lêem alto para os outros ouvirem.

Em França escrevi um dia uma nota para o regimento de infantaria 19 e mandei colocar numa arvore a cópia dêsse documento para que os soldados do 19 que lá tinha sob as minhas ordens o conhecessem.

Uns leram e os outros ficaram sabendo.

Com praças de infantaria 32 fiz o mesmo. E do mesmo modo uns leram e os outros ficaram sabendo.

Em Cherbourg escrevi uma despedida ao IX° batalhão e mandei entregar a cada soldado uma cópia dessa despedida. Mais de 70 % dos soldados não saberiam talvêz lêr, mas nem um só dispensou a posse do papel! Quando não lh'o davam *logo ali* quási se insubordinavam, outros vinham-lhes as lágrimas aos olhos.

Todos queriam *o papel!*

Ora se *o papel* que o doutor Afonso Costa trouxe das suas «démarches» diplomáticas era um desejo da Inglaterra para que nós fossemos para o lado dos exércitos de Sir Douglas Haigg, porque é que êsse *papel* não foi parar a tôdas as casernas do país?

A razão é fácil de concluir hoje e já depois de tudo passado.

Esse papel não era um desejo da Inglaterra manifestado sinceramente.

Era uma escusa, inteligente, diplomática e oportuna do govêrno inglês aos ardis de política interna de campanário, levantados pelo doutor Afonso Costa dentro do país.

Era uma recusa da Inglaterra à torva *cumplicidade* com as manhas do nosso usurpador, o doutor Afonso Costa.

Era de prever, porque a Inglaterra não recruta a sua diplomacia na loucura ou na mentira à própria Inglaterra.

A Inglaterra recruta a sua *gente grande* na massa das *elites* e não no campo dos aventureiros destrambelhados.

A Inglaterra como monarquia é uma república e como república é uma monarquia. Defende-se da loucura e do crime com a maior fôrça das pátrias e das raças, que é a tradição.

Se amanhã se proclamar a regimen républicano na Inglaterra, como república será uma monarquia, e da mesma maneira será uma república, porque uma república não é a desordem. E' apenas um ataque direto ao falso direito de sucessão no exercício das primeiras funções de um estado, e pouco mais é do que isso.

. . . . . .

Afinal a impressão que ficou na massa do exército foi a de que, de início, a Inglaterra nos pediu uma situação de espectactiva aparente no campo militar, até que tudo tivéssemos preparado em Angola e Moçambique para tomar um papel decisivo. Que a Inglaterra sempre se opôz até 7 de Março à nossa decisão última, de declarar a guerra, porque continuava esperando que tivéssemos o nosso papel bem definido nos campos de batalha e combates que se iam travar ou estavam travando sucessivamente em Angola e em Moçambique.

Mais nos pediu a apreensão dos navios; (1) antes pediu-nos armamento, pediu-nos muita cousa que nós honradamente fômos satifazendo e sôbretudo recomendou-nos sempre que nos acautelassemos em Africa! Foi esta a sensação com que o exército português marchou para a guerra.

O que ela nunca pediu foi tropas para o «front» ocidental.

---

(1) Ninguem viu essa nota na ocasião da apreensão e depois das naturaes desconfianças sôbre a possibilidade de mais uma mentira, tudo se calou e se conformou, exceto com a maneira como foi efectuada a apreensão.

Isso pedimos nós em troca do que ela nos *pedia* e que, como vimos, não era nenhuma ninharia.

Foi em seguida a isto tudo que a nossa *diplomacia* mentiu ao país e à História, dizendo que ela, a Inglaterra, também nos pedia tropas para o «front» ocidental.

Ora isso é que ela não pediu e até *custou muito* a dizer-nos em 15 de Julho que nos convidava para *uma maior cooperação militar*.

Se a nossa *diplomacia* tem pedido para o govêrno inglês acrescentar *em Africa*, tinha dado em cheio; mas a *tesura* levou-a a perceber que era em França.

Isto tudo está dito, redito e mais que dito.

Mas não perde por ser dito e sobretudo escrito mais uma vêz por um oficial do exército permanente que, como muitos outros, recalcou até agora tôda a sua indignação em público, por terem feito dêles manequins de uma mentira, em que a insuficiência correu parelhas com o atrevimento.

XVII

O Tigre... sem garras!

Antes de continuar, volto a esclarecer um ponto que precisa sobrelevar sempre o meu protesto ou os meus queixumes, como lhe queiram chamar.

Eu não tenho razão nenhuma pessoal que excite em mim qualquer acrimonia ou ódio contra o doutor Afonso Costa.

Eu nêle só conheço o homem público, como de resto como tal e nestas linhas conheço todos aquêles a quem me refiro, tenho referido e vou referir.

Quem quizer explorar em mim êsse filão não o encontra, nem mesmo o poder sugestivo e ardiloso do doutor Afonso Costa o conseguirá Sou um soldado como outro qualquer que ao Exército pertença

e onde há de tudo, como na política e na diplomacia.

Isto é: o bom, o mau e o péssimo.

Portanto nem pretendo ser agressor de pessoas, nem lisonjeiro de opiniões e muito menos de individuos.

Nem o doutor Afonso Costa perde no seu talento, no seu valor de diplomata e nas suas enormes faculdades de *trabalho útil* ao país, com os meus raciocínios e as minhas opiniões.

Esse homem público está muito protegido para que eu pretenda ser um demolidor das suas obras.

Só uma cousa é preciso.

E' que a *opinião pública* me não dê razão.

Se assim acontecer eu nem por isso deixarei de ser o que sou — *um soldado* e mais nada.

Mas se se dá o contrario, do doutor Afonso Costa, da sua vida pública, de diplomata e de estadista, não fica senão *a desordem* — e tambem a insuficiência!

....

Emfim é natural que um dia o doutor Afonso Costa tivesse chamado o major Norton de Matos ou mesmo o tivesse procurado perguntando-lhe se era possível tomarmos parte activa na guerra em França.

Naturalmente, tambem, o major Norton de Matos sorriu-se e respondeu-lhe que para isso eram precisas muitas peças de artilharia, muitos cavalos, muitos equipamentos, e, alem de muitas outras cousas, ainda seria preciso muito dinheiro.

O doutor Afonso Costa hesita um pouco, mas tambem a pouco e pouco anima-se e convence o ministro da Guerra a deitar mãos à obra.

Se o major Norton de Matos diz nêsse momento que marcharia para onde o mandassem e sempre que o mandassem, que tambem estaria prompto a cooperar no assunto com a sua energia já então conhecida dos que de perto lidavam com êle, mas

que, como político, não desejava durante todo êsse trabalho ser ministro de pasta nenhuma, o major Norton de Matos tinha sido o melhor *diplomata* da sua época em Portugal.

Não quiz faze-lo, seduziu-o o programa retumbante de um *têso* e submeteu se a uma obdiência militar, esquecendo-se de que ali tambem era *um político* e que nesta sua dualidade podia discutir o emprego do exército na guerra.

Como militar deixou-se sobrepor pela *diplomacia*; mais ainda: submeteu-se sem condições *à política!*

Como soldado brioso e disciplinado, competia-lhe proceder como procedeu, e honra lhe seja por isso.

Não é lisonjeira esta referência; é apenas uma opinião coerente com procedimentos meus.

Como *político*, devia *querer* saber quaes as melhorias ou compensações que tal sacrificio *imposto* ao país nos ia dar, e assim entrincheirado por detrás dêste argumento, a que a sua categoria de militar e de colonial dava direitos incontestaveis, desviava as fantasias perigosas do doutor Afonso Costa para o que se ia passar em Moçambique.

Sou um leigo em *política?* Bem o sei; e por isso me submeti, dentro da minha esfera de acção, às fantasias do doutor Afonso Costa e comigo muitos.

Mas se fôsse político não me submetia; o que de resto fizeram sempre o doutor Brito Camacho e o general Pimenta de Castro, os dois *traidores* das fantasias e insuficiências do doutor Afonso Costa.

XVIII

Mobilisação!

Que ninguem veja nas minhas referências a Norton de Matos a menor razão de queixa pessoal nas minhas apreciações sôbre êste homem público do meu país.

Ninguem tambem veja o menor vislumbre de lisonja nas apreciações às qualidades que deliberei atribuir a um oficial general do meu exército.

Digo o que sinto, e se no campo militar faço qualquer referência a êrros que a minha observação notou na sua acção como ministro da Guerra, é porque alguma autoridade profissional julgo ter na matéria.

Quanto à questão encarada sob o ponto de vista pessoal nada há que autorise qualquer a ver em mim um despeitado ou creatura que *tenha espinho*, como vulgarmente se diz.

E' certo que o referido homem público é um oficial general, que póde dispôr dos seus melindres próprios como entender e, portanto, com êsse seu sentir adoptar muitos procedimentos, desde a indiferença até ao recurso aos regulamentos militares.

Qualquer dêsses procedimentos não apagaria os defeitos que porventura note na sua obra, nem realçaria as qualidades que lhe atribuo.

Eu fui um seu humilde cooperador, mas não deixei de ser por isso coerente *na aparência* com os seus procedimentos na questão chamada da guerra.

Terminou esta, fez-se a paz, já lá vão dois anos, cabe-me agora a vez de tomar uma liberdade pessoal que ninguem me póde tolher, haja o que houver, suceda o que suceder.

Estou entregando documentos à História; ela destrinçará o que lhe fôr útil e porá de parte o que lhe não servir; portanto não posso preocupar-me nem com quem morreú, nem com quem ainda vive.

Trata-se de actos de vida pública e eu tambem pertenço e faço parte do público que pensa, sente e quer, *como sabe e como póde*.

.....

O ministro da Guerra português Norton de Matos, ao receber a inspiração do doutor Afonso

Costa, que havia de reduzir a bem pouco a nossa acção militar no grande conflito, começou o seu trabalho, árduo, ingrato e digno de mais adequada oportunidade.

Logo de começo encontrou resistências sérias de tôda a ordem, que primeiro foi levando de vencida com a sua naturêsa de máquina de ferro que moe, pulverisa, molda e lança ideias transformadas em realidades.

O seu trabalho de organisador tinha que saír dos moldes clássicos em matéria de mobilisação. Tinha que seguir um caminho em que a resistência passiva era a maior barreira e para vencer essa barreira temivel não há moldes clássicos nem processos de matéria corrente.

Começou, pois, a crear e a fazer uma cousa de novo.

Assim mobilisava gente, arranjava oficiaes, inventava sargentos e, numa aplicação de faculdades notaveis, ía ajuntando uma soma até então nunca vista de pessoal, material e animaes.

Tenho ouvido dizer que êsse verdadeiro *poço de trabalho activo* conseguiu isso tudo porque teve muito dinheiro à sua disposição.

Os que isso afirmam sabem muito bem que nem uma modesta moeda de cinco tostões lhe mandou dar o ministro das Finanças, doutor Afonso Costa. Todos sabemos muito bem que a acusação é infundada, porque a sua maior dificuldade, aquela que mais o afrontou, não foi a falta de dinheiro, ouro, prata ou cobre. O *dinheiro* que lhe forneceu o doutor Afonso Costa foi *inventado* em notas de papel pintado e gravado, até onde se quiz.

O doutor Afonso Costa não conseguiu dentro do país, nem lá fóra, créditos para a mobilisação do exército e então mandava-lhe entregar aquêles *papelinhos* que para o país representam hoje um emprestimo arrancado à fôrça e pela fôrça dum só hómem.

A grande tarefa de Norton de Matos — ninguem pode em bôa justiça negal-o — é só dêle e de mais ninguem em Portugal; foi a tenacidade, o esforço hercúleo e a resistência moral com que êle encetou uma luta (que nunca acabava), com o exército, com a imprensa da oposição, com a opinião pública, emfim com o país inteiro!

Não foi devidamente aplicado êsse colossal trabalho?

Eu, e comigo muita gente, entendo que não.

Ele, e com êle muitos também, entenderam o contrário.

A História é que há de julgar quaes têem razão.

.....

Houve um momento em que a *tesura* do doutor Afonso Costa cedeu o logar à razão e à fôrça da *verdade!*

Parece e ouvi dizer que de Londres, onde o doutor Afonso Costa estava, confessara e comunicara êste ao chefe d'Estado os riscos de tal emprêsa a que não era extranha a intuição de uma má perspectiva económica, que sem dúvida se seguiria à guerra, fôsse qual fôsse o resultado desta.

O chefe do Estado teria chamado o ministro da Guerra, que nessa altura já tinha entrado no capítulo mobilisação e ter-lhe-ía comunicado o que se passava.

Se acaso se passou assim, — e se ninguem negar é porque se passou — não podemos condenar o ministro da Guerra por se têr negado a transigir e a recuar.

Tendo recusado recuar, continuou a avançar pelo terreno fóra *como uma charrua a vapor*, que outra imagem não me ocorre de momento para bem exprimir o seu papel de instrumento potentissimo da *Mentira da Flandres!*

Em bôa verdade, era preciso, para recuar e desistir naquela altura, de duas coisas, uma.

Ou que tivesse uma envergadura moral quási

suprema, para se sujeitar a sofrer impassível os embates formidáveis do ridículo, da morte moral e das retaliações, que haviam de ser ferozes, no meio da atmosfera que a sua acção estava provocando e acumulando; ou então que fôsse um *insensível moral*, sem o menor vislumbre de brio profissional e de dignidade pessoal.

Eu... — para que negal-o — tambem faria o mesmo nas suas circunstâncias.

Pode-se condenar ou ainda censurar o mau político, mas nunca se poderá censurar, sequer, o homem ou, pelo menos, o militar.

Um quarto de hora de coragem moral vale bem muitas horas de fôgo cerrado e vivo.

Há decisões de ordem moral que vão muito alem do valor pessoal que é preciso ter-se para atravessar uma barragem compacta de artilharia.

Esta sua decisão, se foi um facto, é uma dessas!

XIX

Opera-bufa!

O primeiro protesto *activo* contra aquilo que o doutor Bernardino Machado chamou *a nossa marcha constante para a beligerância* foi uma espécie de intermedio cómico, tragicomédia, ou, talvez melhor, um simples acto de ópera-bufa!

Foi o 13 de dezembro, uma farça ridicula que nem teve o valor dum protesto *eficaz*, pois não passou dum vexame público para os soldados de infantaria 15 — os mais bravos da Infantaria Portuguêsa na Grande Guerra!

Esse... (eu nem sei o que lhe hei-de chamar) constituiu no entanto o primeiro protesto, patente e público, contra a *Mentira da Flandres*.

Não chegou a ser uma revolta, porque não passou dum disparate grotesco.

Não correu sangue, porque não houve um tiro trocado!

Essa farça grotesca foi apenas um cortejo desordenado que, debaixo de chuva copiosa, saiu de Tomar, como que em romaria, atrás de Machado dos Santos, a entregar-se ás primeiras fôrças que quiseram tomar o encargo de lhes aceitar a rendição.

Uma revolta dentro do quartel teria maior valôr do que êsse autêntico pic-nic de chuva e lama.

A Torre de Gualdim Paes devia nêsse dia ter ficado pasmada com o que se passou.

No entanto, como disse, êsse facto foi o primeiro protesto *activo (?)* contra a famosa *mentira!*

Em França, nos fins de Abril de 1918, avisteime com o coronel Sá Cardoso em Dévres, onde estava acantonado o comando de artilharia da 1.ª Divisão, e ai o mesmo oficial de artilharia, estando presente o major de cavalaria Alvaro Pope, mostrou-me, entre indignado e irónico, um jornal qualquer afecto à política anti-democrática ou, melhor, anti-demagógica, que nessa época estava dando leis em Portugal.

Esse jornal chamava a atenção para a coincidência de ser o batalhão de maior consideração militar nos altos comandos britânicos o mesmo que em 13 de Dezembro de 1916 saíra de Tomar com o almirante Machado dos Santos à frente!

Vi logo que era o *pântano político* com as costumadas emanações, fétidas e pestilentas.

Sorri-me e respondi que era de facto o mesmo batalhão e que não percebia a indignação dos presentes porque contra factos não havia argumentos.

Mudei logo de assunto porque a melhor solução para afrontar emanações pantanosas que se não podem evitar... é tapar a bôca e o nariz com o lenço e deixar o pântano em paz.

Mas agora, que já estamos todos muito longe de vários pântanos, posso falar e vou responder

à atitude indignada e irónica do coronel Sá Cardoso.

E' verdade. Não há dúvida: o numero do batalhão era o mesmo.

Era um 15.

Porém a *gente* é que não era a mesma.

Aquela gente a quem os Comandos Britânicos dedicavam a sua muita consideração era uma afirmação legítima e patente do valor da Raça Portuguêsa; era um protesto contra a afirmação caluniosa de que a Raça Portuguêsa está decaída e dessorada.

Essa gente que o oficial da armada Machado dos Santos levou atrás de si de Tomar ao Entroncamento ou a Abrantes, (nem sei bem onde foi, nem isso me interessa) constituiu então o símbolo da exautoração absoluta e completa do valor que se possa atribuir ou se queira atribuir aos chefes e dirigentes dessa mesma Raça.

Como se vê, sendo a gente a mesma, porque os soldados de Richebur, Lacopture, Laventie, alguns sargentos e tambem alguns oficiaes, foram os mesmos de Tomar ao Entroncamento, houve procedimentos opostos.

Os chefes é que não eram os mesmos e nem eu nem o tenente coronel Raul de Andrade Pires, comandante tambem da mesma gente nas linhas e durante a batalha do Lys, nenhum de nós troca a sua maior hora de fraquêza dêsses dias pela hora mais gloriosa do almirante Machado dos Santos, no dia 13 de dezembro de 1916.

Em França, infantaria 15 cobriu-se de muita lama, é certo, mas essa lama era terra amassada com água e tambem com o sangue glorioso e purificado sempre pelo esfôrço duma Raça.

No dia 13 de dezembro de 1916, infantaria 15 apenas se elameou com pó de estrada e água de chuva; mais nada.

Não há dúvida, pois; a gente foi a mesma, mas

os chefes é que não eram os mesmos. E' bom que isto fique escrito.

Nota — E' preciso lembrar que as presentes linhas foram escritas em África no ano de 1920 e enviadas para o editor em 1921.

No entanto, estando ainda em Angola, fui surpreendido pela notícia da morte de Machado dos Santos, bem como de Carlos da Maia, António Granjo, etc. Foram uns tantos assassinios mais que se praticaram e que irão para a coleção pavorosa dos vários crimes, que dia a dia se veem cometendo entre portuguêses, sob a *inspiração* e *sugestão* dos celebérrimos trêz pontinhos e com o apoio moral de vários lentes, que tiveram assento na nossa Universidade de Coimbra! Assim, por exemplo, o doutor Bernardino Machado, capêlo e borla da nossa Faculdade de Filosofia, deve achar que êstes atentados a pessoas continuam a ser a execução daquilo a que êsse homem chamou — *a justiça popular!* E é assim que se insulta o povo português, alcunhando-o de assassino! No entanto a morte de Machado dos Santos não vem em nada modificar os meus pontos de vista sôbre a sua acção em 13 de dezembro de 1916. Como disse, estou entregando apontamentos à História, o que me inibe de estar à espera de que os *cultores* da desordem na minha terra se resolvam ou não a matarem-se uns aos outros. E' êsse um assunto com que nada tenho, nem quero ter.

Apenas lamento que de vêz em quando seja assassinado um ou outro amigo meu, como sucedeu agora com Carlos da Maia, que era o que se chama *um bom carácter*.

Machado dos Santos vi o apenas uma vêz entrar no café «Chave d'Ouro» e corresponder com um gesto, a uma creatura que o cumprimentou, com a seguinte fráse:

— Adeus! O'! almirante da cavalaria!

Nunca mais me foi dado vê-lo depois disto; no entanto ainda hoje me irrita a lembrança dessa fráse, pois ela define o conceito baixo a que desceram as fardas em Portugal.

Nos exércitos vermelhos de Lenine será assim?

Nunca, com certeza, Machado dos Santos, quando segundo tenente da armada, ouviu chufas destas, pelos logares públicos e por parte de um *gajo* qualquer!

Ao que isto desceu!

XX

Horas amargas

Infantaria 15, como vimos, em França bateu-se sempre gloriosamente, embora ao serviço de uma mentira ardilosa.

A mesma gente, em 13 de Dezembro de 1916, não chegou a dar um tiro para uma defêsa legitima contra essa mesma mentira!

Não foi por brio que nêsse dia se submeteu, porque não póde haver brio que se submeta a uma *mentira ardilosa*.

O que houve foi uma provada insuficiência militar do chefe que os guiou.

O ministro Norton de Matos, perante essa insuficiência ridícula e grotesca, em logar de a encarar com serenidade e sangue frio, perde a cabeça e, como bom e legítimo minhoto que é, lança mão do regional e tradicional varapau de feira e ei-lo a distribuir *paulada* de crear bicho, a torto e a direito, em logar de cobrir de ridículo os responsáveis por êsse incidente.

Berra, grita, barafusta e em gesto desordenado faz um discurso furibundo no Parlamento; nos «Passos Perdidos» do Congresso, a sua fúria esbraveja em insultos descabidos; no ministerio da Guerra repetiu-se a tempestade, etc. etc.

Houve vários incidentes mais ou menos lamentáveis e nas vésperas do embarque das primeiras tropas para França o ministro da Guerra tinha a sensação de que o *trunfo* lhe ía fugir.

. . . . . .

Deviam ter sido terriveis essas horas; deviam ter sido amargas, dolorosas e quasi últimas.

Há sofrimentos moraes que derrancam muito mais a alma do que o troar da artilharia de uma batalha que nos cae em cima.

Eu tenho bastantes horas de fogo e não troco a peór delas pelo sofrimento, pela ânsia e pelas agruras terriveis por que passou o ministro da Guerra Norton de Matos nas 52 horas que precederam o embarque das primeiras tropas no Caes de Santos.

Seria curiosa uma narrativa serena dessas horas, quasi *últimas* para o orgulho e brio pessoal de um hómem, ainda que êle fôsse a mais resignada creatura, quanto mais tratando-se de um temperamento voluntarioso e ávido de ambições e glórias no campo da política.

Adivinho um pouco essas horas terriveis, porque algumas dessas conheci em França, no méz de outubro de 1918, durante o curto período que precedeu o avanço das fôrças da infantaria portuguêsa reorganisada, para a frente de combate.

E nem por sombras estavam em jogo ambições minhas de naturêsa política, ou, sequer mesmo, quaesquer pruridos de glória pessoal. Tratava-se só de salvar a tradição, que nêste meu caso era o valôr da Raça Portuguêsa e mais nada, muito sinceramente o juro.

As primeiras tropas embarcaram em 19 de janeiro de 1917; eu cheguei ao Caes de Santos pela meia noite dêsse dia e lá vi Norton de Matos, tendo junto de si apenas três ou quatro oficiais.

Repito, pois, que tenho a sensação de que nunca na minha vida tive horas tão terriveis como deviam ter sido as de 17, 18 e 19 de janeiro de 1917 para o ministro da Guerra Norton de Matos.

Nessas horas longas para a rapidêz e intensidade tumultuária do pensamento humano em crises déssas, deviam têr pezado na mente dêsse homem, entalado como uma *cunha de ferro* entre a política partidaria e o país inteiro, a mais grave das preocupações.

Refiro-me à sua indesculpavel fraquêsa em ter transigido, sem condições prévias, com a *Mentira*

da Flandres, com as basófias de um *têso* e tambem um pouco com a *vaidade humana*.

. . . . . .

As minhas preocupações em França no mêz de outubro de 1918 não se podem comparar com as de Norton de Matos em janeiro de 1917, porque eu era apenas, como já disse, uma creatura que só tinha um fito: obedecer ao que lhe dictavam a honra e o dever.

E se era instrumento para a politica de alguem, nem disso me lembrava.

XXI

O embarque do gado

Há quem se irrite muito com esta maneira de dizer. Essa irritação não é de indignação, de pretendida desafronta ou de protesto contra o epiteto de gado atribuido aos soldados que foram para França.

Essa indignação é apenas a indignação do politico, que vê atacar o seu jôgo. Essa indignação é simplesmente uma hipocrisia ou, seja, mais uma mentira para o rol das muitas que cercaram e antecederam a campanha da Flandres.

Pois como gado embarcaram os que comigo vieram de Tomar até ao barco A atracado ao Caes de Santos e bem detalhadamente me justificarei a seu tempo do que afirmo e repito.

De Tomar ao caes de Santos levei comigo 250 cabeças de gado e mais nada.

Ao assumir, em França, o comando de infantaria 15, apenas tinha umas mil e cem cabeças de gado.

E' certo que no fim de algumas semanas, eu e alguns oficiaes começámos a descortinar que êsse gado era uma raça de gente de que se faz tudo o que se quer, e que, por isso mesmo, deve ser poupada quási com usura. Mas o que saiu de

Tomar era gado e só gado foi o que embarcou para França.

A idéa, tôla e simplória, de que homens debaixo de forma e obedecendo passivamente às vozes de comando são soldados já acabou há muito.

Hoje essa parte é apenas uma parte mínima da técnica militar, é um detalhe necessário e imprescindivel, mas não passa de um detalhe da técnica.

O soldado hoje não serve por dinheiro, não é um mercenário; a função de ser soldado não é um ofício para se viver dêle, é um dever a cumprir; e se é por meio da disciplina militar que êsse dever se regula, não é por meio dela que se exige o cumprimento do referido e altíssimo dever.

A disciplina, repito, apenas define e regulamenta êsse dever, que é ultimo, porque é o maior, que as sociedades constituídas impõem, e tudo quanto não seja impôr êsse dever em nome da verdade clara, franca e aberta a todos os maiores sacrificados, é tratar êstes como gado, a quem se fustiga quando sae da estrada e a quem se berra para dar entrada nos páteos dos matadouros.

E foi assim que embarcaram a quási totalidade dos soldados que primeiro seguiram para França, bem como os que foram depois.

Os primeiros seguiram guiados por vozes secas de comando, quando não foram levados por berros que os excitavam à saída dos quarteis; os outros seguiram como rebanhos as primeiras remessas de gado.

Que não se indignem, pois, os briosos partidários da ída das tropas para a Flandres, porque eu não lhes dou o direito de zelarem mais pelo bom nome e brio dos soldados de Tomar em França do que eu zelei e no entanto não hesito em afirmar que o 15 que embarcou no dia 19 de janeiro de 1917 no Caes de Santos era só *gado*.

E tão gado foi que dos *conductores* da confiança

do ministerio da Guerra fui só eu que pedi para ir *com êsse gado.*

Os outros *conductores* deram por terminado o seu papel *moral* logo que o *gado* entrou a bordo, e só foram na sua altura, quando a maior porção de cabeças de gado estava em França e já nas linhas.

Portanto, o que embarcou comigo foi *gado* e só *gado!*

.....

No entanto é preciso ainda fazêr a justiça devida à força de vontade do ministro da Guerra que, com uma energia quasi cega, só tinha um objectivo: embarcar gente; embarcar a maior porção de gente; embarcar em cada troço o maior numero homens e o mais rapidamente possivel, para que os factos consumassem a realidade e levassem de vencida toda e qualquer resistência (1).

Norton de Matos dava a impressão de um môço de lavoura, formidável e incansável. No seu desespêro, parecia manejar só êle as máquinas agrícolas, o gado e a terra; por vêzes, como que ajuntava à paulada e à enxadada o pessoal que recusava marchar.

A 2.ª divisão que remeteu quasi se lhe desfazia nas mãos e se lhe escapava nas malhas das convocações; mas êle, depois de mandar marchar os que apareciam deante dos *sarilhos terriveis* do seu *varapau* de minhôto, ajuntava os que ficavam a rôdo, e, como que aos baldes, despejava-os nos barcos.

De vèz em quando, parecia parar de cansaço e limpar o suor, mas só parava um instante para recomeçar com fúria desenfreada e quasi cega.

---

(1) O general Gomes da Costa, no seu livro «A Batalha do Lys» define tudo em poucas palavras: — «*vestiu os hómens, fel-os embarcar e despejou-os no cais de Brest, meio atordoados pela rapidêz desacostumada de movimentos e sem perceberem bem, ainda, para onde e para que iam.*

Era só contra tudo e contra todos!

Eu sei que esta minha apreciação não agrada aos seus adversários e nem mesmo, talvêz, áquêles que, sendo seus partidários, não lhe podem sofrer de vêz em quando o feitio sacudido e quasi brutal, na forma como a violência se esteriorisa nessa máquina de trabalho.

Mas eu não escrevo estas linhas para agradar ou desagradar seja a quem fôr; como disse, além de várias cousas, apenas desejo deixar impressões e factos ao futuro historiador e por isso não me é possivel combinar com quem quer que seja o que heide escrever e o que não heide escrever.

....

Em resumo, alcunharam-no de *Mendes Têso* e, porque o seu papel na Mentira da Flandres foi o de um *têso*, tinha que baquear.

Não baqueou á partida das primeiras tropas, mas baqueou em 5 de dezembro de 1917.

Até essa data, o seu viver foi um inferno de preocupações.

....

Já mais de uma vêz me referi a Norton de Matos e não fiz a declaração costumada, isto é, quaes as relações pessoais, minhas, com êste político e hómem público do meu país.

Conheci mais de perto Norton de Matos em Angola, quando êsse colonial de *elite* governou essa colónia pela primeira vêz.

A' sua chegada ali quiz-me atirar uma *paulada!*

Mas eu, conforme poude, desviei o corpo. Então êle, acalmando o *gesto* de governador geral e de *bom minhôto*, arrumou o varapau a um canto do seu gabinete e começou a tratar-me um pouco mais humanamente.

Se lhe resisto, *escachava-me*; era de alto a baixo e dum só golpe! Norton de Matos, quando descarrega o *pau*, é sempre de alto a baixo e ou racha o

cacête ou abre ao meio a vítima!

Afinal, eu e êle iamos sendo apenas duas vítimas, eu da *cacetada* dêle e êle de um *sarilho*, que não era do seu cacête, mas de alguem que, julgando prestar-lhe um bom serviço e justificar-se de qualquer calúnia, tanto *explicou* um brinde nêsse jantar de amigos que Norton de Matos pegou no *varapau* e resolveu correr tudo com êle.

Uma das vítimas dêsse violento *sarilho* foi o então major Gomes da Costa, que resolveu nessa ocasião levar uma *cacetada* em cheio *e não refilar*.

Norton de Matos chegou à colónia e entendeu que lhe não convinha a permanência ali do major Gome da Costa, que era até êsse momento o chefe do Estado Maior. Dispensou-lhe primeiro êsses serviços, e depois todos.

O prestígio dêsse oficial entre os oficiais em Loanda e mesmo na colónia, por parte dos que, de perto, tinham alguma vêz lidado com êle, era patente.

Antes de sair resolveu-se pedir pelas vias competentes licença, para lhe oferecer um almôço de despedida, como uma manifestação daquêlas que os regulamentos permitem e quanto a isso nada houve, a não ser o almôço, que decorreu com a correção e aprumo que a disciplina não dispensa, mesmo quando se trata duma refeição de oficiaes em comum.

Porem — e aqui é que foi o sarilho — na véspera do dia do almoço houve um jantar oferecido por amigos pessoaes do bravo soldado da India, de Moçambique e de Angola.

A êsse jantar estiveram o consul inglês, magistrados, comerciantes, empregados públicos de categoria e alguns oficiaes, por sinal que bem poucos.

Era um jantar de despedida dos amigos, num hotel, mas à porta fechada.

Houve variados brindes e como os convivas eram

todos amigos do major Gomes da Costa a matéria dêsses brindes referia-se apenas ao seu valor militar e méritos profissionaes, que os presentes tinham verificado de perto, pois aí havia quem já tivesse tambem servido na India e em Moçambique.

Esses brindes rezumiam, por assim dizer, a fôlha dos serviços prestados por êsse velho peoneiro da nossa civilisação nas lutas coloniaes.

Nunca se fez uma unica alusão á dispensa que o governador geral fizera do seu concurso.

Quando um dos oficiaes se referiu a serviços necessarios em Angola, apenas por incidente aludiu á falta que a colónia poderia sentir do seu concurso no periodo intensivo de administração em que se ia entrar.

Um dos oficiaes presentes levanta-se nesta altura e sae, por vêr nessas palavras uma alusão ou crítica a um acto de governo geral; outro oficial censura-lhe o facto e por fim ia havendo na rua uma escaramuça. Ora sucedeu que o primeiro oficial que saiu era alheio a politica, mas o que o censurou era monárquico reconhecido, embora até hoje nunca conspirasse nem agravasse o regimen. Mas sempre era um talassa, cunhado de talassas, amigo de talassas e nêsse tempo (1912) isso de cheiro a *jasuita* ou a *talassa* era caso de *exorcismo*, pelo que o jantar cheirou a *hidra*. Além disso o oficial que se retirou primeiro tanto *explicou* o que tinha havido que tudo o que do jantar inofensivo podia ser corrido a *cacete* o foi. E o mais engraçado é que, esclarecido o caso a sangue frio, entre as vítimas do *cacete governamental* figurou o oficial que primeiro retirara do anódino jantar e ao qual também foram dispensados os serviços na colónia. Por minha vêz senti zenir o cacete, mas, como disse, *desviei-me* a tempo, e em seguida falei-lhe com aquelas bôas maneiras que tem todo

o bom rufia, (1) quando não quer ser *apanhado nas curvas.*

Depois dêsse *caso* o governador geral Norton de Matos, se me não tratou com amizade manifesta, pelo menos tratou-me sempre com aquela consideração a que me podia julgar com direito.

E até, por sinal, uma informação anual firmada por êle é a mais lisongeira e mais encomiástica informação que tenho em tôda a minha vida de oficial.

Mandou-me admoestar um dia. Fêl-o nos termos mais adequados que o podia fazer e por necessidade de aparar um golpe de que eu viésse a ser vítima.

Pouco antes de estoirar a guerra, um inglês abelhudo e sem duvida inimigo manifesto da nossa soberania em Angola, lembrou-se de ferir uma nota injusta, inoportuna e caluniosa, sobre os tratos que nós dávamos ali aos indígenas. Tudo ficou um tanto atarantado porque o homem era vice-consul britânico. Não me conformei com êsse *panico distrital* e ferrei-lhe uma *tunda* impressa, que mandei espalhar pelo público de Benguela e regiões do interior, no mesmo dia e à mesma hora.

Esse cavalheiro não deixa ainda hoje de me estar *atravessado* e portanto não resisto à tentação de lhe repetir o nome aqui e por escrito: é o senhor Small-Bonnes.

A tradução é *pequenos ossos.* Realmente êsse cavalheiro, na colonia de Angola, acabou por ser uma espécie de *pequena espinha*, a trabalhar por conta da divisão de zonas de influência na colónia, entre a Inglaterra e a Alemanha.

Tambem *privava*, e muito, com as missões americanas, por conta das quaes tambem *trabalhava.*

Alem disso, tinha o que em português se chama

---

(1) Sou natural de Lisboa, freguezia de S. Julião.

mau vinho, e dava-lhe para achincalhar e crivar de sátiras, de vulgar espirito britânico, muito vulgar mesmo, a nossa acção, como nação colonial. Veio das Canárias para Loanda *quasi sem meias nem sapatos,* foi gentilmente tratado á sua chegada por todos os portuguêses, e por fim, como um cão vadio a que se enche a barriga, mordeu nas canelas dos portuguêses.

Norton de Matos pediu-me para alegar êsse facto, se acaso a nossa aliada se lembrasse de o exigir, o que representava para Norton de Matos o ir ao encontro dessa exigencia, com o menor prejuizo para mim.

A acima referida *pequena espinha* deixou pouco depois a colónia, e hoje é agente consular em qualquer ponto da Alemanha, onde está a caracter, pois me pareceu muito germanófila a sua acção em Angola.

O Diabo o jure!

Mais tarde e pouco antes de estalar a guerra fiz pelo «interland» de Benguela, acompanhando o governador Norton de Matos, uma excursão de automóvel que durou 23 dias, entre percursos e estacionamentos.

Nessa viagem tudo correu bem para mim, excepto numa manhã, em que ainda chegou Norton de Matos a deitar a mão ao *cajado,* para me dar com êle, porque o «chauffeur» do nosso auto não tinha levado gazolina que chegasse para a volta. Eu era apenas um cicerone de comunicações, mas êle lá entendeu que estradas para automóveis, automóveis e «chaufeurs», era tudo a mesma cousa. Felizmente, apareceu logo a apagar *o incendio* o dono da vivenda onde estavamos de passagem, com um tambor de gazolina, e então Norton de Matos, acalmando-se, arrumou o *varapau,* que não chegou dessa vez a levantar para mim.

E mais nenhuma recordação especial ou pessoal conserva o meu espirito de um hómem que, num

dado momento, foi o hómem mais odiado no meu país.

Termino como em tudo quanto escrevo.

Não pretendo agredir ninguem, nem lisonjear ninguem; apenas tenho em vista dizer o que senti e o que ainda hoje sinto.

Se me enganar, a História julgará, porque ela não desdenha as mais modestas provas nos seus juizos e os meus teem um valor, que é não ser amigo, e muito menos inimigo, de alguns que acuso e a quem ao mesmo tempo rendo louvores de justiça sincera, embora possa ser falível.

XXII

O 5 de Dezembro

Norton de Matos tinha conseguido passar da remessa de uma divisão para França, com as respectivas e abundantes reservas, á quasi realisação de um corpo d'exército, (1) e começava a desenhar-se no seu espirito a realisação de duas divisões completas, com outra divisão de infantaria completa tambem, como reserva, táctica.

. . . . . .

Por fim a corda rebenta, e apontam-lhe uma espingarda.

---

(1) A verdade manda que se diga que em França tivemos de começo uma divisão com reservas fortes e depois apenas duas divisões incompletas, sob o ponto de vista orgânico e militar. O que tivemos em novembro de 1917 nas linhas era uma falsificada e convencional formação de corpo d'exército. Era um corpo d'exército fantasiado pelo nosso Estado Maior por imposição do governo central, o que deu em resultado não conseguirmos ter uma 2.ª divisão em termos e entregarmos a 1.ª divisão, que era uma divisão em qualquer exército. Mais uma mentirola que os inglêses não enguliram, exigindo que se acabasse com aquela comedia.

E' preciso ainda dizer-se que *amigos* e correligionários seus tambem nessa data desembarcaram em Lisboa, vindos de França, para o escorraçarem.

O *colosso* de energia e de trabalho já não dava ou estava quasi a cansar, portanto *rua com êle!*

A Mentira da Flandres exigia que lá houvesse duas ou mesmo três divisões e só lá havia uma que, somada ás suas reservas e dividido tudo ao *meio certo,* deu um corpo de exército, um tanto de operêta, que os inglêses não enguliram e, portanto, toca a correr com *o hómem.*

Tenho pena de que a marcha dos acontecimentos tivesse sido o que foi, porque se não se atravessasse Sidonio Paes livrar o P. R. P. daquele bêco sem saída, eu tenho a convicção absoluta, íntima e indestructivel, de que nenhum dêsses que o queriam escorraçar, nem ninguem mais, na ocasião, no país, era capaz de fazer, ou continuar, a obra de Norton de Matos, mesmo cansado e quasi a acabar a *corda!*

Conheço-os a todos e, sem acrimonia nem má intenção, daqui lhes afirmo que não acreditei senão em Norton de Matos, para ir até onde foi.

Os que o queriam deitar abaixo, para continuarem a agir como êle, tinham as *unhas muito curtas* e isto de energia e trabalho não é cousa que se vá buscar aos centros políticos ou ás sinagogas partidárias.

A êsses antros vorazes da sinceridade e da paixão humana só se vae deixar todo êsse trabalho e toda essa energia. Foi mesmo êsse o tendão de Achiles de Norton de Matos.

. . . . . .

Como disse, não foi preciso agredirem-no os seus amigos e correligionários da França.

Ao vêr apontada ao peito a espingarda de Sidónio Paes, compreendeu que tinha deante de si, alem de uma morte afrontosa, certa, fatal e inexorável, o vexame, o insulto e os ultimos enxovalhos.

A massa do exército tinha-lhe um odio de morte.

Quando do 13 de dezembro, fizera comentários duros para a classe dos oficiaes do exército; à partida das tropas ainda mais duros e mais atrozes foram êsses comentarios. Se o apanhassem vivo matavam-no com certêza. Não tenha duvidas nenhumas, porque nunca vi no exército a que pertenço odiar mais um oficial do que foi odiado Norton de Matos, durante êsse periodo e o que antecedeu e acompanhou a ida de tropas para a França.

Nesta altura Norton de Matos desanimou e abandonou o campo aos revoltosos, refugiando-se a bordo de um barco inglês fundeado no Tejo, amaldiçoando tudo e todos!

Partira-se e esboroara-se o mais sólido pilar em que o doutor Afonso Costa assentára o seu grande plano da colossal *mentira da Flandres!*

O forte pilar, ao cair, arrastára comsigo o grande *têso*, que tinha *morto* e *demitido* os santos de todos os altares e capelas de Portugal; que tinha chicoteado os que não eram para êle *verdadeiros* nem *bons* républicanos, e que tinha desviado para sempre da Africa o nosso melhor esforço e acção militar para *enterrar* tudo na França, com um modesto enterro que para os Aliados não passou de 3.ª classe, com carreta e corpo á cova.

Dessa vez e perante a revolta de 5 de Dezembro, o grande *têso*, o assassino dos santos (de pau, pedra e barro) defendeu-se (dizem) num elevador de louça dum hotel do Porto, até que num dos vaevens da referida caranguejola foi *catrafilado*.

O doutor Afonso Costa, ao referir-se aos oficiaes do exército do seu país, em comicio, disse duma vêz: «Tambem lá se viam algumas *durindanas*». Eu tambem, referindo-me ao elevador, talvêz o possa parafrasear, dizendo: «Tambem *lá* se viam algumas sobras de rancho . . ». Cada classe social tem as suas armas de ataque, os seus símbolos e as suas defêzas.

A classe dos oficiaes ataca como toda a gente a

quem querem *engazupar;* tem como arma simbólica a *durindana*, e defende-se em toda a parte, menos nos elevadores de louça dos hoteis

Há estadistas e diplomatas, como o doutor Afonso Costa, que atacam com porrête e cavalo marinho, que teem como arma simbólica as grandes mentiras, como a da Flandres, e que se defendem em logares cheios de gordura e detritos de comida não aproveitada.

Cada um com as armas de que dispõe.

Tivemos em exposição várias cousas a que anda ligado o nome do doutor Afonso Costa, como um «coupé», cujo número não me ocorre, a pedra do Atêrro em que o citado estadista fracturou o crâneo, e uma estatuêta de prata.

Falta o elevador com os pratos partidos e os restos dos hóspedes para lhe meter dentro a estatuêta feita de qualquer metal precioso!... prata por exemplo!

Ao «coupé» e à pedra não tenho nada que dizer; mas o elevador do hotel, a andar para cima e para baixo, como um *balão salchicha*, isso é que eu não *gramei* e aqui lavro o meu sincero protesto contra essa *tesura* excêntrica de um grande *estadista*, famoso *político* e nunca excedido *diplomata!*

O elevador da louça!...

Não ha meio de o *gramar!*

Nem ao menos poder dizer no elevador das sobras de rancho: «Morra Marta, mas morra farta!»

Não ha!... Não ha meio!...

. . . . . .

Nessa hora de desilusões e do desabar de fantazias, que tinham como base uma grande mentira, moídos pela metralha alemã, afogados quasi na lama da Flandres, com os fardamentos empastados em lôdo e em sangue, enregelados pela neve da França, estavam, como espectros, as maiores vítimas da Mentira da Flandres.

Estavam *lá* os soldados portuguêses... sem saberem por que *lá* estavam!

Ainda hoje não o sabem e nunca o saberão!...

Pobres Soldados!

Grande Gente!

XXIII

No elevador!

Era eu ainda rapazola, quando o celebre títere popular conhecido pelo Rei da Madurêza estava na sua aura de bôbo da rua publica.

O menor incidente que o famoso *tribuno* de rua presenceava era logo assunto para que a sua eloquência grotêsca, esguichasse em rimas e em verso de pé quebrado, com graça estapafúrdia, hilariante, embora de espírito adequado.

Passou-se o caso na praça de Camões, aquela em que algumas figuras da nossa História estão com ar aterrado e de semblante cabisbaixo, como que pouco refeitas do susto que apanharam, com aquela espécie de patada formidável que o grande épico tem o ar de haver dado no topo da coluna em que assenta a sua figura de bronze.

Havia aí uma caranguejola mal engendrada, conhecida pelo elevador da Estrêla.

O sistêma de viação era imperfeito, o que dera causa a um atropelamento, fatal para uma crian cinha.

Estavamos ainda todos os presentes bastante impressionados com o que se tinha passado, e eis que logo que os restos da creança são removidos o Rei da Madurêza, que tinha assistido à catástrofe, rompe na sua voz cava de contra-baixo o discurso adequado.

Começou assim:

— Os... «estapores» dos... elevadores!!

E por aí fora seguiu com graça esfusiante, que dissipou bastante a atmosfera carregada do ajuntamento, que o ouviu até ao fim.

Assim estou eu no caso do elevador da louça para a cosinha, em que acabou por se refugiar toda a nossa *diplomacia* da grande guerra!

Como êle direi:

— O *estapor* do... elevador!

Positivamente, êsse elevador de cosinha só foi posto ali para comprometer a rigidêz de prestígio, que nunca deve abandonar qualquer grande estadista, ainda nas horas mais negras da sua vida pública.

O doutor Afonso Costa, transformado em restos de comida, que iam num elevador parar à cosinha e de aí ao caixote da lixo, quando não fossem para a pia, é cousa que me custa a *engulir*!

Que o nosso primeiro diplomata da Grande Guerra me releve o que estou dizendo, mas não é para o magoar, não é para o amesquinhar, é apenas para protestar.

Nunca imaginei que alguma vêz veria um capêlo vermelho e a respetiva borla a fazer de rábano chorudo, metido dentro duma caranguejola de mistura com restos de comida e louça servida e por lavar! Isto constitue um atentado, já não digo ao capêlo e á borla, que não teem culpa de ser no nosso caso um símbolo forçado de louça suja, mas contra o valor reconhecido da Raça!

Nem uma palavra de censura me mereceu o facto do doutor Afonso Costa ter, na revolução de 5 de Outubro, escapado aos perigos prováveis em um «coupé» a galope desfechado.

O Rei Alberto da Belgica, de cujo valor pessoal ninguem pode duvidar, teve um dia no começo da guerra, ao que parece, de agarrar êle proprio no volante do seu automovel e metel-o na sua maxima velocidade para não ser catrafilado pelos alemães.

Portanto, segundo a maneira de ver de um soldado de trincheira, isso do «coupé» está bem.

Já enunciei o meu critério sobre o caso do doutor Afonso Costa se ter lançado pela janela de um «elétrico», como uma bala, ficando estatelado nas pedras do Aterro, quando sentiu um estoiro de um petardo, debaixo ou proximo do carro em que ia.

Tambem está bem, porque os observadores dos *balões salchichas* «no front», quando viam aviões inimigos a namorarem-lhes a aventesma que os sustentava lá em cima, não hesitavam e lançavam-se de maiores alturas.

Bem sei que tinham um pára-quedas que se abria segundos depois de já irem caindo no espaço. Mas tambem sucedia o pára-quedas não abrir e o desgraçado esborrachar-se no solo, dando-se até o caso de, ás vêzes, o avião inimigo não se importar nada com o *chouriço cheio de gaz*, que, assim, tinha que ser descido para meter de novo os passageiros que tão apressada e arrojadamente se haviam apeado.

Portanto isso do «electrico» também está bem, mesmo para militar, quanto mais para paisano.

Dizem que antes do doutor Afonso Costa optar pelo elevador de cosinha como refúgio contra o dezembrismo nascente, estivera muito tempo metido em uma sentina do mesmo Hotel do Porto.

Se assim foi, tambem acho bem, mesmo para militar! Que diabo, eu, soldado de trincheira, não posso ser muito exigente em matéria de abrigos.

Alguns soldados, firmes e gloriosos, morreram positivamente com as calças deitadas abaixo e sentados em retretes.

E ao estalar a granada fatal sobre êsse logar de repouso, alívio e de leitura, *que por vêzes não esquece*, lá ficava tudo num bolo: os restos do heroe da guerra, os sacos da blindagem e proteção do abrigo e os escrementos.

Houve mais disso do que se imagina.

Algumas vêzes, êsse logar proprio para todos os descanços *e alivios possiveis* serviu-me simultaneamente de abrigo contra centenas de balas de metralhadoras, que eu sentia crepitar nos tijolos do revestimento de proteção ou enterrarem-se nos sacos cheios de terra.

Duma ocasião mesmo em que me servia dessa util e *humanitária* instalação senti estalar granadas a poucos metros e alguns cacos zuniram-me perto, enquanto outros se enterraram como navalhões pela proteção de sacos de terra.

Portanto — com mil diabos! — isso da retrete ainda está bem, embora já seja *o terceiro* caso a considerar.

Sem ser em campanha, conheço o caso de João Chagas, condenado politiço em Angola, ter fugido ao seu degredo num cahique, para onde foi transportado dentro dum caixote.

Sem que ninguem m'a peça, eu dou a minha palavra de honra que em idênticas condições não hesitava em fazer a mesma cousa.

Há ainda o caso referido pelo nosso melhor contista da guerra, o tenente Pina de Moraes, da gentilissima, franzina e elegante franceza, (o tenente Pina de Moraes podia ter acrescentado *maleabilissima*) que veiu no camarote do navio dentro de um arquivo de batalhão!

Apenas tenho a observar que acho, ou a francêsa um tanto *graúda* para o arquivo, ou o arquivo um tanto de *via reduzida* para a francêsa!

Não deve ignorar o ilustrado tenente e brioso oficial da Flandres que eu, como *major*, nada saberei do meu oficio, mas há uma cousa que é *atávica* nos majores, que é saberem as dimensões *exactíssimas* do arquivo de um batalhão. *Exactíssimas*, note tambem o leitor! Ora, é certo que o joven oficial pode dizer-me que de nada me servem os meus conhecimentos profissionaes em matéria de arquivos de batalhão, porque o meu terrivel e

desacreditado posto de major me inibe de conhecer as dimensões *exactas* de uma francêsa, gentil, nova, bonita e elegante.

No entanto, fico na minha; ou tenho que pedir licença ao tenente Pina de Moraes para engulir a francêsa ou rebento com o arquivo.

Eu, no caso do interessante contista, trincava as pernas á francêsa, antes de a meter no arquivo.

Mas isto são apenas expedientes de major.

Deixemos, porem, as divagações do nosso major e voltemos ao elevador da cosinha do hotel.

Voltemos, é como quem diz; eu nem entro, quanto mais voltar!

E' conhecida por tradição a morte terrivel do famoso traidor português Miguel de Vasconcelos. Tambem já chegou á tradição o celebre esconderijo onde foi encontrado êsse facinora da liberdade e independência do meu país.

Foi encontrado num armario, mas que nem era um aparador, sequer, quanto mais um recipiente de louças sujas com sobejos de comida de um hotel.

Era naturalmente um armario de guardar papeis, ou talvêz mesmo nem isso; porventura seria um dêsses armários onde os burocratas dêsse tempo ou o proprio Miguel de Vasconcelos guardassem o *arranjinho* de ver a Deus, enquanto trabalhavam na repartição.

Sendo ainda bem pequeno, lembro-me de ver representar no antigo Coliseu dos Recreios, onde hoje está o Eden e parte do Internacional, o antigo e conhecido drama histórico — *1640* — e foi lá que pela primeira vêz vi o tal armário donde os conspiradores com João Pinto Ribeiro á frente iam arrancar Miguel de Vasconcelos para o atirar pela janela fóra.

O doutor Afonso Costa pertence já hoje á Historia e quando, daqui a cem anos ou mais, qualquer autor dramatico se lembrar de pôr em scena o — 5 de Dezembro — por exemplo, lá iremos todos ver o

doutor Afonso Costa a saír do elevador das cosinhas do hotel do Porto, com os pés lambusados de arroz de pimentos e puré de batata e com as abas da sobrecasaca ou fraque a escorrerem restos de môlho de cabidela!

Será horroroso e a plateia ha de manifestar-se.

E' talvez por causa da scena do elevador das cosinhas e pratos do hotel do Porto que as nossas compensações da guerra tanto cheiram a salada de tomates frios, a refogado para fricassé e a cascas de queijo saloio.

Nunca entrei até hoje num elevador de cosinha; êsse recinto está até ao presente livre de *durindanas,* mas calcúlo a série de peripécias que sucederam ao doutor Afonso Costa, Capêlo e Borla da nossa Universidade de Coimbra, ao passar um mau quarto de hora *de elevador.*

Sua Excelência devia ter entrado com o pé esquerdo e, na precipitação, não reparou onde o pôz.

Ao firmar-se nêsse pé sentiu qualquer cousa dura e que, cedendo ao peso, deu um estalo e lançou esguichos que pareciam estilhaços; um dêsses *estilhaços* atingiu-o nas costas da mão esquerda e o doutor Afonso Costa teve um estremecimento doloroso; julgava que estava ferido, sentia liquido a escorrer. Mas não era sangue; era sumo de um lindo e monumental tomate, rechonchudo e vermelho, que o nosso estadista da Grande Guerra esborrachara com o pé esquerdo na precipitação e ao entrar.

O doutor Afonso Costa levanta o pé rapidamente e firma-se no outro, mas — oh! tortura de elevador, — sente que esborracha outra qualquer cousa e que ao mesmo, tempo entre a sola da bota e o elevador há ainda um objeto duro que o faz escorregar. Tinha esborrachado uma azeitona!

Escorregára no carôço.

O nosso estadista desequilibra-se, cae sentado e procura apoio, com a mão direita, a mesma que

assinou o nosso tratado de paz; nesta altura não houve estremecimento: houve uma contracção geral de repugnância instintiva. Puzera a mão ou, antes, enterrara a destra numa massa morna, que cedeu ao primeiro contacto e notou o adversario das *durindanas* que, ao retirar a mão, essa massa mole e morna lhe vinha pegada e como que lambusando os dedos e a palma da mão. Sua Excelência, cheio de repugnância instintiva, cheirou a mão, o que nada deu de positivo; foi nêsse momento que o elevador começou o seu movimento de vae-vem. Entra por uma fresta de acesso ao elevador um raio de luz e o doutor Afonso Costa verificou então que era apenas... um puré de batata inodoro e insípido, que estava nos restos de um prato em que se servira ao jantar um hóspede fastiento e de má bôca.

Nesta altura, o doutor, lente da nossa Universidade, disse:

— Ora, batatas!

E se assim disse, falou muito bem, nessa ocasião pelo menos, porque não mentia.

Eram realmente batatas, embora fosse mais verdadeiro dizer:

— Ora! puré de batata!

O elevador seguia o seu destino, que era naturalmente para as cosinhas do hotel. Sua Excelência levantou-se um tanto contundido por alguns cacos de pratos que partira com o seu assento catedrático ao... sentar-se a um tempo e sacudidamente.

Não dera golpe nenhum nem se espetára sequer, porque os *alfanges* e os *tridentes,* felizmente, estavam todos em posição de *colunas abatidas* e a *coberto.* Uma valentissima e suculenta *trolha* de sôpa é que magoara um pouco o logar físico em que Sua Excelência queria que fossem aplicados pontapés aos soldados para êles irem para a Flandres.

Atribuem os seus correligionarios ao doutor Afonso Costa a seguinte e infeliz frase:

— Os soldados irão aos pontapés e os oficiaes pelas orelhas.

Sua Excelência nesta aventura do elevador não magoou nenhuma orelha, embora tenha que ficar toda a vida com elas a arder pelo que lhe disseram e continuarão a dizer na conferência... da paz, para êle, e da guerra para os outros.

Iamos então... Ah!, já sei. Iamos no «Ora, batatas».

Sua Excelência levanta-se, encosta-se ás *blindagens* do elevador e firma-se no «man's land».

Nesta altura o distinto lente da nossa Faculdade de Direito grita:

— O estupor... do elevador!

Gritou como o Rei da Madureza, mas não continuou, como êste, o discurso. Se continuasse, diria:

— Desgraçados elevadores que taes restos de comidas teem!

Tal discurso seria a repetição do que fez quando disse:

— Desgraçados soldados que taes oficiaes teem!

Mas... afinal, o que era que provocara o grito e o *arranco histórico* do Rei da Maduresa?

Fôra o facto do émulo valoroso de Clemenceau, o Lloyd George português, ter enterrado em cheio o pé direito numa massa que pouca resistência ofereceu e, alem disso, como retirasse o pé rapidamente e o sacudisse, houve uma espécie de estilhaços que pareciam graniso meúdo.

Sua Excelência apalpa a bota, percebe tudo e diz:

— Ah! E' *alpista!*

Dêsde a sua visita a Tancos e quando, de fraque e côco, passou, tambem a cavalo, as tropas em revista, ouviu das fileiras sair um grito.

Esse que gritou disse:

— O' Afonso, quando é que acaba esta *alpista?!*

Em calão de caserna, *alpista* é arroz e o soldado queria saber quando é que acabavam as manobras

de Tancos, por que êles estavam convencidos de que aquilo tudo era *fita*.

E era, se não fossem os pontapés nos soldados e os puxões de orelhas nos oficiaes.

Ainda um oficial quiz punir o soldado atrevido, mas o nosso marechal, (1) não consentiu que tal se fizesse e até achou graça, como sucedeu com Turene, com Frederico o Grande e até com Napoleão.

Mas, por causa das dúvidas, foi dizendo ao ouvido do oficial que o *da alpista* era correligionario de 14 de Maio.

O oficial ficou logo acomodado e de aí em diante passou a apertar a mão ao soldado para não parecer jesuita, talassa, lacrau, germanófilo ou mau républicano.

Em resumo e para terminar, foi na altura da *alpista* que o «pássaro saiu da gaiola».

Quando um soldado preso sae livre do calabouço é assim que se diz em calão de caserna, e como estou a tratar duma entidade que durante a guerra foi um forte, não desdenho de usar destas liberdades.

Na guerra foi sempre um forte; na paz é que fraquejou, e muito. Não admira: um homem não é de ferro!

Sucederia isto tudo ao doutor Afonso Costa?

Naturalmente não sucedeu, mas podia ter sucedido.

Do que no entanto Sua Excelência se não livra é da fama de, no elevador das cosinhas do hotel do Porto, ter sido vitima de três côres: a vermelha (o tomate) a branca (o puré) e até a verde!

Sim a verde, porque quando o nosso maior estadista da Guerra saiu do seu *ultimo reduto* no Porto trazia um valentissimo naco de pimento a cavalo na dobra da sua calça de diplomata.

---

(1) Os ministros plenipotenciários teem maiores honras do que um simples general e o doutor Afonso Costa foi em Londres uma espécie disso.

A travessa da alpista era comida para os criados do hotel; era arroz de sustância com pimentos.

Só a côr azul não vitimou nêsse dia o melhor e maior republicano de Portugal na era corrente.

Não admira; a grande massa do seu partido era composta de monárquicos do Constitucionalismo conversos por *mendicidade convicta* e o elevador, que sabia isso, não o quiz comprometer!

No entanto, ao sêr prêso, o grande *têso* vinha um tanto azul.

Que mo releve, pois, o propugnador e negociador da nossa guerra na França, mas o tal elevador é que eu não gramo. O resto está bem para *paisano* e até vou mais longe, para militar. Mas o elevador, essa *terra de ninguem*, êsse depósito de *munições* de bôca, o negociador de ida de tropas para a Flandres armado em pastelinho, em almôndega, croquete ou mesmo empadão, para atender à sua alta categoria de lente, isso é que se me não varre da ideia!

Das outras vêzes foi defêza natural e legítima; refiro-me ao «coupé», ao «electrico» e à retrete do hotel; mas quando do elevador *foi mêdo e muito!*

Que se não ofenda o cavaleiro da revista militar de Tancos com esta minha afirmação. E isto por uma razão muito minha e muito simples. E' que eu tenho tido mêdo muitas vêzes, e até em França o tive, nessa Flandres de tanta utilidade diplomática para o país. Mas o que nunca me abriguei foi num elêvador de cozinhas de hotel, nem me refugiarei nunca nêsses *reductos* de bifalhada, a não ser para me salvar de um incêndio ou de uma inundadação.

E não receio morrer pela bôca, como o peixe, porque, para dentro dum aparêlho dêsses, a cheirar a fricassé e a fartum de cêbo de hotel, só morto ou amarrado; por minha iniciativa — *nunca!*

XXIV

Epílogo!...

E dêste modo todas as farroncas da guerra na Flandres acabaram em *mêdo*.

Raiava o dezembrismo e novamente o *mêdo* ia ser a grande arma para fazer política partidária.

Se da primeira «étape» o mêdo era apregoado para calar resistências às cumplicidades com mentiras, na segunda «étape» ia-se explorar o mêdo, para se chegar á inutilisação da Grande Mentira, a *Mentira da Flandres*.

Nessa atmosfera de *mêdo* pairou durante quasi um ano um só hómem, que nunca teve mêdo e êsse foi o unico... que mataram!

O resto escapou tudo!

Vamos, pois, entrar numa atmosfera de *mêdo*.

Vamos mudar de juizes, vamos mudar de auditório, vamos mudar de carrascos, vamos executar novas vítimas que a História julgará no seu supremo papel de tribunal de última instância.

Morria o «14 de Maio».

Nascia o «5 de Dezembro».

As mais altas personagens que o «14 de Maio» entregou á História escaparam, estão vivas, defenderam-se como puderam.

Precisará ainda delas a historia do meu país?

Talvêz...

O «5 de Dezembro» apenas entregará á tradição um hómem. O tal que, numa atmosfera de medrosos, nunca teve *mêdo!*

Errou?

Decerto, como todo o mortal.

Mas não destruiu, ao menos, a *Mentira da Flandres?*

Não; e êsse foi o seu grande êrro; essa ficou

sendo a peça principal de acusação no seu processo.

Não extinguiu a *Grande Mentira;* amesquinhou-a apenas.

Sacrificou novas vítimas inocentes?

Não. Mas conservou no altar do sacrificio inútil os que lá tinham sido colocados pelo «14 de Maio».

O drama lento da Flandres, essa tragedia moral horrivel, essa fantástica experiência com a Raça Portuguêsa, só acabou... com o armisticio de 11 de Novembro de 1918.

Foram os alemães que puzeram termo á Grande Mentira, á *Mentira da Flandres.*

IV

O MÊDO

I

A glória ou a derrota!

Que ninguem me diga que as multidões praticam excessos, sem que quem dirija essas multidões seja o responsavel por êsses excessos.

Se o excesso é uma desordem, o chefe é sempre o maior desordeiro!

Se o excesso tem um fim desastroso, o chefe é o maior desastrado!

Se o excesso tem o cunho da cobardia, o seu maior cúmplice é o chefe! Mas se o excesso é um destes arrancos, que marcam o valor de uma raça, ou um sacrificio nunca excedido, as glórias não pertencem só ao chefe, tambem pertencem a essa multidão, a essa raça. Mas para isso preciso é que haja uma vitória final, com objetivo brilhante alcançado, ou uma compensação de valor, atingida.

Esse valor deve ser sempre um valor material, uma compensação real, uma vitória de factos e não uma vitória só de ideias, ou de palavras sómente.

Ideias e palavras são as pregas do manto que

cobre hipocritamente a triste nudêz da natureza humana.

E assim como só a nudêz da mulher sacia de facto, assim as pregas do vestuario feminino, as suas côres garridas e o seu fluctuar ondulante e só essas, apaixonam e arrastam.

No primeiro caso há factos, no segundo só há ideias e palavras.

.....

Clemenceau e Ludendorff! Um politico e um general! Os dois maiores e mais rudes adversários dos ultimos e formidáveis golpes da grande luta, iniciada na Europa em agosto de 1914.

Clemenceau foi a gloria, porque dêle recebeu a França a vitória!

Ludenforff foi a derrota, porque dêle recebeu a Alemanha o fracasso final!

Se a França fôsse vencida (e podia têl-o sido, se não fôra a America), perante os pontapés terriveis de Ludendorff no ano último da guerra, a mesma massa humana que glorificou Clemenceau tinha-se sublevado. E contra quem iriam a sua fúria e o seu desespêro?

Contra o mesmo Clemenceau!

Não tenho dúvidas; foi êle que recebeu a vitória? Seria êle que sofreria a maior derrota, porque seria êle *o maior culpado* da França não ter vencido!

No primeiro caso recebeu a vitória que entregou á França.

No segundo caso ficaria êle só, e principalmente, com todas as *honras da derrota!*

Que meditem bem nisto os primeiros funcionários de uma nação, qualquer que ela seja.

Clemenceau tem ideias sublimes e proferiu palavras e frases gigantescas?

Só isso não chegava, porque a multidão o que queria, no fundo, era a vitória de facto, isto é, a mulher nua; e só essa a saciava.

E' assim mesmo, e bem é que assim seja, para que vulgares ambiciosos não desfrutem as alturas por vaidade, mas antes o façam por espírito de sacrificio.

Ludendorff foi para Alemanha o peor general, porque foi aquêle que recebeu a derrota final em cheio.

E no entanto êsse homem, êsse general, só tem um defeito como militar. Foi ter perdido os últimos três lances do seu jogo da guerra.

Foram só três lances dêsse xadrez gigantesco de quatro anos.

Pela ideia, fez sulcos profundos e quasi irreparáveis, por vêzes, na massa de carne dos aliados.

Talou campos, arrasou cidades, vilas e aldeias inimigas; arrastou com as suas palavras de soldado fortissimo, que é, milhares de alemães á morte. Venceu sempre de 1914 até Julho de 1918, mas perdeu um lance em 15 de Julho, outro em Agosto e por fim o terceiro em Outubro. A sua última partida acabou em Novembro.

Foram só os três últimos lances que perdeu, mas com êles perdeu a guerra toda; logo é e foi o peor chefe militar alemão!

Peor chefe do que êle só o Imperador, porque êsse perdeu a guerra e perdeu tambem a corôa!

Se a Alemanha tivesse vencido, quem seria hoje o deportado da Holanda?

Seria quasi Deus na terra!

No exército como na política é a mesma cousa.

Se o general venceu, a vitória pertence ao general e tambem aos soldados.

Mas se foi vencido, a culpa é *só* do general.

E bem é que assim seja, para que o general ou o chefe dirigente de massas humanas não se sinta com previlégios que lhe não pertencem; os quaes seriam ter, no caso de insucesso, o direito de pulverisar as suas responsabilidades pelos que não podem assumil-as.

Basta que, *no caso de sucesso final*, recolha de todos uma parcela para com elas fazer o melhor quinhão, que será *sempre o seu*.

.....

Já vimos, no campo das lutas humanas, a arvore na planície, a águia no firmamento, a torre que ameaçava ruína.

Vamos ver o ponto luminoso na escuridão, a mancha brilhante, mas... fria.

.....

Já vimos o cocheiro «sportman», o carroceiro furioso, o homem do porrête e do cavalo marinho, os dois velhos bons, mas caturras, e o minhôto do varapau.

Vamos ver a armadura do Regente, do Nosso Conde de Avranches, sem o assassinado de Alfarrobeira lá dentro, mas apenas cheia de... *nada!*

II

Sidónio Paes

Sidónio Paes, depois de ter apontado ao peito de Norton de Matos a sua escopêta de guerrilheiro, arrumou-a para um canto e, com a sua psicologia de *iluminado*, despresou a vulgaridade contemporânea.

Voltou as suas recordações para a nossa história antiga e aí foi escolher o seu tipo de *têso!*

Na nossa galeria histórica, onde há muitos bravos, mas onde tambem há muitos *têsos*, escolheu Sidónio Paes a brilhante história e alevantada armadura do Conde de Avranches; mas esqueceu-se, ou não reparou bem, que não tinha à sua disposição matéria prima para substituir a grandêza moral do Regente!

Não se preocupou sequer com isso, e julgou que *êle só* podia substituir essa enorme lacuna, en-

vergando as nobilíssimas e fulgurantes chapas de aço que o Regente, o Duque de Avranches, ao morrer, legou à tradição.

Não mediu, não pensou; sonhou, atordoou-se por assim dizer, e.. caíu!

Tinha que assim ser.

Essa armadura chegou até à tradição com uma divisa que a caracterisa, como fecho do seu elmo de linhas nobres até ao sacrifício.

E' a morte do Duque, é essa frase última dum colosso moral, confessando a sua impotência; é a forma alevantada de um mártir forte!

O conde de Avrânches, ao cair, disse:

— E' fartar... vilanagem!...

E entrou logo na História e pouco depois pertencia à tradição!

A imperícia dos adversários políticos de Sidónio Paes, (que foi manifesta) deu-lhe um logar na tradição.

E' bem merecido êsse logar?

Merecido é, porque Sidónio Paes *marcou*.

Será um logar de honra?

Prevejo que sim, porque os seus adversários políticos, recorrendo à violência última que empregaram, sugestionaram ou aproveitaram, meteram-no pelos oratórios dentro, donde já *ninguem o tirará*, e entregaram-no ao fanatismo popular, antes de êle estar gasto e no declive para onde tendem fatalmente todos os que alcançam os logares dominantes em sociedades convulsionadas pela paixão política.

Quem matou o Partido Republicano Português, a facção política para quem a figura política de Sidónio Paes era o maior adversario, não foi Sidónio Paes, foi aquêle tiro que lhe deram, e que ainda hoje não sei se foi sugestionado ou *aproveitado*.

Foi êsse tiro a granada que estoirou em cheio no meio do P. R. P.

Por muito menos do que isso chegou à tradição,

com certas honras, o Prior do Crato; e embora os historiadores se esfalfem a berrar que o Prior do Crato quiz pactuar antes da refrega de Alcântara com Filipe II de Espanha, a sua tentativa em Alcântara, apesar *de êle ter fugido*, ficou na tradição, como uma desafronta última contra a dominação espanhola.

Não há tradições de verdade histórica, há só tradições e decerto não chegará à tradição maltratada a figura política de Sidónio Paes, visto que, como disse, já se apossou dos oratórios e do fanatismo popular.

Tomaram conta dêle a mulher e o inculto.

Isso é que fica.

E êsse grande favor deve-o, mais do que a ninguem, aos seus maiores adversários!

.....

Voltemos, pois, à tradição de Alfarrobeira, à armadura do Duque.

Essa armadura sentiu vibrar dentro de si uma alma, mártir e heroica, que, ao ser vencida, marcou a sua derrota com um desabafo de tédio; mas por outro lado essa armadura esburacada e espesinhada em Alfarrobeira pelos tamancos e chinelos sujos e elameados de miseráveis vilões e lacaios assalariados, tinha sido espelho límpido e de brilho indelével em vários campos de batalha onde não há assassinos nem cobardes e em que, vencidos e vencedores, são todos *fortes!*

Essa pagina de ferro e aço da nossa história nunca fôra espelho de *cobardes!*

Nunca na superfície lisa do seu peitoral houve uma ruga, uma mancha ou um vinco de cobardia; nunca na couraça dessa armadura se reflectiram a pusilanimidade, o mêdo ou a timidez.

O conde de Avranches, ao morrer, a ultima cousa que viu foi vilanagem, mas antes disso só viu em volta de si, e muitas vêzes, a fúria sanguinolenta dos combates, a fereza humana na guerra!

Essa armadura, até Alfarrobeira, recebeu sempre reflexos de coragem.

Mas Sidonio Paes, ao escolher êsse tipo classico de bravura, só viu a armadura e a frase final, não analisou préviamente o que ia encontrar entre a armadura e o fim.

Começou por envergar a armadura moral do Duque, que chegou á tradição, mas ao olhar em volta de si viu o mêdo e a fraqueza em toda a sua nudez!

As espadas que o aplaudiam e vitoriavam não passavam de fracos *canivetes*, na sua maioria!

Percebeu talvez então o seu erro ao ver os miseros vilões e, instintivamente, viu o fim.

Cair varado pela vilanagem e morrer!

Para ir ao encontro dêsse fim só tinha dois caminhos a seguir: ou esperar a morte, defendendo-se, ou apresentar-se a ela como um estoico.

Preferiu o segundo meio; armou em *têzo* e, cousa curiosa, foi êsse procedimento que o entregou, com raizes profundas, ao fanatismo popular.

Está tão preso a êle que ninguem mais o tirará de lá. Fico por vezes espantado ao ouvir gente inculta falar de Sidónio Paes com um respeito fanático e religioso, que não descortino nas creaturas cultas que metem dentro dos seus oratórios e a a par dos santos a figura de Sidonio Paes!

. . . . . .

Como os *têsos* anteriores, antes de saír á liça não analisou o meio, nem pesou as gravissimas circunstâncias com que se ia defrontar; entre essas varias circunstancias havia uma que sobrelevava todas, que era a ferida aberta na Flandres, que seria necessario *abrir mais, ou saral-a de vêz.*

Apenas o seduziu a parte violenta da sua missão, a vingança ou desafronta que o país por instinto pedia a quem se apresentasse a chefiar e dirigir uma reação contra a desordem interna acumulada e sempre crescente; contra o enxovalho ás crenças,

êsse erro original do regímen proclamado e implantado por portuguêses, que trataram o assunto sem as menores reservas, e por fim o apelo que o mesmo país fazia a Deus ou aos homens para que a ferida da Flandres se fechasse de vêz.

Todo este programa exigia a violência para ser retumbante e espetaculoso; para apaixonar a alma popular; para satisfazer a ânsia e ódio reprimido contra os usurpadores da liberdade interna do país.

Para esta missão lançou mão, como disse, da nobre armadura, armou-se cavaleiro e olhou em volta.

O que descortinou logo ao primeiro golpe de vista foi o maior castigo do seu *erro inicial*, que outra cousa não foi a revolução de 5 de Dezembro de 1917.

Essa revolução entregou aos seus maiores adversários a mais poderosa arma. Deve-lhe tambem por sua vez o P. R. P. um alto favor, que foi receber Sidónio Paes o melindrosissimo encargo de resolver um problema que não podia ter nunca uma solução aceitavel.

Para mais, só via em volta de si vilanagem, logo no primeiro quarto de hora em que a sua acção começou a ser pessoal.

E porque havia caido num êrro que ia degenerar em deshonra, tinha que caír.

E porque tinha que pactuar com uma mentira, *que não podia destruir* embora não a alimentasse mais, tinha que baquear.

Não conheceu nunca o mêdo?

Nunca! Dil-o o fanatismo popular, dil-o-á a tradição!

Mas esteve sempre entre medrosos; dil-o-á tambêm a tradição, depois da História gravar em vincos indestrutiveis na pagina lamacenta e sanguinolenta da Flandres a palavra *mêdo*. Serão daqui a duzentos anos quarto letras horrorosas para o bom nome da *raça*.

.....

Estas linhas sobre Sidónio Paes não devem agradar, nem a gregos nem a troyanos.

Mas agradam-me a mim, e como não escrevo para ganhar dinheiro, uso de um direito que se sujeita com indiferença absoluta ás críticas mais violentas, mas que não pode, nem deve, nem quer submeter-se á menor imposição pessoal, partidária ou política.

Nem o proprio Sidonio Paes, apesar de toda a sua aura e valor, estando vivo me poderia fazer calar nesta maneira de o apreciar, quanto mais, os que, por não serem o proprio, só podem no caso representar interesses secundários.

Simplesmente, fui uma das vítimas da grande mentira, da *mentira da Flandres*, e tambem uma das vítimas do *mêdo*.

Fui-o voluntariamente de ambas as vêzes; mas apenas por espirito de solidariedade para com os soldados e em homenagem ao valor da Raça.

Engeito daqui e bem alto, para que todos o saibam, quaesquer serviços persumivelmente prestados a *gregos* e a *troyanos*.

Tambêm não considero como prestados á Pátria os meus serviços em França, porque a Pátria não se serve *mentindo*.

E eu, sendo vítima de uma mentira, fui ao mesmo tempo cúmplice activo, e não pouco, dessa mentira. O tal feitio paradoxal que certa gente *não percebia* no C. E. P.

Eu em França só fiz uma cousa de alma e coração.

Rendi as mais sinceras homenagens ao valor da Raça Portuguêsa.

Fazia-me bem á consciência êsse programa.

Era como que uma compensação moral para o meu remorso constante nas cumplicidades com uma mentira, que foi uma afronta para uma Raça, por isso que se coonestava essa mentira com uma dúvida com que se atirava a Portugal!

— *Seriam capazes os portuguêses de se baterem com os alemães como se batiam inglêses, francêses, belgas, russos, sérvios e outros povos?*

As faces de todos os portuguêses da minha geração ficarão sempre a arder com essa miseravel bofetada, que, no fundo, não passou de um ardil saloio, para não lhe chamar cousa peor.

E — ironia implacavel dos factos! — a mão que deu essa bofetada era uma que não trepidou em se besuntar no repugnante sêbo de cosinha do elevador da louça de um hotel do Porto!!!

III

O mêdo!

A revolução de 5 de dezembro de 1917 com outro chefe que não tivesse as qualidades pessoaes e os predicados de chefe que tinha indubitavelmente Sidonio Paes, teria sido um fracasso como tantos outros nossos conhecidos.

O sidonismo sem Sidonio Paes não seria nada e do Parque Eduardo VII só êle foi para a História com as suas qualidades, com a sua nobrêza na forma de agir e com a sua vontade firme e indestrutível.

Era lente da Faculdade de Matemática, em que era capêlo, e no entanto houve uma equação e duas incógnitas que não soube resolver, porque no seu espírito fluctuou sempre uma dúvida.

Que valôr dar a X para achar o valôr de Y.

Venceria a Alemanha ou venceriam os Aliados?

Eis o X.

Reforçaria o C. E. P. ou mandal-o-ía recolher todo a Portugal?

Eis o Y.

Porque não poude dar um valôr definitivo a X, deixou Y indeterminado e eu vi bem o êrro dessa insuficiência de um capêlo em matemática. A única

vêz, naturalmente, que na sua vida não soube resolver um problema de álgebra, elementar na forma, mas muito dificil na essência.

Além disso, quando marchou para o Parque Eduardo VII levava atrás de si um valôr definitivo dado a Y que era a retirada das tropas de França.

Não se atreveu a aceitar êsse valôr dado a Y, porque receava enganar-se no valôr que adviria para X.

Daí ter ficado a resolução da equação indeterminada.

Esse êrro ficará exarado na História; à tradição apenas chegará a sua recusa em pactuar com a mentira da Flandres.

Sidonio Paes levára para o reducto do Parque Eduardo VII e atraz de si *o mêdo*, lá acalentou o *mêdo* e de lá saiu o verdadeiro *mêdo* da guerra na Flandres!

A mesma palavra manejada pelo democratismo para calar a lógica da verdade e as resistências à ida para a Flandres, foi sugestionada para levantar o espirito da resistência à ida para a Flandres!

Sidonio Paes, que era um valoroso, foi desde 5 de dezembro de 1917 até 13 de dezembro de 1918 um parapeito por detrás do qual se abrigou sempre *quem tinha mêdo* de ir para a França.

Só se salvaram bem poucos, e foram os que fugiram do pé dêle, alguns até para a Flandres. Estou convencido de que êle tambem não acabou por fugir para lá, porque não podia.

O que até então tinha sido revolta contra uma *mentira* passou a ser na essência *mêdo!*

Quem pretende entregar um depoimento honesto à história do seu país, tem que procurar nas suas palavras a friêza implacavel dos juizos frios e ao mesmo tempo o calôr inexoravel da sua indignação, *de soldado*, nêste caso que estamos abordando.

Daqui a muitos anos, quando já ninguem fôr capaz de encontrar os ossos da mão que está escrevendo

este depoimento, uma creatura qualquer dispensará toda a sua atenção ao que escrevo e a muitos outros depoimentos de origens as mais variadas e no fim fará o verdadeiro juizo, sem imposições, sem paixões e como quem faz anâtomia de factos.

Por isso me serão indiferentes as contestações actuaes que surjam e até os *gestos* indignados que apareçam a pedir explicações por provaveis ofensas, que se possam descortinar no que chamo simplesmente — um depoimento.

Não dou explicações nenhumas, *porque não quero;* e não quero porque para descer a êsse terreno era preferivel o ter-me remetido ao silêncio de Conrado, o prudente.

Se até agora estive calado, por assim dizer, é porque quiz eu mesmo conquistar para mim uma frieza de juizos que só a distância dos acontecimentos dá e só eu é que sei o sacrifício que tenho feito em me conservar apático perante o que tenho lido e ouvido dizer sôbre a Flândres.

Tenho lido alguma literatura (pouca), alguns desabafos (tímidos, pretensão (muita), politica (muita, mesmo muita), banalidade (bastante), sinceridade (pouca), independência (muito pouca), subserviência (mais do que seria para desejar).

Está a ver-se a dificuldade que o país tem em descortinar alguma cousa de verdade no meio de todo êsse matagal de fraquezas!

Em tudo o que eu desejo apreciar, não almejo por referências elogiosas à forma literária, à exposição interessante de factos, nem pretendo estar dizendo a última palavra sôbre o assunto.

Talvez até erre por vêzes, mas apenas tenho um desejo sincero, que é impôr-me pela maneira independente como aprecio figuras e factos.

Perante êsse desejo enorme, não devo preocupar-me com quaesquer maneiras de ver dêste ou daquêle, seja êle quem fôr.

Por espírito de coerência, resolvi egualmente e

com aquela vontade de que ainda felizmente disponho, achar cabidas tôdas as apreciações ao meu depoimento; conservar-me-hei impassível perante indignações que surjam como cogumelos em tronco pôdre, dêste ou daquêle campo, e até me sujeito às sanções do regulamento disciplinar, por não entender ser necessário o pedir a demissão de oficial do exército, para depois vir contar, e só então, o que vi e o que senti.

Pelo contrário. E' êste um caso em que mais do que nunca é necessário que um e até muitos oficiaes falem com aquela independência que em certos casos (e êste é um dêles) nobilita a profissão das armas.

Quanto às consequências de ordem material que sôbre mim possam caír em virtude da independência de comentario, que para mim reservei nestas linhas, essas consequências, sejam elas quaes forem, não me atemorisam nem me preocupam.

Um hómem que não perdeu ainda o direito de raciocinar e tem intactos os braços e as pernas, defende-se sempre bem de tudo e de todos, contanto que não use de um elevador de louça suja de um hotel.

.....

O dezembrismo não acabou dentro dum recipiente seboso onde se conduz louça servida para lavar, mas Sidonio Paes viveu sempre numa atmosfera militar *de canivetes*. Espadas, uma só. A dêle!

Para remover o seu *erro inicial* embora talvêz o único, tentou algumas vêzes Sidonio Paes envergar a sua armadura em outros, mas nessas ocasiões viu que os que o aplaudiam e o victoriavam com os seus *montantes de papelão* apenas empunhavam *canivetes*, porque, ou fugiam espavoridos, ou. . lançavam-lhe olhares de reprovação, que podiam ir até à revolta!

Uma espada só é montante quando cercada de fortes lanças.

Quando está cercada de *canivetes* uma espada é apenas uma faca de cortar papel!

.....

Como de costume, segue a declaração sobre as minhas ligações pessoaes presumiveis com Sidonio Paes.

Apenas me lembro de o ter visto uma vez em Coimbra, há muitos anos, quando êle, já depois de oficial, frequentou a Universidade para acabar o seu curso de matemática.

Fixeio-o, porque o vi jogar uma partida interessante de xadrez com um amigo meu.

Nem sequer falei com êle. Era um triste caloiro, sem categoria para conversas com gente no uso pleno de todos os direitos concedidos pelo «Palito Métrico».

IV

O ponto luminoso na Flandres

Muito se tem falado na acção deletéria do dezembrismo na Flandres.

Mas, antes do dezembrismo, não havia na Flandres uma grande relutância por parte das tropas que lá estavam?

Foi o dezembrismo que provocou essa reação?

Ou o dezembrismo apenas a aprovou e patenteou?

Se assim foi, essa acção, que se tornou deletéria, achava-se latente até 5 de dezembro!

Se eu fosse *canivete* do dezembrismo, apresentaria os seguintes factos referidos a numeros e datas.

Em novembro (começos) estoirou a primeira insubordinação ruidosa em infanteria 34, batalhão que nas mãos do major graduado de infantaria, Mota, foi, nas linhas e até êle vir de licença, um batalhão de *élite* da 1.ª divisão.

Quando estoirou essa insubordinação estava êste distinto oficial de infantaria de licença e ainda não havia dezembrismo.

No mêz de março, a 1.ª divisão portuguêsa batia-se com um notavel arreganho nas linhas e repelia sistematicamente e com êxito absoluto, em 9 casos de cada 10, os ataques parciaes feitos pelo exército alemão.

Em março de 1918 já havia dezembrismo!

O que produziu francamente uma ação deletéria de desagregamento nas tropas do C. E. P. foi o ataque alemão de «9 de abril».

O resto é tudo jogo baixo e destemperado do democratismo em luta com o dezembrismo, luta que para mim é uma das muitas mizérias moraes da política portuguêsa dêstes últimos agitados tempos.

Não é facil resistir, nas condições *artificiais* em que as tropas portuguêsas tinham ido para a Flandres, a um tão formidável choque numa batalha defensiva como foi para nós a batalha do Lys.

O meu criterio é simplesmente militar, nem outras *frioleiras* preocupam o meu espírito na apreciação que faço sobre a acção deletéria do dezembrismo no C. E. P.

Não combinei, nem tomei o compromisso de pensar com êstes nem com aquêles.

Tambem como militar, ou melhor, como conhecedor do meio do C. E. P. e como observador tácito de tudo o que lá ia vendo e ouvindo, sou levado a concluir que se alguma política teve acção deletéria nas tropas do C. E. P. essa acção preparatoria antes do «9 de Abril» e complementar depois do «9 de abril» foi malevolamente, miseravelmente e impiedosamente exercida, simultâneamente por *democráticos* e por *dezembristas*, junto dos soldados!

— Vocês agora estão perdidos, porque ninguem os vem substituir, e hão-de ficar até ao fim dos fins, na Flandres — diziam democráticos raivosos

e querendo tornar o desembrismo antipático aos soldados. Porque isto dizia-se de preferência e em todos os tons, o mais possivel deante dos soldados.

—Os democráticos é que os mandaram para aqui como carneiros e agora queixem-se dêles. Sidonio Paes não mandará para França nem mais um soldado e se êle conseguir que vocês vão todos para Portugal, ainda que seja á formiga, é a êle que o devem. Ao Afonso e ao Norton só lhes ficam devendo o terem vindo para cá todos como carneiros.

E os nomes do Afonso e do Sidonio serviam a democráticos e a dezembristas para massacrarem a alma do soldado, fazendo-o fluctuar entre a ideia de nunca mais voltar a Portugal ou de dar por finda a sua missão.

A batalha do Lys em 9 de Abril de 1918 veiu apanhar a massa de gente nesta tempestade de insinuações gratuitas.

As insubordinações de 6 de Abril de 1918 na 2.ª brigada e três dias antes da batalha, foram uma consequência da luta politica entre oficiais afectos ao democratismo e oficiais afectos ao sidonismo.

Houve uns incidentes de rendições, ordens e contra-ordens que produziram a insubordinação em 6 de abril, mas isso foi um detalhe, que nada tem com uma observação fria do assunto.

Aquilo, com dezembrismo ou sem dezembrismo e com uma batalha defensiva pela frente, tinha que rebentar por qualquer lado.

Começou a *supurar* em começos de novembro e agravou-se notavelmente de 9 de Abril em deante.

O resto é tudo política, que só vive da deturpação oportuna dos factos.

Um dos factores que concorreu para, em outubro de 1918, levar outra vêz as tropas á primeira linha de fogo foi a convicção absoluta em que estava essa massa de gente, (refiro-me á infantaria

em especial) de que ninguem os arrancava de lá mais.

Houve esforços?

Houve apelo ao brio?

Houve oficiais, que acima de tudo puzeram a honra da Bandeira Portuguêsa?

Não ha dúvida de que êsses vários factores concorreram para essa reação, mas no fundo, se formos a *escabichar* bem o âmago dessa reviravolta, vê-se que a massa de soldados acabou por se convencer de que, nem insubordinando-se, os mandavam embora de vêz, de modo se conformaram com a sua sorte.

Tenho esta minha opinião como insuspeita porque eu fui um dos que ajudou a dar o tal geito. Mas foi só o geito. O último cartucho que a gente da infantaria queimou para tentar a dispensa dos seus serviços foi uma greve aos trabalhos de fortificação na segunda zona da frente. Foi o 11-17. Tudo aquilo acabou entre três ou quatro barragens de metralhadoras, 13 vítimas estoiradas à bala e a desistência de mais insubordinações. Lá foram para concorrer para êsse *geito* duas metralhadoras do 15. Só mandei oficiaes e sargentos. Repugnou-me mandar soldados. As metralhadoras voltaram como tinham ido, os dois oficiaes e os sargentos é que voltaram com as mãos a arder dos sopapos e bofetadas oportunas que aplicaram nos insubordinados grevistas, sem ser preciso recorrer às metralhadoras.

No meio de todo aquêle destroço, surgiu a assumir o comando da brigada de que fazia parte êsse batalhão (restos do 11 e 17 de 9 de abril), uma figura simbólica da bondade forte, representada pelo bravo, sereno e espadaúdo tenente-coronel de infantaria Farinha Beirão.

Bofetada para a direita, sôco e murro para a esquerda, empurrão para aqui e berro para acolá, o valente oficial acabou com os fumos de resistência passiva daquela pobre gente.

Ainda assim, sem o exemplo eficaz das metralhadoras pesadas, de um grupo de metralhadoras e de duas metralhadoras ligeiras do 23, não seria eficaz e decisivo o recurso a que a necessidade da disciplina teve que recorrer, no Exército Português, como teve que recorrer aos mesmos meios, nesta guerra, o Exército Francês, deante do inimigo.

Cabe a iniciativa da proposta para a adopção dêste ultimo recurso a um dos portuguêses de mais fina têmpera patriotica que o C. E. P. teve em França.

Refiro-me ao tenente-coronel do Estado Maior do nosso Exército D. José de Serpa Pimentel Sousa Coutinho.

A decisão *última* pertenceu a essa nossa figura militar, de aspecto frio, mas que encerra o mais brioso espírito que eu conheci nos ultimos tempos da campanha da Flandres.

Refiro-me ao general Garcia Rosado.

Entre êsses dois homens estava outro, que, alem de técnico artilheiro consagrado no nosso exército, é um espírito cheio da mais alta filosofia do dever, do brio, da correção, da honra e da justiça.

Refiro-me ao general Bernardo Faria.

D. José de Serpa era o chefe do Estado Maior da divisão a que pertencia o batalhão insubordinado e a monte durante mais de oito dias!

O general Bernardo Faria era o comandante da divisão a que pertencia o batalhão dêsses desesperados, que eram os restos *de maior quantia* de uma batalha.

O general Garcia Rosado era o comandante dos *restos* do C. E. P. que o «9 de abril» tinha deixado muito combalidos.

A muita consideração que dois dêstes nomes me mereceram em França e a amisade de escola e tambem a admiração, bem como o alto conceito que me merece o destemido, sereno perante qualquer perigo e brioso oficial colonial como poucos D. José de Serpa, inhibem-me de ir mais

alem na minha ordem de considerações e referências a três nomes que considero como valores eguaes a três das quinas da Bandeira Portuguêsa, ou sejam, para mim, o Valor, *a Lealdade* e o Merito, sôbretudo a Lealdade!

.....

Sidónio Paes foi, pois, um ponto luminoso que apareceu na escuridão lamacenta da Flandres, para quem a gente portuguêsa que *lá* jazia começou a olhar com esperança e com certa fé.

Os seus tiros no 5 de dezembro foram como que ruído que nos desperta de um sonho terrível e sem fim.

Toda a soldadesca esperou dêsse ponto luminoso abrigo e calor.

A primeira impressão foi esta. Tudo o que se diga em contrário é *mentira* ou então *politiquice* apaixonada, o que para mim não constitue nem mentira nem verdade, porque é só *loucura*.

Por fim acabaram todos êsses desgraçados por verificar que essa luz, *para êles*, era só o resto de uma fogueira que tinha sido acesa para fins diferentes, e começaram a dizer uns para os outros:

— Então a Alemanha só declarou guerra ao C. E. P.?!

Esta pergunta, sarcástica e tremenda, não saiu da boca de um oficial.

Esta pergunta tremenda saiu da caserna, da gente inculta, da massa de lógica simples e positiva.

Desde êsse dia o nome de Sidonio Paes começou a ser o símbolo de todo o ódio que até então sentiam pelo nome de Afonso Costa.

Esse ódio manifestava-se terrivel e implacável na correspondência, que transitava pelas mãos dos oficiais, e que, conforme afectos ou inimigos de Sidonio Paes, cortavam ou deixavam seguir todo o desabafo do *eterno comido*, em tôda esta questão dos vivas á guerra, *na França*.

Foi a segunda fase do desespêro, que para muitos milhares dêles durou dois anos seguidos.

De uma maneira geral e como quasi sempre, a grande vítima desta situação foi *o soldado*.

Até os do 33 ficaram deshonrados, não pela revolta, mas pelo juizo dos seus camaradas da Flandres.

Eles, os da Flandres, tinham vindo sem recalcitrar, para que não lhes escarrassem na cara a suspeita do *mêdo* aquêles taes homens muito mal encarados que os partidários de Afonso Costa mandavam dar vivas à guerra pelo país fóra com a bandeira à frente e a filarmonica atrás.

Os do 33 tinham-se revoltado porque lhes tinham prometido, os *canivetes* de Sidonio Paes, a dispensa da vinda para a França em paga dos seus serviços.

Era um espectaculo doloroso para quem percorria o sector de trincheiras da 1.ª divisão por meio dos soldados, como «touriste» ou «reporter» com um impermeavel, e sem galões nas platinas, ouvir os arrancos de indignação e as tiradas de ironia com que por vêzes êsses pobres brutos mascaravam o desespero que lhes ia na alma!

De novembro de 1917 a abril de 1918, como comandante de morteiros da 1.ª divisão, fiz muitas vêzes essa *reportagem*.

Era por vêzes pungente, era por vêzes trágico, o que eu ouvia.

A praga, a obscenidade, a maldição e até o desprêzo, envolveram durante mêzes e cada vêz mais, o nome de Sidonio Paes!

Até já esqueciam Afonso Costa: Este nome para êles representava a violência sem escrupulos, mas Sidonio Paes representava a esperança animadora, que acabára por os enganar!

Essa gente que meteu a efígie de Sidonio Paes nos oratórios que se compadeça da morte violenta que o arrebatou e que réze por êle, mas que não

se esqueça de rezar também pelos soldados que estiveram e morreram em França de 5 de Dezembro até voltarem de França as tropas portuguêsas.

Se não rezarem por êles, cometem um crime que não deve agradar ao Deus a quem resam e nem deve agradar á alma de Sidonio Paes, esteja ela nos ceus mais límpidos, brilhantes e claros que a concepção humana possa imaginar.

Rezem muito por essas pobres vítimas de uma grande desilusão, rezem pelos soldados da Flandres.

Nem só Sidonio merece orações; êles também as merecem.

E no entanto á tradição pouco ha-de chegar dêste desespero, desta desilusão da Flandres, porque eram muito menos os que lá estiveram do que os que para lá não fôram dessa geração.

A tradição só chegará que Sidonio Paes acabou com a sangueira inútil da Flandres, não mandando mais soldados apara *lá*.

A tradição esquecerá os que êle lá deixou ficar até ao fim!

Em 19 de janeiro de 1917 os soldados da Flandres foram *desterrados* ao serviço de uma *mentira*; depois de 5 de dezembro do mesmo ano passaram a *exilados* ao serviço do *mêdo!*

A minha solidariedade de profissional para com a situação dos desterrados e exilados fez-me tambem sentir isso mesmo.

Os soldados da Flandres, ao compreenderem que eram sempre as vítimas constantes e quasi únicas da *mentira* e do *mêdo*, revoltaram-se várias vêzes e recusaram-se outras tantas vêzes a voltar à linha de combate, ao sacrificio, à morte, á chacina!

Era a revolta do desterro e do exílio forçados e sem fim previsto. Era o desforço de quem mais não póde sofrer.

Não era o decair de uma raça, era a voz alta e

sonora da *razão*, e o desespero bramando contra a perseguição sem limites.

Rezem muito por essa pobre gente que tanto sofreu, senhoras tôdas de Portugal, que meteram Sidonio Paes nos seus oratórios.

Eles tambem merecem uma Ave-Maria, ao menos.

V

E' fartar... vilanagem!

Sidonio Paes foi um martir, que, com nobrêza estoica, se apresentou bem de frente à morte?

Os soldados que êle deixou ficar em França num grande isolamento moral tambem acabaram por se apresentar à morte voluntariamente e num arranco nobre!

Dessa vez não foram *carneiros*, não foi *gado* empurrado para o matadouro; dessa vez não eram vítimas duma mentira; dessa vêz se eram vítimas eram-no de uma cruel realidade.

Sidonio Paes não os mandava reforçar, não os mandava substituir, não os mandava retirar para Portugal.

O 5 de dezembro era a desafronta de um país oprimido durante alguns anos, pela vaia, pelo insulto, pela insolência sem limites e pelo enxovalho que nunca acabava.

Desafrontava-se a religião, desafrontavam-se os monárquicos vencidos em 5 de outubro, desafrontavam-se todas aquêles a quem a demagogia barata e soêz tinha afrontado, sem distinção de crédos ou partidos.

Mas êles, os que ficaram na Flandres até o fim, eram esquecidos como vítimas sem valôr.

Por fim, ao verem que a revolta em França não lhes punha têrmo ao destêrro e ao exílio, teem uma reação de desespêro, e então cada uma dessas po-

bres bêstas incultas e rudes tem um assomo de nobrêza.

Envergam por sua vez a armadura do duque de Abranches e sentem que uma fôrça, uma lei fatal os impelia para a morte dos bravos.

Foi êsse gesto a unica fôrça activa que a soldadesca colectivamente teve em toda a campanha da França!

E, num rasgo de energia varonil, dizem uns para os outros e às vêzes para os oficiaes:

— Ou para Portugal ou para as linhas!

— Ou a Pátria ou a morte!

E num arranco nobre e quasi último, começam a marchar em outubro para a frente da batalha. Fèz-se o armisticio em 11 de novembro, porque, se tal não acontecêsse, êsses homens talvèz não voltassem a Portugal, mas cada um ao cair na linha de fogo, diria como o Regente:

— E' fartar... vilanagem!

A vilanagem era a *mentira*, era o *mêdo*, não eram os alemães!

Eu vi-os! Eu senti-os!

Nunca na minha carreira de oficial com algumas campanhas, vi os soldados do meu país naquêle estado moral.

O que afirmo--que todos os portuguêzes o saibam--eu nunca vi! E tenho visto alguma cousa no género soldado em marcha para a linha de fogo.

Falta-me a forma literária, que arrasta, apaixona e até convence.

Mas parece-me que tenho já autoridade de sobra para poder afirmar, com a certêza de não errar, que cada um dêsses homens morreria como um desesperado, mas bater-se-ía como uma féra!

A Raça não está decaída; os chefes é que não *sabem*.

.....

No meu batalhão, que era composto de soldados de infantaria de Tomar, de Faro, de Penafiel,

de Vila Real e alguns poucos de Lisboa, *Eles* é que resolveram ir para a *frente* e ninguem ignora em Portugal que foram êsses os que primeiro se destacaram do campo de tristêsa e desespero, em que desde «9 de Abril» se achava mergulhada toda a infantaria portuguêsa da Flandres.

Não sei como foi nos outros batalhões.

O meu, o IX°, o último (1) da numeração, (a meu pedido), é que, nêsse arranco admiravel de *Raça*, foi o primeiro a romper e a envergar a divisa da honra e do desespero heroico!

Como disse e repito, foram os soldados que tiveram êsse *arranco!*

Não pretendo por modestia oportuna entregar a soldados os meus méritos de comandante.

O que se passou antes talvêz me pertença um pouco. Mas êsse momento soléne da vida e do nome de uma *Raça* é só dos soldados, não é de mais ninguem.

Foram pastores, cabreiros e bestas de trabalho dos campos de Portugal que, arremessando o guante á vilanagem, se quizeram atirar outra vêz para a fogueira, para a fornalha da Flandres!

Esta decisão na aparência pertence-me, mas eu, por ser o comandante *d'Eles*, sou só o símbolo dessa decisão!

Eles, que eram mais de mil, é que *quizeram* ir para a «frente» outra vêz; os oficiais e sargentos acompanharam-nos; eu, apenas os segui!

Não espero tornar a ver o que vi então, nem eu tenho predicados literários para o descrever!

. . . . . .

E no entanto por vêzes, durante a marcha, destinguia nêsses homens um sorriso estranho,

---

(1) Depois da Batalha do Lys que marcou um ano aproximadamente de campanha para nós, portuguêses, apenas foi possivel organisar 9 batalhões dos 24 que primeiro tinham constituido o C. E. P.

quando, em conversa uns com os outros, se referiam a Portugal!

Esse sorriso sempre caracteristico, seria de saudade ou de... desprêso?

Talvêz uma cousa e outra!

Senhoras de Portugal que resaes pela alma de Sidonio Paes, cujo retrato tendes dentro dos vossos oratórios ao lado dos santos de vossa elevação: rezae tambem uma Ave Maria ou Padre Nosso, por alma ou pelos sofrimentos dessas vitimas do dezembrismo.

Afonso Costa deu-lhes um pontapé e atirou com êles para a Flandres.

Mas Sidonio Paes deixou-os lá ficar, como que esquecidos, até ao fim da guerra!

De 9 de Abril em deante morreram bastantes soldados em França e em numero egual aos que morreram no dia da batalha.

Uma Ave Maria, ao menos, senhoras de Portugal, por alma desses mortos!

Eu não o faço, porque me falta a vossa fé, mas peço a quem a tem que o faça.

VI

O culto religioso, pelo soldado

Atrás disse que a decisão de voltar à linha de fôgo no IX° batalhão da Flandres pertence aos soldados e só a êles.

Tambem disse que não atribuia a essa pobre e boa gente méritos que me pudessem pertencer. Disse a verdade, porque essa decisão dêles datava de agosto.

Ouvi-lhes dizer muitas vêzes:

— Que diabo fazemos nós aqui, emquanto os outros jogam à porrada?!...

«Se não nos querem mandar embora ou não nos

querem vir substituir, então vamos outra vêz para as linhas!»

Isto diziam os soldados de infantaria 15 para os contingentes do 4, 19 e 32 que nessa data faziam parte do meu batalhão. Em outubro, os do 13, ao apresentarem-se no batalhão para completarem o seu efectivo orgânico, aceitaram a tese como bôa e oportuna!

Foi assim mesmo; que o saiba o maior número de portuguêses e que êste *gesto* chegue à tradição.

E se até essa data eu receava a ultima das deshonras, de agosto em deante voltou a apossar-se de mim outro sofrimento já muito meu conhecido.

O remorso!

Mais uma vêz lhes ia repetir que se defendessem como pudessem, que matassem tambem quanto pudessem e se não pudessem matar nem defenderem-se, que morressem... mas que me não perguntassem porquê!

Senhoras de Lisboa e de todo o Portugal, rezae ao vosso Sidónio, mas rezae tambem um pouco pelos que sofreram, os soldados incultos e rudes de Portugal, na Flandres!

Os vossos parentes eram oficiaes, mas vós, senhoras, podieis obter uma audiência do Presidente Sidónio Paes para lhe pedir que mandasse retirar os vossos maridos, os vossos irmãos, os vossos noivos.

As noivas, irmãs e mulheres dos soldados da Flandres não eram senhoras; eram umas pobres Marias, tão rúdes e tão incultas como êles.

Choravam muito, resavam muito, mas não sabiam como haviam de conseguir a vinda dos seus entes queridos.

Eu recebi algumas cartas de mães de soldados e do pae velho e doente de um dêles. Não chorei dessa vez e não fui assaltado pela tristêza, porque se apossou de mim o espírito da revolta. Revolta inútil, porque eu nada podia fazer.

Senhoras de Portugal, uma Ave-Maria tambem pelos sofrimentos dessa pobre gente de Portugal.

. . . . . .

Tambem disse atrás que o que se passou antes do gesto brioso talvêz me pertença um pouco. Julgo que sim e, repito, não procuro a modéstia, nem me arrisco a caír na imodéstia, ridícula quási sempre.

Conto o que vi e o que lhes fiz, para que para êles fique absolutamente o que é dêles, e que não é tão pouco como alguns poderiam julgar.

Considero a maior parte do meu trabalho em França como um trabalho mais de observação do que de heroe, o que me põe muito à vontade para falar de mim.

Se afirmei antes que a causa da corrosão patente do C. E. P. foi o «9 de abril», o choque formidavel da batalha defensiva dêsse dia, ocorre fazer uma pergunta:

— E desde «9 de abril» até ao armistício, o que fez o comandante do IX° batalhão para evitar que essa corrosão atingisse a gente do 15?

Desde 9 de abril até essa data abriguei-os constantemente, aqueci-os e dei-lhes sempre guarida moral contra o *desespero*, contra a escuridão da *noite da Flandres*.

Nunca os apouquei, nem consenti que, fôsse quem fôsse, o fizesse.

Reagi até à insubordinação declarada, contra tôdas aquelas determinações que pudessem implicar aos olhos dos soldados que comandava o menor desprestígio para êles.

Cumpria todos os serviços de que o batalhão era encarregado, mas não cumpria todas as determinações.

Ainda hoje sinto um tédio enorme ao lembrar-me de algumas dessas determinações, balôfas, banaes e perigosas, para não dizer *defectistas*.

Mas deixemos isso para outra ocasião; que a seu

tempo tudo ha-de saír cá para fóra; por agora vamos ao que importa.

Na Flandres, entre os soldados, nunca houve fraquêsa, só houve desespero e d'êle resultantes várias e estrondosas insubordinações no C. E. P.

Mas a par dessas insubordinações e dêsse desespero sem fim, quanta resignação, quanto martirio, quanto sofrer!

. . . . . .

Portuguêses:

Nunca o duvideis!

Tendes sempre soldados!

Não é preciso irdes experimental-os á Flandres, aqui, ali ou acolá!

Futuros oficiais:

Nunca desampareis os soldados, que são sempre os mesmos!

Não ha maus soldados ou bons soldados!

Soldados ha sempre bons; o que falta muitas vêzes são chefes, que, embora rudes, ásperos e exigentes, lhes sejam dedicados.

Eles sabem agradecer isso a seu modo, depois de já não serem soldados.

Eu sei isso muito bem.

Já quando não nos lembramos dêles abordam-nos na rua e, com ar entre alegre e respeitoso, tiram o chapeu e com uma vénia, que é mais gratidão do que subserviência, fitam-nos bem à vontade e com um prazer que para êles é uma satisfação e para nós oficiaes uma grande honra!

A's vêzes levam-nos a casa um pequeno cabaz com algumas maçãs ou laranjas, uma insignificância; mas quando êles nem o nome querem dizer a quem lhes recebe essa meia duzia de laranjas e se contentam em dizer a uma nossa pessoa de familia que «faz favor de dizer ao nosso comandante que é duma praça do 15 da França», nós, oficiaes, recebemos nessas ocasiões as mais altas compensações moraes da nossa profissão e qualidade de chefes!

A gente fica sabendo apenas que é um homem que nunca se esquecerá de nós, apesar de o termos às vêzes castigado e até por necessidade de momento... descido a exercer violências sobre êle, para afugentar a vil bêsta que treme e só ficar a alma que não trepida um segundo.

Senhoras de Portugal, rezae tambem um pouco por alma dos soldados que morreram na Flandres, antes ou depois de rezar pela alma de Sidónio Paes, isso pouco importa, comtanto que rezeis por alma dêles tambem.

.....

Políticos! Diplomatas!

Poupem os soldados leaes, bons e intrépidos de Portugal!

Lutem sempre *e muito*, contra a vaidade humana, para que êles só morram... no seu logar!

O soldado é aquela carne que a Pátria sacrifica em sua defêza, sem condições nem restrições, mas, por isso mesmo, só deve ser imolada no altar da *verdade!*

E a *verdade* nos campos de batalha é só a defêza legítima do que é nosso, e onde é nosso!

Mas que tambem não seja nunca o soldado poupado, quando a honra do exército está empenhada.

Essa honra do exército não é cousa que se analise de ânimo leve e com um encolher de hombros.

Essa análise deve ser profunda, fria e quasi geométrica, por assim dizer.

Diplomatas! Politicos!

Se quando se sacrifica inutilmente o soldado há crime enorme, quando se poupa o mesmo soldado em desprestígio do exército pratica-se a última das ignomínias (o paradoxo que me atribuia a tal gente do C. E. P. e a que de vêz em quando me refiro).

E por isso, senhores politicos e senhores diplomatas, antes de pensarem em si pensem primeiro no soldado, quer para uma guerra, quer para uma revolução.

Em uma das insubordinações de França (infantaria 7 em 4 de Abril de 1918), um dos soldados a quem um oficial d'Estado Maior se dirigiu para lhe moderar a exaltação, respondeu-lhe:

— Três anos de revoluções!

Dois anos de África!

Um ano de França!

Estou «chateado», meu tenente-coronel!

Este soldado foi uma lição de história dada aos politicos do meu país, que julgam que o soldado é *coisa* para se divertirem ou para seu gôso e regalo.

Pois não é.

O soldado é realmente *uma coisa*, mas apenas quando serve de barreira ao inimigo; fóra disso, é o mais alto valor que em si concentra êsse fulgurante raio de luz, que se chama Liberdade! Esse enorme direito que é a Independência! Diplomatas, políticos e cidadãos: Todos falam e lutam pela independência da sua pátria, mas aquêle que vae aos campos de batalha assegurar êsses direitos e firmar essa independência com todo o seu valoroso sangue é o soldado, só êle e sempre êle!

Essa tão insignificante *coisa* é sempre uma pedra colocada na muralha que defende um país contra a invasão de opressores armados de granadas, canhões e baionetas!

O soldado é também, como toda a gente que não está sob a acção dos tribunaes, um hómem livre, sendo certo que pesam sobre êle *muitos deveres*, mas que, por isso mesmo, tem *muitos direitos*, e um dêles é que o poupem ao sacrificio inútil e á deshonra.

Que o saibam todos quantos olham para um soldado como quem olha para lixo da caserna ou para esterco do quartel.

O soldado não é um elemento dirigente, porque não tem obrigação de o ser, não lhe pertencem essas funções no exército.

Quem tem êsse dever, essa obrigação, é o oficial, é o chefe.

O soldado apenas tem o encargo, bem pesado aliás, de ser a máquina *consciente* do oficial.

E' um elemento valioso pelo numero *e entre nós pela qualidade*, de que dispõem o estadista e o diplomata.

Mas quando o oficial precisa dessa *máquina*, só o pode fazer conhecendo-a *bem*.

E para isso é preciso ao oficial tratal-o bem de perto, adivinhar-lhe os gestos, escutar-lhe atento as palavras e as conversas, reprimil-o com severidade mas sem rancor, quando erra ou fraqueja, premial-o, demonstrando nisso o maior orgulho, para crear o alto e quasi indestrutível espirito de corpo.

Infantaria 15, em França, só viveu disso e de mais nada.

E' preciso premiar *sempre* o soldado, quando êle se excede no sacrificio da sua alta missão.

Qualquer palavra idiota ou frase escrita lhe paga, quasi sempre, todo o esforço de que foi capaz!

O seu nome, bem modesto na maioria dos casos, pois outra coisa não são os *Maneis*, os *Jaquins* e *Faciscos* antecedidos de um numero de ordem, escrito ou lembrado uma vez, ao menos, é para êle uma alta honra, quasi um favor para essa *máquina* que tem tanto de gloriosa como de simples!

Se lhe entregam uma chapa de prata, bronze ou cobre para a pôr ao peito, êsses tristes cavadôres, cabreiros e pastores teem nessa ocasião uma tremura característica de pernas, um agitar convulsivo de hombros e braços, que são a revelação de quanto vale o seu moral bom, grato e brioso!

E no entanto um dia chegou às linhas portuguêsas em França uma circular em que era alegada em nome de um general a *inutilidade* de propôr para recompensas gente que não abandonava o seu posto, embora êsse posto tivesse sido rijamente bombardeado!

O efeito dessa circular nas tropas de primeira linha logo no começo da nossa acção nos campos de batalha foi muito mais pernicioso do que o dezembrismo junto e multiplicado por si mesmo.

No meu batalhão mandei fazer outra circular, que dizia o contrário disso, mas contendo o maior numero de palavras eguaes ás que continha a circular que recebi e guardei.

Dei-a como vinda da mesma origem e mandei-a lêr aos soldados.

Isto é, sacudi de cima da gente que me estava confiada essa circular, que para mim representava apenas um quarto de hora de maldade, de estupidêz ou de irreflexão de quem a tinha inspirado.

Mas tudo isso fica para depois ser tratado por meúdos e a seu tempo.

Basta ainda dizer que, por vêzes, soldados da minha unidade diziam que na circular para as outras unidades estava escrito o contrário do que tinham ouvido lêr.

Respondia-lhes sempre que a nossa é que era a verdadeira porque m'a tinha entregue pessoalmente o nosso general e que as outras ou eram falsas ou tinham sido mal copiadas.

Eis uma das muitas minhas graves insubordinações.

Eis a minha falta de solidariedade, com insuficiência da profissão das armas.

O soldado é uma *máquina*, que pertence a uma *indústria* de sacrificios sem limites, que é o exército.

Compete ao estadista vêr nessa *máquina*, sempre e apenas, o espelho da Pátria nas horas de sacrificio.

Não se deve expôr o soldado inutilmente, mas sempre que seja preciso.

Não se deve poupar o soldado com prejuizo do sentimento da honra e do brio, porque êle deve ser sempre sacrificado por ela!

. . . . . .

Senhoras de Portugal, quando, de joelhos deante dos vossos oratórios e rezando pela alma de Sidonio Paes, lembrai-vos tambem um pouco dos soldados esquecidos na Flandres.

VII

Cobardia e vingança!

Na revolução de 5 de dezembro de 1917 havia uma origem oculta e inconfessável e também havia um fim, que foi alegado aos quatro ventos como justificação do procedimento dos revoltosos e responsáveis.

A origem oculta e inconfessável era a *cobardia!*

O fim alegado aos quatros ventos era a *vingança!*

E o mais curioso é que a grande propaganda da cobardia que se apossou da gente fardada de 5 de dezembro veiu do C. E. P.!

As primeiras licenças concedidas em setembro de 1917 a oficiais de vários comandos de batalhões e unidades, alguns quarteis generais, várias dependências do C. E. P. e *bases*, foram a propaganda mais activa para precipitar e por assim dizer tornar eficaz em Portugal a propaganda do dezembrismo!

Foi essa gente, que pouco, ou apenas de passagem, tinha contacto com os parapeitos de B «line» e da linha limite do «no mans land», que enraisou o *mêdo* no exército português!

Duvidam?

A seu tempo tudo se dirá e por sua ordem natural.

O país sangrava na Flandres é certo, mas não era modo nem remédio para sarar essa ferida escusada o não ir mais ninguem para lá ou deixar a ferida aberta até os alemães se darem por vencidos.

Ou a Inglaterra sempre teria pedido a ida das tropas para a Flandres?

O dezembrismo nunca esclareceu êsse caso e como com o doutor Afonso Costa a dúvida persistiu para quem lá esteve até ao fim da guerra.

Seria preferível mandar retirar os que lá estavam havia um ano e enviar carne nova e ainda não azedada como a que lá havia depois da batalha do Lys, ou... retirar toda depois de fazer as respectivas «demarches» diplomáticas.

Não penso em mim ao atirar estas soluções para a téla da publicidade.

Porque eu, em qualquer dos casos, seria o ultimo dos portuguêses *a retirar*.

Todos os que me conhecem pessoalmente sabem muito bem, embora alguns o *não queiram* dizer (os taes figurões que me chamaram paradoxal), que não faço uma afirmativa gratuita.

Quando fui para França, fil-o por um alto dever para com os soldados e só por isso; e quando eu *quiz* ir era bem terrivel a perspectiva de marchar para a grande guerra na Europa.

Não hesitei e devo confessar que me não custou nada. Dou por testemunhas os *meus*, aquêles a quem se torna muito dificil enganar na ocasião solene da partida.

Não resolvi ir de repente, no entusiasmo dos vivas e excitado pelo som dos clarins e trompas de guerra.

Eu não sou dêsses; já estou muito *duro* para encarar as cousas por êsse prisma.

O sol d'África queima muito a pele, o que a torna resistente como cabedal curtido.

Resolvi ir-me embora de Portugal com o mais frio e bem pesado dos raciocínios.

Por lá me conservei até fevereiro de 1919 por causa dos soldados *e só por isso*.

Tenho visto escrito em vários papeis impressos que me *ofereci* para ir para França.

Irritante palavra essa.

Oferecer, oferece-se uma criada para todo o serviço nos anúncios do *Diário de Noticias*, a tanto por linha.

Uma creatura fardada *apresenta-se*, nunca se oferece.

Eu apresentei-me, simplesmente.

Oferecer o quê e a quem?!

Oferecer, oferecem-se as bestas e as cousas que nos custaram dinheiro.

Em França tambem correu que eu *oferecera* o batalhão!

Se tal fizesse, só havia por parte dos soldados do batalhão *oferecido* um procedimento a adoptar para com a minha pessoa.

Esse procedimento era desfazerem-me á baionetada.

Não se oferecem hómens, repito, como quem oferece uma récua de bestas que é propriedade nossa.

No final da campanha os hómens marcharam para a «frente» animados de todas as melhores disposições.

Desde agosto que estavam nessas disposições por isso que diziam uns para os outros que «visto que não eram substituidos nem mandados retirar definitivamente para Portugal, melhor seria fazerem alguma cousa mais do que trabalhos de fortificação.»

E' certo que os poucos oficiais que comigo estavam no batalhão animavam como deviam essas disposições dos soldados.

Eu nada dizia, nem aos soldados nem aos oficiaes; apenas ia observando o que se estava a passar.

Quando, pois, em fins de setembro, *ofereci* o batalhão ao general Garcia Rosado, no dizer pateta de algumas mioleiras avariadas dos restos do C. E. P. que lá estavam a essa data, apenas fui o intérprete da *apresentação voluntária* de toda a

gente do meu comando, para voltar para a linha de fogo.

Ainda em começos de agosto um 1.º cabo, deante dos restos do 32 (1), formados especialmente e de motu proprio para êsse fim, me dizia num tremor de pernas que era a unica manifestação exterior dos seus nervos, por aquela espécie de insubordinação:

— Meu comandante: As praças todas do 32 aqui presentes querem dizer a v. ex.ª que quando v. ex.ª ordenar estão tão prontas a ir ás linhas e a baterem-se tão bem como as praças do 15.

Houve mais oficiaes que assistiram a esta espécie de *insubordinação* em massa!

Emquanto o cabo falava, escolhendo as palavras e olhando-me bem de frente, numa hirta posição de sentido, os restantes soldados, de olhos fitos em mim, sorriam como que vitoriosos e até orgulhosos por aquela sua decisão de ordem moral!

Havendo *disto* em agosto, era preciso empregar em fins de setembro a triste e subserviente palavra *oferecer*?

Quem se oferece ou é para fazer um favor ou para que lh'o façam e eu, ao abordar o assunto com o general comandante do C. E. P., não o fiz para lhe fazer *um favor*, nem para lhe ficar grato *pelo favor* concedido.

Como comandante do 9.º batalhão, abordei o assunto interpretando a apresentação decidida e voluntária da gente que comandava, para ir novamente empregar o seu esforço na linha de fogo.

Portanto não *ofereci* cousa nenhuma. Fui apenas o intérprete dessa decisão dêles, que em agosto se manifestara como acabei de expôr.

Eu, ao falar ao general Garcia Rosado, em fins

---

(1) O 15 ainda em 1917 tinha sido reforçado por um contingente do 32. O que então formava eram os restos do 32 da batalha de Lys. Os restos de Lacouture.

de setembro, não adeantava mais nada sobre o que me tinha dito o cabo do 32, em começos de agosto.

Que isto fique escrito e sabido de vêz.

Seria para mim muito lisonjeira a ideia de que eu dispunha dos meus hómens como de manequins ou de alimárias; mas a mim repugna-me êsse género de prestígio, irrita-me até essa ideia, e teria um profundo desprêzo por gente que se sujeitasse às fantazias discricionárias dos meus *ofereci-mentos*.

Nunca ofereci gente a ninguem nem a *causa* nenhuma. Espero morrer izento dêsse crime. Recebo ordens, faço-as executar e sou intérprete dos desejos briosos dos meus subordinados.

Mais nada.

O doutor Afonso Costa *ofereceu* os soldados à Inglaterra?

O doutor Sidónio Pais, dessa gente *oferecida* pelo seu colega antecessor, apenas manteve êsse *oferecimento* em relação aos que já lá estavam? Não quiz *oferecer* mais?

Pois eu, apesar de todo o meu prestígio pessoal sôbre gente que comandei em França, não me atrevi a *oferecer* um só soldado a ninguem!

Repugna-me muito tal «sport», próprio talvês das épocas de esclavagismo, mas já hoje muito em desuzo.

Oferecer gente! Oferecer batalhões! Oferecer hómens fardados!

Que sandice! Que estupidez! Que pretensão!

....

Conservei-me até fevereiro de 1919 em França porque com tal gente eu não podia retirar sem que êles me lançassem um olhar do mais profundo desprezo; portanto fôram os soldados que comandei em França que me coagiram, por assim dizer, a não gosar nunca a minha licença.

Uma cousa pedi sempre para êles, de setembro em deante.

Esse meu pedido constante era sermos nós os primeiros a regressar a Portugal, terminada a campanha, ou depois dum alto feito de armas, que merecesse uma referência *extraordinária* do exército britânico, onde nos íamos encorporar como 4.º batalhão de uma brigada inglêsa.

O preço seria caro para o batalhão, mas eu sabia que com soldados nossos pode-se *negociar* com *honra!*

A questão é identificarmo-nos, comandantes e comandados, no mesmo programa.

Ora, como disse, em começos de agosto já estávamos todos identificados, pelo menos um simples cabo chegou para definir a situação moral a encarar, visto que ninguem nos mandava para Portugal.

Foi pois a gente egual a esta do 33 que em 5 de dezembro se pediu um gesto de revolta pelo preço de não vir para França!

Esqueceu fazer uma outra revolução mais nobre, que era a que exigisse a retirada imediata dos que estavam em França.

Porque se não fez esta segunda revolução, que coonestava por assim dizer a primeira?

Como o próprio Sidónio Paes apreciaria êsse gesto, generoso, coerente e oportuno para a sua política, que girava tôda, de começo, em tôrno de um cicatrisar de feridas várias e uma delas era a da Flandres!

Mas é que em 5 de dezembro chamou-se vingança, mas apelando para um ponto de partida, que era um gesto de cobardia.

O numero 33 foi, de tôda a numeração da infantaria portuguêsa da metrópole, o ùnico número que não formou ao lado dos seus camaradas mártires da Grande Mentira.

Essa unidade não deu um só elemento organisado para a constituição do C. E. P.

Que isto fique registado na História de Portugal.

Mas então não foi ela a única que protestou eficazmente contra a Grande Mentira pelos canos das suas espingardas?

Foi.

Mas então se infantaria 33 seguisse para França, depois de ter protestado numa revolução contra essa ida de tropas para a França... continuaria tudo na mesma?

Decerto que continuava.

Então!?...

Então faltou o segundo gesto, aquêle de que tanto necessitava o prestígio completo do presidente Sidónio Paes, que era um segundo gesto de revolta, por não retirarem de França os que para *lá* fôram mandados ao serviço de uma *mentira*.

Mas isso era perigoso para a nossa situação diplomática de aliado, atento o caminho por que nos tinham feito enveredar três ou quatro desastrados ou fracos ao serviço de um doido!

— Então não se fazia o 5 de dezembro.

E acaba-se sempre por cair num dilêma, isto sob o ponto de vista moral e militar.

O resultado prático do 5 de dezembro, no campo diplomático, não adeantou nem atrazou.

Há mais; os portuguêses só devem acreditar que nos prejudicou o 5 de dezembro, no campo diplomático, se a Inglaterra escrever isso num *papel* como aquêle que entregou ao doutor Afonso Costa em 15 de julho de 1916.

Como *aquêle* não. Há de ser num que explique melhor a *coisa*, que é para todos nós percebermos o que ela quer dizer, que daquela vêz a gente não percebeu nada.

.. ..

Não se mandou, pois, substituir nem retirar quem lá estava.

Ainda havia a hipótese de reforçar o que lá ficou.

Hoje e a distância dos acontecimentos, confesso

que me repugna ainda mais do que então o aceitar essa hipótese.

Debaixo dêsse ponto de vista sou mais sidonista do que o próprio Sidónio Paes.

A Inglaterra dava-se por satisfeita com o nosso *oferecimento* (nosso, é como quem diz; o doutor Afonso Costa ainda não chegou a plural no país) e *nós* muito diplomaticamente retirávamo-nos. Aqui agora é que é plural.

A Inglaterra não achava de bom efeito a nossa retirada; substituia-se o que *lá ficara* da batalha do Lys por egual número de gente.

Refiro-me aos soldados.

Os oficiaes permanentes, principalmente êsses, não tinham que discutir as repetições, porque ninguem é obrigado cá por êste mundo a ser oficial do exército *permanente*.

De padre a jardineiro há uma série infinita de modos de vida.

Escolhi êstes dois oficios para fechar o meu raciocínio, porque acho que são extremos que se tocam.

O padre cultiva as flôres da alma, o jardineiro as flôres da terra.

E fóra dêste programa só a tal segunda revolta que faltou, ou então nenhuma.

Isto é o que o raciocínio frio dá.

O resto é tudo maluqueira de ociosos e de criminosos tambêm, no sentido *político* da palavra crime.

.....

Se mandassem substituir os que lá estavam o que tinha eu deliberado fazer?

Tinha deliberado vir tambem com os substituidos.

E depois?

Depois voltaria, não por quixotismo, mas sempre por dever para com os soldados do meu exército.

Viria primeiro porque seria essa a ocasião de eu *justamente* gosar a minha licença, que nunca *quiz* gosar, porque sendo o primeiro entre os que

comando, entendi dever então e sempre ser o *último* a usofruir os meus *direitos*, visto tratar-se de *deveres de honra* em jogo, porque quando se trata de um direito que me compete por hierarquia, *em serviço*, não cedi nunca, nem cêdo o meu logar a ninguem.

Vou explicar o motivo moral que me obrigaria a voltar a França outra vêz, se essa substituição se tivesse dado depois dos fins de abril de 1918.

VIII

O silêncio do Dezembrismo

Em fins de abril de 1918, os restos de um ano de campanha e os destroços humanos e desorganisados da batalha do Lys foram concentrados em Ambleteuse.

A atmosfera moral que aí se respirava era horrorosa.

A esperança de se acabar de uma vêz com aquêle exílio pelas terras novoentas do norte da França tornava aquela massa humana ansiosa por uma solução qualquer.

Os mais fracos ou mais abatidos procuravam fugir dali, fosse como fosse.

Os mais turbulentos reagiam de maneira patente contra os mais elementares preceitos da disciplina.

Quem percorresse os acampamentos das tropas portuguêsas tinha a sensação de que aquilo tudo acabaria por estalar com grande estrondo e ainda maior descalabro para o nosso prestígio de exército organisado.

Via-se ali o quanto êsse exército não passava de uma guerrilha desterrada!

As minhas relações pessoaes, a amizade antiga e a admiração de soldado que tinha e tenho pelo bravo general e soldado intrépido que é o velho

oficial colonial Gomes da Costa, levou-me a uma resolução, de que não me arrependi ainda hoje.

Procurei-o e informei-o detidamente e sinceramente de que a quebra estrondosa da disciplina das tropas portuguêsas acampadas em Ambleteuse era apenas uma questão de dias, de horas ou talvêz de minutos!

Sim, podia dizer de minutos, porque bastava o menor incidente para servir de rastilho rápido áquêle desespêro, áquela desagregação moral, áquêle verdadeiro vulção humano prestes a vomitar, sob todas as formas, o mais violento dos protestos contra a permanência em França.

Pareceu-me que o general Gomes da Costa não estava bem ao facto da verdadeira situação. Contos largos..

Nem o seu quartel general estava bem informado

Insisti, pois, com o meu bravo general e velho amigo das colonias e de França também, para que fosse ao encontro da situação por vários modos e prevendo várias hipóteses

Depois de tudo examinado, roguei e obtive que o general Gomes da Costa e comandante interino do C. E. P. redigisse por seu proprio punho e enviasse ao ministro da Guerra nessa data (coronel Mota), um telegrama cuja essência era a seguinte:

— «O governo português ordenaria que as unidades do C. E. P. fossem sendo substituidas por outras, que de Portugal fossem vindo.

A ordem da retirada de França seria pelas unidades ou contingentes que mais tempo tivessem de França e a mobilisação das unidades que viessem seria, em Portugal, feita nas unidades territoriaes a que pertencessem as que retirassem».

Eu *vi* o general Gomes da Costa redigir o referido telegrama e entregal-o ao então chefe do estado maior interino do C. E. P.

Esse oficial era o tenente-coronel do serviço do Estado Maior, Pires Monteiro.

Eu vi isto e o meu valente general e amigo não vae desmentir-me com certeza.

Foi remetido ao seu destino êsse telegrama?

Não tenho razão nenhuma especial para pôr em dúvida tal remessa.

Recebeu-o o ministro da Guerra?

Não o posso duvidar, porque em telegramas subsequentes o general do C. E. P. Gomes da Costa apelou, referiu-se e lembrou, mais do que uma vêz, êsse telegrama.

E apesar disso nunca veiu uma resposta a tal telegrama, nem ás referências a êle feitas!

Ao menos um *não* definia a nossa situação em França.

Mas qual *não*, nem qual carapuça!

Sôbre o assunto um silêncio absoluto.

Esse silencio era, por assim dizer, o vil preço da revolução de 5 de Dezembro a esconder-se e a acobertar-se com aquêle miserável siléncio, que é muitas vêzes o manto da vergonha e do crime!

Eu podia-me vir embora, mas estava outra vêz nomeado comandante de infantaria 15 e sem os hómens não podia vir.

Senhoras de Portugal, que rezaes por alma de Sidónio, rezae qualquer cousa pelos que sofreram o abandono moral e o desinteresse manifesto de Portugal pelos seus soldados exilados e desterrados até ao fim da campanha em França.

Senhoras de Portugal, que tendes Sidónio no oratório, não sei se já hoje quereis ou podeis perdoar aos inimigos de Sidónio.

Os tristes abandonados da Flandres e despresados da França que voltaram finalmente para Portugal no fim de tudo, já hoje perdoaram tôdas as ofensas e sofrimentos recebidos em volta dêsse vosso simbolo religioso que se chama Sidónio Paes. Perdoaram, mas nunca esquecerão as amarguras que êsse nome representa para êles; para os que lá ficaram até ao fim.

. . . . . .

Ao vêr o general Gomes da Costa entregar o telegrama a que acima me refiro ao seu chefe do Estado Maior interino, o tenente-coronel Pires Monteiro, tomei desde logo para comigo um compromisso de ordem moral e de natureza militar para o meu brio profissional.

A efectivar-se o que o general Gomes da Costa nêsse telegrama propunha ou antes quasi pedia, a segunda unidade a retirar seria infantaria 15.

Com êsse batalhão retiraria também eu, mas depois de me apresentar ao general Gomes da Costa para ser o comandante em França do segundo 15.

Nunca disse isto a ninguem, nem ao próprio general, pois repugna-me sempre a atmosfera das hipóteses, no campo da honra profissional.

Calei-me até vêr, e quando o facto fosse consumado sairia do meu compromisso moral para entrar no campo prático.

Suponho que ninguem de bôa fé duvidará do que afirmo, e se alguem duvida que fique com a sua *dúvida*, que eu fico com a minha certeza.

Era mais uma pedra para a construção do meu edifício *paradoxal!*

Há muito videirinho cá por êste mundo, que chama às grandes defêsas moraes *paradoxos*.

Aquêles a quem também falta a fôrça moral para encararem a sangue frio as situações antipáticas ao nosso bem-estar e aos nossos interêsses pessoaes, tambem chamam *paradoxo* à coerência que dá o raciocínio frio.

Esses desgraçados, ou estão sempre a *ferver* ou então no extremo opôsto; isto é, *gelados*... de *mêdo!*

Coitados!

Julgam que estão bem ocultos e abrigados das vistas dos espíritos *paradoxaes* e afinal não passam de gatos escondidos... com o rabo de fóra.

Coitados!

.....

Se tivesse a honra de ser comandante do segundo 15 da França, o meu maior desejo e programa seria fazer dêsse segundo 15 um *Quinze* mais bravo, mais brioso e ainda muito mais forte do que o primeiro 15, que na Flândres foi o mais glorioso batalhão da Infantaria Portuguêsa!

O 15 da Flândres bateu-se na batalha do Lys durante três dias (9, 10 e 11); até «9 de abril» nunca deixou nenhum prisioneiro nas mãos dos alemães e para os alemães terem gente prisioneira do 15 foi preciso darem uma batalha; o 15 nunca em França abandonou a primeira linha e repeliu sempre com êxito todos os ataques parciaes de que foi alvo; o 15 arrastou no seu *gesto* em outubro tôda a Infantaria Portuguêsa!

Nunca se insubordinou para não ir para as linhas e apenas recusou, em atitude passiva, formar uma vêz em setembro, para ir dominar infantaria 12 insubordinada.

Eu não estava presente no batalhão nêsse dia, porque senão teria respondido ao superior hierárquico que pediu socorro ao 15 o que os soldados responderam quando interrogados por mim e por outros oficiaes, sôbre a atitude que tinham tomado.

Responderam-me, alguns com as lágrimas a bailarem nos olhos:

— Meu comandante: Eles, os do 12, tambem teem lá oficiaes. Se cá houvesse uma insubordinação nem o meu comandante nem os nossos oficiaes quereriam que viessem outros de fóra meter-se no serviço do batalhão. A gente cá nos entendiamos uns com os outros. O 12 tambem lá tem oficiaes e quem as arma que as desarme!...

Eu se lá estivesse não falaria melhor.

De facto! Quem as arma *que as desarme.*

Remeti, apesar de tudo, uns 50 a 60 homens para o Depósito Disciplinar.

Da mesma maneira procederia se se insubordinassem ou se se recusassem a cumprir imediata-

mente uma ordem sob o pretexto de que só a cumpririam dada por mim.

Este foi o 15 da França.

O segundo 15 voltaria mais cheio de glória e de renome do que o primeiro, não só porque eu já sabia então que *espécie* de guerra era a moderna guerra, mas ainda porque comigo ficariam os melhores oficiaes que eu conheci em França, que foram os que comigo serviram de corpo e alma.

Para mim no C. E. P. nunca houve oficiaes melhores do que êsses que sempre encontrei logo que lhês dissesse do que se tratava, e êles seriam voluntariamente e imediatamente os meus mais valiosos auxiliares.

Nos oficiaes é que está tudo, o resto é massa para manobrar.

E' preciso escolher?

Sem dúvida, mas, estabelecida a *regra*, os melhores procuram-nos, os peores fogem de nós e ainda bem que assim é para evitar maçadas.

. . . . . .

Emfim, não houve maneira de haver em França um segundo 15 e eu e o ministro da Guerra que guardou um silêncio absoluto sôbre os telegramas referêntes ao caso ficámos ambos sem saber uma cousa que seria interessante ver e que era se o segundo 15 teria em França papel mais brilhante do que o único 15 que esteve na Flandres.

Seria interessante a experiência.

Agora já é tarde para a fazer; muito tarde mesmo.

O que é bom que fique escrito é que, nessa ocasião pelo menos, ninguem em Portugal quiz abordar o assunto rendição do C. E. P. e tambem ninguem encarou o repatriamento dos que lá estavam e estiveram até ao fim da guerra.

Eram uns parvos: não se tivessem submetido aos pontapés do doutor Afonso Costa, nem aos empurrões de Norton de Matos.

Realmente submeteram-se, mas não foi por se-

rem parvos, foi por não terem tido um chefe como era Sidónio Paes.

Os que quizeram cumprir ou dirigir êsse gesto não quizeram empregar o argumento tiro, de modo que... não houve revolução, houve só... *gesto*.

E' caso para dizer:

Ora bólas!

Porque já que não houve balas, há que concluir só... *ora bolas!*

.....

Disse-me um dia o tenente-coronel do E. M. D. José de Serpa que o tenente-coronel Pires Monteiro dizia na Base que a minha acção, (no assunto que acima relatei), junto do general Gomes da Costa fôra muito perniciosa para o C. E. P. e muito favoravel ao seu desagregamento moral em Ambleteuse!

Soube por outras origens de informação que efetivamente o referido oficial fizera várias apreciações dêsse genero.

Em primeiro logar por detrás dessa grave acusação há uma *ciumeira* manifesta do oficial do Estado Maior, porque uma simples *besta* das fileiras abordou assuntos *transcendentes* com o general.

Em segundo logar aqui fica esclarecido até onde chegou a minha humilde acção junto do general.

Em terceiro logar sempre que vi chegar-se ao pé de mim algum oficial a pedir a minha opinião sobre o facto de ir empregar todos os meios para se retirar e raspar-se *à francêsa* para Portugal, só tinha uma resposta invariável, que era:

— Sim senhor, meu caro camarada, acho bem que o faça, porque o meu amigo e camarada não faz aqui mais nada.

E, por um *gesto* de oportuna generosidade, acrescentava:

— Nem o senhor, nem nenhum de nós.

Fiz isso e fiz muito bem, porque oficiaes naque-

las disposições moraes é melhor que vão para bem longe dos soldados.

Parece um *paradoxo* afirmar que para os soldados era preferível que tivessem poucos oficiaes.

Pois parece mas não é, porque a mim nunca me fizeram falta senão os *bons oficiaes;* os maus só me trouxeram prejuizos, para mim e para os soldados.

E mau oficial é todo aquêle que indo com soldados para uma campanha não fica com êles até ao fim, salvo doença grave ou ferimento grave tambem, está claro, ou ainda qualquer motivo pùblico forte.

De resto um dia e por essa época, na Base (Ambleteuse), o tenente-coronel Pires Monteiro manifestou-me os seus melhores desejos de se apresentar em um grupo de artilharia *dos que estavam na frente* para nessa situação desempenhar funções de comandante de grupo.

Achei bem, mas pareceu-me na ocasião e ainda hoje me parece que o mais difícil não era comandar o que já estava na «frente»; o mais difícil nessa época era comandar o que não estava na «frente» e conduzir essa gente sem perturbações de disciplina até à mesma «frente». Um batalhão de infantaria por exemplo. Demais a mais sendo o tenente-coronel Pires Monteiro da arma de infantaria, seria essa a missão mais adequada à arma de origem do referido oficial.

Mais tarde o tenente-coronel Helder Ribeiro adoptou essa solução e nem por isso as suas palmas do Estado Maior ficaram *embaciadas* com a falta de brilho da infantaria.

Afinal o tenente-coronel Pires Monteiro acabou por se aborrecer com aquilo tudo e veio-se embora, de modo que nem infantaria, nem artilharia, nem o serviço do Estado Maior ganharam nada com essa solução.

Fiquei lá a exercer a minha acção perniciosa e dissolvente no C. E. P. junto dos generaes.

Muito póde a *ciumeira* da profissão e a política tambem.

Saiu *tudo* o que havia sobre êste assunto.

. . . . . .

Houve *um momento*, *em França*, em que eu fiz todo os esforços para me livrar dos oficiais que estavam mortos por se *rasparem de França*, abandonando os soldados que com os seus esforços nas linhas e até na batalha do Lys tinham concorrido para êles usarem ao peito uma cruz de guerra!

Foram-se e não voltaram, e não me fizeram falta nenhuma.

Cheguei a ficar no IXº batalhão só com um capitão e cinco alferes. E isso chegou para que infantaria 15, em França, mantivesse até ao fim o seu logar, que, se não disputou a ninguem, tambêm não invejou nos outros.

Fica, pois, aqui escrito e respondido ao meu condiscípulo e camarada Pires Monteiro o que há sôbre a minha acção perniciosa junto ao general Gomes da Costa, em Ambleteuse.

O tenente-coronel Pires Monteiro é muito mais inteligente do que eu e muito mais *político* do que eu tambêm. Sabe muito mais do que eu de técnica militar, porque, alêm de ter sido muito melhor estudante do que eu no curso de infantaria, fêz depois o seu curso especial para dar ingresso no serviço do Estado Maior.

E' tambêm, e sem favôr, um bravo soldado, a quem tive ocasião de muito sinceramente admirar um dia em A'frica; foi no dia 18 de agosto de 1915; não lhe esquecerá nunca êsse dia porque foi ferido pela mesma bala que lhe matou o cavalo que montava em combate.

E' lente da Escola Militar (como agora se diz), ensina aos seus alunos com proficiência a bôa arte militar.

Mas há uma cousa em que eu sou mais técnico do que o distinto oficial do nosso Estado Maior.

E' em *manejar* hómens rudes e incultos.

Não admira que eu conheça bem esta coisa tão comesinha. E' o meu oficio e para mais não posso prestar. Mas olha, meu caro Pires Monteiro—como diria se estivesse conversando comtigo — olha que esta *sciência* é muito mais difícil do que tu imaginas!

E vae-te com esta.

. . . . . .

Senhoras de Portugal, mais uma vêz e sempre, rezae pelos abandonados da Flandres, antes ou depois de rezardes pela alma de Sidónio Paes.

IX

A cobardia só!

Tinha *vingado*, como é costume dizer-se em técnica de revoluções, o movimento de 5 de dezembro.

Em um «eléctrico», entre os passageiros, iam dois jovens alferes, devidamente barbeados, patilhas compridas e no rosto todo aquêle requinte que dá aos hómens o aspecto de trintanarios de casa rica.

Eram dois *canivetes* de Sidónio Paes.

A conversa entre êstes dois esteios do grande Presidente era a seguinte:

— Então? Continuará a ir mais alguem para a França?

— Julgo que sim por causa do *roulement*.

— Ora essa! Pois eu para França é que não vou de maneira nenhuma!

Então?!...

— Ora! Porque me raspo para a A'frica.

— O quê?! Para Moçambique? Olha que isso póde ser peor!

— Não! Para Angola, por exemplo, onde já acabou tudo.

— Pois eu para o Ultramar não vou, porque não estou para apanhar fébres.

— Então!? ..

— Então! Vou para França.

— Vaes para França! Quando?! Já?!...

— Não! Depois de passada a primavera.

— Porque é essa esquisitice? E' por causa do inverno?

— Não! E' por causa da ofensiva.

— ?!?!...

— Então não sabes que está para haver uma grande ofensiva dos alemães na primavera proxima?

— Sim já ouvi falar muito nisso. E então?

— Então, a gente fica a ver de palanque o que aquilo dá e depois é que se resolve a ir até lá. Percebeste?

Assim discreteavam sôbre a sua utilisação como oficiais do exército, deante de todos os passageiros e sem rebuço algum, êstes dois pequenos *traficantes* da honra e do brio do Exército Português.

O que estas duas figurinhas *não prometem*, se chegarem a desempenhar altas funções, um dia, no exército.

Estes dois pequenos meliantes eram no fundo dois grandes *tratantes*.

Bem podiam os exilados da Flandres esperar por êles.

Eis um dos casos em que os soldados que estavam na campanha da Flandres ganhavam muito mais com a ausência dêsses dois figurões do que com a sua presença.

Se aparecerem a pedir uma desafronta descabida estas duas vítimas do meu azedume, eu apresento as testemunhas dêsse coloquio indecoroso, testemunhas que por acaso pertencem a ambos os sexos.

Hómens fardados e com galões a falarem de tal maneira, deante de mulheres e creanças e *tuti*

quanti ia no «elétrico», não são hómens, são... *medricas,* como me dizia com certo espírito adequado uma das creaturas do sexo fragil que assistiu indignada a êste estendal de miséria militar.

Eram ou não dois frágeis *canivetes* estas duas espadas de Sidónio Paes?

E com poucas excepções, as espadas de 5 de dezembro eram assim.

As excepções foram tão poucas que citar-lhes os nomes é maior vergonha do que, como muito atrás disse, chegava a ser vergonha citar as excepções dentre aquêles que, berrando nos logares públicos pela ida de tropas para a França, acabaram por se defenderem das balas alemãs... *como leões.* Em tudo isto se vê muita coisa, mas sempre e através de tudo o efeito constante e pernicioso da política dentro das fileiras do exército.

Que conclusão tirarão disto tudo os políticos que veem alimentando desde 1906 esta hecatombe das instituições militares no meu país?

Eu concluo que chega a ser um crime de lesa pátria. parta esta acção de quem partir.

.....

Sidónio Paes bateu-se sempre, afrontou com natural desdem todos os perigos e a sua morte foi o seu último minuto de coragem pessoal. Ninguem com verdade póde pôr em duvida o seu valôr pessoal; e a sua marcha certa, prevista e fatal para o último perigo que o derrubou é a prova mais forte de que essa coragem era a de quem representava *bem* o valôr de uma raça.

Como atrás disse, o hábito externo que escolheu para o seu programa de política interna foi a armadura histórica do conde de Avranches, mas... como atrás tambêm disse, não reparou, ao escolher essa relíquia moral do valôr da raça portuguêsa, que ela estava vazia... e com algumas *teias de aranha* lá dentro!

Logo no Parque Eduardo VII Sidónio Paes de-

via ter percebido que a armadura estava *ôca* e cheirava *a bafio*.

No acto revolucionário de 5 de dezembro jogou-se com a ida de infantaria 33 para a Flandres, prometendo-se aos soldados a dispensa garantida de irem as praças dêsse batalhão para a fornalha europeia.

Porém houve um facto que muito comprometeu o valôr moral que devem ter os galões dourados do oficial de qualquer exército, ainda que êle não passe de uma guerrilha com um certo aspecto de exército organisado.

Faltaram bastantes oficiaes (80 %) do 33 que estavam ligados pelo mesmo compromisso para se baterem ao lado dos soldados revoltados.

E, de duas uma, ou êsse compromisso repugnava-lhes e não o tomavam, ou... faltou-lhes a coragem vulgar de toda a creatura fardada para se baterem, sujeitos a todas as consequências, e então tizeram muito mêdo de apanhar um tiro ou uma baionetada.

Ora que haja algum mêdo é humano; mas tanto é que não é aceitavel, mesmo para os julgadores mais indulgentes.

Bateram se no entanto ao lado dc Sidónio Paes um certo e reduzido numero de oficiaes de várias unidades e armas.

Uns batiam-se por espírito de revolta contra tanto pontapé acumulado pelo doutor Afonso Costa e seus mandatários.

Sei que isso assim foi, porque em França e mêzes depois do 4 de dezembro de 1917, em outubro de 1918, tive ao meu lado numa hora dificil para a honra da bandeira portuguêza alguns dêsses oficiaes. Foram dos taes que acabaram positivamente por *fugir* do Portugal dezembrista para a Flandres.

No entanto, e foram êsses mesmos que me informaram, outros bateram-se ao lado de Sidónio Paes só para não irem para França, e *por mais nada*!

Para oficiaes briosos, *isso só* é muito pouco.

Mas emfim sempre se bateram por qualquer coisa, emquanto os oficiaes do 33 (por exemplo) que faltaram no momento de perigo ao lado dos soldados e que, portanto, não estiveram, apesar dos seus compromissos, no Parque Eduardo VII, êsses.....!?

.....

Quanto aos soldados do batalhão de infantaria 33 expedicionário à França, êsses bateram-se no Parque Eduardo VII para não irem para a França como se bateriam em França por não os mandarem vir para Portugal, se para *là* tivessem ido como os outros.

Simplesmente a *cobardia* alheia envenenou-lhes o espírito pouco culto com o *elixir* da promessa de não irem para França.

A verificação patente desta promessa exteriorisou-se quando ameaçaram *refilar*, se os mandassem para França, o que, conforme ouvi dizer, ainda que frouxamente, se tentou, ou, pelo menos, se pensou e falou em fazer.

.....

Sidónio Paes ao cair varado pela bala que o prostrou, bem podia ter dito como o Regente:

E' fartar, vilanagem!...

E não eram menos vilões alguns dos que o cercaram na sua obra de *engano* e *de desilusões*, para aquêles que ficaram até ao fim nos campos nevoentos da Flandres.

Senhoras de Portugal a quem o vosso Sidónio poupou os filhos, paes, maridos e irmãos, rezae pela alma de Sidónio que está no céu, mas lembrai-vos de que para os esquecidos e abandonados da Flandres houve dois infernos: um que durou até 5 de dezembro de 1917 e outro até 11 de novembro de 1918.

Rezae qualquer coisa por êsses pobres diabos a quem faltou no momento da sua partida de Portu-

gal um chefe como era Sidónio Paes, porque sem êle êsses vossos parentes não valeriam mais do que valeram os que fôram para a França.

E a prova é que, morto êle, o que ficou não valeu um pataco; de resto, para muita gente, acabada a guerra o sidonismo deixou de merecer aquêle culto e entusiasmo que até aí merecera.

Até nisto ficou provado o... mêdo dos *canivetes* de Sidónio Paes.

....

Resta agora abordar a última das cobardias, aquela para que não póde haver perdão algum, que nem se póde aceitar como loucura ou estupidez, porque é a cobardia levada á quinta essência!

Refiro-me à desafronta prégada pelos *têzos* da *formiga* contra um cadáver.

Canibaes?

Não, que isso chega a ser favôr.

Estúpidos?

Talvêz, o sejam; mas asseverar isso é uma indulgência de que me sinto incapaz.

Malvados?

Não tambêm, que isso seria dar-lhes fóros de bandidos.

O que êles são, êsses que falavam em profanar um cadáver, arrancal-o de dentro de um templo para o deitar ao Tejo, êsses tristes arremedos de creaturas com cérebros pensantes, essas tristes caricaturas humanas, o que são é simplesmente cobardes e grossseiramente hipócritas.

Esses tristes *algozes* não viam que, se lá fôssem para isso, não passavam de grotescos macacos, armados em valentões de corrente à cintura, porque êsse Sidónio que está nos Jeronimos não é aquêle de que êles tremeram e de que êles fugiram varias vêzes?

Esse Sidónio que está nos Jerónimos e que êsses imbecis cobardes queriam afrontar é um Si-

dónio Paes de que nem êles nem ninguem póde ter mêdo!

Com o outro sim, com o outro é que era preciso ter muito cuidado, mas com êsse?!

Que me digam êsses *têsos* se será preciso alguma coragem para ir *atacar* no meio de um campo um monte de esterco humano e dir-lhes-hei que sim porque êsse monte sempre suja as mãos e cheira mal.

Mas o que está nos Jerónimos é só cinza, ossos e quasi terra.

Tremeram disso tudo, em vida de Sidónio Paes, e agora se lhe tocassem ficariam êsses restos a cheirar então a verdadeira trampa, pelo contacto pestilento de tão sórdidas como nojentas mãos.

Calem-se, pobres bestas, e não queiram convencer ninguem de que essa gana feroz de profanar um morto frio e até talvêz já em pedaços é um acto de coragem cívica ou de desafronta patriótica.

Isso é ainda *mêdo* do Sidónio, até depois de morto.

Descancem, hipócritas, que êle não ressuscita.

Para essa valente *formiga*, que o queria *matar*, depois de já estar morto, Sidónio Paes só teve um único defeito, que foi nunca têr sido *formiga*, porque senão já tinha uma estátua.

Se não teem, pois, outros alvos para atingir com tão cobarde indignação, cálem-se e estejam quietos por uma vêz, pelo menos quando se trate de mortos, que só pertencem aos que os conduzem à última morada. Assim o cadáver de Sidónio Paes só a estes pertence e não aos que dêle dispuzeram enquanto vivo, até o matarem.

Só êsses o podem tirar dos Jerónimos.

Antes êle lá esteja do que lá vão parar um dia aquêles que nas horas dificeis e ao menor prenuncio de perigo, fogem.

Ele nunca fugiu!

Termino rendendo todas as minhas homenagens a êsse seu valor, que eu muito admiro.

Tinha essa grande qualidade, bem portuguêsa por tradição histórica.

Sidónio Pais nunca tremeu!

Por isso o mandaram matar.

X

Três algôzes ou três vítimas?

A maldade humana quando julga quem a afrontou costuma encobrir a sua cobardia com o manto artificial de uma miserável generosidade.

A essa «nuance» da triste e frágil humanidade chama ela — a generosidade para com os vencidos.

No entanto essa *generosidade* é, no fundo, a maior das hipocrisias, é o maior dos cinismos, é, por assim dizer, a última das *cobardias*.

Porque outra cousa não é uma creatura fingir de *forte* para quem já caiu, e só depois do vencido estar estendido de vêz!

E' o tal *perdão*, êsse atributo que tão mesquinha torna a humanidade.

E' muito mais leal, muito mais nobre e muito mais verdadeiro, declarar o vencedor que não fará uso da sua superioridade, porque acha isso praticamente inútil e desnecessário para as suas vantagens.

Não acredito em *perdões*, nunca perdoei nada a ninguem e tenho a certesa de que morro sem pedir perdão a ninguem.

Por mais que pense e procure avaliar o significado dessa palavra, não posso perceber o que ela quer dizer.

Sei o que é lançar ao mais profundo dos desprezos uma ideia, uma intenção, ou um acto d'outrem.

Sei o que é abandonar um adversário, depois de o ter vencido e por julgar inútil pensar mais tempo nêle.

Sei tambem o que é analisar friamente, com os possiveis *prós* e *contras*, o procedimento de um adversário que nos afrontou.

Sei ainda o que são os efeitos do esquecimento, que o tempo fatalmente traz.

Não sei o que é perdoar.

Para mim essa palavra é o símbolo da indignidade dos hómens, é uma mentira revestida de toda a hipocrisia, é a pretensão de um atributo que a naturesa humana não pode abrigar, porque é profundamente mesquinha e leva uma existência muito ligada ás coisas da terra.

Perdão é uma palavra que está a mais nos dicionários para alimentar a vaidade humana; é mais um ridículo, é mais uma farça essa palavra.

Essa palavra é tambem uma *grande mentira*, porque para ela existir seria preciso destruir a memória na naturesa humana, e tambem uns restos de dignidade, que todos os hómens, mesmo os mais inermes, teem.

Que as linhas, pois, que se vão seguir não pareçam um perdão concedido com ares de alma grande e cheia de generosidade, que não tenho, nem reconheço em ninguem, até hoje.

. . . . . .

João Franco, para a História, matou um Rei e um Principe Real.

Afonso Costa matou inutilmente soldados portuguêses, na Flandres, depois de os ter mandado insultar antes de partirem para França.

Sidónio Paes não matou senão uma pessôa, fêz só uma vítima, mas essa bastou para terminar a sua obra e tornar esquecido quasi o seu êrro da Flandres!

Essa vítima foi êle proprio!

Trata-se, pois, de dois assassinios e de um suicida?

Para a História... talvêz!

Para a sociedade não; para essa organisação resultante de interêsses conjugados ou contrapostos, foram apenas três *fanáticos* de três ideias.

Para mim, por exemplo, são apenas três vitímas da *tesura*, heriditária em Portugal.

João Franco e Afonso Costa são vultos que aparecerão bem destacados na história de Portugal. O terceiro não teve tempo de alcançar um dêsses logares que vincam fundo na evolução política de um país. Será apenas um nome, para a tradição, e nada mais.

Deixem-no, pois, em paz, e desculpem-no, se não lhe não podem, ou não querem, *perdoar*... o engano, de que êle mesmo foi, talvêz, a maior vítima.

Eu apenas o *julguei* e nada mais me compete fazer.

Não será exacto o meu julgamento, mais isso não tira nem põe para a independência com que o julguei.

Outras gerações de futuro se ocuparão de comparar juizos de *gregos* e *troyanos*. O meu ficará entre êsses como um simples apontamento.

. . . . . .

Esses três nomes são hoje três *hómens*, dos quaes o primeiro está *morto*.

Involuntariamente, o segundo caminha para uma morte certa, pois está moribundo nas *enfermarias* da Conferência da Páz; quanto ao terceiro, êsse já foi morto pela bala feroz de um *assassino*...

Assim como êste, os outros dois tambem hão de tornar-se em pedaços e por fim em tristes carcassas faltas de estética, de brilho e sem valor.

A bicharia tomará conta dêles e arrastar-se-há com toda a semcerimónia por cima dêsses corpos, dessas faces, dêsses labios e dêsses olhos, que tanto influiram na vida de uma geração, pelas atitudes, pelas suas expressões fisionómicas, pela palavra, pelo olhar e pelo gesto.

Não será êsse o momento mais asado para os

insultar, para os agredir, para os apupar, para lhes profanar os despojos últimos.

Será apenas isso mais um motivo para iniciarem o esquecimento os que ainda por cá continuarem a arrastar as respetivas carcassas, a servirem de cabides ridículos a todas as vaidades e pretensões a que a naturesa humana está sujeita durante vinte e quatro horas em cada dia que passa por cima desta bóla cheia de bichos de vários feitios, dos quaes, no fundo, os mais fracos e mais ratões são os bichos conhecidos pelo nome de *hómens públicos*.

Esses bichos morrem julgando ter sido em vida algôzes, e afinal ficam na sua celebridade verdadeiras e eternas vítimas, onde cada um, de vez em quando, vem esquadrinhar a sua vida toda, pondo-os mais nús do que quando por assim dizer nasceram.

O que não se dirá ainda, durante um período, que ninguem pode fixar, dêstes três nomes?

Serão examinados, despidos das suas tristes pretensões, e depois de estarem quasi esfolados, serão ridicularisados por êste ou por aquêle, e por fim chegamos a concluir que serão muito mais vítimas do que aquêles sobre quem cae o esquecimento logo que morrem.

Esses, que não chegam á História, são os felizes a quem não mais importunarão.

Os que se não puderam abrigar da celebridade ou ainda foram mais longe, *porque a procuraram com ansiedade*, êsses serão sempre vítimas eternas dos seus grandes êrros.

Que haja, pois, a maior caridade para com essas vítimas; lamentemol-as, que acusal-as, por sistema, é cobardia quasi.

Deixal-os.

Que morram descansados, já que em vida tanto incomodaram os outros, provocando ódios, alimentando paixões, impondo utopias e massacrando por todos os modos milhares de existências.

A quasi totalidade das suas vitimas ficarão, como disse, esquecidas e até desconhecidas, o que será a maior compensação, porque ninguem mais as amesquinhará, nem profanará.

Emquanto que êsses e todos os grandes algôzes em vida, levarão após si depois de morrer e através dos tempos uma peregrinação de vítimas, de que nunca teem a certeza de obter o tal *perdão*.

Quando dois ou três lavram e decretam o seu perdão, aparece logo um outro que lhes chama novamente assassinos, ladrões, cobardes, traidores e tôda a lenga-lenga insultuosa da lingua portuguêsa, no nosso caso.

E ainda há quem queira ir para êsses terriveis patíbulos!

Continúa a haver sempre quem anceie pela celebridade pública!

Antes escravo de um dono só, do que escravo *de tôda a gente!*

. . . . . .

Deixemos essas pobres existências e voltemos ao nosso campo de tristeza da Flandres.

Sidónio Paes dizia muitas vêzes que pensava quasi dia e noite no C. E. P. que estava em França, e que aquela gente era para êle uma preocupação constante.

Era o remorso?

Era a confissão nobre do seu êrro *inicial?*

Era o desespero natural de quem procura uma solução, que não encontra?

Era talvêz isso tudo ao mesmo tempo, era a *verdade* a impôr-se!

Como atrás disse, os telegramas do general Gomes da Costa sôbre a necessidade de uma rendição de forças tiveram sempre como resposta... um completo silêncio!

Ninguem em Portugal queria nessa época ouvir falar, por assim dizer, nos restos do C. E. P.

Este facto irritou-me e tentei protestar na im-

prensa contra êsse silêncio atentatório, não digo já da mais vulgar correção, mas do mais sagrado dos direitos que assistiam ás vítimas de uma miserável e monumental *mentira*.

Tentei em um dos «Séculos» da noite fazer-me ouvir.

Para isso uzei do expediente vulgar da carta aberta.

Era dirigida ao então ministro das Colónias, doutor Vasconcelos e Sá, o bravo oficial de marinha e velho soldado d'A'frica, das campanhas de Moçambique e Angola.

O original dessa carta veio em mão própria de França (capitão Araujo Leite), mas em Lisboa com dificuldade se conseguiu publicar!

A divisa do Dezembrismo era — silêncio absoluto sôbre o C. E. P. que está em França!

Sidónio Paes ainda dizia que era o C. E. P., para êle, uma preocupação.

Os seus *canivetes* e mais partes interessadas só tinham uma preocupação *a despreocupação absoluta pelos que estavam em França!*

E porque assim procediam, da minha carta só foi publicado o começo, que era um apelo ao amigo e ao antigo companheiro de combates e... a assinatura!

Ficou aquilo tudo reduzido a *meia caixa de graxa* com um grande espaço em branco.

Quem seria o triste idiota e pobre parvo que traçou o risco azul e fatal nessa carta que nada tinha de *democrático*, nem era documento que comprometesse as operações dos Aliados, nem implicava a destruição dos programas dezembristas e talvêz até fôsse ao encontro dêles?!

Quem seria essa *luminária*, essa capacidade vazia do raciocínio e cheia duma autoridadade, que nessa ocasião deixou muito maltratada a zoologia?

Quem seria êsse animal, com naturêza de pedra rija e muito dura?

Seria *mêdo* de que, das duas hipóteses por mim previstas, se desse a da rendição ?

Seria algum *canivetesinho*, que nessa ocasião não passou duma *raspadeira* nervosa e cheia de *mêdo*?

Eu tratava o assunto que nos interessava a nós em França, por meio de um raciocínio muito claro.

Ou já tinhamos em França cumprido sacrifícios suficientes, e prestado serviços patentes da nação aliada, ou não tinhamos satisfeito todos os nossos compromissos nos campos de batalha da Europa.

No primeiro caso retirava tudo, no segundo caso rendiam-se os que lá estavam.

Competia ao Dezembrismo insistir com dignidade por uma dessas respostas, e ao governo inglês responder, e como tudo ficaria escrito, saberiamos todos a lei em que viviamos.

Apresentar esta mesma maneira de vêr a Sidónio Paes era uma das mais firmes provas da dedicação incondicional à única espada que teve o «Dezembrismo».

Que pena tenho de que Sidónio Paes seja hoje apenas uma pobre carcassa a mirrar-se numa atmosfera de bafio, dentro dum recinto vedado de chumbo e vidro; porque, se êle fôsse vivo, trataria êste assunto do *mêdo* de outro modo mais positivo.

. . . . . .

Depois de vir de França falei e abordei várias vêzes este assunto com o doutor Vasconcelos e Sá; perguntei-lhe de outras vêzes que mal tinham feito a Sidónio Paes ou ao país os soldados esquecidos no silêncio do «Dezembrismo».

Este meu bravo camarada não quiz nunca ou nunca poude explicar-me a impossibilidade havida em resolver qualquer das hipóteses.

Continuei, pois, na mesma, e não sei, nem calculo porque seria.

Do resto, isso hoje para mim tem apenas o valor da natural curiosidade.

As causas da impossibilidade de resolver o as-

sunto, rendição ou retirada, podiam ter sido muitas, ou nenhumas.

Isso é lá com os *políticos*.

Ainda assim, gostava de vêr este ponto da nossa *intervenção* bem esclarecido por um amigo pessoal de Sidónio Paes e com categoria e autoridade para fazer uso de *palavras claras*.

Termino estas considerações repetindo o que atrás disse.

Se o país sangrava na Flandres, todas as medidas para atenuar aquêle sofrimento eram oportunas e aceitáveis, menos a de não ir nem mais um soldado e deixar lá ficar, até ao fim, os que lá estavam e não conseguiam, por meios proprios, de lá sair.

O doutor Afonso Costa serviu-se dos soldados do seu país como gado para exportação!

O doutor Sidónio Paes tratou dêles como gado de pastagem, em montado!

Parece-me que convencerei os mais exigentes e *fanáticos*, por um ou por outro doutor, de que, ao deduzir esta minha conclusão sobre o *gado*, só penso nas grandes vitimas — os soldados — e não em mim, que fui apenas um coagido moral nesta questão da França, e nunca um interessado ou um violentado.

XI

General Garcia Rosado

O que foi para os restos do C. E. P. a sua existência em França, desde 9 d'abril de 1918 até outubro do mesmo ano, não posso eu aqui dizel-o em detalhe; é longa a tarefa e ficará para depois.

Foi um doloroso arrastar de sofrimentos moraes, além do sacrifício de vidas, que se iam perdendo senão com a regularidade anterior a 9 de abril,

nem com a rapidêz dêsse dia, mas por jactos, que iam de um homem num dia até, por exemplo, umas 60 vítimas, que uma bomba de aêroplano fez, em infantaria 34!

Esse periodo sombrio é assunto, que para ter o preciso desenvolvimento, terá que ser tratado á parte; o que será feito a seu tempo.

O que é verdade é que o general Garcia Rosado caiu em cima das tropas portuguêsas na Flandres como quem tropeça num cadáver abatido pelo desespero e deixado ao abandono.

No entanto ao terminar a guerra, em 11 de novembro (armistício), êsse *cadáver* começava a mostrar uma vitalidade inesperada e, por assim, dizer anormal.

Os homens queriam bater-se!

Mostravam até um espirito ofensivo, **que nunca tinha havido no C. E. P.!**

O general Garcia Rosado, que é um temperamento calmo, frio, de gestos e de palavras medidas, começava a *respirar* um pouco melhor, por ver que ia desaparecendo a perspectiva anterior, de desânimo e de revolta.

Esse nosso general teve em França varias missões, e uma delas foi receber todo o ar *viciado* do C. E. P. durante um ano de campanha. Outra missão foi sofrer os efeitos de uma atmosfera *ainda mais viciada*, que havia em Portugal.

A impassibilidade aparente é uma das suas grandes armas.

A acção serena e medida é outra sua grande arma.

São, pois, suas características a ponderação, a acção contínua, a persistência que não afrouxa mas que não se excede; não adopta por sistema a ação espectaculosa; não vae á última das violências sem percorrer toda a gama dos meios repressivos; e no entanto, apesar de todos êstes predicados, ao ver-se entalado entre as terriveis exigências do

alto mando militar em Inglaterra, a política dezembrista e o estado moral dos restos do C. E. P., êste homem de aparência exterior fria, onde só brilham de vez em quando por detrás de uns oculos duas pupilas de olhar penetrante, esta creatura, que vae buscar a um temperamento inteligentemente educado o maior apoio para o seu valor profissional, que é aceite como o melhor no nosso meio militar, essa outra vítima da Guerra Europeia, uma hora, pelo menos, trepidou e perdeu a confiança em si!

Foi em Vimereux, uma manhã, no seu boleto, onde me ordenára, que me apresentasse.

Foi aí que eu vi que estava deante de um espírito que, embora não tivesse perdido a esperança, estava naquêle momento esmagado pelo infortúnio, que lhe ia levantando barreiras sucessivas, á medida que ele ia destruindo as que precisava remover, para salvar a honra de Portugal, levada de uma maneira tão desastrada até aos pântanos da Flandres.

Esse hómem frio, sereno e de aspecto impassivel, perdeu as suas aparências de automatismo mental para se mostrar como *era por dentro!*

Afinal *por dentro* era como são todos os portuguêses!

No decorrer de uma troca d'impressões, que durou uma hora e que versou apenas sobre matéria de serviço, o general Garcia Rosado deita abaixo a máscara e, em gesto sacudido e arrebatado, diz quasi gritando, e interrompendo-me abruptamente quando eu dizia:

— Porque V. Ex.ª, meu general, veio a França... (em um mau momento ia eu dizer).

— Eu vim á França... para ficar enterrado em lama até ás orelhas!...

Garanto a exactidão desta frase.

Acrescentou depois que se convencia de que a última fase da sua carreira militar era uma série de vexames sem fim.

Quando vi aquêle acesso de desespero, lembrei-me de mim e do que me ía na alma de vêz em quando.

Eu era comandante de um milhar de hómens, apenas; êle de muitos milhares de hómens.

Eu tinha sôbre êle uma enorme vantagem, que era o estar senhor da vontade dêsse milhar de hómens.

Ele caía de chofre num oceano de cabeças loucas, dementadas e transtornadas por um ano de guerra, por quatro anos de política tortuosa e tumultuária, pelo almejar do *fim,* fôsse êle qual fôsse.

Palpitei o abismo terrivel que êsse hómem brioso tinha diante de si.

Ele contemplava-o com um certo sangue frio aparente e forçado, mas naquêle minuto quasi o vi pôr a mão nos olhos e deixar-se caír nêle.

Calei-me.

Alguns segundos depois, eu via outra vêz o mesmo hómem frio, o mesmo general para quem a correcção no trato e o aprumo militar eram o habitual aspecto exterior.

Depois das horas terríveis que devia ter passado o general Gomes da Costa na batalha do Lys, foi de todos os nossos generaes o general Garcia Rosado aquêle que mais sofreu durante dias, semanas e até mêses seguidos.

O primeiro, no dia 9 de Abril, viu desfazer-se na sua frente a divisão que comandava, como um dique que se esbarronda, perante uma cheia formidável. Durou horas êsse desfazer do dique.

O segundo vagueou semanas sôbre os destroços dêsse dique desfeito e ameaçando um espírito de revolta desordenada, que não era possível dominar a um tempo.

Por vêzes, onde parecia estar atenuado êsse espírito de revolta, era onde irrompia com mais estrondo e mais violenta a reacção contra a permanência em França.

E' facil *de longe* exigir-se energia, talento e saber profissional.

Uma cadeira cómoda e longe de tempestade é uma bela ponte de comando para dar leis, escrever juízos, fazer apreciações e lançar remoques.

Mas quem está de perto, e com responsabilidades directas sôbre o assunto, é que tem o direito de julgar as situações.

Estou convencido de que o general Garcia Rosado foi quem, pela sua competência especial e pela sua mentalidade tambêm especial, salvou a situação, que era fatalmente desastrosa, com outro temperamento e com outro espírito menos preparado para tôdas as situações, que dia a dia íam apresentando a atitude dos inglêses, o desespero dos portuguêses e o silencio cobarde do «Dezembrismo».

Tem-se falado e escrito pouco sôbre êsse período das nossas tropas em França.

A provável e futura dependência em que eu estou do general Garcia Rosado inhibe-me de ser mais extenso sôbre essa nossa figura militar, pois pareceria lisonja, e eu tenho por êsse português uma consideração muito especial, para, sequer, parecer que desço a manejar a lisonja vulgar e amável de um subordinado para com um superior, aliás correctíssimo no trato.

XII

Ressurreição!

Em fins de setembro, o organismo militar que estava em França, como nossa representação militar, só vivia de um nome, ou por outra, de três letras: C — E — P.

Oficialmente tinha sido suprimida a letra do meio, o E, e ficará na papelada dos quarteis generais apenas o C. P., mas o C. E. P. ficará sempre de pé.

Em fins de setembro, repito, tudo aquilo eram restos dispersos de baterias, companhias e batalhões, êstes principalmente a esfarraparem-se pela doença, pelas insubordinações e tambem por algum fogo inimigo.

Isto é, o sangue ia correndo da sua natural bica. A gente portuguêsa continuava a sangrar aqui, ali, acolá, com esguichos mais ou menos abundantes, conforme a naturesa do *bisturi* teutónico.

O general Garcia Rosado, como disse, chegava a prever o caso de *ficar atolado em lama até ás orelhas!*

Felizmente não ficou, por duas razões.

Primeiro, porque os soldados, em um arranco comunicativo de RAÇA, mudaram a face á situação terrível do general do C. E. P.

Segundo, porque o general do C. E. P., como um hábil reconstructor, foi coligindo cuidadosamente todos os destroços ainda aproveitáveis, e sucessivamente foi ajustando várias peças dêsse organismo, mais desafinado do que inutilisado.

Mas quanto cuidado, quanta *diplomacia*, quanta paciência, lhe foram precisas para tornar a montar a máquina!

Fez-se o armistício, porque, se êle se não fizesse, o que lá estava ainda teria talvez corda para chegar até á primavera.

Era a gente da infantaria portuguêsa a que mais dificuldades levantava ao plano reconstrutivo do segundo comandante que o C. E. P. teve em França.

Não admira, porque nesta guerra a arma dos maiores sacrificios, pelo constante, continuado e permanente uso nas linhas, era a arma d'infantaria.

A infantaria era a primeira barreira contra o inimigo.

A infantaria era a vigilância continuada de dia e de noite, na «frente».

A infantaria recebia todos os projecteis que caíam

nas zonas atrás de si e mais ainda, tudo o que lhe era atirado para cima e que não chegava cá atrás.

A infantaria era o alvo de baionetas, granadas de mão, granadas de espingarda, morteiros pesados, médios e ligeiros, balas de metralhadoras e até servia de alvo a tiros de... *very-lights,* que produziam queimaduras terríveis e por vezes fataes, quando eram recebidos de perto e á queima-roupa!

A' zona da artilharia não chegava todo êsse mostruário de matar gente, e o que aí chegava... tambem chegava á zona propria da infantaria!

Por vêzes até, a infantaria via-se obrigada, por dever de ofício, a receber cacos da sua artilharia!

Não se trata de êrros de regulação de tiro; trata-se da necessidade que a infantaria tinha, em seguir bem de perto — o mais perto possivel — as barragens de artilharia no seu avanço, para que do emprego da artilharia (em «raids», por exemplo), a mesma infantaria tirasse o maior partido.

Para definir essa proximidade, ouvi uma ocasião um oficial canadiano dizer:

— O soldado d'infantaria, quando avança a coberto de uma barragem de artilharia, deve fazel-o de modo que, se quizer acender um cigarro, o possa fazer estendendo o braço!

Esta forma pitoresca de definir a maneira eficaz da infantaria actuar, quando avança com o poderoso auxilio da artilharia, dá ideia dos estilhaços que apanham os infantes, na aproximação que se torna necessario que exista entre o assaltante e a barragem *protectora*, para caír de chofre em cima do inimigo, ainda não refeito da *trabusanada* de ferro, que acabou de lhe passar por cima.

Em alguns dos nossos «raids» houve mais ferimentos causados pelos nossos camaradas do que pelo inimigo.

Esses ferimentos são os ossos de oficio da arma da infantaria.

Aproveito a ocasião para, como infante, prestar

as minhas mais subidas homenagens à nossa artilharia de campanha.

A sua dedicação pela infantaria, a sua bravura, todas as suas preocupações profissionaes, a sua permanência na «frente» desde que as tropas portuguêsas entraram nas linhas, até ao armistício, com excepção de dois ou três dias que se seguiram à batalha do Lys, são o mais sólido edifício de brio pessoal e profissional para o bom nome da Raça Portuguêsa.

Sempre na frente seria uma adequada divisa a gravar nos nossos canhões de artilharia de campanha!

Compete aos futuros oficiaes da arma de artilharia manter essa sugestiva divisa, ainda que ela não esteja gravada nas bôcas de fogo da nossa artilharia de campanha.

Eu não tenho palavras para definir a destreza e quasi acobratismo com que os nossos artilheiros de campanha desempenhavam a sua missão de proteção à infantaria.

Houve desastres?

Sem dúvida; mas em homenagem à justiça, à verdade e aos méritos profissionaes dos nossos oficiaes de artilharia de campanha no «front» europeu, deve-se acentuar que êsses incidentes se deram com uma raridade excecional.

O tiro que era necessário executar e a configuração topográfica dos campos de tiro, nos sectores portuguêses, deviam ter produzido os mais graves desastres numa regra aceitavel, emquanto que êsses incidentes desagradaveis apenas foram, como disse, excepcionaes!

A zona de estabelecimento das posições das nossas baterias de campanha, a linha sinuosa do nosso parapeito e a linha egualmente sinuosa do parapeito alemão, estavam situados e implantados em uma planície quasi.

Era preciso muitas vêzes e sempre que havia um

S. O S., bater com a trajectória tensa dos projecteis das peças de campanha o parapeito português.

Os projecteis, para terem efeito eficaz, tinham que roçar os nossos parapeitos!

Era fatal nessas ocasiões levantar acima da linha de fogo do parapeito mais do que a cabeça!

Por vêzes, e inevitavelmente, um projectil caía dentro do nosso parapeito; mas essas granadas, fataes á nossa gente, foram, como disse, um incidente rarissimo, excecional e remediado sempre, com uma rapidêz quasi fulminante!

Conheci de perto um dêsses incidentes sem conseqüências, e outro, com conseqüências desagradaveis, mas a par disto quanta perícia, quanto sangue frio e e quanto espírito militar mostrou a nossa artilharia de campanha na Frente Portuguêsa!

. . . . . .

Em outubro, pois, deu-se — no dizer do general Garcia Rosado — ressurreição do C. E. P. e, servindo-me da maneira de dizer do general Gomes da Costa no seu livro «A Batalha de Lis» — *o velho espirito guerreiro da raça despertou.*

Confessa o mesmo autor que êsse despertar se deu *sem o entusiasmo que deriva da consciência absoluta da justiça de uma causa, porque para tal era necessário que à nação se tivessem explicado as razões particulares da nossa intervenção.*

Pois quando da *ressurreição* em outubro, o espírito guerreiro despertou expontâneamente, *como nunca acontecera até essa data.*

A que atribuir essa reacção?

A pessoas?

Decerto que a algumas, desde o general Garcia Rosado até vários oficiaes disseminados pelas unidades; mas a grande massa, logo que lhe indicaram a necessidade, de, pelo menos, não estagnar inutilmente em França, não hesitou e obedeceu à voz de marcha para a linha de fogo.

Estou a vêr algumas das *almas chôchas*, que por

lá vegetavam inutilmente, por essa época, sorrir-se ao lêr o que acabo de escrever.

Esse sorriso quererá dizer:

— Que admiração que êles em outubro (êles são os soldados) já quizessem ir outra vêz para a linha de fogo, se sabiam que os alemães recuavam como coelhos, e que era só ir atrás dêles.

Em primeiro logar, eu já disse e citei o que sucedeu no meu batalhão com os restos do 32 e respectivo cabo em *agosto*, quando os alemães ainda não *recuavam como coelhos*.

Em segundo logar, alguns dias antes de marchar para a brigada inglêsa onde se incorporou o meu batalhão, falei aos hómens, que mandei formar em quatro companhias, umas atrás das outras e cerradas numa massa compacta de gente, para que todos me ouvissem bem.

Falei-lhes, para lhes dizer bem de frente e francamente que não alimentassem esperanças vãs sobre o nosso papel a desempenhar naquela nova fase da guerra.

Disse-lhes bem alto que bastantes dos que me estavam ouvindo morreriam e não voltariam a Portugal. Que muitos seriam feridos, e que eu, antes de chegar o momento de todos porem á prova o seu valor, lhes ia falar claramente e francamente, como sempre até aí o fizera.

Que o nosso papel não se podia limitar a ocupar o terreno, que o inimigo ia abandonando lentamente e numa retirada mais ou menos ordenada.

Que embora um batalhão pouco fosse, para tomar iniciativas especiaes no caso de fazer parte duma extensa linha de avanço, no entanto se uma hipótese se apresentasse para o fazer, eu tomava já a deliberação diante de todos de tentar êsse golpe nosso e isolado.

Que isso sacrificaria gente e não pouca, mas que eu saberia escolher a maneira de reduzir êsse sacrificio ao menor numero possivel.

E que mais nada lhes prometia de momento.

A maneira serena e o espirito calmo com que 1.100 homens ouviram pronunciar estas minhas palavras teve várias testemunhas e entre elas três mulheres portuguêsas.

Foram elas as Senhoras D. Antonia Ferreira Pinto, D. Eugenia Lapa e D. Eugenia Ochôa, três distintissimas Senhoras Portuguêsas e tambem três dedicadas Damas da Cruz Vermelha Portuguêsa!

De passagem aproveito a primeira ocasião que em público tenho de agradecer a essas três Senhoras de Portugal a visita amavel e cheia de natural gentilesa que essas três almas bem portuguesas fizeram ao IX batalhão da Flandres!

A uma destas três Senhoras, a Senhora D. Antonia, que em França chefiava as Damas da C. V. P., a essa, em especial, as minhas mais subidas homenagens ao seu alto patriotismo, ao seu brio elevado de mulher do meu País, á sua bondade natural, nobil ssima, cheia de caracter e... para nada esquecer, tambem rendo as devidas homenagens ao seu espirito mordaz e irónico, e por vêzes manifestando uma crítica de tal modo cheia de sátiras opotumas, que faziam corar e perturbar a cara mais deslavada.

E no entanto, por detrás de toda essa ironia e desse espirito mordaz, quanto espírito de justiça impiedosa e quanta *verdade* oportuna?

Mil perdões, pois, Excelentissima e Respeitabilissima Senhora, mas, como vê... até Vossa Excelência vem para o *patíbulo*.

E desde já, minha Senhora, permita a sua muita bondade que eu a previna de que não será esta a ultima vêz que será *executada*.

Considero V. Ex.ª uma figura que marcou em França um logar, que não esquece a quem teve a grande honra de a conhecer pessoalmente; o meu posto *de major* e os seus respeitabilissimos cabelos grisalhos permitem, minha Senhora, que eu possa

referir-me em público ás qualidades e predicados bem portuguêses, que definem toda a psicologia de V. Ex.ª, isto tudo bem garantido por oportuno e respeitoso — Hony soit qui mal y pense.

.....

Termino, ficando com muito e muito ainda por dizer sobre êste período que antecedeu a data do armistício.

Mas tenho que continuar o meu caminho, e só mais tarde, em curioso detalhe, voltarei ao assunto.

V

EPILOGO

I

Paiva Couceiro

O alvo das minhas considerações é agora o tal ponto na linha do horisonte do mar largo.

E o navio é a mancha de fumo, que em viagem e no mar alto desperta a nossa atenção.

Esse ponto, essa mancha, êsse fumo, é sempre para nós, ao fital-o, um vasto campo para interrogações.

O navio vae, vem, marcha no mesmo sentido que nós ou em sentido contrário.

E o nosso espírito perde-se em conjecturas sobre os logares que êsse navio deixou, os logares que procura, as esperanças que essa ligeira e minúscula mancha encerra em si e, tambem, as grandes desilusões que abriga.

Por vêzes, neste perpassar de conjecturas veem-nos á ideia incidentes da nossa vida, que, ao aparecerem com uma nitidez admirável, quasi nos ligam, por assim dizer, a êsse distante ponto de interrogação, que outra cousa não é a tal mancha no horisonte, o ponto que quebra a monotonia do circulo perfeito que limita o mar largo.

Vou, pois, fazer tambem as minhas conjecturas sobre um ponto que Portugal vê de vêz em quando mais forte, mais fumarento, mais nítido, para depois o ver diminuir, desaparecer quasi.

E quando já ninguem pensa nêle, eis que novamente nos fere a vista e atrae as nossas atenções o referido navio, ou o que quer que é, que nos aparece de vêz em quando, no oceano largo da política portuguêsa, toda cheia de baixios, de correntes e contra-correntes, quando não vive sob um ambiente de caracter vesgo, enviusado e traiçoeiro, isto é sob uma atmosfera pesada, carregada, plúmbea e que quasi abate e desmoralisa.

O nosso navio é o Regímen Républicano, o ponto no horisonte é Paiva Couceiro!

Eu sei que êste nome pertence hoje só á *política turbulenta* de Portugal.

Não pertence ao país, mas nêle já foi o de um soldado bravo e valoroso, já foi um nome incluido no numero dos beneméritos da Pátria, não por serviços prestados a credos politicos, mas por autênticos e relevantes serviços, prestados á Pátria Portuguêsa.

Nasceu em Portugal, e até alguns dias ou mêses depois de proclamado o regimen républicano em Portugal êsse português intemerato pertenceu á nossa gloriosa história colonial.

Nêsse campo vastissimo da actividade humana, foi Paiva Couceiro um soldado intemerato e um pioneiro da Civilisação Portuguêsa, porque não se cifrou apenas a sua acção na destruição de negros em combate.

Paiva Couceiro, mais de uma vêz, em Angola, pelo menos, poz de parte a sua *dunrindana* (para me servir da expressão consagrada pelo doutor Afonso Costa) e procurou rasgar horisontes á nossa expansão civilisadora e económica, nos vastissimos territorios da nossa colónia de Angola.

A ultima vêz que lá esteve, parecia que por to-

dos os meios se queria alhear de operações de guerra e campanhas.

Entregava essas missões a outros, e êle para si reservava a direção e as preocupações do desenvolvimento agrícola, industrial, pecuário e comercial da colónia.

Acompanhando uma vêz uma coluna, que castigava uma região rebelde, chegava a mostrar-se enfastiado quando o comandante dessa coluna lhe fazia qualquer pergunta sobre as operações, ou lhe pedia qualquer ordem.

Apenas o preocupava a região que iam percorrendo, os meios de comunicação a estabelecer, os seus recursos prováveis; a questão dos tiros e combates deixava-o indiferente, alheio e quasi irritado!

Não posso ser mais longo, mas como êste outros muitos factos justificam a minha afirmativa quando escrevo que alêm de um forte soldado foi um grande pioneiro da civilisação em Africa.

Esse homem pois, utilissimo ás colónias do seu país... um dia... exilou-se voluntariamente de Portugal e, num repelão de *tesura* súbita e intempestiva, torna-se um elemento perturbador da tranquilidade do seu país, ainda mal refeito do abalo natural de «5 de Outubro de 1910».

A grande fogueira das paixões políticas em Portugal foi acesa por João Franco; Afonso Costa alimentou-a quanto poude; Sidónio Pais, ao tentar apaga-la, atiçou-a, assoprando com mais força. Em janeiro de 1919, Paiva Couceiro (não esteve com meias medidas), resolveu ir pessoalmente ao Norte assoprar forte e alastrar quanto possível o incêndio, ateando á grande o lume de uma enorme fogueira, que os monárquicos tinham *armado* no norte do país!

Desde o seu exílio (*voluntário, de início*), Paiva Couceiro vinha de vêz em quando pela fronteira norte do país deitar uma acha na fogueira, aju-

dando por êste modo a atear o fogo da desordem geral nesta infeliz terra, mais digna de merecêr o socêgo e uma liberdade em que todos falam, mas que todos lhe vão tirando consecutivamente e com furia destruidora!

Como disse, em janeiro de 1919 não esteve com meias medidas, pegou no archote, e, como qualquer soldado das celebres companhias de incendiários do exército alemão na Bélgica, invadiu, *incendiou* quasi um têrço do país!

E no entanto — triste ironia da *verdade!* — por debaixo dessa fogueira e antecedendo-a como combustível preparatório, estava um *êrro* enorme e uma *fraquêza* incontestável!

Refiro-me à *Mentira da Flandres* e ao... *mêdo!*

Sem estas duas bases fundamentaes da revolta monárquica no norte do país, impossivel teria sido agital-o até êsse ponto.

«14 de maio de 1915» — «5 de dezembro de 1917» — «janeiro de 1919».

Eis a *chama* da *mentira* e do *mêdo* em Portugal. Eis a tripeça!...

.....

Paiva couceiro, quando parte para estas aventuras, quando sae da sua cela de crente fanático, traz à cinta a histórica e lendária espada do Condestavel D. Nun'Alvares Pereira.

Mas quando entra no país, *ao vêr os que o cercam*..... põe de parte a espada forte que já hoje pertence à lenda, e empunha o pesado bacamarte e primitivo arcabuz dos bandos fanáticos das guerrilhas e lutas da epoca de D. Miguel.

E à sombra da sua capa de arcabuzeiro abriga-se o roubo e a gatunagem infrene.

Cinco por cento seguem-no por paixão, por fanatismo, por *tesura*.

Noventa e cinco por cento seguem-no como autênticos gatunos e até salteadores.

Seguem-no como canalha sórdida.

Como se para mudar um regímen fosse preciso roubar a casa de cada um!

Esse homem nunca teria percebido isso?!

Se a revolta monárquica de 1919 tivesse vingado, teriamos sobre a *mentira* e o *mêdo* o *roubo*.

Com essa trilogia ficaria Portugal por muito tempo reduzido à situação de presidiário na Europa, com sentinela à vista.

A sentinela seria a Hespanha.

Mentirosos, medrosos e salteadores!

Tudo isto, com muitos tiros á mistura, alguma gente morta no país, bastante na Flandres, e com uma negação completa de liberdade.

Chega-se a concluir que os portuguêses foram, de 1906 para cá, os maiores inimigos de Portugal.

A Alemanha durante o periodo da guerra fez-nos menor mal!

Esta conclusão pode acarretar-me o titulo de germanófilo?

Eu tive sempre o mais profundo e soberano desprêzo por êsses párias, que só vivem da hipocrisia, da mentira, da gatunice, da roubalheira, e que no fundo não passam, na maioria dos casos, de timidos e cobardes, que, quando querem fazêr um apêlo a uma coragem de que não dispõem, procuram afogar a mentira, o mêdo e os instintos de gatunos nos insultos que cospem e nas insinuações que ejaculam para cima de quem vae seguindo o seu caminho, cheio de tédio, de tristêza e quasi indiferente a uma sujidade que vem atascando o país em lama e em desasossêgo, e que tem vivido do regímen sugando-o quanto póde.

Os monárquicos militantes do período da Grande Guerra eram tão germanófilos como aliadófilos eram os seus adversários da mesma época!

Uns e outros querem lá saber da Alemanha e da Inglaterra!

Pois se êles nem de Portugal querem saber... quanto mais da Alemanha ou da Inglaterra!

A coisa é outra...

.....

Continuando:

Paiva Couceiro, quando entra pelo país dentro, não dispensa tambem o credo religioso. E' sempre uma bôa veia para se explorar, quer em fórma *de cruz*, quer em fórma *de três pontinhos*.

Faz-se então acompanhar do frade guerrilheiro, que, de hábito arregaçado e de cruz alçada, brada a seu lado pela luta contra os irmãos, na lingua e na raça.

Esses frades fazem-no em nome de Deus, dêsse Deus que é pau para toda a obra!

Tal e qual como os frades de *avental* e *alfange* bramam contra êles em nome da Liberdade, essa liberdade que tambem é pau para toda a obra!

Uns e outros não passam de miseráveis fariseus, que vivem da exploração do público ingénuo e não vivem *da ideia*.

Como venho dizendo, a *tesura*, essa loucura pavorosa e ridícula ao mesmo tempo, é grande arma, painel e cartaz de grande efeito e reclamo, que caracterisa todas estas correntes de desordem geral.

Mas a grande vítima, a principal, a que fica entalada aqui, ali e acolá, ora mais, ora menos, nessa máquina de pulverisar caractéres e desfazer ideais, a eterna bigorna dessa *tesura* geral é sempre o soldado!

E' sempre êsse símbolo desconhecido e perdido nas fileiras do exército português, que toda essa matilha maneja como *gado* para satisfazer os seus apetites, as suas paixões, os seus caprichos e até, ás vêzes, os seus compromissos e interêsses inconfessáveis.

Em nome dos regímens e dos poderes públicos constituidos, cada regímen vae buscar ao campo e á oficina êsses elementos de defêza da Pátria, para que todos êles, num blóco sólido, defendam a terra e a bandeira portuguêsa. Depois de em nome

dêsses dois sagrados devêres os terem armado, instruído e disciplinado, submetendo-os a todas as provas necessárias para a consagração eficaz da ideia que representam e defendem, vão buscar *uns* e *outros*, para não dizer *todos*, êsses simbolos de dever desinteressado e aceite como sacrifício, que é para que êles se... matem uns aos outros!

Que cousa tão repugnante!

.....

Os regímens defendem-se?

Sem dúvida.

E' legítimo atacal-os?

Não sei. Ainda nada concluí sobre o assunto; mas tenho muitas apreensões sobre a oportunidade e vantagens dêsses ataques á mão armada.

Que os regímens se devem melhorar, sejam êles quaes forem, isso não há dúvida, porque bem miserável é a raça que não procura aperfeiçoar o seu sistema social.

Mas que os regímens teem que viver de factos e não de palavras, isso tambem é uma verdade.

Que mal vae a um regímen que vive de tiros e de revoluções com características de assalto aos poderes já estabelecidos, isso tambem é uma verdade patente.

Então como há de ser?!

Por todos os modos, menos por intermédio do Exército; e se sem a sua intervenção nada se póde conseguir, então é melhor deixar estar o que é mau, porque o que vem é sempre peor, e no fim de algum tempo *volta tudo á mesma*.

Não vale a pena andar atrás de perfeições, numa atmosfera de tiros, de prisões, de espionagem, de delação e de agressão sistemática.

E' uma grande maçada... e não compensa.

.....

Concluindo:

Paiva Couceiro, mixto de *guerrilheiro* e de *Con-*

destabre, nem tem a ferocidade do guerrilheiro, nem a puresa histórica de Nun'Alvares.

Fundiu na sua imaginação de fanático pertinaz os dois tipos da nossa história, o guerrilheiro e o Condestavel, e dessa fusão apenas saiu um *têso!*

. . . . . .

Resta dizer quais as minhas relações pessoaes com Paiva Couceiro.

Falei com êle pela primeira vêz em Angola. Eu tenente de infantaria e êle governador geral.

Essa primeira conversa com Paiva Couceiro foi uma espécie de *recontro* ou *choque.*

A dada altura em que lhe expunha o serviço de que estava encarregado e de que já tinha desempenhado parte, disse-me:

— Mas que competência tem o sr. tenente para estar desempenhando êsse serviço e para o terem encarregado dêle? O sr. tenente tem o curso de engenharia?!

— Não, senhor — respondi — não tenho senão o curso de infantaria; quanto a competência tenho apenas aquela que V. Ex.ª entender dever encontrar-me. *E sorri.*

Paiva Couceiro corou bastante e assim entabolámos as nossas relações pessoaes. Foi aí por 1907.

Com êle servi como governador geral sem nunca lhe ter pedido senão serviço, no interior da colónia, por *desbastar,* podendo ser.

Muito mais tarde, (1909 talvêz) andei com êle uns vinte e tantos dias pelo planalto de Benguela.

Nem sempre estávamos de acordo na maneira de abordar e resolver problemas na colónia.

Quando isso se dava, nunca fazia prevalecer o seu logar e as suas funções de chefe da colónia.

Só queria submeter-se á lógica, e quando esta se impunha entrava em acordo franco.

Como governador geral da provincia de Angola, mostrou sempre ter por mim toda a consideração

de chefe por um soburdinado que trabalha como póde e como sabe.

Um dia lembrou-se de mim para mais altas funções do que as que desempenhava. Recusei, dizendo que não tinha preparação suficiente para êsse cargo, nem a vaidade podia em mim de modo a impôr-me a sua aceitação.

Que me não chamasse modesto, porque o era tanto como êle.

Já depois de proclamada a República Portuguêsa, sabendo eu ou lendo nos jornaes que, para o *entreter*, o Governo Provisorio o encarregara de uma comissão no ministério das Colónias, escrevi-lhe sobre qualquer assunto que interessava a Angola.

Respondeu-me escusando-se a tratar do assunto, porque andava muito arredado da governação, não tanto *pela mudança de instituições, mas principalmente porque via que essa mudança não correspondia ao fim que tinha em vista.*

O mesmo que todos os républicanos dizem quando falam hoje uns dos outros!

Tambem me dizia nessa mesma carta, que é escrita de Algés em fevereiro de 1911, que aproveitava a ocasião para me dizer que, em Angola, tinha apreciado em mim qualidades e predicados que muito estimava reconhecer em si.

Não respondi a esta carta porque... quando pensei nisso já Paiva Couceiro se tinha zangado com os républicanos que, em seguida a 5 de outubro de 1910, nenhum mal lhe fizeram.

Ele é que rompeu as hostilidades com o regímen républicano.

Foram estas as últimas relações pessoaes que tive com Paiva Couceiro.

II

O tenente Paiva Couceiro

(Bié 1890)

Vou relatar um facto que revela bem a psicologia dêste condestavel-guerrilheiro que, como um bravo soldado pertenceu ao Portugal *Grande* das colónias e que, como um *têso*, se entregou ao Portugal *pequeno* das desordens.

Pelo ano de 1890, a revolta do Bié (Angola) surpreendeu em Belmonte, séde da então Capitania-Mór do Bié, dois oficiaes portuguêses, um capitão e um tenente; eram êles o capitão do quadro colonial Justino Teixeira da Silva e o tenente de artilharia Henrique Mitchel Paiva Couceiro.

O primeiro desempenhava então as funções de capitão-mór do Bailundo e acompanhára o tenente Couceiro ao Bié, onde êste contára arranjar carregadores para ir fazer um reconhecimento à fronteira do Baróteze.

Era ao tempo capitão-mór do Bié o conhecido e famoso sertanejo Silva Porto.

Assim o entendera o govêrno português, em virtude do enorme prestígio que êsse pioneiro do nosso nome através dos sertões de A'frica tinha entre os pretos.

Não era militar de carreira, nem nunca sequer fôra soldado com praça assente, mas desde 1859 que se internára em Angola, fazendo comercio com caravanas, que dirigia e guiava, acabando por se estabelecer e firmar residência definitiva em Belmonte; foi depois de bastantes anos da sua residência no centro da região do Bié que recebeu o título e a autoridade de capitão-mór.

Como ía dizendo, em 1890, os povos do Bié manifestaram-se em franca rebelião contra a soberania

portuguêsa, mas êste facto fôra precedido de um incidente, que apanhou, como disse, os dois citados oficiaes em Belmonte, junto de Silva Porto.

Fôra o caso que o grande soba da região, ao ser intimado por Silva Porto a fornecer carregadores para o tenente Paiva Couceiro, altercára com aquêle, sôbre o caso, em atitude irrespeitosa para o velho capitão-mór do Bié.

Parece que, no auge da discussão, o soba puxára pelas barbas brancas de Silva Porto, ou tanto aproximára os punhos fechados da cara do velho sertanejo que lhe tocára com as mãos nas barbas.

Silva Porto nunca chegou a explicar o que tinha havido, nem à hora da morte; o que parece averiguado, comtudo, é que Silva Porto não conseguiu impôr-se ao negro e êsse facto tornou-se-lhe insuportavel, pelo que resolveu suicidar-se, pois considerava o sucedido como a queda absoluta do seu prestígio pessoal perante tôda a população negra da região.

Para isso deitou-se no seu leito na tarde do dia em que sofreu o desaire, cobriu-se com a bandeira portuguêsa e largou fôgo a dez barricas de pólvora, que colocou junto do leito e com as tampas tiradas!

O famoso fazendeiro da «interland» de Angola entendeu ser esta a única solução aceitável para o seu nome honrado e glorioso de português de lei, porém só morreu no dia seguinte pelas duas horas da tarde!

Dez barricas de pólvora tinham apenas, na sua explosão formidável, conseguido amolgal-o contra a parede e tambem lhe haviam chamuscado as barbas e produzido várias queimaduras. Contava perto de 80 anos!

Conhecia o capitão Teixeira da Silva muito bem o meio, a região, a lingua e os hábitos dos indígenas. Este oficial era por sua vez o capitão-mór do Bailundo, onde tinha tambem enorme prestígio mas no Bié e depois do incidente havido só viu um

caminho a seguir perante a revolta, que seria uma questão de horas. Esse caminho era abandonar a região do Bié e recolher à sua capitania-mór afim de aí procurar uma segurança relativa e tambem ver se com a sua presença conseguia evitar que a onda da rebelião alastrasse.

Logo, pois, que Silva Porto deu a alma ao Creador, Teixeira da Silva faz sciente Paiva Couceiro da situação e diz-lhe qual o caminho a seguir, que era, nessa noite mesmo, abandonarem o Bié e procurarem refúgio no Bailundo.

O tenente Couceiro não se convencia da oportunidade de tal recurso ou decisão, apesar de terem fugido logo aos primeiros sintomas da sublevação os 40 soldados indígenas que Couceiro levára comsigo, havendo apenas, além dos dois oficiais, um soldado indígena impedido do capitão Teixeira da Silva!

No Bié não havia, nem nunca tinha havido até então, um único soldado!

A soberania portuguêsa a 600 quilómetros do litoral mantinha-se pelo prestígio pessoal dum ou doutro português, que se entregava a êsse género de «sport», que, se muitas vêzes era de um pitoresco atraente, outras vêzes, e não poucas, era uma condenação certa a uma morte horrorosa e afrontosa, porque o prestígio entre as populações negras só se podia perder uma vêz. Não davam tempo a que se perdêsse uma segunda vêz.

Há anos a esta parte que por essas paragens senhoras europeias passeiam espartilhadas e de chapeu, fazendo visitas de cumprimentos umas ás outras! Durante a tarde, ranchos de creanças brancas brincam em volta do local onde o negralhão do soba repontão puxou ou tocou nas barbas de Silva Porto e donde o capitão Teixeira da Silva e o tenente Paiva Couceiro tiveram que fugir furtivamente de noite para não serem feitos em bocados, por milhares de negros!

Como se vê, a nossa obra de nação colonial ainda não pode ser tão apoucada como isso...

Como ia dizendo, Teixeira da Silva insistia pela retirada e Paiva Couceiro negava-se a aceitar a solução. Aquêle então fel-o sciente do que Silva Porto disséra antes de morrer e muito repetira, que se ali ficassem depois da sua morte seriam fatalmente mortos, principalmente o tenente Paiva Couceiro, sôbre quem recaia tôda a fúria do soba.

Dizia o chefe indígena «que êste Couceiro o que queria era vir escolher sítio para pôr mais uma fortalêsa na terra de que os seus filhos íam sendo despojados a pouco e pouco.»

O tenente Paiva Couceiro, ao ouvir por entre o fraseado do capitão Teixeira da Silva a palavra *fugir*, levantou-se de salto e, num arranco de *têso*, disse-lhe:

«Fugir?! .. Isso... é uma cobardia! Eu!... não vou daqui!»

O seu camarada retorquiu-lhe que depois voltariam numa coluna que se havia de organisar fatalmente, (como se organisou), e que então, de igual para igual, liquidariam as suas contas com os negros, sem temor nenhum pelos riscos provenientes de combates a corpo descoberto. Mas que, naquelas condições, *ficar* era, se não loucura, pelo menos tolice e não pequena.

As horas da noite avançavam, as probabilidades da salvação diminuiam!

O chefe indígena esperava o alvorecer para operar.

O tenente Paiva Couceiro não se convencia a abandonar o Biè.

Por fim o capitão Teixeira da Silva toma um expediente, e declara que se ía embora para o Bailundo; mas que, antes de se retirar, precisava levar comsigo uma defêsa necessária, para justificar o procedimento de deixar ficar um camarada seu, por assim dizer ao abandono e, sobretudo,

condenado a uma morte infalível, dentro de horas; assim exigia ao tenente que lhe desse uma declaração por escrito e devidamente assinada.

O conteúdo dessa declaração seria: — «Declaro que, apesar das instâncias do meu camarada Teixeira da Silva, para retirar do Biè, afim de escapar a uma morte certa, recusei-me a acompanhal-o, preferindo deixar-me matar pelo gentio».

Perante este expediente, Paiva Couceiro hesita, mas por fim conforma-se e deixa-se guiar pelo capitão Teixeira da Silva, sem mais nada dizer.

Não foi fácil, nem isenta de perigos a fuga; porém três dias depois estavam ambos sãos e salvos no Bailundo.

Andaram o resto da noite até alcançarem a embala do soba de Biële (limítrofe do Bailundo e do Biè), chefe êste com cuja amisade Teixeira da Silva contava absolutamente. Ai ficou refugiado e escondido o tenente Paiva Couceiro. O soba teve receio de fornecer escolta ou carregadores, por temer uma represália do soba do Bié, que era cem vêzes mais poderoso do que êle. Pela tarde, alguns indígenas do soba do Biè foram inquirir do proprio soba do Biéle se tinham visto para onde haviam seguido os dois oficiais. O soba, com Couceiro refugiado na sua cubata, respondeu que já deviam estar perto do Bailundo, e que por ali apenas passara de madrugada o capitão-mór do Bailundo.

De facto Teixeira da Silva seguira para o Bailundo e, logo que alcançou a entrada da sua capitania-mór, remeteu gente da sua confiança para conduzir, guardar e guiar o tenente Paiva Couceiro, que chegou incólume ao Bailundo.

Se o tivessem apanhado esquartejavam-no.

Foi bater o Bié em seguida a êste incidente e a outros de consequnêcias mais lamentáveis para alguns europeus o capitão Artur de Paiva.

O castigo foi formidável e o Bié nunca mais se levantou contra a nossa soberania, nem mesmo

quando, dez anos mais tarde, se sublevou a Bailundo e o Hombo, que são regiões limitrofes!

Foi, como disse, uma coluna sob o comando do capitão do quadro colonial Artur de Paiva que bateu o Bié em 1891, alguns mêses depois do incidente que acabo de narrar.

O capitão Teixeira da Silva bateu-se nessa coluna, como comandante dos auxiliares boers e indígenas. Fel-o como simples voluntário, porque, sendo mais antigo do que o comandante da coluna, como oficial, não podia manobrar sob as ordens de Artur de Paiva e dentro das normas regulamentares.

O tenente Paiva Couceiro, êsse poude desempenhar a sua missão, que não foi isenta de perigos, porque ao voltar dela encontrou a coluna de Artur de Paiva em operações.

Quando se apresentou á coluna parecia um mendigo sujo e esfarrapado!

Acompanhou a coluna e bateu-se tambem como voluntário.

Isto define o *homem* e o *têso*.

Todos êstes factos me foram narrados há bastantes anos pelo proprio capitão Teixeira da Silva, ainda vivo e hoje tenente coronel reformado, bem como me foi confirmado por outros oficiaes tambem do quadro colonial da mesma época.

Os mais bravos soldados de Portugal, sempre que tomaram feição política, perderam muito do seu brilho primitivo e, de uma maneira geral, não trouxeram nessas mutações horas mais felizes ao seu país.

A missão do tenente Paiva Couceiro em 1890, em Angola, era difícil, árdua, espinhosa, relevante e excessivamente perigosa. A nossa ocupação *efectiva* nêsses tempos e por essas regiões era muito teórica, hipotética e problemática.

Para ela se tornar efectiva e ser o que hoje é, foi preciso que se derramassem alguns ou, por outra, bastantes litros de sangue e que apodrecessem

alguns centos de cadáveres abatidos a tiro e á zagaia, por êsses sitios.

Correu, é certo, sangue de um e outro lado: o dos negros insubmissos e o dos portuguêses; mas como o dos nossos soldados correu sem usura, é quanto basta para se avaliar do nosso esforço no efectivar do que hoje nos pertence de facto e onde se ouve o silvo da máquina do caminho de ferro, o resfolegar do automóvel a 50 quilómetros á hora e a buzina de alarme da motociclete, atingindo ainda maiores velocidades!

III

Revolução monárquica de 1919

Quando estalou no norte a revolução monárquica (porque foi uma revolução e não uma revolta) estavam os soldados da Flandres já seguros e convencidos de que ia para êles haver o socego definitivo e o almejado fim do seu triste exílio ao abandono dos poderes constituidos.

Refiro-me principalmente aos mais massacrados, que eram as tropas da primeira linha, os que tinham tido por missão, defender de perto a chamada «front line».

Nesta minha referência incluo principalmente os soldados, para quem licenças e «roulements» tinham sido um autêntico conto do vigário.

Nas mesmas condições tambem havia oficiais, embora muito poucos.

Havia quási dois mêses que se fizera o armistício e todos acalentavam a esperança *ardente* de verem, finalmente, a sua querida pátria e os *seus*.

Mas eis que num momento veem o país dividido e cortado ao meio pelos que denominaram «trauliteiros».

Já tinham tido «talassas», depois «formigas», depois «lacraus», agora tinham «trauliteiros».

Que gente! E que giria!

Mais uma vêz um novo incidente vinha preocupar os soldados, nêsse logar de destêrro, sacrifício e exílio, que outra coisa não foi a Flandres para êles.

Passadas as primeiras explosões de revolta contra os que assim procuravam os perigos e arriscavam a vida em lutas fraticidas, em logar de terem ficado e escolhido um logar ao seu lado na Flandres do exílio e do desterro, procurando participar de um sacrifício mais honroso, embora ao serviço de uma *mentira*, os soldados, depois de terem coberto de vitupérios e maldições os revoltosos, calaram-se e passaram a conservar-se alheios quási ao que se ia passando em Portugal e de que tinham conhecimento principalmente pelos jornaes que ouviam ler, entrecortando a leitura com frases de tédio.

Apenas e principalmente os preocupava o que se passaria nas suas aldeias e nas suas terras; essas preocupações não se referiam ao terreno que ia ganhando ou perdendo um ou outro regímen. O que apenas os preocupava e os interessava era a segurança relativa dos *seus*, no meio dêsse esbravejar amaldiçoado de lutas de regímens.

Alguns, furiosos, chegaram a dizer que, chegados que fossem a Portugal, desertariam para as suas terras e nunca mais quereriam saber nem de *répúblicas*, nem de *monarquias!*

E chegavam a acrescentar, mostrando aquêle ar cabeçudo característico no campónio português:

— Eu!... Se me apanho na minha terra!... Esses gajos nunca mais me põem a vista em cima, seja para o que fôr! Se me chamarem à vida militar outra vêz, fujo para os montes e outros que vão lá. Façam de conta que morri em França!

E por aqui fôra despejavam pragas e vitupérios sem nome sôbre a classe dos *políticos* em Portugal.

Nos primeiros momentos, houve que fazer orelhas moucas àquêles desabafos; depois seguiu-se uma certa chacota expressa nas mais torpes obscenidades.

Os melhores nomes de ambos os regimens que se degladiavam no país sofreram as mais soezes referências.

Que momentos tristes foram êsses para mim!

E' bom relembrar a apreciação do soldado de infantaria 7, quando da insubordinação dêste batalhão em 4 de abril de 1918, para não ir para as linhas: Três anos de revoluções! Dois anos de A'frica! Um ano de França! Estou chateado, meu tenente-coronel!

Este triste espectáculo da caserna em terra estranha, a praguejar e a vomitar obscenidades contra nomes que eram os representantes das classes cultas do meu país, fez-me prevêr o fim dos fins.

Como disse, essa explosão de almas dilaceradas foi quási passageira; depois apenas se interessavam pelos *seus*.

O próprio decoro de português me obriga a calar algumas das cousas que ouvi dizer a essa gente.

No entanto, àparte a brutalidade da fórma, as referências tinham um cunho de justiça, embora revestidas de uma crítica feroz e quási selvagem.

IV

Entre oficiais do batalhão

Até então a amisade, camaradagem e respeito mútuo dos 42 oficiais do IV batalhão haviam-se mantido inalteráveis.

Era quasi tudo gente nova; capitães apenas 3, um segundo comandante, um comandante da gente do 4 (restos do 9 de abril, constituindo à 2.ª

companhia) e outro capitão desempenhando as funções de oficial de granadeiros, voluntariamente.

Eram de tôdas as armas, e do serviço de administração militar havia três medicos: o mais velho de todos os oficiais era eu, o mais novo tinha 19 anos!

Embora *caturrassem* alguns em políticas diversas e contrárias, desde o integralista sonhador até ao demagógico sanguinário, tudo acabava sempre em gargalhada franca e leal.

Pois bem; ao estalar a inútil revolução monárquica do norte, dois oficiais, alferes, agridem-se a sôco numa das «mésses» de uma companhia!

Ao serem separados, choravam de raiva e quasi rangiam os dentes ao fitarem-se!

A origem foi, como não podia deixar de ser, o que se estava passando em Portugal nessa data.

Era o veneno de 15 anos de agitação política e de desordem nacional a perturbar a camaradagem e a união de portuguêses em terra extranha.

Que êsse veneno amaldiçoado não caia nunca sôbre as cabeças dos descendentes dos inspiradores e chefes de tôda esta revolta sem fim presumível!

Porque, se tal se desse, seria a última das maldições.

E quem eram êsses dois oficiais portuguêses, êsses dois rapazes novos, cheios de brio desperdiçado em uma luta fratricida em terra estranha?

Eram dois rapazes portuguêses que, ao saberem em outubro que o IX° batalhão ía retomar a frente de combate, tinham pedido para se encorporarem nêle, apesar de serem de artilharia de campanha!

Não foram só êstes dois; mais alferes, tenentes e capitães de várias armas e serviços procuraram nêsse momento a ocasião mais rápida para se baterem!

Queriam, uma grande parte dêles, estrear-se em combate, ao lado dos soldados do bravo 15 de Laventie, Neuve Chapele, Ferme du Bois, Richebourg de S. Vast, Lacouture e La Bassé!

Alguns tinham-se batido em 5 de dezembro de 1917 uns contra os outros e ali eram até então todos amigos!

Quanta indignação não causa vêr assim desbaratar o melhor sangue português!

A quem hão de dar contas e quaes serão elas por parte de quem concorreu para tão antipática situação?

Essa gente mais velha do meu país não vê, não percebe, não sente que não tem o direito de açular por este modo, uns contra outros, a melhor carne da sua raça, o melhor sangue português e, em resumo, o que ela possue de mais nobre em brio, em honra e em pundonor?!

Se o não fazem por maldade, fazem-no por uma rasão mais despresivel e talvês mais reles que a propria estupidêz.

Fazem-no por instigação da algibeira e por ansia de estômagos vazios!

E' essa a verdadeira canalha do meu país, é essa a ralé mais baixa da sociedade portuguêsa.

E afinal é êste o juizo resumido dos comentários dos soldados de Tomar, de Faro, de Penafiel e de Vila-Real, a que atrás me referi.

Eles tinham muita rasão nos seus desabafos!

. . . . . .

Emfim a odienta paixão da *tesura* e brutalidade atávica da raça recomeçava a envenenar mais uma vêz a gente que na Flandres só viu o abandono, a indiferença, o exílio e o desterro, e que se alguma hora teve de consolação e praser foi sôbre tôdas aquela em que pôz pé no barco que a conduzia definitivamente a Portugal!

Tôdas as outras horas foram de prazer convencional, quando não fôram de reconhecido azedume!

E na hora de regresso à Pátria, nessa hora, talvês a que para êles, soldados, representava a verdadeira compensação, o maior prémio, por as-

sim dizer, dos seus sacrifícios de tôda a ordem, eis que o *dever* lhes estava a ordenar mais uma luta, mais combates, mais mortes, mais ferocidade, mais referver do seu sangue, exigido sempre, sem limites!

O IX° batalhão da Flandres regressava a Portugal com *a indicação* de ser destinado a entrar nas operações do Norte do país contra os monárquicos!

V

Mais uma vêz... ainda!

Representava para mim essa «etape» mais uma hora dolorosa, mais uma violência moral a que tinha que me sujeitar, mais uns restos de energia a despender, mas desta vêz para que gente portuguêsa matasse, ferisse e escorraçasse gente portuguêsa!

Os soldados do IX.° batalhão da Flandres limpavam em França pela última vêz os canos das suas espingardas, para que estas estivessem, à sua chegada a Portugal, prontas a despejarem balas para cima de outros soldados tambem portuguêses!

Todas as desordens e litígios políticos do país assentam numa base constante — *o sangue* do soldado de Portugal!

Pela parte que me toca, tinha-me até então batido em toda a parte onde o *dever profissional* me chamara.

Nunca esperara a minha vêz, antecipara-me sempre e, quer nas colónias, quer na França, batêra-me sempre contra adversários, que tinha como inimigos.

Nunca até hoje me bati contra portuguêses, mas sempre ao lado dêles!

Nunca até hoje descí ao conluio *idiota*, e para mim vergonhoso, duma conspirata.

Acho que ninguem, e muito menos um oficial do

exército, tem o direito de pôr os soldados ao serviço de *escaladas ao poder*.

O soldado não é para isso.

Nunca me bati até hoje por regímen algum?

Não, e êsse facto, aos meus olhos e ao meu raciocínio, não se me apresenta como uma inferioridade militar e, portanto, não invejo em nada os que se teem batido por êste ou por aquêle regímen, por esta ou por aquela facção partidária.

Não os invejo e até os lamento por o destino os ter levado a tal terem que fazer.

Tenho servido sempre todos os regímens e todos os governos; batendo-me, é certo, algumas vêzes, mas, repito, sempre *contra o inimigo*, na acepção pura e militar da palavra *inimigo*.

Ao meu lado até hoje só vi portuguêses; deante de mim nunca os vi!

Passarei um dia por êsse *transe terrível*, em que só o *dever militar* e a *lei do país* serão a razão de ser do meu procedimento?!

E' possivel; mas nêsse dia terei a sensação de ter assassinado portuguêses! E então, ao ordenar a voz de fogo, sentirei as mãos tintas e besuntadas de sangue de Portugal! Sangue que suja, sangue degradante para quem dêle precisa.

. . . . . .

Quando embarquei com o batalhão em Cherburgo, com destino a Portugal, num transporte inglês, eu *sabia* ao que vinha e no batalhão todos o *sabiam*.

Vinhamos apenas defender a *lei do país*, cumprindo um *dever militar* e *nada mais*.

Os regímens só podem pedir isto aos seus exércitos. Não teem direito de exigir mais nada.

A caserna e os convés dos navios não são assembleias onde se discutam, se apreciem ou se derimam ideias políticas, porque admitir êsse programa é autorisar a alegação dessas ideias as mais contrárias.

Um exército ou uma marinha nunca é republicana ou monárquica.

A força armada dum país apenas tem por dever acatar absolutamente, e sem a discutir ou apreciar, a *lei do País*, e para isso basta comprometêr-se a cumprir os seus devêres militares, e a observar obediência absoluta aos mandatários dessa *lei*.

Perante um programa dêstes, o único aceitavel, há o direito dêsses mandatários usarem dos seus galões e dos símbolos e regalias que a lei lhes confere para discricionariamente atirarem os soldados contra êste ou contra aquêle?

Não ha êsse direito, todos o sabemos, nem perante a vulgar moral, nem perante a naturêza política de qualquer credo.

Os que teem procedido de maneira diferente são vulgares criminosos, alguns inconscientes ou então ambiciosos cuja acção é digna de correctivo adequado nos tribunaes ordinários.

Antes de marchar com o batalhão para Cherburgo houve uma espécie de *consulta* por intermediários, uma espécie de sondagem.

Vou até fazer referência a uma dúvida curiosa que me foi apresentada por intermédio dos taes *agentes de ligação*.

Como a minha resposta á *consulta* fosse a de que estava pronto a concorrer com o meu esforço para defender em Portugal o governo, isto é, a lei, erame perguntado se, quando chegasse a Lisbôa, estivesse implantado o regímen monárquico, *o que faria eu*.

Daqui, agora, respondo por escrito, como então respondi verbalmente.

Se êsse facto se der ao chegar a Lisboa, cada um disporá de si e eu de mim, porque eu não ataco nem defendo pessoas de regímens, de mais a mais servindo-me de soldados, como, de resto, nunca me servirei de nenhuns para atacar a *lei*.

Se ao chegar a Lisboa não estivessem o govêrno

do regímen republicano e o chefe de Estado eleito pelo Parlamento, é porque estavam lá umas pessoas quaesquer a mandarem e, portanto, eu não sabia ao certo o valor legal dessas pessoas e, até ver o que aquilo tudo era, julgava-me dispensado de obdecer *mecânicamente* a ordens recebidas, e pensando assim àcerca da minha humilde pessoa, mandava a boa coerência que desse eguaes direitos a todos os outros.

De resto eu, num paquete inglês, entrar no porto de Lisboa armado em *almirante de infantaria* a fazer operações de terra e mar combinadas, era cousa inexequível e até de carácter um tanto ridículo, pois estavam tôdas as probabilidades de êxito destinadas a fracassarem.

Tive no entanto uma consolação nessa hora angustiosa para mim; foi o saber e ter a certeza de que todos que iam comigo me obedeceriam, cheios de confiança na minha maneira de agir, fôsse ela qual fôsse.

De resto, foi a minha unidade a ùnica que embarcou para Lisboa com essa missão prevista. Fóra disso havia vários oficiaes de diferentes unidades que se prontificavam a virem só êles apresentar-se isoladamente para defenderem o regímen ameaçado.

O capitão medico do meu batalhão, doutor Farinhote, *politicão dos quatro costados*, conhece detalhadamente o assunto.

Não pareça que refiro o facto para alegar um serviço ao regímen.

Eu, acima dos regímens, tenho um profundo respeito *à Lei* e acima desta está a Pátria; era a estas que eu servia mais uma vez e evidentemente por acidente o regímen, que nunca discuti, porque nunca foi isso assunto da minha competência militar.

Com a minha orientação tomada, não tinha que andar a consultar oficiaes, sargentos ou soldados.

Para prestar obediência à Lei do País consultar é pedir conselhos, e mal vae ao chefe que pede conselhos aos subordinados para assentar na maneira de prestar essa obediência.

Consultal-os nêsse momento era desafial-os... *à dúvida*.

E essa *dúvida* incidiria, não sôbre quaesquer convicções políticas que me pudessem ser atribuidas, mas sim sôbre a minha possível falta de compreensão dos deveres de comandante e de soldado. De soldado, sobretudo.

E é êsse sentimento de soldado que me faz ter a maior repugnância por conspiratas, pronunciamentos, revoltas, revoluções, etc.

Oficiaes a apertarem as mãos a sargentos e a darem palmadinhas nas costas de cabos quarteleiros e não quarteleiros é uma *intimidade* que muito me repugna.

Já fui soldado de cavalaria, onde tinha o número 28 da 1.ª companhia. Fiz todos os serviços que desempenha um soldado de cavalaria. Em S. Domingos de Rana, numas manobras, limpei o meu cavalo (que por sinal era branco e dava muito trabalho a limpar). Dormi nas tarimbas da casa da guarda do quartel de cavalaria 2, em Belem, portanto não é nenhuma pretensão aristocrática ou de casta que me faz ter pelas taes *intimidades* com sargentos, cabos e soldados, uma repugnância instintiva.

Mas é que nas disposições geraes do regulamento disciplinar, logo no 2.º artigo, número 4.º, eu esbarro com uma disposição que me proíbe taes *intimidades*, e de duas uma: ou cumpro essa disposição, ou, se a não cumpro com os meus subordinados, fico inibido de exigir a êstes que cumpram para comigo tôdas as outras disposições, e daí à exautoração completa das minhas funções vae um passo.

Tenho direitos e deveres.

Os fiscaes dos meus deveres são os meus superiores, o fiscal dos meus direitos sou eu; e um dos meus direitos é, sem dúvida, não permitir que subordinados meus se abalancem a ver em mim uma *hipótese a formular*.

Alem de que os *frétes* pagam-se, e um cabo ou um sargento a pedir o pagamento de um bom *fréte* a um oficial é sempre a supressão de um organismo militar.

Para guerrilhas ou bandos armados, talvez seja de bôa prática; no exército acho que é uma baixeza a tal *inimidade*, que em geral é sempre de preço um tanto porco, quer para o que dá as palmadinhas, quer para o que as recebe.

Nunca fiz, nem farei, tal *comercio*.

Tive, é certo, que trocar impressões com um oficial do batalhão, sobre o programa a seguir.

Foi com o 2.º comandante, porque essa creatura, êsse homem, essa entidade, emfim, é sempre na guerra quem substitue o comandante quando êste recebe uma bala, que o inutilisa, temporária ou definitivamente.

De resto, tratava-se de uma guerra civil e essa espécie de luta tem sempre uma característica repugnante, que é natural tendência para o crime.

Esperava eu então levar uma bala?

Nunca pensei nisso.

Basta que disso me ocupe quando receba alguma. Antes, acho que é perder tempo.

Porém o chefe, para ser chefe, tem o dever de prever tudo o que puder, sem exclusão da bala que lhe é dirigida pelos adversários.

VI

Indiferença patente e absoluta!

Chegámos a Lisboa três dias depois de termos partido de Cherburgo.

Tinha fracassado a revolução monárquica do norte, havia horas, por assim dizer.

Não foi preciso exigir aos soldados mais êsse sacrifício, não foi preciso, para mim, pôr mais uma vez á prova o meu respeito religioso pelos *mais duros dos deveres militares.*

Quando chegaram ao caes de Santos, os soldados do IXº batalhão da Flandres não viram o sangue fratricída correr! Viram a grande indiferença de Portugal por êles! E quando outras provas não tivessem de que a mentira da Flandres era *uma grande mentira,* tiveram-na nessa ocasião!

A gente do 15, do 19, do 32 e do 13 do IXº batalhão da Flandres, ao desembarcar, seguiu em comboio, dividida em contingentes, com destino ás suas terras.

Eu, cheio de tédio **por tudo e por todos** que no meu país, nessa ocasião, apenas jogavam... a *gaméla,* fui para casa convencido de que a minha Pátria era só a minha casa, eram só os meus.

Os soldados tambem foram convencidos disso, e foi êsse o seu melhor reconhecimento para com os *diplomatas* da ida para a Flandres e os *políticos* do seu país durante êstes últimos 15 anos de desordem, agitação, crimes de toda a ordem, sem exclusão do assassinato e do roubo.

Até nessa convicção triste eu e os soldados do IXº batalhão fomos, mais uma vêz, solidários!

VII

A bomba!

Mais êsse crime se começou a acobertar sob as dobras do manto do regímen republicano, que para Portugal tem sido, quasi que até à data, um regímen especial de crimes, que não podem, não devem continuar, nem são dignos do credo républicano, puro, sincero e de gente que ama a liberdade.

Hoje é arma bolchevista?

Antes de 5 de outubro era reconhecida como arma anarquista.

Os desordeiros do regímen chamam-lhe *artilharia civil!*

Passou, pois, a ser uma espécie de complemento da tal *justiça popular!*

Mas o peor é que quem as deita não é quem *escala o poder*, o que tira a essa justiça *o tal valor popular.*

A gente do povo é que faz de carrasco, mas os mandatários é que roem o queijo!

Quanto se abusa da fé e da ignorância para satisfazer ambições pessoaes, por vêzes *desonestas!*

Antes de 5 de outubro essa arma era apenas o estrondo mortífero da loucura e da desordem social. Era o *argumento* do anarquista.

E a gente que pretendeu melhorar o regímen político em Portugal lança, com entusiasmo, mão dêsse peor argumento do anarquista!

Era fatal a desordem!

E, de estoiro em estoiro, arriscamo-nos a dar o estoiro final!

O regímen arrisca-se a caír das mãos dos que o proclamaram.

O país arrisca-se a morrer nas mãos dos portuguêses, transformando-se num tutelado!

.....

A bomba!

Quem a lembrou, quem a consagrou, quem a carregou, quem é que fez o seu reclamo nos comícios e na imprensa?!

Os políticos do atual regímen *e só êles!*

Quem é a vítima mais castigada e também a mais alheia (nos grandes centros, pelo menos) a mais êste flagelo dos portuguêses?!

E' o operário que a lança?!

Não; porque êsse ou é vítima da propria arma que maneja ou em consequência da sua acção recebe como castigo devido, seja ela casual, intencional ou legal, o prémio da sua *tesura*.

E' o habitante pacífico?

Não; porque êsse é uma vítima do acaso.

Quem é então essa vítima, alheia aos fins que a bomba procura conseguir?!

E' essa muralha constante, que serve de alvo e ao mesmo tempo de abrigo aos políticos *têsos* do meu país!

E' o soldado de Portugal!

E' o soldado e sempre o soldado!

E' essa *bigorna* constante e ao mesmo tempo o martelo *oportuno*, para quem nem sempre teem sido a *Lei* e o *Dever* a exigirem o seu sangue precioso e *insubstituível*.

Que contas poderá dar à História e à humanidade muita dessa gente, que tem sido a causadora do desbarato e desperdício do sangue dos soldados de Portugal?!

Tôda essa mentira, tôda essa desordem, todo êsse amontoado de loucos, fanáticos e vaidosos banaes, seria apenas uma sujidade moral, se não fôsse a perspectiva de um tremendo espectáculo, de uma *tempestade*.

Nêsse momento, que há de vir fatalmente, que tôda a maldição e desgraça caiam sôbre essas várias matilhas de tôdas as côres, de todos os programas,

de tôdas as várias e por vêzes inconfessáveis ambições, mas que seja poupado o país!

Que se comam uns aos outros; mas de modo que não fique nenhum por comer.

Isto é, que se comam *todos* bem comidos, de modo que nem semente reste de tal raça e que o soldado de Portugal fique de vêz dispensado de andar a servir de muralha ás bombas que atiram aquêles que, ao escalarem o poder, farão egualmente dos mesmos soldados sua muralha protetora contra as bombas que mandam atirar os que fôram dali escorraçados e querem para lá voltar, empregando exatamente os mesmos meios.

Que se comam, pois, todos uns aos outros de vêz e quanto mais depressa melhor.

O ideal seria morrerem todos com a mesma bomba, fabricada por um dêles ou por todos.

O país, a gente que trabalha e o soldado não se afrontam com o regímen republicano, mas sim com essa espécie de «boches» que invadiram Portugal como os alemães invadiram a Bélgica.

Todos êles, desde João Franco, se propõem salvar o país, mas tôda a sua acção acaba em tiros de carabinas e pistolas, pancadas de cavalo-marinho, tiros de canhão e bombas!

E se o país se reunisse num grande comício para alegar, em uma moção de bom senso, que não queria que o salvassem, não seria uma ideia a experimentar?!

Não querendo o país em massa que o salvassem, já êsses senhores eram dispensados de perder comnosco o seu tempo e assim talvêz se encontrasse a tranquilidade de que o país precisa.

VIII

A tempestade!

Já vimos que havia um ponto no horizonte que tanto póde ser o condestável-guerrilheiro como qualquer outro navio da lenda, que a tradição acompanha.

E' apenas uma ligeira nuvem de fumo; mas será um navio que se afasta do rumo que Portugal segue?

Esse navio no horisonte não naufragou ainda... Seguirá navegando á nossa vista rumo paralelo para acudir a Portugal quando a *tempestade* ameaçar o país da subversão e do afundamento?

Ninguem o pode saber.

Mas se o *porrete*, o *cavalo-marinho*, o *varapau*, a *espingarda* e o *arcabuz* continuarem a suceder-se, êsse ponto, êsse fumo no horizonte, não é o navio da lenda que a tradição segue com a vista e com esperança em melhores dias.

Será apenas um vexame imposto por um temporal enorme, afrontoso e esmagador, que se aproxima quási que dia a dia, quási que hora a hora.

Alguem ouviu, em momento em que era dificil argumentar contra, o seguinte:

— Esta guerra, meu caro amigo, quando para outra cousa não servisse, serviu para demonstrar que há povos que não se podem governar por si; precisam de tutela. O seu é um dêles!

E a tutela será a submissão vergonhosa, do desalento e da escravidão, encobertos por uma vulgar *caracterisação* de nação independente.

. . . . . .

E se a bomba recomeça a estalar com mais frequência e mais ruidosa, o estrondo das explosões e a deslocação do ar provocará com certeza uma

chuva que talvez acabe por lavar os portuguêses todos, mas... por que preço!

Cautela ..

Eis o que todos êsses *políticos* sentem, dizem e escrevem, mas não *sabem* ou, melhor, não querem saber disso para nada.

Estão *loucos*, estão *têsos!*

Há 15 anos que as casernas passaram a ser a antecâmara dos políticos e hoje os partidos políticos são as antecâmaras da caserna.

Mas o soldado, como sempre, é um simples instrumento; apenas o galão do oficial de mistura com a divisa do sargento são a parte activa e *interessada* da caserna.

O soldado, repito, continúa a ser o instrumento de políticos, oficiaes e sargentos.

Apenas faz o que lhe mandam fazer e sempre assim será com todos os regímens e com tôdas as côres de bandeiras.

E porque assim é, torna-se, pelo menos, um crime de ordem moral dispôr sem rebuço e sem limites dessa massa de carne como se fôsse *gado!*

Isto sem falar em crimes contra pessoas, que com êles se praticam e de que êles por vezes são tambem vítimas.

Se os senhores políticos *desordeiros* são muito *têsos* e não teem medo, tenham ao menos alguma vergonha na cara porque é preciso não esquecer que as barregans dos prostibulos mais reles a teem.

Tenham vergonha, pois!

IX

Em nome dos soldados de Portugal

FUTUROS OFICIAES:

Falei-vos como se o fizesse a já meus eguaes na hierarquia militar. Vou terminar com um apelo a tôda a nobreza de alma e a tôda a grandeza de carácter que o vosso espírito possa encerrar.

A política é uma carreira aberta a tôda a gente e é preciso que assim seja para que a ela concorram as «élites» necessárias à marcha firme e digna de um país.

Mas um oficial que se presa de o ser *à frente e deante de soldados portuguêses* não desembainha nunca a sua espada, nem faz valer a sua autoridade profissional, sem um motivo muito forte.

Mas tambem nunca deante dêles e à frente dêles mete a sua espada na bainha sem honra, *suceda o que suceder!*

E para bem satisfazer êstes dois compromissos de honra, que são, afinal de contas, o enorme prestigio do brilho dos galões, só uma cousa bem simples e fácil teem a fazer os oficiaes do Exército Português.

Nunca se sirvam dos soldados para agitar o país e perturbar a ordem.

Como veem, é bem fácil, porque se trata de uma acção negativa no campo da desordem, e a resistência passiva é uma fôrça prodigiosa cujos limites por vezes é dificil determinar.

Quando lhes quizerem cantar a *ária do mêdo*, procurando excitar-lhes os brios para fins ilegaes, desonestos ou turbulentos, respondam que sim, que teem *mêdo* e que autorisam desde logo a tornar público êsse *mêdo*.

Eis um caso em que tudo é honroso, inclusivé o ter-se *mêdo!*

O *mêdo* é o temor; o receio é o instincto da conservação, é a falta de reacção moral contra o perigo, é talvez a consciência nítida ou mesmo exagerada do perigo.

Pois bem. Que todos tenham mêdo do naufrágio da colectividade e êsse mêdo será nêste momento e em todos os idênticos o mais alto serviço prestado à Pátria, a maior prova de respeito e acatamento à Lei, e o mais sólido edifício para consolidar os regímens, sejam êles quaes forem, contra abalos irreparáveis.

A minha fôlha de registo tem a chancela do Valor, da Lealdade e do Mérito, bem como o timbre do valor militar em vários tons, modalidades e «nuances».

E' certo que nunca foram adquiridos pela *extorsão* do sangue à minha raça, não estão enodoados com sangue de Portugal, antes estão bem *lavados* com sangue preciosissimo dos bravos soldados portuguêses, nas Colónias e na Flandres.

O meu coração não palpita sob o colorido antipático e negativo do meu nome de português.

Dei várias vezes a voz de fôgo e ordenei algumas outras que se carregasse à baionêta.

Nunca mandei matar ninguem.

Até hoje, *em Portugal*, nunca descarreguei a minha pistola de oficial.

Os últimos tiros de espingarda que dei em Portugal foram disparados na carreira de tiro de Mafra, quando aspirante e em tirocínio.

Procurava acertar nos alvos, mas tinha a certeza de que não correria uma só gôta de sangue português.

Pois bem; publicamente declaro que tenho *mêdo*, e cada vez mais *mêdo* tenho, de me servir de soldados do meu país para fins que não sejam os expressos nos regulamentos e códigos que regem as instituições militares de Portugal.

E' uma cobardia?!
E' possível.
E' um paradoxo?!
Tambem é possível.
O que não é com certeza é um crime e tanto me basta que assim seja.

A *política* tem o seu campo de luta legítima e legal que lhe confere a Lei.

São os parlamentos, os centros políticos (*sem carácter secreto*) as assembléas eleitoraes, os logares de conferências públicas e... a consciência *intangivel* de cada um.

A consciência humana é o maior e mais forte baluarte da liberdade.

Não há tirano, não há bala de canhão, não há baionêta nem lança que a conquiste e domine!

E' uma couraça impenetrável onde se achatam como chumbo mole todos os golpes vibrados pela violência, pela fôrça e pela imposição.

Querer domar a fôrça da consciência pela fôrça física é dar sôcos no ar, é querer agarrar a água com as mãos, é querer engulir um oceano inteiro de um trago.

E' ridículo, é contraproducente, é cegueira estupida, é loucura, é querer a transigência imediata e pronta, perante uma imposição de intransigência feroz.

Os campos de luta a que acima me referi são todos êles campos sagrados, onde cabem todos os programas e todos os ideaes.

A liberdade não se conquista pela violência *afrontosa*, mas sim pelo combate nobilíssimo de um torneio de idéas.

A luta deve ser um duelo de florête cheio de actos nobres praticados para com os vencidos.

Não deve ser nunca um jogo de cacête brutal, nem uma *espera* ao dobrar duma esquina em noite escura.

Há diferença entre a guerra e o banditismo, ape-

sar de em ambos os casos haver *morrer* e *matar*.

Se a honra ou o pundonor o exigirem, o que só se dará como uma excepção muito para discutir, a *liberdade* conquista-se desembainhando a espada à frente de soldados, é certo, mas não para transformar um país em possilga ou chiqueiro de ambiciosos!

Ao tomar essa resolução solene é que é caso para se dizer o que diziam os taes papelinhos de propaganda da ída para a Flandres:

«Vigia o espião.

«Despresa o boateiro.

«Odeia o inimigo.

Quando ouçam falar no argumento da *tesura* para lhes excitar os brios lembrem-se do que eu disse no começo destas mal alinhavadas linhas.

A tal história do soldado do batalhão disciplinar de Angola, que numa campanha fazia comparações ácerca do valor pessoal do capitão e do tenente.

— O nosso capitão, êsse sim é valente, agora o nosso tenente... êsse é só um *têso!*

O capitão era o capitão de infantaria Gonçalo Pereira Pimenta de Castro, o outro era o tenente de infantaria João Maria Ferreira do Amaral!

Ainda hoje tenho as orelhas a arder do que ouvi dizer a êsse soldado e de então para cá fiquei com um horror instintivo à *tesura!*

Foi um valente soldado do batalhão disciplinar de Angola, essa unidade de gloriosas tradições em combates coloniaes, que me ensinou que a *tesura* era pouca cousa comparada com a valentia, a bravura, o verdadeiro valor pessoal, emfim.

Espero, pois, que os futuros camaradas recebam de mim uma lição tão proveitosa, como eu a recebi quando já era tenente .. Há bastantes anos... de um simples e modesto soldado.

X

Saibam quantos...

Chefes de Estado do meu País! Dirigentes de Portugal! Diplomatas! Políticos! Chefes de tropas! Oficiaes! Sargentos! Gente de trabalho! Mulheres da minha terra! Gente môça das escolas!

Todos, emfim, que no meu país sabem quem eu sou, e o que é um soldado raso!

Ouçam todos *o que eu sinto*, embora a minha falta de cultura não o saiba dizer ou não me permita escrever porque sou um analfabeto!

Mas porque sou um inculto, um ignorante, um analfabeto, encarreguei um qualquer de escrever em letra clara, forte e bem explícita, tudo o que sinto e que não posso dizer, por que sou um soldado raso, o último na hierarquia militar e ao mesmo tempo não sei dizer essas cousas, embora as sinta e muito.

Dize, pois, a êsses homens que *falam* muito... que *pensam* pouco... e que não *sentem* nada, que eu quero em cada logar das terras e domínios de Portugal a minha história toda feita de sacrifícios, que não teem valôr apreciavel porque êsses sacrifícios são feitos sem limites a determinar, por um escasso preço e por modesto prémio.

Quero que as creanças, logo que nasçam, se habilitem a ver-me tal qual sou nas horas deperigo e sacrifício sem limites e sem preço a estabelecer.

Quero, em primeiro logar, na esplanada do morro do Castelo de S. Jorge, uma estátua monumental do meu primeiro companheiro de lutas na formação de Portugal, há mais de 800 anos.

Nessa epoca foi o primeiro português, porque sem êle talvês não existisse o nome de Portugal na História e porque era o mais bravo dentre todos.

Foi um Rei, mas nunca teve uma hora de socego para se envolver no seu manto de veludo e arminhos afim de receber as homenagens dos seus cortesãos, porque... mal lhe chegou uma vida inteira para batalhar pelo Portugal Maior!

Foi longa essa vida inteira, mas não tão longa que tempo tivesse para ir até ás costas do Algarve.

Só poude chegar com a sua gente até Lisboa. Os filhos e os netos é que acabaram o resto.

Esse primeiro Soldado Português é Afonso Henriques.

Conheço uma estátua dêle em Guimarães,

E' pequena. Não chega. E' preciso que seja tão grande e monumental que a gente estrangeira, ao entrar no Tejo, a veja bem e de muito longe.

Quero ver o Primeiro e mais Forte Soldado Português dessa epoca numa estátua enorme feita só de ferro, pois que de ferro foi sempre o seu *trajo de Côrte*.

Tambêm quero que o meu companheiro valoroso de lutas, o meu irmão marinheiro, esteja representado numa estátua monumental pelo seu mais legítimo representante.

Esse representante maior é Vasco da Gama!

Que coloquem essa estátua na esplanada da cidadela de Cascaes, para que do mar largo se possa avistar Aquêle para quem não houve limites nêsse mar!

Quero, exijo, *ordeno* que a façam tôda com pedra trazida da India!

Dize a êsses hómens que mandam em mim como lhes apraz que não acho isso difícil, nem grande o esforço, porque maior foi o esforço para os meus avós, marinheiros e soldados tambêm, quando levaram até bem longe, em navios de pau, fortalêzas inteiras feitas em Portugal, com pedra da minha terra, e não pediram mais dinheiro por êsse serviço!

Cercando essa figura sagrada pela História e pe-

la Tradição, eu quero ver representados os meus irmãos marinheiros, aquêles de que ninguem saberá nunca o nome, desde o marinheiro do seculo XII até ao marinheiro do «Augusto Castilho».

Que estudem bem como êles se vestiam e que os coloquem lá *a todos*.

E' preciso que lá esteja o marinheiro que descobriu Porto Santo, o que dobrou o cabo Bojador, o que chegou à embocadura do Zaire, o que alcançou o cabo da Boa Esperança, o que tocou em Mombaça, o que fundeou em Calicut, o que percorreu a costa do Malabar, o que sulcou os mares da Oceania, os mares do Norte, da America, e o que abordou as terras da América do Sul.

E' preciso que lá estejam todos sem faltar nenhum, o que será facil, porque a estátua será tão grande que no seu pedestal raso hão de caber em volta da figura gigantesca de Vasco da Gama todos êles, desde o marinheiro das galés de remos até ao marinheiro de gola d'alcaxa do «Augusto Castilho»!

A base dêsse monumento deve ser construída com pedra arrancada dos rochedos de Ceuta, Madeira, Porto Santo, Açôres, Cabo Verde, Costa da Guiné, Costa de Angola, Cabo da Bôa Esperança, Zanzibar, Calcutá, Costa do Malabar, Ilha da Oceania, Costa do Brazil, emfim de rocha tão variada quão imensos foram o corte e recorte feitos nos mares pelas naus e caravelas de Portugal.

Nessas pedras estarão provados apenas os logares da costa batidos pelo mar, donde são originárias. Ao centro, em um sóco mais alto feito de pedra das nossas atuaes colónias, estaria então a gigantesca figura do primeiro marinheiro da história de Portugal, na sua figura forte, toda feita em pedra da India.

Não digam que é difícil e caro, porque eu nunca puz preço aos meus serviços e nunca disse que era difícil atravessar mares, pântanos e desertos, escalar escarpadas e muralhas de castelos inimigos,

ou viver na lama e no lodo pestilento e amassado com muito do meu sangue!

Não preciso de nomes para mim ou para o meu irmão marinheiro. Somos ambos muito conhecidos!

No meu país ha de haver artistas que saibam *sentir bem* e *muito* a quem devem o nome de Portuguêses!

Deve, portanto, haver quem saiba fazer com alma e brilhante sentimento essas cousas todas que eu sinto muito e muito, mas que não sei fazer nem dizer porque sou apenas uma pobre e honrada besta de carga dos campos de Portugal, uma máquina de trabalhar pouco culta das oficinas de Portugal e tambem um pobre bruto que apenas sei tripular os barcos de pesca da costa marítima de Portugal. Tambem não passo às vêzes dum cabreiro, dum pastor de gado.

Mas, apesar de sêr só isso e de não ser mais nada, eu sou, afinal, aquêle que por mais baixo preço e com menos exigências dum prémio tenho dado a Portugal a independência, toda a sua história, toda a sua razão de ser, toda a fama de uma raça que sabe sofrer como poucas, mas que nos momentos terriveis nunca olhou ao número!

Por vêzes têem-me faltado os chefes; isto causa-me sempre um desânimo profundo, um âtroz sofrimento; mas sempre que os chefes apareceram nunca faltei, nunca sofri, nunca desanimei.

E' êsse o meu grande e alto valôr!

E' essa a minha desafronta, para lançar à cara dos que dizem e escrevem que decaí!

Eles, os chefes, é que teem fraquejado, no valôr, no mérito e na lealdade para comigo e duns para com os outros; eu fui, sou e hei de ser sempre o mesmo.

Eu, marinheiro sem nome e soldado tambem sem nome, sou sempre como Vasco da Gama, como Afonso Henriques.

Que os chefes e letrados não me discutam as possibilidades do meu actual valôr!

Os letrados que estudem bem o que eu ainda sou capaz de fazer; que os chefes me digam como é, e eu serei sempre o mesmo dos maiores dias de Portugal.

A *estranhos* não tenho ouvido dizer que não presto. Só tenho algumas vêzes ouvido dizer que me teem faltado em vários lances bons chefes.

Ainda há bem pouco tempo o disseram francêses, inglêses e alemães.

Os chefes, pois, que se defendam das acusações que os *estranhos* lhes fazem.

Eu não fui atacado, até hoje, por êles, portanto não preciso preocupar-me com os seus comentários a respeito da massa culta e letrada do meu País, donde saem os meus chefes e dirigentes.

Eu nunca fui chefe, nunca fui dirigente, eu nem lêr sei!

Não tenho predileção por esta ou por aquela côr da bandeira.

Comecei por me bater à sombra de uma bandeira negra e branca, com uma cruz vermelha ao centro — a bandeira dos Templários; depois bati-me ao lado do guião de Afonso Henriques e, batendo-me sempre, tive que ir um dia ali ao pé da Batalha, em Aljubarrota, bater-me guiado por uma bandeira branca com uma cruz verde — a Cruz de Aviz; depois disseram-me que a bandeira branca com uma cruz vermelha - a Cruz de Christo, era a melhor, e eu, seguindo-a, bati-me tambem; e com essa cruz estampada nas velas de tôscos navios segui por êsses mares e continentes estranhos, sem fazer questão das côres da bandeira e dos formatos da cruz.

Para mim côres e cruzes eram sempre bôas!

Um dia disseram-me que não nos chegava Ceuta, Arzila, Mazagão e mais outros bocados de Marrocos e que era preciso mais.

Já então não me deram a bandeira que me tinham entregue à minha passagem pela ponta de

Sagres, donde o Infante Dom Henrique me dizia, cheio de fé, que a tira de terras de Portugal não chegava para os Portuguêses, que era pequena!

Foi no dia 4 de agosto de 1578. Dessa vêz entregaram-me um estandarte vermelho, com umas quinas ao centro, e disseram-me que êsse é que era bom.

Não discuti. Isso era com os chefes. Eles é que sabiam se era bom ou mau. Os que dirigem é que sabem dessas cousas. Eu não nasci para saber das melhores côres para as bandeiras. Só nasci para acreditar nelas. Dessa vêz, apezar de fazer tudo o que os chefes me disseram que fizesse, deixei ficar lá todo o meu sangue, a carne que a minha mãe deu à luz no meio de dôres abençoadas e os meus pobres ossos. Foi em Alcacer-Kibir!

Parece-me no entanto que as côres do estandarte não concorreram para êsse mau fim.

Quem não soube dar melhores ordens para eu conseguir vencer o feroz mouro foram os chefes, foram os dirigentes.

Comigo lá ficou um Rei de Portugal!

Era valente como um soldado, mas parece que não sabia o que estava a fazer.

Eu é que não sei mandar, só sei obedecer.

Em seguida e durante sessenta anos disseram-me que já não era português, mas hespanhol!

Os chefes e os dirigentes é que me disseram isso, eu não sabia porque passava a ser hespanhol; êles é que deviam saber como isso tinha sido.

Parece que ainda houve um sapateiro qualquer chamado Martim Fernandes que quiz pedir explicações do caso aos dirigentes, mas êles deram-lhe qualquer razão e mandaram-no em paz! Com o sapateiro tambem estava um oleiro que se chamava António Pires.

Pois como é que êsses pobres brutos haviam de saber porque é que íamos ser hespanhoes, se,

como eu, não sabiam lêr nem escrever nem tinham a menor cultura!

Nos últimos anos de eu ser hespanhol, os chefes e os dirigentes disseram-me que era preciso ir à Flandres bater-me com uns hómens que nunca tinha visto.

Lá fui e tive ocasião de ver que a bandeira tinha já outras côres e um escudo diferente ao centro, com leões!

Lá a defendi, conforme defendi as outras. Os chefes diziam que a bandeira bôa era aquela! E eu tinha que aceitar como bom êsse conselho. Eu nunca sei porque é. Eles, os que me mandam e dirigem, é que sabem as bandeiras que são bôas e as que não são bôas.

Mas um dia, em Portugal, apareceram-me quarenta chefes e dirigentes, que me disseram que era outra vêz português!

Foi em 1640!

Deram-me então uma bandeira tôda branca com o escudo das quinas ao centro e com uma corôa real em cima.

Disseram-me que essa assim é que era bôa.

Lá fui atraz dessa bandeira bater-me então contra os hespanhoes, e lá vi contra mim a mesma bandeira que tinha defendido na Flandres, aquela que tinha os leões.

Como os chefes e dirigentes já então me diziam que aquela bandeira não era bôa para nós, portuguêses, antes pelo contrario, eu tomei as que poude aos hespanhoes.

Passaram-se vários anos e um dia entregaram-me ao mesmo tempo, dentro de Portugal, duas bandeiras.

Uma era azul e vermelha, outra era azul e branca!

Isso é que me deixou um pouco atrapalhado, porque não sabia qual era a bôa e qual era a má!

Os chefes e dirigentes ora me diziam que era bôa a azul e vermelha, ora a azul e branca.

Parece que não se entendiam sôbre as côres!

Recebi então ordem dos meus chefes e dirigentes para matar os meus irmãos, ora agarrando numa das bandeiras, ora defendendo a outra!

Aos meus irmãos também deram os chefes e dirigentes as mesmas ordens!

Isto durou alguns anos e foi para mim um inferno maior do que o que se tinha passado uns anos antes, quando os chefes me disseram que era preciso ir à França, à Alemanha e até à Rússia!

Dessa vêz tinham-me dado uma bandeira para combater por ela!

Tinha trêz côres. Era azul, branca e vermelha; e a ponta da haste em que ela andava tinha uma aguia com um N!

Como os meus chefes me diziam que essa bandeira era bôa, fiz por ela o que costumava fazer com as outras!

Parece que o hómem a quem os nossos chefes obedeciam e nos diziam que era preciso obedecer, que por sinal se chamava Napoleão, não ficou descontente com os nossos serviços, porque disse ou escreveu em qualquer parte que *nós, os portuguêses, em combate, não eramos como hómens, eramos como feras!*

Ele o que nos achava era muito pequenos, mas êle também era muito pequeno e apesar disso ouvi-lhe chamar muitas vêzes — Napoleão, o Grande!

Porque seria?!

Morreram por lá quasi todos; uns de frio, outros em vários combates e batalhas, até que numa grande batalha a que chamaram de Wagram levámos uma cresta que ficou memorável.

Como não eramos de começo mais de 10 mil, poucos ficaram e êsse resto morreu quasi todo na Rússia.

Aí nós é que guardávamos quasi sempre a retirada. Quem nos comandava nessa ocasião era um general do tal Napoleão, que se chamava Ney,

e a quem os francêses chamavam — O bravo dos bravos!

Porque seria?!

Ele gostava muito de mim em combate e volta e meia pedia ao tal Napoleão para nos mandar para o pé dêle ajudal-o a dar combate aos russos.

Quando voltei a Portugal trataram-me mal, chamaram-me traidor à Pátria!

Mas eu fazia sempre o que os chefes e dirigentes mandavam que eu fizesse!

Custou-me muito dizerem-me os portuguêses que eu tinha atraiçoado a minha terra.

Soube então que os meus irmãos, soldados também, tinham andado a combater debaixo das ordens de oficiais inglêses contra os francêses!

Tinham-lhes dito, os dirigentes, que quem mandava bem era os inglêses e que era também um inglês que mandava agora nos portuguêses!

Esse inglês chamava-se Beresford!

Não havia rei. Esse tinha fugido para o Brasil para não sêr prezo pelos soldados do tal Napoleão!

Eu não percebia nada daquilo e já nem sabia qual era a melhor bandeira; se era a dos portuguêses, se a dos inglêses, se a dos francêses!

Mas o que é que eu havia de fazer?!

Não sou eu nunca quem trata dessas cousas, porque não sei.

Foi então que, como disse, andei ora com uma bandeira azul e vermelha, ora com outra azul e branca.

Assim andei anos, a combater!

Não andavam estrangeiros metidos nisso.

Era só entre portuguêses.

Os civis tambem se matavam uns aos outros!

Andavam tambem metidos nisso frades de um lado, e do outro uns hómens a que os frades chamavam pedreiros-livres.

Eu pouco percebia dessas cousas, quer quando andava a defender a bandeira azul e vermelha,

quer quando andava a defender a bandeira dos contrários, que era azul e branca.

Por fim disseram-me os chefes e dirigentes todos que a bandeira azul e branca é que era a bôa e que a azul e vermelha já não prestava para nada!

Devia ser isso, porque nunca mais me mostraram a outra que já não prestava.

Agarrei, pois, com tôda a alma na bandeira azul e branca exactamente como fizera com os pendões dos Templários, de Aviz e da Cruz de Christo, e lá fui pelas terras da A'frica, da A'sia e da Oceania fazer o que eu sei fazer e que constitue a minha obrigação.

A minha obrigação era fazer o que os meus chefes militares me diziam que era preciso fazer e marchar sem discutir a defender o que era nosso logo que os dirigêntes me diziam que era preciso marchar.

Sempre que os chefes eram valentes, leaes, sabedores e intrépidos, eu fui o mesmo de Ceuta, Diu, Costa do Malabar e Oriente. Sempre que os chefes foram inermes, balôfos, estúpidos e maus, eu fui o de Alcacer-Kibir.

Sempre que os dirigêntes fôram patriotas, inteligentes, leaes e dedicados ao bom nome de Portugal, eu fui o bravo soldado de Afonso Henriques e o meu irmão marujo foi o intrépido marinheiro de Vasco do Gama!

Mas quando os dirigentes eram chicaneiros, pouco sabedores, aventureiros, pouco honestos, balôfos, torpes e egoistas, eu fui vencido algumas vêzes, apezar de ter dessas vêzes bons chefes que comigo tambem caíam por ali e por acolá, ao meu lado!

Quando os dirigentes não prestavam, eu não tinha à minha disposição o que me era indispensável para cumprir as minhas obrigações e então muitas vêzes fui dominado pelo número e pelos meios de que o inimigo dispunha.

Nunca me verguei ao valor pessoal dos outros,

porque, apezar de ser um ignorante, um bruto quási, desde pequeno que, na minha aldeia, meu pae me dizia sempre, *que os homens não se medem aos palmos*, e eu entendia com isso que êle queria dizer que um hómem nunca deve olhar ao tamanho dos outros e por isso me habituei a não me deixar vencer pelo valor dos adversários em combate, mas o que às vêzes não posso é com o número dêles.

Em A'frica sucedeu isso algumas vêzes.

Mas os dirigentes, quando me mandam para essas cousas, devem saber quantos são os inimigos. Eu só sei defrontar-me com êles e não poupar nada o meu corpo para os levar de vencida; mas é que às vezes *são tantos*... que eu não posso com êles!

Nessas ocasiões, os dirigentes, para se desculparem dos seus êrros, dizem que eu já não sou o mesmo que era dantes!

Pois os estranhos e os pretos da A'frica não dizem isso. Os estranhos então até dizem que eu ainda sou muito bom e que a culpa de eu não poder fazer tôdas as minhas obrigações é dos chefes e dos dirigentes, só!

Deve ser isso e êles então, os dirigentes, sacodem *a água do capote* dizendo que eu é que não presto!

Deem-me êles o que é preciso, ajuntem-nos em número que chegue para combater os adversários, e deem-me bons chefes e verão os dirigentes que eu sei sempre fazer tudo aquilo de que sou capaz e ainda serei por muitos e muitos anos.

O que eu não sei é dirigir. Não me ensinaram essas cousas.

Quando eu andava com a bandeira azul e branca muitas vêzes faltaram-me os bons dirigentes e tambem os bons chefes!

Então era horrivel para mim não ver o bom resultado de todos os meus melhores esforços. A minha vontade era dizer que a culpa era dêles. Mas se eu soubesse dizer as cousas ainda a gente

de Portugal me podia dar razão, mas eu sou um bruto a falar e não sei escrever, nem que o soubesse isso me servia para nada; eu não sei dizer as cousas, *só as sei sentir*.

Outras vêzes nem mesmo sei porque é que as cousas dão mau resultado.

Os meus chefes e os dirigentes é que sabem, mas esses encobrem-se uns aos outros e eu fico sem saber ao certo quem tem a culpa!

Mesmo porque, se eu digo alguma cousa, ou me mandam calar, chamando-me insubordinado, ou então dizem-me que sou uma besta, que não sei o que estou a dizer!

A's vêzes tambem me dizem que estou doido. Isto sucede quando não me podem chamar bêbedo ou estúpido.

Eles lá sabem essas maneiras todas de se defenderem uns aos outros.

Como disse, andei muitos anos a morrer e a combater agarrado á bandeira azul e branca.

Um dia tiraram-me essa, dizendo-me que já não era boa e que a bandeira boa agora era uma que me entregaram e que tinha as côres verde e encarnada com um escudo ao centro e sem a corôa real que a outra tinha.

Não fiz questão, porque o que eu quero é ter sempre uma bandeira, seja ela qual fôr, mas contanto que tenha uma que os meus chefes digam que essa é que é a bôa.

Eles é que sabem isso, porque êles é que as recebem dos dirigentes; eu só as recebo dos meus chefes porque com êsses é que eu entro em combate e não com os dirigentes. Esses, emquanto ando a combater, nem sequer os vejo. Estão longe de mim nessas ocasiões, a tratar de outros serviços e de outras cousas de que eu não percebo nada.

Lá continuei do mesmo modo a ser pelas nossas colónias o que sou e serei sempre. Escusam de ter dúvidas a esse respeito. A questão é os dirigen-

tes e chefes serem bons, porque eu não tenho vergonha nem vaidade em o dizer bem alto, seja deante de quem fôr: eu sou, fui e hei de ser sempre um soldado *bom, leal e intrépido*. Ainda não há meia dúzia de anos que um inglês disse e escreveu isso de mim. Esse inglês era comandante de muitos soldados, mas apesar disso achou que eu era um bom, leal e intrépido soldado. Chamava-se Douglas Haig êsse inglês!

Porque será que os francêses e os inglêses me acham sempre bom e os portuguêses de vêz em quando me chamam decaído e outras cousas ainda mais afrontosas?

Eu, quando os portuguêses me dizem que já não presto, fico tão triste que até me dá vontade de chorar muito.

Quando os estrangeiros dizem que sou bom para entrar em combate e para a guerra, eu fico contente; mas logo a seguir fico muito triste porque me lembro do que os portuguêses dizem de mim ás vêzes. Destas vêzes não me dá vontade de chorar; *é só ficar muito triste!*

Como ía dizendo, a minha bandeira passou a sêr a vermelha e verde.

Um dia começaram a dizer os dirigentes do meu País que era preciso ir com ela à França a combater os alemães junto dos inglêses!

Mas depois apareceram outros dirigentes que começaram a dizer o contrário; que não, que não era preciso lá ir. Que o que era preciso era eu ir até às colonias em maior numero.

Eu não sabia bem o que é que era preciso, se era irmos todos a ambos os logares ou só a um dêles, à Africa, onde tinhamos o que era nosso.

Os meus chefes tambem não se entendiam. O maior número, aquêles mesmo que eu já conhecia por ter andado com êles a combater nas colónias, diziam-me que primeiro era preciso ir às colónias, ajudar aí os inglêses a combater os alemães e que

depois é que seria preciso ver se seria conveniente ir combater os alemães na Europa!

Eu, como sempre, iria onde os chefes me levassem e onde os dirigentes dissessem que era preciso ir.

Houve muita discussão, muitos barulhos entre os civís e alguns dirigentes. Vi alguns chefes meus prenderem outros meus chefes tambem e, no meio dessa confusão toda, um dia chamaram-me aos quarteis, meteram-me debaixo de forma, mandaram-me entrar nuns grandes paquetes e levaram-me para França.

E dêste modo fui parar á Flandres, onde andei uns dois anos.

Levava a bandeira verde e vermelha que era a que os meus chefes me tinham dito que era bôa.

Para mim as bandeiras são tôdas eguaes em combate, tenham as côres que tiverem.

Quem põe essas côres e as tira são os dirigentes. Eu disso não percebo nada. Eles é que sabem.

Como disse lá andei e ao fim de um ano de estarmos a combater com os alemães, um dia entrámos numa grande batalha, maior do que a de Wagram e a que os inglêses e alemães chamaram a batalha de Armentières.

Lá estava a nossa bandeira verde e vermelha ao lado da bandeira dos inglêses.

Fiz o que poude, mas como os que atacavam eram quasi oito contra um fui vencido pelo número; mas como as ordens que tinha eram que defendêsse êsse bocado da França até morrer ou até se me acabarem as munições, fiz o que me mandaram os meus chefes.

O meu saber é só êsse, eu não sei mais nada. Todo o meu saber está no meu *corpo*, a minha *ideia* pouco póde ajudar os chefes. Eles é que teem a *ideia*.

Levámos uma bôa cresta, mas os alemães gastaram a avançar cada quilómetro, uma hora, que

é o que um general dêles que se chama Ludendorff diz que é o avanço vulgar que a infantaria póde fazer nas batalhas ofensivas.

Já se sabe que êsse avanço foi o vulgar, quer dizer, não foi nenhuma coisa por aí além.

Ele até diz num livro que escreveu depois da guerra que não ficou satisfeito com os resultados da batalha dêsse dia.

Ora se êle não ficou lá muito satisfeito é porque doutra vêzes, então contra inglêses e contra francêses, ficou mais satisfeito.

Eu cá, pelo menos, percebo assim.

Mas os dirigentes do meu País começaram logo a dizer que aquilo tinha sido uma vergonha para mim e para Portugal.

Eu tenho lá culpa de que, em logar de lá estarem só uma divisão e um bocado de outra, não estivessem cinco ou seis divisões?

Sempre seriamos 5 ou 6 contra 8, assim fomos 1 contra 8.

Eu queria ver os dirigentes que me mandaram para lá que ordens davam nêsse dia para a gente resistirmos um contra oito.

Emfim não houve coisa que os dirigentes não dissessem de mim e dos meus chefes.

O tal general alemão ainda assim não disse tanto mal da gente; os jornaes da França e da Inglaterra êsses até disseram que a gente fêz tudo o que poude fazer nêsse dia.

Porque seria que os jornaes portuguêses só diziam que aquilo tinha sido um desastre?!

Duma cousa tenho eu a certêza e é de que a culpa de sermos nêsse dia, os portuguêses, um contra oito não era das côres da bandeira.

E quem nos convence disso é o tal Ludendorff quando escreveu que não tinha ficado satisfeito com os resultados da batalha dêsse dia. E' com certêza porque êle contava com mais vantagens e eu, soldado de Portugal, agarrado à bandeira verde

e vermelha a combater, não lh'as deixei conquistar.

Talvêz êle estivesse informado de que os políticos do meu país diziam que os meus chefes não prestavam para nada e que eu era um bruto que não sabia o que ali estava a fazer e então contava enxotar-nos das tócas que defendiamos com tôda a facilidade.

Tudo é possivel, mas eu com isso não tenho nada.

Durante êsses dois anos que estive a combater em França, o meu irmão que foi para a Africa, também a combater contra os alemães — mas êsse estava a defender o que era nosso — levou por lá também várias crestas dos alemães e uma grande cresta que lhe fêz o clima. Parece também que faltava por lá muita cousa.

Em França o primeiro general que louvou por feitos em combate uma unidadade nossa foi um general inglês ! ! !

Só depois disso é que os nossos generaes começaram a dar louvores em combate ás nossas unidades, mas muito a mêdo !

E' esquisito isto, mas os nossos generaes até então só davam louvores às unidades por se apresentarem bem *em revistas !*

Eu tenho o respeito que devo ter pelos meus generaes, que são hómens mais velhos do que eu e de mais saber do que eu, que sou um bruto que para aqui estou, mas esta *ratice* que acabo de contar dá-me a ideia, salvo o devido respeito, de que os nossos generaes são uns grandes *ratões !*

Então foi preciso que o general inglês visse primeiro que nós eramos *todos* bons soldados em combate para só depois os nossos generaes verem tambem a mesma cousa ? !

Naturalmente nessa ocasião resolveram-se a pôr os óculos para verem melhor.

Os dirigentes portuguêses tiveram sempre uma mania que foi não verem bem sem óculos...

Esta mania da *sovinice* dos louvores fez-me em França muito mal, causou-me tristesa profunda e grande mágoa.

Então eu ao lado do camarada inglês fazia o mesmo que êle fazia e eu via o meu camarada inglês ser logo louvado pelos generaes dêle e os meus generaes fartavam-se de pôr e tirar os óculos afim de verem bem o que é que eu tinha feito?

Cada cruz de guerra portuguêsa era assim uma espécie de creança tirada a ferros de dentro dos tinteiros dos meus generaes!

Eles nunca queriam acreditar na minha valentia, na minha dedicação e no meu valor de soldado.

Como lhes diziam que eu estava em França de má vontade, êles lá concluiam que eu não prestava para nada.

Alguns chefes meus, ás vêses, tinham uma espécie de questão com os meus generaes para me tratarem como os generaes franceses e inglêses tratavam a tropa dêles.

Um chefe que tive chamavam-lhe em França doido: êsse então não deixava passar essas cousas em claro.

Ao que parece, os meus generaes lá lhe iam fazendo os louvores que êle quasi exigia á má cára, por vêses, mas umas vêses era ou porque eram amigos do tal chefe de tropas a quem os outros chamavam doido, ou para êle se calar e não dizer cousas descabeladas.

Este chefe que tive em França chamava sempre, alto e bom som e deante de mim, estúpidos aos que lhe chamavam doido.

Emfim quando voltei a Portugal havia um grande barulho entre os portuguêses.

Parece que já não achavam boa a bandeira verde e vermelha, queriam outras côres, mas afinal sempre acabou por ficar a verde e vermelha!

Podem mudar á vontade as côres á bandeira, isso é com os dirigentes. Todas me teem servido

para eu provar o meu valor em combate, que é sempre e foi sempre o que ainda hoje é.

Para eu fazer o que os meus chefes mandam e os dirigentes precisam que eu faça, todas as côres são bôas, todos os distintivos são ótimos.

A êles, aos dirigentes, é que lhes faz diferença as côres na bandeira.

Porque será?!

Eles, os dirigentes, quando chegam a averiguar que as côres das bandeiras não são boas, rasgam-nas, arrastam-nas pelo chão, queimam-nas e fazem-lhes os maiores enxovalhos.

Eu, soldado, quando em combate apanho uma bandeira ao inimigo não faço isso.

Guardo-a como recordação dos meus feitos e da minha vitória.

Os meus inimigos, quando por acaso teem apanhado alguma das minhas bandeiras, fazem-lhe a mesma cousa que eu ás dêles.

Porque será que os dirigentes, quando fazem êsses barulhos para mudarem as côres ás bandeiras, as rasgam uns aos outros?!

A mim parece-me isso uma grande falta de respeito pelo valor moral de todas as bandeiras, que, afinal, embora já não prestem por causa das côres, sempre mereceram todas as provas de respeito por parte das bandeiras das outras nações estrangeiras!

Além disso todas as bandeiras eu defendi com o mesmo ardor e a todas elas eu fiz brilhar egualmente, fossem qual fossem as suas côres.

Emfim, isso é lá com os homens da *ideia*.

Eu estou muito longe da *ideia* para saber as causas dessas maluqueiras, que ás vêzes me parece ser a falta de respeito que cada um tem por si, e quem não tem respeito pelo que é dos outros tambem acaba por não se respeitar a si.

Eu só o que peço é que, embora mudem cem vêzes as côres ás bandeiras que me hãode ser en-

tregues pelos meus chefes, nunca me deem outra bandeira que não seja a bandeira das quinas, que é para eu nunca me esquecer do pendão de Afonso Henriques.

Para mim, êsse pendão é e ha de ser sempre a primeira d'entre todas as bandeiras portuguêsas, porque foi de facto o primeiro estandarte da Independência de Portugal!

O segundo estandarte será aquêle que tinha a cruz encarnada e que tomou conta de todos os mares, o mesmo com que defendi Diu.

No entanto todos os que me garantem a independência de Portugal são os que eu quero junto de mim e nas minhas mãos, nas horas de perigo.

Tambem pedia para que me garantissem os dirigentes que tratam dessas cousas que o meu sangue só corrêsse *até onde fosse preciso*, dentro de terras portuguêsas.

Eu sempre que tenho combatido em terras estranhas, os chefes estrangeiros teem-me apreciado melhor o meu trabalho do que os portuguêses; eu sei isso muito bem, mas eu não queria mais ir combater em terras estranhas a Portugal.

Em terras que pertençam a Portugal o meu sangue valorisa e torna sagrada essa terra. Emquanto que quando êle rega terras estrangeiras, que não são nossas, perde-se sempre e ninguem chega a saber bem o seu valor.

Eu vou onde me mandarem ir para combater, mas quando me *não explicam bem* porque é que eu vou sinto sempre que isso é uma grande injustiça que me fazem os dirigentes.

Então eu não mereço uma explicação clara e em poucas palavras das rasões porque é preciso ir combater fóra das terras que nos pertencem?!

Quando isso sucede eu ando triste e depois por me não verem alegre, como eu costumo ser, dizem que não presto porque ando de má vontade. Quem diz isto costumam ser os portuguêses, porque

os estrangeiros êsses dizem sempre que quando eu tenho bons chefes sou até muito bom!

Tambem pedia para que me não obrigassem a andar aos tiros aos meus irmãos e à gente da minha terra.

Eu não mereço isso.

Talvêz que se os dirigentes se entendessem uns com os outros eu não fosse obrigado a isso.

Eu se soubesse tratava do caso, mas eu sou um ignorante, um inculto, não sei tratar dessas cousas. Eu é só para obedecer e para combater até vencer, até morrer, ou até ser vencido, quando não possa mais.

Dirigentes! Tenham dó do soldado português, se não querem ter alguma consideração por êle!...

Chefes, não me deem ordens que me custam muito a cumprir porque eu nas minhas horas de perigo tenho muita consideração por aquêles que são bons chefes. E' mesmo com êsses que eu conto nessas ocasiões e sei muito bem que tambem é comigo que todos contam nas más horas.

Por Deus, lembrem-se de mim, não joguem comigo como quem joga a malha para deitar o paulito abaixo e com o fito de ganhar o litro de vinho.

Tratem de mim como quem trata da História de Portugal!

Disse.

XI

Monumento aos mortos

Falou o soldado português de todos os bons e maus tempos de Portugal. Compete-me agora falar a mim, soldado da Flandres de 1917. O meu camarada de todos os tempos pediu dois monumentos: o de Afonso Henriques, que foi o primeiro valôr conhecido na história militar do país, e o de Vasco da Gama, que foi o mais alto valor para a história

marítima de Portugal. Muitas mais houve, mas estas são de facto as duas mais fortes colunas do edifício do soldado de Portugal e do marinheiro português!

Disseram-me sempre que não passei de um instrumento passivo dos políticos do meu país, mas isso não tira nem põe para o que eu quero dizer.

De todas as terras de Portugal onde há um regimento ou uma unidade militar partiu gente para na Flandres ir alegar pelo preço do seu sangue o valor histórico, real e efectivo da Raça Portuguêsa. Se diplomatas e políticos não souberam tirar ou antecipadamente sabiam não poder tirar partido dêsse valor, com isso nada tenho.

A minha missão própria cumpri-a.

Emquanto poude, defrontei-me tenazmente com um inimigo não menos tenaz. Um dia houve em que sucumbi ao número.

E' o princípio, é o axioma, é o fundamento de todas as derrotas e de todas as vitórias na guerra.

Há excepções, mas os números e as condições locaes costumam marcar os limites em que as excepções se dão.

No dia 9 de Abril, nos lameiros da Flandres, planície rasa como um taboleiro de damas, não podia ser de outra maneira. Nêsse taboleiro, com oito pedras alemãs contra uma só pedra portuguêsa, o meu jogo estava perdido, em horas apenas, numa batalha defensiva para os Aliados.

E' preciso, pois, que em todas as terras de Portugal que viram partir para a Flandres soldados debaixo de forma e á voz de comando, seja levantado um monumento ao meu valor, que é enorme, quer tivesse lá sido instrumento de políticos, quer tivesse lá ido para bem e benefício do meu país. Agora, que está tudo passado para mim, toda essa discussão, para o meu alto valor, todo êsse palavriado não passou nem passa de uma frioleira pegada, que me é indiferente.

Está morto quem tinha que morrer, ficou aleijado quem tinha que ficar aleijado, cego ou doido; Eu sou aquêle que não morreu, nem ficou aleijado. Não me abriguei mais em combate do que os outros, mas tive uma boa estrêla a poupar-me a carne e os ossos tambem!

Portanto eu, que sou um dos documentos forte, vivo e intacto da hecatombe do «front» ocidental, vou exigir por minha vêz a documentação consagrada, pública e perdurável do meu Atlo Valor de Soldado e de Português!

Câmaras Municipaes! Gente letrada e culta dessas terras! Gente que possa e queira perceber o que eu quero!

Eu não me satisfaço com um monumento aos mortos, que vão levantar no Jardim das Albertas, dominando o logar onde embarquei para a Flandres. Esse monumento é apenas a consagração dos que partiram para o sacrifício e não voltaram.

Tambem não me dou por satisfeito com várias lápides, escudos e dizeres gravados que estão nas paredes de alguns quarteis e esquinas de largos e de ruas.

Isso é para quem sabe ler e eu quero qualquer cousa que os proprios cegos possam saber o que é, apalpando.

Eu quero o *Meu Monumento!*

Quero o monumento regional ao Valor da Minha Raça.

Não quero simples manifestações de etiquêta convencional.

Para mim, que não sei ler nem escrever, uma lápide ou um escudo com letras não passa de uma chapa de pedra, de ferro, ou de bronze!

Para o meu Pae, para a minha Mãe, e para a minha família toda, essas cousas não são monumentos, são *memórias* para os que sabem ler.

Os meus irmãos, que são ainda crianças, e os meus filhos, que são muito pequenos ainda, êsses

então não olham, sequer, para essas chapas das parêdes, e se olham dizem que são chapas para lembrar os defuntos da guerra.

Eu quero a história viva, patente e forte do Meu Valor!

Quero, como disse, que em cada região de Portugal haja a minha «vera efígie», aquela que levanta o moral de uma raça e lhe lembra desde creança que *assim é que é!*

A saudade e as homenagens aos mortos entristecem e atemorisam um pouco as raças impressionáveis e meridionaes como a nossa.

Basta de chorar lágrimas de saudade!

O que é preciso agora é preparar gente para vencer um dia, se fôr necessário.

Cultivar a intrepidêz, o valor altivo.

E' preciso levantar por todo o país o melhor que êle tem, que é o Valor da Raça!

Acabe-se, pois, com os crépes, apaguem-se as últimas nódoas de sangue perdido, sequem-se as últimas lágrimas e faça-se um apelo nobre á fibra mais forte da Gente Portuguêsa, que é o seu valor em combate, seja onde fôr!

Que no maior largo, jardim ou praça pública de cada terra de Portugal, donde partiu qualquer unidade para combater durante a Grande Guerra na França ou em A'frica, se faça um *Monumento ao Soldado* e em que eu, soldado, esteja figurado em pedra, bronze ou ferro, mas *tal e qual eu sou.*

Isto é, forte, dedicado, simples e sofredor!

Não quero *bonecos* em sentido, não quero soldados em atitude de quem espera uma revista que lhe vae ser passada pelo general ou pelo oficial de inspeção.

Não quero que me façam elegante como um «dandy» ou janota como um peralta.

Só exijo dos escultores portuguêses o mais meticuloso desenho do meu uniforme na Flandres e, como disse, o *meu semblante exacto.*

Não copiem caras francêsas ou inglêsas.

Não me ponham bigodes façanhudos, barbas de calabres, nem outras fantasias de pintores baratos.

Vão aos quarteis ver os macetões fortes, espadaúdos e duros de musculatura, perna grossa, pescoço curto, mãos nodosas e pés pouco proprios para pizar encerados.

Não façam soldados de infantaria avantajados, nem artilheiros com caras de bombistas.

Estudem bem como eu sou ao sentar praça.

Os escultores francêses sabem firmar bem no barro do seus «ateliers» as linhas caracteristicas do bravo soldado francês de todas as épocas.

Quero estar nêsses logares de honra e de *exemplo patente*, lançando uma granada, agarrado a uma peça, vibrando uma baionetada, atirando um golpe de lança, a cavalo; de joelhos, descarregando tranquilamente a minha espingarda contra o inimigo; de joelhos tambêm, mas escutando um telefone e abrigado apenas por um muro derruido e esburacado, com o meu braçal de maqueiro e no meio de destroços, como quem espera a ocasião de prestar um serviço ao primeiro ferido que apareça; emfim, quero que seja tudo o que eu costumo fazer, emquanto não me matam nem me ferem.

Não façam escultura triste. Não lembrem a morte. Disso já há muito. O que é preciso é tratar dos vivos.

Eu sei, por o ter ouvido dizer em França, que é mais facil pintar e fazer escultura de soldados a morrer ou já mortos do que vivos e em atitude de combater.

Mas, se realmente isso é mais difícil, tanto melhor para o bom nome e glória artística dos escultores portuguêses.

Lembro aos escultores nacionaes que o Soldado Português ainda não terminou a sua missão e que a Nossa Raça quer viver, não quer morrer.

Se é de grande preço a arquitetura dêsses monu-

mentos, desde as suas fundações até ao pedestal onde serei colocado, escolham os jardins e deixem-me ficar em pedra rasa, no meio da relva de um talhão ou canteiro.

Não importa que as creanças, sobretudo, se aproximem de mim e passem as mãositas pelo relevo da minha Cruz de Guerra, que quero ter ao peito!

Figurem-me algo esfarrapado pelo arame farpado que esteja concertando, com o equipamento ao lado, e de casaco desapertado nos seus primeiros dois ou três botões, a carregar um morteiro ligeiro, sem o capacete, com os cabelos atirados para a cara pelo vento, isso pouco importa. Com capote, sem êle, tudo me serve. Com o capacete da Flandres ou com o chapeu colonial português, tambêm não importa. O que é necessário é a *fidelidade* no uniforme português da Flandres ou das Colónias Portuguêsas.

O que quizerem, comtanto que me não ponham de sentinela aos transeuntes, morto, ferido, ou a morrer.

Para a nossa gente isso deixa sempre má impressão.

Ela não se importa, nas ocasiões solenes, com a morte, para nada; mas não gosta que lhe falem em morrer.

E' impressionável e, assim, um tanto supersticiosa.

Que a gente culta do meu País nunca se esqueça disso, para saber como se lida com portuguêses.

E' preciso fazer várias *revoluções* em Portugal e uma delas é esta que eu, soldado da Flandres, acabo de propôr.

E' uma revolução para *viver* e não para *matar* nem para *morrer*.

Disse.

XII

O soldado colonial

Sou o último a falar!

E' sempre assim, de há muito!

E no entanto eu comecei em Ceuta em Agosto de 1415 e o meu ultimo serviço acabou em 11 de novembro de 1918!

Mas eu sou sempre o último!

Não invejo ninguem, porque eu é que sou, depois que tomei Ceuta, o Maior Soldado de Portugal, porque fui no seculo XVI o mais forte soldado de todo o mundo!

Essa minha *força* durou mais anos do que durou a força espectaculosa, mas passageira, dos soldados de Napoleão.

Como eu, nenhum soldado.

Depois de mim, só o soldado hespanhol da mesma época!

E há uns 25 a 30 anos a esta parte, para não falar no que está para trás e que já esqueceu?!

Pois eu vou lembral-o nos mais duros termos que possa encontrar.

Mas, para quê?!

Para se rirem de mim em Portugal?!

Eu nunca fiz revoluções em Portugal!

Eu nunca fui á França!. .

. . . . . .

E no entanto sem o meu esforço dêstes últimos anos Portugal não passaria hoje de um triste e aprasível canteiro á beira do Oceano plantado!

Seria, (pobres e injustos loucos), uma espécie de jardim publico, para se receberem esmolas e rapar um pouco as algibeiras dos transeuntes, dos «touristes!»

Uma espécie de hotel de 2.ª ordem para veranear, bocejar e passear!

Portugal só, não tem para comer.

Sem as colónias, que eu sempre guardei contra negros atrevidos e malaios rancorosos, nêstes ultimos 25 a 30 anos, seria hoje uma espécie de fidalgo decaído, sem nome sequer, nem aceitação provável no convívio da Europa. Uma espécie de fidalgo *tolerado e arruinado!*

Dizem-me que ninguem faz caso dêle lá nos meios diplomaticos onde as nações fortes e fracas, grandes e pequenas, se juntam para conversarem nos seus negócios.

Eu com isso não tenho nada. Não estive na Flandres, não sei, portanto, o que lá se passou nem o que lá se fez.

Estou como os meus camaradas da Flandres estão a meu respeito. Não sabem nem querem saber do que eu por cá tenho feito e do que por cá se passou durante a Grande Guerra.

A culpa não é dêles e tambem não é minha.

A êles disseram-lhes que iam pelas orelhas e a mim *fizeram-me o favor* de me mandarem para a África!

Parece que êle é que foi o tolo e que eu é que fui mais esperto do que êle em aceitar *esse grande favor!*

Eles, os da Flandres, andaram por lá com alguns dos meus melhores oficiais, êsses que eu conheço e que me conhecem muito bem de outras vêzes que por cá tenho andado. Não ganharam nada com isso, os da Flandres, porque aquela guerra era assim uma espécie de *latim* para os meus melhores oficiaes.

Por cá sabiam-se êles já mexer e guiavam os novos que vieram aqui estrear-se.

Má estreia, por signal.

Muita fome! Muita sêde! Muita febre! E muita asneira, tambem!

O costume, mais as asneiras!

Em resumo:

Nem lá! Nem cá!

E' o que se chama *dar em cheio* na asneira!

Mas eu com isso não tenho nada.

E' lá com êsses que dirigiram esta *traquitana!*

Eu não os percebi e êles tambem não me perceberam.

O que vale é que, ainda hoje, nem êles nem ninguem em Portugal percebe como foi tudo isto arranjado e encaminhado!

Eu... não quero nada de Portugal!

Sou apenas um *reles* soldado d'África, com *s* pequeno, para *não ofender as susceptibilidades* do meu camarada da Flandres, porque êsse é Soldado, com *S* grande!

Mas que *fita!*

E' verdade que meteram na Batalha os ossos do meu camarada desconhecido, ao lado dos do meu camarada, Desconhecido tambem, mas da França.

Não sei se reparam que o desconhecido d'África vae com *d* pequeno. E' para não *ofender as susceptibilidades!*

Eles julgam que eu *enguli* aquilo tudo!

Mas que *grande fita!*

Até parece uma fita americana, uma fita policial em 8 partes e 48 episódios!

Hum!... Eu em Portugal não quero nada!

Ando muito *escaldado,* desde o tempo da propaganda para implantar o regímen républicano, quando os adversários do regímen monárquico me chamavam — iróz d'Africa — por eu não querer entrar em pronunciamentos ou revoluções.

Pois se a minha ideia eram as colónias, como é que eu podia estar a pensar em politica!

Os monárquicos agora tambem contavam com muitos da Flandres para proclamarem a monarquia, mas afinal parece que os que de lá voltaram vieram mas foi fartos daquilo!

Quer dizer, para todos os politicos, isto *da tropa é roupa de francêses!...*

Pois quanto mais contarem com ela para o seu jogo, uns e outros, menos podem contar com ela para a guerra com os negros, com os estrangeiros e tambem para as *guerras entre êles*.

Em Portugal, nunca ninguem sabe de que lado *sopra o vento*, mesmo entre os républicanos...

A mim parece-me que, afinal, guardado está o bocado... para quem o há de comer.

Mas isso é lá com êles, os que sabem lêr, escrever, contar, fazer contas difíceis e falar em inglês e francês com os estrangeiros.

Eu de Portugal não preciso de nada, a não ser de algumas pedras!

O que eu quero é que em cada logar da África, da A'sia e da Oceania em que eu nêstes últimos anos combati (*olha que é em cada logar*) seja posta uma coluna de pedra vinda de Portugal em que se diga simplesmente o dia em que eu aí combati e o nome da campanha a que pertence êsse combate!

E' facil saber-se o logar certo onde eu combati em cada campanha colonial, porque está lá em cada um dêsses logares uma mancha do meu sangue e o tempo nunca apaga essas nodoas, que são muito difíceis de lavar com água depois de sêcas. Ainda que a água seja de muitos anos de chuvas! De resto, há ainda por lá muita gente que conhece, e bem, êsses logares.

Eu sei que há alguns logares dêsses para onde é dificil e trabalhoso levar uns bocados de pedra, que é tudo quanto eu peço às minhas boas terras de Portugal.

E' preciso, em certos logares que eu escalei a arder em febre, levar essas chancelas do meu esforço e do meu valôr até acima, até ao cocuruto de montões de pedregulhos enormes, que formam cavernas, hoje abandonadas pelos habitantes selvagens, mas onde talvêz se abriguem féras amamentando as respectivas ninhadas!

Estarão por lá leões ou leopardos, mas tambem lá devem estar alguns ossos meus!

Será, pois, dificil, mas a mim foi-me fácil ali chegar, porque ao galgar êsses pedregulhos cheguei ao alto dêsses *castelos*, tão fortes e tão defendidos, como aquêles que o meu antepassado galgou sem trepidar!

Ao alcançar o pedregulho mais alto dêsse reduto de um oceano de selvagens, cai muitas vêzes exausto!

Umas vêzes da febre que me roía as entranhas... outras vêzes esvaindo-me em sangue, (o pouco de que eu dispunha) porque a travessia era feita a descoberto sob intenso chuveiro desordenado de balas, e através de uma nuvem de frechas e zagaias envenenadas, que o feroz gentio atirava ás centenas, e eu.. nunca perguntei a ninguem se seria dificil lá chegar!...

Portanto hoje, que ninguem defende a tiro e á zagaia êsses montões de calhaus disformes, deve ser um pouco mais fácil levar para lá essas balisas sagradas do meu esforço que foi de pouca valia, *bem o sei*,... mas sempre foi qualquer cousa...

A Gente Portuguêsa das Colónias, aquela *que me conhece bem*, não terá a menor dúvida em, quer por si, quer pelas agremiações que por lá há, não terá dúvida, repito, em dar algum dinheiro que para isso seja preciso.

Eu conheço-os bem e êles tambem sabem que eu por bem escassas compensações materiais deixei lá ficar *tudo* o que me pertencia que era... a saúde... e tambem... a vida, por vêzes...

Sem saúde... sou um vivo a apôdrecer.. peor do que se morresse...

Lá só há... o mosquito... o pântano... e a sêde desmoralisadora... não ha gazes tóxicos... portanto.. o que eu peço.. deve bastar... para marcar o que valho...

E de resto... isso.. para mim... *chega!*

O Kaiser deposto da Alemanha Imperial um dia lembrou-se dos meus antepassados!

Quero referir-me á história breve de um padrão colocado por Diogo Cão no extremo da Serra Parda, ao Sul do cabo Negro.

O tempo, alguma faisca dos vulgares temporaes dessas paragens ou .. a maldade humana, derribaram, sem respeito algum pelas obras dos hómens, êsse padrão, de que apenas recolheu os destroços um alemão que por lá passou em nossos dias.

Esse alemão levou para a sua terra os destroços piedosamente recolhidos.

Outro alemão, ao verificar êsses destroços, mandou que se fizesse uma cópia autêntica e que no mesmo logar fosse colocada essa reprodução exacta da nossa gloriosa história marítima.

Assim se fez em janeiro de 1894 e com essa grande lição de culto pela tradição lá está hoje, a representar o padrão que Diogo Cão colocou aí em 1485, um que foi feito com pedra da Alemanha!

O outro era feito de pedra de Portugal, mas com êsse nunca os portuguêses se importaram!

Esse logar, denominado antigamente Cabo da Cruz, está hoje nas cartas denominado *Cape Cross!*

O alemão que recolheu os restos dessa balisa do valor da raça portuguêsa era um capitão-tenente da armada germânica e chamava-se Bedep.

O outro alemão que ordenou que se perpetuasse a data, o logar e o nome português, foi Guilherme II, Imperador da Alemanha!

Na foz do Zaire e na India foram recolhidas por oficiaes da Armada Portuguêsa outras balisas eguaes, cujos restos tinham sido espalhados pelo chão e espatifados a tiro de canhão por individuos que serviam aquelas bandeiras ao lado das quaes se bateram na Flandres, *por favor* e por muito *pedirem*, os descendentes dos que tinham colocado na África e na India as balisas legítimas, firmes e gloriosas, dos seus nomes de bravos e intrépidos portugueses!

Como há de ser então?!

Quaes são os nossos melhores aliados, com quem havemos de acamaradar para prestarmos e recebermos mútuo auxilio?!

Não sei. Eu sou apenas um soldado, não sou dirigente.

O que sei é que em vários e muitos pontos do nosso domínio ultramarino deixei ficar assinalados o meu esforço, o meu sangue e a minha existência e lá... nêsses logares não há nada a marcar o que eu fiz e o que eu sou!

Anda muita cousa escrita em papeis, mas êsses leva-os o vento.

E' preciso que isso fique escrito em pedra, que só o tempo, o raio das trovoadas ou o canhão estúpido das nações civilisadas da última guerra podem destruir.

Quando isso se der só há um argumento, que é o que o adoptou em 1894 o Kaiser, a quem alguns portuguêses, em 14 de maio de 1915, atribuiram o papel de inimigo feroz dos portuguêses; o argumento é pôr lá outros padrões eguaes.

. . . . . .

O Kaiser queria as nossas colónias, mas Lord Eduardo Grey já tinha dividido, nas vésperas da guerra, os nossos domínios de Angola e Moçambique com o referido Kaiser!

Um foi nosso *aliado* na ultima guerra, outro foi nosso inimigo forçado, mais pelos hómens *dos vivas á guerra na Flandres*, do que pelos inglêses, que a todo o momento indicavam o perigo na África!

E eu, soldado colonial, vou sendo afinal a lama constante em que chafurdam aquêles que o extranho classifica a toda a hora de incompetentes e de caídos.

Refiro-me aos dirigentes.

Eu salvo-me sempre de tudo o que acabrunha o meu país, porque sou apenas um soldado raso!

DO MESMO AUTOR

Pronto a entrar no prelo

De Tomar à Flandres

Narrativa detalhada dos mais pequenos incidentes que o autor presenciou e acompanhou, desde a sua apresentação na cidade de Tomar, em janeiro de 1917, até á sua chegada á aldeia francêsa de Blessy, onde lhe foi entregue o batalhão de infantaria 15, para comandar.

Descrição detalhada e de interesse da viagem de Lisboa a Brest, em um transporte inglês, de tropas portuguêsas.

Referências curiosas e inéditas de um pânico havido durante o referido trajecto e causado pelo abalroamento, por alta noite, do referido transporte com o «destroyer» britânico que o escoltava.

Referências a incidentes de trincheiras. *Escrito nas linhas.*

Em preparação

O esforço de um batalhão!

Toda e detalhada história do batalhão de infantaria 15, em França, desde a sua reorganização nas aldeias francêsas de Blessy e Ring, até á sua acção brilhante na Batalha do Lys.

O tenente-coronel Raul de Andrade Peres.

O seu papel de comandante de infantaria 15 durante a batalha.

Richebourg de S. Vaast!
Lacouture!
Canal de La-Bassée!
Nove, dez e onze de Abril!
Um relatório interessante da acção do 15 durante os dias 9 e 10 de Abril!
Toda a vida no «front» do 15, desde Blessy, em fins de março de 1917, até 4 de novembro do mesmo ano.

APÊNDICE

As baterias de morteiros da 1.ª Divisão

Descrição detalhada e ao alcance dos *profanos* do emprego dessa arma de guerra, a mais antipática, segundo o modo de ver do autor.
A antipatia sistemática da infantaria das linhas pelos *morteiros amigos*.
Aversão justificada da gente das linhas pelos *morteiros inimigos*.
Crítica pormenorisada do mau aproveitamento dos morteiros no sector português.
Lutas curiosas entre uma bateria de morteiros médios da 1.ª Divisão e a artilharia alemã.
Os morteiros portuguêses da 1.ª Divisão desde novembro de 1917 até ao dia 4 de abril de 1918

Em preparação adeantada

Os desterrados da Flandres

O IX batalhão

Descrição *detalhada* do período que decorreu no C. E. P. desde 9 de abril ao armistício.
Transformação dos restos de infantaria 15 da Batalha do Lys no IX° batalhão.

Seu emprego durante as grandes ofensivas da primavera.

Sua acção moral na reocupação da frente de combate por infantaria 23 e várias outras frações de unidades de infantaria.

Gravissimas insubordinações em várias unidades de infantaria por falta de rendição, por causa do «roulement» dos oficiais, pela acção da política dezembrista em Portugal e tambem por incitamentos e sugestões ardilosas feitas aos soldados, por alguns chefes de tropas!

Embarque do IX° batalhão em Cherbourgo e seu desembarque no Caes de Santos, em 19 de fevereiro de 1919.

Apêndice

Uma comissão de revisão de recompensas do C. E. P.

Documentos e argumentos justificativos do valor da raça portuguêsa, quando dirigentes e chefes teem valor real e... *querem*.

Nota do autor. — A edição das referidas obras não obdecerá a possibilidades de ordem material para a sua apresentação ao publico, mas antes será regulada pelas oportunidades de que o autor entender dever usar.

O Autor.

INDICE

DEDICATÓRIA VII

I

A LOUCURA

I Os têsos em Portugal 1
II Megalomanias ridículas — Megalomanias inofensivas — Megalomanias perigosas 7
IV Militares e Estadistas 10
V Gente insensata 13
VI O ódio sem lógica e o pavor dos irreflectidos 17
VII ? 20
VIII A agressão às classes da burguezia 29
IX O soldado no exército português 34
X Religião, crenças e convicções 37
XI Uma Ave Maria *(Humbe, 26 de setembro de 1904)* 41
XII Uma cruz na campa dum... católico *(Campanha do Cuanhama, 1915)* 53
XIII Conclusões 57

II

A BRAVURA!

I «O nosso capitão é valente! Mas o nosso tenente... êsse é só *têso* 59
II Bravura colectiva *(Uma carga de cavalaria no Sul de Angola)* 62
III As justas proporções 71
IV Durêza da fibra lusitâna *(Campanha de Moçambique, 1917-18)* 74

V	«Cospe fóra, ó camarada!» *(Campanha d'Além-Cunene, 1904)*	79
VI	Sensibilidade moral	84
VII	Campanha d'Além-Cunene, 1904 — *Um estoico*	92
VIII	Na política	96
IX	Loyd Georg, Clemenceau, Venisellos e Wilson	100
X	A nossa Escola Militar	108
XI	Serenidade — Energia — Friêza — Decisão	113
XII	Incompetência para dirigir no exército e na política	115
XIII	Diplomacia, Política e Exército	117
XIV	Duas perguntas, apenas	123
XV	Tradicional valor em combate da Gente Portuguêsa (*Mongua, 20 de agosto de 1915*)	131
XVI	A nossa história repete-se sempre (*Campanha do Cuamato, 1906*)	161

III

FANTASMAS

I	Os mortos	181
II	Do patíbulo á... tradição	183
III	Os vivos	185
IV	Para os que mandam	188
V	A opinião pública	192
VI	Os que sofrem	195
VII	No patíbulo!	201
VIII	A fôrça da Verdade	205

IV

NO PATÍBULO

I	D. Carlos I	229
II	João Franco	231
III	Cae a Monarquia	234
IV	Proclama-se a República	241
V	Doutor Afonso Costa	247
VI	A entrada de Portugal na guerra	256
VII	A Grande Mentira	259
VIII	Dois.. bons velhos!	264
IX	Naulila!	271
X	General Pereira d'Eça	274
XI	A mentira da Flandres	277
XII	Desafronta!	280

XIII Norton de Matos 283
XIV O 14 de Maio 296
XV Armistício com a Alemanha 301
XVI Maior cooperação militar 313
XVII O Tigre... sem garras! 316
XVIII Mobilisação! 318
XIX Ópera-bufa! 322
XX Horas amargas 326
XXI O embarque do gado 328
XXII O 5 de dezembro 336
XXIII No elevador! 340
XXIV Epílogo 350

IV

O MÊDO

I A glória ou a derrota! 353
II Sidónio Paes 356
III O mêdo 362
IV O ponto luminoso na Flandres 366
V E' fartar... vilanagem! 374
VI O culto religioso, pelo soldado 377
VII Cobardia e vingança! 385
VIII O silêncio do Dezembrismo 393
IX A cobardia só! 402
X Três algozes ou três vitimas? 409
XI General Garcia Rosado 416
XII Ressurreição 420

V

EPÍLOGO

I Paiva Couceiro 429
II O tenente Paiva Couceiro (*Bié 1890*) 438
III Revolução monárquica de 1919 444
IV Entre oficiaes do batalhão 446
V Mais uma vêz . ainda! 449
VI Indiferença patente e absoluta! 455
VII A bomba! 456
VIII A tempestade! 459
IX Em nome dos soldados de Portugal 461
X Saibam quantos 465
XI Monumento aos mortos 484
XII O soldado colonial 490

1416547
A MENTIRA DA FLANDRES E ... O MEDO!